DICCIONARIO

BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ

ESTUDOS

DE

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA

APPLICAVEIS

A PORTUGAL E AO BRAZIL

CONTINUADOS E AMPLIADOS

POR

BRITO ARANHA

EM VIRTUDE DE CONTRATO CELEBRADO COM O GOVERNO PORTUGUEZ

TOMO XIV
(7.º do supplemento)

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
M DCCC LXXX VII

DICCIONARIO

BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ

DICCIONARIO

BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ

ESTUDOS

DE

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA

APPLICAVEIS

A PORTUGAL E AO BRAZIL

CONTINUADOS E AMPLIADOS

POR

BRITO ARANHA

EM VIRTUDE DO CONTRATO CELEBRADO COM O GOVERNO PORTUGUEZ

TOMO DECIMO QUARTO

(Setimo do supplemento)

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL

M DCCC LXXX VI

Á ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

AO INSTITUTO HISTORICO, GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRAZIL

Em testemunho da mais elevada consideração por seus serviços ás sciencias e ás letras

O. D. C.

BRITO ARANHA.

Junho, 1886.

SUPPLEMENTO

AO

DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO PORTUGUEZ

L

LUIZ DE CAMÕES (v. *Dicc.*, tomo v, de pag. 239 a 277).

É necessario modificar este artigo e deixar aqui os esclarecimentos, que tenho colligido durante alguns annos, e que foram successivamente ampliados, não só antes das grandes festas commemorativas do tri-centenario do nosso epico immortal, mas durante essa notavel e brilhantissima commemoração, e depois até o presente, periodos em que, com effeito, appareceram maior numero de colleccionadores e foram dados ao grande poeta as mais levantadas homenagens.

Alem d'isso, desejo registar documentos e factos, que se ligam á biographia do poeta, que tem sido e continuará a ser, ao que me parece, assumpto para commentarios diversissimos, para hypotheses mais ou menos dignas de apreço, e para analyses, nem sempre guiadas por luz serena e clara.

A vida de Luiz de Camões tem muitos passos escuros. O primeiro, que se nos offerece, é o da sua naturalidade. Nasceu em Alemquer, como alguns pretendiam pela analyse de um soneto? Em Santarem, porque julgam d'ahi oriunda sua mãe? Em Coimbra, onde viviam seu pae e parentes d'elle? Ou em Lisboa, onde o poeta permaneceu longos annos e aqui veiu a finar-se?

Não é facil, apesar dos modernos estudos e investigações, encontrar a solução d'este ponto. Com relação á primeira hypothese, bom é destruir, pela base, toda a argumentação que tem apparecido; e para esse fim basta-me colligir a controversia mui sensata que se deu por occasião da inauguração do monumento a Camões, em Lisboa, entre o esclarecido poeta sr. Eduardo Augusto Vidal e o sr. D. Miguel de Sotto Maior; e cinco annos depois, entre o benemerito auctor d'este *Dicc.*, e o reverendo padre Moura, de Setubal.

O sr. E. A. Vidal fôra, para a mencionada solemnidade, encarregado pela direcção do *Archivo pittoresco* de escrever uma *Vida de Camões*, e n'este semanario saiu com effeito inserto de sua penna uma serie de artigos, ácerca do assumpto determinado, no volume x, de pag. 220 a 223, 239 e 240, 251 e 252, 269

e 270, 306 a 308 e 324 a 326. Tratando da naturalidade de Luiz de Camões o sr. Vidal escreveu:

« Sem remontarmos ao tronco genealogico do nosso poeta, basta sabermos ter sido elle filho de Simão Vaz de Camões e de D. Anna de Sá Macedo, pessoa muito illustre da villa de Santarem. O anno de seu nascimento andou por largo tempo envolvido em duvidas, até que a final parece terem-se ellas removido com o assentamento que Manuel de Faria e Sousa descobriu no registo da casa da India de Lisboa. Ahi se diz que, em 1550, Luiz de Camões, escudeiro de vinte e cinco annos, se alistára para ir na nau de *S. Pedro dos Burgalezes*. O anno de 1525 é, portanto, o que fóra de duvida se deve marcar como sendo o do nascimento do poeta. Quanto á terra da sua naturalidade, ainda ao presente continuam as incertezas, eu, porém, com os editores da *Bibliotheca portugueza*, estou que o mais claro e irrefragavel documento sobre qual a terra que lhe deu o berço, e o que elle proprio nos deixou no soneto C:

Creou-me Portugal na verde e chara
Patria minha Alemquer...

« A declaração não soffre duvida. Creio que o poeta, embora na sua vida não tirasse nunca certidão de baptismo, havia de saber de sciencia certa a terra em que fôra nascido. N'isto fico mais por elle do que pelo biographo.»

No mesmo volume, pag. 341 e 342, o sr. D. Miguel de Sotto Maior, refutando a opinião do sr. E. A. Vidal, expressa-se d'este modo:

« A declaração, com effeito, não soffreria a minima duvida, se n'este soneto C o poeta fallasse da sua propria pessoa.

« É exactamente, porém, isto o que não acontece. O soneto em questão não é mais do que uma especie de prosopopéa, em que Camões apresentou o *soldado de Alemquer* (provavelmente algum seu amigo e companheiro de armas), narrando a sua curta e desditosa vida.

« O soneto, na sua integra, claramente mostra que n'elle o poeta não fallava de si mesmo.»

Mais adiante escreve:

« Se querem pedir ao poeta que lhes diga o logar do seu nascimento, elle lhes responderá na elegia I, em que se compara ao

Sulmonense Ovidio desterrado,
Da sua patria os olhos apartando.

« Os biographos de Camões são concordes em que esta elegia foi composta andando o poeta desterrado de Lisboa...

« Se portanto o poeta, que, como Ovidio, se vê *dos seus penates apartado*, é para Lisboa que dirige todos os seus anceios, porque nos não será licito inferir d'ahi o ser Lisboa a sua terra natal?...

« Acresce mais que nenhuma das outras terras que disputam a Lisboa esta gloria tem a seu favor tão bons fundamentos. O sabio bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, na sua bem trabalhada *Memoria historica e critica ácerca de Luiz de Camões*, depois de expender os motivos em que se funda para suppor o poeta filho de Lisboa, acrescenta: « Nem sei na verdade que haja melhor fundamento para dizer que Camões era natural de Santarem ou de Coimbra, do que uma conjectura assentada na noticia d'elle residir algum tempo em Coimbra, e ser ali morador e sepultado seu bisavô: e de ser Anna de Sá e Macedo (sua mãe) de hon-

radas familias de Santarem: fundamento evidentemente tão fragil, que só poderá receber alguma consistencia da grande escuridade da historia do poeta.

« Eis o que nos occorre dizer sobre o assumpto do presente artigo. Que as tres rivaes — Lisboa, Coimbra e Santarem — continuam embora a disputar entre si o berço do grande poeta; a quarta — Alemquer —, não tem de certo direito nem fundamento algum para entrar na liça.»

Replicando ao sr. Sotto Maior (pag. 374 e 375), o sr. Vidal insistiu na sua anterior apreciação por se lhe ter afigurado não fóra de proposito; mas declarando que «estava prompto a rejeitar como falsas as suas probabilidades», porque o que lhe importava era que o poeta fosse portuguez.

O sr. D. Miguel de Sotto Maior (a pag. 400) agradeceu as explicações, affirmando, sem offensa do seu esclarecido contendor, o que desejava averiguar e lhe parecêra acertado, «para que alguem não inferisse que o satisfizera a interpretação dada pelo sr. Vidal ao soneto C de Camões». E acrescenta:

«Declarâmos ingenuamente, que essa interpretação nos parece demasiadamente arbitraria para que hajâmos de conformar-nos com ella. Continuâmos, portanto, a ver n'aquelle soneto o epitaphio dorido e triste (como devia ser) escripto pela mão de uma amisade sincera sobre a campa immensa do amigo infeliz... »

Em 1872 surgiu novamente á téla da discussão este assumpto. O reverendo padre Caetano de Moura Palha Salgado perguntou á redacção da *Gazeta setubalense*, se, fundado no soneto C, podia considerar-se Alemquer a patria de Camões.

Respondeu a redacção (representava-a então na parte historica e litteraria o sr. Manuel Maria Portella) d'este modo em o n.º 162 de 30 de junho:

«O soneto, a que allude o sr. padre Moura, parece em verdade dar motivo á supposição referida, e tem sido assás commentado no sentido em que s. s.ª o tomou, e ainda o tem sido tambem a estancia LXI do canto III dos *Lusiadas*, em que o famoso epico falla com notavel distincção da villa de Alemquer; mas Faria e Sousa, Domingos Fernandes, Manuel Correia e outros biographos de Camões asseveram que este nasceu em Lisboa, e da mesma opinião partilha o sr. visconde de Juromenha, se bem que tal opinião nos não pareça de todo irrefutavel, pelos fundamentos em que assenta.»

Em o n.º 167 da mencionada *Gazeta* (de 4 de agosto) o reverendo padre Moura affirma e amplia a sua opinião, e escreve que, «no tocante a materias, que admittem livre discussão, jamais adoptaria o *magister dixit;*» e em defensa da sua critica acrescenta:

« A base do meu argumento é o soneto centesimo (da edição de 1772, offerecida ao ex.mo marquez de Pombal), em que o poeta falla de si; se fallasse de outrem, de certo o manuscripto d'onde elle passou para a imprensa, havia de ter forçosamente alguma nota, o contrario não é verosimil. Como póde admittir-se que um poeta que faz um soneto, em que seguindo, como era tanto do seu costume, o sentido figurado, e ás vezes n'um estylo bastante escuro, quer dizer que pouco antes de fazer vinte e cinco annos deixou as consolações do lar, da patria, e seus amores, e principiaram os seus trabalhos e desgraças, soffrendo um grande contratempo nos mares da Abassia, onde esteve a ponto de servir de pasto aos peixes; e os cinco lustros que elle não viu acabados estão em harmonia com o que se diz no documento, por Faria e Sousa, que é a lista dos individuos, que em 1550 iam embarcar para a India, em que se lê o seguinte: *Luiz de Camões, filho*

de Simão Vaz, e Anna de Sá, moradores, em Lisboa, á Mouraria, escudeiro de vinte e cinco annos, de barba ruiva: trouxe por fiador a seu pae; vae na nau de S. Pedro dos Burgalezes; e note-se bem que não se diz ahi que era filho de Lisboa. As saudades que pelo seu puro, suave e rico Tejo, elle deixa transpirar, em todas as suas obras, formam um argumento muito fraco, a que se acolhem os patrocinadores da opinião contraria; preferia, sem duvida, Lisboa a Alemquer, já pelas bellezas do local, já pelo tão natural sentimento da educação; assim como eu prefiro Setubal, para onde vim da idade de cinco annos, á minha terra natal, e tanto isto é verdade, que posso affirmar que em qualquer parte do orbe que eu estivesse, sempre havia de ter mais saudosa recordação da linda terra de Bocage, que da encumeada Palmella; e alem das saudades do seu Tejo, saudades que o poeta desafoga com tanto sentimentalismo, que mais poderão os adversarios allegar a favor da naturalidade de Lisboa? Julgo que não serão capazes de me citar expressões do poeta pelas quaes elle dê a entender ter nascido na capital; ao menos, ainda não encontrei nas suas obras, que tenho folheado; se m'as mostrarem, dar-me-hei logo por convencido.

«Na canção IX (*da edição já referida*), tornando a fallar do mar de Abassia, parece referir-se ao mesmo contratempo, de que fez menção no soneto alludido; e o que tambem é fóra de duvida é que elle falla de si proprio, não se podendo attribuir a dita canção a outro sujeito, pela circumstancia de se fazer n'ella menção do Monte Feliz na Arabia, para onde elle tinha sido desterrado em 1556, e n'esta canção, queixando-se dos grandes trabalhos com que o perseguia a sua estrella adversa, apresenta-se outra vez a fallar de si como já morto...»

O sr. padre Moura transcreve parte da canção citada, e termina:

«Fico por aqui: nem julgo que mais seja necessario para fundamentar a minha primeira asserção, que v. já fez o especial obsequio de inserir nas columnas do seu muito lido e acreditado jornal. Se as rasões em que me fundo não forem acceitas pelos homens competentes, paciencia, *unusquisque in suo sensu abundet*, nem por isso me desgostarei á vista da contradicção, porque para mim a verdade está acima do amor proprio, e de bom grado me sujeitarei a ella, quando se me faça ver o contrario do que defendo, com rasões mais solidas do que aquellas, que até aqui se têem apresentado, restando-me a consolação de que não obstante a diversidade de pareceres ácerca do berço do nosso divino epico, o que não admitte controversia é o ter elle nascido portuguez, e isso basta para todos ficarmos contentes.»

Então o sr. Portella, em nome da redacção da *Gazeta setubalense*, pedíra ao benemerito auctor do *Dicc. bibliographico*, que interviesse n'esta interessante controversia, e emittisse o seu muito considerado parecer ácerca da patria de Camões. Innocencio acquiesceu ao pedido, e escreveu duas extensas cartas para serem publicadas na *Gazeta*. A primeira appareceu no dia 22 de setembro do mesmo anno, e tem a data de 15; e a segunda no dia 11 de janeiro de 1873, e tem a data de 2 (n.os 174 e 190 da *Gazeta*).

Da primeira carta copio o seguinte:

«Referindo-se á opinião que pretende revocar para Alemquer a gloria de haver dado o berço a Luiz de Camões (opinião já manifestada em diversos tempos, e agora novamente e com maior insistencia trazidas á discussão n'essa cidade pelo reverendo padre Caetano de Moura Palha Salgado, expostas a principio em brevissimo artigo no n.º 162 da *Gazeta setubalense*, e depois sustentada e desenvolvida em carta publicada no n.º 167 do mesmo jornal) deseja v. s.ª que se lhe forneçam argumentos solidos e rasões convincentes que, dissipando de uma vez todas as duvidas, o habilitem para assentar segura e irrefragavelmente o seu

juizo controvertido: isto é, ácerca da disputada naturalidade do nosso grande epico.

«Nem é só esse (infelizmente para os que ainda n'estas cousas tomam calor ou interesse) o unico ponto que até agora pende indeciso e cada vez mais questionavel na vida d'aquelle que a deixára, como de si proprio nos diz:

Por o mundo em pedaços repartida

muitos outros ha igualmente problematicos, cuja solução, em falta de documentos coevos e authenticos, tem escapado e continuará a escapar ainda aos biographos que mais presumem de atilados e perspicazes. De alguns poderei talvez, em occasião de mais folga, entreter-me com v. s.ª Ficaram sendo para nós como outros tantos enygmas, que só o poeta poderia decifrar-nos, se voltasse de novo ao mundo, ou se evocado por algum *espiritista* (no caso de achar-se em *disponibilidade)* quizesse dar-se ao trabalho de nol-os pôr patentes!

«No assumpto sujeito, pois que deseja sabel-o, direi a v. s.ª a minha opinião, embora de pouco ou nenhum peso, n'isto como em tudo.

«Para mim a patria de Camões é indubitavelmente Lisboa. Entre as muitas rasões de congruencia que assim m'o persuadem, não é das menos attendiveis, ou talvez preponderа sobre todas, equivalendo quasi a prova testemunhal, a auctoridade de Manuel Correia, contemporaneo e amigo do poeta, ao qual tratára de perto, e de quem positivamente affirma ser elle aqui nascido[1]. Para invalidar um testemunho tão valioso quanto insuspeito, haver-se-íam mister (ao menos assim o creio) argumentos mais concludentes que os até agora adduzidos pelos que se declararam a favor de outras naturalidades.

«Com respeito especialmente aos que pugnam por Alemquer, essa pretensão, como digo, não é nova, ainda que com pouca fortuna data de tempos longinquos, pouco arredados do obito do poeta. Não sei, nem nomeadamente me consta do sujeito que então a sustentasse por escripto; mas de certo já existia, quando Manuel de Faria e Sousa, escrevendo passados de cincoenta a sessenta annos depois d'aquelle fallecimento, a elle se refere e escarnece dos que lhe queriam dar voga.

«Haja vista o seu commentario ao celebre soneto C, que apparecêra pela primeira vez impresso na edição das *Rimas* de 1598, e no qual os sequazes de tal opinião julgavam, como ainda agora julgam, achar o fundamento inconcusso da sua affirmativa.

«Como, por ser a obra pouco vulgar, v. s.ª não a terá talvez á vista, permitta-me que transcreva aqui textualmente ao menos os primeiros periodos:

«Es tal la ignorancia y ceguidad de muchos presumidos de letras, y de en-
«tendimiento, que no faltaron algunos que dixeron hablava el poeta de si en este
«soneto; gobernando-se (a lo que parece) por lo de que padecio el semejantes
«malas fortunas en su vida a las que refiere aqui; como si el mundo las tuviesse
«guardadas tales para el solo. Destes (que no de arrieros, segadores, sastres, ó
«ganapanes) es que Christo, unica ciencia, dixo *Stultorum infinitus est numerus.*
«Y esportilleros he visto yo con mas entendimiento que algunos que tienen mu-
«chos libros, y que los hazen. Entre estas classes de tontos, pues, estan los que
«dixeron lo referido; pues estando en este soneto una gigirandula ó mil aran-
«delas de luzes, que bien mostram lo contrario, ninguna los alumbró. Mostraré
«las que fueron bastantes, etc., etc.»

«Não seja para v. s.ª causa de espanto ou maravilha o desabrimento em que o bom de Faria chacoteia esses, quem quer que elles fossem, que aventavam uma opinião no seu entender erronea. Terá visto e admirado por certo em nossos dias, n'esta epocha de verdadeiro *progresso e civilisação*, o primor e cortezia que costumam empregar, quer na impugnação quer na defensa, os nossos enfatuados

[1] Commentario aos *Lusiadas* no canto I, estancia I.

sabios de mez e meio, que assumiram a gloriosa tarefa de alumiar o mundo até agora ás escuras!

« Não acho memoria ou vestigio de que desde o anno de 1685, em que saíram á luz posthumos os *Commentarios* de Faria, até o seculo presente, se renovasse, ao menos pela imprensa, a pretensão alludida. Parece que deixaram jazer em boa paz o soneto C, e não mais se fallou para tal em Alemquer durante esse intervallo.

« Foi por fins de 1827 ou principios de 1828, epocha em que me habituára a frequentar mais assiduamente a bibliotheca publica d'esta cidade, que travando ahi conhecimento com o finado D. Gastão da Camara Coutinho a elle ouvi pela primeira vez na conversação que tivemos (com o respeito que por aquelles tempos os rapazes de dezoito annos costumavam consagrar aos homens encanecidos no estudo e que logravam dos contemporaneos fama de doutos e letrados) dar como certo e indubitavel que Camões nascêra em Alemquer, estribado, já se entende, nas preconisadas clausulas do soneto C:

> Creou-me Portugal na verde e chara
> Patria minha Alemquer...

« E cumpre-me não deixar em silencio que D. Gastão apresentava isto como descoberta propria, e com ares de extranheza de que até então ninguem attentasse em tal! Eu, que n'aquelle tempo, e annos depois, jurava ainda nas palavras do padre Thomás José de Aquino, para quem o soneto C era tido de plano como allusivo á morte tragica do soldado Ruy Dias (logo veremos isso), mandado enforcar a bordo por Affonso de Albuquerque, não me dei por convencido. Certo porém de que seria trabalho inutil o de contrarial-o, evitei qualquer contestação, e ficámos cada qual na sua crença.

« Bons quarenta annos se volveram depois do facto alludido. Eis que no de 1867, ao inaugurar-se em Lisboa a estatua com que Portugal, resarcidos antigos esquecimentos, pagava ao cantor predilecto de suas glorias uma divida de honra, entre outras commemorações a que déra occasião esse acto solemne, appareceu no *Archivo pittoresco* (tomo x, pag. 220 e seguintes) um estudo biographico-critico ácerca do poeta, traçado pela penna elegante e conceituosa do sr. E. A. Vidal. N'esse estudo vi que o illustre escriptor, a proposito da naturalidade, se declarava por Alemquer, fundado sempre nas citadas clausulas do soneto C, a que chama *documento irrefragavel* e que tira (diz) todas as duvidas, «pois que Camões em«bora não tivera nunca certidão de baptismo, havia de saber de sciencia certa a «terra onde fôra nascido».

« Recordo-me de que ao ler isto tive idéa de trazer a publico os meus humildes reparos concernentes a mostrar, se é possivel, de uma vez e á luz da verdade, o que seja e o que valha para o caso o celeberrimo soneto C, destruindo pela raiz a hypothese insustentavel dos que desattentadamente pretendem ver n'elle o poeta fallando de si proprio.

« Porém andava eu n'aquelle tempo tão farto e aborrido de polemicas infructiferas, que tive por melhor calar-me, e guardar para mais opportuno ensejo o desenlace da questão.

« Entrarei n'ella agora para satisfazer a v. s.ª, porém vejo que diffusamente me tenho alongado por modo que já não é possivel concluir n'esta carta o que ha para dizer. Para poupar-lhe, e aos que porventura houverem de lel-a, maior enfadamento, porei hoje ponto, e continuarei ámanhã com a analyse do sempre invocado soneto.»

Da segunda carta de Innocencio transcrevo o seguinte:

« Para bem fixarmos as idéas, convem trasladar para aqui na sua integra o soneto, que nas edições camonianas figura sob o numero C, e em cujo contexto

se pretende achar a prova demonstrativa de que fôra o poeta nascido em Alemquer. Diz assim :

> No mundo poucos annos, e cançados,
> Vivi, cheios de vil miseria e dura;
> Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
> Que não vi cinquo lustros acabados.
>
> Corri terras, e mares apartados,
> Buscando á vida algum remedio ou cura;
> Mas aquillo que em fim não dá ventura,
> Não o dão os trabalhos arriscados.
>
> Creou-me Portugal na verde e chara
> Patria minha Alemquer, mas ar corruto,
> Que n'este meu terreno vaso tinha
>
> Me fez manjar de peixes, em ti bruto
> Mar, que bates a Abassia fera, e avara,
> Tam longe da ditosa patria minha.

«Sob dois aspectos differentes póde esta peça ser tomada á primeira vista, na fórma subjectiva em que se nos apresenta. Ou o auctor quiz n'ella referir-se a si, e a successos seus, ou não fez mais do que uma prosopopéa posta como que para servir de epitaphio, na bôca de um terceiro, que conforme as clausulas do texto, acabou a vida no *mar de Abassia,* e ahi ficou sepultado para ser comido dos peixes.

«Nenhuma duvida ou repugnancia offerece este segundo presupposto, adoptando-o como verdadeiro; mórmente aos que, por terem sufficiente lição das rithmas do poeta, sabem ser elle avezado a esta especie de composições, em que até por mais de uma vez empregou o modo dialogistico. Haja vista, por exemplo, aos sonetos XXXVII «*Não passes caminhante, etc.* — e LXXXIII «*Que levas, cruel morte? etc., etc.*» E em nenhum d'estes veiu jamais á cabeça de alguem dizer que o Camões tratasse de alludir á sua propria pessoa, comquanto (note-se) sejam ainda agora, e ficarão talvez para sempre questionaveis á luz da critica os individuos, que serviram de thema a esses cantos deploratorios[1].

«Eis o que, similhantemente, na hypothese que adoptámos, acontece com o soneto C. Ignora-se, nem será talvez possivel descobrir de futuro, quem fosse o sujeito, *morto no mar de Abassia,* cujo fim desventurado lhe serviu de assumpto. Provavelmente, algum desconhecido, amigo ou camarada do poeta, que com elle militou. Os que suppozerem o soneto allusivo ao tragico fim do soldado Ruy Dias, mandado enforcar por Affonso de Albuquerque, caíram (seja dito de passagem) em redondo engano; porque esse facto occorreu a grande distancia do *mar de Abassia,* isto é, no rio de Goa, onde a armada tivera de invernar, e fez larga detença, como é notorio em João de Barros, que na decada II, livro V, capitulo VII, relata miudamente o caso com todas as circumstancias concomitantes. Nem mesmo sei como racionalmente podesse dizer-se que morrêra de *ar corrupto* um homem que foi enforcado!

«Vamos, porém, á primeira hypothese, e vejamos se longe de ser igualmente admissivel, não ha, pelo contrario, argumento decisivo, que nos force a rejeital-a *in limine,* por absurda e de todo inconciliavel com a verdade de factos sabidos.

[1] Vejam-se na edição do sr. visconde de Juromenha as respectivas annotações a estes sonetos, no tomo II, pag. 385 e 421. Com isto respondo tambem, incidentemente, á prova negativa que o reverendo C. de Moura Palha Salgado adduz para sustentar a sua opinião. Camões foi sempre escassissimo em pôr algumas rubricas nos seus versos, legando esse cuidado aos commentadores.

«Conceda-se, de barato e por um momento, que Luiz de Camões, por um rasgo de inspiração prophetica, que todavia falhou, escrevêra aquelle soneto, achando-se, como se diz, «á beira do sepulchro», nos accessos de enfermidade grave, ou julgada mortal, e que ainda assim lhe dava azo para compor versos! Sendo tal, é evidente pelo teor do proprio soneto, que este só poderia ser escripto no tempo em que o poeta fazia parte da expedição mandada cruzar no estreito do mar Roxo, e partida de Goa sob o commando de D. Fernando de Menezes em fevereiro de 1544; isto conforme a opinião mais auctorisada dos modernos biographos, preferivel sem duvida á dos que o suppunham com o mesmo destino embarcado na outra armada, que partiu em fevereiro do anno seguinte, commandada por Manuel de Vasconcellos. Como, pois, diz elle de si no preconisado soneto:

Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
Que não vi cinquo lustros acabados?

«Todo o mundo sabe que, na locução poetica, cinco lustros equivalem nem mais nem menos que a vinte e cinco annos. E contava effectivamente Luiz de Camões vinte e cinco annos de idade no de 1554? Certo que ninguem o affirmará em verdade. Se elle nasceu no de 1524, como é hoje tido por incontroverso em vista do primeiro assento do registo da casa da India, descoberto e trazido á luz por Faria e Sousa, contava necessariamente na epocha alludida trinta annos (isto é, seis lustros) e não os vinte e cinco do soneto[1]. Se houvessemos, porém, de encostar-nos n'esta parte a Manuel Severim de Faria, e aos que com elle suppõem o poeta nascido em 1517, tanto peior; porque então teria elle no de 1554 trinta e sete annos.

Que não vi cinquo lustros acabados!

«Em defeza da hypothese contrariada, diz o sr. E. A. Vidal que «*Camões havia saber de sciencia certa a terra onde fôra nascido*[2].» Assim, digo eu: «*que elle não podia de certo ignorar o anno em que nascêra*», e affirmar de si que tinha vinte e cinco annos incompletos, quando em realidade contava ao menos trinta. Vejo n'isto um desconchavo de tal ordem, que me parece impossivel como haja escapado á penetração e agudeza de tão bons engenhos, quaes são os que, modernamente empenhados na lucta, vieram renovar tão esquecida quanto insustentavel hypothese.

«Julgo o dito sufficiente, e insistencia superflua a de reproduzir aqui os outros argumentos que occorreram a Manuel de Faria para a refutar no seu tempo; escapando-lhe aliás este, que é, quanto a mim, o mais concludente e terminante. Se, porém, aos adversarios parecer outra cousa, poderemos dar maior amplidão ao expendido, com a mira unicamente em apurar a verdade e desterrar preconceitos.»

Alguns annos antes, em 1860, o sr. visconde de Juromenha tinha, pelo assim dizer, previsto a renovação d'esta controversia, pois no tomo I das *Obras de Luiz de Camões*, pag. 9, 10 e 487, escreveu:

«Qual fosse a terra que lhe deu o nascimento, esteve tambem por algum tempo indeterminado, posto que sem motivo: entre Coimbra, Lisboa, Santarem e Alemquer, variavam as opiniões. O soneto C, mal entendido por alguns; o ter sido seu terceiro avô, Vasco Pires de Camões, alcaide mór de Alemquer; o nome de uma quinta nas immediações d'esta villa, que ainda no seculo passado con-

[1] O sr. Moura Salgado, na sua correspondencia inserta na *Gazeta setubalense*, n.º 167 de 4 de agosto, confunde, ao que parece, a data do primeiro assento da casa da India (1550) com a de 1553, em que o poeta embarcou. Era na primeira que elle se declara ter vinte e cinco annos.

[2] *Archivo pittoresco*, vol. x.

servava o nome de quinta de Camões; e a maneira com que o poeta se deleita em descrever a mesma villa[1], como quem n'ella residiu por algum tempo, na estancia LXI do canto III dos seus *Lusiadas,* foram talvez a causa de a julgarem patria de Camões: a naturalidade ou procedencia da mãe a de Santarem. Faria e Sousa presume ser natural de Lisboa, fundando-se em serem seus paes moradores d'esta cidade, no dialecto proprio da côrte de que usa, e em chamar repetidas vezes ao Tejo patrio. Outros o fizeram natural de Coimbra, fundando-se na residencia de seu pae n'aquella cidade, d'onde era oriundo João Vaz de Camões, seu bisavô. Domingos Fernandes, na dedicatoria das rimas á universidade de Coimbra, que publicou no anno de 1607, o assevera. As rasões, que se apresentaram dos dois lados poriam a balança em perfeito equilibrio, se Manuel Correia tão positivamente não declarasse ser nascido em Lisboa. O auctor d'este livro — diz elle no principio dos seus commentarios — é Luiz de Camões, portuguez de nação, nascido e creado na cidade de Lisboa, de paes nobres e conhecidos. E note-se que Pedro de Mariz, que foi o editor d'estes commentarios e era natural de Coimbra, não emendou o commentador, reivindicando esta honra para a sua patria. Assim, podemos dizer que era oriundo de Coimbra pelos ascendentes, mas nascido na cidade de Lisboa, á qual cabe não menos gloria que a Mantua, por ter dado nascimento ao Virgilio portuguez.»

Pondo Alemquer fóra de todas as probabilidades de ser a terra natal do sublime poeta, ficam-nos Santarem, Coimbra e Lisboa.

Desde o mais antigo dos biographos e commentadores, incluindo Manuel Correia, até o sr. visconde de Juromenha; e depois da publicação dos estudos d'este auctor até o presente, todos os que têem seguido, copiado ou plagiado o sr. visconde, nenhum, confesso-o sinceramente, me satisfaz com respeito á naturalidade de Camões. A argumentação, que só se funda, mais ou menos plausivelmente, na deducção ou corollario dos versos, é, no meu entender, fraca e não constitue o que, em linguagem juridica, se considera como prova legal, que não admitte replica. É grande e variada a imaginação do poeta, prodigioso o seu engenho, para que se possa formar um juizo seguro, claro, incontestavel, a este respeito.

Appareceram acaso até hoje documentos, cuja authenticidade não seja possivel negar? Não me consta.

É Lisboa a terra natal de Camões? Por que rasão? Porque Manuel Correia o disse *positivamente,* e Pedro de Mariz, o editor, que era de Coimbra, não o contraditou? Quem nos assegura que os dois, auctor e editor, não tratassem e discutissem este ponto, que o segundo se deixasse convencer com as hypotheses e a argumentação do primeiro? Mas esta supposição não assenta em solida base, emquanto a mim, e tambem necessita de prova.

Os que argumentam melhor são, comtudo, os que não se decidem, nem por Santarem, nem por Coimbra, nem por Lisboa.

Diga-se, no entretanto, que as minhas duvidas ácerca do credito que devam ter as noticias e hypotheses dos biographos de Camões, nasceram desde o mo-

[1] «Camões, descrevendo nos *Lusiadas,* no canto III, esta villa, parece fazel-o com certa predilecção e conhecimento do local:

> Obidos, Alemquer, por onde soa
> O tom das frescas aguas entre as pedras,
> Que murmurando lava, e Torres Vedras.

Quem esteve já em Alemquer não póde deixar de reconhecer a exactidão da descripção: no seu termo existia uma quinta, propriedade dos marquezes de Sabugosa, conhecida com o nome de *Quinta de Camões.*»

mento, em que estive de posse de uns documentos, inteiramente authenticos, que vieram lançar nova luz sobre a ascendencia e filiação de Camões.

Souberam os biographos isto? Não.

Esta especie não vem, sequer levemente, mencionada em nenhum d'elles. Pelo contrario, os que fizeram mais longo e detido exame e analyse, confirmaram o que já outros tinham posto, e prenderam mais os laços do poeta ao seu supposto progenitor.

Simão Vaz de Camões, de quem se trata, e a quem se referem os biographos, é homem nobre, abastado, vivendo com abundancia em Coimbra, e exercendo funcções municipaes n'aquella cidade. É o mesmo. Não ha duvida.

É o almotacé eleito como um dos *honrados da terra;* celebrado pela grandeza do seu viver, e por seus desatinos, em que era *useiro e vezeiro.* Mas este Simão Vaz, com todas as circumstancias que o recommendam nas biographias, legitimo representante de uma antiga familia, nobilitada por muitas acções, que dão lustre, casára *novamente* em 1562, e ainda vivia na abastança desatinadamente ou doudamente, como hoje se diria, em 1576.

Por consequencia, este Simão Vaz não era, com certeza, o marido de Anna de Sá, que existia em Lisboa, vivendo pobre e miseravelmente; nem era o pae de Luiz de Camões, pois não é crivel, a não o julgar ainda de peior indole e de peiores habitos que elle, na melhor posição para viver na boa sociedade e com a grandeza correspondente a essa posição e aos seus haveres, deixasse tambem o filho faminto e desamparado, como o retratam, ao lado de sua mãe, anciã, angustiada e na maior penuria.

Anna de Sá, se era viuva de um Simão Vaz, como não ha direito a pôr em duvida em vista do assento da casa da India, não o era d'aquelle de quem trato.

Que resolvam, se podérem, este ponto os futuros biographos.

Manuel Severim de Faria, copiando Pedro de Mariz, na vida de Camões, que faz parte dos *Discursos varios politicos,* e cujo primeiro retrato do poeta eu reproduzo aqui, escreveu o seguinte:

«Casou João Vaz de Camões com Ignez Gomes da Silva, filha bastarda de Jorge da Silva, o qual era filho de Gonçalo Gomes da Silva, e neto de Diogo Gomes da Silva, irmão de João Gomes da Silva, alferes mór de el-rei D. João I, e senhor de muitas terras. D'ella teve a Antão Vaz de Camões, o qual casou com Guiomar Vaz da Gama (dos Gamas do Algarve, que trazem sua origem dos do Alemtejo), e d'ella houve Simão Vaz de Camões, que indo por capitão de uma nau á India, segundo Pero de Mariz, se perdeu na costa da terra firme de Goa, e escapando do naufragio morreu pouco depois na mesma cidade. Foi casado Simão Vaz com Anna de Macedo (dos Macedos de Santarem) e d'ella teve o nosso poeta Luiz de Camões. Estes foram seus progenitores, pelos quaes se mostra que não foi menos illustre no sangue, que no engenho; e ainda que a falta dos bens da fortuna em que se creou (como quem perdeu o pae de tão pouca idade) lhe tirasse em parte os ornamentos exteriores, com que se faz estimar a nobreza não lhe pôde nunca tirar a grandeza de pensamentos que de seus antepassados herdára.»

O sr. visconde de Juromenha, pretendendo destruir o que tinham asseverado

alguns escriptores, e, entre elles, Faria e Sousa e Severim de Faria, pôz no tomo I das *Obras*, já citadas, pag. 14 e 15, o seguinte:

«O que se tem referido de seu pae, Simão Vaz de Camões, é pouco, ou, para melhor dizer, quasi nada. Sabemos officialmente que tinha o fôro de cavalleiro fidalgo, e que parte da vida a viveu em Coimbra, d'onde parece que era natural, e a outra parte em Lisboa no sitio da Mouraria. Pedro de Mariz conta que indo por capitão de uma nau para a India, naufragára á vista de Goa, salvando-se em uma tábua, e que por fim por lá morrêra; porém, o seu nome não se encontrou com tal emprego nos historiadores da India, nem em uma relação que percorremos de todas as armadas e seus respectivos capitães que sairam para a India desde o principio da descoberta.

«Manuel de Faria e Sousa, seguindo o primeiro biographo do poeta, affirmou o mesmo erro na sua primeira biographia; o assento, porém, que depois encontrou da casa da India o fez emendar aquelle erro, em o qual tem laborado a maior parte dos biographos, alguns mesmo ainda depois da descoberta do registo official encontrado por Faria e Sousa. Mr. de Magnin, membro do instituto de França, em uma biographia sua que precede a traducção dos *Lusiadas* de Millié, ultimamente retocada e emendada por mr. Dubeux, querendo conservar a tradição, conciliando-a com a probabilidade, assevera ter acontecido ao avô do nosso poeta o naufragio de que se dizia ter sido victima o pae. É verdade que um certo Antão Vaz assistiu com Affonso de Albuquerque á tomada de Goa, porém se pertencia á familia dos Camões, é o que absolutamente ignorâmos. O que de Simão Vaz de Camões sabemos, é que elle era morador na Mouraria, onde residiu no anno de 1550; que se passou depois a viver em Coimbra, e que em 15 de junho de 1553 o enviava preso para Lisboa o corregedor de Coimbra com uma devassa por ter entrado no convento das religiosas de Sant'Anna d'aquella cidade; e que a 10 de dezembro de 1563 ainda era vivo e morador na mesma cidade, pois d'esta data achámos um alvará passado a pedido de fr. Martinho de Ledesma, reitor do collegio de S. Thomás de Coimbra, da ordem de S. Domingos, pelo qual el-rei faz mercê ao dito collegio de S. Thomás de Coimbra, para que Simão Vaz de Camões, cavalleiro da sua casa, e morador na cidade de Coimbra, seja isento de servir o cargo de almotacé ou outro officio publico, por espaço de dez annos contados da feitura do dito, servindo a esse tempo de procurador e recebedor do dito convento, como dizia que o fazia.

«Longe pois de deixar seu filho orphão, como erradamente se tem dito, se achava Simão Vaz de Camões, posto que de setenta annos de idade, pelo menos, ainda com bastante vigor de saude para exercer um cargo, para o qual era necessario actividade, e promettendo ainda annos de vida; e assim poderia talvez assistir á publicação dos *Lusiadas* de seu filho, pois sete annos antes ainda era vivo.

«Como nas obras de Cicero, debalde nas do nosso poeta procurámos noticias ou referencias á casa paterna, ou porque se perderam aquellas onde poderiamos beber essas noticias, ou porque a sua musa recuasse timida perante a austeridade dos paes, que julgam sempre o exercicio da poesia passatempo ocioso que afasta os filhos da vida real e activa, procurando quasi sempre cortar as azas ao estro poetico que os faz divagar por uma região esteril e sem fructo. A primeira e ultima vez que Simão Vaz apparece conjunctamente com o filho é no anno de 1550, servindo-lhe de fiador para o embarque para a India: nada mais sabemos das mutuas relações do pae e do filho, só podemos asseverar que se a educação é o mais caro e certo penhor de amisade, o mais rico legado com que um pae póde dotar a seu filho, foi sem duvida Simão Vaz de Camões pae o mais amante, pois não lh'a podia dar mais esmerada.»

Em conclusão:

Com os quatro documentos, que vão ler-se, prova-se:

Que Simão Vaz de Camões, o supposto pae de Luiz de Camões, casára novamente em Coimbra e ficára em casa de seu sogro;

Que foi escolhido e votado para almotacé e entrou no exercicio d'estas funcções;

Que era dado a abusos e disturbios, ou incitava a isso seus serviçaes ou escravos;

Que a vereação de Coimbra teve por esse facto de se queixar d'elle ao soberano;

Que emfim o soberano attendeu a representação dos vereadores e mandou proceder a devassa.

Note-se, porém, que nos dois ultimos documentos, terceiro e quarto, não se allude por fórma alguma, senão pelas phrases, *useiro e vezeiro*, a anteriores processos, devassas ou perseguições das auctoridades, pelos actos escandalosos de que Simão Vaz fôra accusado em 1553, como consta de outros papeis da epocha.

Sáiam d'este labyrintho, os que podérem, e nos lancem inteira e brilhante luz sobre o que ainda nos apparece tão nublado e complicado.

PRIMEIRO DOCUMENTO

Vereação da camara de Coimbra, de 31 de julho de 1563, em que Simão Vaz de Camões foi eleito almotacé em logar de João Gonçalves de Sequeira. Nas Vereações da dita camara do anno de 1563, a fl. 61.

1563.— « Aos trymta e huum dias do mes de julho do año presemte de mill quinhentos sessenta e tres annos em esta cidade de coimbra e tore da vereaçaam della omde estavão em vereaçõ anrique de magalhães, vereador e juiz pella ordenação, e marçall de macedo, e Ieronimo brandão, vereadores, e simão da costa, procurador da cidade, estamdo presentes gaspar fernandez e manoell pires procuradores dos mesteres, e estando asi todos jumtos na camara abrirão o cofre dos pelouros dos almotaceis, do quall tirárão huum pelouro de sera vermelha e o desemburilhárão e tirárão huum papell em que estávão escriptos Iohão gllz̃ de Sequeira e Rui Dias pera seruirem de allmotaceis este presemte mes de aguosto que vem: e por o dito y.º gllz̃ de sequeira foi dito que elle não podia seruir de allmotacé por quamto era screpuão da mesa da santa misericordia este presente año, e que tinha privilegio pera ser escuso de não servir alem de ser muito ocupado este mês no recolher das suas novidades por que auia de amdar comtinuadamente fôra da cidade, e ser almoxarife do mestrado de xp̃o da ordem de nosa Sr.ª da Comceicão, per a quall razão tambem tem priuilegio de não servir o dito carguo de allmotacé: e por todas estas resões que elle asi tinha, que erão justas, e o excusauão de não servir de allmotacé, não podia servir, e pedia elegesem outrem. O que visto per os ditos officiaes e as ditas causas por serem justas, e elle não querer seruir, dissérão os ditos juiz e vereadores que Simão vaaz de Camões era casado novamente, e que conforme a ordenação, por ser dos honrados da tera emlegerão ao dito simão vaaz pera seruir de allmotacé com o dito Rui dias, que saio scrito com joão gllz̃ de sequeira que não quiz seruir este mes de aguosto que vem, e declarárão que posto que o dito simão vaaz casase ho año pasado, diserão que fôra doente e não podéra até o presente seruir o dito officio de allmotacé nem ter casa apartada sobre si e estar com seu sogro, e por quamto agora estaua são e bem desposto e comesaua de sair por fora e amdar polla cidade e ter

casa apartada sobre si, o elegerão conforme a ordenação por ser casado nouamente dos honrados da tera, o quall mandárão chamar pera lhe ser dado juramento conforme a dita ordenação sobre o tall caso feita, do que tudo os ditos juiz e vereadores mandárão fazer este auto que asinarão com o dito johão gllz de como dise que era comtemte de não seruir por as rezões acima ditas, *p.º cabrall* o screpui com o risquado que disia *asi* e *por* e mallscripto *o que visto. p.º cabrall* o screpui.
yº glz de seqª — magalhães — marçal — Ieronimo brandão — Symão da costa — gaspar frz de macedo — Manoel piz.

«E logo os ditos juiz e vereadores mandar chamar a esta camara ao dito simão vaaz de camões per matias alluēz, porteiro da camera, e elle matias alluēz deu fee que ho fôra chamar e o achára em sua casa jantando, e que elle simão vaaz lhe dicéra que não podia agora sobir as escadas da camara, que viría depois pela cidade e faria tudo o que lhe mandasem. *pº cabrall* o screpui com *a* antrelinha diz matias alluez.»

SEGUNDO DOCUMENTO

Vereação da camara de Coimbra, de 1 de outubro de 1567, em que Simão Vaz de Camões foi eleito almotacé d'este mez com Antonio de Alpoim, nas vereações da dita camara de 1567 a 1568, a fl. 57 v.

1567.— « Ao primeiro dia do mes de outubro de mill quinhentos sasenta e sete annos em esta cidade de Cojmbra e tore da vereação della omde estavão em vereação g.º Leitaom, vereador, e juiz polla ordenação, ayres gllz de macedo, vereadores, e o l.do g.º vaaz campos, procurador da cidade, semdo presemtes simão Roiz e j.º frz, procuradores dos vimte e quatro dos mesteres, e estando asi todos jumtos tirárão huum pelouro dos allmotaceis, o quall desemburilhárão e achárão que sairão por allmotaceis pera servirem este mes de outubro Ant.º Dallpoi e simão vaaz de camões, os quaes logo publiquárão e mandárão chamar per matias alluez porteiro da camara pera lhes ser dado o seu juramento em forma e seu regimento lido comforme a ordenação, de que mandarão fazer este termo que asinárão.

« *p.º cabrall* o screpui.»

TERCEIRO DOCUMENTO

Vereação da camara de Coimbra de 8 de maio de 1576, em que se accordou requerer a el-rei que mandasse tirar devassa das injurias e espancamentos praticados pelos creados de Simão Vaz de Camões na pessoa do almotacé em ex.º, João Ayres. Nas vereações da dita camara de 1576 a 1577, a fl. 30.

1576 — «Aos ojto dias do mes de majo de quinhentos e setenta e seis anos em esta cidade de Cojmbra e camara della omde estauão jumtos o lecenceado p.º barba de campos, juiz de fóra, antonio Leitam, o lecenceado J.º homem, vereadores, e J.º fernandez e pº aº, procuradores dos vimte e quatro dos mesteres, semdo chamados os fidalgos cavaleiros cidadãos e pessoas da governança, todos ao adiamte asinados e chamados por porteiro e sino tangido como hee de seu custume antiguo, e estando asi jumtos e asi J.º ares, cidadão desta cidade e allmotacé em ella ho presente mes, por o quall foi dito e se aqueixou aos sobreditos que elle saíra per pelouro na dita camara pera seruir o tall cargo e em elle tomára juramento pera o servir como estava servindo, e que este sabado pasado, que forão sinquo dias deste mes, elle com seu parceiro estiverão exercitando e servindo seu officio, e repartirão a carne que auia com todas as pessoas e povo desta cidade o milhor que elles poderão fazer, e que por ser pouqua emtão abramjerão e fizerão sua repartição e allmotaçaria quietamente de maneira que todos fiquarão satisffeitos, e

amtre as pessoas, ás quais elle J.º ares dera carne, fora a huua escrava de Simão vaaz camões á quall elle dera tres vĩtys de vaqua damdo a outras pessoas de sua qualidade mais pouqua, e que acabamdo de ter satisfeito com seu officio e repartira a dita carne elle almotacé se fora pera sua casa, e estando em ella quieto ceando entrára pela sua casa hum creado do dito Simão Vaz, o quall lhe disséra palavras jnjuriosas e lhe lançára a carne ao rosto, e a lamsára tambem hũa sua filha, que com ella estava ceando, dizemdo-lhe da parte do dito seu senhor que elle tal carne como aquella não avia de comer, e que symtymdo-se díso agravado viera pela escada abaixo após do dito creado do dito Simão Vaz, onde tambem estava huũ escravo delle em sua companhia, e arranquarão espadas nuas contra elle, e se se não tornára a recolher o matarão, e que lhe derão muitos golpes na esquada, e por quanto era a elle feito muita afronta e así á dita cidade por respeito de seu officio que servya da mão della, por o que todos os nobres della ffiquarão diso mui escandalisados por se ffazer tão grande desorbitancia, e que o dito simão vaz era useiro e veseiro em fazer semelhantes cousas e desatinos, e que por tanto elle vinha tudo representar as suas merces pera niso fazerem o que fosse mais seruiço delrei noso senhor e bem de suas justiças e honra da dita cjdade. Sobre o quall caso todos pratiquarão e somados os votos elles acentárão e acordárão (nemine discrepante) que, por o negocio ser muito dino de castigo, se desse delle conta a elRej noso Senhor, e se lhe pedisse mandase tirar dyso devasa per huũ desembargador á custa do dito Simão vaz ou per quem seu seruiço fosse, e que fosse á corte a este requerimento hũm mester pera que andase no requerimento deste negocio com Gomez de figueredo vereador, que laa andava, por quanto tanbem importava á honra da cydade ser castigado o dito simão vaaz e as mais pessoas que niso fossem culpadas, e que no requerimento deste negocio se gastase niso o que fosse necesario, de que mandárão fazer este auto que asinárão. *pº Cabrall* screpvão da camara o screpvi com as amtrelinhas que dizem *noite, cousa* e *asi* e nos risquados todos *veo, a ella — p.º cabrall* o screpvi e com a outra *vaaz p.º cabrall* o escrepvi.

Campos — Leitam — I. homem — dº aranha Chaves — fr.ᶜº de magalhães — Gaspar foguaça — Resende — moniz — Ieronimo de castilho — parada — Hieronimo glz — ant.º... — manoell cotrym Ieronimo brandão — Ruy gllz dalmeida — yoam ares — gabrjel — g.º.. leitão — Ioam fernandes — Ieronimo frᶜº — pedro aº — affomsso gomez — m.ᵉˡˡ negrão — pº dias — Ioão Araiz — Amtº da costa — pº amrique — Fᶜᵒ zusarte — manoel joam — amaro de... — gaspar da barqua — Simão aº — belchyor piz.

«E declaro que a este tempo que se fez este acordo atras não forão presemtes digo não erão na dita cidade gomez de fig.ᵈº vereador por ser emtão absente della e andar em Lix.ª e simão trauaços procurador tambem ser fóra da dita cidade — *pº cabral* o screpui.»

QUARTO DOCUMENTO

Provisão do desembargo do paço de 16 de maio de 1576 sobre a injuria feita por Simão Vaz de Camões, de Coimbra, a João Ayres almotacé na mesma cidade. Nos documentos avulsos do archivo da camara de Coimbra.

1576.— «Dom Sebastião por graça de deos Rey de portugall e dos Allgarves d'aquem e d'alem mar em africa senhor de guynee, etc. faço saber a vós vereadores e procurador da cidade de Cojmbra e procuradores dos mesteres della que vy a carta que me escreuestes sobre o caso da injurya e ofensa que foy feito por *symão Vaaz de Camões* e seus cryados a Iohann ares cidadam desa cidade seruindo d'almotacee per elleição e sobre seu officio. E avendo respeito aa callidade do caso e aas causas que em vosa carta apontaes, ouve por bem de mandar prouer

nelle da maneira que vereis pella permissão que com esta vos seraa dada, tanto que se fizer o que per ella mando e os autos forem em minha côrte se daraa nellas o despacho que for justiça.

«ElRey noso senhor o mandou por os doutores pero barbosa e gaspar de figueiredo ambos do seu conselho e seus desembargadores do paço. *pero de seixas* o fez em Lisboa aos xvj de mayo, de quinhentos e lxxvj — *Iohão de seixas* a fez escreuer.

Gaspar de figueiredo *p° barbosa*

por ellRey

«Aos vereadores e procurador da cidade de coimbra e procuradores dos mesteres della.»

Estes documentos completam a serie dos que o sr. visconde de Juromenha deixou nos tomos I (pag. 165 a 173) e V (pag. 311 a 319) da sua edição das *Obras de Camões*.

Entrei nas particularidades, que ficam indicadas, para não deixar de registar papeis, a que ligo importancia; mas não entro em outros pormenores da vida do poeta, por me faltarem elementos de igual valor e fe.

Não contestando, em absoluto, algumas das passagens que me parecem mais explicitas e melhor averiguadas da biographia de Camões, nos mais modernos e amplos estudos, seja-me ainda assim licito expressar o meu sincerissimo voto de que venham a descobrir-se novos documentos, que esclareçam outros pontos que têem ficado envolvidos em espessas sombras.

Penso que o poeta nem foi tão perseguido, nem viveu tão pobremente, como tem corrido nas escripturas impressas, e na tradição, e como póde inferir-se das proprias lamentações expressas em versos ou cartas d'elle. Numerosas pessoas de alta posição o cercaram em muitos periodos da sua vida agitada; e não me convenci ainda de que o deixassem na miseria extrema, depois que elle deu ao prélo, sob a sua direcção, o livro que denominou *Os Lusiadas*, fructo de um assombroso engenho, que impressionou espantosamente os contemporaneos, e causou a admiração das gerações vindouras, dentro e fóra do reino.

O poeta não precisa d'esses queixumes, nem d'esses lamentos, nem de fraudes biographicas, para ser grande, para ser o primeiro dos nossos engenhos, e quiçá um dos maiores da historia litteraria dos povos!

Escrevi intencionalmente «sob a sua direcção», porque, qualquer que fosse o contrato que Luiz de Camões fizesse com o livreiro ou impressor para a impressão do seu monumental livro, é certo que foi elle quem requereu o privilegio para a edição, que foi a favor d'elle que se passou o primeiro alvará, que se lê, e em seu logar transcreverei, á frente da primeira edição, e com a data de muitos mezes antes da sua publicação.

Se fizeram, no seu tempo, desde 1572 até 1580, mais alguma edição, como parece provavel, seria elle inteiramente alheio a esse trabalho? Não reviu a primeira edição, nem a seguinte? São da sua responsabilidade os erros e as variantes, que se notam nas primeiras edições?

Estas interrogações não significam que me levante para lançar os fundamentos de uma sentença que poderá passar em julgado; mas, simples e genuinamente, accusam as minhas indecisões em tão difficil critica.

Vejo tão enleiados e em tal rede de divagações e contradicções os biographos e os criticos, e tão romanticos, sem que nenhum tenha em certas passagens, a probabilidade de acertar, que não é possivel decidir-me por um d'elles, seguil-o, e assegurar:—Confiemos. Essa é a vereda clara e recta!

Vou dividir a bibliographia camoniana que segue, em duas partes distinctas: a primeira refere-se ás edições de Camões, por sua ordem chronologica; ás traducções, etc., dadas ao prélo até o tri-centenario (10 de junho de 1880); e a segunda, respeita a todas as obras, que eu possuo, ou de que possa obter informação fidedigna, que appareceram n'essa epocha, e d'ahi em diante.

A proposito das edições antigas, pareceu-me util indicar os caracteres typographicos, em que ellas foram compostas; comtudo, ha differença não só em os nomes que os antigos impressores davam aos typos, de que usavam, mas tambem nos desenhos e nos corpos, por modo que citando os caracteres empregados nos seculos XVI a XVIII, *mignon, breviario, pandecta, interduo, leitura,* etc., não me farei comprehender pelas pessoas que não tenham essas edições, ou que, possuindo-as, não conheçam perfeitamente a technologia typographica. Tornarei mais facil o conhecimento dos caracteres, que cito, dando em seguida a amostra dos typos modernos, que mais se approximam, no corpo e no desenho, dos empregados pelos antigos, de menor para maior em redondo e em italico:

Mignon antigo, modernamente corpo 6 n.º 5:

Eſtavas linda Ignez poſta em socego,
Eſtavas linda Ignez poſta em socego,

Breviario antigo, modernamente corpo 8 n.º 1:

Estavas linda Ignez posta em socego,
Estavas linda Ignez posta em socego,

Pandecta antiga, modernamente corpo 9 n.º 1:

Estavas linda Ignez posta em socego,
Estavas linda Ignez posta em socego,

Interduo antigo, modernamente corpo 10 n.º 6:

Eſtavas linda Ignez poſta em socego,
Eſtavas linda Ignez poſta em socego,

Leitura antiga, modernamente corpo 11 n.º 2:

Estavas linda Ignez posta em socego,
Estavas linda Ignez posta em socego,

Texto antigo, modernamente corpo 16 n.º 1:

Estavas linda Ignez posta em socego,
Estavas linda Ignez posta em socego,

Parangona antiga, modernamente corpo 20 n.º 1 :

Estavas linda Ignez posta em

Estavas linda Ignez posta em socego,

Os mais primorosos e desvelados camonianistas têem posto á frente das suas collecções a obra de Garcia d'Orta, por ser n'ella que pela primeira vez foram vistos, á luz radiante da invenção de Guttemberg, uns versos de Camões. Será esta pois, o numero

1. *Ao conde do Redondo, visó Rey da India, Luis de Camões.* (Goa, 1563).

Começa :

Aquelle vnico exemplo
De fortaleza eroyca, e de ousadia,
Que mereceo, no templo
Da eternidade, ter perpetuo dia:
Ho grão filho de thetis, que dez annos
flagello foi dos miseros troianos.

E acaba :

Assi que não podeis
Neguar (como vos pede) benina aura :
Que se muyto valeis
Na polvorosa guerra Indica e Maura
Ajuday, quem aiuda contra ha morte
E sereis semalhante ao Greguo forte.

Esta poesia está nas primeiras paginas innumeradas do livro *Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinaes da India,* etc., do dr. Garcia d'Orta, de quem já se tratou no *Dicc.,* tomo III, pag. 116. Tem sido impressa diversas vezes. Ultimamente, o sr. conde de Ficalho reproduziu-a no seu opusculo *Flora dos Lusiadas;* e em uma nota, a pag. 213, de outra obra sua, *Garcia da Orta e o seu tempo,* escreveu que o sr. Xavier da Cunha publicára um estudo relativo a esta ode, dando uma reconstituição do texto, que a elle (sr. conde de Ficalho) se lhe afigurava perfeitamente justa.

Vem tambem mencionada no interessante livro, a que me tenho já por vezes referido, *A imprensa de Goa,* pelo sr. Ismael Graçias, que na pag. 9 poz a seguinte nota quando trata de Garcia d'Orta:

«Parece averiguado que esta seja a primeira poesia impressa de Camões que, ao tempo da publicação do livro do doutor Garcia d'Orta, se achava em Goa para onde veiu no governo do vice-rei D. Affonso de Noronha. É mais um facto de que se devem gloriar as imprensas de Goa, porque deram antes de todos publicidade aos inspirados versos do principe dos poetas portuguezes.»

No Porto foi reproduzida em 1883, por diligencia do sr. Joaquim de Araujo, em um opusculo de 8 paginas, sob o titulo *Primeiros versos de Camões.*

A respeito da differença que se nota entre a primitiva ode e a reproducção feita em 1598, em uma nova edição das *Rimas,* á custa do livreiro Estevão Lopes, veja-se o artigo *A primeira producção poetica de Camões* pelo sr. Tito de No-

ronha, no *Annuario da sociedade nacional camoniana* (1881) de pag. 133 a 142. Ahi tambem se encontra uma copia phototypica da mesma ode.

Nas suas opulentas collecções camonianas, possuem exemplares *princeps* dos *Colloquios*, de Garcia d'Orta, que são de primeira raridade, como se sabe, os srs. dr. José Carlos Lopes, no Porto; a bibliotheca nacional, Fernando Palha e João Antonio Marques, em Lisboa.

*
* *

2. *Os Lusiadas de Luis de Camões. Com privilegio real. Impressos em Lisboa, com licença da santa inquisição, & do Ordinario; em casa de Antonio Gonçalves, impressor.* 1572. 8.º de 186 folhas (ou 272 pag.), numeradas pela frente, alem das 2 primeiras, contendo o rosto, privilegio e informação do qualificador. — O rosto é ornado com uma gravura, conforme o *fac-simile* que dou em frente. Toda a composição em caracteres aldinos, ou italicos, iguaes aos empregados em muitas edições do seculo XVI.

O alvará datado de setembro de 1571, que concedeu licença e privilegio a Luiz de Camões para poder imprimir os *Lusiadas* e gosar os direitos da edição por dez annos, é do teor seguinte:

« Ev elRey faço saber aos que este Aluará virẽ que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camões pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Octava rima chamada Os Lusiadas, que cõtem dez cãtos perfeitos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portuguezes nas partes da India depois q̃ se descobrio a nauegação pera ellas per mãdado del Rey dom Manoel meu visauo q̃ sancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tẽpo de dez annos que se começarão do dia q̃ se a dita obra acabar de imprimir em diãte, se não possa imprimir nẽ vender em meus reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nẽ leuar aas ditas partes da India pera se vẽder sem licẽça do dito Luis de Camões ou da pessoa que pera isso seu poder tiuer, sob pena de quẽ o contrario fizer pagar cincoẽta cruzados & perder os volumes que imprimir, ou vender, ametade pera o dito Luis de Camões, & a outra metade pera quem os accusar. E antes de se a dita obra venderlhe sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desembargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na primeira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se imprimir será vista & examinada na mesa do conselho geral do sancto officio da Inquisiçam, pera com sua licença se auer de imprimir, & se o dito Luis de Camões tiuer acrecentados mais algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença do sancto officio, como acima he dito. E este meu Aluara se imprimira outrosi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feyta em meu nome, per mim assinada, & passada por minha Chancellaria, sem embargo da Ordenaçam do segundo liuro, titulo XX, que diz que as cousas cujo effeito ouuer de durar mais que hum anno passem per cartas, & passando per aluaras não valham. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a vinte & quatro dias do mes de setembro de M.D.LXXI, Iorge da Costa o fiz escreuer.»

O parecer, que segue a este alvará, assignado por fr. Bartholomeu Ferreira, não tem data, e resa o seguinte:

« Vi por mandado da Sancta & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusiadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia, & Europa, & não achei nelles cousa algũa escandalosa, nem con-

OS LVSIADAS

de Luis de Ca-
moẽs.

**COM PRIVILEGIO
REAL.**

*Impreſſos em Lisboa, com licença da
ſancta Inquiſição, & do Ordina=
rio: em caſa de Antonio
Gõçaluez Impreſſor.*

1572.

traria á fee & bõs costumes, somente me pareceo que era necessario advertir os Leitores que o Author pera encarecer a difficuldade da nauegaçam & entrada dos Portuguezes na India, vsa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deosas. Todavia como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estillo Poetico, não tiuemos por inconveniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendo-a por tal, & ficando sempre salua a verdade de nossa santa fee, que todos os Deoses dos Gentios sam Demonios. E por isso me pareceo o Liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho, & muita erudição nas Sciencias humanas. Em fe do qual assiney aqui.

«Frey Bertholameu
Ferreira.»

Esta edição é rarissima. Conhecem-se mui poucos exemplares. Possuem-nos presentemente: a bibliotheca nacional de Lisboa; os srs. Fernando Palha (que a comprou aos herdeiros do bibliophilo Fernandes, do Porto), Henrique da Gama Barros, João Henrique Ulrich, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro (que a adquiriu no leilão da bibliotheca do finado conselheiro João Felix Alves de Minhava), conselheiro Venancio Deslandes (incompleto), em Lisboa.

O finado livreiro editor Bertrand referiu, e creio que tinha isso registado em suas notas bibliographicas, interessantes e aproveitaveis, que, nos primeiros annos em que tomára conta do estabelecimento, vendêra um ou dois exemplares da primeira edição por 6$400 réis.

Nos ultimos vinte e cinco annos, os preços têem subido sempre desde 30$000 réis até 90$000 réis, e tendem a elevar-se, por ter augmentado o numero dos verdadeiros camonianistas, e o desejo de completarem as suas collecções desde a primeira edição, o que é cada vez mais difficil, e difficilimo adquiril-a em perfeito estado de conservação.

No leilão dos livros do conselheiro Minhava, a que me referi, subiu ao elevadissimo lanço de 250$000 réis, offerecido pelo sr. Carvalho Monteiro, que ainda lançaria maior quantia se os seus competidores insistissem na licitação.

*
* *

3. *Os Lusiadas de Luis de Camões. Com privilegio real. Impressos em Lisboa, com licença da santa inquisição & do ordinario: em casa de Antonio Gonçalves impressor. 1572.* 8.º de 186 folhas numeradas, alem das 2 primeiras, contendo o rosto, privilegio e informação de qualificador. Edição igualmente mui rara. Na gravura do rosto, como se vê do *specimen* photo-lithographico que reproduzo, nota-se maior incorrecção nos traços do desenho e no trabalho do gravador, e a differença na posição do pelicano, que está voltado para a direita do leitor, quando o da anterior está para a esquerda.

A differença da gravura deu-se, emquanto a mim, por uma simples rasão artistica e typographica: isto é, ao passarem o desenho da primeira para a nova chapa, a gravura, como é natural, saíu ao contrario, ou ás vessas, e assim o gravador a reproduziu e saíu impressa.

Não é, porém, só esta differença, nem a da orthographia, nem a de um ou outro verso, que caracterisa a nova edição. Manuseando o livro, é evidente que os caracte-

res aldinos empregados não são perfeitamente iguaes, sendo mais sensivel a mudança do desenho nas letras capitaes, ou versaes, do começo de cada verso, pois na denominada primeira edição estão em correcta harmonia com os caracteres minusculos; ao passo que na segunda os versaes têem inclinação diversa dos minusculos, tornando a edição, na parte artistica, ainda menos bella.

O sr. visconde de Juromenha, no tomo I das *Obras* de Camões, citadas, pag. 446, poz o seguinte:

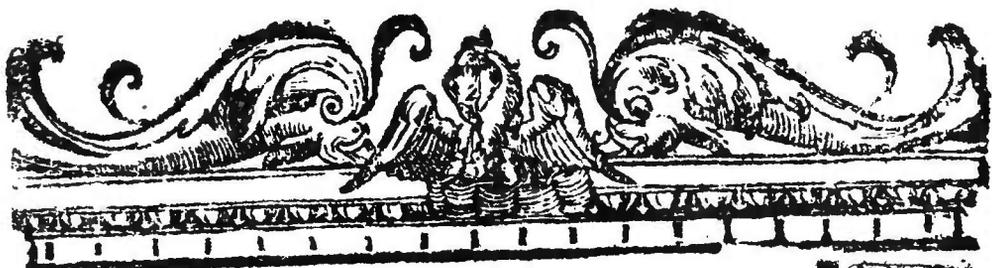
«Sobre estas duas edições tem-se suscitado uma questão, isto é, se a segunda foi realmente uma nova edição que saiu no mesmo anno, ou contrafacção da primeira. Eu estou persuadido que foi uma contrafacção d'esta, porém ordenada pelo mesmo auctor ou editor, retratada quanto foi possivel da edição *princeps*, com os mesmos typos para se não distinguirem d'aquella, que saiu no mesmo anno de 1572; podia tambem sair em epocha differente á da data marcada no frontispicio. O que deu logar a esta subtileza foi porventura a necessidade de evitar as delongas das licenças e censuras, ou alguma caballa que se levantasse contra a integral reimpressão do *Poema* sem as amputações que soffreu na edição seguinte (1584). Exemplos d'estas edições do mesmo anno, parecendo identicas no typo, mas com variantes no texto, se encontram de outros auctores, e os motivos podiam ser os mesmos.»

Afigura-se-me não ser facil demonstrar se a segunda edição saiu do prélo em 1572, ou durante a vida do poeta ou depois da sua morte; e não julgo difficil provar que não foi o impressor Antonio Gonçalves quem a fez.

Em primeiro logar, não me parece que elle necessitasse de fazer uma contrafeição. Devia de conservar a mesma gravura do rosto; ainda podia empregar os mesmos typos e não precisar certamente de recorrer a caracteres diversos. Illudiria a auctoridade e os censores com o proprio material de casa. Nem n'aquella epocha era natural que um impressor, estabelecido em o nosso paiz, podesse mudar de typo de um anno para o outro. Devia de contentar-se talvez por um periodo de muitos annos, com as pequenas porções de typo, que lhe fosse possivel reunir para a sua industria, que então não era muito procurada, nem muito lucrativa. E é provavel que o typo, no seculo XVI, tivesse fundição mais consistente e duradoura, do que a que sáe pela combinação do metal, modernamente, da maior parte das fundições européas; e como as tiragens eram mui limitadas, a conservação era muito maior.

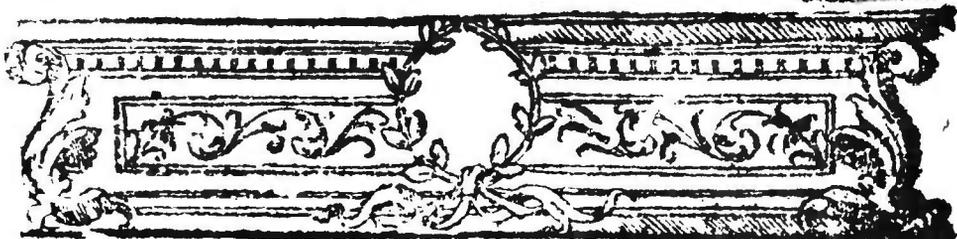
Se houvesse pessoa que tivesse a possibilidade de reunir, não só das bibliothecas publicas e particulares do reino, mas das do estrangeiro, o maior numero de exemplares das duas edições indicadas, a confrontação podia realisar-se porventura com bom exito, embora esteja persuadido de que, apesar d'isso, não se alcançaria uma certeza mathematica.

Seja qual for a hypothese, que se estabeleça para acertar com a pessoa que mandou imprimir de novo os *Lusiadas* com a data de 1572, o poeta entrou para esta nova edição com alguma porção de trabalho? Reviu-a? Alterou-a? Introduziu-lhe variantes notaveis na occasião da impressão ou no exemplar de seu uso, que passou a estranhos e serviu para nova edição? Sendo publicada depois da morte do poeta, quem a emendou? Quem se atreveu a tocar na maravilhosa obra de Camões? Não me considero habilitado para entrar n'essa averiguação.

Thomás Norton apreciava as duas primeiras edições de diverso modo, e n'uma interessante collecção de notas mss. camonianas, poz a seguinte:

OS LVSIADAS

de Luis de Ca-moẽs.

COM PRIVILEGIO REAL.

Impreſſos em Liſboa, com licença da ſancta Inquiſição, & do Ordina-rio: em caſa de Antonio Gõçaluez Impreſſor.

1572.

«Em 1572 publicaram-se duas edições dos *Lusiadas*. Esta é a 2.ª, e differe da 1.ª em que n'esta o pelicano olha para a nossa esquerda, e na 1.ª para a direita. O alvará n'esta tem 33 linhas, e na 1.ª 34. A data na 1.ª é por extenso, e n'esta numerica. Em geral, as terminações dos preteritos na 1.ª são em *am*, e n'esta em *ão*. E no canto III, est. 96, na 1.ª lê-se *liberdade*, e n'esta *liberalidade.*»

A esta nota segue, no mss. citado, a copia de uma carta de Rodrigo da Fonseca Magalhães, que mantinha as mais cordiaes e intimas relações com Thomás Norton, e n'ella lhe escreve, sob data de 28 de fevereiro de 1846:

«O Castilho (José Feliciano) remetteu-me tres exemplares dos *Lusiadas* todos de 1572. Dois com frontispicios iguaes, um com sua differença. Entre os dois primeiros ha breves differenças, que lhe fazem crer significarem ellas duas edições. O terceiro tem, como digo, o mesmo frontispicio e variantes com os dois primeiros, d'ahi resulta a opinião de que foram tres as edições d'aquelle anno. Não acho que sejam argumentos os que se empregam para se darem os dois primeiros volumes como representantes de duas edições, porque é mais que possivel, é provavel que na continuação da tiragem se fossem achando faltas, que se iam corrigindo sem desprezo das primeiras folhas, o que acontece com a do Morgado Mattheus. onde em uma das oitavas em logar de um D está H. Considerando a imperfeição dos prélos, da composição, dos correctores, de tudo, quem não vê que isto devia assim acontecer? Pois é em summa n'isto que se fundam os argumentos. = (A) *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*»

Em 1850, o conselheiro José Feliciano de Castilho já tinha entregue a *Memoria,* que adeante menciono, a sua magestade o imperador do Brazil, porém ainda estava convencido da existencia, até o presente não averiguada, de varias primeiras edições. N'uma carta a Norton escreve do Rio de Janeiro o seguinte:

«Sua magestade o imperador do Brazil, um dos mancebos de mais vasta intelligencia, e mais universal leitura que tenho conhecido, enunciou-me o desejo de lhe examinar um exemplar dos *Lusiadas,* que elle guarda como thesouro, e que era fama ter pertencido ao proprio Camões, e estar todo por elle annotado. Faz a honra d'este monarcha o dizer-se que a quem lhe deu este livro velho, encheu elle, por isso, de honras e mercês: ouço que o condecorou, que lhe deu uma caixa com brilhantes, e finalmente uma das melhores abbadias d'este imperio. Fiz um profundo estudo sobre este livro, e achei positivamente ser o famoso exemplar da livraria de S. Bento, de que falla o Trigoso, n'uma nota da sua memoria, o qual exemplar teve a sorte de todos os bons livros dos nossos conventos, foi roubado por um frade do mesmo mosteiro.

«Fiz então uma memoria de mais de cem paginas in-folio, demonstrando até a evidencia que não havia um vislumbre de fundamento na opinião que, desde o meado do seculo passado, attribue os commentarios manuscriptos d'este livro á penna de Camões. Ora agora, o que não é para uma cousa averiguada, é se este volume não foi do uso de Camões, o que me deixa suspeitar uma quasi illegivel indicação do frontispicio. O exame d'este novo exemplar da chamada segunda edição de 1572, confirma a desconfiança que a confrontação de varios livros d'essa data em mim suscitaram, a saber: primeiro, que não foram só duas, mas tres ou quatro as edições datadas de 1572. Segundo, que apenas uma foi realmente publicada n'esse anno, e todas as outras o foram subrepticiamente no intervallo que decorreu até 1584.=(A) *José Feliciano de Castilho.*»

Annos depois, José Castilho não mudára de opinião. V. a observação de Innocencio, no *Dicc.*, tomo V, pag. 251, n.º 1.

O padre Thomás José de Aquino no fim da edição, que dirigiu, e não é de certo das peiores que possuimos, poz a seguinte nota copiada textualmente:

«Ao tempo que estavam debaixo do Prélo as ultimas folhas d'este IV tomo, nos foi dito, que o Reverendissimo Padre Mestre, o Senhor Fr. Francisco de S. Bento Borba, Monge Benedictino, Doutor pela Universidade de Coimbra, dignissimo Deputado da Real Mesa Censoria, e bem conhecido pela vastidão da sua litteratura, possuia um exemplar da primeira Edição dos Lusiadas, com algumas notas marginaes, que se dizia serem do proprio punho do Auctor. Sem perda de tempo procurámos a este Doutissimo Religioso, o qual empenhado tanto na gloria do Poeta, como em tudo o que póde utilisar a Républica Litteraria, com a maior benevolencia e generosidade, nos facilitou o examinarmos o referido Livro em que não achámos outra cousa, que algumas notas bastantemente superficiaes, e pertencentes á Mythologia, de sorte que, posto que a letra de que estavam escriptas inculcasse bastante antiguidade, pois que já algumas se não liam, o juizo que fizemos foi, que as taes notas não haviam sido escriptas por Luiz de Camões; por quanto se não faz crivel, que hum tal homem se occupasse em explicar humas cousas facilimas de comprehender, ainda por aquelles que são menos instruidos em similhantes estudos, e deixasse outras que no mesmo Poema ha de summa difficuldade, e que mais necessitavam de declaração. Observámos, alem d'isto, que as mesmas notas escriptas em hum dos Exemplares da primeira Edição; os quaes por terem sahido consideravelmenle errados em muitos lugares, foram logo emendados pelo Poeta em outra, que se fez em Lisboa no mesmo anno de 1572, em que havia sahido essa primeira. E não nos devemos convencer, de que tendo Luis de Camões Exemplares certos, nos deixasse notas em hum dos que o não eram, principalmente não fazendo nellas menção (como não fazia) d'esses mesmos erros.

«Por todas estas razões, e porque os nossos Leitores tem no Index de João Franco Barreto, que lhes damos depois da Lusiada, huma noticia muito mais copiosa da Mythologia que o Poeta toca, julgámos estas notas menos dignas de attenção, e que se deviam omittir. Deixamos, porém, aqui esta advertencia, para que no caso que para o futuro appareçam se não entenda que escaparam á nossa diligencia.»

Na sua interessante memoria ácerca da *Primeira edição dos Lusiadas*, diznos o sr. Tito de Noronha (pag. 19 e 20):

«E estão perfeitamente caracterisadas as duas edições pelo rosto; conhece-se que são distinctas; mas não é só por isto; pela analyse typographica dos exemplares chega-se á convicção que são edições distinctissimas.

«Seguindo a ordem numeral do morgado de Matheus vê-se que na *primeira* o alvará de privilegio contém trinta e quatro linhas e a data está escripta por extenso —*vinte e quatro dias do mez de setembro*— e na outra trinta e tres linhas e a data em caracteres romanos —XXIIIJ *de setembro*— as linhas deixam de ser identicas na partição desde a vigesima segunda em diante.

«A paginação é igual, mas não é igual o olho do typo; n'uma os *st* ligados o *s* não excede o olho da letra; na outra, o *s* tem a fórma do *f* sem travessão; n'uma os *CC* versaes descem abaixo do olho da letra, contornando interiormente a letra que se lhe segue; na outra os *CC* terminam na linha inferior do olho da letra; alem d'isso, os reclames não estão justamente em pontos iguaes nas duas edições, bem como ambas são differentemente espacejadas em mais de um ponto.

«A orthographia, com quanto pouco uniforme em ambas, é tambem diversa entre as duas edições; na *primeira*, as terminações dos versos acabam em *am*, na outra em *ão*.

«Alem d'isso, ha differenças que bem caracterisam as duas edições, como

por exemplo o segundo verso da estancia 56 do canto IX, que na primeira se lê:

«Filho de *Maria* á terra, porque tenho»

«E na *segunda:*

«Filho de *Maya* etc.»

«Nas duas edições existem igualmente differenças de palavras, que as fazem distinguir, e erros que não são communs a ambas. A lista d'estas differenças seria longa. Quem mais por miudo quizer certificar-se do caso, póde consultar a edição do morgado de Matheus e o *Exame* de Trigoso, que ambos larga e copiosamente tractam do assumpto, e mais amplamente, as *differenças orthographicas,* na edição Juromenha, vol. VI (Lisboa, 1870), pag. 483 a 519.»

O conhecido e benemerito livreiro editor portuense, Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho (já fallecido), no estudo de propria lavra, que inseriu no seu *Jornal do Porto,* e depois poz á frente da edição dos *Lusiadas,* em 1881, inclina-se ao parecer do sr. Tito de Noronha, ácerca das duas primeiras edições. Veja-se a edição citada (de 1881), pag. LXIII a LXIX. É trabalho digno de se ler detidamente.

O estudo mais recente, que eu conheço, a respeito das duas primeiras edições, é o que se comprehende n'um importante livro publicado sob a direcção do sr. Saldanha da Gama, como digno, zeloso e erudito bibliothecario da bibliotheoa nacional do Rio de Janeiro, com a collaboração de diversos empregados: *Catalogo da exposição permanente dos cimelios da bibliotheca nacional.* (Rio de Janeiro, na typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1885. 8.° gr. de XI-1059 pag. e mais 11 innumeradas e 5 estampas photo-lithographicas). Vem n'esta obra de pag. 300 a 306. Devo um exemplar á benevolencia do illustre auctor, que m'o offereceu por intermedio do meu dedicado correspondente, amigo e favorecedor, sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães. O auctor, citando e transcrevendo parte do artigo do sr. Tito de Noronha, ao qual me referi acima, refuta algumas de suas asserções.

Darei a amostra da critica, que me parece estar dentro dos limites das hypotheses e apreciações, que tenho feito na serie de longas analyses a que sou obrigado em tão difficil assumpto. Bom é conhecer todas as opiniões, e testemunhar o interesse com que escriptores competentes e de levantado merito se entregam, com entranhado amor, a exames, que desanimam e enfadam pela aridez. De pag. 304 a 305, da obra citada, lê-se:

«As asserções — «que se não deve presumir que um impressor orthographe a mesma obra por dois modos differentes no mesmo anno, e que se esquecesse de dizer que a segunda era uma nova edição, visto que para isso tinha privilegio por dez annos» — não são tambem procedentes.

«Porque um impressor, no mesmo anno, não póde orthographar a mesma obra por duas fórmas differentes? Qual o obstaculo? Nas edições antigas, e ainda nas modernas, não se vêem as mesmas palavras orthographadas de modos differentes até na mesma linha?

«O privilegio concedido por dez annos para a impressão da obra, não isentava o auctor e o impressor das difficuldades e delongas de novo exame ou censura, caso quizessem reimprimir a obra. Esta, como pensam muitos, póde ter sido a causa de haver o impressor omittido a declaração de segunda á nova edição.

«Não nos parece provavel que Camões tivesse corrigido e dirigido pessoalmente a impressão da chamada segunda edição; mas, a similhança que existe entre as duas faz-nos crer que saíram ambas das officinas de Antonio Gonçalves no anno de 1572. A hypothese aventada pelo sr. Noronha de haver sido reimpressa a obra em 1585,

com os mesmos typos comprados a Antonio Gonçalves, não tem a menor probabilidade. No largo espaço de tempo de treze annos, estes typos, ou estariam completamente inutilisados, ou já muito gastos; e, quando não estivessem, não é de presumir que, em mãos de outra pessoa, tivessem produzido uma obra similhante á primeira.

«... a rasão de estar no *Summario de Lisboa* o pelicano com o collo voltado para a esquerda, e dever estar assim na primeira edição dos *Lusiadas*, não é valiosa. Não ha duvida que se fizeram duas portadas; uma tem o pelicano com o rosto voltado para a esquerda, outra o tem com o rosto voltado para a direita. É certo tambem, como diz o sr. Noronha, que a que foi empregada no *Summario* é a que traz o pelicano com o collo voltado para a esquerda. Qual d'ellas, porém, foi empregada na primeira edição e qual na segunda? É este exactamente o ponto da duvida, que o sr. Noronha não resolve. A razão que dá não é bastante para affirmar-se que a chamada *segunda* edição é que é a primeira, por isso que tem o pelicano com o rosto voltado para a esquerda.

« Em um ponto estamos de perfeito accordo com o sr. Tito de Noronha: é quando combate a opinião do conselheiro José Feliciano de Castilho, que entende que, com a data de 1572, houve talvez quatro, e pelo menos tres edições. Em verdade, a explicação que dá o sr. Noronha das variantes encontradas pelo conselheiro Castilho é muito plausivel: «As differenças que porventura se possam «encontrar em exemplares similhantes provém de se terem baralhado cadernos «ou mesmo folhas dos dois exemplares, ou mesmo de se haver entresachado em «exemplares incompletos quaesquer folhas de edições posteriores e parecidas. «Por esta fórma, duas edições podem parecer tres ou quatro, e mais até, por não «conferirem rectissimamente em todas as suas folhas, com quanto apparentem «um todo commum.»

Todos os escriptores e bibliographos têem dado, até o presente, ás primeiras edições o formato em 4.º Tenho duvidas a respeito d'essa classificação, e porei aqui as rasões em que me fundo.

O formato de um livro, cuja verificação é uma das primeiras difficuldades da bibliographia, não é o que se representa á vista; mas é determinado pela sua composição ou feitura, nas relações artisticas entre o impressor, propriamente dito, e o encadernador. Por esse motivo, cada folha que sáe das mãos do typographo para as do impressor tem, para guia e certeza da tiragem e da encadernação, uns signaes, que na technologia typographica são denominados *rubricas* ou *assignaturas*. Com ellas, o impressor sabe como ha de *tirar* e *retirar* a folha, isto é, o que é a primeira tiragem ou *branco*, e segunda tiragem ou *retiração*; e o encadernador sabe como ha de dobrar a folha e dar a *fórma* ou o *formato* ao livro. Para determinar, pois, ao livro o formato em 4.º, bastavam antigamente duas *assignaturas* na folha, uma na primeira pagina, e outra na terceira; uso que os modernos processos typographicos, e a melhor educação dos artistas, tem modificado.

Ao examinar mais attentamente pela primeira vez e com o alvoroço de amador um exemplar da edição *princeps* dos *Lusiadas*, estranhei que cada folha tivesse quatro *assignaturas* *A*, *A* 2, *A* 3, *A* 4, correspondendo á primeira, terceira, quinta e setima paginas; e conhecendo a classificação dada pelos bibliographos, repetida de uns para outros, naturalmente sem poderem fazer previo e directo exame, pensei, de mim para mim, que essa classificação podia ser errada.

Depois, proporcionou-se-me ver um exemplar desmanchado, que estava para lavar, completar com reproducções photo-lithographicas onde havia faltas, e encadernar de novo; e vi que as *assignaturas* tinham determinado desde logo uma tiragem em 8.º e não em 4.º, porque o *branco* e a *retiração* casavam perfeita-

mente e não davam outro formato senão o 8.º, e esse fôra o proposito do editor ou impressor.

Objectar-se-ha que as linhas de agua do papel testemunham que ali está um 4.º e não um 8.º Acceitando a objecção responderei que não entro n'essa apreciação, porque não posso indicar qual era a fórma total do papel empregado para a impressão dos *Lusiadas*, nem de qual localidade, nem em quaes condições foi fornecido ao impressor.

Ácerca do exemplar que pertence ao imperador do Brazil, o sr. D. Pedro II, e da *Memoria* que escreveu o conselheiro José Feliciano de Castilho, citados no *Dicc.*, tomo v, pag. 251, devo acrescentar o seguinte:

No *Catalogo da exposição camoniana* realisado pela bibliotheca nacional do Rio de Janeiro a 10 de junho de 1880 (tri-centenario de Camões), em o n.º 1, descripção do exemplar pertencente a sua magestade o imperador, leio esta nota:

«Precioso exemplar com as caracteristicas da chamada segunda edição. Traz na folha do privilegio, em uma linha e por letra do tempo esta curiosissima indicação meio apagada: *Luiz de Camões, seu dono 576*.

«Foi no seculo passado propriedade do monge theatino fr. João Baptista, passou ao poder do benedictino fr. Alexandre da Paixão, e por morte d'este á livraria do convento de S. Bento da Saude em Lisboa. Já n'este seculo veiu ter ás mãos de fr. João de S. Boaventura Cardoso, o qual de Santa Catharina, por intermedio do fallecido senador José da Silva Mafra, o offereceu em 1845 a sua magestade o imperador, actual possuidor do livro. (Vide *Memoria* do conselheiro José Feliciano de Castilho, 1880.)»

A *Memoria*, a que se referiu Innocencio, e é citada pelo auctor do *Catalogo*, estava inedita á publicação do tomo v do *Dicc.*, e fôra escripta em 1848 só para sua magestade o imperador. Por occasião das festas do tri-centenario camoniano, o sr. D. Pedro II deu licença ao então bibliothecario da bibliotheca nacional do Rio de Janeiro, sr. Ramiz Galvão, para que a mandasse copiar, e fizesse imprimir no tomo VIII dos *Annaes* da mesma bibliotheca, e d'ahi foi impressa em separado, como nova homenagem em tão grandiosa solemnidade.

Ahi se lê (pag. 10):

«Este exemplar da *(chamada)* segunda edição dos Lusiadas, de 1572. era mui conhecido em Portugal, onde occupou frequentemente a attenção dos bibliographos e dos admiradores de Camões. A tradição attribuia a este livro a inapreciavel honra de ter pertencido ao proprio auctor dos Lusiadas (o que é mui possivel, talvez provavel) ;dizia-se ser letra do poeta o muito que em tão curioso livro apparece manuscripto; o que, tudo o tornava objecto de particular culto e veneração.»

E na pag. 24 para 25:

«. . . decididamente julgo não poder ser objecto de questão:

«*que nunca foram de Camões as notas que se escreveram no exemplar de sua magestade imperial.*

«É, porém, mui possivel, provavel mesmo, que este volume pertencesse ao principe dos poetas portuguezes, pois por baixo do alvará se lêem as palavras — *Luiz de Camões seu dono* — as quaes são de um caracter mui conforme com o do seculo XVI, — de letra, de que não torna a apparecer uma palavra em todo o decurso do volume, — e phrase emfim escripta sem affectação, correntemente, e com

tal negligencia que até as palavras, ainda frescas, foram roçadas, a ponto de quasi se tornarem inintelligiveis, o que tira a idéa de um calculo doloso. Cumpre entretanto notar que n'essa linha o appellido está escripto *Camoens*, isto é, differentemente do modo como o poeta o imprimiu.

«A serem pois fundamentadas as minhas observações:

«este exemplar pertenceu na primitiva a Luiz de Camões, o qual todavia n'ell não escreveu uma só linha de conceitos.»

Ao que o sr. dr. Ramiz Galvão põe esta nota:

«Aqui parece ter-se enganado o conselheiro Castilho. O auxilio da lente deix perceber distinctamente *Camões*, ainda que á primeira vista se possa crer na intercalação de um *n* pelo já mencionado effeito do roçado da tinta.

«E alguma cousa mais. Adiante da phrase *Luiz de Camões seu dono*, com o auxilio da mesma lente se distingue, posto que apagadissima, a data *576*. Este facto corrobora a hypothese de haver pertencido ao poeta este precioso volume e traz para a discussão do assumpto mais um argumento de peso, que é pena tivesse escapado ao sagacissimo auctor da *Memoria*.»

D'esta segunda edição, são conhecidos os seguintes exemplares em Lisboa da academia das sciencias, da bibliotheca nacional (dois, um em melhor estado de conservação, que o outro); dos srs. Fernando Palha, conselheiro Gama Barros (que pertenceu ao fallecido José Maria da Fonseca); bacharel Antonio Augusto de Carvalho Monteiro (que o adquiriu no leilão dos livros do conselheiro Minhava), e João Henrique Ulrich; no Porto: o sr. dr. José Carlos Lopes; no Brazil: sua magestade o imperador, o gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro, e a bibliotheca nacional da mesma cidade; e em Paris: a bibliotheca nacional. O exemplar da segunda edição, que possue a bibliotheca nacional do Rio de Janeiro, foi comprado em 1880 ao livreiro editor, sr. B. L. Garnier por 405$000 réis (moeda fraca). Pertencêra a D. Diogo de Rocaberti y de Pau, cuja assignatura autographa vem na folha do rosto. Está em perfeito estado de conservação.

Os preços têem sido desde 30$000 até 90$000 réis, com tendencia para alta. O sr. Carvalho Monteiro adquiriu o seu exemplar, no leilão de Minhava, por 250$000 réis. Veja-se o que escrevi a este respeito, quando tratei da primeira edição.

No leilão de livros do fallecido José Gomes Monteiro um exemplar, falto de rosto, mas no restante em soffrivel estado de conservação, foi arrematado para o sr. dr. José Carlos Lopes por 14$200 réis.

Quando falleceu o conselheiro José da Silva Mendes Leal (em Cintra, 22 de agosto de 1886) appareceu dois dias depois publicado o seu testamento, e um dos legados a seu cunhado o sr. Frederico Biester, negociante e vereador da municipalidade de Lisboa, foi o exemplar da *mui rara* edição dos *Lusiadas* de 1579. Como não vi nunca esse livro, e por me lembrar que o finado escriptor o tinha em grande apreço, empreguei as possiveis e convenientes diligencias para que a viuva, ou o legatario, me favorecessem permittindo que eu o examinasse. Não o consegui, porém, até a hora de entrar no prélo esta folha, por me responderem que o livro ficára em Madrid; comtudo, logo que viesse com o espolio, que fôra mandado vir para Lisboa, me seria mostrado. Passado um mez, tive, por parte da ex.ma viuva, nova informação: nem em Lisboa, nem em Madrid fôra encontrado o exemplar citado. Se o acharem tratarei, opportunamente, d'elle, pois a data de 1579 desperta-me a mais viva curiosidade.

OS LVSIADAS

DE LVIS DE CAMÕES.

¶ *Agora de nouo impresso, com algũas Annotações, de diuersos Autores.*

¶ *Com licença do Supremo Conselho da Sancta & Geeral Inquisição, por Manoel de Lyra.*

Em Lisboa. Anno de 1584.

rebelde o Camões, porque conjurou cõtra a patria, & leuantandose com a Cidade de Euora, & suas comarcas, matou em batalha o capitão daquella prouincia, & fez seu assento na cidade.

* *Conta os arcos por onde vẽ a agoa à cidade. Chãmalhe argento, porq̃ se chama agoa da prata.*

† *Foy tomada aos Mouros por Giraldo sem pauor.*

Ia na cidade Beja vay tomar, 46
Vingança de Trancoso destruida,
Affonso que não sabe sossegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Não selhe pode muito sostentar
A Cidade: mas sendo ja rendida,
Em toda a cousa viua, a gente yrada,
Prouando os fios vay da dura espada.

Com estas sojugada foy Palmella, 47
E a † piscosa Cizimbra, & juntamente
Sendo ajudado mais de sua estrella
Desbarata hum exercito potente:
Sentio o a Villa, & vio o a serra della,
Que a socorrella vinha diligente.
Pella fralda da serra descuidado,
Do temeroso encontro inopinado.

† *Chama piscosa, porq̃ em certo tẽpo se ajunta ali grãde cãtidade de piscos, pera se passarẽ a Affrica.*

*
* *

4. *Os Lvsiadas de Lvis de Camões. Agora de nouo impresso com algũas Annotaçoens de diuersos Autores. Com licença do Supremo Conselho da Sancta & geral Inquisição, por Manoel de Lyra. Em Lisboa. Anno de 1584.* 8.º de XII-(innumeradas)-280 fol. — Tem portada gravada; e depois da licença e da taboada outra gravura, que antecede o poema. Para evitar as descripções dos desenhos, que nem sempre saem perfeitamente correctas, reproduzi não só as mencionadas estampas, mas a pagina onde o annotador poz a celebre nota dos *piscos*, que deu o nome a esta edição. Ficam assim bem visiveis os seus caracteristicos; isto é, alem das duas gravuras, vê-se que a impressão do poema foi feita em typo redondo (especie de interduo, ou corpo 10 moderno), e em italico as annotações, que se referem ás estancias. Os cantos têem argumentos.

Note-se que o censor d'esta edição foi o mesmo da primeira edição, e que deu o seu parecer da seguinte fórma, aliás mui simples, embora honrosa para o poeta, estranhando-se por isso que elle consentisse que o livro saísse tão notavelmente deturpado.

«Vi por mandado do Illustrissimo & Reverendissimo Senhor Arcebispo de Lisboa, Inquisidor Geral destes Reynos, os *Lusiadas* de Luis de Camões, com algũas glosas, o qual liuro asi emmendado como agora vay, não tem cousa contra a fee & bõs costumes, & póde se imprimir. E o autor mostrou nelle muito engenho, & erudição. *Fr. Bertholameu Ferreira.*»

A licença para a impressão, datada de Lisboa a 15 de maio de 1584, é assignada por *Manoel de Coadros, Paulo Afonso* e *Iorge Sarrão.*

Como se sabe, esta é a edição revista e deturpada pelos jesuitas. Veja-se a observação, que acompanha a descripção feita no *Dicc.*, tomo V, pag. 251. de lin. 40.ª a 50.ª; e o que escreveu o sr. visconde de Juromenha, nas *Obras* citadas, tomo I, pag. 447 a 449, e especialmente a pag. 448, do penultimo paragrapho em diante.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (dois, defeituosos); e os srs. Fernando Palha (que era o da copiosa bibliotheca de Fernandes, do Porto), conselheiro Henrique da Gama Barros, João Henrique Ulrich, João Antonio Marques (incompleto), e Antonio Augusto de Carvalho Monteiro (que era o da collecção do conselheiro Minhava); em Villa Real, casa de Matteus, o sr. conde de Villa Real (que era o da collecção de José Gomes Monteiro); no Porto, os srs. Antonio Moreira Cabral, visconde da Ermida e João Vieira Pinto (fallecido); na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro possuiu um Francisco Maria Cordeiro, já fallecido (este exemplar passou para o seu irmão, sr. Luciano Cordeiro, de quem já tratei no tomo antecedente).

Os preços dos exemplares d'esta edição têem variado desde 30$000 a 90$000 réis, por serem considerados tão raros como os das primeiras edições. Os colleccionadores, ainda quando os exemplares apparecem defeituosos, fazem subir muito o seu valor. No leilão dos livros do fallecido Gomes Monteiro, do Porto, subiu a 106$000 réis, para o sr. conde de Villa Real; e no do fallecido conselheiro Minhava, o sr. Carvalho Monteiro adquiriu o exemplar que possue por 180$000 réis.

Um dos velhos Bertrands, mais dado a assumptos bibliographicos, que tomava de vez em quando notas interessantes ácerca de edições mais raras, ou menos conhecidas, que lhe passavam pelas mãos nos vastos armazens da sua antiga

livraria, no antigo Chiado (hoje, rua Garrett), asseverava que a edição dos *piscos*, que possuia Minhava, lh'a vendêra elle por — *sete cruzados novos* (3$360 réis)!

*
* *

5. *Primeira parte dos Avtos e Comedias portvgvesas, feitas por Antonio Prestes & por Luis de Camões, & por outros Autores Portugueses, cujos nomes vão nos principios de suas obras. Agora nouamente juntas & emendadas nesta primeira impressão, por Affonso Lopez, moço da Capella de sua Magestade, & á sua custa. Impressas com licença & priuilegio Real. Por Andrés Lobato Impressor de liuros. Anno* M.D.Lxxxvij. 8.° gr. de 179 fl. numeradas pela frente.— Tem portada formada de vinhetas, mas de desprimorosa composição typographica.

A censura é de *Fr. Bertolameu Ferreyra.* A licença para a impressão tem a data de Lisboa de 2 de setembro de 1586, e a assignatura de *Iorge Serrão* e *Antonio de Mendoça.*

N'este livro é que appareceram pela primeira vez os dois autos de Camões: *Auto dos Enfatriões,* que corre do fim de folh. 86 a folh. 101, e o *Auto de Filodemo,* que vae de fl. 143 v. a fl. 163.

V. o *Dicc.,* tomo I, pag. 241 e 242: e tomo VIII, pag. 288; e o tomo I das *Obras,* pelo sr. visconde de Juromenha, pag. 449.

A bibliotheca nacional de Lisboa possue um exemplar, posto que incompleto, d'este rarissimo livro. No Porto fez-se uma reimpressão d'este modo:

Autos de Antonio Prestes. 2.ª edição, extrahida da de 1587. Revistos por Tito de Noronha. Porto, imp. Portugueza, 1871. 8.° de XI-503 pag.—N'esta reproducção só entraram os sete autos de Antonio Prestes. Não foram, portanto, incluidos os restantes trabalhos de outros auctores, que figuravam na edição de 1587, acima notada.

*
* *

6. *Os Lvsiadas de Lvis de Camões. Agora de nouo impresso, com algũas anotações de diuersos Autores. Com licença do Supremo Conselho da Sancta, e geral Inquisição, por Manuel de Lyra. Em Lisboa. Anno de 1591.* 8.° de 4 in-186 fl. numeradas só pela frente, e mais 34 fl. innumeradas com as annotações. A numeração do poema chega só até a fl. 184, e as duas seguintes não têem numero.— O frontispicio tem gravura igual á da edição de 1584. A impressão é em caracteres redondos communs.

A censura e a licença têem as assignaturas e a data da edição dos *piscos.* Por esta circumstancia se julgou que era reproducção fiel da de 1584; engano. Não só o editor fez córtes em as notas, incluindo a celebre dos *piscos,* mas reuniu as notas no fim do poema. Tambem não ajuntou a taboada.

Não sei como poderá explicar-se porque, sendo notavelmente modificada esta edição, e apparecendo sete annos depois da de 1584, não foi necessario tirar nova licença, e veiu á luz com a que já tinha sido concedida n'aquelle anno, quando é certo que para cada edição corria novo processo nos tribunaes competentes. Os

que pretendiam melhorar, de certo modo, a edição de 1584, consentiriam n'isso, com a idéa de a inutilisar?

Em alguns exemplares, como o da bibliotheca nacional de Lisboa, nas duas ultimas folhas faltam os n.os 185 e 186.

Possuem exemplares: em Lisboa, sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I, a bibliotheca nacional (defeituoso), os srs. Fernando Palha (que era o da collecção Fernandes, do Porto), e Antonio Augusto de Carvalho Monteiro (que pertencêra á collecção Minhava); na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto.

O da collecção Fernandes fôra comprado por este pelo preço de 90$000 réis. O do sr. Carvalho Monteiro foi adquirido, no leilão Minhava, por 151$000 réis.

Por um exemplar da edição de 1591 o illustre e benemerito bibliophilo conde de Azevedo, já fallecido, offerecia em tempo 80$000 réis. Li isto n'uma nota autographa em um livro que pertencêra ao sr. Camillo Castello Branco (hoje visconde de Correia Botelho).

O exemplar de el-rei o sr. D. Luiz pertenceu ao sr. José Homem de Sousa Pizarro, que o offereceu a sua magestade. Não está perfeito.

*
* *

7. *Rhythmas de Lvis de Camoes, Diuididas em cinco partes. Dirigidas ao muito Illustre senhor D. Gonçalo Coutinho. Impressas com licença do supremo Conselho da geral Inquisição, & Ordinario. Em Lisboa, Por Manoel de Lyra, Anno de* M. D. LXXXXV. *A custa de Esteuão Lopez mercador de libros.* 8.º de 8 in-166 fl. numeradas só pela frente, e mais 4 innumeradas com a taboada. — Tem no rosto uma vinheta, posto que em maiores dimensões, igual á que se vê na edição de 1621, que reproduzo no logar competente.

É a edição *princeps* das *Rimas*, e muito rara. As licenças são datadas de Lisboa a 17 de novembro e a 3 de dezembro de 1594. O privilegio é concedido por Filippe II, pelo tempo de dez annos, a Estevão Lopes, para imprimir «*varias Rimas poeticas de Luis de Camões, que inda não forão impressas: & para se tornar a imprimir o liuro dos seus Luziadas q̃ já foy impresso, por agora auer poucos, & porque tiuera trabalho em ajuntar as ditas obras, & gastara muito na impressam*».

Seguem a dedicatoria; os dois epigrammas de Manuel de Sousa Coutinho a Camões e a D. Gonçalo Coutinho; e os sonetos de Luiz Franco, em italiano; de Diogo Bernardes, e de Diego Taborda Leitão.

Na dedicatoria de Estevão Lopes a D. Gonçalo Coutinho, datada de Lisboa a 27 de fevereiro de 1595, allude-se ao alto serviço feito a Luiz de Camões por esse fidalgo: «*Mas como não ey de exalçar até o ceo a magnifica & mui heroica obra que v. m. fez em dar sepultura honrada aos ossos deste admirauel varão, que pobre & plebeiamente jazião no Mosteiro de santa Anna*», etc. A composição é alternadamente em caracteres aldinos e redondos.

O prologo é do licenciado Fernão Rodrigues Lobo Suropita, o qual, depois de varias definições, dá a rasão da divisão da obra, d'este modo:

«Seguese a diuisão da obra, que vai repartida em cinco partes, porque o numero quinquenario pertence particularmente a obras de poesia e eloquencia... Seguindo pois esta diuisão se deu a primeira parte aos sonetos, por ser composição de mais merecimento, por causa das difficuldades della, assi em não admittir nenhũa palaura ociosa, nẽ de pouca efficacia, como em auer de cerrar toda a materia delle dentro no limite de quatorze versos, fechando o vltimo tercetto de maneira, que naõ fique ao entendimento desejo de passar áuante, cousa em que muitos poetas, que andaõ nas asas da fama, teveraõ pouca felicidade. A segunda parte se deu ás Canções e Odes, que respondem aos versos Lyricos... A terceira, a Elegias & Oitavas... A quarta, a Eglogas... A quinta, & vltima parte se deu as grosas & voltas, & outras composições de verso pequeno...»

Effectivamente, as *Rimas* são divididas em cinco partes:

Primeira: dos sonetos.
Segunda: canções, sextinas e odes.
Terceira: das elegias e algumas oitavas.
Quarta: dos eglogas.
Quinta: das redondilhas, motes, esparsas e glosas.

O livro acaba com dezenove quadras intituladas *Sentenças do autor por fim do livro.*

A primeira é:

Vay o bem fugindo
cresce o mal cos annos
vanse descubrindo
co tempo os enganos

A ultima é:

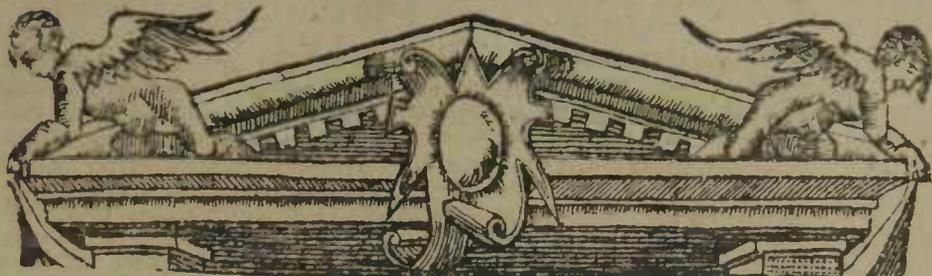
No meu mal esquiuo
Sey como amor trata
& pois nelle viuo
nenhũ amor mata.

Note-se que existe erro em a numeração da fl. 167, que deve ser 169; e na fl. 166, que deve ser 170. A elegia *terceira* tem repetida a designação de *segunda.*

N'esta edição colligiram-se as seguintes composições de Camões: 66 sonetos (fol. 1 a 21 v.); 10 canções (fol. 22 a 42); 6 sextinas e 1 terceto (fol. 42 a 43); 5 odes (fol. 43 a 50 v.); 3 elegias (fol. 51 a 59 v.); um capitulo em tercetos (fol. 59 v. a 60 v.); oitavas (fol. 60 v. a 70 v.); 8 eglogas (fol. 71 a 134 v.); e redondilhas, motes, esparsas e glosas (fol. 135 a 170 v.).

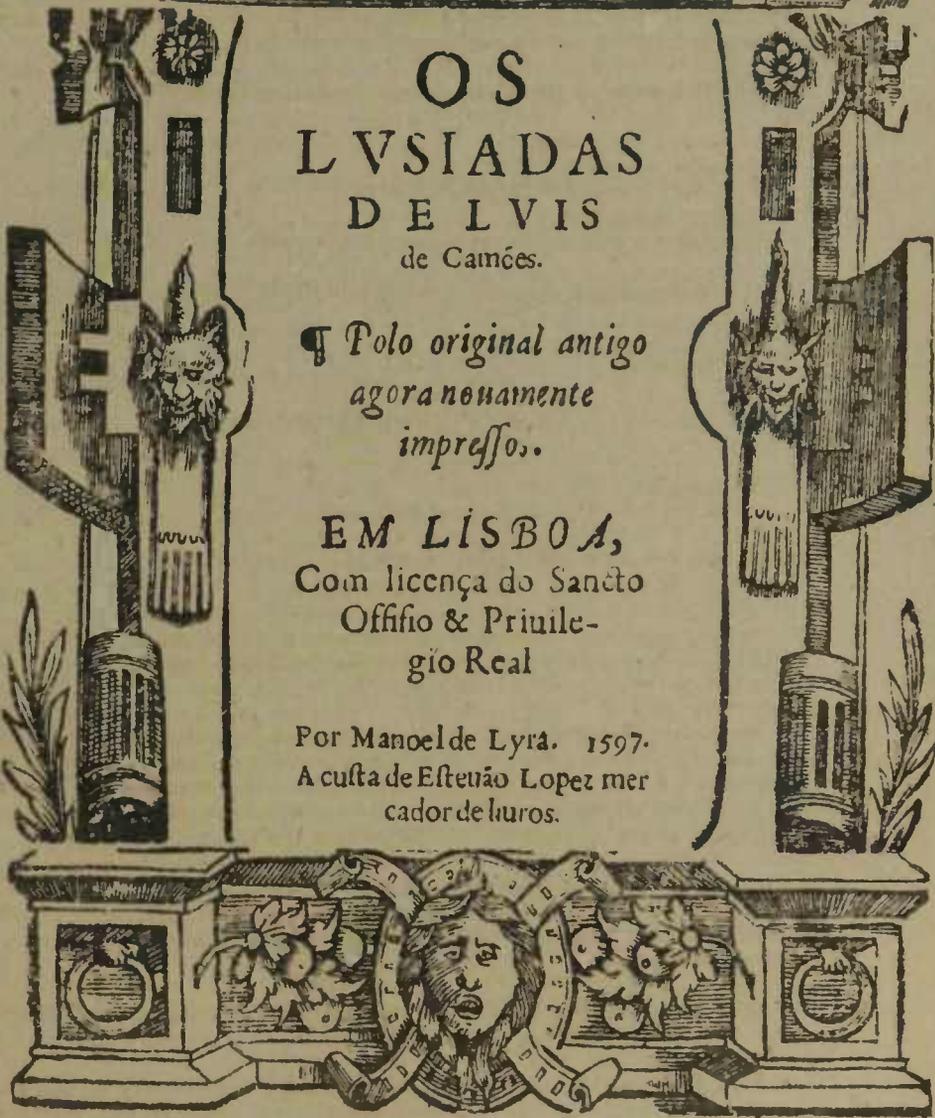
São conhecidos exemplares: em Lisboa, da bibliotheca nacional, dos srs. Fernando Palha, e Antonio Augusto de Carvalho Monteiro; no Porto, do sr. dr. José Carlos Lopes; em Ponta Delgada, do sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, da bibliotheca nacional.

No leilão dos livros de José Gomes Monteiro foi arrematado um exemplar, para o conselheiro Minhava, por 36$500 réis.

Quando ía a entrar no prelo esta folha, recebi do illustre camonianista e meu desvelado favorecedor, sr. dr. José Carlos Lopes, uma carta, em que me participava ter arrematado por 95$000 réis um magnifico exemplar das *Rimas*, edição de 1595; e acrescentava:

OS LVSIADAS DE LVIS de Camões.

¶ *Polo original antigo agora nouamente impresso.*

EM LISBOA,
Com licença do Sancto Offisio & Priuilegio Real

Por Manoel de Lyra. 1597.
A custa de Esteuão Lopez mercador de liuros.

«A descripção, que v. dá, concorda plenamente, com a que eu poderia dar, em face do exemplar, que acabo de adquirir, salvando a omissão de uma folha, a que nem v. se refere, nem o sr. Saldanha da Gama. Essa folha traz na frente um *Soneto de Francisco Lopes ás obras de Luis de Camões,* e no verso *As erratas* (ás *Rimas)* e que é o mesmo que se encontra na edição de 1598.»

*
* *

8. *Os Lvsiadas de Lvis de Camões. Polo original antigo agora nouamente impressos. Em Lisboa, Com licença do Sancto Offisio & Priuilegio Real Por Manoel de Lyra. 1597. Á custa de Esteuão Lopez mercador de liuros.* 8.º de 2 (innumeradas)-186 fl. numeradas só pelo rosto. — Em caracteres aldinos. O frontispicio, gravado, é conforme a fiel reproducção que dou na frente.

A censura, que não tem data, é de fr. Manuel Coelho, que escreveu :

«Vi estas obras de Luis de Camões, as quaes foram já muitas vezes impressas & emendadas; mas assi como vão não tem cousa contra a nossa Sancta Fè & bõs costumes. Não lhe borrey algũs vocabulos de que o autor muitas vezes vsa, que já algũs lhe notarão, como he fallar em Deoses, em Fado, vsar deste vocabulo Diuino, &c. Porque primeiramente este vocabulo deoses he vsado na Sagrada Escritura a cada passo, entendendo por deoses, os Deoses falsos dos Gentios, & que o autor assi o entende está claro por que o dis», etc.

A licença, para a impressão, que segue á censura, tem a data de 15 de novembro de 1594.

No alvará de licença e privilegio de dez annos, com data de 30 de dezembro de 1595, concedidos a Estevam Lopes, livreiro em Lisboa, lê-se o seguinte:

« . . . que eu ouvera por bem de lhe dar licença por elle ter já a da Sancta Inquisição & do Ordinario, para se poderem imprimir varias Rimas poeticas de Luis de Camões, que inda não foram impressas; e para se tornar a imprimir o livro dos seus Lusiadas que já foi impresso, por agora haver poucos, e porque tivera trabalho em ajuntar as ditas obras, e gastara muito na impressão, me pedia ouvesse por bem de lhe conceder privilegio, para ninguem poder imprimir, nem vender os ditos livros sem sua licença, e receberia mercê. E visto seu requerimento, & por lha fazer: ey por bem & me praz que por tempo de dez annos, nenhum imprimidor, nem liureyro algum nem outra pessoa de qualquer qualidade que seja, não possa imprimir, nem vender em todos estes Reinos & Senhorios de Portugal, nem trazer de fóra delles os ditos liuros, senão aquelles liureiros, e pessoas que para isso tirarem licença do dito Estevão Lopez. E qualquer imprimidor, liureyro, ou pessoa que durando os ditos dez annos, imprimir, ou vender os ditos liuros de Varias Rimas, & o dos lusiadas de Luis de Camões, nos ditos Reynos, & Senhorios, ou os trouxer de fóra delles sem licença do dito Esteuão Lopez, perderá para elle todos os volumes que assim imprimir, vender, ou de fóra trouxer», etc.

Note-se que a fol. 152 é 148. Os titulos das folhas têem á direita : *Os Lvsiadas de L. de Ca.,* abreviatura usada em outras edições subsequentes.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (dois, encadernados, sendo um em melhor estado que o outro), os srs. Fernando Palha, e Antonio Augusto de Carvalho Monteiro; no Porto, a bibliotheca publica, os srs. conde de Samodães, dr. José Carlos Lopes, Antonio Moreira Cabral e visconde da Ermida;

em Vianna do Castello, o sr. João Luiz Monteverde da Cunha Lobo; em Coimbra, a bibliotheca da universidade; na ilha de S. Miguel, o sr. José de Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

Os preços d'esta edição têem variado em diversos leilões desde 9$600 até 18$000 réis. Ultimamente, no leilão Minhava subiu a 80$000 réis, e foi adquirido pelo sr. Albino Leite de Campos, segundo disseram, para o sr. Francisco Gomes de Amorim.

*
* *

9. *Rimas de Lvis de Camões, accrescentadas nesta segunda impressão. Dirigidas a D. Gonçalo Coutinho. Impressas com licença da santa Inquisição. Em Lisboa. Por Pedro Craesbeeck. Anno* M. D. XCVIII. *A custa de Esteuão Lopez mercador de libros. Com Priuilegio.* 4.º de 8 in-202 fl. numeradas pela frente e mais 5 innumeradas com a taboada, começando esta no verso da fl. 202.

Com excepção das paginas preliminares, incluindo os sonetos de homenagem a Camões, menos um, todo o livro é impresso em caracteres italicos. Reproduz, com algumas emendas, a edição de 1595; e tem mais que esta 39 sonetos, 5 odes, 1 terceto (*Despois que Magalhaẽs teue tecida),* e 3 cartas.

O prologo começa: «Depois de gastada a primeira impressão das Rimas deste excellente poeta, determinando dallo segunda vez á estampa, procurei que os erros, q̃ na outra por culpa dos originaes se cometerão, n'esta se emmendassem de sorte, que ficasse merecendo conhecer se de todos por digno parto do grande engenho de seu autor ...» Depois de notar os erros, que se tinham reconhecido na diversidade das copias, e o trabalho a que se dera o editor de restabelecer a belleza e a graça da composição de Camões, conclue: «acrescentando a esta segunda impressão quasi outros tantos sonetos, cinco odes, alguns tercetos e tres cartas em prosa, que bem mostrão não desmerecem o titulo de seu dono. Na vontade com que se aceite só quero...»

Nas paginas preliminares vem: a licença datada de 8 de maio de 1597; o privilegio; a dedicatoria a D. Gonçalo Coutinho por Estevão Lopes, datada de 16 de janeiro de 1598; os dois epigrammas de Manuel de Sousa Coutinho (fr. Luiz de Sousa); o soneto italiano de D. Leonardo Turricano a Camões; do Tasso; do licenciado Gaspar Gomes Pontino; de Diogo Bernardes; de Francisco Lopes; de Diogo Taborda Leitão; e de um amigo (anonymo). Nas duas ultimas paginas vem o prologo ao leitor, sem assignatura. O soneto de Torquato Tasso é o seguinte:

Vasco, le cui felici, ardite antenne
Incontro al Sol, che ne riporta il giorno
Spiegar le vele, e fer colà ritorno
Ne egli par, che di cadere accenne;

Non più di te per aspro mar sostenne
Quel, che fece al Ciclope oltraggio, et scorno:
Ne chi turbo l'Arpie nel suo soggiorno,
Ne diè più bel subietto à colte penne.

Et hor quella del colto, e buon Luigi
Tant'oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andar men lunge.

Ond'à quelli, a cui s'alza il nostro Polo,
E achi ferma incontra i suoi vestigi,
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

RIMAS
DE LVIS DE CAMOẼS.

ACRESCENTADAS NESTA
Terceyra impressaõ.

Dirigidas a Inclyta Vniuersidade de Coimbra.

Impressas com licença da sancta Inquisiçaõ.
EM LISBOA.
Por Pedro Crasbeeck. Anno 1607.
A custa de Domingos Fernandez mercador de libros.
Com Priuilegio.

Este soneto foi traduzido pelo sr. José Ramos Coelho (v. *Dicc.*, tomo XIII, pag. 375); reproduzido no tomo I das *Obras*, pelo sr. visconde de Juromenha, pag. 179 e 180; e posteriormente, em preito ao centenario camoniano, pelo sr. Pereira Caldas, de Braga, como adiante mencionarei.

Possuem exemplares d'esta edição de 1598: em Lisboa, a bibliotheca nacional, os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro e João Antonio Marques; no Porto, os srs. dr. José Carlos Lopes e Moreira Cabral; e em Coimbra, a bibliotheca da universidade.

Os preços têem ultimamente variado entre 12$000 e 13$500 réis.

*
* *

10. *Rimas de Luiz de Camões*. 1601.—Edição duvidosa. V. o que ficou posto no *Dicc.*, tomo V, pag. 252, n.º 9; e no tomo I das *Obras*, pelo sr. visconde de Juromenha, pag. 453. V. tambem o que transcrevo a proposito de uma supposta edição de 1608, existente na bibliotheca nacional do Rio de Janeiro.

*
* *

11. *Rimas de Lvis de Camoës. Acrescentadas nesta terceyra impressão. Dirigidas à inclyta Vniuersidade de Coimbra. Impressas com licença da Sancta Inquisição. Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck. Anno 1607. A custa de Domingos Fernandez mercador de libros. Com Priuilegio.* 4.º de 8 (innumeradas)-202 folhas numeradas pela frente, no verso da ultima das quaes começa a *taboada* que occupa mais 5 folhas innumeradas. A impressão em caracteres italicos, diversos da edição anterior.—O rosto é ornado com a esphera armillar, como se vê da perfeita reproducção photo-lithographica, que dou em frente.

O alvará de privilegio, com data de 7 de outubro de 1605, passado a favor de Vicencia Lopes, concedendo a esta mais dez annos do que fôra concedido a seu fallecido marido Estevão Lopes, contém o seguinte:

«que Eu (el-rei) fizera mercê a Esteuão Lopes seu marido de lhe conceder priuilegio para que por tẽpo de dez annos nenhum Impressor nem liureiro pudesse imprimir nem vender os liuros dos Lusiadas, & varias rimas de Luis de Camoẽs & porque o dito seu marido era fallecido, & ella ficara pobre & com cinco filhos sem outro remedio mais que o meneo de seus liuros, me pedia ouuesse por bem de lhe conceder previlegio para ninguem poder imprimir nem vender os ditos liuros sem sua licença & receberia mercê. E visto seu requerimento», etc.

Na censura, assignada por Antonio Freire, e datada de 15 de junho de 1606 lê-se:

«Vi este liuro que se intitula Rimas de Luis de Camões, *o qual já foy muitas vezes impresso e emendado.*»

N'este livro, os sonetos, exceptuando o primeiro, são em caracteres redondos; as canções, odes, eglogas, em italico; as redondilhas, em duas columnas, em italico; e no final as cartas, parte em redondo e parte em italico.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro e João Antonio Marques; em Ponta Delgada, o sr. José do Canto; no Porto, a bibliotheca publica e dr. José Carlos Lopes; em Coimbra, a bibliotheca da universidade; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

Os preços têem regulado entre 9$000 e 18$000 réis. No leilão Minhava subiu um exemplar a 36$000 réis. Mas, para notar os caprichos do mercado, registarei que, dias depois, n'um leilão realisado no Porto, dos livros que pertenceram ao fallecido Vieira Pinto, não passou de 13$000 réis.

*
* *

12. *Rimas de Luis de Camões. Acrescentadas nesta terceyra impressão. Dirigidas a la inclyta Vniversidade de Coimbra. Impressas com licença da Sancta Inquisição. Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck. Anno 1607.* 4.º de 8 in–202 fl. numeradas pela frente, e no verso da ultima começa a taboada, que occupa mais 5 folhas innumeradas.—O rosto em vez da esphera armillar, tem as armas de Portugal. Encontram-se-lhe, porém, outras differenças, comparada com a edição anterior.

No catalogo resumido da collecção camoniana do sr. José do Canto, publicado em 1880, apparece esta nota: «O pápel e o typo são inteiramente differentes, e até o prologo deixa de ser assignado pelo editor Domingos Fernandes, como na antecedente edição».

O prologo ao leitor começa:

«Depois de gastados a primeira & segunda impressão das Rimas deste excellente Poeta», etc. E conclue:

«E nesta terceyra impressão não acrescento, as muitas obras suas que minha diligencia tem alcançado, & junto, dos mais certos originaes, nunca impressos: porque em a segunda parte destas Rimas, que fico preparando, sairão todas a luz, em breve tempo. Na vontade com que se aceite este meu seruiço so quero...» etc.

N'este final, foram acrescentadas as palavras «este meu serviço», que não estavam no fecho do anterior prologo de 1598.

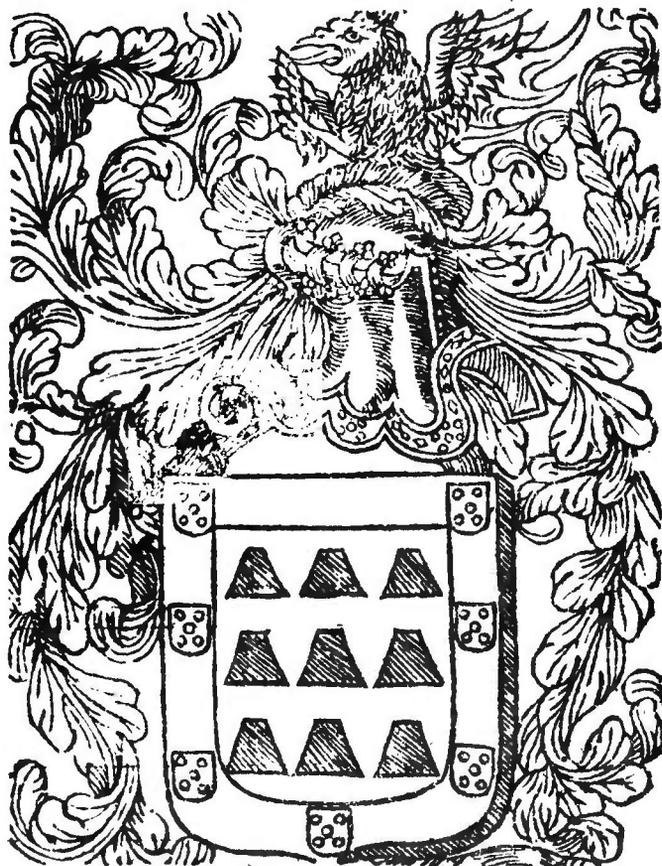
Na dedicatoria á universidade, que é todavia assignada por Domingos Fernandes, que foi livreiro d'aquelle estabelecimento scientifico, são elogiados a universidade e o poeta, o qual elle põe acima dos reis, imperadores e conquistadores, pois d'estes têem havido muitos, mas collocados no mais alto logar da poesia, só Homero, Virgilio, Tasso e Camões.

Domingos Fernandes faz o poeta natural de Coimbra: «... o nosso grande Luiz de Camões: pois nascendo elle nessa vossa cidade Coimbra, a vosso peyto, como mãy natural o criastes tantos annos: cõ vossa doutrina, como Mestra, o ensinastes algũs: & cõ vossos louuores, como fiel amiga, o honrastes tantas vezes».

Esta dedicatoria não figura na edição acima.

O sr. Tito de Noronha, que é bibliophilo distincto e se tem dado a estudos

OS LVSIADAS
DE LVIS DE CAMOẼS
PRINCIPE DA POESIA HEROICA.

Dedicados ao D. Dom Rodrigo da Cunha, Deputado do S. Officio.

Impressos com licença da Sancta Inquisição, & Ordinario.

EM LISBOA, Por Pedro Crasbeeck. Anno 1609.

Com priuilegio, à custa de Domingos Fernandez liureyro.

minuciosos sobre as preciosidades bibliographicas portuguezas, n'uma breve memoria que saiu de sua penna nas *Annaes da sociedade nacional camoniana*, de pag. 22 a 24, comparando as duas edições citadas, escreve:

«Os dois exemplares são diversos nos typos, desde as folhas preliminares, tendo n'uma edição o prologo a assignatura do livreiro, assignatura que se não encontra impressa na outra edição. Na edição que tem a esphera, o primeiro soneto é em caracteres aldinos (italicos), os outros em redondo uniforme, e as rimas em italico; na outra o primeiro soneto é em typo redondo grande, os seguintes em redondo de duas qualidades, e as rimas em italico e redondo, especialisando as duas primeiras canções, que são impressas em caracteres redondos: o italico é diverso em ambas as edições, que se dizem ambas impressas por Pedro Craesbeeck.

«Da analyse dos dois exemplares, resulta que elles não são impressos no mesmo anno, e muito menos pelo mesmo impressor. Pedro Craesbeeck foi um impressor notavel, estabelecido em Lisboa desde 1597, cujas edições são relativamente nitidas, como o é a edição da esphera, o que se não dá com a outra edição da mesma data. A edição das *Rimas* com o escudo real no frontispicio é uma falsificação.»

E mais adiante:

«Domingos Fernandes editava tambem os *Lusiadas* não commentados (1609) e com commentos (1613). Em 1616 é provavel que estivessem esgotadas as anteriores edições das *Rimas* (primeira parte), e como estava findo o privilegio concedido a Vicencia Lopes, fez uma edição sobrepticia para se dispensar do trabalho de obter novo privilegio e escapar-se á censura. Se a edição fosse anterior a 1616, escusava justificar-lhe a data.

«A edição fez-se, mas não saiu dos prelos de Craesbeeck; o typo redondo não corresponde ao do das suas edições, mas é o mesmo empregado na impressão dos *Enfatriões* e do *Filodemo*; a côr e distribuição da tinta são tambem iguaes ás da edição d'aquellas comedias, impressas em 1615 á custa de Domingos Fernandes em casa de Vicente Alvares. Dá-se ainda a circumstancia de encontrar no papel dos *Enfatriões* e *Filodemo* a marca de agua que se encontra no da edição falsificada das *Rimas*. Tudo portanto nos leva a crer que a edição das *Rimas* datada de 1607, que tem no rosto o escudo, foi impressa em 1616, para alimentar o negocio do livreiro Domingos Fernandes, que ainda n'esse anno annunciava a venda das *Rimas*, primeira e segunda parte, e os *Lusiadas*, isto é, as obras de Camões.»

Esta segunda edição de 1607 parece que foi feita conforme a de 1598, e examinando a ultima folha numerada vê-se até o engano do numero 102 em vez de 202. Podia por isso julgar-se que para uma aproveitaram a composição da outra. Manuseando cuidadosamente os dois exemplares, chega-se ao resultado de que um serviria para copiar o outro, reproduzindo-lhe tambem os erros da compaginação, mas a composição typographica de ambas tem notaveis differenças, e os caracteres, apparentemente similhantes para os que não estejam habilitados a conhecel-os, são tambem diversos.

Erros de numeração. Começarei pela de 1598:

Fl. 54 em vez de 64.
Fl. 78 em vez de 87.
Fl. 130 em vez de 136.
Fl. 155 em vez de 161.
Fl. 160 em vez de 166.
Fl. 165 em vez de 167.

Fl. 198 em vez de 186.
Fl. 102 em vez de 202.

Na de 1607 (primeira):
Fl. 43 em vez de 47.
Fl. 48 em vez de 84.
Fl. 78 em vez de 87.
Fl. 130 em vez de 136.
Fl. 160 em vez de 166.

Na de 1607 (segunda):
Fl. 66 em vez de 69.
Fl. 78 em vez de 87.
Fl. 9 em vez de 91.
Fl. 144 em vez de 124.
Fl. 155 em vez de 165.
Fl. 160 em vez de 166.
Fl. 165 em vez de 167.
Fl. 198 em vez de 186.
Fl. ¿81 em vez de 187.
Fl. 189 em vez de 190.
Fl. 162 em vez de 192.
Fl. 102 em vez de 202.

Differenças na composição. Tomarei a fl. 78 em vez de 87, cuja numeração, como se viu, está errada nas tres edições.

Edição de 1598. O terceiro e o quarto verso da primeira oitava:

Amor a hum vão desejo m'obrigou,
Só para qu'a fortuna mo negasse,

Edição de 1607 (primeira):

Amor a hum vão desejo m'obrigou,
Sò para qu'a fortuna mo negasse,

Edição de 1607 (segunda):

Amor a hum vam desejo me obrigou
Sò para que a fortuna mo negasse,

N'esta, o titulo da pag. 78 (87) é: «De Luis de Camõs». E a primeira oitava é separada do titulo das que seguem, dedicadas «A Dom Constantino», por uma linha, ou traço, impresso, o que não tem as duas acima notadas. Veja tambem o titulo da fl. 83 e a separação das oitavas na fl. 82.

Edição de 1598. Titulo da pag. 163: «De Luis de Camões». Fim da redondilha, na primeira col.:

Pois sabei que a Poesia
Vos dá aqui tinta por vinho,
E papeis por iguaria.

Começo da segunda col., primeiro titulo, na mesma pag.: «Aquarta foi posta a Ioão», etc. Segundo titulo: «Finge que responde Ioã», etc.

Edição de 1607 (primeira). Titulo da pag. 163: «De Luis de Camões». Fim da redondilha, na primeira col.:

Pois sabei que a Poesia
Vos dá aqui tinta por vinho,
E papeis por iguaria.

Começo da segunda col., primeiro titulo, na mesma pag.: «Aquarta foy posta a Ioã», etc. Segundo titulo: «Finge que responde Ioã», etc.

Edição de 1607 (segunda). Titulo da pag. 163: «De Luys de Camões». Fim da redondilha, na primeira col.:

Pois sabei que a Poesia
Vos dá aqui tinta por vinho,
E papeis por iguaria.

Começo da segunda col., primeiro titulo, na mesma pag.: «A quarta foi posta a Ioão», etc. Segundo titulo: «Finge que respõde Ioão», etc. A quintilha que segue para o verso da pag. está assim:

Pesar ora não de saõ,
Eu juro pello céo bento
Se de comer me não dão
Que eu não sou Camaleão
Que m'ey de manter do vẽto

Na edição de 1598 encontram-se dois versos assim:

Eu juro pello céo bento
Que m'ei de manter do vẽto

Na edição de 1607 (primeira), os versos:

Pesar ora não de são
Se de comer me não dão

As letras P e S, e ã ã, são em redondo, irregularidade que se encontra em grande numero de paginas; bem como se vêem tis formados com a letra J, de versaletes.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Antonio Marques e João Henrique Ulrich; em Ponta Delgada, o sr. José do Canto; no Porto, dr. José Carlos Lopes, Tito de Noronha e Antonio Moreira Cabral.

13. *Rimas de Luis de Camões*, etc. 1608.— Com respeito a esta edição, dá-se a mesma duvida, que existe para a de 1601. Existem acaso ambas as edições?

O sr. visconde de Juromenha (tomo I das *Obras*, citadas, pag. 455), menciona-a com uma interrogação. Innocencio, no *Dicc.*, tomo V, pag. 252, n.º 12, fez outro tanto. O sr. dr. Theophilo Braga, na sua *Bibliographia*, segue os dois, e am-

plia-os, referindo-se ás investigações do sr. dr. João de Saldanha da Gama n'um exemplar, de duvidosa data, existente na bibliotheca nacional do Rio de Janeiro.

Até o presente, segundo me parece, nada mais se adiantou. Tenho, portanto, que deixar a primeira nota que o sr. Saldanha da Gama poz nos *Annaes da bibliotheca nacional, do Rio de Janeiro*, vol. I, fasc. n.º 1, pag. 83 e 84, onde leio:

«Possuimos na collecção um exemplar curiosissimo, talvez unico, pois d'elle nos não dão noticia os mais auctorisados bibliographos. O exemplar pertence a uma das edições das obras completas, talvez de ha muito exhausta. Tem o formato in-4.º e não traz folha de rosto.

«A despeito das difficuldades a vencer em similhantes casos, podemos formar, se não uma convicção inabalavel ácerca do valor bibliographico d'este exemplar, ao menos uma conjectura muito racional, fundada em grande numero de probabilidades.

«O exemplar ou volume contém: em primeiro logar, um exemplar das rimas, sem folha de rosto; em segundo logar, um exemplar dos Lusiadas de 1609.

«A que edição pertencerá aquella? Será á primeira de 1595 por Manuel de Lyra, á segunda de 1598 por Pedro Craesbeeck, á terceira de 1607 pelo mesmo typographo, ás de 1608 e 1611 classificadas por Faria e Sousa, ou á quinta de 1614 por Vicente Alvares, assim classificada pelo seu editor Domingos Fernandes?

«Parece-nos que não póde ser posterior a 1609, porquanto o exemplar dos Lusiadas, que traz o mesmo volume, é de 1609. Não póde pertencer ás duas primeiras edições, porquanto differem profundamente entre si. Approxima-se mais da terceira, de 1607; mas o estudo acurado e o confronto minucioso que fizemos de ambos, nos não deixa duvida nenhuma de que este exemplar das obras não pertence áquella das rimas de 1607, como parece ao sr. visconde de Juromenha.

«Á vista d'isso, formulâmos a seguinte conjectura: O nosso exemplar talvez pertença á quarta edição, cuja data se não póde precisar, mas que necessariamente foi dada á luz, ou no anno de 1608, ou no de 1609, por diligencia de Domingos Fernandes; talvez seja a propria de 1608, citada por Faria e Sousa, e de cuja existencia todos até aqui têem duvidado.

«O exemplar dos Lusiadas d'este nosso curioso exemplar das obras apresenta tambem muitas particularidades interessantes dignas de menção; mas, no catalogo especial, que já organisámos, e, em seguida, será publicado, o faremos detidamente.»

No fasciculo n.º 2, dos *Annaes* citados, com effeito, o sr. Saldanha da Gama, cumpre a sua promessa. Em o n.º 5 do catalogo camoniano, que corre de pag. 206 a 212, dá uma analyse do mesmo exemplar, confrontando-o com outros exemplares das edições de 1607, 1609 e 1612, e com a nota que o sr. visconde de Juromenha inseriu na pag. 469 do tomo V, das *Obras*, escreve (pag. 210):

«... não podemos deixar de confessar que ha muita similhança entre o exemplar dos Lusiadas d'este nosso curiosissimo exemplar das obras, e aquelle que lhe foi franqueado por Innocencio Francisco da Silva. Entretanto, se póde tambem ver da descripção que ... fizemos, que ha entre os dois mui notaveis differenças.

«O que concluir-se d'aqui? A conclusão não parece facil, emquanto os possuidores d'esta edição de 1609 não descreverem mais miudamente os seus exemplares do que o fizeram até aqui os bibliographos citados.»

E acrescenta (pag. 212):

«.... tomando em conta pura e simplesmente estes argumentos, nosso exem-

plar não é da edição de 1609, nem é igual ao exemplar Innocencio, nem ao exemplar Bertrand (conforme a nota citada do sr. visconde de Juromenha). Ora, tambem não é das edições de 1597 e 1612, porque diverge muito d'ellas.

«Qual é pois sua verdadeira data? Será algum composto de fragmentos, mas fragmentos diversos dos do exemplar de Innocencio? Olhemos para o reverso da medalha, e vejamos se d'ahi nos vem alguma luz.

«Na collecção camoniana comprada em Londres ao sr. Trübner existe ... um exemplar da edição de 1609 que traz o *ex-libris* do amador João Evangelista Guerra Rebello da Fontoura, — volume em excellente estado de conservação, encadernado com o luxo que se reserva para as preciosidades bibliographicas, com todos os visos emfim de exemplar perfeito e de estima.

«Ora, e isto é assás notavel, o referido exemplar não differe d'este que é objecto de tanta duvida, e de que ora tratâmos, senão em ter impressas em caracter italico as est. 18-41 do canto VIII, e as est. 50-61 e 86-91 do canto X, que na edição mysteriosa se acham impressas em caracter redondo.

«Em tudo mais, nos erros typographicos do texto e da paginação, na mescla de typos, no papel — são perfeitamente identicos.

«Á vista d'isto ha, pois, alguma rasão para crer-se que pertençam ambos á edição de 1609, e que um não seja senão variante do outro.

«O facto da mescla de typos não tem grande valor em contrario, porque ambos os exemplares nol-o offerecem de modo a se não poder dizer que são fragmentos de edições diversas. Veja-se, por exemplo, a fl. 79 de um e outro; no recto acaba o canto IV em typo italico, e no verso começa o canto V em typo redondo. Logo essa mescla de caracteres se deu em alguma edição, e não presuppõe forçosamente uma reunião de fragmentos.

«Em summa, apesar de que o exemplar alludido traz na folha do rosto a data de 1609, não é possivel assegurar que o seja, emquanto se não confrontarem outros exemplares. Se alguns argumentos o fazem duvidar, outros o confirmam; para solver a questão faz-se mister a intervenção de outros elementos, que não estiveram á nossa disposição.»

*
* *

14. *Os Lvsiadas de Lvis de Camoẽs principe da poesia heroica. Dedicados ao D. Dom Rodrigo da Cunha, Deputado do S. Officio. Impressos com licença da Sancta Inquisição, & Ordinario. Em Lisboa, Por Pedro Crasbeeck: Anno 1609. Com priuilegio, á custa de Domingos Fernandez liureyro.* 8.º de 2 (innumeradas)-186 folh. numeradas só de um lado.—Impresso em caracteres italicos. No rosto vê-se o brazão de armas dos Cunhas, conforme o specimen que dou em frente.

A licença de fr. Antonio Freire é a mesma que se lê na edição de 1607. Na dedicatoria de Domingos Fernandes a D. Rodrigo da Cunha, allude-se a diversas versões, que tinham apparecido no estrangeiro. Depois de expressar o seu agradecimento a D. Rodrigo pelos muitos favores, que lhe devia, até em occasião de ter perigado a vida de Fernandes, acrescenta estas palavras:

«E como este pensamento me procedia de tam nobre causa, não se descudou minha ventura em me offerecer esta occasião, tão proxima e tão conforme com este meu intento: nesta impressão dos famosos Lusiadas do nosso Grande Luis de Camoẽs, Principe da Poesia Heroica: tam decantados pelo mundo, q̃ as mais illustres Prouincias d'elle, não se cõtentárão com menos, que apprópriálo a sy, o melhor que a variedade de suas linguas lhe daua faculdade. Como se tẽ visto em tres traduções, q̃ d'elles se fezeram castelhanas, em hũa Franceza, e em outra Italiana: e em outra, que na lingua latina ficou imperfeita, pola morte de que o seu Autor se vio salteado ao melhor tempo.»

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Antonio Marques, João Henrique Ulrich e Francisco Gomes de Amorim; no Porto, a bibliotheca municipal, os srs. dr. José Carlos Lopes e visconde da Ermida; em Coimbra, a bibliotheca da universidade; em Ponta Delgada, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

Os preços regulavam até 10$000 réis. No leilão Minhava subiu a 17$000 réis um exemplar, que foi adquirido pelo sr. Albino Leite de Campos, creio que para o sr. Francisco Gomes de Amorim.

*
* *

15. *Os Lvsiadas de Lvis de Camões principe da poesia heroica. Dedicados*, etc. *Em Lisboa, Por Pedro Crasbeeck: Anno 1609. Com priuilegio, á custa de Domingos Fernandez liureyro.* 8.º de 2 (innumeradas)-186 folh. numeradas de um só lado.—O rosto em tudo igual ao da edição anterior, com a mesma data.

Nenhum bibliographo, até o presente, que eu saiba, fez registo especial de uma reproducção da edição de 1609, naturalmente por desconhecer a sua existencia, ou por não ter vagar ou opportunidade de examinar diversos exemplares.

A bibliotheca nacional de Lisboa possue nem menos de cinco, posto que nem todos em perfeito estado. Examinei-os, e por esse exame inferi que foram realmente feitas duas edições mui diversas com a mesma data, e com iguaes licenças. Deu-se talvez para esta contrafeição, se o foi, a mesma rasão que imperou para a reproducção das duas primeiras edições. Mais uma rasão mercantil, que litteraria.

Em todo o caso, deve ter menção em separado. Apontarei as differenças.

Nota-se, desde logo, que o typo aldino é menor e de desenho diverso nas maiusculas; que as letras capitaes de ornamento no começo dos cantos são mui diversas; e que, abrindo o livro na estancia LXXII do canto I (fol. 16, aliás 13), temos na edição acima (n.º 14) este verso:

Partiose nisto emfim co a companhia

N'esta edição, mesma fl.:

Prrtiose nisto emfim, etc.

Começo da terceira oitava, mesma fl., na edição (n.º 14):

Està do fado, etc.

N'esta edição:

Està do fado, etc.

O final do canto I na edição n.º 14 tem só a palavra *Fin*, simplesmente; e na outra edição tem *Fim* e depois uma vinheta ornamental, fragmento de uma portada.

Agora, as differenças caracteristicas da impressão, que denotam que a imprensa não estava fornecida para fazer uma reproducção fiel, e que foi mister aproveitar o material, embora tornasse o livro uma deformidade typographica.

De fl. 1 a fl. 42, são empregados os caracteres aldinos, ora de menor, ora de maior corpo.
De fl. 43 (que deve ser 43) a fl. 48, a impressão é em caracteres redondos.
De fl. 49 a fl. 79, italico menor.
De fl. 79 v. a fl. 88, redondo. A fl. com a numeração de 76 é 80.
De fl. 89 a fl. 96, italico. O primeiro verso da fl. 96 v. é porém em redondo.
De fl. 97 a fl. 98 v., redondo.
De fl. 99 a fl. 102 v., italico.
De fl. 103 a fl. 112 v., redondo.
De fl. 113 a fl. 120 v., italico.
De fl. 121 a fl. 136 v., redondo.
De fl. 137 a fl. 138 v., italico.
De fl. 139 a fl. 142 v., redondo.
De fl. 143 a fl. 144 v., italico. A fl. 143 não tem numeração.
De fl. 145 a fl. 154 v., redondo.
De fl. 155 a fl. 158 v., italico.
De fl. 159 a fl. 162 v., redondo.
Fl. 163, recto e verso, italico.
De fl. 164 a fl. 170 v., redondo.
De fl. 171 a fl. 174 v., italico.
Fl. 175, recto e verso, redondo.
De fl. 176 a fl. 178 v., italico.
De fl. 179 a fl. 180 v., redondo.
De fl. 181 a fl. 182 v., italico maior.
De fl. 183 a fl. 184 v., redondo.
De fl. 185 a fl. 186 v., italico.

Note-se que ha mais erros em a numeração das folhas; e que o titulo da folha 97 tem *canto quinto*, em vez de *sexto*.

Parece, ao primeiro relancear, que se fez um livro com fragmentos de outros. Tambem o pensei. Mas, observando que existem paginas de typo redondo impressas no anverso ou no verso de paginas compostas de caracteres aldinos, acredita-se sem difficuldade que esta edição foi, effectivamente, nova e obrigada á escassez do material typographico.

Pelas circumstancias indicadas, deve, emquanto a mim, ser pois esta edição mencionada separadamente na bibliographia camoniana.

O sr. Moreira Cabral, distincto camonianista portuense, possue um exemplar que julga ser de 1607, mas que eu supponho quasi igual á que fica descripta, e na qual descobriu umas differenças nas fl. 144, 156, 153 e 158, mas considero-as tão simples, que não me parece que, sem exame directo e minucioso, possa julgar-se como de edição diversa.

No leilão Gomes Monteiro (Porto, 1880), foi vendido um exemplar igual a este (n.º 15), por 7$000 réis, e no leilão Vieira Pinto outro por 9$700 réis.

16. *Rimas de Luiz de Camões*... 1611.

Com respeito a esta edição, até o presente nada existe averiguado. Por conseguinte, mencional-a-hei com a referencia, que poz Innocencio, tomo v, pag. 253;

e o sr. visconde de Juromenha, tomo I das *Obras*, pag. 455. Continuará, portanto, a ser duvidosa, apesar da affirmativa de Faria e Sousa.

*
* *

17. *Os Lvsiadas de Lvis de Camoẽs principe da poesia heroyca. Dedicados ao D. Dom Rodrigo da Cunha, Deputado do S. Officio. Impressos com licença da Sancta Inquisição, Ordinario, & Paço. Em Lisbóa. Por Vicente Aluarez. Anno 1612. Com priuilegio, à custa* de *Domingos Fernandez liureyro*. 8.º de 2 innumeradas-186 folhas numeradas pela frente. — O rosto é igual ao da edição de 1609, com as armas dos Cunhas.

Esta apparencia, e a data igual das licenças, fizeram suppor a Innocencio e ao sr. visconde de Juromenha, que a edição de 1612 era apenas uma contrafeição da de 1609, mudada só a data no frontispicio. Pelo confronto minucioso das duas edições, veriam, porém, que eram diversas, embora no exemplar existente na bibliotheca nacional do Rio de Janeiro se verificasse que as oito primeiras folhas do poema eram perfeitamente iguaes, nos seus caracteristicos typographicos, ás da mencionada edição feita por Craesbeeck.

O sr. Saldanha da Gama accentua mais as differenças, escrevendo o seguinte (pag. 213 dos *Annaes* citados):

«Esta edição offerece á primeira vista alguma similhança com a de 1609, mas ha entre as duas notaveis differenças, a começar pela propria folha do rosto: n'aquella a palavra *heroica* é escripta com *i*, n'esta com *y*; n'aquella a dedicatoria precede ás licenças, n'esta se dá o inverso; na de 1609 os Lusiadas são impressos, ora em caracteres italicos, ora em caracteres romanos, e as estancias não trazem numeração; n'esta o poema é todo impresso em caracteres italicos, e as estancias são numeradas.

«Acrescente-se agora a isto que no texto differem uma da outra, como se deprehende do mais ligeiro confronto, ex.:

Est. 48 do canto I

«Edição de 1609:

Cos panos, & cos braços açanauão,
Aa gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas ja as proas ligeiras, se inclinauão,
Pera que junto ás Ilhas amainassem.
A gente, & marinheiros trabalhauão.
Como se aqui os trabalhos sacabassem:
Tomão vellas, amainase a verga alta,
Da ancora o mar ferido, encima salta.

«Edição de 1612:

Cos panos, & cos braços acenauão,
Aas gentes Lusitanas que esperassem:
Mas ja as proas ligeiras se inclinauão,
Para que junto ás ilhas amainassem.
A gente, & marinheiros trabalhauão,
Como se aqui os trabalhos sacabassem:
Tomão vellas, amaina-se a verga alta,
Da ancora o mar ferido, encima salta.

Est. 24 do canto III

«Edição de 1609:

E com hum amor intrinseco acendidos,
Da Fé, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, & proprios lares.

«Edição de 1612:

E c'hũ amor intrinseco acen didos
Da fé, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixãodo a patria amada, & propios lares.

A bibliotheca nacional de Lisboa tem, na sua numerosa camoniana, dois exemplares da edição de 1612. Alem do que ficou mencionado, conforme a nota do sr. Saldanha da Gama, abrindo casualmente um dos exemplares, deparou-se-me no canto II, est. 81 este verso:

Que geração tão dura ahi de gente

E no correspondente das edições de 1609:

Que geração tam dura ahi de gente?

Podia pôr aqui mais algum exemplo, porém não é agora necessario. Bastam os que ficam.

Esta edição é bastante rara. Falta na maior parte das camonianas conhecidas.

Possuem exemplares d'esta edição: em Lisboa, a bibliotheca nacional, os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Antonio Marques e João Henrique Ulrich; no Porto, o sr. dr. José Carlos Lopes; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

Os preços regulavam entre 5$000 e 20$000 réis. No leilão Minhava subiu a 34$000 réis um exemplar, que foi adquirido pelo sr. João Antonio Marques. Este exemplar fôra comprado no leilão de Gomes Monteiro no dia 4 de junho de 1880, por 36$000 réis. No leilão Vieira Pinto, realisado no Porto, foi vendido outro exemplar tambem por 34$000 réis para o sr. dr. José Carlos Lopes.

*
* *

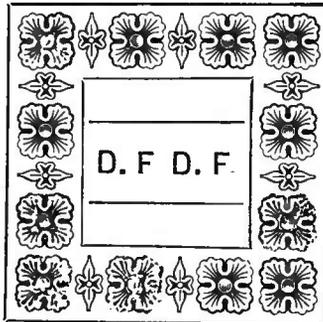
18. *Os Lusiadas do grande Luiz de Camoens. Principe da poesia heroica. Commentados pelo licenciado Manuel Corréa, Examinador synodal do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S. Sebastião da Mouraria, natural da cidade de Eluas. Dedicados ao Doctor D. Rodrigo d'Acunha, Inquisidor Apostolico do Sancto Officio de Lisboa. Per Domingos Fernandez seu liureyro. Com licença do S. Officio, Ordinario, y Paço. Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck. 1613.* 8.º de 16 (innumeradas)-308 folhas numeradas só pela frente. No fim do rosto a taxa: *Está taxado este liuro em 320 réis em papel.*

N'esta edição, a approvação e as licenças são datadas de fevereiro e abril de 1611. Tem dedicatoria a D. Rodrigo da Cunha por Domingos Fernandes; introducção pelo commentador Manuel Correia; e outra introducção, ou prologo, por Pedro de Mariz.

A approvação, assignada por fr. Antonio de Saldanha, e datada de 10 de fevereiro de 1611, é do teor seguinte:

«Vi este livro do Poeta Luis de Camões, com razão tido em muyta conta dos que entendem poesia: & o cõmento que sobre elle fez o Padre Manuel Correa, em o qual alem de se declarar o sentido verdadeyro do Poeta, se expoem tambem algũs termos poeticos de que vsou o Camoẽs para mais elegancia dos versos, como è Fortuna, Fado, Deoses, & outras semelhantes, o que o commentador explica com muyta doctrina, erudição & varia lição que teue: sem auer nelle cousa contra nossa sancta Fee, & bons costumes. Pelo que me parece digno de se imprimir.»

Em diversos leilões, esta edição por não ser mui vulgar, tem andado entre 5$000 e 7$000 réis. No leilão Minhava subiu a 8$100 réis. No leilão Gomes Monteiro, a 10$700 réis. No do dr. Vieira Pinto, a 3$700 réis, porém exemplar em mau estado. No catalogo da casa Aillaud, de Paris, teve a cotação de 14$400 réis.

A bibliotheca nacional possue quatro exemplares da edição de 1613, tendo tres ao centro o brazão das armas portuguezas; e um com uma especie de emblema, ou marca do livreiro Domingos Fernandes, composta de vinhetas, pouco mais ou menos como reproduzo em seguida.

No pé do frontispicio, d'este exemplar, a designação da taxa vê-se em branco: *Està taxado este liuro em réis em papel.*

As licenças, em todos os exemplares, que correm na fl. 2 innumerada, são de 10 de fevereiro, 15, 20 e 23 de abril de 1611. No verso das licenças estão as armas dos Cunhas, como se vê na edição de 1609, tendo na parte superior, ou á cabeça da pagina, o seguinte titulo:

A DOM RODRIGO
DA CVNHA,
DOCTOR EM CANONES, E INQVISIDOR DO SANCTO OFFICIO DE LISBOA
D. F. D. F.

Na parte inferior das armas, começa a dedicatoria.

Por que é que o impressor fez dois rostos na mesma edição? Mudou o typo do frontispicio por gosto ou por necessidade? Quereria elle destinar os exemplares com o brazão de armas portuguezas para determinados personagens; e os outros exemplares para a venda commum? Não me parece crivel que o fizesse para illudir os compradores, ou para fugir á acção da censura, pois faltam em todo o livro os caracteristicos de uma contrafeição, que apparecem em outros.

Ha algumas differenças entre as diversas edições parecendo que houve o maximo cuidado na imitação ou então completaram-se exemplares da edição, intercalando-lhe folhas novas.

Note-se que, na ultima licença, se declara que o livro devia intitular-se *Cantos de Luis de Camoēs,* o que combina com a declaração feita pelo commendador, o licenciado Manuel Correia, ao leitor:

« Fiz ha muytos annos estas annotaçoẽs sobre os *Cantos de Luis de Camoēs,* a petição de hum amigo, sem intento de os imprimir; porque se o pretendéra, com muyto mais razão o fizera em vida de Luis de Camoēs, que mo pedio com muyta instancia. Vistas d'alguns foy importunado as imprimisse. Mas assi, como auia muytos que mo aconselhauão, assi auia outros, que mo estoruauão, dizendo, que começasse per outra cousa. Com este conselho, que então me não descontentou, & com eu ser pouco inclinado a impressões (como he a mayor parte desta nação Portugueza) me entretiue tê gora, não deixando de me combaterẽ muytos acerca desta impressão. Hoje o faço, sò por sayr pela honra de Luis de Camoēs, que por esta sua obra não ser entendida de todos, he calumniada de muytos, & declarada de algũs. Os quaes sem lume das letras humanas, lhe poem annotaçoẽs, que seruem mais de o escurecer, & deshonrar, pois são contra o sentido do Poeta, & verdade das historias, & poesias...»

No canto II, faltam os ultimos quatro versos á estancia 12 (fl. 41):

Os cheiros excelentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimaua
O Thyoneũ; e assi por derradeiro
O falso Deos adora o verdadeiro

dando-se a singularidade de que os commentarios se referem n'esta oitava apenas a versos omissos: *Na Panchaia odorifera — Queimava o Thyoneo — O falso deus.*

N'outro exemplar, pertencente ao sr. Moreira Cabral, está completa esta estancia 12, mas a oitava 11, verso da fl. 40, não tem se não os quatro primeiros versos, faltando-lhe os quatro ultimos, de que aliás se encontra na fl. 41 o commentario ao sexto verso: *Dos doze tão torvados na figura.*

No verso da fl. 5, a estancia 4, *E vós, Tagides minhas,* está numerada 5.

Em dois dos exemplares da bibliotheca nacional notam-se ambas as oitavas onze e doze (fl. 40 v. e fl. 41) completas, e variantes na composição typographica. É certo o numero da estancia 4.

Possuem exemplares, alem dos mencionados, da bibliotheca nacional, em Lisboa, a bibliotheca da Ajuda, os srs. Fernando Palha, Carlos Cyrillo da Silva Vieira, João Antonio Marques, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, e João Henrique Ulrich; no Porto, a bibliotheca publica, os srs. dr. José Carlos Lopes e Antonio Moreira Cabral; em Vianna do Castello, o sr. João Luiz Monteverde da Cunha Lobo; em Ponta Delgada, o sr. José do Canto.

Os preços têem variado entre 2$400 réis (leilão Ferrão, em 1883) e 8$100 réis (leilão Minhava, em 1885).

*
* *

19. *Rimas de Lvis de Camões. Primeira parte. Acrescentadas nesta quinta impressão. Dirigidas a D. Gonc,alo Covtinho. Em Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Por Vicente Aluarez. Anno 1614. A custa de Domingos Fernandez mercador de liuros. Com priuilegio Real. Tayxadas a 160 réis em papel.* — 8.º de 16 (innumeradas)-202 folhas numeradas de um só lado, e mais 10 innumeradas de taboada, ou indice. O rosto tem uma gravura tosca com duas figuras, e no centro uma oliveira com a divisa: *Mihi taxvs.*

É a mesma gravura, que se empregou na edição de 1595, e que em menores dimensões foi empregada na edição de 1621, como se verá na reproducção que vem adiante.

As licenças são datadas de 11 e 18 de julho, 29 de agosto, 1 de setembro e 20 de dezembro de 1614. Na informação, assignada por fr. Antonio Freyre, leio:

«Vi estas Rimas de Luis de Camões impressas no anno de 1598, & assi como vão emmẽdadas em quatro, ou cinco logares, que julguey por indecentes, me parece que se podem imprimir. Em nossa Senhora da Graça de Lisboa, a onze de Iulho de 1614.»

Seguem: a dedicatoria de Domingos Fernandes a D. Gonçalo Coutinho, com data de 18 de dezembro de 1614 (4 pag.), em redondo; as poesias em honra de Camões (7 pag.), parte em caracteres italicos, parte em redondo.

D'ahi em diante as rimas:

105 sonetos, numerados (de fl. 1 a fl. 27), em redondo;
10 canções, numeradas (de fl. 27 v. a fl. 50 v.), em italico, de dois corpos, como, por exemplo, são presentemente o corpo 10 e 12.

10 odes, numeradas (de fl. 50 v. a fl. 68), em italico, idem.
Sextinas (de fl. 68 v. a fl. 69), em italico.
3 elegias, numeradas (de fl. 69 v. a fl. 78 v.), em italico. Na elegia primeira, começa o primeiro verso: *O Peta Simonides*, etc., deve ser: *O Poeta*, etc.

Tercetos (de fl. 78 v. a fl. 80 v.), em italico.
Capitulo (de fl. 81 a fl. 82), em italico.
58 outavas, numeradas (de fl. 82 a fl. 92), em italico.
8 eclogas, numeradas (de fl. 92 v. a fl. 153 v.), em italico de dois corpos.
Redondilhas, motes, sparsas e glosas (de fl. 154 a fl. 190 v.), a duas columnas, em italico, mas com os titulos em redondo. Parte das columnas tem linha de separação em filete simples; parte a separação é em branco.

O livro fecha com as duas cartas de Camões, mandadas da India a dois amigos (de fl. 191 a fl. 202), em italico de duas qualidades, e em redondo. Estas duas ultimas peças não vem mencionadas no indice.

Os caracteres empregados n'esta edição são, em parte, iguaes aos que se empregaram em a nova edição de 1609, que descrevi acima.

COMEDIA DE FILODEMO.

COMPOSTA POR LVIS DE CAMÕES.

Em a qual entrão as figuras ſeguintes.

☞ Filodemo.
☞ Vilardo ſeu moço.
☞ Dionyſa.
☞ Solina ſua moça.
☞ Vanadoro.
☞ Monteyro.
☞ Hum paſtor Doriano amigo de Filodemo.
Hum Bobo filho do paſtor.
☞ Florimena Paſtora.
☞ Dom Luſidardo pay de Vanadoro.
☞ Tres paſtores bayládo.
Doloroſo amigo de Vilardo.

Em Lisboa. Impreſſa com todas as licenças neceſſarias. Por Vicente Aluarez. 1615.

A bibliotheca nacional de Lisboa possue um bello exemplar da edição de 1614, muito bem conservado; e outro, truncado.

Igualmente possuem exemplares, em Lisboa, os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro e João Henrique Ulrich.

No leilão Gomes Monteiro vendeu-se um exemplar por 22$500 réis.

*
* *

20. *Comedia dos Enfatriões. Composta por Lvis de Camões. Em a qual entrão as figuras seguintes... Em Lisboa. Impressa com todas as licenças necessarias. Por Vicente Aluarez. 1615.* 8.º 1 in-17 fol. numeradas pela frente.— O rosto está mettido dentro de uma tarja de vinhetas, como a que mandei reproduzir da seguinte comedia. A composição é em caracteres redondos, a duas columnas.

*
* *

21. *Comedia de Filodemo. Composta por Lvis de Camões. Em a qual entrão as figuras seguintes ... Em Lisboa. Impressa com todas as licenças necessarias. Por Vicente Aluarez. 1615.* 8.º de 1 in-22 fl., sendo a numeração, só no recto, seguida da anterior comedia, de 18 a 40. — O rosto como o da reproducção em frente. A composição tambem é em caracteres redondos, a duas columnas.

Estas peças, que alguns camonianistas têem em separado, andam quasi sempre reunidas com a edição das *Rimas,* de 1616, segunda parte de que trato em seguida, e com a *Creação e composição do homem,* que o editor entendeu que devia imprimir sob o nome de Camões, sabendo, e confessando, que não era d'elle.

No fim da taboada vem mencionadas as *Comedias Enfatriões, Filodemo* e os *Tres cantos da creação do homem.* Vê-se, pois, que o livreiro editor Domingos Fernandes dos tres folhetos fez um livro para o commercio.

A bibliotheca nacional de Lisboa tambem possue, na sua opulenta camoniana, dois exemplares, encadernados separadamente, das duas comedias e da *Creação do homem.*

Possuem tambem exemplares: em Lisboa, os srs. João Antonio Marques, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, Fernando Palha e João Henrique Ulrich; no Porto, o sr. dr. José Carlos Lopes; em Coimbra, a bibliotheca da universidade; e na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto.

A bibliotheca nacional do Rio de Janeiro tem igualmente encadernadas, em separado, estas comedias, e a *Creação.*

*
* *

22. *Rimas de Lvis de Camoēs. Segvnda parte. Agora nouamente impressas, com duas Comedias do Autor. Com dous Epitafios feitos a sua sepultura, que mandarão fazer Dom Gonçalo Coutinho, & Martim Gonçaluez da Camara. E hum Pro-*

logo em que conta a vida do Avthor. Dedicado ao Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor D. Rodrigo d'Acunha, bispo de Portalegre, & do Conselho de sua Magestade. Com todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Na officina de Pedro Crasbeeck. 1616. A custa de Domingos Fernandez mercador de liuros. Està taixado em testão em papel. Com Priuilegio Real. 8.º de 12 (innumeradas)-40-40-35 folhas, contendo as primeiras 40 folhas as *Rimas*, as segundas as duas *Comedias*, e as restantes 35 o canto da *Creação, & Composição do homem.*—O rosto, com as armas do bispo D. Rodrigo da Cunha, é como está reproduzido na estampa *facsimile.*

As licenças são datadas de 1605, 1608 e 1615, devendo notar que duas d'ellas se referem ás duas comedias acima e á *Creação do homem.* Na dedicatoria de Domingos Fernandes, com data de 19 de março de 1616, lê-se:

«... não se descuydou minha ventura em me offerecer esta occasião de andar juntando estas rimas, & V. S. me fez merce de auer a maior parte certificado serem do Author, outras me derão varias pessoas, & na mão de muitos senhores illustres achei tres Cantos da Creação do homem em oitaua rima que vão no fim deste liuro, e tendo-os impresso. V. S. me affirmou não serem seus: mas como os tinha impressos por ser obra muyto boa, e com o nome do Author a deixei hir estando esta obra começada em que me fez merce de dar ajuda de custo pera fazer esta impressão de mil & quinhentos estando V. S. mais descuidado pos os olhos a Sacra Cesarea, & Catholica sempre Augusta & Real Magestade delRey Filippe II, ... fez hũa eleição tão benemerita do Bispo de Portalegre, a qual foy muito bem recebida em todo este Reyno, tão proxima, & tão conforme com este meu intento: nesta impressão dos do nosso grande Luis de Camoẽs, Principe da Poesia Heroyca: cõ muita erudição e variedade de cousas curiosissimas. Artificio grande, que a verdadeira fama inuentou, para com mais facilidade diuulgar pelo mundo a honra & nome deste illustre entendimento Portuguez. Por achar nelle hum dos mais poderosos sogeitos, com que ella podia mais longe dilatar pelo mundo os extendidos limites do seu Imperio, etc.»

No prologo do mesmo Fernandes poz o trecho seguinte:

«Charissimo Leitor na Primeira Parte das rimas de Luis de Camoẽs prometi sahir á luz cõ esta Segunda parte, que offereço, em que gastei sette annos em ajũtar estas rimas por estarem espalhadas em maõs de diuersas pessoas, & ainda agora prometo pera a segũda impressaõ, porque da India me tem escrito que me mandaraõ muitas coriosidades, & neste Reyno ei de auer outras mais, & desta maneira se ajuntou a primeira parte, fazendo vir da India, e pedindo neste Reyno a senhores illustres, e outras varias pessoas curiosas: tenho cumprido minha palavra mas fico empenhado, he necessario que os coriosos da liçaõ Poetica e estudiosos cortesãos e senhores illustres comprem este livro, a quem eu peço por mercê ...»

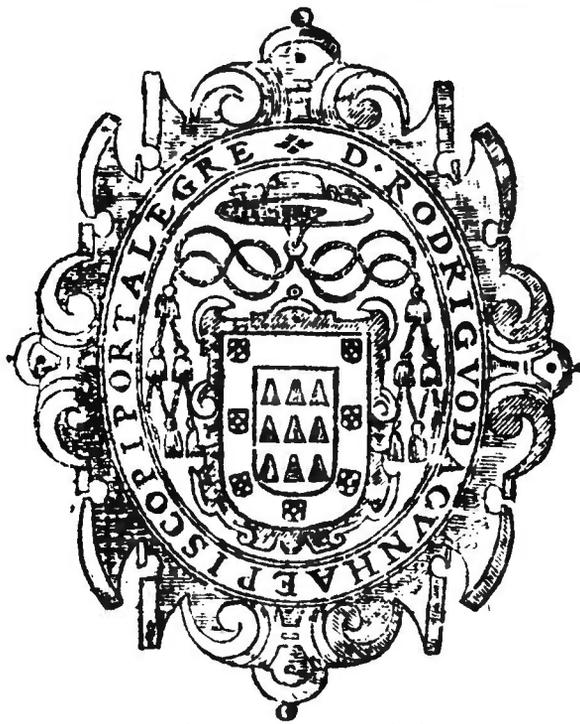
«... & tirãdo os olhos de mim ponhãno no q̃ offereço. A que me pareceo ajuntar dous Prologos já impressos em louuor deste Poeta, hũ do Licenciado Fernão Rodriguez Lobo C,urrupita professor prestantissimo de Leis, & insigne Aduogado nellas, que se imprimio com a Primeira Parte das Rimas a primeira vez o anno de 1595. E porque por descuido meu se não tornou a imprimir as mais que as Rimas se estamparaõ se hia já perdendo o beneficio que de sua liçam eruditissima resulta aos curiosos, & pode ser que seja tambem necessaria a authoridade de seu Author, que não hé menor nesta profissam q̃ na outra de seu instituto proprio para defender a Luis de Camoẽs se para que lhe não falte nada de engenho grande vierem a leuantarse algũ dia contra elle, agora que he morto, nouos Corbillos, & Cesares Caligulas, como contra Vergilio não faltaraõ; o outro he do Licenciado Pedro de Maris, que anda impresso com o comento que o Licenceado Ma-

RIMAS
DE LVIS DE CAMOÊS
SEGVNDA PARTE

Agora nouamente impressas com duas Comedias do Autor.

Com dous Epitafios feitos a sua Sepultura, que mandarão fazer Dom Gonçalo Coutinho, & Martim Gonçaluez da Camara.

E hum Prologo em que conta a vida do Author.

Dedicado ao Illustrissimo, & Reuerendissimo senhor D. Rodrigo d'Acunha Bispo de Portalegre, & do Conselho de sua Magestade.

Comtodas as licenças necessarias.

EM LISBOA. Na Officina de Pedro Crasbeeck. 1616.

A custa de Domingos Fernandez mercador de liuros.

Està taixado a tostão em papel. *Com Priuilegio Real.*

nuel Correa fez dos Lusiadas deste Poeta, & todauia polla noticia que dá nelle de sua vida, & custumes, & porque nem todos teraõ ambos os liuros em que o vejão não tiue por desconveniencia tresladallo neste. Folgara eu que fora viuo o mesmo Pedro de Maris, para que com seu eloquente estilo podera acrecentar a estimaçaõ que fez do nosso Poeta ...»

Segue o epitaphio a Camões; a taboada das Rimas; e o prologo de Fernão Rodrigues Lobo Suropita, que figurou na edição de 1595, e de que já fiz extracto.

Do segundo prologo de Pedro de Mariz transcrevo o seguinte:

«... foy tão estimada esta sua excellēcia Poetica, q̃ tendo outro Poeta Portuguez (tambē famoso) composto em verso a mesma empresa; quando viu este Poema de Camões, & que todos o conhecião por tão heroico, não quiz mostrar o seu, posto que estaua com elle muyto vffano. E de todos os mais Portuguezes foy tão venerado este Poema, que contra a natural propriedade Portugueza (de estimarem mais as coysas de estrangeyros, que as suas) se tem impresso neste reyno mais de doze mil volumes.

«Pois, dos estrangeyros (a que as suas cousas parecem melhor que as das outras nações) foy tanto estimado, que não se cōtētou cada hũa dellas com menos, que com appropriarem a sy, no modo que podia ser traduzido em suas linguas cō tanta curiosidade, qué em Castella se fezeram tres traducçoēs, em Italia hũa, em França outra: posto que eu a não vi: & até em Latim se começou a fazer neste reyno per um dos maiores Poetas Latinos, que Portugal teue que a morte atalhou, priuandonos de tamanho bem. Porque como o Camoēs foy tão grande imitador da mais heroica Poesia Latina: & só a humildade da nossa lingua Portugueza lhe podia humilhar o seu grande espirito poetico: em que nenhum dos mais famosos lhe leuou vantagem. Tornado elle a fermusura da Lingua Latina, auia de ficar hum muyto heroico Poema.

«Porque tambem o Camoēs excedeo a todos os Latinos, Gregos & Toscanos, nas comparações, com q̃ descreue, pinta, e descobre o intimo dos conceitos poeticos, com arteficio admirauel, & muy proprio. Alem de oūtras muytas figuras & tropos de Rhetorica, de que em muytas partes vsa, cō tanta energia, e efficacia, que nenhum dos antigos lhe leuarão ventagē: como se vê na otava 41 do canto 2, & em outros muytos lugares, que no comento se apontão e explicão.

«Em fim, he tam estimado no mundo, que chegou em nossos dias hũ Alemão fidalgo escreuer a esta cidade a um seu respondente, ainda hoje viuo, que lhe soubesse que sepultura tinha o Camoēs: e quando a não teuesse sumptuosa, tratasse cō a Cidade lhe desse licença para trasladar seus ossos para Alemanha, cō aquella veneração q̃ tão insigne homē merecia. Onde lhe faria hũ tumulo superbissimo, igoal aos dos mais famosos dos antigos. E concluindo, digo, q̃ todos os Poetas famosos do seu tēpo reconhecerão & confessarão por superior: atè el diuino Herrera, q̃ se imaginaua o mais leuãtado de todos os do mundo, dezia que em Espanha só Luis de Camoēs fôra verdadeiro Poeta Heroico. E o grande Torcato Tasso (q̃ no verso heroico excedeu todos os Toscanos) dizia em Roma q̃ a nenhum poeta temia nesta vida, se não a Luis de Camoēs.»

É n'este prologo que Pedro de Mariz refere uma anecdota, que já tem servido aos biographos:

«... logo no anno setenta & dous os imprimio (os cantos do poema), & ficou residindo em Corte, por obrigação da tensinha que elRey lhe dera. Mas tão pobre sempre que pedindolhe Ruy Diaz da Camara, fidalgo bem conhecido, lhe traduzisse em verso os Psalmos Penitenciaes, & não acabando de o fazer, por mais que para isso o estimulava, se foy a elle o fidalgo, & perguntandolhe queyxoso, porque lhe não acabaua de fazer o que lhe prometèra auia tanto tempo, sendo

tam grande Poeta, & que tinha composto tão famoso Poema: elle lhe respondeu que quando fezera aquelles Cantos, era mancebo, farto, & namorado, querido, e estimado, & cheo de muytos fauores, & merces de amigos, & de damas com o que o calor Poetico se augmentaua. E que agora não tinha espirito, nem contentamento para nada...»

Esta edição contém:

36 sonetos.
 2 elegias.
 2 odes.
 2 canções.
 2 sextinas.
 5 redondilhas.
 cantigas, e mote.
11 vilancetes.

Soneto I, em italico.
Sonetos II a XXXII, em redondo.
Sonetos XXXIII a XXXVI, em italico.
D'ahi em deante, elegias, odes, e outras composições poeticas, em caracteres aldinos, com os titulos ou referencias em redondo.

Eis como terminam as rimas (fl. 40 v.):

Dom Antonio senhor de Casquais, prometeo a Luis de Camoēs seis galinhas recheadas por hũa copia que lhe fizera, & mandandolhe in principio de pagua mea galinha recheada.

Volta.

Cinco galinhas & mea
Deue o senhor de Casquais
E a mea vinho (sic) *chea*
De apetites pera as mais.

Andam adjunctas, de edição diversa (de 1615), e de numeração separada, como acima ficou registado, as duas comedias, e os tres cantos da *Creação do homem,* que não são de Camões.

No leilão Gomes Monteiro vendeu-se um exemplar só das *Rimas, segunda parte,* por 10$000 réis.

*
* *

23. *Rimas de Lvis de Camões. Segunda parte. Agora nouamente impressas com duas Comedias do Autor.* 1616. Com *dous Epitafios,* etc. (O mais como na edição anterior.) Lisboa, Na officina de Pedro Craesbeeck. 1616. Etc.

Existem na bibliotheca nacional de Lisboa dois exemplares, nos quaes, porém, notei algumas differenças, que devo mencionar.

Confrontando o prologo, que fica transcripto acima com o que acompanha esta edição, vejo que o primeiro anterior tem 62 linhas e o segundo 29 linhas apenas; e que a redacção dos dois é tão diversa, que não póde existir duvida de que foi escripto de novo para uma nova impressão. Leia-se o trecho seguinte, e compare-se com o seu equivalente na edição anterior:

RIMAS
DE LVIS DE CAMÕES

PRIMEIRA PARTE.

NOVAMENTE ACRESCENTADAS, & emendadas nesta Impressão.

DIRIGIDAS A D. GONÇALO COVTINHO.

Com dous Epithafios à sua Sepultura que està em Santa Anna que mandaram fazer Dom Gonçalo Coutinho, & Martim Gonçaluez da Camara.

Anno 1621

EM LISBOA. *Com todas as licenças necessarias.*
Por Antonio Aluarez.

A custa de Domingos Fernandez mercador de liuros.

Com Priuilegio Real.
Tayxadas a 160. reis em papel.

«... & se neste liuro se acharem algũas cousas q̃ não sejaõ de Camões naõ me ponham culpa, que com boa fé as dei a impressão com muita diligencia, & gastando o meu dinheiro pera satisfazer, porque minha tençaõ naõ he outra cousa, que desejar de acertar, & tirando os olhos de mim ponham no q̃ offereço. Aqui vaõ dous Prologos, hum que fez o Licenceado Fernão Rodrigues Lobo Surrupita em que declara que cousa seja Poesia em louuor deste Author. E outro do Licenceado Pedro de Maris Escriuão, & reformador da Torre do Tombo, em que conta a vida de Luis de Camoẽs.»

N'uma o epitaphio

Naso elegis Flaccus lyricis Epigrammate Marcus

está no fim do prologo de Domingos Fernandes (fl. 3 innumerada v.); e repetido adiante, intercalado quasi no fim do prologo de Pedro de Mariz (fl. 12 innumerada). Na outra o epitaphio só entrou na fl. 12 innumerada.

N'uma, no fim da dedicatoria repete-se a indicação da taxa com as assignaturas dos funccionarios que taxaram o livro, *Francisco Vaz Pinco* (sic.) e *Preto;* e na outra essa indicação está no fim das licenças (verso do rosto), e lê-se *Pinto* e não *Pinco.*

N'uma, as licenças seguem no verso do rosto; na outra, são impressas na folha seguinte, ficando em branco o verso do frontispicio.

Veja-se que nas duas ultimas linhas do pé da pagina do rosto existe differença no typo, e que n'uma se lê: «Está taixado a tostão em papel». E na outra: «Está taixado a testão (*sic*) em papel».

Estas differenças são tão notaveis e essenciaes, no caracteristico de uma edição, que posto se veja que o impressor ou editor aproveitou no resto do livro, as folhas, que eram saldo da edição anterior, que supponho que se deve igualmente marcar na bibliographia camoniana como livro, não mencionado até hoje, e que faltará de certo à maior parte dos camonianistas, por mais completas que julguem ter as suas collecções.

Advirta-se que, depois da fl. 38, está repetido o numero da fl. 37, que deve ser emendado para 39 erro que não apparece na descripta anteriormente.

Tem um exemplar d'estes a bibliotheca nacional de Lisboa, e sei que os possuem tambem, no Porto, os srs. Antonio Moreira Cabral e Tito de Noronha.

*
*   *

24. *Rimas de Lvis de Camões. Primeira parte. Novamente acrescentadas, & emendadas nesta Impressão. Dirigidas a D. Gonçalo Covtinho. Com dous Epitaphios à sua sepultura que està em Santa Anna que mandaram fazer Dom Gonçalo Coutinho, & Martim Gonçaluez da Camara. Anno 1621. Em Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Por Antonio Aluarez. A custa de Domingos Fernandez mercador de liuros. Com Priuilegio Real. Tayxadas a 160 rèis em papel.* 8.º de 8 in-202 fl. numeradas de um só lado, e mais 5 innumeradas com a taboada. — No rosto, que se reproduz no *fac-simile* em frente, figura reduzido o emblema, que se vê na edição de 1614.

Na approvação, ou censura, datada de 11 de julho de 1614, e assignada por fr. Antonio Freire (graciano), leio:

«Vi estas Rimas de Luis de Camões impressas no anno de 1598. & assi como vam eumẽdadas em quatro, ou cinco lugares, que julguei por indecentes, me parece que se podem imprimir.»

Na dedicatoria de Domingos Fernandes a D. Gonçalo Coutinho está o paragrapho seguinte:

«... Quam alta & quam excellente obra seja esta, bẽ posso escusar de o encarecer, pois a ponho no theatro do mundo, na mais pura, & emendada impressão, que pude auer. Nella està retratado, antes viuo aquelle admiravel engenho, de quem affirmo q̃ se viuera, pudera fazer immortal o nome Portuguez, & ainda das feridas de nossas calamidades, em que tantos falsos escritores tam pesadamẽte nos magoarão, soubera tirar louuores & tropheos. Não posso declarar como espanta a agudeza de seus cõceitos, como obriga a propriedade das palauras, como enleua o encarecimento das razões. Que alteza tem de sentenças, que metaphoras, que hiperboles, que figuras tã poeticas? Admirauel he a grauidade dos Sonetos, a graça das Odes, & Canções, a malencolia tam musica das Elegias, a brandura tam namorada das Eglogas. Que direy da policia & facilidàde do verso, da elegancia dos termos? da riqueza da lingoa? Por hũa parte me parece que tira a todo homem a esperança de ser Poeta: por outra toda a desculpa aos que vão mendigando lingoajes estrangeiros para cõpôr nellas, & tachão a nossa de esteril, defeito seu, mais q̃ culpa della.»

Descrevendo o emblema, ou alludindo á empreza que empregou n'esta edição, escreve:

«Quãto as partes do animo de que Deos dotou, o bom indicio nos deu v. m. dellas na sua empreza da Olïueira, que tanto tempo ha que vsa em suas armas. Porque esta he aquella q̃ engeitou o Reinado das outras aruores, que dignamente lhe offerecião. E esta he aquella que é Symbolo da paz, & brandura cortesaã de que v. m. he dotado. Esta he a aruore de Pallas, que mestura com as armas todas as boas sciẽcias, e disciplinas, com tal cõcerto, que reciprocamente se cõmunicã admirauel lustre, como os vemos em v. m. na letra, MIHI TAXVS. Estou contemplando o queixume geral dos grandes entendimentos, que sentenciosamẽte se descobre nella: os quaes hũa vez por não serẽ conhecidos daquelles a quem elles faltam, e outra por serem dos mesmos invejados, nunca alcançam o que merecẽ. De maneira, que o saber pela Olíueyra significado, que lhes ouvera de ser occasião de sobirem a grandes estudos, lhes causa effeitos de contradição, & odio, entendidos no veneno do texo. Outras muitas applicações se podẽ descubrir nesta empreza, assi no sentido moral, como ao namorado, que me dam certos penhores do profundo juyzo de v. m. das quais não trato, pollas nã danar cõ a pobreza de meu estilo, e por deixar q̃ especular aos bõs engenhos...»

Comquanto as licenças sejam de 1614, no fim da dedicatoria está a data de 1621 (18 de dezembro) igual á do rosto.

Note-se mais que da fl. 3 v. innumerada a rubrica typographica traz «muy» e a primeira linha da folha seguinte «mui».

Contém esta edição:

105 sonetos (de fl. 1 a fl. 27).
10 canções (de fl. 27 v. a fl. 50 v.).

10 odes (de fl. 50 v. a fl. 68).
6 sextinas e 1 terceto (de fl. 68 v. a fl. 69).
4 elegias de fl. 69 v. a fl. 78 v.).
54 tercetos, incluindo um capitulo (de fl. 78 v. a fl. 82).
58 oitavas (de fl. 82 a fl. 92).
8 eglogas (de fl. 92 v. a fl. 153 v.).
redondilhas (de fl. 154 a fl. 190 v.).
2 cartas.

São empregados n'esta edição os caracteres romanos, de dois corpos, um maior e outro menor. De fl. 91 a fl. 94 v., a composição é, porém, em italico.

Note-se que no titulo da fl. 49 v. está *Odes*, quando devia de ser *Canções*. A primeira ode só começa a meio da fl. 50 v. O capitulo termina ao terço da fl. 82 com a seguinte quadra:

A causa em fim m'sforça o sofrimento,
Porque'a pesar do mal que me resiste
De todos os trabalhos me contento,
Qu'á razão faz a pena alegre ou triste

N'esta edição notem-se os seguintes erros, em a numeração das folhas.

Fl. 39 em vez de 151.
Fl. 78 em vez de 87.
Fl. 119 em vez de 115.
Fl. 155 em vez de 161.
Fl. 168 em vez de 166.
Fl. 165 em vez de 167.
Fl. 147 em vez de 174.
Fl. 157 em vez de 175.
Fl. 182 em vez de 185.
Fl. 178 em vez de 187.
Fl. 201 em vez de 102.
A fl. 81. em alguns exemplares, não tem numeração.

Esta edição, ao que me parece, é uma reproducção com outros caracteres da edição de 1614.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (dois, sendo um em perfeito estado de conservação e o outro sem rosto e com outros defeitos, e este é o que pertenceu a Norton), os srs. Fernando Palha, João Henrique Ulrich, João Antonio Marques e Antonio Augusto de Carvalho Monteiro; e no Porto, o sr. Antonio Moreira Cabral.

No leilão Minhava foi arrematado o que lá existia, em perfeito estado, por 47$000 réis para o sr. Carvalho Monteiro.

*
* *

25. *Os Lvsiadas de Lvys de Camoēs. Cō todas as licēças necessarias. Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck. Impressor delRey. An. 1626.* 2.° de 4 in-141 fl. numeradas pela frente. — O rosto um tanto similhante, pela sua simplicidade, ao da edição de 1631, que adiante reproduzo; com a differença de que, em vez da vi-

nheta emhlematica, traz uma simples vinheta de combinação e ornato. O typo, é o que denominavam antigamente *mignon*, e que o editor Lourenço Craesbeeck mandou vir de proposito para esta primeira edição de algibeira.

As licenças são de 15 e 19 de dezembro de 1625, 20 e 21 de abril de 1626. A taxa é de *sessenta réis em papel*. Na licença do bispo inquisidor lê-se:

«Visto como esta obra foy já vista, & impressa, damos licença pera que de nouo se imprima, & torne conferida com seu original pera se dar licença pera correr,» etc.

Ás licenças segue o prologo, ou dedicatoria, de Lourenço Craesbeeck a D. João de Almeida; e a este os sonetos de Tasso e de D. João de Almeida em louvor a Camões. É mui interessante o seguinte trecho do prologo:

«Reduzido a taõ pequeno corpo, ofereço a v. m. o mór gigãte do Parnazo, & assi como em hũ pequeno Mappa se cõprẽde toda a maquina do mũdo, assi neste abreuiado volume se incluye toda a perfeição da poezia, a qual verdade não somente a conhecem os melhores ingenhos deste tempo, mas tambem a não ignorarão os que mais florecerão no passado, pois dizẽdosse diante de D. Frãcisco de Portugal terceiro Conde do Vimioso que este liuro era o primeiro que em oitaua rima se imprimira em Hespanha, respondeo & sera o derradeiro: tambem foy muy abonado testemunho o do Conde da Idanha a quem preguntando o Autor se achara muitas faltas no seu liuro, respõdeo hũa achei muy notavel, que foy não no fazerdes tão pequeno que o pudessemos decorar logo, ou tão grande que os não pudessemos acabar de ler nunca: so elRei Dom Sebastião mostrou estimalo pouco porque trazia mais occupado o pensamento em dar materias a escritores, & poetas, que em darlhes premios: & daqui naceo fazerlhe tão estreita merce, & tão trabalhosa na arrecadação, q̃ dezia muitas uezes o Autor hauia de pedir a elRey lhe mãdasse comutar aqueles dez mil reis de tẽça, em dez mil açoutes nos Almoxarifes, porẽ logrou a pouco tempo, q̃ perdeo logo a vida, não só com geral sentimento da nossa naçã, mas de todas as estrangeiras, onde lhe não faltarão afeiçoados q̃ desejarão pedir os seus ossos para em sua terra lhe fazerem magnifico sepulcro, de q̃ elle tẽ bẽ pouca necessidade, porq̃ em toda a parte lhe serue de Mausseolo *(sic)* a sua fama, & de epitafio este seu liuro, o qual por meyo desta impressam resumi a tão pequeno espaço, porq̃ não he justo q̃ os curiosos se cõtentẽ sò de o lerẽ, mas de o trazerẽ sempre cõsigo: Diamãte he, & por esta causa dino mais de engaste q̃ de encadernação; & se a ordinaria valia, & estimação dos diamantes he regulada pelas mãos q̃ os trazẽ, ninguem duuidarà vẽdo este nas de v. m. de q serà o seu preço inestimauel...»

No exemplar, que tenho á vista, e é o da collecção da bibliotheca nacional, o numero 141 da ultima folha tem o 1 quebrado, por modo que á primeira vista parece 14.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional citada; os srs. Fernando Palha e Antonio Augusto de Carvalho Monteiro; e no Porto, o sr. visconde da Ermida.

É mui rara esta edição, como todas as que se fizeram no typo e no formato indicado, e por isso apparecem poucas vezes no mercado. É difficil, portanto, darlhes cotação.

*
* *

26. *Rimas de Lvis de Camões. Emendadas nesta duodecima impressão de muitos erros das passadas. Offrecidas ao Excellentiss. S. Dõ Manoel de Moura Cor-*

terreal Marques de CastelRodrigo, &c. 1629. Em Lisboa Cõ todas as licenças necessarias. Por Pedro Craesbeeck impressor delRey. 12.º de 4-175 fl., numeradas pela frente.

A informação e as licenças são datadas de 12 de agosto, 1 e 10 de setembro, e 9 de outubro de 1626, 7 e 11 de julho de 1629. D'estas datas infiro que, quando Pedro Craesbeeck tratou da edição dos *Lusiadas* anterior (1621), cuidou desde logo de uma nova impressão das *Rimas*, mas que não a pôde vencer senão quasi tres annos depois. A data da dedicatoria da impressão a D. Manuel de Moura é de 3 de julho de 1629. A taxa é de sessenta réis.

Na informação, assignada por fr. Thomaz de S. Domingos, *magister*, lê-se:

«Vi este liuro impresso já outras vezes & emendado de algũs erros, & de nouo não ha cousa que encontra nossa sancta fé, ou bõs costumes, merece o nome do author ser celebrado por seu engenho, & galantaria, & assim sou de parecer que se lhe dè a licença que pede para se tornar a imprimir.»

A primeira parte contém o mesmo numero de sonetos e outras composições poeticas, e as duas cartas, que se comprehendem nas edições anteriores de maior formato. Percorrendo o livro encontrei uma differença no titulo das «Endechas», que são a ultima serie das «Redondilhas».

Na edição de 1621:

«Endechas, a hũa cattiua com quẽ andaua d'amores na India, chamada Barbora.»

Na edição de 1629:

«Endechas a Barbora escraua.»

E ambos começam:

Aquella catiua,
Que me tem catiuo.

Na segunda oitava notei esta variante. Na edição de 1629:

Nẽ no cãpo flores
Nẽ no ceo estrellas,
Me parecẽ bellas,
Como os meus amores

Na de 1621:

Nem no Cêo Estrellas,
Nem no Campo Flores
Me parecem bellas,
Como os meus amores

No exemplar, que tenho presente, e era da collecção Norton, desde alguns annos na posse da bibliotheca nacional de Lisboa, foi encadernado conjunctamente, sem folha de rosto:

Rimas de Lvis de Camões. Segunda parte. 12.º de 58 fl. numeradas só pela frente, e 1 innumerada.

Ao ver as duas partes reunidas, com caracteres typographicos e papel iguaes, revelando uniformidade na impressão, poderia formar idéa de que todo o livro fôra impresso na mesma epocha. Porém, examinando outras edições subsequentes, convenci-me de que Norton, ou a pessoa de quem elle recebeu o livro, adjuntou aquella parte, falta da folha do rosto e das folhas preliminares, que era truncada da edição de 1632.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional citada, os srs. Fernando Palha, João Henrique Ulrich e Antonio Augusto de Carvalho Monteiro; no Porto, os srs. visconde da Ermida e Moreira Cabral.

No leilão Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 15$200 réis. É o que pertence aa sr. Fernando Palha.

*
* *

27. *Lvsiadas de Lvys de Camões. Cõ todas as licẽças necessarias. Em Lisboa. Por Crasbeeck. Impressor delRey. An. 1631.* 12.º 4 innumeradas–140 fl. numeradas pela frente.—O rosto é como o *fac-simile,* fielmente reproduzido, que acompanha este artigo. A composição, em typo *mignon,* quasi igual ao moderno corpo 6, de que tambem deixo aqui um specimen. Advirta-se que a fl. 48 tem a numeração errada. Está 10 em vez de 48.

A informação e as licenças são de 15 de fevereiro de 1630, 23 e 28 de fevereiro, 4 e 6 de março, 28 e 31 de abril de 1631. A informação de fr. Thomás de S. Domingos, *magister,* é esta:

«Este Camoes foi reuisto por mim, & approuado na forma em que está, & se lhe pode conceder a mesma licença para a tornar a imprimir.»

Note-se mais, que esta é a edição pela primeira vez revista por João Franco Barreto. Na advertencia, ao leitor, que este põe á frente do poema, lê-se o seguinte:

«Sabendo eu q̃ os Lusiadas do nosso Poeta, & mayor dos de Espanha (segundo bõs juizos) na poesia heroica, estaua para se dar á impressaõ, *segunda vez nesta letra pequena,* que com razão se deue chamar sua, pois só para elle se mandou vir de fóra a este Reino: mouido da coriosidade & afeição, que sempre a seus versos tiue, tomey por empresa (vendo os vicios, com que taõ corrupto andaua, que ainda homẽs praticos tinhaõ, & sustentauaõ por de seu Autor, bem contra o que a seu credito, & nome se deuia) assistir á emenda cõ mayor cuidado do que minhas occupações o permittiaõ: pelo que me parece que sairá mais apurado, do que ategora: & porque nam fosse sem louuor, de quem he taõ seu apaixonado, lhe fiz por no principio esta empresa, tirada do discurso de sua vida, que foy como elle mesmo diz: Nũa mão sempre a espada, & noutra a pena: Aceita minha vontade, & gosa de melhor Poeta de nossos tempos, de maneira, que se nelle se vio outro Homero, em ti se veja outro Alexandre. Vale.»

No verso d'esta dedicatoria estão os sonetos de Tasso e de D. João de Almeida, a Camões.

As estancias do poema são numeradas, e não têem argumentos. V. o que a este respeito escreveu Innocencio, tomo v, pag. 255, n.º 25.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, em perfeito estado, os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Antonio

LVSIADAS
DE
LVYS DE
CAMÕES.

SIMVL IN VNVM

Cõ todas as licenças necessarias

EM LISBOA

Por Pedro Crasbeeck Impressor delRey. An. 1631.

CANTO

Podēse pôr em longo esquecimento
As cruezas mortais, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, & do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio:
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mũdo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

7

Beatriz era a filha, que casada
Co Castelhano està, que o Reyno pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede:
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo, que esta filha ao pay sucede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regioẽs, & varias terras.

8

Vem de toda a Provincia, q̃ de hũ Brigo
(Se foy) ja teve o nome diriuado;
Das terras, q̃ Fernando, & que Rodrigo
Ganhàraõ do tirano, & Mauro estado.
Não estimão das armas o perigo,
Os que cortando vaõ co duro arado
Os campos Leoneses, cuja gente
Cos Mouros foy nas armas excellente.

9

Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntavaõ
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Goadalquibir as agoas lavaõ:
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os Tyrios habitavaõ,
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas columnas nas bandeiras.

Marques, João Henrique Ulrich, reverendo padre Antonio Coelho Leandres de Sousa, e Carlos Cyrillo da Silva Vieira; no Porto, os srs. dr. José Carlos Lopes, Antonio Moreira Cabral, Joaquim de Vasconcellos; e na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto.

No leilão Minhava foi vendido um exemplar por 4$700 réis.

*
* *

28. *Rimas de Lvis de Camões. Primeira parte. Agora nouamente emendadas nesta vltima impressaõ. Com todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Por Lourenço Craesbeeck.* 12.º de 4 (innumeradas)-175 fl. numeradas só pela frente. — O rosto é similhante ao da edição de 1631, vendo-se tambem n'elle o mesmo emblema. A data posta *16 23,* aos lados do emblema, é errada; tem os dois ultimos algarismos trocados. Deve ser *1632*. Os caracteres typographicos iguaes aos empregados em 1626, 1629 e 1631.

As informações e licenças são de 13 e 27 de julho, 25 e 31 de agosto, 8, 9 e 10 de novembro de 1632. A taxa é de sessenta réis em papel.

A primeira licença, ou informação, é de fr. Sebastião dos Santos, que escreveu:

«Vi estas Rimas varias do insigne Poeta Luis de Camões por serem muitas vezes impressas, & aprouadas por tam doctos Padres: & por não ter cousa contra nossa santa Fé, ou bõs costumes, se póde dar a licença que se pede para se tornar a imprimir.»

A segunda é de fr. Ayres Correia, dominicano, que informou assim:

«Imprimemse as obras de Camoẽs Poetá insigne hũa, & muitas vezes, he diuida, que como agradecido se deue ao lustre, que com ellas deu ao nome Portuguez: & estas Rimas por suas não desmerecem de que sayaõ outra vez a luz, para luzero dos Poetas, que agora lhe querem succeder. E assi me parecem que dignamente se podem imprimir.»

Esta informação do frade dominicano não podia ser, na sua sobriedade, mais levantada e honrosa para a memoria do egregio poeta.

Alem da data errada no rosto, como acima notei, encontra-se igualmente errada a numeração das folhas:

Fl. 331 em vez de 133.
Fl. 136 em vez de 139.
Fl. 129 em vez de 144.
e mais: a numeração de fl. 134 e 137 tem os algarismos 4 e 7 fóra dos seus logares, e o titulo das «Redondilhas» da fl. 143 v. tem o ~ voltado.

A disposição de toda a edição é quasi igual ás edições congeneres anteriores. Abrindo, comtudo, ao acaso o livro, por exemplo a fl. 26, leio na edição de 1629 os dois versos do primeiro terceto do soneto C d'este modo:

Patria minha Alãquer, mas ar corrup
(to
q̃ neste meu terreno vaso tinha,

Na edição de 1632:

Patria minha Alanquer, mas ar corrup
(te
Que neste meu terreno vaso tinha,

Na fl. 27, seguinte, da edição de 1629, o ultimo verso do soneto CIV está assim:

Na lingoa o nome, n'alma a vista pu-
(ra.

Na edição de 1632:

Na lingoa o nome, nalma a vista pura.

Para os que entendam alguma cousa da arte de imprimir e da sua technologia, observarei que, apesar de parecer que foram empregados os mesmos typos, a composição foi evidentemente nova, não só pelas differenças que apontei e por outras, que por brevidade deixo de mencionar, mas pela espacejação de cada linha, que é diversa, comparando a edição das *Rimas* de 1629 com a de 1632.

Por ultimo: é n'esta edição que apparece, pela primeira vez em obras de Camões, em plena actividade industrial e artistica, o nome do impressor Lourenço Craesbeeck, filho e successor de Pedro Craesbeeck. No entretanto, elle já estava associado a seu pae alguns annos antes do seu fallecimento, visto como foi o encarregado de dedicar a D. João de Almeida a edição dos *Lusiadas* de 1626.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, os srs. Fernando Palha, João Antonio Marques, João Henrique Ulrich, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, e reverendo padre Antonio Coelho Leandres de Sousa.

*
* *

29. *Rimas de Lvis de Camões. Segvnda parte. Agora nouamente emendadas nesta vltima impressão. Com todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Por Lourenço Craesbeeck.* 12.° de 6 (innumeradas)-58 fl. numeradas só pela frente, e mais 1 innumerada.—O rosto igual ao da primeira parte, com o mesmo emblema e a data errada *1623* em vez de *1632*. Caracteres typographicos iguaes.

As informações e licenças perfeitamente iguaes ás que foram impressas na primeira parte, variando apenas na taxa, que é de *quarenta réis em papel*. Seguem ás licenças uma apologia de Camões por Diogo Henriques de Vilhegas, e a dedicatoria a fr. Luiz de Sousa, prégador augustiniano, por Paulo Craesbeeck.

Na apologia lê-se:

«... não ha que admirar, se disser, que desdo principio do mundo atè o tempo do nosso Luiz de Camoẽs não houve mais que quatro que merecessẽ o insigne nome de Poetas Heroicos; porque sô estes com perfeição guardarão todos os preceitos (que são sem cõto) da arte: os quaes foraõ dos Gregos Homero, dos Latinos Virgilio, dos Italianos Torquato Tasso, & dos Hespanhoes o nosso Poeta. Com tudo entre estes (disse um Docto) [1] Merece mais Luis de Camões particular louuor, porque ainda que não excedeo em tudo a todos, ao menos se auentajou a

[1] O chantre Manuel Severim de Faria nos seus discursos politicos, vida de Camões.

cada hum em sua parte. E outro galhardo engenho[1] affirma que em o que se não auentajou, que ficou igual, mas nunca inferior. Isto he no que toca ao heroico. E não foy menos nos versos pequenos, & de mais metros, a que se dà o nome de Rimas....»

E mais o seguinte:

«... sabendo que nesta impressão se deixauão de pôr os prologos dos licenseados Fernão Rodrigues Lobo Surrupita, & Pedro de Maris, a affeyção q tenho às obras do nosso Poeta, me obrigou a não querer sahisse esta segunda parte de suas Rimas sem esta coroa...

«Aduirto, que nem todas as que vão neste volume são de Luis de Camoēs, q a suã fortuna atê depois de morto o não liurou de testemunhos. Não se separão, porque como o Sol entre as demais estrellas resplandece.»

Na dedicatoria de Paulo Crasbeeck lê-se:

«... & se como em mim está certo o querer podendo, estiuera o poder querendo, luzira mais meu animo agradecido: em tanto aceite v. m. esta offerta que a grandeza das obras de Luis de Camoēs, tem seruido de desempenho a grandes deuedores. E pois o eu sou de v. m. & esta impressão minha, q a dedique ao illustre nome de v. m. he razão de mais de me prometter no illustre, amparo, & no docto defensa.»

Esta segunda parte contém 35 sonetos, 2 elegias, 2 odes (que nunca tinham sido impressas); e outras composições varias até fl. 32. Da fl. 32 v. até fl. 58 está o primeiro canto da *Creaçan & composição do homem,* que não é de Camões. Na fl. 58 v. lê-se o epitaphio de D. Gonçalo Coutinho; e na fl. innumerada, o outro epithaphio, tambem conhecido:

Naso elegis Flaccus lyricis Epigramate Marcus

com o que remata o livro.

*
* *

30. *Lusiadas de Lvys de Camões. Cō todas as licēças necessaria. Em Lisboa. Por Lourenço Crasbeeck Impressor delRey. An. 1633.* 12.º de 4 (innumeradas)-140 fl. numeradas pela frente.—O rosto inteiramente igual ao da edição de 1631. Typo redondo, tambem igual ao empregado na mesma edição.

As licenças e informações têem as datas de 23, 29 e 30 de outubro, e 4 de novembro de 1632, 13, 14 e 15 de julho de 1633. Na informação, em caracteres aldinos, de frei Thomás de S. Domingos, lê-se:

«Ia vi este liuro outras vezes, & o approvei, & de nouo não achei cousa que seja impedimento para tornar a estamparse.»

A de frei Ayres Correia é assim (caracteres redondos):

«Vi estas Lusiadas muitas vezes impressas, & se lhe pode dar licença para que se imprimão outra vez.»

[1] O condo do Villa Mediana em resposta de nos versos de Tasso.

Tem-se escripto que esta edição é reproducção da de 1631. Assim me pareceu tambem, confrontando as duas. Não é, porém, contrafeição. Alem das novas licenças, que Lourenço Craesbeeck fez correr para a impressão d'este livro, e cujo processo durou desde a segunda quinzena de outubro de 1632 até o fim da primeira quinzena de julho de 1633, pouco mais ou menos nove mezes completos, temos que o impressor, na sua dedicatoria a D. João da Silva, capellão-mór d'elrei, escreveu:

«Offereço a vossa Senhoria Illustrissima terceira vez já impressos nesta letrinha os Lusiadas de Luis de Camoẽs, Principe dos Poetas Portuguezes: & como vossa Senhoria Illustrissima o seja assi no sangue, como nas mais acçőes suas, diuida forçosa he que se lhe desse, pois a atreuimentos mayores me dão confiança a merces com que vossa Senhoria Illustrissima de ordinario me honra», etc.

A esta dedicatoria, impressa em caracteres aldinos, excepto o titulo, que é em redondo, e tem a data de 4 de julho de 1633, seguem os sonetos de Tasso e de D. João de Almeida, com o que rematam as folhas preliminares; e depois corre o poema de fl. 1 a 140, em caracteres redondos, *mignon,* como os da edição de 1631, com as estancias numeradas.

A respeito de formatos tenho-me afastado, sem nenhuma especie de pretensão ou jactancia, do estabelecido nas passadas bibliographias camonianas; persuado-me, porém, de que a indicação tem passado de uns para outros, por simples copias ou reproducções, sem que os bibliographos vissem em suas mãos minuciosamente os exemplares. D'ahi, como já escrevi acima, têem nascido confusões, indecisões e erros.

As edições em *mignon,* de 1626 a 1633 (sendo esta ultima para alguns até duvidosa), acham-se n'este caso. Tem-se posto que são em 12.º, 24.º, e em 32.º O formato de todas, comtudo, segundo o exame que fiz em cada um dos exemplares existentes na bibliotheca nacional de Lisboa, é em 12.º Vejam-se as rubricas de cada folha, e encontrar-se-ha a prova d'isto. Com a edição, que seguiu á de 1633, succedeu outro tanto. Todos a têem mencionado, ou descripto, como em folio; e é, no meu entender, como adiante registarei.

A composição typographica, posto que guarde alguma fidelidade com a edição, que serviu de copia, tem differenças sensiveis na espacejação e variantes no modo de compor as palavras. Exemplos:

Edição de 1631, canto I, na estancia 2, terceiro verso:

A Fê, o Imperio, & as terras viciosas

Edição de 1633:

A Fè, o Imperio, & as terras viciosas

Edição de 1631, mesmo canto e estancia, ultimo verso:

Se a tãto me ajudar o engenho, & arte.

Rubrica d'esta folha:
cessem

Edição de 1633:

Se a tanto me ajudar oengenho, &arte

Rubrica d'esta folha:
Cessem

Edição de 1631, canto IV, estancia 67:

Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado no tẽpo, quea luz clara
Foge, & as estrellas nitidas, que saem,
A repouso conuidão, quando caem.

Rubrica d'esta folha:
Aues

Edição de 1633:

Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado no tempo, que a luz clara
Foge, & as estrellas nitidas, que saem,
A repouso conuidaõ, quando caem.

Rubrica d'esta folha.
Aue

Edição de 1631, canto x, estancia 45:

Mais estanças cantàra esta Syrena
Em louuor doillustrissimoAlbuquerq̃,
Mas alẽbroulhehũa ira, que o cõdena,
Posto que a fama sua o mũdo cerque:

Edição de 1633:

Mais estanças cantâra esta Syrena
Em louuor do illustrissimo Albuquerq̃,
Mas alẽbroulhe hũa ira, que o cõdena,
Posto que a fama sua o mundo cerque:

Uma nota final: esta edição, alem do seu alto valor para a camoniana, poderia ser collocada entre os livros que se considerarem percursores dos esforços para a restauração do reino. As phrases da dedicatoria, que deixei transcriptas e repetirei: «*Principe dos Poetas Portuguezes: & como vossa Senhoria Illustrissima o seja assi no sangue, como nas mais acções suas*», podem, emquanto a mim, julgar-se, sete annos antes da gloriosa data de 1640, como significativamente patrioticas, ligadas á idéa de uma reproducção da obra de Camões.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, e os srs. Fernando Palha, João Henrique Ulrich e Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.

*
* *

31. *Lvsiadas de Lvis de Camoens, Principe de los poetas de España. Al Rey N. Señor Felipe Qvarto el Grande. Comentadas por Manvel de Faria i Sousa, Ca-*

vallero de la Orden de Christo, i de la Casa Real, Contienen lo mas de lo principal de la historia, i Geographia del mundo; i singularmente de España: mucha politica excelente, i Catolica: Varia moralidad, i dotrina; Ajuda, i entretenida satira en comun à los vicios: I de profession los lances de la Poesia verdadera i grave: I su mas alto, i solido pensar. Todo sin salir dela idèa del Poeta. Tomo primero i segvndo. Año 1639 (tendo ao centro as armas reaes portuguezas). *Con Priuilegio. En Madrid, Por Ivan Sanchez. A costa de Pedro Coello. Mercador de libros.*—No frontispicio, como notei, vêem-se as armas portuguezas, sobrepostas a duas trombetas cruzadas, symbolo da fama, com a seguinte legenda: «*In Omnem Terram Exivit Sonvs Eorvm*».

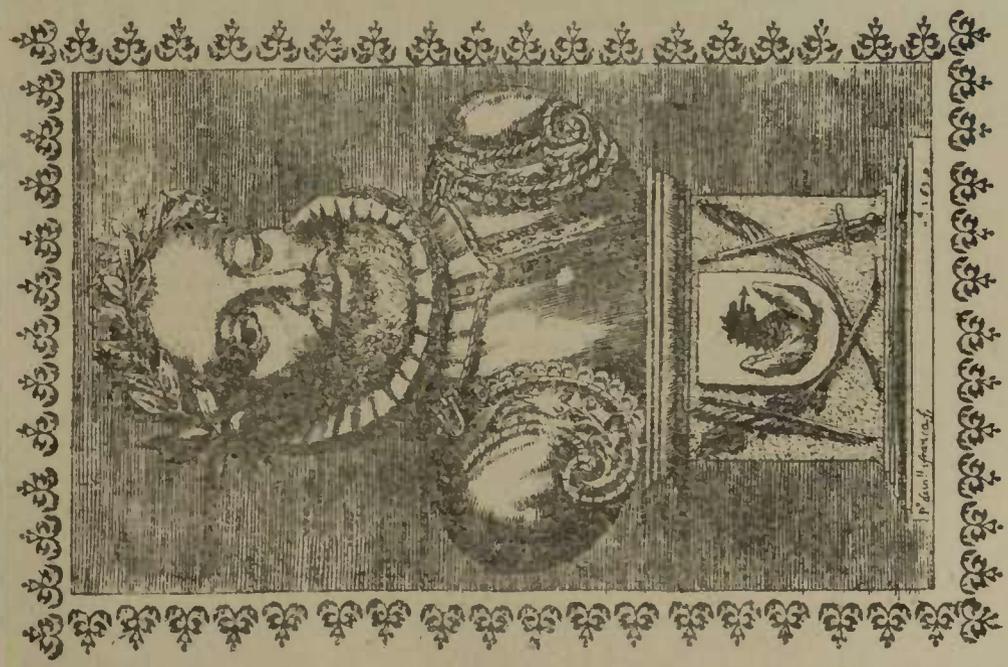
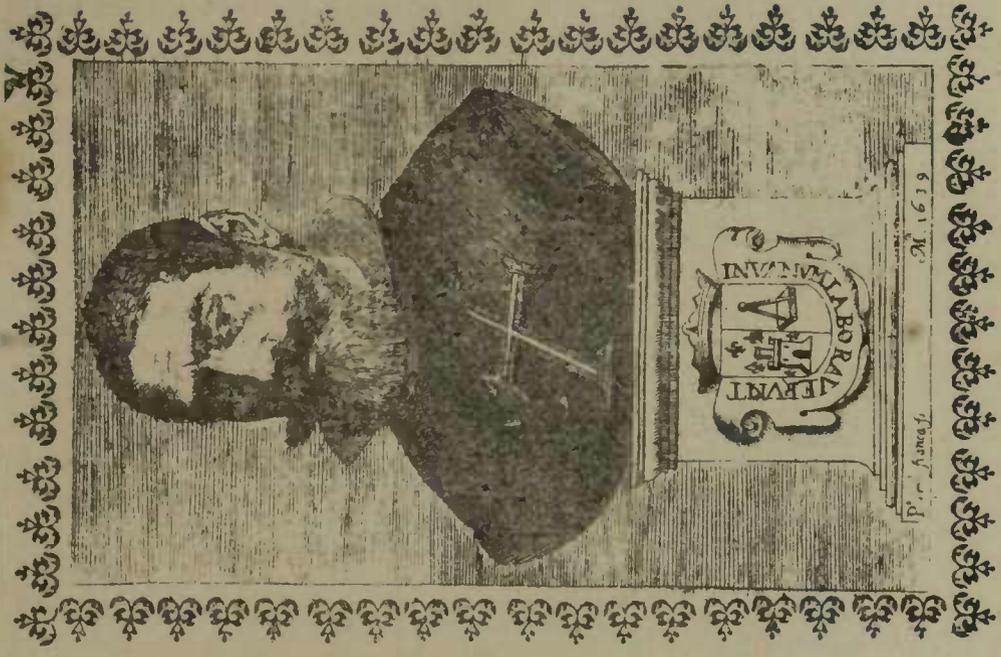
Lvsiadas de Lvis de Camoens, principe de los poetas de España: Al Rey N. S. Felippe IV. El grande. Comentados por Manuel de Faria i Sousa, etc. (Reproducção do rosto anterior com a só differença d'esta ultima indicação: *Todo sin salir un solo punto de la idéa del altissimo Poeta.*) *Tomos tercero i qvarto. Año 1639. Con Priuilegio. Em Madrid. Por Iuan Sanchez. Impressor. A costa de Pedro Coello, mercador de libros.*

Os tomos II e IV não têem rostos especiaes. 4 tomos em 2 volumes. 4.º ou 8.º maior.

Tomo I de 12-276 fl. innumeradas, com 552 columnas numeradas, comprehendendo os cantos I e II.
Tomo II de 326 fl. innumeradas, com 652 columnas numeradas, comprehendendo os cantos III, IV e V.
Tomo III de 2-264 fl. innumeradas, com 528 columnas numeradas, comprehendendo os cantos VI, VII e VIII.
Tomo IV de 335 fl. innumeradas, com 670 columnas numeradas, comprehendendo os cantos IX e X; e mais 17 fl. innumeradas com a *Tabla general* em columnas. Em alguns exemplares anda adjunta a *Informacion em favor de Manuel Faria i Sousa,* etc. 6 fl. innumeradas.

No começo de cada canto, e de assumpto allusivo a elle, vêem-se gravuras ornamentaes abertas em cobre, que fazem notavel contraste com os retratos de Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque, e outros personagens, que figuram no poema, pois são gravados em madeira e mui toscos. Os retratos de Luiz de Camões e do seu commentador Manuel de Faria (que vem depois do elogio do commentador), são abertos em cobre, e trazem a assignatura do artista: *P.º de villa franca. Madrid 1639,* conforme o especimen que reproduzo em frente. Estas gravuras foram depois mandadas reproduzir com fidelidade por Adamson, em uma das obras relativas a Camões, ou commemorativas do egregio poeta, como opportunamente mencionarei. Manuel de Faria não só indica a origem de cada retrato, mas descreve-o por menor, dando até idéa do trajo do personagem.

Alguns bibliographos têem notado que Manuel de Faria poz o retrato de Camões com o olho esquerdo fechado, ao contrario do que fôra reproduzido até ali, e constava da tradição. Parece-me que o defeito deve ser attribuido ao artista gravador, que passou o desenho ao contrario, saíndo-lhe na impressão para a esquerda o que era para a direita. Na reproducção mandada fazer d'este retrato por Adamson, como já mencionei, vê-se bem esse engano do artista, porque a copia saíu fiel e o rosto do poeta, como devêra ter sido primitivamente impresso.

O retrato de Vasco da Gama está na pagina do tomo I (que devia ter as columnas 533 e 534; o de Affonso de Albuquerque, parte IV, por baixo das columnas 381 e 382; os de outros vice-reis nas folhas seguintes, columnas 385, 386,

387, 391, 399, 401, 402, 403, 408, 416. Nas columnas 495 a 498 um mappamundi. N'este tomo a columna segunda tem a numeração errada, em vez de 402, tem 204.

No verso do rosto lêem-se varias epigraphes em latim, extrahidas do livro dos Machabeus, Sidonio, Apollinario, Erasmo e Marcial. Na folha seguinte vem a advertencia de Manuel de Faria aos impressores e mercadores de livros, aos quaes lembra que se algum quizer fazer nova impressão:

«liberalmente le darà nuevo Original, no solo reparado de lo que arriba se advierte, sino ilustrado; porque en lugar de algunas cosas que convino dezirse agora en este libro, por ser la primera vez que se imprimiò, i que no son menester en la segunda, iràn otras de mayor utilidad, i no designal gusto, que se dexaron por lo mucho que crecia el volumen.»

Depois correm as licenças e informações, as dedicatorias, um elogio ao commentador (5 fl.), a que seguem os retratos de Camões e de Manuel de Faria, e varias poesias encomiasticas; o prologo (pag. 2 a 14); a vida do poeta (pag. 15 a 58); o juizo do poema (pag. 59 a 99); e no fim começam os *Lusiadas*, sendo cada estancia copiada em verso, depois vertida em prosa castelhana e seguida do commentario no mesmo idioma.

Na licença de D. Tomas Tamaya de Vargas, datada de Madrid a 18 de julho de 1637, lê-se:

«A este verdaderamente Poema, por ser igual a los mejores de los antiguos, i superior a todos los de los modernos, faltava ilustracion particular para su inteligencia, como ha sucedido a los de Homero, i Virgilio (exemplares primeros d'esta Idea) en que han puesto su cuydado, i diligencia, muchos ingenios de todos siglos, aunque con desiguales sucessos.

«El espiritu del gran *Luis de Camoēs*, es mayor que la materia que tratò, con ser de las mas gloriosas que ha tenido el mundo: porque aquel ilustre Heroe Vasco de Gama, intentò cosas que la imaginacion tuvo por impossibles, i las consegui̇ò con felicidad, hollando mares nunca surcados, descubriendo Reynos no conocidos, i enriqueciendo con tesoros incomparables a sus Reys, cujas acciones con tanto artificio, i decencia, se entretexen en los adornos desta labor, que ni sa magestad, ni el valor de los invencibles guerreros, que con generosa emulacion seguieron aquellos primeros huellas, pudieram desear más, ni alcançar tanto.»

No prologo (col. 8.ª divisão VI) faz Manuel de Faria esta brilhante apreciação do poema:

«Lvis de Camoēs en esta grãde obra, aun quãdo yo quisiese, no me dá lugar a divertirme en ociosidades trabajosas, porque tiene infinidad de lugares, que dan bien en que entender á quien los conoce, y ha visto los Autores de qne salio lo erudito, o lo imitado. Assi, pues, si huviessemos de comentar este Poema con ajustado estudio, i sin lascivia de ostentacion de erudiciones, seria menester, en lo que toca a historia, trasladar aqui, a lo menos abreviados, todos los Annales de Europa, Asia, i Africa: i en lo que toca a juizios, sentencias, moralidades, alegorias, i otra variedad, seria necessario traer por testigos muchos Filosofos, muchos Politicos, muchos Filologicos, i muchos Santos, con que sin caer en el vicio de ostentaciones vanas, nunca pudieramos acabar. Tal es la vega, que para toda fertilidad semejante abrio este ingenio con esta labor.»

O papel geralmente empregado n'esta edição é fraco, amarellado, quasi amarello-torrado, do de peor qualidade que produziriam as fabricas n'aquella epocha.

Apparecem, comtudo, rarissimas vezes, alguns exemplares em papel melhor, mais claro e encorpado, como o que pertenceu á bibliotheca de D. Francisco Manuel de Mello, hoje encorporada na bibliotheca nacional de Lisboa; e como o que me informam possuir tambem o sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro. Estes exemplares especiaes não trazem, porém, adjuncta a *Informacion, en favor de Manuel de Faria i Sovsa,* impressa em 1640, que anda com muitos exemplares da edição commum.

Com respeito ao formato, não me conformo com a classificação dada até hoje. Não me parece em folio. A impressão ou foi feita logo em 8.º maximo, ou em 4.º casando-se as folhas para darem o 8.º maximo, como é facil ver examinando attentamente a fórma da encadernação de cada tomo.

Possuem exemplares (edição commum): em Lisboa, a bibliotheca da Ajuda, a bibliotheca nacional (tres, sendo um especial, como ficou já notado); e os srs. Fernando Palha, João Antonio Marques, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Henrique Ulrich, Francisco Gomes de Amorim, Antonio Maria dos Santos Agard, e outros; no Porto, a bibliotheca publica, e os srs. conde de Samodães, visconde da Ermida, dr. José Carlos Lopes, Moreira Cabral, Cerquinho, e outros; na Louzã, o sr. Fernandes Thomaz; em Vianna do Castello, o sr. João Luiz Monteverde da Cunha Lobo (exemplar que pertencêra a Norton); em Coimbra, a bibliotheca da universidade; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional (dois).

Os preços têem ultimamente variado no mercado, entre 6$000, 8$000 e 10$000 réis. No leilão Gomes Monteiro chegou um exemplar a 20$200 réis. No de Sousa Guimarães (em 1870) foi arrematado por 10$080 réis. No leilão Minhava subiu um exemplar a 15$000 réis, para o sr. Francisco Gomes de Amorim.

*
* *

32. *Os Lvsiadas de Lvis de Camões. Cõ todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Por Paulo Craesbeeck, Impressor & Liureiro das tres Ordens militares, & á sua custa. Anno 1644.* 12.º de 2 innumeradas 204 fl. numeradas pela frente.—O rosto é guarnecido de linhas simples, e tem no centro uma ✠ cercada de vinhetas. Segue a dedicatoria (em italico) do impressor Paulo Craesbeeck a D. João Rodrigues de Sá Menezes, conde de Penaguião, filho primogenito do conde D. Francisco, etc. Depois corre o poema em redondo (typo quasi nada maior que o *mignon,* como o da edição de 1631), com as estancias numeradas (fol. 1 a 160); e o indice dos nomes proprios (fol. 160 v. a fol. 204). No fim (fl. 204 v.) estão as licenças datadas de 10, 11 e 13 de maio, com a indicação da taxa em branco, segundo o exemplar que examinei na bibliotheca nacional.

N'esta edição deixou de compor-se a estancia 125 do canto III, o que se julga omissão do impressor. Na seguinte edição *(Rimas, primeira parte),* fl. 4 innumerada vem declarada a falta e transcripta a estancia 125. Os cantos têem argumento em verso.

Na dedicatoria acima lê-se:

«Offereço a V. S. novamente impressos os Lusiadas de Luis de Camoēs; não por lhe buscar Mecenas (porque sem elles soube viver pobre, & pôde morrer insigne), mas porque havendo V. S. na campanha do anno passado, obrigado á

patria, com empenho de sua propria pessoa, tantas vezes repetido; e sendo a divida universal em todos os Portuguezes, não tenho eu com que manifestar melhor a V. S. o agradecimento, que me toca, que com lhe dedicar as obras de um varão que tambem foy grande pellas armas...»

É mister notar, como já o fiz anteriormente, que n'estas dedicatorias procuravam os editores ou impressores avivar, ao par da grande obra de Camões, o nobre sentimento de amor á patria e á sua independencia.

No exemplar que estou examinando e que pertence á collecção Norton, a licença a que se refere o sr. visconde de Juromenha, e que o illustre auctor do catalogo camoniano da bibliotheca nacional do Rio de Janeiro declara que não vê no exemplar, que possue a mesma bibliotheca, é do teor seguinte:

«Está conforme este liuro as Lusiadas & notaçoens com seu original neste Conuento do Carmo de Lisboa em 10 de Mayo de 644.»

É assignada por D. fr. Gaspar dos Reys.

As notações não são outras, certamente, senão as que se comprehendem no indice dos nomes proprios, porque forma uma serie de breves notas.

Em a numeração das fl. tem repetidos os numeros 20, 22 e 174. As fl. 145 e 146 devem de ser 185 e 186.

Possuem exemplares d'esta edição: em Lisboa, a bibliotheca nacional, e os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Henrique Ulrich, e João Antonio Marques; no Porto, a bibliotheca publica, e os srs. dr. José Carlos Lopes e Antonio Moreira Cabral; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

Quando apparecem no mercado, ou em leilão, os preços são de 2$000 a 3$000 réis.

No leilão de Gomes Monteiro foi arrematado um exemplar por 2$300 réis.

*
* *

33. *Rimas de Lvis de Camões. Primeira parte. Agora nouamente emendadas nesta vltima impressaõ, & acrecentada hũa Comedia nunca atègora impressa.* Em Lisboa. Com todas as licenças. *Na officina de Paulo CraesbeecK Impressor, & Liureiro das tres Ordẽs Militares, & à sua custa. An. 1645.* 12.º de 6 (innumeradas)-203 fl. numeradas só pela frente. No frontispicio tem a cruz e as vinhetas a guarnecel-a, como na anterior edição; mas não tem as linhas em volta da pagina. Typo redondo, maior que o *mignon*, como a antecedente.

As licenças são datadas de 11, 16 e 19 de dezembro de 1643, 26 e 27 de janeiro de 1645, o que prova que a publicação esteve demorada mais de um anno, e que o processo respectivo fôra solicitado antes da impressão dos *Lusiadas*, cujas licenças têem a data de 1644. Depois das licenças, vem os sonetos de Diogo Bernardes, Diogo Taborda Leitão, e de um amigo, em louvor do poeta, a

que este responde no soneto 62: o soneto de Ioão Gomez do pego *(sic)*; e a estancia 125 do canto III, omittida, como indiquei acima.

O soneto do amigo começa:

> Qvem he este, q̃ na harpa Lusitana
> Abate as Musas Gregas, & Latinas?

O soneta 62 começa:

> De tão diuino acēto & voz humana,
> De tam doces palauras peregrinas,
> Bem sei q̃ minhas obras não são dinas
> Que o rudo ēgenho meu me desēgana.

Na dedicatoria do impressor a D. João Rodrigues de Sá de Menezes, conde de Penaguião, põe elle que imprimíra os *Lusiadas* no anno de 1644, e dá a rasão por que ajuntou a nova comedia de Camões, n'estas palavras:

«Sahe de nouo a luz hũa Comedia sua nunca atègora impressa, por beneficio do Cõde D. Francisco de Sá pay de V. S. E assi em lha restituir a V. S. com a perfeição q̃ posso, & em publicar a obrigaçaõ procuro por mi, & pelos estudiosos mostrarme agradecido.»

Esta dedicatoria é impressa em caracteres aldinos, corpo maior que o empregado nas *Rimas*, e tem a data de 21 de janeiro de 1645.

Depois do soneto 104 segue o soneto 36, que é o 105. A comedia *Delrey Selevco* está no fim do livro, de fl. 185 a 203 v.

A fl. 25 tem só o algarismo 5 intelligivel, e a fl. 145 não tem numeração.

O exemplar da bibliotheca nacional de Lisboa, que examinei, anda encadernado com os *Lusiadas* de 1644. Pertencia á collecção Norton.

Alem d'este, sei da existencia de exemplares nas bibliothecas particulares dos srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Antonio Marques e João Henrique Ulrich, de Lisboa; dos srs. dr. José Carlos Lopes e Antonio Moreira Cabral, do Porto; e do sr. José do Canto, na ilha de S. Miguel.

No leilão de Minhava foi arrematado um exemplar para o sr. Carvalho Monteiro por 3$500 réis.

*
* *

34. *Os Lusiadas de Lvis de Camoēs. Cõ todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Por Paulo Craesbeeck. Impressor das Ordens Militares, & asua custa. Anno M. D. LI. Com Priuilegio Real.* 12.º de 4 (innumeradas)-162 fl. numeradas só pela frente.—O frontispicio conforme o anterior, com vinheta ou filete em volta, e no centro a cruz cercada de vinhetas. Typo redondo, corpo miudo como o n.º 6 moderno.

As licenças são de 31 de janeiro, 6 e 10 de julho de 1651. A dedicatoria é a D. João Rodrigues de Sá de Menezes, conde de Penaguião. Depois de quatro so-

netos em louvor de Camões, sendo o ultimo centonico por João Gomes Pego, seguem-se os *Lusiadas*, com os argumentos em verso. Não tem no fim o indice de nomes proprios.

A impressão d'esta edição foi muito descurada, e os erros da numeração das folhas são repetidos e lastimaveis. Vejâmos:

Fl. 23 a 70 em vez de 25 a 72.
Fl. 100 a 111 em vez de 97 a 108.
Fl. 117 a 128 em vez de 109 a 120.
Fl. 121 não tem numeração.
Fl. 120 em vez de 122.
Fl. 111 em vez de 123.
Fl. 122 a 140 em vez de 123 a 142.
Fl. 411 em vez de 143.
Fl. 142 a 154 em vez de 154 a 154.
Fl. 136 a 141 em vez de 157 a 162.

A fl. 144 tem o segundo 4 inutilisado, e representa só o numero 14.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (que era o da collecção Norton), e os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro e João Henrique Ulrich; no Porto, o sr. visconde da Ermida e dr. José Carlos Lopes; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

*
* *

35. *Rimas de Lvis de Camões. Primeira parte. A Dom Ioam Rodriguez de Sâ de Meneses, conde de Penaguião, &c. Em Lisboa. Com todas as Licenças Na Officina de Paulo Craesbeck Impressor das Ordens Militares, & a sua cuast (sic) Anno. 1651.* 12.º de 2 (innumeradas)-184 fl. numeradas pela frente.—O rosto não tem filetes, nem vinhetas, senão no centro, mas de ornamento muito simples. Typo redondo, como o dos *Lusiadas*, acima.

Na dedicatoria do impressor ao conde camareiro-mór (duas pag. em italico), datada de 10 de setembro de 1651, lê-se:

«Não he pouco rica esta (obra) que agora offereço a V. S. nas Rimas do grande Camoẽs, as quaes como verdadeiras pedras preciosas, quãto mais se trazẽ ẽtre as mãos melhor se pulem & resplandecem que por ventura será a causa de que se esforce a enueja dos emulos durando igualmẽte, que a fama do nosso Poeta para a fazer sem igual.»

A impressão d'esta parte das obras de Camões ainda é peor que a antecedente e por igual descurada.

Na numeração dos sonetos encontram-se os n.ºˢ 71 (fl. 19), e 10 (fl. 27), em vez de 73 e 105. Na compaginação vejo mais os seguintes erros:

Fl. 34, não tem numero.
Fl. 80, não tem numero.
Fl. 11, em vez de 113.
Fl. 13, em vez de 130.
Fl. 194, em vez de 164.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, e os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro e João Henrique Ulrich; no Porto, os srs. dr. José Carlos Lopes e visconde da Ermida; e na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto.

Em geral, quando apparecem exemplares das *Rimas* são encadernados com o poema da mesma data, formando um corpo das obras do poeta. Assim existia o da collecção Norton, e o da collecção Minhava, vendido no leilão da sua camoniana por 9$100 réis para o sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.

*
* *

36. *Os Lvsiadas de Luiz de Camoens, com os Argumentos do L.do João Franco Barreto. Com hum Epitome de sua vida. Dedicadas ao illustrissimo senhor Andre Furtado de Mendoc,a Deão, & Conego Dignissimo da S. Sè de Lisboa, Doutor em a Sagrada Theologia, Deputado da Junta dos Tres Estados do Reyno, &c. Impressas em Lisboa. Com as licenças necessarias. A custa de Antonio Craesbeeck de Mello. Impressor de Sva Alteza. Anno 1663.* 12.º de 3 in-142 fl. numeradas só pela frente e mais 2 fl. innumeradas.—O rosto é simples, sem ornamentação central, nem tarja, composto de letras versaes, versaletes, italico e redondo, e occupando toda a pagina. O typo usado em todo o livro é o que se parece com o corpo 6 actual, já empregado em anteriores edições.

As licenças são datadas de 6 de julho de 1656, 21 de julho de 1658 e 8 de agosto de 1659. Correu o respectivo processo, tanto para o poema, como para as rimas, que saíram no mesmo anno 1663, de que em seguida faço menção. Na primeira licença (a de 1656) lê-se:

«Pódese tornar a imprimir as Obras de Luis de Camoẽs, e depois de impressas, tornarâm ao Conselho para se cõferirem com o original, e se dar licença para correrem, e sem isso nam correrâm.»

Tem as assignaturas de Francisco Cardoso de Torneo, Pantaleão Rodrigues Pacheco, Diogo de Sousa, fr. Pedro de Magalhães e Luiz Alvares da Rocha.

A dedicatoria do impressor, Antonio Craesbeeck de Mello, é em oitavas numeradas. Tem dezeseis em quatro paginas, antes do poema. Começa:

Revolvendo, senhor na fantasia,
A que varam illustre assinalado,
Dedicar estas obras poderia
Do Portuguez Homero sublimado:
O coraçam parece me dizia,
Adonde, adonde vàs desatinado?
Esse Varam, que buscas excellente,
Ante olhos teus nam o tens presente?

E acaba:

A vòs pois quero só por meu Mecenas,
Em quem tantas virtudes resplandecem,
E â vossa sombra as Tagicas Camenas,
Respeitados serâm, como merecem.
Porque se as cousas baxas, e pequenas,
Nas mãos dos grandes tantos se ennobrecẽ
As que por si sam grandes, cos favores
Dos Principes se estimam por mayores.

O poema tem os argumentos em verso, que vinham na edição acima (n.º 34), mas sem a declaração de serem de Franco Barreto.

A impressão parece-me muito mais cuidada, que a anterior; e julgo tambem que foram empregados caracteres novos. O papel do exemplar, que tenho presente, o da collecção Norton da bibliotheca nacional de Lisboa, onde estou tomando notas para este trabalho, é escuro e de infima qualidade. É papel pardo com menos corpo que o de embrulho. Na compaginação ha os seguintes erros:

Fl. 96 em vez de 69.
Fl. 102, repetida, em vez de 103.
Fl. 110, repetida, em vez de 111.
Fl. 124 com o algarismo 2 voltado.
Fl. 142 com o algarismo 2 voltado.
No verso da fl. 142, segue sem numeração, e em caracteres aldinos, uma resumida *Vida do grande Luis de Camoẽs,* que termina com o epitaphio que D. Gonçalo Coutinho mandou collocar na igreja de Sant'Anna.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, e os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Henrique Ulrich e João Antonio Marques; no Porto, a bibliotheca municipal e o sr. dr. José Carlos Lopes; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

No leilão de Minhava, o sr. Ulrich arrematou um exemplar por 3$500 réis.

*
* *

37. *Rimas de Luis de Camoens, Principe dos Poetas de seu tempo. Dedicadas ao illustrissimo senhor André Furtado de Mendoc,a Deão, & Conego dignissimo da S. Sè de Lisboa, Doutor em a Sagrada Theologia, Deputado da Junta dos Tres Estados do Reyno, &c. Em Lisboa impressas. Com as licenças necessarias. Na officina de Antonio Craesbeeck de Mello. Impressor de Sva Alteza, e à sua custa. Anno 1663.* 12.º de 2 (innumeradas) 180 fl. numeradas pela frente. — O rosto é simples como o dos *Lusiadas* (n.º 36), e foram empregados os mesmos caracteres em todo o livro. Papel igual.

A dedicatoria do impressor é em prosa. N'ella se lê:

«Nem faltam razões a estas Obras, para terem as assistencias de favor de V. S. porq̃ tratam das proezas, que os Portuguezes obráram no Oriente, aonde os preclarissimos ascendẽtes de V. S. foram sempre mui celebrados, entre os quaes vivirà eternamente gravada nos bronzes inmortais da memoria das gentes, a mui excellente Fama d'aquelle de quem V. S. tem o nome *Andre Furtado de Mendoça* (irmão dignissimo do señor Ioão Furtado de Mẽdoça pay de V. S.) o qual entre suas mui gloriosas vitorias, destruindo o Mouro Cunhale, defendendo Malaca, e queimando as Naos de Mecco...»

No fim das rimas, é reproduzida a *Comedia delrey Seleuco,* que apparecêra por primeira vez na edição de 1645 (n.º 33).

Na compaginação encontro os seguintes erros:

Fl. 114 em vez de 128.
Fl. 151 tem só representado 15.
Fl. 138 em vez de 158.

Aqui se vê, por primeira vez impresso, o soneto CVI, que entrou d'ahi em diante nas edições das *Rimas*. Começa:

> Doce contentamento já passado,
> Em que todo meu bem só consistia.

E termina:

> Nem se engane nenhũa creatura,
> Que nam póde nenhum impedimento,
> Fugir do que ordena sua estrella.

Na subsequente edição de 1666 pozeram no ultimo verso esta variante:

> Fugir do que *lhe* ordena Sua estrella.

A bibliotheca nacional de Lisboa conserva encadernados, como os possuia Norton, os *Lusiadas* e as *Rimas*; porém, em mãos de alguns colleccionadores estão separadas. Parece-me, comtudo, ser preferivel andarem juntos pela circumstancia do impressor correr um unico processo de licença para os dois livros.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, e os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Henrique Ulrich e João Antonio Marques; no Porto, a bibliotheca municipal e o sr. dr. José Carlos Lopes; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

No leilão de Minhava, o sr. Ulrich arrematou o exemplar que possue na sua vasta collecção, por 3$500 réis.

*
* *

38. *Rimas de Lvis de Camoẽs princepe dos poetas portvgvezes. Primeira, segvnda, e terceira parte, nesta nova impressam emmendadas, & acrescentadas, pello lecenciado Ioam Franco Barreto. Lisboa. Com as licenças necessarias. Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello. Impressor de Casa Real. Anno 1666.* 8.º gr. de 4 innumeradas-368 pag. — O rosto é guarnecido com simples vinhetas de phantasia. Os caracteres empregados são redondos, como a antiga leitura e mais modernamente o corpo 12.

Depois do frontispicio, em pagina diversa vem o soneto de um amigo, a que já me referi acima (edição de 1645) e que reproduzo agora na integra:

> Quem he este, que ná harpa Lusitana
> Abate as Musas Gregas, & Latinas?
> E faz que ao mundo esqueção as plantinas
> Graças, com graça alegre, lyra ufana?
>
> Luis de Camoens he, que a soberana
> Potencia lhe influio partes divinas,
> Por quem espirão as flores, & boninas
> Da Homerica Musa, & Mantuana.
>
> Se tu (triumphante Roma) este alcançaras
> No teu theatro, & Scena luminosa,
> Nunca do graõ Terencio te admiràras
>
> Mas antes sem contrastes, curiosa
> Estatua d'ouro alli lhe levantaras,
> Contente de Ventura tã ditosa.

e o soneto de João Gomes Pego. Não traz licenças. Seguem as *Rimas*, mas só a primeira parte, como em anteriores edições. A segunda e a terceira parte, indicadas no rosto, foram impressas separadamente com frontispicio e numeração separadas, e tres annos depois, d'este modo:

Rimas de Lvis de Camoẽs Principe dos poetas portvgveses. Segunda parte Emendadas, & acrescentadas pello Lecenceado Ioão Franco Barreto. Lisboa. Com as licenças necessarias. Por Antonio Craesbeeck de Mello. Impressor da Casa Real anno de 1669. 8.º gr. de 4 innumeradas-207 pag.—O rosto com vinhetas iguaes ás da primeira parte. Caracteres redondos, tambem iguaes (leitura antiga), excepto na comedia dos Anfitriões (pag. 181 a 207), que são menores e em duas columnas, sem linha ou filete ao centro.

Depois do frontispicio tem em pagina separada e innumerada, o soneto de Diogo Taborda Leitão, e no fim do livro (fl. 207) uma protestação da fé, n'uma oitava, que começa:

A Aquella sancta barca, que se emprega

E acaba:

Quanto digo & disser, sujeito seja.

LAVS DEO.

N'esta segunda parte encontra-se o poema alheio *Da creação do homem*, pag. 75 a 144.

Terceira parte das Rimas do princepe dos poetas portvgveses Lvis de Camoens, tiradas de varios manvscriptos muitos da letra do mesmo Autor, por D. Antonio Alvarez da Cunha offerecidas a soberana alteza do principe Dom Pedro. Por Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de S. Alteza, & a sua custa impressas. Anno de 1668.—O rosto não tem vinhetas a enquadral-o; e sendo composto de letras capitaes, versaes e versaletes, redondo antigo, tem só duas palavras em caracteres aldinos: o appellido do editor *da Cunha*, ao meio da pagina, e a indicação *Anno*, no fim.

Comprehende esta parte 8 (innumeradas)-108 pag. numeradas, e mais 22 não numeradas, de que alguns bibliographos não sabem dar a explicação, Examinando, porém, esta parte vê-se que os sonetos comprehendidos de pag. 105 a 108 não são numerados; e que o ultimo d'estes no extremo da pagina tem a palavra *Finis*; e que os que se seguem não só são numerados de 1 a 43, mas tem reclamo diverso no pé da pagina, pois devendo seguir ao I maiusculo, foi rubricado com a, a 2, a 3, a 5, em redondo, minusculo. D'ahi infiro eu que as 22 pag. se imprimiram muito depois, por se haverem encontrado as peças poeticas que n'ellas se incluiram, quando talvez o livro corresse já com as primeiras 108 pag., não advertindo o impressor que tornava defeituosa a edição.

D'esta serie, o soneto 1 começa:

Vós, que escutais em Rimas derramado
Dos suspiros o som, que me alentava

E acaba:

Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheção claramente,
Que quanto ao mũdo apraz he breve sonho.

O soneto 43 (ultimo) começa:

Orphêo enamorado, que tañia
Por la perdida Ninfa, que buscava,

E acaba:

Le mandaron bolver su compañera,
Y bolviòla a perder el desdichado,
Con que fueron entrambos los perdidos.

Depois do rosto, vem as licenças com data de 21 de janeiro, 3 de fevereiro e 1 de março de 1667; e a estas seguem a dedicatoria ao principe D. Pedro e uma especie de advertencia ao leitor. Na dedicatoria escreveu D. Antonio Alvares da Cunha:

«... não ha hoje lingua na Europa, em que se não vejão traduzidas as suas Lusiadas, que o mesmo Poeta deu á estampa pellos annos de 1572, na menoridade do senhor Rey D. Sebastião, cuja desgraciada perda depois acabou de tirar de todo o credito a este admiravel poema, porq̃ os animos estavão então mais para lamentar desgraças, q̃ para aplaudir descripções. Com este receo, os que depois manifestárão as suas Rimas, imprimírão so aquellas que mais facilmente puderão alcançar; & eu me persuado, que a alta Providencia deixou estas para satisfazer o merecido a este tão insigne Autor, encobrindo-as com as trevas do esquecimento mais de cem annos, para que sahissem á luz entregues á protecção de V. A. cujos rasgos lhe darão aquelle resplandor, que lhe havião tirado as sombras, ou da enveja, ou da ignorancia.

«Não lhe pareça V. A. infructuoso aplicarse tambẽ a esta lição ..»

Ao leitor (caracteres italicos) Alvares da Cunha diz:

«Convidovos neste volume com os versos, que ainda não vistes do nosso grande Poeta Luis de Camoẽs, que os trabalhos dos estudos me trouxerão á mão, de varios manuscriptos, muitos da letra propria do Autor; pouco hey mister para vos fazer crer esta verdade, porque elles mesmos testemunhão quem os fez, & se como Porthogenes conheceis a linha de Apelles, esta offerta que vos faço, sirva de peita â vossa benignidade, para outras que vos hei de fazer. VALE.»

Advirta-se que as tres partes das *Rimas*, n'esta edição (1666-1669-1668), têem rostos e numeração separadas, que andam geralmente encadernadas em um só volume, porém que da primeira parte podia fazer-se um arrazoado tomo, e da segunda e terceira outro tomo.

Não encontrei erros em a numeração das paginas da primeira e segunda parte, mas na terceira de pag. 98 e 99 tem os n.os 58 e 59.

Advirta-se que, alem das tres partes acima indicadas, o impressor Antonio Craesbeeck de Mello imprimiu em 1669 o complemento das obras de Camões, em que incluiu *Os Lusiadas* sob o titulo:

*
* *

39. *Obras de Lvis de Camoẽs Princepe dos poetas portugueses Com os argumentos do Lecenceado João Franco Barreto; & por elle emẽdadas em esta nova impressaõ, que comprehende todas as Obras, qne deste insigne autor se achàrão im-*

pressas, & manuscritas, com o Index dos nomes proprios. Offerecidas a D. Francisco de Sovsa Capitão da guarda do Princepe N. S. por Antonio Craesbeeck d'Mello Impressor da Casa Real Anno 1669. Lisboa. Com as licenças necessarias E Previlegio Real.—8.º de VIII-(innumeradas)-376-78 pag.—O rosto é simples, composto de versaes, versaletes de diversos corpos; e redondo, antiga leitura, exceptuando as duas linhas finaes, que são em caracteres aldinos de dois corpos (maior e menor). É guarnecido com vinhetas iguaes ás dos frontispicio das *Rimas* (primeira parte).

Na folha seguinte á do rosto está a dedicatoria; no verso d'esta vem as licenças de 23 de março, 6 e 7 de julho de 1668 e 30 de outubro de 1669. Segue-se uma resumida vida do poeta, em cujo fecho pozeram o epitaphio de D. Gonçalo Coutinho, que todos conhecem, e que deu origem á divulgação da data errada da morte de Camões; e acaba com o soneto

Qvem louvarà Camoẽs, que elle não seja?

No reclamo d'esta folha está «frivilegio».

Corre depois este privilegio datado de 23 de outubro de 1669, e na pag. 1, em frente, começa o poema, em redondo, interduo, ou modernamente corpo 10.

O privilegio é por dez annos, e leio n'elle:

«... q̃ Antonio Craesbeeck de Mello, meu impressor me inviose dizer por sua petição imprimira à sua custa as Obras de Luis de Camoẽs, Lusiadas, & Rimas com seus acrescentamentos. Pedindome lhe concedesse Privilegio para senão poderem imprimir; nem vender», etc.

A taxa da obra era de «dois cruzados».

Olhando para essas datas, e comparando-as com as da terceira parte das *Rimas*, vê-se que a impressão dos *Lvsiadas*, que aliás é geralmente considerado como o primeiro tomo das obras de Camões, ficou demorada trinta e um mezes, isto é, o restante anno 1667 (abril a dezembro), todo o anno 1668 e dez mezes do anno 1669.

Note-se que a pag. 191 existe uma lacuna grave: a falta no canto V das estancias 91 a 98 inclusivè, que não sei por que rasão foram supprimidas. A estancia 91 começa:

Vai recontando o povo que se admira,

A estancia 98 acaba:

Que a muitos lhe dá pouco ou nada d'isso.

A estancia que tem, pois, o n.º 91 é 99. Lá está a seguinte, na pag. 192, com o numero certo, 100.

A primeira vez que se me deparou mencionada tal omissão, foi no catalogo dos livros que pertenceram ao finado escriptor e academico Antonio da Silva Tullio, e que foram vendidos sob a direcção do sr. Luiz Carlos Rebello Trindade, conservador da bibliotheca nacional de Lisboa.

Possuem exemplares (das *Rimas*, tres partes, e dos *Lusiadas)*: em Lisboa, a

bibliotheca real da Ajuda, a bibliotheca nacional (tres, um que pertenceu á casa dos condes da Ega, e outro da collecção Norton, o d'esta mais bem conservado que o outro, onde se vêem folhas muito aparadas prejudicando os titulos e a numeração das paginas; o terceiro tem falta de dois rostos); a bibliotheca da imprensa nacional, e os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Henrique Ulrich, João Antonio Marques Antonio e Maria dos Santos Agard; no Porto, a bibliotheca publica, e os srs. Antonio Moreira Cabral e dr. José Carlos Lopes; em Vianna do Castello, o sr. João Vieira Monteverde da Cunha Lobo (só as *Rimas)*; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

Os preços têem variado entre 6$000 e 8$000 réis. N'um leilão do Porto (em 1884) não passou de 1$800 réis. No leilão de Gomes Monteiro foi arrematado um exemplar por 4$600 réis. No de Innocencio subiu outro exemplar a 6$200 réis.

É interessante, e util, fazer ainda uma advertencia final: é que o impressor Antonio Craesbeeck de Mello, attendendo naturalmente ao consumo d'esta edição, passado um anno dava ao prélo nova edição dos *Lusiadas* e das *Rimas*, n'outro formato, e empregando outros caracteres, conforme os dois numeros seguintes:

*
* *

40. *Os Lvsiadas do grande Luis de Camoens, Princepe dos Poetas de Hespanha. Com os argvmentos do Licenciado Ioaõ Franco Barretto, & Index de todos os Nomes proprios. Offerecidas ao illustrissimo Senhor Andre Furtado de Mendoç,a, Por Antonio Craesbeeck de Mello Impressor da Caza Real. Lisboa. Com as licenças necessarias. Anno 1670.*—12.º de 8 (innumeradas)-469 pag. e mais 7 pag. innumeradas, que contém a vida do poeta.—Rosto simples, sem ornamentação. A dedicatoria e a vida de Camões em italico; o restante em redondo, antiga pandecta ou corpo 9, moderno. O poema corre de pag. 1 a 371, e o index de pag. 373 a 469.

André Furtado de Mendoça era reitor da universidade de Coimbra. Na dedicatoria, o impressor escreve:

«E ainda, que o Grãde Andre Furtado de Mendoça, tio paterno de V. S. Varão em todas as edades memoravel por suas inclytas Proesas, & Virtudes não foi antes que o Author escrevesse; com tudo havendo sido posterior aos valerosos, que narra em seu Poema, cõsideradas suas acçoẽs, fica em egual paralela, & maior aos q̃ se singularizárão no serviço da Patria. E sirva esta Dedicatoria como de Appendice aos Lusiadas, para que já que não alcançou este Varão Grande o tempo de Luis de Camoẽs, reviva sua memoria em V. S. pois que com a repetição de seu proprio nome se repetenr as memorias de suas heroicidades. He V. S. Grande em o illustre dos Ascendẽtes, & quando naõ houvera nascido tam grande, se fizera V. S. maximo entre os Grãdes, pelas singulares Virtudes, & Letras, a todos tão notorias, com que seguramente se lhe entregou o governo da insigne Universidade Conimbricense...»

Parece-me que esta edição deve ser collocada antes das *Rimas* do mesmo anno, porque assim o infiro da dedicatoria, que adiante mencionarei, e que me dá idéa de que foi essa a ordem da impressão; e porque assim figura encadernada nas bibliothecas dos melhores camonianistas.

Dá-se n'esta edição a mesma grave omissão, que notei na anterior. Porque naturalmente serviu ella para a copia, o typographo pensou que a estancia 100

do canto v estava errada, e emendou para 92, sem advertir todavia que, depois da estancia 90, faltavam as estancias 91 a 98, circumstancia que ainda não encontrei mencionada em nenhuma bibliographia camoniana. Por consequencia, substituam-se os n.os 91 e 92 por 99 e 100.

Note-se mais que, n'esta edição, está repetido no canto II o numero da estancia 54, devendo ser o segundo 55; e falta a estancia 56, que começa:

Como isto disse, manda o consagrado

e em logar d'ella foi repetida com o n.º 58 a estancia 57, que começa:

Jà pello ar o Cyleneo voava,

Está errada a numeração da pag. 424, que deve ser 442; e da pag. 498, que deve ser 468.

O exemplar, que possue o meu amigo e bibliophilo sr. João Antonio Marques, tem ainda mais um notavel erro de impressão. Na folha L (cant. VII, de pag. 241 a 264) estão voltadas as pag. 246 e 247, e 258 e 259; isto é, na occasião de deitar as paginas no cofre do prélo, o compositor inadvertidamente collocou a fôrma ás vessas, e o impressor começou a tiragem sem dar pelo engano. Juntando-se este erro, aos que ficam apontados, ver-se-ha que n'essa epocha havia muito descuido nas edições. Deve ser, pois, no meu entender, extremamente raro, um exemplar como o que examinei na opulenta bibliotheca do sr. Marques.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, e os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Antonio Marques e João Henrique Ulrich; no Porto, os srs. visconde da Ermida, Moreira Cabral e dr. José Carlos Lopes; em Vianna do Castello, o sr. João Luiz Monteverde da Cunha Lobo; e na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto.

Os preços têem variado entre 2$000 e 4$000 réis. No leilão de Minhava, foi arrematado pelo representante da livraria Ferin um exemplar por 5$900 réis; no de Gomes Monteiro subiu um a 9$000 réis, conjunctamente com as *Rimas*.

*
* *

41. *Rimas do grande Luis de Camoens, Princepe dos Poetas de Hespanha. Offerecidas Ao Senhor Afonso Furtado Castro do Rio & Mendoça, por Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor da Casa Real. Lisboa. Com as licenças necessarias. Anno 1670.* 12.º de 8 (innumeradas)-372 pag.—Rosto simples, sem ornamentação. A dedicatoria em italico. O texto em redondo, typo igual ao da anterior edição dos *Lusiadas*.

O processo das licenças, tanto n'esta, como na antecedente, é o que serviu na edição de 1669. A designação da taxa é que tem a data de 30 de outubro de 1670.

Na dedicatoria encontro este paragrapho, que registo:

«Admitta V. S. por demõstraçaõ de meu affecto a direcçaõ das Rimas das Poesias Lyricas de Luis de Camoẽs, que imprimi, deixando impresso na minha veneração o favor, que espero de V. S. em receber esta offerta com o agrado, q̃

pertendo: prometendome não menor do Senhor Andre Furtado de Mendoça, a quem dedico os Lusiadas.»

Este livro contém só a primeira parte das *Rimas*, guardada a disposição da edição de 1666, terminando, como esta, com o epitaphio de Martim Gonçalves da Camara:

Naso elegis: Flaccus Lyricis: epygrammate Marcus:

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, e os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Antonio Marques e João Henrique Ulrich; no Porto, os srs. dr. José Carlos Lopes, visconde da Ermida e Antonio Moreira Cabral; e na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto.

*
* *

42. *Rimas varias de Luis de Camoens, Principe de los Poetas heroycos, y Lyricos de España. Ofrecidas al muy ilustre Señor D. Ivan da Sylva Marquez de Gouvea, Presidente del dezembargo del Pac,o, y mayordomo mayor de la casa real, etc. Conmentadas por Manuel de Faria, y Sousa, Cavallero de la orden de Christo. Tomo* I. *y* II. *Que contienen la primera, segunda, y tercera Centuria de los Sonetos. Lisboa. Con privilegio real. En la Imprenta de Theotonio Damaso de Mello Impressor de la Casa Real. Con todas las licencias necessarias. Año de 1685.* 4.º maior de 38 (innumeradas)-356 pag.—O rosto, sem ornatos, é composto de letras capitaes, versaes, italico e redondo, como o commum dos livros d'aquella epocha. A dedicatoria em parangona; as licenças, advertencias e prologo em redondo, n'um corpo menor como o 14 moderno. Os sonetos, em typo menor, tambem redondo, e a duas columnas, sem filete ao centro.

Os dois primeiros tomos saíram de numeração seguida e só com o rosto principal, posto que do primeiro para o segundo se encontre a pag. 193 a natural divisão d'elle com vinheta ornamental no começo, e a designação do tomo.

Os tres seguintes tomos *(segunda parte)* têem igualmente numeração seguida e um só rosto, vendo-se porém de um para outro tomo feita a divisão pelo modo dos anteriores: tomo III (pag. 1 a 207); tomo IV (pag. 1 a 158), e tomo V (pag. 159 a 339), que termina com a *Egloga* VIII.

Eis o rosto d'esta segunda parte:

Rimas varias de Lvis de Camoens, principe de los poetas heroycos, y Lyricos de España. Ofrecidas al muy ilustre señor Garcia de Melo, Montero-mor del reyno, presidente del dezembargo del paço, etc. Commentadas por Manuel de Faria, y Sousa, cavallero de la orden de Christo. Tomo III. IV. *y* V. *Segvnda parte. El tom.* III. *Contiene las canciones, las Odas, y las Sextinas. El tom.* IV. *Las elegias, y las otavas. El tom.* V. *Las primeras ocho eglogas. Lisboa. Con todas las Licencias necessarias. En la Imprenta Craesbeeckiana. Año M. D. C. LXXXIX. Con Privilegio Real.* 4.º maior de 4 (innumeradas)-207-339 pag.—Composição e impressão iguaes em tudo á primeira parte.

As licenças da primeira parte são datadas de 2 de junho, 28 de julho e 7 de agosto de 1679, 25 e 28 de maio de 1685, sendo a taxa de «nove tostões». Na segunda parte repetem-se estas licenças e acrescentam-se as datadas de 16 e 24 de maio, 2 de junho e 5 de julho de 1689, sendo a taxa de «doze tostões».

Vê-se, portanto, que decorreu o longo espaço de quasi dez annos entre os correspondentes processos, e de quatro entre o apparecimento de uma e outra parte.

Na primeira das licenças citadas, declara-se que os commentarios comprehendiam *oito tomos*, porém o facto é que só viram a luz os *cinco primeiros* como vão descriptos, e que se perderam *tres*, sem que apparecesse até o presente noticia segura e fidedigna a respeito de tão importante e lastimavel perda.

A letra da licença, a que me referi, é esta:

«Vistas as informações, que se ouveraõ, podemse imprimir os oito Tomos dos Commentarios de Manoel de Faria, & Sousa, sobre as Obras de Luis de Camões, na forma que vão emmendados», etc.

Traz a assignatura de Manuel Pimentel de Sousa, Manuel de Moura Manuel e fr. Valerio de S. Raymundo.

A primeira parte, alem das licenças, tem approvação datada de 13 de março de 1685 e assignada por fr. Manuel de Santo Atanasio (capuchinho), relativa unicamente á dedicatoria do impressor ao marquez de Gouveia, e é datada de 17 do mesmo mez e anno, o que quer dizer que ainda se impetrou esta licença ou censura final, ou pela demora que tiveram as outras ou pelas difficuldades supervenientes no correr do processo. Fr. Manuel apresenta-se muito amavel para o impressor, pois escreveu na approvação:

«... vi a Dedicatoria inclusa, que Theotonio Damaso de Mello quer por na frente do Livro impresso no seu prelo, que vem a ser: Rimas do Principe dos Poetas o grande Luis de Camões, illustradas pelo eruditissimo Manuel de Faria & Sousa: ambos ornamentos grandes da Nação Lusitana. Pois ao primeiro chamou hum grande engenho Castelhano: *Apolo Portugues, honra de España.* Do segundo confessaõ os da mesma nação, que só souberão fallar a sua lingua com propriedade, depois que elle lha limou com suas palavras, & escriptos. A dedicatoria não tem cousa contra nossa Santa Fè, ou bons costumes. Nella parece, que o supplicante desentranhou os affectos de cada hum dos Autores; porque tambem me persuado, que se qualquer delles fora vivo, buscara para seu patrocinio, & lustre, o amparo de tal Mecenas, *atavis edite Regibus...*»

Na segunda parte, a dedicatoria a Garcia de Mello, tem a data de 1 de outubro de 1688 e a assignatura de Ignacio Maria de Carvalho, que então representava a officina Craesbeeckiana. Não figura no livro com approvação especial, porquanto o capuchinho fr. Manuel de Santo Atanasio, a quem fôra submettida a obra depois de impressa, é conciso na sua licença, para abreviar o processo e para não alongar mais o apparecimento d'esta parte. Escreveu apenas:

«Este Livro, que he a Segunda Parte das Rimas varias de Luis de Camoens, cumentadas por Manuel de Faria, & Sousa, & Comprehẽde o Terceiro, Quarto & Quinto Volumes, concorda com seu original. Santo Antonio dos Capuchos de Lisboa 16. de Mayo de 1689. *Frey Manoel de Santo Athanasio.*»

Ácerca dos embaraços, que se deram durante a impressão dos *Commentarios*, de que se trata, é bom ler o tomo I das *Obras* de Camões, pelo sr. visconde de Juromenha (pag. 334 a 338); e o *Dicc.* de Innocencio, tomo V, pag. 258, n.º 39.

Note-se que não deve restar duvida de que Manuel de Faria se porventura não tinha em ordem todos os commentarios, que pretendia fazer ás obras de Ca-

mões, e que foram negociados com o impressor ou editor, vinte oito ou vinte nove annos depois da sua morte, deixou mais algum trabalho. Não era necessaria a declaração da licença, como se leu; elle propriamente o menciona, quando na introducção ás Eglogas (tomo v, pag. 160, col. 2.ª) escreve o seguinte:

«Fue su contenporaneo Diego Bernardez, que publicò muchas Eglogas razonables en lo rustico las que pueden ser suyas: porque las más dellas usurpò èl á Luis de Camoens, *como lo mostrarè largamente en un discurso que precederá á la nona.* Mejores son las de Fray Bernardo de Brito, que se ven en el librillo intitulado Silvia de Lisardo, sin nombre de Autor; porque siendo Religioso, no quiso que auduviesse su nombre en assuntos tan improprios da la Religiosa profession. Tambien á este tiempo empeçó a florecer Francisco Rodriguez Lobo, que escriviò muchas Eglogas en sus tres Partes de la Primavera, Peregrino, y Desengañado. Pero el tomo que singularmente consta dellas, y son diez, y las mas Redondilhas, es ventajoso à quanto escriviò; y en aquel modo rustico el mejor de España. Yo llamo rustico (aunq̃ parezca son asi todas las Eglogas) á las q̃ hablon en las entrañas de la rustiquez. Y haziendo exemplo dello, digo que Garcilasso, y Luis de Camoẽs, no escrivieron alguna Egloga rustica.»

O P. Thomás José de Aquino, no prologo do tomo III da edição das Obras de Camões (1782-1783), pag. 7, cita igualmente esta passagem dos *Commentarios*, e dá noticia do achado de originaes ineditos com que podia ampliar e completar a obra de Manuel de Faria. Leia-se (pag. 4 e 5):

«... parando pela desordem dos tempos (assim costumam chamar á negligencia e incuria dos homens) a impressão dos Comentarios de Faria na oitava Egloga de Luis de Camoẽs; chegando aqui, nos achamos embaraçados, e suspensos, sem ter um exemplar (tendo muitos e de differentes Edições) livre de erros, de que nos pudessemos valer, e que nos servisse de norte na conferencia dos versos a que chamam menores; das Cartas, Comedias, etc. do Poeta, que ainda nos restavam. Nesta consternação, e perplexidade, lembrando-nos de que na Livraria do Real Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, se conservavam os Originaes dos Cumentarios do mesmo Manuel de Faria e Sousa, que em outro tempo, não sem um consideravel emolumento nosso, haviamos tido por diversas vezes nas nossas mãos, procurámos ao Reverendissimo Senhor Fr. Vicente Barbosa, benemerito filho de Santo Agostinho, e da estimação dos Sabios, e ao presente dignissimo Bibliothecario d'aquella insigne Bibliotheca; o qual certificado do que pertendiamos, ponderando as cousas á luz de uma recta razão, convencido de que o bem commum se deve sempre preferir ao particular; com uma benignidade propria da sua pessoa, e do seu caracter, e tendo um claro conhecimento do muito que o Publico, e a Nação interessa em semelhantes descobrimentos, condescendendo com os nossos rogos, nos facilitou o extrahirmos uma copia do que ali se achasse de mais, e podia contribuir para o complemento desta nossa Edição; tanto de Obras pertencentes a Luis de Camões, como ao mesmo Manuel de Faria e Sousa Seu Comentador».

O P. Thomás José de Aquino aproveitou, portanto, o que lhe conveio para a sua edição, como se verá adiante; porém, nada mais acrescenta ácerca dos originaes de Manuel de Faria, por onde possa inferir-se que destino tiveram depois os que lhes passaram para as mãos. A este respeito, as phrases de Innocencio (*Dicc.*, logar citado) são estas:

«Como, ou quando desappareceram esses commentarios originaes do convento da Graça, é o que não saberei dizer...»

Para demonstrar mais uma vez quão difficil é compor uma bibliographia ca-

moniana, como guia seguro para os camonianistas, e que não dê logar a equivocos, advertirei que das *Rimas* commentadas por Manuel de Faria apparecem duas edições diversas, as quaes, se denotam aproveitamento na parte impressa do texto, apresentam differenças, que se me afiguram notaveis e dignas de menção especial. D'ellas ainda não encontrei noticia em nenhum catalogo, nem na obra do sr. visconde de Juromenha, apesar d'este benemerito escriptor dedicar ao illustre commentador, como se sabe, extensa referencia no tomo I (de pag. 329 a 341).

Para descrever mais minuciosamente as *Rimas*, e avaliar bem as differenças dos exemplares (quando menos, dos quatro existentes na bibliotheca nacional de Lisboa), é preciso notar que, nos exemplares mais communs, a disposição das partes preliminares da obra é assim:

Vol. I (tomo I e II):
- Rosto (pagina composta com a do verso em branco).
- Dedicatoria (duas pag.).
- Approvação da dedicatoria (uma pag.).
- Licenças (uma pag., no verso da antecedente).
- Epigraphes, conforme ás que se lêem no começo dos commentarios aos *Lusiadas*, do mesmo Manuel de Faria (uma pag. com a do verso em branco).
- Advertencias para que se leiam com toda a luz estes commentarios (quatro pag.).
- Prologo, que começa: «En el Prologo que escriví à los comentarios sobre a Lusiada», etc. (oito pag.).
- Vida del poeta, tendo no alto da primeira pag. uma vinheta allusiva a Camões (doze pag.).
- Juizio destas rimas. Começa: «Entrarse en este juizio con un reparo notable...» (dez pag.)
- Discurso ácerca de los versos de que constan los poemas contenidos en los tres Tomos primeiros de estas Rimas, etc. (oito pag., sendo a ultima branca).

Seguem as *Rimas*.

A vinheta, que figura á frente da «Vida del poeta», é repetida na cabeça da primeira pagina da canção I do tomo III (pag. 4).

Vol. II (tomo III, IV e V):
- Rosto (uma pag. e a do verso em branco).
- Dedicatoria a Garcia de Mello (uma pag.).
- Licenças (no verso da antecedente), sendo as ultimas, como já indiquei de 16 e 24 de maio, 5 de julho e 2 de junho de 1689); e seguem as *Rimas*.

Em outro exemplar:
- O rosto do vol. I, dedicatoria, approvação á dedicatoria, licenças (tudo igual ao anterior).
- Epigraphes, tambem iguaes; porém, no fim d'esta pagina vêem-se uma licença datada de 25 de maio de 1685, isto é, quasi seis annos depois da concessão das primeiras, e a designação da taxa de «nove tostões», com data de 28 dos mesmos mez e anno.
- Prologo (como no anterior); e a este seguem as *Rimas*.

Vê-se, pois, que este exemplar tem a mais uma licença e a taxa, que não vem no outro; e a menos a «Vida do poeta», o «Juizo» e o «Discurso».

Em outro exemplar:

Vol. I:
Rosto, dedicatoria, approvação, etc. (tudo igual aos exemplares acima).

Vol. II:
Rosto (igual ao anterior, com a differença na data, em vez de M.D.C.LXXXIX., tem M.D.C.LXXXVIII).
Dedicatoria a Garcia de Mello; e no verso d'esta pag. só as primeiras licenças datadas de 2 de junho, 28 de julho e 7 de agosto de 679. Seguem as *Rimas*.

Não se me representou nenhuma outra differença d'ali em diante, nem emquanto ao papel, nem emquanto á disposição typographica (caracteres, impressão, etc).

Tambem uns exemplares têem o segundo rosto á frente do tomo III, e outros não.

No exemplar, que pertenceu á collecção Norton, com que ficou enriquecida a bibliotheca nacional de Lisboa, e é de 1685-1688, ainda notei outra differença, mas que só posso attribuir a equivoco do encadernador, em que Norton não attentou ou que não quiz depois remediar. As peças preliminares (Advertencias, Prologo, Vida do poeta, Juizo das rimas, Discurso), em vez de estarem no seu logar no tomo I depois das epigraphes, foram collocadas depois do rosto do tomo III. Repito: engano patente de quem encadernou o livro, pois não se comprehende que puzessem o prologo, e outras peças preliminares em meio da obra.

O auctor do catalogo da camoniana da bibliotheca municipal do Porto, a proposito dos exemplares dos commentarios das Rimas ali existentes, notou alguma differença n'elles e poz a seguinte nota:

«Destas Rimas conservava já esta Bibliotheca um 2.º ex.ar, antes de adquirir um 3.º pela compra que fez ao sr. A. J. de Oliveira Nascimento, porque além d'este 2.º exemplar ter uma 2.ª vida de Camões, por Faria e Sousa, tem no frontispicio dos tomos 3.º, 4.º e 5.º a data de impressão 1688, em vez de 1689, como ordinariamente se encontra em todos os que temos visto.».

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (conforme vão mencionados); os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Antonio Marques (dois, sendo um com a data de 1688), Antonio Maria dos Santos Agard e João Henrique Ulrich; no Porto, a bibliotheca municipal (tres exemplares), os srs. dr. José Carlos Lopes e Antonio Moreira Cabral (completo); na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

Os preços têem regulado entre 4$000 e 6$000 réis. No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 4$600 réis.

*
* *

43. *Os Lusiadas do grande Luis de Camoens, Principe dos Poetas dHespanha. Com os argvmentos do Licenciado Joaõ Franco Barreto, & Index de todos os nomes proprios. Emendados nesta ultima impressaõ. Lisboa: Na Officina de Manoel Lopes Ferreyra, & á sua custa.* M.D.C.C.II. *Com todas as licenças ne-*

cessarias. 12.º de 12 (innumeradas)-479 pag.— Rosto de composição commum com letras capitaes, versaes, redondo e italico, tendo apenas ao centro uma vinhe ornamental (um pequeno vaso ou fructeira com flores e fructos). Segue a vida do poeta em caracteres aldinos (7 pag.) e as licenças em redondo datadas de 14, 16 e 17 de setembro de 1700, 18 e 20 de junho de 1702, sendo a taxa de 40 réis. O poema é composto em redondo (especie de corpo 10 ou 11) com os argumentos em italico (pag. 1 a 374). De pag. 375 a 479 corre o indice dos nomes proprios, em redondo.

Em vista da data das licenças, a impressão d'esta edição levou mais de vinte e dois mezes; e note-se que tem adjunta a primeira parte das *Rimas*, sem rosto especial, mas de numeração seguida, isto é, de pag. 481 a 896, finalisando com o epitaphio (em italico):

Naso Elegis: etc.

O volume completo tem, pois, 896 pag. Alguns camonianistas, como o sr. José do Canto, possuem tambem d'esta edição as primeiras 479 pag., a parte em que sómente se comprehende os *Lusiadas*, porém isto não se póde considerar senão como obra truncada.

Em geral, a impressão é má, e em papel inferior, amarellado. Em algumas paginas vêem-se falhas de tinta. Na pag. 73 (no exemplar, que tenho presente) falta o algarismo 3. Notam-se igualmente muitas incorrecções no poema. No canto x a estancia 80 tem o n.º 89.

Não é nada vulgar esta edição, completa. Falta na maior parte dos colleccionadores.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (dois exemplares completos e a segunda parte do livro ou as *Rimas*, de pag. 481 a 896), os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro e João Antonio Marques; no Porto, a bibliotheca municipal, o sr. visconde da Ermida e dr. José Carlos Lopes; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

No leilão de Minhava, em Lisboa, foi arrematado um exemplar por 8$100 réis para o sr. Carvalho Monteiro; no de Gomes Monteiro, no Porto, produziu apenas 2$100 réis.

*
* *

44. *Obras do grande Luis de Camões, principe dos poetas heroycos, & Lyricos de Hespanha, novamente dadas a luz com os seus Lusiadas commentados pelo lecenciado Manoel Correa examinador sinodal do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S.Sebastião da Mouraria, & natural da cidade de Elvas, com os argumentos do lecenceado Joam Franco Barreto, E agora nesta ultima Impressaõ correcta, & accrescentada com a sua Vida escrita por Manoel de Faria Severim, offerecido ao senhor Antonio de Basto Pereyra, do concelho de El-Rey Nosso Senhor, e do de Sua Real Fazenda, seu Secretario, & Juiz da Inconfidencia, & das Justificações, & Secretario da Augustissima Raynha Nossa Senhora, Vedor de sua Fazenda, & Estado, Chanceler mòr da sua Caza, & da da Supplicação, Prezidente do Concelho da dita Senhora, & dignissimo Regedor das Justiças, &c. Lisboa occidental. Na officina de Joseph Lopes Ferreyra, Impressor da Serenissima Raynha Nossa Senhora & à sua custa.* M.DCC.XX. *Com todas as licenças necessa-*

rias. Folio de 30 (innumeradas)-312-151 pag.— O rosto não tem ornamentações, mas é impresso a preto e encarnado. Toda a obra corre em redondo, caracteres communs, interduo e leitura, similhantes aos que hoje conhecemos como corpos 10 e 11. Os argumentos são em parangona. Nos *Lusiadas* as estancias são em italico e o commentario em redondo.

As licenças são datadas de 21 de maio e 21 de agosto de 1715 (foi quando começou a impressão d'esta edição); 30 de julho, 19, 27 e 29 de agosto de 1720. A taxa é de «dezoyto tostoens».

Depois do rosto seguem-se a dedicatoria do editor Manuel Lopes Ferreyra à Antonio de Basto Pereyra (2 pag.); o prologo (1 pag.), no verso d'esta as licenças; a vida do poeta (23 pag.); e o elogio (1 pag.) Entre as licenças e a vida, vê-se um retrato de Camões, gravura de pagina aberta em cobre, com desenho pouco aprimorado. É um quadro, em cujo primeiro plano está o poeta, de corpo inteiro e sentado, apoiando o braço direito no braço da poltrona e a mão esquerda sobre o livro dos *Lusiadas*, aberto em cima da mesa. No fundo estão dois quadros allegoricos de campanhas. Por baixo, ao centro, o brazão dos Camões sobre a penna e a espada, cruzadas, tendo aos lados estes versos

Corpore quis fuerit Camões tibi prœbet Imago,
Mente etiam qualis, nobile monstrat opus.
Ense velut Mavors, Calamo seu Phœbus? utruusque
Hœc prior ad reliquas pagina juncta dabit.

Esta gravura vae reproduzida em frente.

No prologo, alludindo ao desejo que teriam os curiosos de ver a reproducção da vida de Camões por Manuel Severim de Faria, acrescenta-se:

«... achey ser de mais agrado para os curiozos, como o de fazer aos mesmos, o gosto de que estas obras se imprimissem de folio, não reparando no custo da Imprensa, só para que elles como me diziaõ acreditarem as suas Livrarias pondo nellas este tam superior volume, o qual leva no principio deste livro o seu Retrato verdadeyro, feyto ao natural, & de corpo inteyro atè agora não visto em Livro algum...»

Na primeira parte do livro estão os *Lusiadas* (312 pag.); e na segunda as *Rimas* (251 pag.). N'estas, foram acrescentados trinta e oito sonetos, que não se encontram na edição commentada por Manuel de Faria e Sousa (1685), que só colligiu duzentos e sessenta e quatro. Deu isto logar á seguinte observação de Innocencio no *Dicc.*, tomo v, pag. 258, n.º 41:

«N'esta edição se ajuntaram ... sonetos, que não andavam nas anteriores, sem que o editor comtudo quizesse declarar-nos d'onde os houvera, ou que segurança lhe afiançava a authenticidade d'elles.»

Parece-me que não só por isto, mas por outros defeitos, e por ter introduzido nas *Rimas*, como de Camões os cantos da *Creação do homem*, que bem era sabido não pertenciam ao egregio poeta, não merece grande conceito esta edição.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (tres, sendo um o que pertenceu a Norton e no qual elle poz a nota de ter-lhe custado 7$060 réis sem a estampa), a bibliotheca da imprensa nacional, e os srs. Fernando Palha, João Antonio Marques, Carlos Cyrillo da Silva Vieira, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro e João Henrique Ulrich; no Porto, a bibliotheca municipal, e os srs.

Corpore quis fuerit Camões tibi præbet Imago,
Mente etiam qualis nobile monstrat opus.
Ense velut Mavors, calamo seu Phœbus vtrumque;
Hæc prior ad reliquas pagina iuncta dabit.

drs. José Carlos Lopes, Faustino de Andrade, Narciso José de Moraes e Antonio Moreira Cabral; em Coimbra, a bibliotheca da universidade; em Evora, a bibliotheca publica; em Braga, a bibliotheca bracarense; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional (dois exemplares, sendo um em papel de grande formato e outro em papel ordinario).

No leilão de Gubian foi vendido um exemplar por 2$650 réis; no de Gomes Monteiro outro por 1$600 réis, e no de Innocencio outro por 1$660 réis. Tem, comtudo, subido no mercado a 4$000 e 5$000 réis.

N'uma nota manuscripta pertencente ao afamado camonianista T. Norton, em livro quasi todo da sua letra, leio que o exemplar da bibliotheca do Porto fôra em 1844 avaliado em 6$000 réis.

*

* *

45. *Os Lusiadas do grande Luis de Camoens, principe dos poetas de Hespanha, com os Argumentos do Lecenciado Joam Franco Barreto, & Index de todos os nomes proprios, agora nesta ultima impresaõ novamente correcta. Offerecido ao senhor Manoel Galvam de Castello Branco, fidalgo da caza de Sua Magestade, Collegial em o Pontificio Collegio de S. Pedro da Universidade de Coimbra, Secretario das Justiças & da Meza do Dezembargo do Paço. Lisboa Occidental. Na Officina Ferreyriana.* M.DCCXXI, *Com todas as licenças necessarias.* 12.º de 12 innumeradas-895 pag. e mais 1 innumerada com licença e a taxa de 400 réis. Com o retrato, aberto em cobre, mas muito grosseiro. Está n'um medalhão ou oval, tendo em volta: « *Lviz de Camois. Princepe dos Poetas das Espanhas.* Por baixo, o brazão do poeta, entre duas pennas e espadas, cruzadas. O rosto a duas cores, preto e encarnado. Os typos empregados iguaes aos da edição de 1631 e 1632. Serviu, porém, para modelo, emquanto á composição e disposição do livro, a edição de 1702; isto é, comprehende como esta os *Lusiadas* (pag. 1 a 479); e as *Rimas*, primeira parte (pag. 491 a 896); e mais a pagina final, innumerada, com as ultimas licenças, que falta em alguns exemplares.

As primeiras licenças são datadas de 8, 15 e 23 de novembro de 1720 (quando começou a impressão); e as ultimas têem a data de 23 e 24 de dezembro de 1721 e 8 de janeiro de 1722. Quando pois terminou a impressão, e se deu a publico este livro, já corria o anno de 1722.

Foi tão singularmente copiada da edição de 1702, que nos titulos imitaram a sua fórma desgraciosa e nas palavras até imitaram os breves e a orthographia.

Na edição de 1702, canto IX, estancia 79:

Que em quãto desejey me vay seguindo?

Na edição de 1721:

Que em quãto desejey me vay seguindo?

Nas edições de 1702 e 1721, os titulos *Canções* estão assim: « *Canc'am* ».

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (dois), e os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, Carlos Cyrillo da Silva Vieira, João Henrique Ulrich e João Antonio Marques; no Porto, a bibliotheca

municipal, os srs. visconde da Ermida, Antonio Moreira Cabral e dr. José Carlos Lopes; e na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto.
Os preços tem regulado entre 5$000 e 7$000 réis, No leilão de Gomes Monteiro (Porto) foi arrematado um exemplar por 3$000 réis.

*
* *

46. *Lusiada Poema epico de Luis de Camoẽs Principe dos Poetas de Espanha, com os Argumentos de Joaõ Franco Barreto, Illustrado com Varias e Breves Notas, e com hum precedente Apparato do que lhe pertence, Por Ignacio Garcez Ferreira entre os Arcades Gilmedo A El-Rei D. Joaõ V. Nosso Senhor.* Tomo I. *Em Napoles Na Officina Parriana.* MDCCXXXI. *Com as licenças necessarias.* 4.º de 12-in-488 pag. e mais 2 innumeradas com as erratas. Com o retrato de Camões, com allegorias, gravura em cobre, collocado entre as pag. 8 e 9; e um mappa tambem gravado em cobre, da navegação da India, com o titulo: « *Carreira da India no seo descobrimento por Vasco da Gama no anno de 1497*».

Tomo II. Em Roma na Officina de Antonio Rossi MDCCXXXII. 4.º de 4 in-328 pag.— O rosto d'este tomo, igual ao do primeiro, debaixo do nome de Garcez Ferreira tem mais a designação de: « Conego Penitenciario da Sè de Lamego».

Os caracteres typographicos empregados são: o interduo ou corpo 10 para as advertencias e apparato preliminar; a leitura, italico, para o poema; e a pandecta, ou corpo 9, para os commentarios e notas.

Depois do rosto do tomo I vem a dedicatoria a el-rei (15 pag.); o catalogo dos auctores citados na obra (4 pag.); a censura e licença (1 pag.); e o apparato preliminar á Lusiada de Luiz de Camões, em que se expõem, quanto pertence á condição do poeta, e á calidade *(sic)*, e particularidades do poema (135 pag.) Este apparato é dividido em IV livros com XXVI capitulos. A pag. 137 começa o poema com os commentarios. O tomo I comprehende os cinco primeiros cantos, e o tomo II os restantes cantos.

As erratas, adjuntas no fim do tomo I, faltam em alguns exemplares. Norton tinha-as copiado, por sua letra, no exemplar da sua opulenta collecção. Nos titulos do canto II, a pag. 215 está *Rop*, em vez de *Por*, erro que não vem indicado na respectiva tabella.

Na censura datada de 1728, lê-se:

« Librum, cui titulus est: *Lusiada de Luis de Camoẽs*, a D. Ignatio Garcez Ferreira Variis, & Brevibus Notis illustrata Lusitano Idiomate avide, attentequè legi mandante Reverendissimo Patre Joanne Benedicto Zuanell Sacri Palatii Apostolici Magistro, & cum nihil in illo offenderim, a Catholica Fide, bonisque moribus alienum, imo maximam eruditionem, perspicuitatem, & novarum rerum copiam, quibus nobilissimum, elegantissimumque illud Poema, elegantius, nobiliusque reddit, publica luce dignum judico Romæ. 30. Junii 1728.— *Franciscus de Fonseca S. I.*»

Garcez Ferreira, para se desculpar da demora da impressão, da mudança da terra, onde ía imprimir o tomo II, e do grande numero de erros e outras imperfeições, que se nos deparam em toda a obra, poz á frente do tomo esta

« ADVERTENCIA. Se o leitor reflectir que o primeiro Tomo desta Obra foi impresso em Napoles, e o segundo em Roma, conhecerá que o motivo de alguma

IN UTRUNQUE PARATUS
cita, Calliopes ac
arte,
ad Fanum te, Ludovice, vehit.
Io. Carolus Allet invent. et sculp: Super. perm. An. 1728.

imperfeição na desegualdade do Caratter procedeo de não ser possivel acharse em tudo parecido. Tambem a involuntaria mudança de domicilio do Autor occasionou a falta de sossego de animo, que he preciso para a correcção de hum Livro; e por esta causa se achará nestes maior numero de erratas, do que se esperava; e ainda serão mais, das que vão notadas; porque faltou tempo para se observarem com toda a attençaõ.»

No exemplar, que pertenceu a Norton, está sublinhada á mão a phrase «*involuntaria mudança*», e á margem, por letra do seculo XVIII, de contemporaneo e amigo de Garcez, se não é a propria letra d'este, a seguinte nota:

«Não pareça que o Auctor das notas foy desterrado de Roma, porq̃ a causa de sahir de Roma procedeu de hũ Decreto que o nosso Rey D. João o 5.º bayxou, no qual mandou sahissem de Roma os portuguezes, e prohibio commercio entre nos, e os Romanos. q̃ passados alguns revogou, tornando os Portuguezes p.ª Roma, renovandose a correspondencia como d'antes.»

Possuem exemplares: em Lisboa, a real bibliotheca da Ajuda, a bibliotheca nacional (tres), e os srs. Fernando Palha, João Antonio Marques, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Henrique Ulrich e Carlos Cyrillo da Silva Vieira (só o tomo I); no Porto, a bibliotheca municipal, e os srs. visconde da Ermida, dr. José Carlos Lopes, Antonio Maria Cabral, Pinto de Aguiar, Conde de Samodães e sociedade nova Euterpe; em Evora, a bibliotheca publica; em Coimbra, a bibliotheca da universidade; em Braga, a bibliotheca bracarense; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional (dois exemplares).

Os preços obtidos foram: no leilão de Sousa Guimarães, 5$800 réis; no de Gubian, 5$500 réis; no de Innocencio, 6$300 réis; em um realisado no Porto em 1880, leilão de Gomes Monteiro, 4$600, e no de Pinto Aguiar (1883), 8$000 réis. Em outro leilão, effectuado em 1884 por um livreiro do Porto, subiu um exemplar a 9$000 réis.

*
* *

47. *Os Lusiadas do grande Luis de Camoẽs Principe dos Poetas de Hespanha, com os Argumentos do Licenciado Joam Franco Barreto, e Index de todos os nomes proprios, agora nesta ultima impressaõ novamente correctos. Offerecidos ao Senhor Joze Eugenio Vergolino, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, &c. Lisboa: Na Of. de Manoel Coelho Amado, e á sua custa impresso. Anno de* M.DCC.XLIX. *Com todas as licenças necessarias.* 12.º de 12 (innumeradas)-457 pag. e mais 10 innumeradas, que contém uma resumida vida do poeta (igual á da edição de 1721, e a de outras do mesmo formato), quatro sonetos a Camões, e as licenças datadas de 10 de setembro e 5 de outubro de 1748, e 29 de abril de 1749. — O rosto simples, composição commum segundo o gosto da epocha; a dedicatoria em italico de texto; o poema em pandecta, especie da corpo 9 moderno, redondo, excepto os argumentos, que são em italico do mesmo corpo. A impressão é em papel muito ordinario, amarellado, sem corpo, ao que me parece, igual ao que empregaram na edição de 1639 de Manuel de Faria.

Na dedicatoria escreveu ou mandou escrever, o impressor Coelho Amado:

«... sendo o Poema Epico o ultimo esforço do engenho humano, e os Lusiadas, sem disputa, a Obra Poetica, em que menos defeitos descobre o thelescopio dos Criticos, depois de tão apurado, e huma das que ensinaõ os documentos mais

seguros para os que naõ querem perder-se nas veredas do Parnaso, donde he tão difficil a sahida.»

O poema corre de pag. 1 a 371. De pag. 373 a 457 segue o «Index de todos os nomes proprios».

É rara esta edição. Falta na maior parte das collecções.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (dois, não perfeitos), e os srs. Fernando Palha, João Antonio Marques, Carlos Cyrillo da Silva Vieira, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, padre Antonio Coelho Leandres de Sousa e João Henrique Ulrich; no Porto, José Carlos Lopes e Antonio Moreira Cabral; e na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto.

Existia tambem na collecção Minhava, e no respectivo leilão foi arrematado um exemplar pelo sr. Trindade por 2$250 réis. No leilão de Gomes Monteiro subíra a 3$200 réis.

*
* *

48. *Obras de Luis de Camoens. Nova edição. Paris, a custa de Pedro Gendron. Vendese em Lisboa, Em casa de Bonardel & Dubeux. Mercadores de Livros.* M.DCC.LIX. 12.° Tomo I de XX-XXXVI-430 pag., com estampa allegorica em frente do rosto e outras no principio de cada canto, os retratos de Camões e Vasco da Gama (em frente da pag. I da vida, e da pag. XVII do argumento historico); e o mappa da carreira da India, no seu descobrimento por Vasco da Gama (no fim do poema). No pé da pag. XX está a indicação: *Na officina de Franc. Ambros. Didot.* Tomo II de 2 (innumeradas)-396 pag., e tomo III de 2 innumeradas-440 pag.

Tem dedicatoria a Pedro da Costa de Almeida Salema, prelado da santa igreja de Lisboa, do conselho de sua magestade fidelissima, fidalgo da casa do dito senhor e seu ministro na côrte de Parìs, a quem Gendron escreve que lhe consagrou esta edição porque sabe que elle «preferiu, sem paixam, Luis de Camoens aos mais celebres Autores, que instruiram e deleitaram, porque comprehendia tambem a doutrina destes, como conservava na memoria as obras, que imprimira daquelle Poeta».

Na advertencia ao leitor faz Gendron o mais alto elogio do egregio poeta e da nação portugueza, e dá perfeita idéa do plano da obra. N'esta parte é mui apreciavel. Ahi se lê o que textualmente copio (pag. VIII e IX):

«... nem *Manuel Correia,* nem *Manuel de Faria e Sousa,* ou Ignacio *Garcez Ferreira,* observaram no Poema de Camoens mais do que, as partes essenciais que constituem hum Poema Epico: consideraram a *unidade da acçam,* a *fabula,* os *caracteres,* e aquella inimitavel amenidade e elegancia da *narraçam,* que adapta as palavras e as sentenças ás cousas e aos pensamentos com tanta doçura e vivacidade, que se transporta na admiraçam o Leitor mais versado na sua leitura.

«Mui poucos demonstraram que Camoens fez da Naçam Portugueza o Heroe do seu Poema Epico, e que o propõe por modelo á mesma naçam para animarse a obrar aquellas acçoens de *valor, constancia, integridade, justiça,* e *utilidade publica,* que conduzem a abraçar a virtude heroica: nam ensinando a Filosophia Moral, e a Politica como os Filosofos, ou tratando a Historia como os Historiadores; mas com entendimento soberano pelo ministerio dos Deoses da Fabula, pelos inimitaveis Episodios, pella armonia e magestade da locuçam, ensinando e deleitando, mais parece ser inspirado por alguma divinidade, do que instruido naquellas artes e ciencias que os homens sempre respeitàram.

«... he certo que o Poêma de Camoens deve ser preferido a Homero, e a Virgilio, e a todos os Poemas Epicos, que se publicaram nos nossos tempos depois de duzentos annos; porque alem da Filosofia, Moral, Politica, Geografia antiga e moderna, Astronomia, Historia natural, Grega, Romana, & com especialidade a de Portugal; pelas vivas imagens em que estam representadas estas sciencias, se imprimem mais facilmente na memoria, e ficam, por dizel-o assim, esculpidos no coraçam pelos affectos que sabe mover o Poeta ao mesmo tempo que ensina».

O plano da edição é assim descripto:

«... esta Ediçam he a mais augmentada e a mais completa de todas aquellas que se publicaram atégora. Na Ediçam de 1663... por Antonio Craesbeck de Mello, se acham somente 106 sonetos. No Comento das Obras lyricas por Manoel de Faria e Sousa... tomo I no ano de 1685,... se lem somente 264 sonetos divididos em tres centurias. E na Ediçam de todas as Obras de Camoens com o commento de Manoel Correa no anno 1720... se lem somente 302 sonetos. Mas nesta presente verá o Leitor 236 sonetos que se achavam na Ediçam que sigo, onde se lem 13 que nam se viram em Ediçam alguma que refiro, como sam o soneto 119, 121, 128, e os mais que o Leitor podera cotejar. E por que na Ediçam de Correa referida se acham 79 sonetos que não se encontravam em Ediçam alguma, os imprimi no fim do 3.º Tomo, e chega deste modo o numero dos Sonetos nesta Ediçam a 315.

«Tambem nesta Ediçam vam impressas no fim do 3.º Tomo, quatro Elegias que se lem na Edição do Commento de Manoel Correa, como tambem a Elegia de Santa Ursula, que se acha na mesma Ediçam...

«Para intelligencia do Poema Epico, imprimi o *Index Historico,* composto por *João Franco Barreto,* que se acha na Ediçam que segui; como tambem a Vida de Camoens, que tirei do commento do Poema Epico por *Ignacio Garcez Ferreira,* e o Argumento Historico do seu primeiro Tomo, pag. 97.

«Nam poupei despeza alguma para ornar esta Ediçam com hum Mappa geographico das Navegaçoens e descobertas dos Portuguezes nas tres partes do Mundo, e com Estampas que representam a materia de cada Canto do Poema Epico: como tambem na perfeiçan e elegancia dos characteres novos, que sem jactancia competem com os de Elzevir ou da impressam de Glasco: estou certo que todos observaram nesta Ediçam muito menores erros de impressam, do que nas precedentes: porque evitar alguns levissimos que ainda se acham, seria moralmente impossivel. Tambem estou certo que todos louvarâm o papel da impressam...»

Com relação ás estampas, excluindo os retratos, é necessario deixar aqui uma nota, e vem a ser: o artista incumbido pelo editor Gendron da composição das gravuras, ou por inspiração d'este ou por idéa propria, serviu-se, reduzindo-as, das estampas que Bonnart desenhára e Scopin gravára para a edição que apparecêra em Paris vinte e quatro annos antes, isto é, a versão de Duperron de Castera (1735). Comparando, pois, as gravuras vê-se que as primeiras têem 0m,120 de altura por 0m,80 de largura, e as segundas 0m,110 de altura por 0m,60 de largura; e que a copia feita a direito para a edição de Gendron fez com que ficassem na impressão ás vessas todas as estampas, passando á direita na edição de 1759 os planos e as figuras que estavam á esquerda na de 1735; e faltam na base da primeira estampa os versos latinos, que estão n'esta ultima. Já tinha obtido o especimen, que dou em frente, quando entrei no exame que menciono.

Na *Gazeta litteraria,* n.º 9 do vol. I (agosto de 1761), de pag. 131 a 135 vem uma apreciação critica d'esta edição. Ahi leio:

«... os escriptores de verdadeiro merecimento, que nunca mendigam os suffragios do publico, tem o desgosto de ver muitas vezes desprezadas as suas

obras, d'elles mesmos perseguidos pela inveja; mas a posteridade não tarda em reparar esta injuria... O famoso Camões foi um d'aquelles, a quem a posteridade vingou mais dos ultrages da fortuna. A nação portugueza ha perto de dois seculos faz das suas poesias as suas mais exquisitas delicias. O numero das impressões d'ellas se multiplicou, e são já tantas, que seria enfadonho mencional-as.

«Esta, de que agora dâmos noticia, deve ser recebida, como um estimavel dom dado á nossa nação; porque o editor teve o trabalho de confrontar as edições antigas para n'esta não faltar tudo, o que se imprimiu em nome do poeta.

«O papel, o caracter da letra, em fim tudo é bellissimo, e admira-nos, que uma obra impressa em um paiz estranho, tenha tão poucos erros de typographia...»

«Poderão alguns culpar o editor em não supprimir algumas poesias ou falsamente attribuidas a Camões, como a *creação do homem,* ou fixadas sem fundamento a outros auctores pelo commentador Manuel de Faria e Sousa. Mas provavelmente o editor não se quiz expor ao risco, de que esta edição fosse menos estimada que as antecedentes por diminuta.»

O auctor d'este artigo, censurando, com pezar, a fórma injusta e incorrecta como Verney apreciára Camões, acrescenta:

«Esta veneração, que temos para Camões, não é cegueira, e bem fóra de ser reprehensivel deve ser louvada, por ser uma voluntaria reverencia, que fazemos ás bellas-artes. Infelizes os portuguezes, se fossem insensiveis ás graças de Camões, cujo poema, como diz o famosissimo Montesquieu, faz sentir alguma cousa dos encantos da Odissea, e da magnificencia da Eneida.»

Possuem exemplares: em Lisboa, a real bibliotheca da Ajuda, a bibliotheca nacional (dois), e os srs. Fernando Palha, João Antonio Marques, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Henrique Ulrich, Carlos Cyrillo da Silva Vieira, Antonio Maria des Santos Agard e Brito Aranha; no Porto, a bibliotheca municipal, e os srs. dr. José Carlos Lopes e Antonio Moreira Cabral; em Evora, a bibliotheca publica; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

Thomaz Norton mandou encadernar o seu exemplar em cinco tomos, dividindo os *Lusiadas* em dois e as *Rimas* em tres.

Brunet menciona a existencia de um exemplar em pergaminho.

No leilão de Minhava foi vendido um exemplar por 6$000 réis; no de Sousa Guimarães passou de 2$400; e no de Gomes Monteiro chegou a 3$200 réis. Na livraria Kühl, de Berlim, foi annunciado um por 10$000 réis. A casa Aillaud, de París, tinha só o tomo I annunciado por 1$100 réis.

*
* *

49. *Obras de Luiz de Camoens Principe dos poetas portuguezes. Novamente reimpressas, e dedicadas ao illust.^{mo}, e excel.^{mo} Senhor Marquez de Pombal Conde de Oeyras, Ministro &c. Por Miguel Rodrigues, etc. Lisboa. Na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminent. Card. Patriarca.* M.DCC.LXXII. *Com licensa da Real Mesa Censoria. Vendem-se em casa do mesmo Miguel Rodrigues.* 12.º Tomo I de 10 innumeradas-XL-482 pag., com est. allegoricas, os retratos de Camões e Vasco da Gama, e o mappa da derrota da India. Tomo II de 4 (innumeradas)-478 pag. Tomo III de 4 (innumeradas)-485 pag.

No rosto do tomo I lê-se:

«Ajuntarão-se quantas compozições se julgaraõ pertencer a este grande Poeta; e se procurou, que sahisse a obra mais correcta, que fosse possivel; e que os volumes ficassem taõ comódos *(sic)*, que com menor despeza se podessem aproveitar todos da sua liçaõ.»

Na dedicatoria ao marquez de Pombal encontra-se um trecho interessante da vida do impressor Miguel Rodrigues e das suas relações com o grande ministro de D. José I. É o seguinte:

«Acho-me no ultimo quartel da vida, e conheço que não póde ser de muita duração, ajuntando-se a mais de oitenta annos de edade as molestias continuadas e frequentes afflicçoens de animo, que ainda acabam mais qne as mesmas molestias. Entre estas circunstancias, que dezenganão, e fazem lembrar, o que he melhor, me tem lembrado muitas vezes quanto devo a V. Excellencia, quanto V. Excellencia me tem favorecido sempre, e me tem dado a mão, não sómente para eu poder passar a vida com comodo, mas tambem para deixar os meus filhos em melhor fortuna. Conheço que tudo isto merece o fiel agradecimento, que até agora mostrei para com V. Excellencia, e a sua illustrissima Caza, ou para o dizer melhor, merece hum testemunho publico do mesmo agradecimento, que dure depois da minha morte, para sempre entre os homens. Sim, Senhor, devem elles todos, para dezobrigação minha, e para honra digna de V. Excellencia, saber que V. Excellencia unicamente por bondade, e grandeza do seu coração, me acudiu sempre com todos os meios uteis para eu adiantar a minha caza, e melhorar a minha condição, e fortuna, occupando quasi continuamente a minha Officina no serviço de S. Magestade, passando-me para mim, e para meu Filho aquelles empregos, a que eu pela minha condição, e elle pela sua, deviamos aspirar; honrando-nos com palavras mui distinctas e com obras effectivas.

«Como elles pois o devem saber assim, e conseguintemente eu tenho obrigação de lho declarar, e para isso he occasião a mais opportuna esta, em que para beneficio commum reimprimo novamente todas as Obras do nosso grande Poeta Camoens; aproveito-me della, dedicando-as ao respeitavel nome de V. Excellencia, e ajuntando-lhe estas poucas palavras, que tenho dito...»

Esta edição foi feita conforme a anterior de Gendron, do qual, ou de quem o representasse, obtiveram exemplares dos retratos e das estampas, porque são iguaes, isto é, da mesma chapa, aos que se puzeram na edição de 1759. Estas estampas faltam, porém, em alguns exemplares da de 1772. Norton, que não tinha a allegoria ao primeiro canto, substituiu-a por uma estampa de outra edição.

O tomo I contém os *Lusiadas;* o tomo II, os sonetos (CCCXII), canções (XX); odes (XII), eglogas (VIII), elegias (XVIII), etc.; e o tomo III, as epistolas, as cartas (em prosa), varias rimas (de pag. 75 a 209), a *Creação do homem* (que não é de Camões); e as comedias (de pag. 281 a 484), *Elrei Seleuco, Os anfitriões,* e *De Filodemo.*

É edição mui incorrecta e impressa em papel amarellado e de inferior qualidade. Apparecem, ás vezes, exemplares em papel mais branco e mais encorpado. Vi um na bibliotheca nacional de Lisboa.

Possuem exemplares: em Lisboa, a real bibliotheca da Ajuda, a bibliotheca nacional (2 exemplares), e os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Antonio Marques, João Henrique Ulrich e Antonio Maria dos Santos Agard; no Porto, a bibliotheca municipal, e os srs. visconde da Ermida, Antonio

Moreira Cabral e dr. José Carlos Lopes : na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional (2 exemplares).

Um d'estes exemplares tem differenças, que o auctor do catalogo da camoniana do Rio de Janeiro *(Annaes da bibliotheca,* vol. II, fasc. I, pag. 47), nota d'este modo :

« I. Não ha no primeiro vol. d'este as palavras : «Ajuntaram-se quantas composições se julgarão pertencer a este grande Poeta, etc. II. Depois da data estão no outro as seguintes palavras : Com licença da Real Meza Censoria. Veńdem-se em casa do mesmo Miguel Rodrigues. III. No outro a palavra Mesa está escripta com *z;* n'este está escripto com *s*. Em tudo o mais são iguaes os dois exemplares.»

No leilão de Gubian arremataram um exemplar por 2$400 réis ; no de Sousa Guimarães, por 1$000 réis; no de Gomes Monteiro, por 3$200 réis; e no de Minhava, por 1$300 réis.

*

* *

50. *Obras de Luis de Camões, Principe dos Poetas de Hespanha. Nova edição, A mais completa e emendada de quantas se tem feito até o presente. Tudo por diligencia e industria de Luis Francisco Xavier Coelho. Lisboa. Na Officina Luisiana. Anno* C/Ɔ/ƆCCLXXIX. *Com Licença da Real Mesa Censoria.* Tomo I. 8.º de lxxix-488 pag. e 1 de erratas. Com o retrato de Camões, gravado por Antonio Fernandes Rodrigues. Tomo II de xxii-490 pag. e 1 de erratas. Tomo III de xlviii-226 pag. e 1 de erratas. Tomo IV (que tem a data de C/ƆCCLXXX) de xxi-338 pag. e mais 7 innumeradas com index e erratas. São simples e iguaes os rostos dos tomos, com uma vinheta (um navio) ao centro.

O tomo I contém : o discurso preliminar, apologetico e critico (pag. iii a lvi); breve noticia da vida de Camões (pag. lvii a lxx), e elogios em verso (pag. lxxi a lxxix) em honra do poeta. Segue a *Lusiada* da pag. 1 a 378 ; o indicé dos nomes proprios por Franco Barreto, de pag. 379 a 436 ; e as estancias omittidas por Luis de Camões na primeira edição do seu poema (pag. 437 a 461) ; e as variantes (de pag. 462 a 488).

O tomo II contém a advertencia do editor (reproducção da que anda á frente da edição de 1595 por Fernão Rodrigues Surrupita) ; e as *Rimas* primeira parte : sonetos (CCCI), canções (XVII), odes (XII), sextinas (IV), elegias (XXI), oitavas (VII), e eclogas (VIII).

O tomo III contém : o prologo, as restantes peças da primeira parte das *Rimas,* eclogas (IX a XV); e a segunda parte das *Rimas :* redondilhas, vilhancetes, voltas, etc., e as cartas.

O tomo IV comprehende, alem da prefação, as tres comedias de Camões (de pag. 1 a 188); os fragmentos de algumas obras de Camões achados por Manuel de Faria em diversos manuscriptos (de pag. 189 a 194); obras suppostas ou attribuidas a Camões (de pag. 195 a 279); ecloga intitulada *Cintra,* no qual Manuel de Faria descreve a vida de Camões (servindo-se para isso dos proprios versos do poeta); o indice do que mais notavel contém os quatro tomos; e uma advertencia final.

Esta edição é a que foi dirigida pelo afamado padre Thomás José de Aquino, e que deu origem á celebrada controversia, de que se faz menção no *Dicc. bibl.*

tomo VII, pag. 350 — Pertencem-lhe, portanto, o discurso preliminar e as demais advertencias e annotações, que abrem as diversas partes das varias obras de Camões. Todas essas notas, com referencias valiosas ás edições anteriores, têem importancia, no meu entender, não obstante o parecer dos que pretenderam amesquinhar o trabalho do annotador.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (dois), e os srs. Fernando Palha, João Antonio Marques, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Henrique Ulrich, padre Antonio Coelho Leandres de Sousa e Carlos Cyrillo da Silva Vieira; no Porto, os srs. visconde da Ermida, Antonio Moreira Cabral e dr. José Carlos Lopes; em Coimbra, a bibliotheca da universidade; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

Os preços têem regulado entre 2$000 e 3$000 réis. No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 3$100 réis, no de Gomes Monteiro por 1$550 réis, e no de Adamson por 15 shillings.

*
* *

51. *Obras de Luis de Camões, Principe dos poetas de Hespanha. Segunda edição, da que, na Officina Luisiana, se fez em Lisboa nos annos de 1779 e 1780. Lisboa. Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. Anno* M.DCC.LXXXII. *Com licença da Real Mesa Censoria.* 8.º 4 tomos, sendo o primeiro dividido em duas partes, e formando todos, portanto, 5 volumes de 200, 320-1, 448, 382-2, e 374-7 pag.

Tomo I, parte I, contém: o prologo de Thomás José de Aquino (de pag. 3 a 66); o discurso preliminar apologetico (de pag. 67 a 124); a vida de Camões (de pag. 125 a 141); poesias em honra e louvor de Camões (de pag. 142 a 154); e a *Lusiada* com os argumentos (de pag. 156 a 200), os cinco primeiros cantos.

Tomo II (parte II do tomo I) contém a *Lusiada* (de pag. 4 a 195), os cinco restantes cantos; o index dos nomes proprios, ordenados por Franco Barreto (pag. 197 a 266); as estancias desprezadas e omittidas (pag. 267 a 294); as variantes, (pag. 295 a 320); e as erratas (pag. innumerada).

Tomo III contém: a advertencia do editor, por Lobo Surrupita (pag. 3 a 24); e as rimas, primeira parte (sonetos, CCCI; canções, XVII; odes, XII; sextinas, IV; elegias, XXI; estancias numeradas de sete grupos, ou series, de I a XXIX, de I a XX, de I a IX, de I a XIV, de I a VII, de I a VII, e de I a LXX); e do indice (pag. 409 a 448).

Depois do soneto CCCI, Thomás de Aquino põe esta advertencia (pag. 177):

«Na edição das obras de Luiz de Camões, que em tres tomos de doze se fez em Lisboa no anno de 1772 na officina de Miguel Rodrigues, onde são tantos os erros, como as palavras, se acham 314 sonetos, fazendo conta a se acharem errados os numeros dos ultimos dois sonetos; pois devendo ser 313 e 314, se vê o mesmo numero 312 duas vezes repetido. De nenhuma maneira devemos estar por este numero de 314 sonetos, que se acha n'esta Edição, e na Parisiense de 1759 (onde no segundo Tomo se acham 236, e no terceiro 78); porque na verdade não são mais que 301 os que existem do nosso Poeta (posto que desconfiemos que alguns o não sejão, como já advertimos na pag. 157); e se estes dois Editores augmentaram assim o numero, foi porque, não sei se maliciosa, se negligentemente nas Impressões repetiram alguns dos mesmos sonetos; como se poderá ver nesta ultima de Miguel Rodrigues, na qual o Soneto 6 he o mesmo que o 119, o 46 o

mesmo que o 186, o 101 o mesmo que o 271, o 103 o mesmo que o 264, o 104 o mesmo que o 265, o 105 o mesmo que o 278, o 106 o mesmo que o 185, o 109 o mesmo que o 134, o 121 o mesmo que o 221, o 128 o mesmo que o 220, o 136 o mesmo que o 222, e o 156 o mesmo que o 314. Advirta-se tambem que na Edição de 1720 feita por Joseph Lopes Ferreira, a qual nos apresenta 202 sonetos, se acham tambem repetidos 4; a saber, o 101 que he o mesmo que o 226, e o 103 que he o mesmo que o 217, o 104 que he o mesmo que o 218, e o 105 que he o mesmo que o 234».

Tomo IV contém: o prologo (de pag. 3 a 47); e as rimas, continuação ou parte segunda (entrando aqui as eclogas, que na edição anterior completavam o tomo II); e as cartas.

Tomo V contém: a prefação (de pag. 3 a 21); a advertencia ácerca das comedias (de pag. 22 a 27); as comedias *Elrei Seleuco, Os amphitriões,* e *Filodemo* (de pag. 30 a 224); fragmentos de algumas obras de Camões, etc. (Segundo a ordem da edição anterior.)

Do tomo III, em diante, a data da impressão é: MDCCLXXXIII.

Thomás Norton collou na pag. 155 (em branco) do tomo I, parte I do seu exemplar, uma estampa da chamada medalha de Thomás José de Aquino, que, dedicada por elle a Camões em 1793, foi copiada da que em 1782 mandára fundir em Inglaterra o barão de Dillon, enthusiasta sincero do nosso grande epico. Esta medalha é a que o gravador Lucius reproduziu em 1795 pelo buril em chapa de cobre, como se vê do fac-simile fielmente photographado do exemplar de Norton, e tambem serviu para a que foi empregada na obra *Retratos e elogios de varões e donas.*

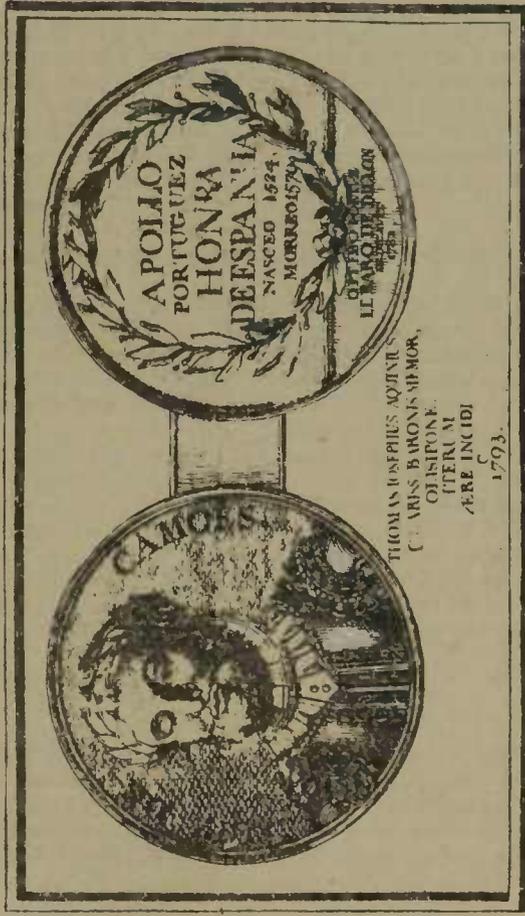
Observe-se que entre a medalha de Dillon e a do gravador Lucius, em honra do padre Aquino, ha differenças em o nome de Camões, que na primeira está *Camoens,* e na segunda *Camoês;* no desenho, que é mais franco o de Lucius que o de Dillon; e na disposição dos titulos ou legenda no reverso, que na primeira estão assim:

APPOLLO
PORTUGUEZ
HONRA
DE
ESPANHA

e na segunda:

APOLLO
PORTUGUEZ
HONRA
DE ESPANHA

como se verá melhor na estampa em frente.

As differenças entre as edições de 1779 e a de 1782 consistem, alem de muitas variantes e modificações em as notas e advertencias: nos formatos, porque o 8.º da primeira é maior que o da segunda; nos retratos, que andam á frente do tomo I, um é devido, como já indiquei, a Antonio Fernandes Rodrigues, sem data; e outro pertence a Hieronymo Barr. (Barros), sendo gravador Lucius em 1784; no prologo de Thomás José de Aquino ao leitor (as primeiras 66 pag. do tomo I); e no additamento á advertencia final com que fecha o tomo IV.

CAMOES
APOLLO
PORTUGUEZ
HONRA
DE ESPANHA
NASCEO 1524.
MORREO 1579
THOMAS IOSEPHIUS AQUINIUS
CLARISS. BARONIS MEMOR,
OLISIPONE.
ITERUM
ÆRE INCIDI
1793.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca real da Ajuda, a bibliotheca nacional (dois, sendo um em melhor papel que o outro), e os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Antonio Marques, Carlos Cyrillo da Silva Vieira e João Henrique Ulrich; no Porto, a bibliotheca publica, e os srs. dr. José Carlos Lopes, conde de Samodães, visconde da Ermida, Antonio Moreira Cabral, Sociedade Nova Euterpe; em Coimbra, a bibliotheca da universidade; em Vianna do Castello, o sr. João Luiz Monteverde da Cunha Lobo; no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

Os preços tem sido: no leilão Sousa Guimarães, 2$400 réis; no de Innocencio, 1$900 réis; no de Gomes Monteiro, 2$100 réis; e no de Adamson, 14 schillings.

Por causa d'esta edição houve uma controversia notavel, em que entraram o padre colleccionador e annotador e outros. No *Dicc.* vem mencionada sob o nome de *Thomás José de Aquino*, tomo VII, pag. 346, n.os 180 a 184; porém eu julgo que devo mencional-a agora de novo, especialmente, por ser aqui o logar proprio nas collecções camonianas. Pensarão algumas pessoas, que são papeis de pouco ou nenhum valor. Tudo o tem relativo. E aqui não procuro senão colligir os documentos do grande processo camoniano, para instruir o qual nada se me afigura insignificante, nem inutil.

Copiarei, portanto, ou extractarei alguns trechos d'estes folhetos.

I. *Carta de hum amigo a outro, na qual se fórma juizo da Edição novissima do Poema da Lusiada do Grande Luiz de Camões, que sahio á luz no anno de 1779. Lisboa, na of. Patr. de Francisco Luiz Ameno. Anno* MDCCLXXXIII. *Com licença da Real Meza Censoria*; 8.º de 80 pag. e 1 de erratas.— É do padre José Clemente, da congregação do Oratorio.

Na pag. 3 lê-se:

«... que juizo formo da novissima Edição do Poema do nosso incomparavel Camões, que sahio á luz no anno de 1779. Se a esta pergunta houvesse de responder o novo Editor, serião tantos os elogios que lhe tecera, quanto os improperios com que trata as outras Edições do Poeta, a exceição da de Pedro Crasbeeck de 1609, e da de Manoel de Faria, que só lhe cahirão em graça. Tudo se acha no Prologo do novo Editor, em que não cessa de dizer mal das outras Edições.»

Na pag. 5:

«Quem com os olhos abertos examinar a nova Edição, achará que não responde a execução á promessa; porque promettendo muito, nos dá mui pouco, promettendo certeza, achâmos muitos e indesculpaveis erros. Confesso que nas outras Edições se achão bastantes erros; porém julgo que a de nosso Editor ainda he mais errada: por que seguindo elle a de Faria, tão pouco correcta, ainda a sua he mais defeituosa.»

Na pag. 6 diz que compara as edições de Craesbeeck de 1631, de Manuel Lopes Ferreira de 1702, de Manuel Correia de 1720 e de Ignacio Garcez Ferreira de 1731, e um *manuscripto correctissimo* (sic) que lhe fiou um amigo, dizendo que lh'o fizera em segredo.

De pag. 7 a 78 entra em analyse de varios versos de cada canto, e nota os erros em que, segundo elle, incorrêra o padre.

Na pag. 79 conclue:

«De tudo se infere o juizo que se deve formar da novissima Edição, convem a saber, que nada tem de correcta, nem de accurada, pois que nella se achão tantos erros e defeitos indesculpaveis, e ainda muitos versos errados por excesso de syllabas, e outros em que ha falta de rigorosos consoantes. Tudo o que digo podeis vós examinar cotejando a nova Edição com as outras que allego, e conhecereis a sobrada razão, com que censuro os erros e defeitos do nosso Editor. Pelo que preciso he, que o aviseis, por caridade, para que na futura impressão, que me segurão intenta publicar, emende os lugares que aqui vão censurados; e de caminho o avisareis que não profira tantas barbatas contra as outras Edições; porque se ellas em muitos lugares se achão fracas, enfermas e estropeadas, muito mais fraca, enferma e estropiada se acha a sua...»

II. *Discurso critico, em que se defende a nova edição do Lusiada do Grande Luiz de Camões, feita no anno de 1779, das accusações que contra ella publicou o Author da carta de hum Amigo a outro, etc. Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira. Anno* M.DCC.LXXXIV. *Com licença da Real Meza Censoria.* 8.º de 105 pag. e 1 de advertencia.—É do padre Thomás José de Aquino.

Nas pag. 3 a 9 lê-se:

«Vemos huma Carta Anonyma na qual pela semrazão, e pela injustiça he accusado o novo Editor das Obras de Luiz de Camões, e devemos acudir por elle iniquamente acomettido. Levantou-se certo censurador, talvez movido pela impertinencia, e pela melancolia, o qual com reparos fantasticos, e sem outra alguma razão que a de elle ter servido a Republica Litteraria, e a Patria, pertende escurecer, e denegrir o seu merecimento. Mas como a verdade não he possivel que esteja por muito tempo occulta, com muita brevidade, e facilidade veremos desfeita a serie de sophismas com que pertende confundir as cousas. Disse, sem outra alguma razão, que a de elle ter servido a Republica Litteraria, e a Patria, e n'isto estamos: o mesmo novo Editor o não estranha, porque sempre viveo certificado, de que esta era a gratidão com que entre nós se costuma corresponder, a quem faz algum serviço relevante, especialmente litterario. Esta he a mesma que se praticou, e ainda hoje se está praticando (sem que vamos mais longe) com o mesmo Luiz de Camões, com o mesmo Faria e Sousa seu commentador; e com outros muitos de que podia fazer largo catalogo. De sorte que huma longa experiencia nos tem já ensinado, que tanto mais relevante he o serviço, tanto maior he a ingratidão com que se corresponde. Não ignoramos a razão, e a causa, mas faz-se necessario passal-a em silencio. Não se persuada tambem o senhor Anonymo, que esta reflexão escapou ao novo Editor antes de entrar na empreza; porque por algumas vezes nos disse, que hia despertar a inveja, ou a impaciencia de alguns dos seus compatriotas, mas que nada o dissuadiria de levar adeante o seu projecto, sem outro algum interesse, que o de tirar o Poeta d'aquelle estado corrupto, e depravado em que o havião posto, e de servir a Patria.

«Ora sendo isto certo como na verdade, e sem affectação he; e sendo estas as rectas intenções do novo Editor, como a cada passo consta das suas Prefações, que mais houve aqui? Diga o senhor Anonymo, que culpas teve, e em que delinquio o novo Editor para entrar tanto no seu desagrado, e para ser desattendido? Cançou-se: buscou tudo quanto podia conduzir, para lhe dar huma Edição completa de tudo o que existia de Luiz de Camões, como com effeito lhe deo: e então? Basta isto para ser tratado com affrontas e com oprobrios? Os erros e defeitosa pontados, de hum *s* de mais, de hum *d* por um *t*, da palavra mais acabada em *es*, com tudo o mais de que faz menção no seu Cartapacinho são casquilhas, são futilidades. Não senhor, vai dahi; vai do que já acima fica apontado, e todos sabem. Nem aqui nos diga que o seu zelo (nem ao menos soube discul-

par-se com isto) o obrigou, e o fez entrar n'esta fadiga litteraria; porque o zelo quando he santo, quando he verdadeiro, puro, e syncero costuma obrar de outra sorte, e não costuma apparecer em publico com o semblante, com que o senhor Anonymo o representa.

« Mas deixadas estas ponderações, que de nada aproveitão, e de nada servem, entremos já nos taes reparos, em que elle (para os fazer avultar) põe os ultimos esforços da sua *locução*. Depois de hum brevissimo preambulo, entra logo notando dizer o novo Editor na sua Prefação, que desprezadas todas as outras Edições, seguiria sómente a de Manuel de Faria e Sousa, e a de Crasbeeck do anno de 1609 (coincide em tudo, e por tudo com a de Faria) como mais certas, e mais correctas; e que para o futuro se não faria edição mais completa do que a sua, em quanto ao que o Poeta havia escripto. E disse por ventura o novo Editor nisto algumas mentiras? Em quanto se ler a Edição de Faria mais certa, que nenhuma das outras, cousa he que ninguem com razão poderá negar, ou encontrar, por ser feita sem discrepancia alguma sobre a segunda, que se fez no anno de 1572, á qual o mesmo Poeta assistio, e a qual o mesmo Poeta emendou dos muitos erros, que ou por malevolencia, ou ignorancia lhe haviam introduzido na primeira. Em quanto á pouca certeza, e aos erros das outras Edições, o mesmo Author do Cartapacinho os confessa; pois que a cada passo lemos nelle: que *errou o Correa*, que *errou o Garcez*, que *errou o Lopes*, e que *errárão todos*. E pelo que pertence a fazerem-se Edições mais completas, e amplas, e com maior numero de Obras assim do Poeta, como do seu Erudito, e Illustre Commentador, ainda hoje o duvidamos com os melhores fundamentos; pois que não será facil descobrirem-se Manuscriptos, como o novo Editor descobrio, onde ellas existião. O senhor Censurador faz toda a diligencia que póde por escurecer o que a nova Edição nos offerece de mais, e que não trazem as outras que até aqui se havião feito; porém não tem que se cançar, porque o novo Editor antevendo, que poderia vir algum Censurador impertinente, que pertendesse confundir as cousas, teve o acôrdo de lançar o accrescentado em um Index, no fim do IV tomo, onde de huma vista de olhos se póde ver tudo.»

O padre Thomás de Aquino escreve que ás duas edições de Faria e Craesbeeck de 1609 juntou uma terceira, de que não tinha conhecimento ao tempo em que saiu a edição de 1779, qual era a de Manuel de Lyra de 1584; que d'ella se servira nas occasiões para confirmar o que diziam as duas, com as quaes em tudo concordava.

D'ahi em diante, o padre vae respondendo ás objecções do seu censor, indicando-lhe, tambem em cada canto, as especies com que não podia concordar, e que eram, no contradictor, excessos de orthographia e lacunas de critico sem argumentação solida, pois que vê que muitos dos defeitos orthographicos notados foram empregados por outros escriptores de melhor nota, antes d'elle. E dá innumeros exemplos para corroborar esta asserção e contrapôr ás affirmativas do adversario.

III *Camões defendido; e o editor da edição de 1779, e o censor deste julgados sem paixão em uma carta dada á luz por Patricio Alethophilo Misalazão. Lisboa, na Regia Officina Typographica. Anno.* M.DCC.LXXXIV. *Com licença da Real Meza Censoria.* 8.º de 48 pag.— É de D. José Valerio da Cruz, oratoriano, depois bispo de Portalegre.

Este opusculo tem segundo titulo (pag. 3): *Reparos ou duvidas sobre as censuras, que na carta de um amigo a outro se fazem á edição dos Lusiadas de Luis de Camões, publicada no anno de 1779.*

De pag. 4 a 7 lê-se:

« As difficuldades, que vós não tocastes, pertencem particularmente ás Rimas do Poeta, a que se não estendeo a vossa censura; talvez porque me não expliquei

bem na minha petição: posto que o meu intento sempre foi pedir o vosso parecer sobre toda a Edição. A principal, e que eu desejava fosse copiosa, e solidamente discutida por vós, he: se erão bastantes as provas, que Faria produzio, para que o Editor da novissima Edição tirasse a Bernardes, e adjudicasse a Camões as cinco Eglogas, que nella lhe attribue, com grave injuria, não tanto do engenho, como da sinceridade, e honra de Bernardes; e sem nenhum proveito de Camões, a quem não são necessarios mendigados adornos, ou violentos despojos, para se ostentar *Principe dos Poetas do seu tempo.*

«Desejava que examinasseis o pezo, que se deve dar á conformidade de estilo, prova ambigua, e que tem enganado tantos criticos da primeira classe, com quem Faria não póde hombrear.

«Que authoridade devia fazer o dizer Faria, sem mais prova, que no Lima ha muitas obras conhecidamente de Camões, sendo elle tão mal affecto a Bernardes, e juiz suspeito?

«Se o ter Camões dito em huma carta, que a Egloga que fizera á morte do Principe D. João, era a melhor de quantas tinha feito, era sinal certo de que escreveo mais de oito?

«Se bastava ter concluido com tão ruinosos fundamentos, que escrevêra mais de oito, para logo lhe attribuir cinco, que havia longo tempo corrião publicadas como proprias, por quem não era tão incapaz de as ter feito, que não tivesse composto outras muitas, alem de Canções, Cartas, Sonetos, Elegias, Cantigas, etc.

«Se o estarem as ditas Eglogas no mesmo Ms com algumas de Camões, havendo no mesmo (que constava de pouco mais de cem folhas) obras certamente de Bernardes, de Luiz de Castro, de Luiz Franco, de Garcilasso (sem fallar dos Sonetos, que ahi se attribuião ao Duque de Aveiro, a Simão da Veiga, e a D. Luiz de Ataíde) e não tendo alli nome de Author, dava direito para as attribuir a Camões, só por este ter no Ms. mais obras; ao mesmo tempo que se não querião reconhecer por deste P. outras obras, que se achavão na mesma collecção sem nome de A., e sem que nunca fossem publicadas por outro?

«Se o ser a nona Egloga do Tejo, e dizer nella seu A., que irá a praias remotas pescar perolas para Galatea (pensamento obvio a qualquer Poeta, visto que ellas só nos mares affastados dos nossos se pescão) era razão para allegar? E se o argumento da inferioridade da Dedicatoria da mesma ao resto da obra, sendo Faria tão iniquo Juiz, e o ser ella, e a seguinte escritas á imitação das de Sannazaro, que Camões (diz o mesmo Faria) se prezava de imitar, erão bastantes provas para inquietar a memoria de Bernardes?

«Ultimamente: Se não haver o nome de Delio nas outras Eglogas de Bernardes, e achar-se na Egloga terceira do mesmo, que na Edição novissima he numerada XII. de Camões, e em outra, que de novo se attribue a este Principe dos poetas, com outras razões de igual ponderação, que não me canso em repetir, e vós podeis ver no Prologo do 3.° tomo da nova Edição: erão poderosas a esbulhar Bernardes da sua antiga, e pacifica posse, e condemnallo abertamente de Plagiario?

«Estimaria tambem que me desseis algumas luzes sobre varios logares da comedia Filodemo, ensinando-me se estão corruptos, como de muitos suspeito, ou se não atino na sua verdadeira intelligencia ... estando elles sãos.»

Seguem as reflexões de contradicta ao censor a cada canto, com o que occupa 40 pag., e conclue assim:

«Eis-aqui as duvidas que por ora se me offerecem, para não admittir as vossas decisões. Se vos parecer que érro, desenganai-me que

«Eu não me queixarei que me reprenda
O sabio, o virtuoso, o amigo puro:
E sendo mister mais, que a mais se estenda.»

Bern., C. X.

IV. *Juizo do juizo imparcial do moderno anonimo, o qual em vão pertendeo defender os erros da Edição novissima do Poema da Lusiada do grande Luiz de Camões. Lisboa, na Of. Patr. de Francisco Luiz Ameno* M.DCC.LXXXIV. *Com licença da Real Meza Censoria.* 8.º de 83 pag.— É do padre José Clemente, auctor do primeiro folheto.

Na pag. 3 diz que o auctor do papel anterior mudára o titulo *Juizo imparcial* para *Camões defendido*; que este novo titulo era de supposição falsa, porque se em nenhum sentido offendêra ao poeta, antes o seu intento era defendel-o em tudo, a que vinha o titulo de *Camões defendido*? que isto lhe lembrava o dictado «Mal vae ao doente quando muda a cabeceira»; que estas e outras considerações o levaram a adiar a impressão do seu folheto; que lendo-o em mss. e presuppondo que poucas alterações seriam feitas pelo padre, se resolvêra a dar esta resposta á estampa, para não ser de novo accusado de que levava annos a responder, e acrescenta (pag. 5):

«Não ha coisa mais falsa: porque bem sabeis que eu recebi a vossa Carta em 28 de Outubro de 1783, e que já antes do Natal d'este mesmo anno estava impressa a minha Carta.»

Nas pag. 6 e 7 diz:

«... faz cargo de eu não discutir, se erão bastantes as provas que Faria deu para que o Editor tirasse a Bernardes, e adjudicasse a Camões as cinco Eglogas, que na novissima Edição lhe attribue; e outras impertinencias *ejusdem furfuris* sobre as mesmas Eglogas. Em fim até me crimina por não dar algumas luzes sobre varios lugares da Comedia *Filodemo*. Que vos parecem estas censuras? Eu por ventura sou algum Procurador de causas, que haja de patrocinar as de todo o mundo? Que obrigação tinha eu de me intrometer na embrulhada de decidir se Bernardes furtou Eglogas a Camões, ou se alguns lugares da Comedia *Filodemo* por enfermos necessitão de Medico? Eu creio que este seria mais necessario ao nosso Anonimo, porque o vejo com bastantes queixas, e complicadas...»

Nas pag. 8 e 9 escreve:

«Li o vosso Papel, me consolei algum tanto, por ver que não obstante que fizestes quarto voto de me contradizer em tudo, lá concordais comigo em onze lugares, confessando que nelles a Edição novissima está errada... Muito obrigado vos fico por estes onze favores, e estou esperando que ainda vos hei de dever muitos mais depois que lerdes este Papel. Confessais logo que a Edição *correctissima, a mais completa, e emendada* tem bastantes erros. E ainda assim apaixonais tanto por huma tal Edição? Muitas graças a Deos, que nos deo este famoso redemptor das Edições corruptas. Porém já he tempo de examinar as vossas censuras contra mim, o que farei pelo mesmo methodo, discorrendo pelos cantos e estancias do Poema.»

D'ahi em diante, segue a analyse, voltando a repetir argumentos que já estavam postos no primeiro folheto do impugnador da obra do padre (pag. 10 a 79); e termina (pag. 80 a 82):

«... porque este critico tem um pessimo gosto em todo o genero; e para prova cabal n'esta materia basta considerar os desmarcados elogios que dá a Faria, e ao seu Comento, quando esta Obra he de bem pouco merecimento na estimação dos sabios. Façamos excepção em ter lido Faria innumeraveis Poetas, principalmente Italianos, e em dar intelligencia com acerto a alguns lugares escuros do Poeta, no que tem algum merecimento; no mais não sei que haja Miscellanea

tão confusa, indigesta e inutil como o seu Comento; pois que está cheio de historinhas pastoris, de contos de velhas, de digressões dilatadas e impertinentissimas, de provas insubsistentes, e de outras infinitas coisas totalmente alheias da gravidade de hum Comento. E assim só homens de pessimo gosto poderão louvar semelhante Comentador.

«Vistos pois estes Autos, e que a paixão da nosso critico he tão desordenada, que não admite razão, antes á carga cerrada impugna os primeiros principios, e as regras da Poesia vulgar; dizei-lhe que Eu com os meus Adjuntos acordamos em Relação que não ha que deferir, e julgamos que a sua *Miscellanea* ou vá ao curral, ou passe pelo rio Lethe com um Alvará de esquecimento total e perpetuo: e que assim temos pelo maior acerto não lhe responder, porque seria clamar em deserto, e sem fruto. E na verdade o Medico, que receitou, e applicou todos os remedios da Arte, se vê que com elles não ha proveito, antes a enfermidade vai de mal em peior, deixa o enfermo, porque he incapaz de curar. Assim me succede a mim; appliquei os remedios e lenitivos para que o Editor na segunda Edição do Poeta emendasse o muito que errara na primeira. Porém como os doentes (que são o Editor e o critico) se obstinão com os remedios, e a tudo resistem; não me resta mais que dizer-lhe o que disse Deos por Jeremias: *Curámos a Babilonia, não sarou, porque não quiz sarar, deixemo-la.* Entretanto seguirei as veredas que até aqui sem temor de semelhantes Aristarcos, imitando nisto a Lua que vai andando seu caminho sem attender a que os cães lhe ladrem.»

V. *Carta em resposta a hum amigo, na qual se mostra, que, pela figura synalepha, assim como na latina, se podem elidir os dithongos na versificação vulgar. Lisboa: na officina de Simão Thaddeo Ferreira. Anno* M.DCCLXXXV. *Com licença da Real Mesa Censoria.* 8.º de 90 pag. e mais 1 de erratas.

Este pertence ao padre Thomás de Aquino, e é o ultimo folheto d'esta controversia, o mais interessante e o menos vulgar de todos. Falta a muitos colleccionadores. Não existia na collecção Norton. Tenho apenas nota de tres exemplares: um na bibliotheca nacional; outro adquirido no Porto para a bibliotheca do sr. conde de Villa Real; e outro nas preciosas collecções do sr. conselheiro Jorge Cesar de Figanière. Do exemplar d'este meu prestante amigo me sirvo para os trechos, que deixo aqui.

Das pag. 4 a 8:

«... vejo me pedis vos diga, se na versificação vulgar, assim como na latina se podem elidir os dithongos, quando a dicção que se lhes segue principia por letra vogal. Entendia eu, que vós pelos abalisados estudos, que noutro tempo fizestes na poesia, me pudesses ensinar não só esta senão ainda outras delicadezas menos triviaes, menos vulgares, e mais reconditas; mas como mostraes estar esquecido (effeito talvez dos annos e dos encontrados estudos, em que depois vos mettestes), verei se tenho na minha pobreza com que possa soccorrer-vos, com o que vou cumprir. E sem por agora fazer menção, por nos não ser necessario, da origem, e progresso da poesia em geral, nem tão pouco d'aquelle auge a que elle chegou entre gregos, e latinos, o que era mais proprio de uma dissertação, que de uma carta; haveis de saber: que, depois que a barbaridade das nações septentrionaes, á maneira de enxurro, inundou a Europa, foi consideravel o estrago que padeceram as boas artes. Ainda hoje se chora (não cabalmente) o tragico fim, que teve a magnificencia romana, e a magestade do idioma latino. Perdido este ou pelo menos, adulterado em uma grande parte, por tão diversas gentes, quantas foram as que invadiram, e devastaram as Italias e os demais reinos da Europa, é indisivel a confusão, e a desordem em que por muitos annos permaneceram e se conservaram as cousas. Consta que os provençaes foram os primeiros que abri-

ram os olhos para a poesia. É d'este parecer o cardeal Pedro Bembo; ainda que outros com relevantes fundamentos se lhe oppuzeram, pretendendo que aos hespanhoes e sicilianos raiassem primeiro estas luzes. Seja como for; e ou fossem uns, ou fossem outros, vendo elles que na lingua latina não podiam fazer um progresso consideravel, se valeram da propria, e n'ella compuzeram versos. Advertindo porém, e lembrando-se que lhes não era possivel dar a estes uma certa ordem de pés, com as suas syllabas breves, e longas á imitação dos latinos, visto que a propriedade, e genio dos mesmos idiomas lhes não dava logar a isso; se resolveram a fazel-os com um certo numero das mesmas syllabas, valendo-se tambem dos accentos das palavras, os quaes postos, e collocados em taes, ou taes logares, lhes deixassem os mesmos versos harmoniosos, suaves e cadentes.

« Esta é a poesia, melhor direi n'este logar versificação, a que os auctores, pela elevação, ou depressão da voz, que dos mesmos accentos é formada, e pelo certo e determinado numero de syllabas, collocadas com justa e numerosa proporção, chamam commummente harmonica. Em quanto á sua antiguidade posso dizer-vos, que os mais antigos versos italianos, que até aqui puderam descubrir os mais diligentes investigadores das antigualhas da Italia, são os que se seguem, e existem no arco da capella mór da cathedral de Ferrara. N'elles, ainda que toscamente, se incluem os nomes assim do Fundador, como do artifice, ou architecto d'aquelle templo ...»

Seguem-se muitos e variados exemplos, e na pag. 24 acrescenta:

« Aqui vos advirto comtudo, que o dar-vos tantos exemplos d'esta, e das mais figuras, é para que fiqueis entendendo e sabendo que seu uso não é raro entre os poetas, mas antes muito frequente, e que n'elles se acha a cada passo. Passando agora, porém, aos versos vulgares, como vos prometti, e principiando pelos poetas italianos, elles tratando da collisão, e explicando a synalepha, que costuma haver entre certas syllabas, dizem assim: « *La collisione, si fa allorachè una* « *vocale, o un dithongo, in cui termina la precedente parola è ingojata dalla vocale,* « *o dal dithongo iniziale della seguente.*» Esta descripção (deixae-me por ora darlhe este nome) é dos que melhor souberam, e entenderam da poesia vulgar italiana, assim como Ludovico Dolce, Pedro Bembo, João George Trissino, etc. Aqui vereis como em tudo concorda, e é a mesma com que os auctores explicaram a synalepha, ou collisão nos versos latinos, a qual vos dei acima ...»

O padre Thomás José de Aquino põe novos exemplos, revelando mui notavel erudição (de pag. 26 a 54); e escreve mais (pag. 54 a 56):

« Não poria termo a esta carta se continuasse em fazer menção, e em transcrever todos os dithongos que, pela figura synalepha, se acham elididos nos poetas vulgares; e assim entendo que basta o que fica dito, e o que fica apontado para teres certeza, e para creres que ha estas elisões, e que são praticadas pelos bons poetas; no que me parece já não tereis duvida, e concordareis commigo. Aqui, porém, no logar de varias reflexões, que podia fazer, e supposto tudo o que fica dito, só quizera ponderasses de caminho quanta justiça tem, e quanto entendem d'estas cousas os que (assim como o Garcez, o Barbadinho, e outros similhantes) obstinadamente defendem, que se acham em Luiz de Camões versos errados, por haver elidido dithongos em alguns logares do seu poema, e rhythmas; fundando-se em *ser lei* (como affirmam) *da poesia não se elidirem os dithongos na versificação vulgar*...

« Portanto, ainda que vós na vossa carta me não fallais mais do que na elisão dos dithongos, pela figura synalepha, comtudo por vir muito a proposito, e por cumprir com o que ao principio vos prometti, assento que tambem se faz muito necessario, e será muito do nosso agrado o dizer-vos, e mostrar-vos, que por esta mesma figura se costumam elidir nos versos vulgares aquellas vogaes

longas (ou já sejam agudas, ou accentuadas) em que terminam algumas dicções, ou particulas, quando as seguintes principiam tambem, por vogal. N'este particular parece que fica o uso á vontade do poeta. Observa-se que em Dante são raras estas elisões; e que Petrarca muito a seu arbitrio, em uns logares d'estes fez a synalepha, e em outros não; o mesmo que depois praticaram os poetas italianos, hespanhoes e portuguezes ...»

Na pag. 61:

«Nos poetas portuguezes acha-se que tambem praticaram estas elisões com muita frequencia. Galhegos, no *Templo da Memoria,* livro 3.º, estancia 45, ainda sendo escrupuloso e impertinente:

Assi attonito pára: e de repente

«Macedo no poema *Ulissipo,* canto 8.º, estancia 14:

A Aurora *já* o mostrava, que no Oriente

«Gabriel Pereira de Castro na *Lisboa edificada,* canto VI, estancia 48:

Os gregos *até* as náos se recolherão

«No mesmo canto VI, estancia 71.

Assi os Troyanos por fugir nadando

« No fim do canto VII, estancia 12;

Se *vé* abrazar já de *sua* dor contente

« N'este verso ha a figura synalepha e syneresis.
«Francisco de Sá de Menezes na *Malaca conquistada,* livro IX, estancia 14:

Os mais delles moverão *já* as bandeiras

«E no livro III, estancia 68:

Invocando com *fé* o favor divino

«E ainda no mesmo livro III, estancia 95:

Que *só* avisar-nos para ser bastava
....

Na pag. 74:

«... Não me faltava vontade de continuar, e de vos dar exemplos de todas as outras, assim como, da *apocope, prothesis, paragoge, dieresis, apheresis, syncope,* e outras; mas ponderei que era adeantar-me, e dar-vos o que a vossa Carta me não pedia.

«Agora me perguntará talvez: e que necessidade tinham os latinos, e tem os poetas vulgares de usar d'essas figuras? É mui facil a resposta: a necessidade nem foi, nem é outra senão a harmonia, a melodia, o concenso, e o numero metrico. Sem essas figuras nada d'isto haveria na versificação, e seriam os versos tão insipidos, frouxos, languidos, e (deixae-me explicar assim) desconsolados; ou

ao contrario tão duros e asperos, que nem as orelhas rudes, grosseiras e agrestes os poderiam tragar, ou tolerar ...»

Na pag. 76:

«Os italianos eruditos e intelligentes, assim antigos como modernos, são de parecer, que os versos onde alguma d'essas figuras não entra, tem de ordinario esses vicios, e defeitos ahi apontados.»

Na pag. 77:

«... Esta materia do numero metrico em que já toquei nas Prefações, ou Prologos das minhas duas edições das obras de Luiz de Camões, merecia um tratado particular, e não póde circumscrever-se nos estreitos, e apertados limites da resposta a uma carta. Por ora só vos direi (concluindo) que os melhores poetas foram, e procederam sempre com toda a attenção com esta harmonia, e com este numero metrico, procurando que os seus versos fossem harmoniosos ...»

*
* *

52. *Lusiadas de Luis de Camoens. Coimbra. Na Imprensa da Universidade. 1800. Con licença da Mesa do Desembargo do Paço.* 8.º pequeno. 2 tomos de 4 innumeradas-xxxviij-228 paginas e 299 paginas.—Esta edição, cujo tomo I tem o retrato do poeta e o tomo II uma gravura allusiva ao seu naufragio, canto X, estancia 128, foi impressa com typo *mignon,* faiado; e contém os argumentos e indice de Franco Barreto, o compendio da vida de Camões e o argumento historico da *Lusiada,* reproduzido da edição de Garcez Ferreira; as estancias e lições, segundo Manuel Faria de Sousa; e outras lições, ou variantes, encontradas em diversas edições, que o professor Joaquim Ignacio de Freitas, incumbido de dirigir a impressão, consultou para este fim, conforme declara na advertencia preliminar.

O tomo I comprehende, pois, a vida, o argumento, e os seis primeiros cantos. O tomo II os quatro restantes cantos, as lições varias, as estancias e o indice dos nomes proprios.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (dois), e os sr. Fernando Palha, João Antonio Marques, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Henrique Ulrich, Carlos Cyrillo da Silva Vieira e Antonio Maria dos Santos Agard; no Porto, os srs. dr. José Carlos Lopes, visconde da Ermida, Moreira Cabral, M. Archer; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; em Braga, a bibliotheca publica; no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

Os ultimos preços tem sido entre 1$200 e 1$500 réis. No leilão de Minhava subiu um exemplar a 2$250 réis. Na casa Aillaud, de Paris, existia um exemplar annunciado por 1$300 réis.

*
* *

53. *Lusiadas de Luis de Camoens. Lisboa: Na Typographia Lacerdina: 1805. Com licença da Meza do Desembargo do Paço.* 8.º 2 tomos de 4 (innumeradas)-xxxxiij-228 paginas e 290 paginas. Com o retrato do poeta e estampas á frente de cada canto.

O typo e o formato são um pouco maiores que os da antecedente edição; porém a disposição da obra é identica. O retrato é tambem igual. e parece-me até o aproveitamento da mesma chapa. Na estampa do canto x vê-se reproduzida a allegoria do naufragio, como a que figura á frente do tomo II da edição de 1800, mas ampliada em harmonia com as dimensões das paginas.

A respeito da contrafeição d'esta edição, veja-se o que escreveu Innocencio, *Dicc.*, tomo v, pag. 261, n.º 50.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (dois), e os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Antonio Marques, João Henrique Ulrich e Antonio Maria dos Santos Agard; no Porto, a bibliotheca nacional, e os srs. Moreira Cabral, visconde da Ermida, dr. José Carlos Lopes, a Sociedade Nova Euterpe e Narciso José Moraes; em Ponta Delgada, o sr. José do Canto; no Rio do Janeiro, a bibliotheca nacional.

Os preços, em geral, têem variado entre 1$000 e 1$200 réis.

*
* *

54. *Lusiada de Luis de Camoens. Accrescentam-se as estancias despresadas por o poeta, as lições varias, e breves notas para a illustração do poema. Edição de J. E. Hitzig.* Sem logar, nem data. 8.º de XLVI-1 (innumerada)-464 paginas.

No ante-rosto lê-se: *Obras de Camões. Tomo* I: porém, ao que se julga, os editores só publicaram este tomo da *Lusiada*. A dedicatoria é: *Ao senhor W. de Humboldt dedicam esta obra em testimonio de obsequio e reverencia os Editores.*»

Por esta dedicatoria formou-se a conjectura de que fosse impressa em Berlim. Em que data?

No livro de papeis camonianos, mss., da letra de Norton, datado de 1847, poz elle a seguinte nota: «Entro em duvida se esta edição é de 1808».

Tem julgado uns, que fosse com effeito de 1808, e outros de 1810. Segundo o testemunho escripto do fallecido escriptor Varnhagem (visconde de Porto Seguro), esta edição é evidentemente de Berlim, feita por Winterfeld e outro, em 1810.

O tomo comprehende: a advertencia «aos leitores», assignada por C. de Winterfeld; o compendio da vida de Camões, e o argumento historico, reproduzido da edição de Garcez Ferreira; a que se seguem: a *Lusiada* (pag. 1 a 377); as estancias e lições desprezadas e omittidas, e as variantes, segundo Manuel de Faria (pag. 379 a 464).

Na advertencia preliminar de Winterfeld lê-se o seguinte, copiado textualmente:

«Presentamos os nossos leitores esta edição do poema immortal de Camões, não sem justo receo de serem julgados por mais atrevidos que sabios, commettendo huma tal empresa em terra estrangeira, onde por falta de sufficientes medios, por valientes que sejam os editores, cujo vanto arrogar-nos não pretendemos, não he possible de alcançar o grado de perfecção que justamente pode desejar-se. Porem com tudo, não ignorantes desto, estimulados de amor da lingua Portugueza, e do desejo de obligar-nos os estudiosos della, menos escrupulosamente hemos discurrido nos obstaculos, que na necessidade d'huma tal obra, e sahimos

em campo com a presente edição, dando conta aos eruditos de nossos medios, e de nossos intentos.

«Hemos adoptado com pouca alteração no texto da edição de Thomas Joseph de Aquino, Lisboa na officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1782, combinando-a co'as seguintes: a de Ignacio Garcez Ferreira, dedicada ao Rei João V. a primeira parte impressa em Napoles na officina Parriniana 1731, a segunda em Roma, na officina de Antonio Rossi 1732: a de Pedro Gendron em Paris 1759, que siguio o texto da de João Franco Barreto, Lisboa por Antonio Craesbeck de Mello 1666: e em fim a edição novissima que conhecemos, de Coimbra na imprensa da universidade 1800. As lições varias que damos, são as por Manuel de Faria e Sousa...»

O exemplar, que pertenceu a Thomás Norton, foi por elle mandado encadernar em carneira e dourar por folhas. Antes do ante-rosto lê-se, por letra do possuidor, esta nota: «Offerecido pelo meu amigo o Barão de Rendufe, ministro de S. Mag.e F. junto a corte de Berlim, e recebido em Ponte de Lima a 4 de 7bro de 1843.—*T. Norton.*»

A bibliotheca nacional possue outro exemplar, em que entre a pag. 228 (fim do canto VI) e a pag. 229 (começo do canto VII) se vê uma folha com a dedicatoria d'este modo: «Ao senhor W. de Humboldt dedicam esta obra em testimunho de obsequio e reverencia os Editores». Quer dizer, que em alguns exemplares foi mudada a palavra *testimonio* para *testimunho*.

No tomo I das *Obras*, pelo sr. visconde de Juromenha, pag. 474, saiu errada a descripção d'este tomo. Na indicação dos titulos vem «*licenças varias*», em vez de «*lições varias*»; o nome do editor «*J. E. Hetzig*», em vez de «*I. E. Hitzig*»; e o formato em *16.º*, em vez de *8.º* Este erro passou para o *Dicc. bibliographico*, tomo V, pag. 451, n.º 61; e foi depois reproduzido no *Manual bibliographico portuguez*, do fallecido Mattos, a pag. 100; na *Bibliographia camoniana* do sr. dr. Theophilo Braga, a pag. 62; e em parte no *Catalogo da camoniana* da bibliotheca nacional do Rio de Janeiro, etc. No catalogo da collecção do sr. José do Canto apparece, a pag. 10, já notada a differença com que se via impresso o nome de Hitzig.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (tres); e os srs Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Henrique Ulrich, Carlos Cyrillo da Silva Vieira, João Antonio Marques e Antonio Maria dos Santos Agard; no Porto, os srs. dr. José Carlos Lopes, Moreira Cabral e Joaquim de Vasconcellos; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

N'um leilão realisado no Porto (em 1884) foi vendido um exemplar por 620 réis. Na casa Ailland, de Paris, estava annunciado por 1$100 réis.

*
* *

55. *Obras do grande Luis de Camões, principe dos poetas de Hespanha. Terceira edição, da que, na officina Luisiana, se fez em Lisboa nos annos de 1779 e 1780. Paris, na officina de P. Didot Senior. E acha-se em Lisboa, em casa de Viuva Bertrand e Filhos.* MDCCCXV. 8.º 5 tomos de 4 (innumeradas)-clv-202 pag. e 2 de erratas; 4 (innumeradas)-335 pag. e 2 de erratas; xxviij-454 pag. e 2 de erratas; lij-377 pag. e 1 de erratas; e XXIX-430 pag. e 1 de erratas.

A edição é nitida, impressa em bom papel, e em typo novo. Tem o cunho das edições da celebrada casa Didot. Ornam-a os retratos de Camões (gravura de

Blanchard fils, com desenhos allegoricos), no tomo I; e de Vasco da Gama, no tomo II; estampas allusivas á frente de cada canto, e a carta colorida da derrota da India, gravura de E. Collin. Esta carta falta em alguns exemplares.

As estampas, de composição nova, são pela maior parte desenhadas e gravadas por Ambroise Tardieu, que dividiu este trabalho com Blanchard fils, na epocha da impressão. A do canto VII é quasi igual á que se vê no mesmo canto, nas edições de 1759 e 1805. Reproduzo, em frente, a estampa do canto I.

Na pag. 262 do tomo V do *Dicc. bibliographico,* lin. 8, saiu por equivoco *Lisboa,* em vez de *Paris.*

Na maior parte das bibliographias lê-se o nome do impressor *F. Didot,* mas na obra está *P. Didot Senior,* e effectivamente n'aquella epocha ainda a officina girava sob a firma de Pedro Didot pae e as edições saiam com o nome que indiquei. Este engano nasceu, emquanto a mim, de se terem tornado mais vulgares as contrafeições d'esta edição, que em seguida menciono.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (tres exemplares, sendo um d'elles sem a carta da derrota de Vasco da Gama), e os srs. Fernando Palha, João Antonio Marques, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Henrique Ulrich, Carlos Cyrillo da Silva Vieira e Antonio Maria dos Santos Agard; no Porto, a bibliotheca municipal, e os srs. dr. José Carlos Lopes, Moreira Cabral, visconde da Ermida e a Sociedade Nova Euterpe; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

*
* *

56. *Lusiadas do grande Luis de Camões, com estampas. Paris, na officina de P. Didot Senior, e acha-se em Lisboa, em casa da viuva Bertrand e filhos.* MDCCCXV. 8.º 5 tomos.

Advirta-se que esta edição é simplesmente o aproveitamento da anterior, ou por industria do impressor editor parisiense, ou por conselho do gerente da casa Bertrand, de Lisboa. O certo é que, examinando os dois tomos com o titulo acima indicado e os restantes tres, vê-se claramente a contrafeição.

Os tomos I e II têem, portanto, o rosto como se fôra nova edição dos *Lusiadas;* e os tomos III, IV e V, têem os frontispicios iguaes aos da edição anterior, isto é: *Obras do grande Luis de Camões,* etc.

Note-se mais, que na mesma casa Didot foi impresso outro frontispicio para os *Lusiadas,* sob data differente, assim:

Lusiadas do grande Luiz de Camões. Paris, na officina de F. Didot mais velho, e acha-se em Lisboa em casa da viuva Bertrand e filhos. MDCCCXIV.

Registando estas differenças, não supponho que ellas tenham o valor de novas edições, para se lhes dar logar especial na bibliographia camoniana.

*
* *

Depois das edições, que tenho descripto, como me tem sido possivel fazel-o, existem no presente seculo duas, que merecem logar mais distincto, porque po-

Taõ brandamente os ventos os levavam
Como quem o Ceo tinha por amigo
Canto 1º Est. 43

dem considerar-se monumentos bibliographicos e litterarios erigidos em honra e gloria de Camões. Uma é a feita a expensas do Morgado de Matteus e por este illustre cavalheiro e fidalgo distribuida entre os seus amigos e offerecida a personagens, e a corporações litterarias e religiosas; a outra, é a mandada imprimir por industria do estimado sr. Biel, estabelecido na cidade do Porto, em commemoração do tricentenario do egregio poeta. Agora, tratarei da

Edição do Morgado de Matteus

I

57. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição correcta, e dada á luz, por Dom Ioze Maria de Souza-Botelho, Morgado de Matteus, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Paris; na officina typographica de Fermin Didot, impressor do Rei e do Instituto.* M.DCCC.VII. Folio pequeno, de 8 (innumeradas)-CXXX-413 pag. e mais 10 pag. de supplemento da nota primeira da advertencia numerado de 415 a 424, tendo na ultima o numero errado 10 em vez de 424, e no fim a data de «Paris, Junho de 1818». Este supplemento, porém, não apparece em grande numero de exemplares, e a rasão é que foi escripto e mandado imprimir depois do Morgado de Matteus ter concluido a impressão da sua monumental edição e offerecido alguns exemplares a pessoas que, porventura, receberam depois o supplemento e não o puzeram em seu logar.

A impressão luxuosa e extraordinariamente nitida, com caracteres inteiramente novos, é um padrão da perfeição typographica usada na opulenta casa Didot, de que ella já dera a prova em honra do nosso egregio poeta na edição anterior, de menor formato. Este livro comprehende: Dedicatoria a El-Rei (3 pag. innumeradas) em cursivo; advertencia (pag. I a XLVIII); vida de Camões (pag. XLIX a CXXX); o poema (pag. 1 a 375); notas da advertencia (pag. 377 a 397); notas da vida de Camões (pag. 398 a 413); e supplemento (pag. 415 a 424). O numero 10 posto na ultima pagina, como já indiquei, faz-me suppor que o editor teve primeiro a idéa de dar esta parte em separado, depois mandou encorporal-a na obra, e na occasião de rubricarem as paginas, ou mudarem os algarismos, esqueceram-se dos ultimos, e lá ficaram para affirmarem, em quanto a mim, esta supposição.

Assim como não concordo com alguns bibliographos no modo de designarem o formato de certas edições, por se me figurar que não acertaram, ou não se deram ao trabalho de examinar bem os livros; assim tambem não estou de accôrdo com o que se tem dado á edição do Morgado de Matteus. Persuado-me que é em folio menor e não em 4.º Examinando o primeiro trabalho do encadernador, vejo que a dobragem e o cosido foram feitos em folio; e combinando este processo com as rubricas do impressor, resulta que as 104 rubricas, uma para cada quatro paginas, são o equivalente ás 413 paginas do texto, não contando com as de numeração romana, em que a divisão das rubricas, ou assignaturas, de cada folha, é exactamente igual, isto é, de *a* a *z*, e de *aa* a *ii*, ou 32 folhas e meia com 130 pag.

É preciso tambem attender a uma circumstancia, emquanto não podér provar-se o contrario. Os que conhecem algum tanto das cousas da typographia, sabem que, n'uma impressão perfeitamente nitida, quanto menor for a chapa no cofre de um prélo manual, tanto maior é a nitidez da impressão, porque os pre-

liminares *(mise-en-train)* do trabalho do impressor podem ser mais correctos e a pressão do aperto mais adequada ao resultado que se deseja obter. Ora, Didot, a quem devemos impor a responsabilidade da impressão, não consentiria de certo que saisse de seus prélos uma edição, como a que apresentou na obra monumental do Morgado de Matteus, senão obedecendo a todos os requisitos exigidos pela arte, de que elle era mestre.

Ainda ha que notar outra circumstancia: é que examinando a folha, que o Morgado mandou reimprimir para tirar os erros que elle notou de pag. 333 a 336, e que em grande numero de exemplares não poderam ser substituidos, vê-se bem que a tiragem foi em folio menor, como indiquei. A folha tem ahi a competente rubrica.

Os erros, que emendou, são:

Pag. 333, canto x, estancia xxx, *pdoer — poder.*
Pag. 333, canto x, estancia xxx, *aprende — apprende.*
Pag. 336, canto x, estancia xli, *de sal — do sal.*
Pag. 336, canto x, estancia xli, *aprendem — apprendem.*

Antes de passar adiante, notarei aos camonianistas que apparecem quatro especies de exemplares:

Errados, isto é, com o erro *pdoer* da pag. 333, e sem a correspondente emenda; e com a falta do «supplemento»

Emendados só na palavra *pdoer,* para *poder,* o que parece que foi feito no correr da impressão; e com o «supplemento»;

Emendados nas quatro palavras, como indiquei acima, e sem o «supplemento»;

Perfeitos e completos, emendados, ou antes com a folha 84 reimpressa, e o «supplemento».

Esta edição tem dois retratos, o primeiro em busto em frente do rosto, que póde considerar-se como outro rosto ornamental; e o segundo, em corpo inteiro, figurando Camões na gruta de Macau, posto antes da vida do poeta ou entre as pag. xlviii e xlix; e mais dez estampas, uma em frente de cada canto, sendo a composição allusiva a passagens dos mesmos cantos. A direcção artistica foi dada ao pintor F. Gérard, então mui afamado em Paris; e a execução da gravura das chapas confiada, escrupulosamente, aos que formavam n'aquella epocha o grupo mais distincto dos gravadores em cobre, taes como F. Lignon, Forsell, Massard, Oortman, Henri Laurent, Bovinet, Pigeot, Toschi, Forster, Richomme. Os gravadores Lignon e Oortman tiveram, á sua conta, duas chapas; os demais artistas, uma cada um. Toschi, como artista de primeira ordem, teve por fim, segundo constou, o encargo de examinar e retocar as chapas dos seus collegas, e dar consequentemente a auctorisação para correr a tiragem.

O pintor Gérard, alem da direcção, desenhou o busto de Camões para a primeira estampa, cuja ornamentação é do desenhador L. Visconti. Os auctores das outras composições, todas de feliz concepção, mui adequadas á magnitude dos assumptos, e de grandes bellezas no conjuncto, foram Desenne, para o segundo retrato e para os cantos i, iii e ix; e Fragonard para os cantos ii, iv, v, vi, vii, viii e x. O estampador de todas as chapas foi Durand, conforme vem expresso na parte inferior da primeira estampa (o primeiro retrato).

Na obra *Le classiche estampe dal doctore Giulio Ferrario*, pag. 344, leio o seguinte:

«Sotto la direzione di Bervic fece Paolo Toschi la bellissima stampa posta al principio del canto VII. della suberba edizione del poema di Camõens, delineata da Fragonard sotto la direzione di Gérard.

«Questo illustre pittore incaricato della direzione delle stampe per la suddetta edizione, concepi tanta stima per Toschi che gli affidò la difficile impresa di ripassare ed armonizzare le stampe degli altri artisti che le avevano consegnat come se già fossero portate al loro perfetto termine. Se ne tirarono poche prove nello stato primiero per le prime copie della detta edizione, e poscia è rami passarono alle mani di Toschi che le ripassò segnandole con un T ed anche col P. T. e P. T. R.; *Paolo Toschi ritoccò*, ma in un angolo della stampa che appena si puó distinguere da chi ha buoni occhi osservando con somma attenzione. Non ritoccò la stampa di Ortman perchè abbastansa terminata. Chi preferisse le stampe rare alle belle sceglierebbe le prime prove invece di quelle ripassatt da Toschi.»

Toschi foi um dos mais notaveis gravadores do seu tempo.

Examinando as estampas mais vagarosamente, e com o desejo de encontrar as siglas, ou monogrammas, do afamado artista que retocou as chapas, vi com effeito, «*T.* (no braço direito do busto de Camões, primeira estampa); *Toschi fini* (na segunda estampa, Camões na gruta de Macau); *P. T.* (na do canto III); *T.* (na do canto VI); *P. T. R.* (na do canto VIII). Que trabalho extraordinario o d'esta edição!

As estampas são, portanto, uma obra de arte considerada por profissionaes e amadores, alguns dos quaes possuem collecções, pela maior parte compradas em Paris, onde por vezes tem apparecido no mercado, ahi levadas de certo depois do obito dos artistas, que trabalharam na obra, e que conservaram as provas ou exemplares perfeitos, que poderam adquirir ao tempo da estampagem. Em Lisboa, sei que existem quatro d'essas collecções, sendo uma comprada pelo sr. Antonio José Nunes Junior, um dos mais esclarecidos professores da escola de bellas artes, que estudou muitos annos em Paris. O sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, segundo me informam, possue actualmente uma collecção de provas desde as primeiras que os gravadores costumam tirar para poderem ver o estado da chapa e examinar os retoques que é possivel ir fazendo antes do acabamento. O sr. conde de Villa Real está de posse, como representante e herdeiro do morgado de Matteus, da collecção, que anda junta ao exemplar em pergaminho, como adiante mencionarei.

O sr. José Gregorio da Silva Barbosa, um distincto apreciador do bello, possue duas collecções de provas das estampas, uma com 30 specimens, que lhe fôra offerecida em tempo, e outra com 35 specimens, que adquiriu em Paris em março de 1884. Contém provas dos aguas-fortistas Quérerdo e Forsell, que reproduziram em 1815 e 1816 a agua-forte os desenhos de Gérard; e provas dos diversos estados, ou *avant toute lettre*, dos gravadores que entraram com a sua pericia para a obra monumental do Morgado.

Ambas as collecções são apreciaveis. A segunda, porém, adquirida pelo sr. Silva Barbosa tem uma circumstancia mui notavel, emquanto a mim, que a recommenda e lhe dá maior valor. É a declaração dos nomes dos primeiros possuidores, devendo um d'elles estar vantajosamente collocado na sociedade parisiense, manter relações com o impressor Didot e talvez com o proprio Morgado de Matteus.

Esses possuidores foram: Emmanuel Martin, que usava da divisa: *Absque labore nihil;* e Amedée Burat. O primeiro escreveu, segundo me parece, do proprio punho, na sua preciosa collecção de estampas, o seguinte, que transcrevo textualmente:

«NOTE. Animé du juste désir d'élever un Monument à la mémoire de Camöens, Monsieur de Souza, ancien ambassadeur de Portugal; consacra tous ses soins & ses efforts à publier une Edition du Poëme des Lusiades, digne en tout du génie de cet illustre Poéte.

«Il s'adressa à Messieurs Didot Frères, que firent fabriquer un papier spécial à Annonay, & fondre exprès des caractères pour cette edition.

«Pour compléter son œuvre Monsieur de Souza, qui n'a reculé devant aucun sacrifice, fit exécuter, sous la direction de Gérard, par M. M. Desenne & Fragonard, douze dessins, dont il confia la gravure à nos plus habiles graveurs, qui ont fait de cette collection un chef d'œuvre.

«L'Edition de Mr. de Souza, par convention expresse, n'a jamais été mise dans le commerce. Il en devait être de même des gravures: des arrangemens avaient été pris en conséquence; mais ce fût un attrait de plus, sans doute, & pour s'en procurer, les gravures ont pu faire entr'eux quelques échanges de leurs épreuves, de sorte que l'on parvint à en réunir quelques suites complètes & uniformes, qui, vu leur rareté, ne se vendaient pas moins de 600 francs. Aujourd'hui on en rencontre bien rarement, & seulement dans les ventes des livres de quelques amateurs.

«Cette suite réunie ici, épreuves d'artistes, papier de Chine, est unique, par le grand nombre de pièces avant toute lettre & eaux-fortes, qu'on a pu, à force de temps & de recherches, parvenir à y joindre.»

Pelo processo adoptado para os fac-similes, com que tenho enriquecido esta obra, reproduzo as estampas do rosto ornamentado e de Camões na gruta de Macau.

Cada estampa é acompanhada de uma folha de resguardo que só tem no alto o titulo e no extremo os versos do poema, que serviram para a composição do artista. D'este modo:

I. CONSELHO DOS DEOSES.

> Sustentava contra elle Venus bella
> Affeiçoada á gente Lusitana
> Por quantas qualidades via nella
> Da antiga tão amada sua Romana.

Canto I. Est. 33.

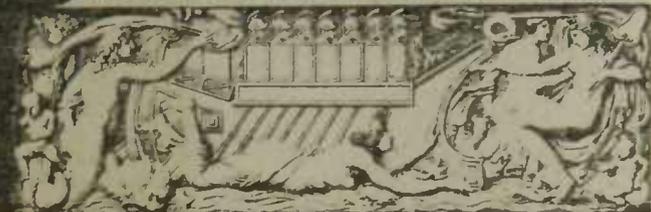
II. VISITA DO REI DE MELINDE A GAMA.

> Já no batel entrou do Capitão
> O Rei, que nos seus braços o levava

Canto II. Est. 101.

III. ASSASSINIO DE IGNEZ DE CASTRO.

> Tu só, tu puro Amor, com força crua
> Que os corações humanos tanto obriga
> Déste causa á molesta morte sua
> Como se fora perfida inimiga.

Canto III. Est. 119.

DE AFRIS
DE INDIS

Gerard pinx.t *Desenne del.t* *Forssell sculp.t*

IV. SONHO D'ELREI D. MANOEL, NO QUAL LHE APPARECEM OS RIOS INDO E GANGES.

Ó tu, á cujos Reinos e Coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja famá tanto voa,
Te avisamos que he tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

Canto IV. Est. 73.

V. APPARIÇÃO DO GIGANTE ADAMASTOR, NA PASSAGEM DO CABO DE B. ESPERANÇA.

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu?...

Canto V. Est. 49.

VI. VENUS APLACA OS VENTOS E A TORMENTA.

Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nimphas bellas,
Que mais formosas vinham que as estrellas.

Canto VI. Est. 87.

VII. DESEMBARQUE DE GAMA EM CALECUT.

Na praia hum regedor do Reino estava,
Que na sua lingoa Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama.

Canto VII. Est. 44.

VIII. SEGUNDA AUDIENCIA DO SAMORIM AO GAMA.

O grande Capitão chamar mandava;
A quem chegado disse: Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

Canto VIII. Est. 60.

IX. ILHA DE VENUS.

Desta arte em fim conforme ja as formosas
Nimphas, co'os seus amados navegantes,
Os ornam de capellas deleitosas,
De louro, e de ouro, e flores abundantes.

Canto IX. Est. 84.

X. AUDIENCIA D'ELREI D. MANOEL A GAMA.

E a sua Patria, e Rei temido e amado,
O premio, e gloria dão, porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

Canto X. Est. 144.

O supplemento (de pag. 415 a 424) começa:

«Depois de ter publicado a minha edição, a Bibliotheca Real de Paris fez (em Alemanha) a acquisição de hum exemplar de 1572, e com generosidade me foi facultado immediatamente. O meu prazer foi extremo, vendo que esta edição era diversa das que possuo, e em tudo conforme á da Bibliotheca de Lisboa.

«(Notei porém que nella se achavam as fl. 75, 76, 77 e 78 entresachadas, e pertencentes á precedente edição.)

«Passando com escrupulosa attenção a confrontal-as, posso hoje publicar pela primeira vez o resultado de hum trabalho, que fará distinguir exactamente as duas edições, conhecer as suas diversidades, e decidir a sua prioridade.

«Declaro que a confrontação foi feita entre o meu exemplar, e o da Bibliotheca de Paris. O meu, o da livraria do Sr. Antonio Ribeiro, e o de Lord Holland (á excepção de quatro folhas entresachadas) são conformes, e de huma edição: os das Bibliothecas de Lisboa, a Real, e a dos PP. Benedictinos (segundo noticia) e a de Paris são, em conformidade, da outra edição. Para melhor clareza designarei aquelles com o nome de *primeira*, e estes com o de *segunda* edição.

«Na primeira, a *Tarja* he hum tanto mais larga, e quasi nada menos alta que a da *segunda*: o Pelicano que tem em cima vê-se na *primeira* com o collo voltado á nossa direita, em quanto na *segunda* he voltado á esquerda; os filetes das columnas descem na primeira da direita para a esquerda, e *vice-versa* na segunda: os typos deste frontispicio são naquella maiores do que nesta.

«Na *primeira* o Alvará conta 34 regras, com a data impressa em letra redonda, a vinte e quatro dias do mez de setembro. Na *segunda* tem 33 regras, e na 22 principia a mudar a partição, e acaba com a data assim a xxiij de setembro. Naquella os caracteres italicos da censura são menores que nesta, e pelo contrario os da assignatura do Censor.

«A paginação só no *recto;* o numero das oitavas, que em ambos não são numeradas, concorda assim como a justificação, em cada pagina.

«A maior differença entre ellas consiste, 1° na orthographia, 2° nos erros typographicos, e 3° finalmente em hum muito pequeno numero de palavras mudadas no texto: de tudo o que proseguirei a dar exemplos e annotações.»

Segue a relação das differenças typographicas e das variantes, que encontrou nos dez cantos, e com o que occupou seis paginas e meia (de 416 a 422), e conclue d'este modo:

«Tendo mostrado pois todas as diversidades, que se encontram nas duas edições, importa agora recordar que nenhum author, até a obra posthuma de Manuel de Faria, fez menção de terem sido feitas duas impressões do Poema em 1572; que este editor foi o primeiro que deo noticia dellas no § 27 da segunda vida, sem os caracterisar com exacção bibliographica; que depois delle ninguem mostrou te-las collacionado, nem houve quem publicasse as suas diversidades (pois as affirmações do Padre Thomás e do seu apologista são faltas de fundamento e de verdade); que ignoramos ainda hoje se Luis de Camões fez imprimir, ou vendeo o seu Ms., se corrigio elle mesmo as provas, ou se outrem foi encarregado deste trabalho. Naquella epoca os impressores não notavam as impressões e reimpressões feitas no mesmo anno, como primeiras e segundas edições. O titulo da primeira que se acha manuscripto em todas, por isso mesmo nada significa.

«São passados dois seculos e meio, e depois de tão grande lapso de tempo, e de huma tal incuria, não me foi possivel fazer mais do que dar estas noticias positivas sobre as duas edições, depois de as ter confrontado cuidadosamente. Julgo porém, se não me engano, que estes conhecimentos, publicados agora pela primeira vez, servirão a distinguir perfeitamente as duas edições, e a assentar com a maior probabilidade, qual dellas deve chamar-se a primeira.

«Manuel de Faria ainda que o não decidio explicitamente, com tudo na sua nota, Est. 21 do C. IX, onde marca alguns erros typographicos da edição que tinha (que chama ali, e em diversos logares *el original)* indica assaz que julgava aquella a *primera,* e faz entender mais claramente no citado § 27 da segunda vida que considerava a outra edição, que depois vira, como a *segunda*. Esta opinião de um author, que vivia entre os annos de 1590 a 1649, fortifica as outras probabilidades, que o leitor intelligente poderá descobrir nas precedentes notas e indices, para concordar com ella e com a minha, como as designei de principio.

«Se destas mesmas noticias não se pode concluir indubitavelmente que Luis

de Camões vendeo o seu Ms. e privilegio a algum livreiro, como he natural suppôr, conhecida a sua indigencia, ao menos quem reparar na mudança de orthographia, e nas insignificantes, ou indiscretas correcções, que se encontram na segunda, e nos erros typographicos que deixou nella, poderá facilmente conjecturar que o mesmo Poeta entregando para a primeira o seu manuscripto, não corrigio as suas provas, e sobretudo não teve parte nas mudanças orthographicas da segunda (pois não he provavel que elle quizesse patentear sua incerteza e ignorancia em orthographia), nem foi o que dictou as palavras mudadas na segunda edição.

«Por todas estas razões confesso, dar maior credito, e preferir o texto da primeira (que julgo impressa sobre o M. S. de Camões) ao da segunda feita talvez por conveniencia do livreiro; porém conhecidas hoje as suas levissimas, ou muito pequenas differenças, concluo que ambas ellas são as unicas, que se podem estimar e seguir como originaes, e sobretudo antepor a todas as outras, publicadas depois com os vicios atrevidos dos seus editores.»

«Paris, Junho de 1818.»

II

Possuem exemplares, em Lisboa: a bibliotheca real da Ajuda (dois), a bibliotheca particular de el-rei D. Fernando, a bibliotheca nacional (tres exemplares, sendo dois completos e um sem o supplemento); a bibliotheca da imprensa nacional, por concessão do governo; a bibliotheca da academia real das sciencias; e os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, Henrique da Gama Barros (tem o exemplar que pertencêra a seu sogro, o viticultor José Maria da Fonseca), João Antonio Marques, Vicente Monteiro (que era o da collecção Minhava e foi arrematado por 60$500 réis), João Henrique Ulrich, Luciano Cordeiro, visconde de Juromenha, Macedo Braga e José Gregorio da Silva Barbosa; no Porto, a bibliotheca municipal (dois); e os srs. dr. José Carlos Lopes e visconde da Ermida; em Coimbra, a bibliotheca da universidade (dois), e o sr. Antonio José Alves Borges; em Evora, a bibliotheca publica; em Villa Real, o sr. conde de Villa Real (tres); na Louzã, o sr. Fernandes Thomás; em Ponta Delgada, o sr. José do Canto; no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional (tres, sendo dois sem os retratos), e o gabinete portuguez de leitura.

A maior parte d'esses exemplares apparece sem o supplemento, ou complemento da primeira nota da advertencia (pag. 415 a 424); e sem a folha guarda do ante-rosto, onde o Morgado de Matteus lançava por seu punho a mui simples dedicatoria com que offerecia o seu precioso livro:

A F. . . . (ou *Á bibliotheca de . . .*)

D. José Maria de Souza.

Por exemplo: o que foi encontrado na bibliotheca de el-rei D. Fernando e o que possue a imprensa nacional de Lisboa, tem essas folhas brancas arrancadas, e por isso não se sabe a quaes pessoas, ou corporações, os mandaria o Morgado. O da mencionada imprensa tem o carimbo «Livraria de D. Franc. Manuel» a tinta azul.

Um dos exemplares da bibliotheca nacional de Lisboa era o da ordem de S. Bernardo, e outro pertencêra a Norton. O do sr. João Antonio Marques (comprado em Londres por 50$000 ou 60$000 réis), pertencêra á duqueza Hamilton. Um dos da bibliotheca do Rio de Janeiro era do Rei de Portugal (D. João VI).

O de Norton tem esta lembrança de sua letra, na primeira folha guarda do encadernador:

Offerecido pelo meu particular Amigo o Ex.mo Sn.r Rodrigo da Fonseca Magalhães.
Porto 31 Janeiro 1845.

Thomas Norton.

E abaixo a marca, que elle punha em todos os livros:

T. NORTON.

O que pertence ao sr. João Antonio Marques tem, igualmente na primeira folha-guarda do encadernador, a seguinte dedicatoria com perfeita e bella letra, exceptuando a assignatura do offerente, que é autographa. Vae fielmente copiada:

Paris le 12 Aout 1819.

L'Editeur de ce Noble ouvrage glorieusement entrepris et exécuté, D. José Maria de Sousa Botelho, connoissant par la renommée les qualites Brillantes qui elevent Madame la Duchesse de Hamilton au dessus de toutes les Personnes de son sexe, a de suite consenti a la proposition qui lui a été faite de placer Madame la Duchesse au nombre des Personnages Illustres, auxquels ce Magnifique Présent est par lui destiné, et il a chargé le soussigné de l'offrir à sa Grace.

Conde do Funchal.

Hotel d Artois. Rue d'Artois.

Na folha guarda do ante-rosto, a duqueza de Hamilton poz esta dedicatoria a seu filho:

To my beloved son for the Hamilton Library.

Susan Euphemia Hamilton & Brandon.

Este volume, que muitos annos depois veiu para o mercado bibliographico, de Londres, é pelo estado de conservação, largura das margens e clareza do papel, um dos mais formosos exemplares que tenho visto em mãos de particular. Parece que saiu recentemente do prélo. Bem se vê que foi escolhido pelo Morgado de Matteus para ser dado a uma dama da mais alta sociedade ingleza. O actual possuidor conserva-o dentro de uma caixa, forrada de «chagrin», em fórma de livro, mandada fazer de proposito para este fim.

O exemplar do sr. Silva Barbosa é dos errados e incompletos, e por isso mais communs, porém mui apreciados por se julgarem dos da primeira tiragem. Tem esta dedicatoria:

A monsieur Lemercier, Membre de L'Institut

D. Joseph Maria de Souza

O actual sr. conde de Villa Real, alem do exemplar em pergaminho, que existe na sua casa por obrigação testamentaria de seu nobre ascendente, o Morgado de Matteus, tinha mais seis ou sete exemplares da edição monumental dos *Lusiadas*, mas já os tem distribuido entre os seus parentes mais proximos.

O exemplar em pergaminho, em folio menor, é mui precioso, como se sabe, e de altissimo valor, não só por ser unico, se não tambem por ser completo, em-

quanto ao texto, por ter maior numero de estampas e a collocação ser diversa; e pela igualdade verdadeiramente excepcional do pergaminho, o que deslumbra um amador de livros.

Com relação ás estampas: tem o retrato do Morgado, desenho de Gérard e gravura de Lera, que não acompanha nenhum exemplar, e que foi dado em muito limitado numero; e tres estampas dos retratos de Camões e de cada canto, isto é, o desenho aguarellado para a gravura, uma prova do estado da gravura ou *avant toute lettre,* e um exemplar da gravura na sua maior perfeição de estampagem. Comparando os desenhos originaes com a execução dos gravadores, parece-me que se póde assegurar que o trabalho d'elles foi dirigido com tal primor e correcção, que se conseguiu o mais notavel realce no acabamento das estampas, acima do primor dos desenhos primitivos. Esta asserção, que se me afigura incontestavel, corrobora o que escrevi anteriormente sobre a importancia e o merito artistico da obra do Morgado.

A collocação das estampas dos cantos é diversa da dos outros exemplares, porque n'estes foram postas á frente de cada canto; e no de pergaminho collocadas junto das estancias, que serviram de orientação ao desenhador para a sua composição

O exemplar unico é dividido em dois volumes, repetindo-se no segundo o rosto do primeiro. Comprehende este a advertencia, a vida e quatro cantos (até pag. 157); e o segundo, os restantes seis cantos, as notas e o supplemento (de pag. 158 a 424), mas a ultima pagina não tem o numero 424, porque o typographo tirou o numero 10, que se vê na tiragem commum do supplemento, como já indiquei, e deixou em branco a linha da cabeça da pagina.

A encadernação luxuosa e rica d'este exemplar foi mandada fazer, depois da morte do Morgado, pelo conde de Villa Real, D. José (já fallecido), em Inglaterra. É em marroquim roxo escuro, tendo nas pastas as armas do conde e filetes dourados. Nas lombadas dos volumes, lê-se o seguinte rotulo: *Os Lusiadas de L de Camões Illustrados por D. I. M. de Souza. Com os desenhos originaes* (Vol. I e Vol. II).

O sr. conde de Villa Real, a quem devo o poder ver e examinar o exemplar em pergaminho, que tem na sua bibliotheca da casa de Matteus (Villa Real), e que trouxe a Lisboa para este fim, levou a sua benevolencia e amabilidade ao ponto de trazer tambem e mostrar-me outro exemplar, por igual interessante e de importancia litteraria. É dos communs, sem estampas, manchado nos extremos das paginas, denotando que o seu possuidor frequentemente o manuseava. Foi n'elle que o Morgado de Matteus lançou as suas erratas, as suas observações criticas, os seus desabafos intimos, contra os que o censuraram pela edição dos *Lusiadas,* e lhe notaram os defeitos de reproducção.

Estas annotações, como é de presumir, são manuscriptas, autographas, e feitas evidentemente em dois ou tres periodos diversos, a lapis, a tinta vermelha e a tinta preta. Entre as duas qualidades de tinta, pela differença da côr e do traço meio apagado de uma, parece que passaram annos. Ora, as annotações são de duas ordens: a primeira, comprehende as emendas com que o Morgado preparou após a edição monumental a nova edição, formato em 8.º, que appareceu em 1819 por conta do typographo e editor seu amigo, Didot; a segunda, encerra os elementos com que, depois da primeira epocha, o Morgado se ia preparando para responder aos seus adversarios.

Entre os adversarios mais temiveis, que mais o escandalisavam e contra os quaes o Morgado de Matteus desabafa, escrevendo até phrases mais que chãs,

picantes e duras, cita pelos seus nomes Francisco Salano Constancio e o coronel Candido José Xavier, redactores dos *Annaes das sciencias, das artes e das letras;* Verdier e José Agostinho de Macedo. Tambem cita com amargura o relatorio da academia real das sciencias de Lisboa, etc.

De Verdier, em uma das notas affirma que elle, entre os portuguezes ingratos que não tinham em nenhuma conta os extraordinarios sacrificios que o Morgado fizera para realisar a impressão da edição grande dos *Lusiadas*, tal como a apresentára e déra, —a maior das homenagens que podiam ser prestadas a Camões—, entrára em explicações que o convenceram que não era ainda assim dos seus mais injustos adversarios. Adiante ficarão patenteadas as rasões d'estas notas manuscriptas.

A tiragem da edição monumental foi de 210 exemplares, e importou em 52:000 francos approximadamente, ou mais de 9:000$000 réis. O Morgado offereceu, em sua vida, 182 exemplares. Dos restantes 28, o seu immediato successor e herdeiro deu tambem alguns.

III

A noticia de que o Morgado de Matteus, residente em Paris, estava fazendo uma edição luxuosa dos *Lusiadas*, causára em Lisboa a mais agradavel sensação, porque se julgava antecipadamente um successo litterario da maior importancia. Assim, quando a academia real das sciencias recebeu o exemplar que lhe destinou o nobre editor, tratou logo de eleger uma commissão de tres conspicuos membros effectivos, Antonio Caetano do Amaral, da classe de litteratura, Matteus Valente do Couto, da classe de sciencias exactas, e Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, da classe de sciencias naturaes, todos então directores das respectivas classes, e o ultimo vice-secretario da academia, para dar parecer ácerca d'esta edição. A commissão não quiz demorar o seu trabalho, e em breve tempo foi apresentado á academia, lido e mandado imprimir.

Como deve haver superior interesse em ajuntar uma parte valiosa d'este parecer, ou relatorio, sempre que se escreva da edição do Morgado de Matteus, deixarei aqui os seguintes paragraphos:

«Não é necessario um profundo exame d'esta obra para se conhecer que toda a perfeição e luxo, modernamente introduzido na typographia; tudo quanto as artes do desenho e da gravura podem produzir com mais graça e elegancia; tudo em fim quanto se deve esperar da exactidão e perspicacia de um editor sabio e zeloso pela gloria nacional: tudo se poz em uso pára levantar um monumento digno de Camões, digno da patria que este illustre poeta tanto engrandeceu, e digno d'aquelle que tomou a seu cargo esta nobre empreza.

«Estas qualidades, que saltam aos olhos, tornam-se ainda mais sensiveis á proporção que o trabalho do sr. D. José Maria se examina com mais miudeza; vê-se então que se os melhores artistas se esmeraram em preencher os seus desejos, a tarefa que elle reservou para si é a mais importante, e a que mais merece o nosso reconhecimento, por nos dar em fim os *Lusiadas* taes como seu auctor os escreveu, limpos dos erros, e alterações com que a ignorancia e a malicia os tinham até aqui manchado, quasi todas as vezes que de novo se davam ao prélo.

«Tendo pois de dar conta á academia dos dotes (se nos é licito explicar assim) externos e internos d'esta edição, nós faremos isto mui levemente em quanto aos primeiros; não só porque já elles estão examinados, e devidamente elogiados por pennas mais habeis do que a nossa, mas porque a academia teve logo occasião de lhe dar o merecido louvor na mesma sessão em que a obra lhe foi apresentada:

seremos porém mais extensos no que respeita aos segundos. por isso mesmo que requerem um exame mais prolixo e circumstanciado.

«O poema dos *Lusiadas* impresso em Paris no anno proximo passado na officina de Firmin Didot, é em 4.º atlantico, e occupa com as notas 413 pag. além da dedicatoria a sua magestade, que não é numerada, e de uma advertencia, que juntamente com a vida do poeta enchem 130. O papel é o velino mais bello e mais igual, os typos fundidos de proposito são os mais nitidos e perfeitos que se podem ver, e mostram que n'este ponto, e genero de impressão tem a arte chegado ao maior auge a que podia aspirar: a tinta é de uma optima côr: a tiragem tanto das folhas, como das estampas é a mais limpa possivel: n'uma palavra esta edição iguala nestes differentes artigos ás que se tem feito de maior luxo, e ainda mesmo excede a maior parte d'ellas.

«As estampas que a acompanham, posto que não tenham todas o mesmo grau de perfeição, são executadas em geral sobre um desenho, e por um buril que faz honra aos mestres que as desempenharam, e ao grande pintor mr. Gérard, que as dirigiu. O busto de Camões, que se póde olhar como uma obra prima d'este celebre e illustre artista, é cheio de expressão e de vida, e dá bem a conhecer a grande alma do poeta; não é só no semblante que elle está vivo, é tambem no resto do corpo, e o seu braço direito sobre tudo chega a illudir os sentidos, e parece animado. Os ornatos d'esta estampa, de uma extraordinaria riqueza, e que contrastam com a nobre simplicidade das outras, são como um tributo pago ao gosto do seculo; e ainda que variados, e optimamente desempenhados, não distrahem a attenção do objecto principal. A este retrato segue-se outro de vulto inteiro, em que o mesmo Camões apparece na gruta de Macau em um momento de extasi e de contemplação, animado pelo estro, e trasbordando-lhe no semblante o divino fogo da poesia. As outras estampas em numero de dez correspondem aos dez cantos da epopéa, e apresentam os passos mais notaveis de cada um d'elles.»

....

«Muitos escriptores nacionaes, e estrangeiros têem escripto a vida de Luiz de Camões: Manuel de Faria e Sousa fê-lo duas vezes, emendando na segunda os erros em que tinha caido na primeira; mas assim mesmo deixou passar asserções pouco exactas, e algumas d'ellas até offensivas da dignidade do poeta, ou isto fosse procedido da pouca critica, ou do seu caracter adulador: o sr. D. José Maria tem cuidado de rectificar, e destruir estas accusações arbitrarias, e de pintar os inimigos de Camões com as cores que elles merecem: na falta de outros documentos elle comprova a maior parte dos factos que refere com passos das obras do poeta; mas o que sobre tudo torna esta peça recommendavel é a sensibilidade com que é escripta: assim os malogrados amores de Camões com D. Catharina de Athaide; o seu desterro, e partida para a India, deixando na patria tudo quanto lhe era caro; a grandeza d'alma com que soffreu as vexações do governador Francisco Barreto; a baldada protecção, que encontrou no seu successor D. Constantino de Bragança; o sordido interesse de outro Barreto, de que foi victima por alguns tempos; em fim a sua chegada a Lisboa, e o resto de uma vida combatida pelo desamparo e miseria; todos estes acontecimentos são referidos com um estylo tão natural e energico, que é impossivel a quem os lê não se commover, sobre tudo comparando as circumstancias lamentaveis do poeta em quanto vivo, com o seu illustre merecimento, e a magnificencia com que agora é honrado pela primeira vez depois da sua morte.

«Não se podendo conhecer bem a vida de um homem de lettras, sem tambem se conhecerem as obras que elle escreveu, julgou o sr. D. José Maria de Sousa dever ajuntar á biographia de Camões uma noticia de todas as que nos restam da sua penna. Principiando pois pelos *Lusiadas* analysa este poema segundo as regras geraes da arte, que são sempre as mesmas, e as particulares, que variam com o tempo e modo de pensar dos homens. Não é este o lugar para discutir o merecimento de Camões, nem para tecer o seu elogio; e por isso não seguiremos o nosso consocio no judicioso exame que faz daquella epopéa, já expondo o plano

com que foi delineada, já dando a razão do maravilhoso allegorico que lhe serve de ornato, já mostrando a injustiça com que tem sido ás vezes censurada, já fazendo uma enumeração rapida, mas exacta das suas bellezas, que só uma depravação total de gosto poderá desconhecer.

«O exame das outras poesias não é tão circumstanciado: sendo impressas posthumas, não soffreram ellas menos do que os *Lusiadas* pela ignorancia dos editores; e necessitam talvez mais de uma mão habil, que as expurgue dos erros, e separe as que são de Camões de outras que o não são, e que em differentes epocas gratuitamente se lhe tem attribuido. Quanto seria para desejar que quem tão dignamente executou este trabalho, lhe quizesse dar o ultimo complemento, pondo assim o remate na coroa litteraria, com que ha de ser distinguido na posteridade!

«Na advertencia preliminar, e nas notas que lhe dizem respeito, e vem no fim dos *Lusiadas*, mostra e caracterisa o sr. D. José Maria de Sousa o texto que seguiu na sua edição, e dá os motivos que teve para assim o fazer: estes motivos ainda que da maior ponderação, não forão até agora attendidos de nenhum outro editor, e por isso mesmo devem ser patenteados á academia, para ella poder avaliar devidamente o seu merecimento.

«É fóra de duvida, que obtendo Camões em setembro de 1571 o privilegio para elle só imprimir o seu poema, saiu á luz em o anno seguinte, no qual foi impresso duas vezes; como porém no frontispicio, nem em parte alguma se declarasse nada a este respeito, não sómente se ficou ignorando qual era a edição mais antiga, mas até grande parte dos nossos bibliographos persistiram na intelligencia de que realmente não tinha havido senão uma n'aquelle anno. Desde então até 1579 em que o poeta falleceu, não tornou, que se saiba, a imprimir-se este poema, nem nunca constou onde tinha ido parar o seu autographo.

«Em circunstancias taes é evidente serem estas as unicas edições auctorisadas: por uma parte foram ellas feitas em vida do auctor, assistindo elle em Lisboa, e com o seu consentimento, visto o privilegio que se lhe tinha dado, e isto basta para nos provar a sua authenticidade; por outra parte os editores que depois vieram, não tendo outros originaes em que se fundassem para as suas emendas, fizeram-as arbitrariamente; e por conseguinte, devem ser desprezadas por quem se propuzer a dar uma edição genuina.

«Por mais natural que seja este raciocinio, foi elle desprezado por todos os que precederam (como ja dissemos) ao sr. Morgado de Mattens na mesma empreza. Logo em 1584 se principiou a corromper, e alterar por um modo de que ha poucos exemplos, o texto de Camões. Os editores que depois vieram, pela maior parte ou ignorantes, ou supersticiosos, seguiram esta mema estrada; o cantor dos *Lusiadas* cessou de fallar a sua divina linguagem, s tomou outra menos energica, servil e totalmente impropria. e

«Manuel de Faria e Sousa atalhou em parte esta desordem; procurou, e não lhe foi difficil encontrar, uma das edições originaes (a mesma de que agora se serviu o sr. D. José Maria de Sousa); e não sabendo ainda naquelle tempo que houvesse outra do mesmo anno, contentou se com seguir a primeira: mas como a seguiu elle? alterando-a e emendando-a em todos os lugares, que o seu pouco discernimento lhe fez parecer viciados: assim tirou grande parte dos erros que havia, para substituir-lhes em menor numero ontros novos, e privativamente seus: os grandes creditos de que este escriptor gosou por muito tempo, foram causa de que os que vieram depois jurassem todos nas suas palavras.

«Partindo o nosso consocio de principios totalmente differentes, sabendo que existiam duas edições ambas datadas de 1572, apezar de assistir em Paris, aonde estes soccorros são muito mais difficultosos de alcançar do que o teriam sido em Lisboa, procurou elle obte-las ambas para as comparar, e ver se entre uma e outra havia alguma diversidade; não lhe foi porém possivel conseguir o seu intento, pois que dois exemplares que obteve foram achados identicos.

«Destes mesmos tirou todo o partido possivel. Caracterisou a edição que lhe

devia servir de original; emendou-a de muitos erros typographicos com que estava manchada; fez tirar um *fac simile* do frontispicio, e copias de alguns passos, que remetteu aos seus amigos em Lisboa, a fim de serem comparados com a edição da real bibliotheca publica, para se notarem as differenças, se acaso algumas se encontrassem.

«Satisfeitos em parte os seus desejos, conheceu que as duas edições, ainda que parecidas, se podiam facilmente distinguir, pois só nas primeiras vinte e quatro oitavas do primeiro canto se notaram uma quantidade grande de variantes; mas excepto uma insignificante, todas as outras versavam sobre a orthographia; e como havia probabilidade que no resto da obra succedesse o mesmo, e elle não podesse alcançar uma confrontação mais extensa, apezar das suas repetidas instancias, deliberou-se a não demorar mais a impressão, certo de que o texto, que elle publicava era o mesmo que o grande Camões tinha escripto, limpo das alterações e emendas, que depois se lhe introduziram.

«Ainda que aquelle argumento pareça convincente, devemos confessar, que contra a expectação do sr. Morgado de Matteus, e até mesmo contra a nossa, achámos bastantes mudanças n'esta outra edição de 1572; é certo que a maior parte dellas podem desprezar-se pelo pouco que influem no sentido, ou na cadencia dos versos; e que outras sendo emendas a erros manifestos de impressão, foram já adoptadas, e com toda a razão pelo novo editor; mas ainda assim restam a nosso ver alguns lugares, em que esta edição (que se póde reputar segunda) deveria ser preferida á primeira, e tanto mais, que não havendo motivo solido para pensar que Camões não assistio áquella com o mesmo esmero, com que assistiu a esta, alguns versos se acham visivelmente melhorados, mais cadentes, e com melhor sentido.

«Por este motivo, e por pensarmos que estas variantes são da mesma penna do poeta, sendo muito vulgar n'uma reimpressão, que se faz em vida do auctor, retocar este alguns lugares que mais lhe desagradam, julgámos conveniente ajuntar no fim deste relatorio as variantes que pareceram mais essenciaes: assim completâmos o trabalho que tanto desejou concluir o sr. D. José Maria de Sousa, e que não poderá deixar de ser agradavel tanto a elle, como a esta academia.

«Em quanto ao mais, a edição que temos analysado, e que como vimos é impressa sobre o que se reputa primeiro original de 1572, é bastantemente correcta, e expurgada dos multiplicados erros que nelle a desfiguravam: só quem tem publicado obras pelo prélo conhece quanto isto é difficil de conseguir, e muito principalmente quando a lingua em que se escreve é estrangeira para os compositores e impressores; assim os insignificantes descuidos que se encontram n'esta não serão taxados por aquelles leitores, que conhecerem que é moralmente impossivel fazer melhor em circunstancias similhantes.»

O relatorio da academia real das sciencias, cuja parte principal transcrevi acima, foi publicado nas *Memorias* da mesma corporação scientifica, tomo v, parte ii, de pag. xc a xcix, e depois teve uma tiragem em separado, sendo limitadissimo o numero de exemplares, sob o titulo:

Relatorio da commissão nomeada pela academia real das sciencias de Lisboa para lhe dar conta da nova edição dos Lusiadas impressa em Paris no anno de 1817. 4.º de 14 pag.

Este relatorio, datado de 12 de abril de 1818, saiu á luz, como se vê, antes do supplemento, que o Morgado teve occasião de escrever depois, e mandou acrescentar a alguns exemplares da sua monumental edição.

O Morgado de Matteus respondeu ao relatorio acima n'uma *Carta á academia*

real das sciencias de Lisboa, publicada em 1819 no tomo VI, parte I, da *Historia e memorias*, de pag. CVIII a CXX. N'ella escreveu, narrando os trabalhos da impressão e revisão:

«Quando emprendi levantar esta especie de monumento a Camões e á patria, não ignorava as difficuldades da sua execução, e a de poder contentar a todos; porém, seguro de empregar todas as forças que cabiam em mim, não poupando nem as diligencias e estudo, nem os meios para concluir o meu trabalho, tinha tomado a resolução de não responder ás criticas que pudessem fazer, e de deixar esta edição *responder por si e por mim* á posteridade.

«Não me permitte o respeito que tributo á academia de sustentar esta resolução, quando este sabio corpo authorisa de certo modo com a sua sancção o relatorio dos seus commissarios: espero pois que ella igualmente me conceda offerecer-lhe algumas explicações, que servirão de justificação, ou desculpa das partes censuradas do meu trabalho; no qual puz certamente toda a seria attenção e exame que elle pedia, e para o qual não deixei de consultar os livros e sabios da nossa e desta nação.

«Um dos essenciaes merecimentos de semelhantes edições é a correcção typographica, a qual presumia ter attingido tanto quanto se póde esperar; para o que, além de ter corrigido eu mesmo as provas, lendo-as quatro e mais vezes, e tirando até nove folhas d'ellas, e doze das que chamam aqui *mises en train*, fiz imprimir de novo, com despeza consideravel, nove folhas, depois de concluida toda a impressão, unicamente em razão de levissimos e inevitaveis descuidos. Não satisfeito ainda, li com vagar e attenção por duas vezes toda a obra, e conservei-a largo tempo sobre a mesa para examina-la ao acaso, e salteando-a; e só então comecei a sentir algum contentamento, por não haver notado outros erros. Informado porém que em alguns exemplares tinha escapado ao impressor a transposição de uma letra, bem insignificante, imprimi uma nova folha, que distribui aos que m'a pediram. Portanto, depois de tal desvelo, foi extrema a minha surpreza, quando li no relatorio as vagas expressões, de que esta edição era *bastantemente correcta*, ainda que se encontraram n'ella *descuidos insignificantes*, que eu teria evitado se tivesse feito a impressão em Portugal, e que devem ser desculpaveis attendidas as circumstancias: phrases estas que dão uma injusta e triste idéa da sua correcção.

«Eu não allegarei quanto é difficil evitar erros typographicos, difficuldade esta tão grande, que não ha uma edição dos Aldos, dos Elzevirs, dos Etiennes, dos Baskervilles, dos Bodonis, dos Ibarras, dos mesmos Didots, isenta de erros de typographia: não direi que comparem esta a quaesquer outras do poema, ou a todas as obras impressas em Lisboa; mas desejarei e pedirei aos senhores relatores, que me apontem os erros, que encontraram, sobre tudo no texto do poema; porque declaro que os ignoro, assim como sei que alguns se acharão nas citações de authores que alleguei nos meus escriptos, os quaes fiz imprimir, por exactidão escrupulosa, com os erros existentes nos logares originaes.

«Não se limitou a censura a este ponto; mas accusou-me de ter indevidamente preferido a primeira edição á segunda de 1572, não julgando importantes algumas variantes desta, contra a opinião dos senhores commissarios. De mais, e sobretudo estes senhores desapprovam a orthographia que adoptei, *por ter quasi sempre deixado a antiga, por ter empregado a escusada multiplicação das letras, em particular aquella que influe sensivelmente na pronunciação dos vocabulos, por ter em fim commettido um anacronismo, não escrevendo masto, avorrecido, apousento, polo, pera, doens, segundo o costume da edade de Camões.* Igualmente sou censurado *de ter escripto Calicut, preeminencia, subjugado; em logar de Calecu, preminencia, sujugado, sem reflectir que o poeta evidentemente attendera á euphonia de uma semelhante pronuncia.* (Leia-se o § do Relatorio, que começa: Não concordamos, etc., até o fim d'elle.)

«Estas accusações são de tal gravidade que, no caso de serem justificadas e

fundadas, mostrariam a minha temeridade em ter commettido uma tal empreza, e provariam quão pouco era digno de ser socio da academia.

«Seja-me pois licito entrar na explicação apologetica do meu trabalho, e de pedir alguma attenção.

«Se as duas edições de 1572 (pela primeira vez caracterisadas) tivessem sido impressas com uma só e uniforme orthographia, se em todos os escriptores classicos daquelle seculo, a vissemos adoptada geralmente, e com uniformidade, poderia um actual editor de Camões, não obstante que ella fosse hoje antiquada, achar talvez motivos que o induzissem a seguir aquella velha orthographia, que nenhum dos subsequentes editores, depois das primeiras, tinham seguido, e restitui-la assim como o texto ao seu primitivo estado. Comtudo deve-se advertir que, fazendo-se assim, obraria o contrario do que os italianos, os francezes, e os inglezes praticam a respeito dos seus classicos, que elles imprimem com a orthographia moderna, ainda que bem differente daquella com que foram dadas á luz as suas primeiras edições. Assim todos os authores italianos do XVI seculo, todos os francezes do seculo de Luiz XIV, todos os inglezes da idade de Carlos II e da rainha Anna, são impressos hoje com a moderna orthographia. Tenho diante dos meus olhos os exemplos nas diversas edições d'estes paizes; e todo o curioso de bibliographias póde verificar o facto. A razão deste arbitrio e uso parece-me concludente. A orthographia antiga dizem os francezes, conserva-se nos authores estimaveis como Montaigne, Charron, Amyot, Marot, cuja linguagem é antiquada, dos quaes não se podem tirar exemplos como de textos de lingua, e que portanto não são reputados classicos; mas os classicos que os estudantes, os escriptores modernos, os sabios nacionaes e estrangeiros devem trazer sempre nas mãos, e consultar a cada instante, seria muito improprio dá-los em uma orthographia desusada e desconhecida. O mesmo me dizia o celebre Visconti.

«Por estas razões e com taes exemplos seria do parecer que embora Fernão Lopes, Gomes Eannes d'Azurara, Francisco de Moraes, Bernardim Ribeiro, etc., continuassem a imprimir-se na sua disconforme e antiquada orthographia: ainda diria João de Barros e Sá de Miranda, ambos criadores da lingua, ambos escriptores nunca assaz louvados, mas dos quaes algumas palavras e phrases não podem ser empregadas sem discrição, querendo evitar o defeito de affectação. Mas Luiz de Camões (superior a todos, do qual não ha quasi vocabulo, e locução, que tenha envelhecido), mas o correcto e apurado Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, Francisco Rodrigues Lobo, etc., estes classicos devem, segundo julgo e segundo a opinião dos sabios estrangeiros, ser impressos com a orthographia moderna, quando as suas regras forem fixadas.

«Se a academia tivesse completado o seu diccionario, ou publicado uma orthographia, se houvesse pelo menos seguido um systema orthographico uniforme nas suas memorias, se em fim a nação seguisse uniformemente um methodo nesta parte, creio que um editor poderia, com superabundantes razões, imprimir os Lusiadas com a moderna orthographia, á excepção da que exigisse a concordancia das rimas, porque assim mostraria um dos titulos gloriosos de Camões, que sendo como disse um dos fundadores da nossa lingua, não tem quasi vocabulo, ou locução fóra de uso. Esta era a opinião que dois eruditos consocios da nossa academia me manifestaram, queixando-se de que eu não seguisse a moderna orthographia: opinião diametralmente opposta á dos senhores commissarios; o que mostra a impossibilidade de concilial-as, e de contentar ambas as partes

«Aqui, e antes de entrar mais na discussão, seja-me permittido notar uma contradicção entre os senhores relatores, e a mesma academia. Aquelles senhores chamam *escusada* a multiplicação de letras, emquanto no diccionario da academia letra A, esta multiplicação é empregada constantemente, segundo o exige a etymologia, o que me parece muito util, e sem duvida opinião de todo o pezo.

«Para obrar nesta parte da maneira que se vê na minha edição tinha esta authoridade, e tinha uma que tem pezo na republica litteraria, a do cavalheiro

E. Q. Visconti, archeologo e philologo bem conhecido, que deixou nella vago o seu lugar.

«Na idade do nosso poeta, não havia uma orthographia determinada, como todos sabem. e como será evidente aos que examinarem e collecionarem as duas edições de 1572. pois nem concordam entre si, nem uma com outra nesta parte. A mesma discordancia existe nos authores daquella epocha; e existe em todas as edições dos Lusiadas. desde as primeiras até ás ultimas dos nossos dias.

«Ter-me-hia sido impossivel assim comprehender os senhores commissarios, e o que pretendiam, se elles me não dessem os exemplos do modo por que mais *gostariam* eu tivesse escripto alguns termos. para me accusar de uma especie de anacronismo e de falta de attenção á euphonia.»

D. José Maria de Sousa entra na comparação de alguns vocabulos que empregou de modo diverso do que se encontra na edição primitiva dos *Lusiadas*, e acrescentá:

«Confesso que me não occorreu jamais ao pensamento que podia hesitar-se entre uma orthographia barbara, com todas as suas anomalias, para conservar a physionomia do seculo, e aquella que já adoptada e usada na mesma idade convinha á nobreza e elevação de um poema epico, cujo author classico é o unico nosso, que têm uma reputação europea. Surprendeu-me tanto mais a censura que me foi feita, pois tinha conservado em muitos termos a orthographia que indica sufficientemente aquella época, sem desfigurar o poema, o que não me evitou esta critica, e deu motivo ao mesmo tempo a outros consocios illustres de me culparem de affectação *quinhentista:* donde concluo que em vão poderia tentar a empreza de conciliar tão diversas opiniões, ainda quando como o padre Thomas de Aquino confundisse todas as orthographias de todos os tempos.

«Quanto ás variantes da segunda edição, eu tinha obtido, pelos meus amigos de Lisboa, todas as que os senhores relatores ajuntaram ao seu relatorio. Se as não adoptei na minha edição foi por julga-las inferiores ou insignificantes, e attribui-las ao impressor e não a Camões. Não as publiquei então, por estar em duvida se as tinha colligido todas, e por não querer dar em meu nome o que não tinha eu mesmo verificado.

«Perdoem-me os senhores commissarios, mas enganam-se quando adiantam que, contra a minha expectação, estas lições varias são *bastantes* (o que entendo por numerosas e importantes, se não me engano) e mais do que eu suppunha; pois conservo a mesma opinião que são mui poucas aquellas de algum valor, e as outras insignificantes, ou emendas de erros typographicos, ou correcções absurdas, feitas por outrem que o nosso poeta. Não me desdigo pois do que adiantei na nota 1.ª da advertencia, antes presentemente o affirmo com mais fundamento, por ter em fim obtido e colleccionado com severa attenção as duas edições. Ajunto aqui o resultado deste trabalho, que fiz imprimir como supplemento á 1.ª nota da minha edição. Nesta dou as razões por que prefiro a primeira á segunda, sendo provavel que a primeira fosse impressa sobre o manuscripto dado por Camões, e sendo evidente que todas as mudanças e alterações, que se vêem na segunda, não podiam ser obra delle. Não existindo o seu manuscripto, nem fazendo author algum menção de o ter visto, como se ignora aliás se elle o fez imprimir por sua conta. ou se o vendeu, tudo que se póde discorrer sobre esta materia reduz-se a meras e vagas conjecturas. tanto mais que só muito tarde, depois da sua morte, Manuel de Faria soube e fallou das duas edições, sómente agora caracterisadas.»

Segue-se a indicação das variantes (pag. CXVII a CXX), em numero de dezenove, exceptuando a do canto IV, estancia 71, pois ambas as edições dão o verso de igual modo, e termina assim:

«Dei á academia as minhas razões para rejeitar estas lições varias da segunda

edição, parecendo-me todas ellas prova evidente de que Luiz de Camões não fez estas mudanças, indignas d'elle, pela sua trivialidade, quando se não achem outras razões ainda mais ponderosas

«Por ultima escusa, o que posso segurar á academia, é que estudei com o maior desvelo e assiduidade os Lusiadas durante quatro annos, examinando todas as edições que pude ajuntar, procurando nas difficuldades a assistencia e conselhos de litteratos de maior distincção, e sobre tudo do cavalheiro E. Q. Visconti, que me honrava com a sua amisade, e que approvou o meu trabalho, e o systema orthographico que tinha adoptado. Conservo religiosamente estas suas cartas. (As duas academias quando perderam tão illustre socio exprimiram a magua e sentimento desta perda nos termos seguintes. *L'Europe savante toute entière partagera nos regrets et répétant nos plaintes redira avec nous . . . quando ullum invenient parem.)*

«Desejarei por honra do poeta e da nação, que outros façam mais e melhor, e empenharei mesmo os senhores relatores a darem essa collecção escolhida das poesias de Camões, onde podem estabelecer a orthographia com que de futuro devem ser impressas as obras d'este *insigne* poeta.

«Rogo respeitosamente á academia de dignar-se conceder-me o favor de reunir esta apologia ao relatorio que intenta imprimir. Julgo não possa recusal-o ao que tem a honra de ser reverente seu consocio, *D. José Maria de Sousa.*»

Não tem data a carta apologetica, de que deixei transcriptos os principaes trechos. Supponho, porém, que seria escripta no segundo semestre de 1818, visto a referencia que o morgado faz em supplemento á primeira nota da edição monumental, e ali está a data de Paris, junho de 1818.

Será mui difficil reunir hoje as apreciações que, no estrangeiro, fizeram ao trabalho do Morgado de Matteus. Parece-me, todavia, interessante para os leitores d'este *Diccionario*, e util para os que se têem dado aos estudos da grande obra de Camões, com o auxilio dos documentos que vou encorporando n'este processo, deixar aqui mais algumas peças. No fragmento de uma publicação feita em Genebra, cuja bibliotheca fôra enriquecida com um exemplar offerecido por D. José Maria de Sousa, depara-se-me extensa noticia da monumental edição. Este fragmento, *Mélanges*, foi guardado por Norton nas suas miscellaneas camoneanas, resumidas em numero, porém valiosissimas na qualidade. Ahi leio:

«Peut-être ne devroit-on dire qu'une nation existe, que lorsqu'elle est animée par un sentiment national, que lorsque tous ses membres s'associent dans un même amour, un même enthousiasme, de mêmes souvenirs; que lorsqu'un même nom, un même symbole, une même image font battre le cœur à tous les compatriotes. Les petites passions de la vie, les petits intérêts de l'égoisme travaillent sans cesse à détruire cet intérêt national; l'anéantissement des nations est arrivé, lorsque chaque individu ne voit plus que soi, ne s'émeut plus que pour soi, ne sacrifie plus qu'à soi.

«Descartes a dit: *je pense, donc je suis*, et sur ce premier fait reconnu il a cherché à élever tout son système métaphysique. De même en politique on peut dire, *nous sentons en commun, donc nous existons;* car toute nation qui reconnait en elle ces sentimens sympathiques, peut regarder l'avenir avec confiance; elle n'est pas morte, elle n'a point brisé le lien de son association, et ses citoyens ne sont point incapables de faire de grandes choses en sacrifiant leur intérêt personnel à celui de leur patrie. Beaucoup de nations entièrement dégénérées ne connaissent plus ce sentiment, beaucoup d'empires, formés par une association maladroite de provinces sans rapport les unes avec les autres, ne l'ont jamais éprouvé. Mais lorsqu'il existe quelque part, peu importe à quoi il se rattache, l'étincelle est toujours également précieuse, il faut également la préserver, puisque c'est à elle que l'on pourra rallumer un jour le flambeau de la gloire.

«Il y a quelque chose de singulièrement touchant dans ce sentiment national lorsqu'il a pour objet la poésie; après qu'une nation a perdu toute existence politique, il ne lui reste plus en quelque sorte en propriété commune que les chefs-d'œuvre de ses grands hommes: aussi plus elle s'attache à leurs noms, plus elle grave leurs vers dans sa mémoire. et plus elle est digne de voir un jour leurs pareils renaître chez elle. Tel est le sentiment avec lequel les Portugais portent le Camoens dans leur cœur; il est sacré à leur yeux comme un poëte sublime, et plus encore comme un grand patriote: tous les titres de gloire des Portugais se trouvent réunis dans ses Lusiades; c'est à la mémoire de ses compatriotes qu'il a consacré son génie, pour leur ériger le plus admirable monument; aussi l'enthousiasme des Portugais pour le Camoens, réunit tout ce qui peut toucher les cœurs généreux, tout ce qui peut exciter une noble sympathie. Ce n'est pas seulement une haute admiration pour de grandes beautés poétiques c'est encore une profonde reconnaissance de la nation envers celui dont la vie entière fut consacrée à sa gloire. c'est un souvenir religieux de ces jours de triomphes, dans lesquels le Camoens non moins guerrier que poëte avait combattu avant de chanter la victoire; c'est un douloureux regret pour une puissance, pour une grandeur qui ne sont plus: ce sont enfin tant de sentiments sacrés, que la critique redoute, presque comme une profanation, d'examiner celui qui en est l'objet.

«L'édition du Camoens qui vient de paraître sous les presses de Mr. Firmin Didot, et par les soins de Dom Joseph Maria de Souza Botelho, est en même temps un éclatant témoignage de cet enthousiasme national, et un noble hommage rendu par un homme distingué aux sentiments de sa patrie.

«L'art typographique depuis son invention n'avait probablement rien produit d'aussi parfait que cette magnifique édition des Lusiades. Mr. Firmin Didot, déjà si connu par les progrès qu'il a fait faire à son art, s'est surpassé lui-même dans ce superbe ouvrage: l'admirable beauté. la netteté, la pureté des caractères, le goût dans la distribution des lettres et des espaces, la magnificence du papier, l'égalité parfaite dans la teinte de l'encre, font de chaque page et surtout de chaque titre un beau dessin qui charme les yeux, avant qu'on songe à y chercher des pensées.

«Un grand peintre, Mr. Gérard, a entrepris la direction des douze gravures qui ornent le frontispice, la vie et le commencement de chaque chant. Il les a fait exécuter sous ses yeux par les plus habiles artistes, et il a si heureusement choisi les sujets. il les a si bien enchaînés les uns aux autres, qu'ils présentent aux regards l'ensemble de cette Epopée. Jamais de si belles gravures n'avaient été attachées à un poëme, jamais tous les arts réunis n'avaient concorru à elever un si beau monument au poëte favori de tout un peuple.

«L'edition des Lusiadas a été le résultat d'un grand dévouement patriotique. Elle ne sera point mise en vente; le noble éditeur la destine toute entière aux grandes bibliothèques de sa patrie, soit en Europe soit dans les deux Indes, aux autres bibliothèques célèbres, et à quelques amis. Mais il n'a pas seulement consacré une somme très-considérable à elever ce monument au Camoens et à sa patrie, il a donné quatre ans de sa vie au travail le plus fastidieux, le plus fatigant, pour révoir les épreuves avec une attention inconcevable.

«Le travail ordinaire de la correction ne peut donner qu'une très-faible idée de celui qu'exige un livre imprimé dans une langue étrangere et que n'entendent, ni les compositeurs, ni le prote. Mr. de Souza devait suppléer à tout par sa patience, et seul il a pu y réussir...»

O artigo. que é assignado com as iniciaes S. S. I., occupa dez paginas (1 a 10). A parte, que transcrevi acima, corre de pag. 1 a 4. As restantes 6 contêem um extracto da advertencia do Morgado de Matteus, e um trecho da vida de Camões traduzido do trabalho d'esse illustre editor.

Pela mesma epocha saia da officina typographica de Vincenzo Ferrario, de

Milão, uma folha impressa em papel azulado, sob o titulo *Il conciliatore. Foglio scientifico-letterario,* e datado *Giovedi 3 settembre 1818. Num. 1.* O primeiro artigo é dedicado á edição do Morgado de Matteus: *Os Lusiadas. Poema epico de Luis de Camoens, nova edição, correcta e dada a luz por Dom Joze Maria de Souza Botelho.*—(Un vol. in foglio, Parigi, dai tipi di Firmin Didot, 1817.)

D'este artigo copio os dois seguintes paragraphos:

«Un signore portoghese, distinto non meno per la vastità delle sue cognizioni e l'altezza del suo carattere, che per la nascita, dopo aver corso con onore l'aringo diplomatico e rappresentato il suo sovrano presso le corti di Copenhagen, di Londra e di Parigi, ha ora consacrato parecchi anni d'occupazione e una parte ragguardevole delle sue ricchezze ad innalzare un monumento al poeta, a cui i suoi compatrioti riferiscono tutta la loro gloria nazionale. Dopo aver terminato, mediante assidue cure, un'edizione dell'epopea del Camoens, la quale si può considerare come la più magnifica opera che l'arte tipografica abbia mai prodotta, ei l'ha inviata in dono a tutte le pubbliche biblioteche d'Europa, a tutte quelle del Brasile e dell'America, e sino alle estremità delle Indie e della China. Ha voluto che in ciascuno di quegli empori delle arti e delle lettere, il poema conservatore della gloria portoghese fosse riguardato quasi un tesoro che tanto più gelosamente si custodirebbe, non potendosi surrogargliene un simile; perciò non ha consentito che pur un esseinplare di questa edizione venisse posto in comercio. Si può ottenere dalla sua generosità, ma non si può comprare.

«Il Camoens... nè con una pietra fu segnato, nel pubblico cimitero, il luogo della sua sepoltura; e il più grand'uomo che abbia prodotto il Portogallo non ricevette una testimonianza di gratitudine da quella patria che egli avea coperta di gloria. Il sig. di Souza volle riparare quella grande ingiustizia nazionale con un atto del più pio entusiasmo; in nome della sua patria, quantunque col suo danaro particolare, egli ha eretto un monumento al Camoens, e nulla ha risparmiato onde quell'esimio lavoro fosse degno e di essa e di lui.

. . . .

«Dopo quei lavori preparatorj, il sig. di Souza si rivolse a Firmin Didot, il più distinto de'tipografi francesi; e questi, come il nostro Bodoni, ha saputo congiugnere alla parte meccanica del suo lavoro tutto il gusto dell'artista e tutte le cognizioni del letterato. Ha fuso peri Lusiadi un nuovo carattere, il più perfetto che sia uscito delle sue officine; la magnificenza della carta, l'eguaglianza dell'inchiostro, la nitidezza ammirabile della stampa, sono state proporzionate alla bellezza del soggetto, e l'opera è stata riveduta sulle prove con una diligenza si scrupulosa che finora non vi si è potuto scoprire un fallo.

«Gérard, il primo pittore della scuola francese, ha assunto di dirigere le incisioni che in numero di dodici ornano quella edizione; sono degne per la loro bellezza del nome celebre che portano. Staccate incisione possono venir loro paragonate, ma niun libro ancora era stato adorno di quadri si egregi...»

O primeiro artigo que saiu nos *Annaes das sciencias, das artes e das letras,* publicados em Paris, sob a direcção de José Diogo de Mascarenhas Netto, foi no tomo II (outubro de 1818), ao apparecer a edição monumental do Morgado de Mateus. Na parte segunda d'esse tomo, de pag. 84 a 86, sob o titulo *Noticia da litteratura portugueza em paizes estrangeiros,* lê-se.

«Em um seculo em que a razão e a philosophia tem feito tão grandes progressos, não podia a litteratura deixar de as acompanhar, e era quasi impossivel que os bons talentos que n'este seculo a cultivam deixassem de levantar novos padrões ao merecimento do nosso primeiro Epico.

«O mais sublime de todos os que se lhe tem consagrado é por certo a rica e bella edição dos seus Lusiadas, que publicou o anno passado em Paris um portu-

guez distincto pelo amor das letras e da gloria nacional. Era devida a Camões uma edição que, pela belleza das estampas, e pela da execução typographica fosse digna da magestade da acção do poema, e da riqueza do talento do auctor, e na qual o buril ligeiro do artista rivalisasse (se tanto é possivel) com o pincel rico e variado do poeta.

«É para sentir que o philologo portuguez, que não se poupou generosamente n'este trabalho nem a fadigas, nem a despezas, não podesse conseguir ter presentes todas as edições interessantes, a fim de consagrar nos mais nitidos e bellos typos, o mais genuino texto d'aquelle poema.

«N'uma obra de tal natureza a orthographia é uma parte essencial, a variedade e incerteza em que a nossa tem sempre fluctuado, é uma consequencia, e uma prova de que a nossa lingua ainda não está fixada. A orthographia que se adoptou n'aquella edição não nos parece conforme em alguns pontos com os principios mais analogos ao genio e origem da lingua, materia que nos propomos desenvolver em um dos seguintes tomos dos nossos Annaes; mas deixando ao benemerito editor a sua opinião, o que é mais para sentir é que, independentemente d'ella, ainda alguns erros typographicos escapassem ao seu desvelo. Infeliz consolação, e triste desengano para todos os que são forçados a imprimir!

«Sobre o texto d'esta bella edição está o celebre impressor Didot preparando outra: e alem da que se publicou em Paris de todas as obras de Camões em 1818, acaba de apparecer já este anno uma nova impressa em Avinhão; o que tudo prova a devida admiração e estima que os verdadeiros sabios continuam justamente a ter por este distincto poeta.

«Depois do mais bello monumento erigido á gloria de Luiz de Camões por um digno nacional, devemos annunciar, como não menos gloriosos para elle, os que lhe consagram actualmente os estrangeiros...»

Segue-se effectivamente (de pag. 86 a 87) uma indicação das versões da obra de Camões, que tinham saido do prelo, ou estavam prestes a sair, em Londres e París. Este artigo finda com outras informações litterarias a pag. 89 com a assignatura C. X. (Candido Xavier).

No anno seguinte, abril de 1819, appareceu na parte primeira *Resenha analytica* do tomo IV dos mesmos *Annaes das sciencias, das artes e das letras,* um extenso artigo critico a proposito da nova edição dos *Lusiadas,* em 8.º, segundo constou dirigida e ampliada nas notas pelo Morgado de Matteus, posto que alguns attribuissem essa direcção a Verdier. Corre de pag. 3 a 37, e tem as iniciaes F. S. C., que são de Francisco Solano Constancio.

O fim principal do auctor foi analysar a nova edição que víra a luz em París e que o Morgado «offerecia ao publico revista, correcta e até acrescentada, nitida mas de preço accessivel», porém, antes de entrar na critica, que promettera ser desenvolvida (e é com effeito) Constancio louva D. José Maria de Sousa pelo seu nobre emprehendimento, reconhecendo e apontando os erros da sua edição grande; confessa, todavia, que ella é *mui superior em merecimento litterario, assim como sem contradicção o é em luxo e correcção typographica, a quantas têem apparecido.* E escreve mais:

«Muito bem merece da patria o cidadão que, zeloso da gloria nacional, e indignado da injustiça dos antepassados, procura de algum modo apagar a macula indelevel da ingratidão com o que os maiores tantas vezes acolheram o genio o mais sublime, o talento o mais prestante. Poucas nações foram mais ingratas que a nossa, para com os varões illustres que a serviram, honraram, e até ingrata a amaram; e entre todos elles nenhum foi tão maltratado dos seus compatriotas como Luiz de Camões. Triste condição humana!...

«... Taes monumentos, posto que de nada sirvam aos mortos, podem talvez

aproveitar aos vivos, se, envergonhando as nações da ingratidão dos maiores, as ensinam a não commetter para com os contemporaneos o que tão asperamente censuram nos antepassados. Se d'elles não transluz esta lição, então nada mais são que vãos padrões de vaidade com que debalde procuram os seus auctores palliar o menoscabo que fazem do merito desvalido dos vivos, affectando tanto maior veneração para o engenho dos mortos.

«Não faltam por certo exemplos de insignes varões portuguezes ainda existentes ou ha poucos annos fallecidos, que viveram vida pobre e angustiada: talvez que a alguns d'estes nas idades futuras se erijam ainda mausoleus, quando em vida se lhes recusou até o que por direito lhes pertencia!

«Desculpe-me o editor de Camões estas dolorosas e patrioticas reflexões, que nem eu lhe applico, nem lhe são de maneira alguma applicaveis. O sr. D. J. M. de Souza é tão conhecido pela nobreza de sentimentos, como pelo seu profundo saber; é do pequeno numero d'aquelles homens, de quem se póde afoutamente affirmar que, se fôra coevo de Camões, nunca a nossa nação carecêra de quem seculos depois expiasse a culpa dos portuguezes contemporaneos d'aquelle egregio vate. Além da rica e explendida edição dos Lusiadas ornada de primorosas estampas, debuxadas e abertas por insignes pintores e gravadores de Paris, creio que ao sr. D. J. M. de Souza se deve tambem a primeira idéa do monumento sepulchral que se projecta erigir em Lisboa em memoria de Camões, no mosteiro de Belem.

«Só um pezar me fica, e é que, em tão sumptuosa e magnifica obra, destinada pelo seu editor a ser dada de mimo ás universidades e principaes bibliothecas, não só de Portugal mas de toda a Europa, e a ser offerecida ás pessoas da mais alta consideração, com o intuito de perpetuar e ampliar a gloria da nossa patria, não haja, além do texto do poeta e do trabalho litterario do editor, uma só cousa que portugueza seja. Ora, sem menosprezar os artistas que contribuiram a aformosear a obra, creio que tanto nacionaes como estrangeiros teriam visto com satisfação, que na patria de Camões ainda hoje não estavam inteiramente extinctas as artes. Creio, pelo menos, que um ou dois debuxos do sr. Sequeira, e de alguns dos artistas seus collegas, bem poderiam ter figurado a par dos desenhos que adornam aquella bella edição.»

D'ahi em diante, Constancio expõe o plano do Morgado de Matteus na direcção da sua obra em honra de Camões, e, como se diria em phrase moderna, analysa os seus processos, e nota as contradicções e os erros em que, segundo o seu modo de ver, incorreu o illustre editor, comparando algumas affirmativas e passagens da edição monumental com a seguinte edição em 8.º

No tomo V dos *Annaes* citados, de pag. 47 a 102, Constancio publica o segundo artigo d'elle ácerca dos *Lusiadas*. Não é menos interessante que o primeiro, e tambem o julgo digno de menção especial. N'elle declara que, tendo examinado a nova edição dos *Lusiadas* pelo que respeitava á pureza do texto e escolha das lições, agora passava a considerar o systema de orthographia que o editor adoptára emquanto ao poema de Camões; posto não fosse intenção sua discutir a fundo a questão da orthographia portugueza.

Eis alguns dos argumentos de Constancio (pag. 49):

«A (orthographia) de Camões, apesar das suas anomalias, pouco differe da actual; não havendo talvez um unico som usado n'aquella epoca que não se encontre no dia de hoje na capital ou nas provincias, nas classes instruidas ou na plebe.

«Parece pois, á primeira vista, natural e mui simples reimprimir Camões com a sua orthographia, como tem feito todas as nações a respeito dos seus classicos antigos. Em geral todos os editores se tem esmerado em conservar a ortho-

graphia dos auctores, tanto em razão da pronuncia antiga, como por não desfigurarem estes monumentos das modificações que cada lingua tem soffrido successivamente. E com effeito, mudar a orthographia de um poeta antigo, e por conseguinte alterar a maneira com que elle recitava os seus versos, é transtornar-lhe a harmonia, o rhythmo, e tanto monta a meu ver, como se um habitante da Galliza imprimisse Lopes de Vega com orthographia gallega.

«Porém isto que eu proponho, e de que poderá citar exemplos patrios e estranhos, não concorda com a opinião do sr. D. J. M. de Souza, nem tambem com a do maior numero dos editores modernos de Camões...»

Pag. 58:

«A meu ver, importa pois muito conservar em uma edição classica de Camões a orthographia que lhe é propria, como se tem praticado com as nossas antigas ordenações, como se acaba de fazer com as cartas de Jeronymo Osorio, e como fazemos com o manuscripto de Fernão de Oliveira. As obras dos antigos classicos não só se recommendam pelo merecimento intrinseco, mas são tambem monumentos da lingua que servem a marcar as suas epocas de infancia, de auge e de decadencia, e a origem d'onde procede a maior ou menor bastardia, que de outros idiomas lhe foi enxertada. Se o systema do sr. D. J. M. de Souza tivesse prevalecido ha meio seculo, não teria a mocidade de nossos dias lido nos classicos antigos, *pera, pero, alimal,* nem teria sabido que os antigos escreveram, *jaa, daa, mercee, feo, reinha, ho, bõo, escuitar;* e d'aqui resultaria, que não reconheceria a lingua que fallaram os antepassados na epoca aurea das letras em Portugal, que tão pouco durou, e que foi seguida por uma tão prolongada e deploravel decadencia.»

Pag. 60 para 61:

«.... Não obstante tudo o que acabo de expor, affouto-me a affirmar que a lingua portugueza, qual hoje vulgarmente se escreve e falla, sendo mui inferior em valentia á dos nossos antepassados, apenas lhe leva vantagem em orthographia ou em pronuncia. Os vicios d'esta são innumeraveis na capital, até entre as pessoas as mais cultas; não faltam nas provincias, e no Brazil não tem conto. Em orthographia não é menor a confusão, e cada dia vae crescendo por tal maneira que creio poder sustentar que não era maior em vida de Camões, nem nos tempos immediatos. Quem deitar os olhos sobre as edições de P. Crasbeeck, que foi o melhor impressor d'aquelles tempos, em Portugal, verá que ha menos discrepancia na sua orthographia do que se crê, e que o modo de escrever, então mais geralmente em uso tanto pelo que toca a letras como a accentos, não era mais incoherente que o de muitos escriptores hoje em dia.

«Por todas estas razões concluo, que devem os classicos antigos, especialmente os poetas, e d'elles mais que todos Camões, reimprimir-se com a sua propria orthographia, emendando n'ella só o que manifesta e incontestavelmente for erro typographico.»

Na pag. 90 para 91:

«A vida que o sr. D. J. M. de Souza nos dá do nosso maior poeta, é muito interessante, se bem que mui poucos factos novos ajunte aos já conhecidos, pela falta quasi total de documentos relativos a Camões. O sabio editor se valeu do pouco que nos transmittiram os contemporaneos do poeta, Diogo do Couto, e Manuel Correia, e do mais que Pedro de Mariz, Manuel Severim de Faria, e Manuel de Faria e Souza trinta ou quarenta annos depois nos deram por averiguado, como mui bem diz o editor. Pela critica, porém, com que aproveitou estes mesmos materiaes, aclarou alguns pontos importantes da vida do poeta.

«O que faz esta vida verdadeiramente digna de elogio, é a patriotica, honrada e energica indignação com que o illustre e sabio editor invectiva alguns contemporaneos de Camões, indignos do nome portuguez, e das honras e titulos que avós benemeritos lhes haviam grangeado, e que não só desdenharam as sublimes producções do vate egregio, mas que até insensiveis ao seu exaltado patriotismo, singular esforço, e ao sangue em tantos combates derramado pela patria, o maltrataram e perseguiram emquanto vivo...»

Na pag. 98:

«Pelo que toca á correcção typographica, já disse que esta edição é a mais bem impressa e a mais correcta que até ao dia de hoje se tem feito dos Lusiadas; tem comtudo, alem das contradicções em orthographia já apontadas, e outras imperfeições systematicas, erros typographicos indisputaveis, dos quaes tenho já marcado perto de 70, que communicarei a M. F. Didot para que, na edição estereotypada que projecta imprimir, os faça desapparecer.

«Em summa, merece grande louvor o sr. D. J. M. de Souza pelo seu patriotico trabalho, o qual será de grande utilidade aos futuros editores dos Lusiadas, ainda que não haja delle resultado uma edição tão classica emquanto ao texto e á orthographia, como era de esperar de editor tão douto, tão laborioso, e que se não forrou nem a despeza, nem a trabalho para erigir um digno monumento do vate nacional que elle tanto admira, e que tanto merece ser admirado.»

Em resposta ao que Francisco Solano Constancio escrevêra nos *Annaes*, o amigo do Morgado de Matteus, Bento Luiz Vianna, lançou á publicidade a sua *Breve resposta á critica da nova edição dos LUSIADAS publicada em 8.º n'este anno, por Firmino Didot*, etc. Paris, na officina de P. N. Rougeron, 1819. 8.º de 36 pag.—Tem no fim a data de 26 de junho de 1819 e no P. S. a de 12 de julho do mesmo anno.

Em primeiro logar, defende o editor da monumental obra do proposito, que lhe attribuira, de que a edição em 8.º, então posta á venda, serviria de certo modo para compensar as despezas da primeira, e assim se esbulharia o Morgado de Matteus «da gloria, que lhe proviera de levantar á nação portugueza tão perduravel monumento». E prosegue (de pag. 2 a 5):

«Desde a sua mocidade, o Senhor D. J. M. amante e enthusiasta de Camões, lastimava tão grande homem, que raro em virtude e merecimento, só dos seus contemporaneos obteve despresos, ingratidões, injustiças, crueldades, exilios, todas as desgraças emfim, todos os tormentos, com os quaes luttando paciente o varão virtuoso, offerece aos Deozes o digno espectaculo que os contenta.[1] Mas no meio d'essas pezarosas reflexões, o apaixonado do Luso Homero, projectou pagar-lhe o tributo da sua admiração, e reconhecimento, offertando aos seus compatriotas, e mesmo aos diversos monarchas, e livrarias estrangeiras, o texto do seu magnifico poema, magnificamente impresso. Por varias occupações a que longo tempo se entregou no serviço do Soberano, só na sua vida retirada poude o Senhor D. J. M. realisar os seus bons desejos: e como reside em Pariz, escolheo esta capital, onde tanto florecem as artes, afim de que se dessem as mãos a sublimidade do poema, a belleza typographica, a perfeição do desenho, e a delicadeza do buril. Mas o deparar-lhe a ventura um Firmino Didot, um Gerard, artistas tão habeis, tão distinctamente conhecidos, dá azo ao critico de blazonar de patriotico, desejando que *pelo menos um ou dous desenhos do Senhor Sequeira*

[1] SEN. Logar mui conhecido.

adornassem aquella bella edição. Longe de nós desconhecer o merito do Senhor Sequeira; mas estando o nobre editor em Pariz n'um tempo, em que a guerra tantos paizes assolava, havia grandes meios de obter de Lisboa esses desenhos? E dado que os houvesse, onde iria parar a unidade de concepção, a identidade de estilo, absolutamente necessarias nas artes de bom gosto? A Academia Real das Sciencias de Lisboa não foi tão patriotica no seu relatorio:[1] não se lembrou de que podera reinar uma grande harmonia, e unidade, entre desenhos executados, uns em Pariz, outros em Lisboa, e outros talvez no Pará, ou na China. Quanto mais que o affago, o excessivo disvello com que o Senhor D. J. M. trabalhava n'esta edição, carecia ter presentes os artistas, para de toda a sorte os animar, ser-lhes guia nos seus planos inventivos, e por si mesmo observar os progressos, que cada um fazia na parte que lhe tocava.

«Uma das grandes objecções do critico (chamamos-lhe grande, porque a repete muitas vezes) é que o Senhor D. J. M. *não vio a segunda edição de 1572, nem as duas de Lyra de 1584 e 1595.* Sobre esta objecção diremos, que o maior defeito da critica do Senhor F. S. C., é ser inteiramente feita sem o cabal conhecimento da materia, e só pelo que apprendeu da advertencia e notas do Senhor D. J. M. A não confessar este ingenuamente desconhecer as sobreditas edições, nunca o critico o advinhára, pois nem conhece as primeiras de 1572, nem alguma das de Manoel de Lyra, o que se conclue evidentemente, quanto ás de Lyra, desta passagem: *He verdade qne o Senhor D. J. M. tem em seu poder um exemplar da 3.ª edição de Manoel de Lyra com os commentos de Manoel Correa, amigo de Camões, a cujo rogo os compóz, publicado á custa de Estevão Lopes em 1597.* O critico engana-se: a edição de 1597 não contém os commentos de Manoel Correa, só impressos em 1613. As duas de 1584 e 1591 não declárão no frontispicio terem sido feitas pelo original antigo; nenhuma tem privilegio, o qual se acha só na 1597, etc., etc. A desordem que reina em toda a critica, e a qual não quizéramos imitar, nos força a responder de uma vez ao que nos resta ainda das primeiras 18 paginas do 4.º volume dos *Annaes.*

«Estava o Senhor D. J. M. persuadido que, ao menos, a primeira edição devia ser feita pelo M. S. de Camões, e visto não constar que o poeta désse a preferencia á 2.ª, que em muitos lugares emenda a primeira, resolveu-se a seguir o texto da edição *princeps, conservando,* escrupuloso, tudo o que lhe não parecia ser erros manifestos de impressão, os quaes prudente corrigio com os mais editores. Ora se o Diccionario da Academia (e não de um critico) dá a preferencia ás primeiras ed. de 1572, podia o Senhor D. J. M. escolher um melhor modelo do que a ed. *princeps,* a qual deve infallivelmente ser a mais conforme ao M. S. do nosso poeta? *Era absolutamente necessario coteja-las,* a 1.ª e 2.ª (diz o critico); sim, conferio-as; uma viva correspondencia com o Visconde da Lapa, e com o Coronel Anastacio Joaquim Rodriguez e Antonio Ribeiro dos Santos, o instruio das lições diversas da 2.ª, que existe na Bibliotheca Real de Lisboa. Donde vem que os votos do critico, n'esta parte, forão satisfeitos...»

D'ahi em diante, Bento Luiz Vianna analysa, mais vigorosamente, e não sem alguma phrase mais aspera para Constancio, o artigo dos *Annaes,* a que responde, defendendo o modo como, sob o aspecto litterario, o Morgado de Matteus fizera a sua edição.

Ainda com referencia ás edições do Morgado de Matteus foi, em 1826, publicada uma

Lettre à l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne, sur le texte des Lusiades. A Paris, chez Treuttel et Wurtz, libraires, rue de Bourbon, nº 17; à Stras-

[1] São executadas (as estampas) em geral sobre um desenho, e por um buril que faz honra aos Mestres que as desempenhárão.

bourg et à Londres, même maison de commerce. 1826. 8.º de 4 in-77 pag. — O titulo do ante-rosto é: *Lettre sur le texte des Lusiades.* No verso d'este: *Imprimé chez Paul Renouard, Rue Garancière, nº 5.* No fim do opusculo vem a assignatura: *Mablin, sous-bibliothécaire de l'Université de France,* e a data: «París, le 15 mars 1826.»

No estudo de Mablin não só é analysada a nova edição em 8.º publicada em 1819 sob a direcção do Morgado, mas tambem o auctor se demora em responder a Vianna em a sua controversia com os redactores dos *Annaes.*

A esta serie de testemunhos juntarei os que se me depararam no tomo II da *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal,* pelo sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, o qual tratando de pag. 324 a 334, da obra monumental do Morgado de Matteus, copiou, traduzidas, as tres cartas em que Mad. de Sousa, esposa d'aquelle nobre portuguez, communicava á sua íntima amiga, a condessa Albany, viuva de Carlos Stuart, algumas observações ácerca do giganteo e despendioso emprehendimento, e da distribuição da nova edição dos *Lusiadas.* Com a devida venia transcrevo em seguida da obra citada as tres cartas:

PRIMEIRA CARTA DE MAD. DE SOUSA Á CONDESSA ALBANY

«París. Outubro de 1817.— Minha querida amiga. Peço-vos que deis cabida na vossa bibliotheca ao livro que o sr. de Souza imprimiu ha pouco, e não ha de ser posto á venda. É puramente uma homenagem que elle rende ao seu paiz, ao qual faltava ainda uma formosa edição de poeta que tão brilhantemente cantou o descobrimento da India e os tempos das glorias portuguezas. Se podesseis ler o ultimo § da *Advertencia,* facilmente formarieis conceito dos sentimentos que inspiraram meu marido. É d'elle a offerta.

«O *nosso* Camões só terá duzentos exemplares, que hão de ser enviados a todas as bibliothecas da Europa, e offerecidos a um pequeno numero de amigos, capazes de apreciar esta nobre e patriotica empreza. Emfim, havia cento e cincoenta annos que ninguem a tomava sob si; e não creio que haja exemplo de um particular, não muito rico, que tenha feito uma tão bella edição, prohibindo aliás a venda de um exemplar sequer. Encho-me de orgulho; julgo-me feliz; e todos os elogios que meu marido aqui recebe, a tal ponto me exaltam, que não tardarei a ter uma cabeça altiva, e um talhe de menina de quinze annos. Toda vossa querida amiga.»

SEGUNDA CARTA

«París. 23 de Novembro de 1817. — Estou furiosa, minha querida amiga. Ha mais de seis semanas que vos escrevi, remettendo-vos um exemplar da nossa edição de Camões. O sr. de Souza metteu a minha carta e um exemplar dos *Lusiadas* n'uma caixa, com direcção ao conde do Funchal, e a entregou ao encarregado dos negocios de Portugal, que prometteu fazel-a expedir. Julgava eu que tudo tinha chegado já ao seu destino; mas soube hontem que aquelle senhor encarregado tinha ainda a caixa em sua casa, aguardando, *com uma paciencia toda portugueza,* a occasião de mandar algum correio á Italia.

«Acreditae, querida amiga, que terieis sido uma das primeiras pessoas, em quem eu e o meu marido pensassemos para vos enviar uma obra, que em verdade teve o melhor exito, e por certo a mais bella que jamais saíu das imprensas de França. Nem um só exemplar ha de vender-se. É uma especie de monumento que meu marido quiz erguer á sua patria, e ao poeta que tão altamente celebrou a época da gloria portugueza. Sómente fez tirar 200 exemplares; e seja dito entre nós, custou-lhe isto mais de sessenta mil francos. Tenciona dal-os a todas as bibliothecas e academias de ambos os mundos, e offerecel-as aos seus mais intimos amigos, ou a particulares que tiverem bellas livrarias. Por todos estes titulos

devieis ter o primeiro exemplar; graças, porém, áquelle senhor, está ainda em Paris a caixa, e quem sabe quando será remettida...

«O sr. de Souza mandou um exemplar a el-rei (Luiz XVIII), e ás principaes bibliothecas de Paris. S. M. acceitou o que lhe foi offerecido, e muito o admirou, mostrando-o por espaço de tres dias a todas as pessoas da côrte, e confessando que ainda não tinha saido das imprensas francezas cousa tão formosa. Eis aqui um verdadeiro triumpho, e tanto mais lisongeiro, quanto os senhores cortezãos não o esperavam!»

TERCEIRA E ULTIMA CARTA

«Paris, 21 de Dezembro de 1817.—Agora mesmo recebemos, minha querida amiga, a vossa carta de 5 do corrente. Grande satisfação tenho em que estejaes contente com o *nosso* Camões. No meu conceito, e sob o ponto de vista artistico, a mais bella gravura é a de Toschi, de Parma.

«Se pudesseis imaginar quantas lidas e despezas custou a meu marido, vae em cinco annos, esta empresa, haverieis por certo de lhe dar ainda maior estimação. Quantas vezes não se demorou elle na officina do sr. Didot cinco, seis e sete horas! Nem o compositor, nem o revisor sabiam a lingua portugueza; de sorte que a obra era impressa como se fosse um quadro de mosaico. Emfim, cheguei muitas vezes a receiar que a saude de meu marido corresse perigo. Não queremos gabar-nos do que se despendeu; seria este capitulo uma *loucura seria,* aos olhos dos homens frios, incapazes de sentir o extremo goso de uma alma nobre e generosa, ao alevantar um monumento ao cantor sublime das glorias da sua patria... No que me diz respeito, nenhum merecimento me cabe, senão o de haver promettido a meu marido diminuir, quanto possivel fosse, todas as despêzas da casa, afim de que seu filho não ache de menos — na sua fortuna — aquella somma, e fosse resgatada pelas nossas economias, se vivessemos ainda alguns annos!»

Entre a edição grande e a pequena, para a qual trabalhou tambem, como já mencionei o Morgado de Matteus, e que adiante vae descripta, appareceu a seguinte:

* *

58. *Os Lusiadas, Poema do grande Luis de Camões, seguindo o legitimo texto. Avinhão, na officina de Francisco Seguin. 1818.* 8.º 2 tomos, com lj-202 e 270 pag. — Parece-me que o editor foi Theophilo Barrois; pelo menos a declaração da venda, que vem no verso do ante-rosto, só respeita a esse livreiro parisiense.

No aviso previo (pag. v) temos a menção do processo seguido para esta edição:

«O discurso preliminar, e a vida de Luis de Camões, são extrahidos das edições das Obras d'este insigne Poeta, recentemente publicadas em Lisboa pelo senhor Thomas Joseph de Aquino.

«As Estancias que servem de declarar o argumento de cada um dos dez Cantos do Poema, são de João Franco Barreto, philologo notavel do XVII seculo, author tambem do indice dos nomes proprios, ajuntado no fim da obra, no qual acha-se copiosa noticia da mythologia e historia que o Poeta toca.

«Emquanto ao Texto do Poema, temos seguido a famosa edição de Manuel de Faria e Sousa...»

A declaração do livreiro Barrois, que todavia se vê bem expressa na edição de 1820, acima notada, não saiu em alguns exemplares. A bibliotheca nacional de

Lisboa possue dois, n'um vem, em outro não, no verso do ante-rosto do tomo I (tomo *primo,* sic.).

Possuem tambem exemplares, em Lisboa: os srs. Fernando Palha, João Antonio Marques, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Henrique Ulrich, Antonio Maria dos Santos Agard e a bibliotheca da imprensa nacional; no Porto, os srs. José Carlos Lopes, Antonio Moreira Cabral, Narciso José de Moraes, e Tito de Noronha; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

No leilão de Sousa Guimarães, um exemplar foi vendido por 1$000 réis; e no de Gomes Monteiro, por 4$800 réis.

*
* *

59. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição correcta, e dada á luz, conforme á de 1817, in-4.º, Por Dom José Maria de Souza Botelho, Morgado de Matteus, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.* Paris, na officina typographica de Firmino Didot, impressor do rei, e do instituto. MDCCCXIX. 8.º gr. de VIII-CX-420 pag. Com o retrato de Camões, gravado em aço. É copia do que foi originalmente feito pelo pintor Gerard para a edição grande, conhecendo-se apenas, com attenta confrontação, algumas pequenas differenças nos traços, porque este é obra só do gravador Roger, e o outro é desenhado e gravado pelo proprio Gerard com retoques de Toschi, como já indiquei.

Tem aviso ao leitor (pag. V e VI); dedicatoria a el-rei (pag. VII e VIII innumeradas); advertencia (pag. I a XLV); e vida de Luiz de Camões (pag. XLVII a XC). Seguem-se os Lusiadas (pag. 1 a 375); notas da advertencia (pag. 377 a 404); e notas da vida de Camões (pag. 405 a 420).

No aviso preliminar ao leitor, Didot declara que pediu e alcançou licença de Morgado de Matteus para fazer em 8.º uma reimpressão fiel da edição grande, o acrescenta:

«... julguei fazer um serviço agradavel á nação portugueza, e á sua litteratura, se, alcançando licença do dito Senhor, reimprimisse em 8.º, e copiasse fielmente o texto do poema, com a advertencia, a vida do poeta, as notas, e os mais trabalhos litterarios que o Senhor Sousa tem feito a esta epopéa. O nobre e sabio editor não sómente me concedeo a faculdade por mim pedida; mas quiz tambem que ao seu precedente trabalho juntasse eu, n'esta edição, o que novamente fez este anno, depois de conferidas por elle as duas primeiras, e originaes edições de 1572, cujas variantes ficam sendo mais distinctamente conhecidas; bem como a certeza da primazia, entre uma e outra, póde ser agora mais exactamente determinada; reluzindo outro sim, com a maior evidencia, a superioridade de ambas sobre todas as que depois d'ellas se tem, em diversas epocas, publicado até os nossos dias. Para dar maior realce á minha empreza, permittiu-me finalmente o mesmo Senhor de brindar o publico com a copia do retrato de Camões: assim os que amam Camões, e que se deleitam de litteratura portugueza, encontrarão n'esta minha edição o mais correcto texto, e a mais ampla prova do desvelo e coriosidade com que o incansavel editor se esmerou em dar ao poema dos Lusiadas todo o esplendor que lhe é devido; honrando por este modo, e quanto lhe foi possivel, o glorioso nome de seu auctor: pois até quiz ajudar-me a rever e corrigir as provas typographicas d'este livro, em que puzemos ambos o maior cuidado com o fim de obtermos que a sua publicação in-8.º... possa (na falta da edição grande) supprir pela correcção e nitidez do seu texto as outras duas, hoje tão raras, de 1572...»

Emquanto a correcção, esta edição é superior á de 1817. porque o Morgado, como se infere de suas notas autographas, já citadas, preparou novos elementos para a corrigir.

No fim da advertencia (pag. XLIV e XLV) foram cortados os dois paragraphos que se referem ao impressor Didot, na edição de 1817. O primeiro começa: «Para que esta edição emfim fosse digna do nosso poeta e da nação, empenhei M. Firmino Didot», etc. O segundo começa: «Convidei M. Gerard, membro do Instituto, famoso pintor de que a França se honra... para dirigir os desenhadores e gravadores» etc.

A nota I da advertencia da edição de 1817 começa (pag. 377):

«Certificado da existencia de se terem feito duas impressões dos Lusiadas em 1572, e desenganado de obter um exemplar da que me faltava, para poder confrontal-as, recorri aos meus amigos em Lisboa...»

Termina este paragrapho a pag. 378 assim:

«Suspendi em consequencia a minha impressão durante cinco mezes; mas vendo que me não chegava cousa alguma, que se malogravam as minhas esperanças sem termo, achei-me na precisão de continual-a, sem ajuntar mais do que as notas das primeiras 24 estancias, de que o publico fará o seu juizo.»

«Na edição de 1819, o paragrapho primeiro da nota I da advertencia (pag. 378) é assim:

«Certo de se terem publicado duas edições dos Lusiadas em 1572, ambas por Antonio Gonçalvez, fiz inutilmente as maiores diligencias para obter um exemplar da que me faltava, por todo o tempo que empreguei na minha edição. Sabendo porém que a R. bibliotheca de Lisboa possuia um diverso dos dois, que eu tinha, remetti aos meus amigos ali o *fac-simile* do frontispicio, e de outras folhas afim de fazerem a confrontação, e pedi-lhes copias exactas dos logares notaveis em que podia haver controversia. Por este meio alcancei as noticias bibliographicas que dei na minha edição, e pude verificar o modo por que as duas originaes davam as lições controvertidas. Sentia comtudo não ter podido eu mesmo collecional-as, e publicar todas as variantes d'ellas. Ninguem conhecidamente o tinha feito. O Senhor A. R. dos Santos, sabio indagador das nossas antiguidades, confessou «Não ter confrontado as duas edições, mas presumir que os editores «Manuel de Faria e o P. Thomás tinham tomado por duas e diversas. o que foi «realmente uma só, na qual toda a differença se reduzia á mudança de algumas «letras, ou causa levissima, effeitos de emendas e retoques nas folhas de impres- «são», etc. Um dos sub-bibliothecarios disse sim ter feito este trabalho, mas jámais communicou senão a confrontação das primeiras 24 oitavas, apesar de repetidas instancias.»

Segue-se a este paragrapho (de pag. 378 a 386), o supplemento, fielmente reproduzido, que o Morgado de Matteus escreveu e mandou imprimir para completar a edição monumental, e de que já fiz acima a devida menção.

O supplemento começa: «Depois de ter publicado a minha edição...» e termina em meio da pag. 386: «Por todas estas razões, confesso dar maior credito e preferir o texto da primeira...»

O Morgado de Matteus acrescentou, porém, esta nota para responder a alguns reparos criticos que lhe haviam sido dirigidos a proposito da edição grande, e

reiterar argumentos que pozera na sua carta á academia real das sciencias de Lisboa. Estas reflexões vão do fim da pag. 386 até quasi o fim da pag. 388. Transcreverei os primeiros paragraphos:

«Parecia-me ter dado na advertencia as sufficientes clarezas, para que os homens doutos e curiosos, conferindo as duas edições originaes e a minha, ficassem satisfeitos de eu ter seguido a melhor e mais correcta lição, e de ter adoptado a orthographia mais conveniente a um poema classico e conhecido em toda a Europa.

«Alguns reparos criticos porém, que me foram dirigidos, obrigam-me a ajuntar aqui algumas explicações mais amplas.

«Estas criticas reduzem-se a dois pontos: 1.º Sobre a preferencia que dei, indevidamente na opinião de alguns, á primeira edição de 1572; 2.º Sobre a orthographia, que uns desejavam toda moderna, ao mesmo tempo que outros me arguiam de não ter seguido sempre a mais antiga, e de commetter assim um anachronismo, e mostrar falta de attenção á euphonia.

«Pelo que diz respeito ao 1.º julgo ter assaz fundamentado a minha opinião, de que a edição primeira foi por certo feita sobre o manuscripto de Camões, o que deve fazel-a preferivel á outra, cujas variantes não se sabe quem as ordenou. Tendo publicadas estas, cada um póde escolher a seu gosto as que mais lhe agradarem, porque julgaria improprio e offensivo dar as rasões por que rejeitei algumas da segunda edição, convencido por ellas de não serem de Camões.

«Em quanto ao 2.º talvez fosse sufficiente deixar aos sectarios da moderna, ou da antiga orthographia, acordarem-se entre si, quando nem hoje temos, nem na antiguidade tivemos, uma orthographia, e que nos mesmos livros se acham diversas...»

O Morgado apresenta exemplos da orthographia que adoptou, affirmando que o fizera por lhe parecer evidente que não offendia a memoria do egregio Camões, e termina:

«Não teria respondido a esta critica, se não fosse proveitoso evitar a futuros editores o defeito de publicarem livros classicos com plebeas e mescladas orthographias, temendo serem accusados da culpa de anachronismo por fanaticos de semelhantes antigualhas.

«Outra singularidade me deixou attonito, qual a de saber, que entre alguns projectos de se dar uma nova edição do poema se concebera a idéa de ajuntar como lições varias, as alterações de todas as outras, isto é, as ignorancias e faltas de gosto com que temerarios editores enxovalharam, depois da morte de Camões, a sua obra immortal.»

Lê-se no fim d'esta edição (pag. 420) uma nota ácerca da falsificação preparada para dar ao prelo uma reproducção dos *Lusiadas*, com extraordinario numero de variantes. É a peça de um processo, em que entra Filinto Elysio como figura principal. Para respeitar a ordem chronologica dos successos, abrirei em seguida um parenthesis para dar idéa de tal incidente. Não m'o levarão em mal.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional (dois), e os srs. Fernando Palha, João Antonio Marques, João Henrique Ulrich, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, Antonio Maria dos Santos Agard, Carlos Cyrillo da Silva Vieira e Brito Aranha; no Porto, a bibliotheca publica, e os srs. dr. José Carlos Lopes, Antonio Moreira Cabral, Joaquim Pedro de Oliveira Martins, e visconde da Ermida; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

Os preços têem sido mui diversos: no leilão de Ferrão (em 1883) foi vendido

um exemplar por 2$000 réis para o sr. Ulrich; no de Minhava (1885) outro não passou de 1$750 réis; no de Sousa Guimarães, por 1$350 réis, e no de Gomes Monteiro, por 2$300 réis. No ultimo catalogo camoniano da casa Aillaud, de Paris, vem annunciado por 10 francos. No da casa Kühl, de Berlim, tem o preço de 12 marcos e 50 com a nota: «*Belle edition et très recherchée.*»

Esta edição effectivamente não é rara, mas não apparece muitas vezes no mercado, e, como é estimada, tem sempre compradores até por preço mais subido que os dos leilões mencionados.

A nota final posta pelo Morgado de Matteus na pag. 420 da edição de 1819, citada, é do teor seguinte:

«O annuncio de um manuscripto do poema de Camões, com muitas variantes, que pretende o seu autor ter descoberto em Paris, e dar ao publico, obriga-me a preveni-lo contra a fraude litteraria de um segundo *Montenegro*, esperando que este aviso (fundado no meu conhecimento ha muitos annos d'aquelle fingido ms.) seja sufficiente para evitar o escandalo que occasionaria a sua publicação, com tanto desdouro do grande poeta, como da nação portugueza. O manuscripto de que este se diz copia jámais existiu; as suppostas variantes são indignas de Camões; de tudo o que tenho exuberantes provas. Leio, e apenas acho estancia que as sacrilegas mãos não profanassem. A nação deve pôr debaixo da sua *salvaguarda* este monumento nacional, para defendel-o de similhantes attentados.»

Um aviso d'esta ordem, escripto e mandado estampar em livro por homem tão delicado, tão bisarro e tão conspicuo, como D. José Maria de Sousa, nascêra de um alto sentimento patriotico e só podia levar sobrescripto para pessoa que tivesse tal ou qual consideração na republica litteraria. Mas occultou-lhe o nome. Alguem, mais perspicaz, é que podia suppôr que as palavras «*as sacrilegas mãos não profanassem*» eram de molde a denunciar o caracter sacerdotal a quem se endereçavam.

De que, e de quem, se tratava, pois? O Morgado sabia as minucias da fraude. O publico ignorava-o.

O aviso, ou a denuncia, do Morgado póde agora dizer-se que não foi espontaneo. Foi incitado pelo proprio Filinto. Elle foi quem se denunciou e reincidiu. Em uma nota ao poema *Oberon*, no tomo II da segunda edição das obras, feito em Paris em 1817, sob as suas vistas e direcção, de pag. 11 para 12, escreveu Francisco Manuel o seguinte:

«N'um poema como este, que não desponta de sublime, não é termo baixo e vil a voz *alparca*. Não o teve por tal Camões nos heroicos Lusiadas, quando cantou no canto II, est. 95:

«Cobre ouro, cobrem grãos de aljofar tudo,
«E cobre ouro as alparcas de veludo.

«Cito um manuscripto rarissimo, que se diz emendado por Camões mesmo; e cuja copia tambem rarissima, eu possuo, porque ainda não acertou com curioso comprador.»

Reincidiu na ode a Routiez, no tomo III, da mesma edição, onde leio:

«É a copia de Camões, limpa das nodoas
«Dos ignorantes prélos.[1]

Os redactores dos *Annaes das sciencias, das artes e das letras* não quizeram comtudo guardar o segredo, e, com a censura do acto praticado pelo Morgado, explicaram o enygma. Isto explica um tanto o azedume com que Constancio se occupou da edição dirigida pelo nobre portuguez. Vimos a amostra da critica. Vejamos a replica de Constancio ao aviso no tomo V, citado, de pag. 99 a 102:

«Antes de concluir este artigo não me é possivel passar em silencio a ultima das notas d'esta nova edição, nota que muito me peza que o editor publicasse.»

Transcreve a nota acima, e continúa:

«Quem crerá que este *Segundo Montenegro,* obscuro e inepto viciador dos Lusiadas, que esta *mão profana* que mutilou os versos de Camões, dos quaes muitos, até qualquer alumno do Parnaso poderia emendar ou melhorar; quem crerá digo, que o culpado do maior delicto litterario abaixo do de calumniar, seja o honrado Francisco Manuel? O grande vate Filinto, que tanto admirou a Camões, e que do Sr. D. J: M de Souza, por occasião da sua edição dos Lusiadas, diz

... oh Souza
Vivirás, quanto vivam os Lusiadas,
A Patria, dos Lusos caro

não merecia por certo tanto despreso, nem tal linguagem, ainda quando o sr. D. J. Maria de Souza tivesse provas exuberantes da fraude. Porém, eu duvido muito que elle tenha essas provas, e se as tem, cumpre que as dê ao publico, agora principalmente que é morto Filinto, e que como morto só se lhe deve justiça e verdade. Eu tambem tenho examinado o tal manuscripto, e declaro que muitas das correcções são sensatas, e que outras não são nem mais nem menos dignas de Camões, que um grande numero de expressões e de versos, que desfeiam o seu poema. Querer pelo merecimento intrinseco de variantes ajuizar se ellas são do proprio autor ou de mão estranha, é a meu vêr impraticavel quando se considera que os maiores engenhos fizeram emendas e mudanças ás suas obras, das quaes muitas foram com razão julgadas indignas d'elles; e é bem sabido que os maiores poetas preferiram quasi sempre entre as suas obras as mais somenos. Tudo isto depende da idade, da disposição dos auctores, e de mil circunstancias que tornam em differentes tempos o mesmo homem tão dessemelhante de si mesmo.
«Se o honrado e grande Filinto forjou este manuscripto de Camões, deve confessar-se que bem gratuitamente commetteu este delicto litterario, primeiro e unico em tão dilatada e honrada vida: d'elle nunca tirou proveito, e por certo nenhuma gloria d'ali podia resultar-lhe. As variantes são muitas, mas quasi todas consistem em leves mudanças de palavras; e parece incrivel, não digo que Filinto, mas que o mais triste poeta querendo emprehender a emenda dos versos dos Lusiadas fosse tão parco nas suas correcções, e deixasse subsistir tantos maus e prosaicos versos que a cada passo se encontram em Camões.»

Aponta em seguida as variantes que Francisco Manuel pozera no canto I, de que Constancio declara que teve copia; e compara-as com passagens iguaes da edição do Morgado de Matteus, e termina:

«Examinem-se nos seus logares, e ver-se-ha, se não me engano, que todas

[1] «Manuscripto rarissimo de Camões, copiado na Haya por inteiro.»

estas, e outras muitas mudanças do manuscripto são boas e não indignas de Camões. O leitor comparará e decidirá.»

Não sei se o Morgado de Matteus replicou a essa resposta ou se se contentou com o seu aviso, a que julgou conveniente dar permanente publicidade deixando-o n'um livro immorredouro. Parece-me que se elle quizesse apresentar provas, não lhe faltariam.

Muitos annos depois, segundo posso inferir de uma nota sua, o sr. visconde de Juromenha, ao colligir os trabalhos para a apreciavel edição das *Obras de Luiz de Camões,* quiz levantar mais uma ponta do véu que escondia o trama litterario de Filinto, e no tomo I (de pag. 386 a 389) inseriu dois documentos mui interessantes.

O primeiro, é a carta em que Francisco Manuel offerecia o manuscripto, de que se trata, ao conde de Villa Verde, para que este lh'o comprasse.

O segundo é uma nota, em que Manuel de Araujo Porto Alegre (barão de Santo Angelo e consul geral do Brazil em Lisboa por muitos annos), informava como todos os manuscriptos ineditos de Francisco Manuel, incluindo os falsos *Lusiadas,* tinham passado para as mãos do conselheiro Sergio Teixeira de Macedo.

Na carta ao conde de Villa Verde, que póde ler-se na integra no logar da obra do sr. visconde de Juromenha, escrevia Filinto que tirára a copia de sua letra de um traslado dos *Lusiadas* emendados pelo auctor, e com 2:000 variantes! que esse traslado pertencêra á livraria de uma duqueza; que tendo fallecido ella, e a pessoa que a representava, os livros, que lhe pertenciam foram naturalmente desbaratados, e os manuscriptos extraviados ou rasgados; que, por consequencia, a copia d'elle Filinto valeria tanto como o proprio manuscripto. Para animar o amigo á compra, Filinto acrescentava:

«Esta copia... quiz eu imprimir em Paris para satisfazer o desejo de alguns amigos que sabiam que eu a possuia, e a quem era mais facil contentar com exemplares impressos, que com multiplicadas copias de amanuenses muito dispendiosas, e provavelmente não isentas de erros. Mas a mesquinhez das minhas posses me atalhou pôr por obra os meus desejos.

«Soube um homem de bastantes cabedaes, que eu por falta d'estes o não imprimia, e mandou-me commetter por uma terceira pessoa, que no caso que eu me resolvesse a vendel-o, nenhuma duvida teria de m'o comprar. Mas eu que amo a patria, apesar do descuido que ella de mim tem, não quizera que o manuscripto correcto do poeta (que tanta honra nos dá entre os homens litteratos) parasse em mãos estrangeiras.»

A carta de Filinto acaba com estas palavras:

«... V. ex.ª me dará a saber a sua vontade e o preço que lhe parecer mais proporcionado, não digo á raridade, e intrinseca valia do manuscripto, mas sómente a desgraçada circunstancia que me obriga a desfazer-me d'elle.»

Araujo Porto Alegre, embora interviesse na compra do manuscripto de Filinto para o conselheiro Sergio, como não examinou talvez bem todos os papeis d'elle, não dá, em a nota escripta para a edição do sr. visconde de Juromenha, perfeita informação nem dos *Lusiadas* falsificados, nem dos documentos, que pertenciam ao espolio de Francisco Manuel, e passaram das mãos das senhoras, em casa das quaes vivia, e onde veiu a finar-se, para as do mencionado conselheiro

Sergio por 400 francos. No entretanto, registarei as seguintes palavras do fallecido e illustre barão de Santo Angelo:

«Ouvi dizer, e não me recordo se por Silvestre Pinheiro Ferreira, ou pelo visconde de Santarem, porque isto passou-se em 1834, que aquelle manuscripto era suspeito; e que Francisco Manuel não encontrára o original na Haya, mas sim um exemplar da primeira edição. Que a copia em questão era de mão alheia, é certo, porque a tive em mão, e lembrei-me bem de que as emendas de Francisco Manuel deferiam salientemente no caracter e tinta. O editor sr. Sergio tinha tenção de mandar imprimir a obra, e creio que o não fez por lhe constar o mesmo que a mim posteriormente. Não sei da sorte d'estes manuscriptos.»

Pouco depois de apparecer o tomo I das *Obras*, pelo sr. visconde da Juromenha, um escriptor, que assigna com as suppostas iniciaes de seu nome C. M. (mas que eu julgo occultarem o de pessoa vantajosamente conhecida na republica das letras, hoje fallecida), tomou em tres artigos, ou em um mui longo artigo, dividido em tres fragmentos (n.os 178, 184 e 185 do *Jornal do Porto*, de 8, 16 e 17 de agosto de 1861), a defeza de Francisco Manuel, collocando-se ao lado de Solano Constancio contra a accusação do Morgado de Matteus, e censurando o novissimo editor das obras de Camões por vir, sem que nenhuma necessidade imperiosa o compellisse, a augmentar a gravidade do caso em menoscabo da fama do eximio poeta Filinto.

Este articulista suppõe que o Morgado de Matteus, vibrando aquelle golpe a Francisco Manuel, deu-lhe como um *coup de grace*, premeditado muito antes e com paixão; e por consequencia, era escusado trazer para a tela de discussões acrimoniosas factos sem as competentes provas, que não via exhibir.

Entra depois n'uma serie de considerações para levantar o nome de Francisco Manuel, de quem existiam «irrecusaveis testemunhos do sacro amor patrio que lhe aquecêra constantemente o peito lusitano»; cita a famosa ode que elle consagrou ao immortal cantor das glorias nacionaes,

Estro, filho d'Apollo, quando desces,

pondo em duvida a carta do conde de Villa Verde publicada no tomo I das *Obras*, citado, e parecendo-lhe haver contradicção nas affirmativas de Porto Alegre, resume a sua argumentação a estes pontos:

«Em presença d'estes dados fica evidente:

«1.º Que a *celebre carta* se refere a um manuscripto diverso do que diz ter comprado o sr. Porto Alegre; 2.º Que este (achado ou deixado no espolio de Francisco Manuel) só continha *variantes* ou *emendas* do punho de Filinto, como affirmára Solano Constancio (1819); 3.º Que portanto esse mesmo manuscripto... (só com *emendas* do punho de Filinto, ou, como provou Constancio, consistindo em *leves mudanças de palavras*), era o mesmo que possuia Francisco Manuel quando o Morgado de Matteus fazia a *sua denuncia;* 4.º Que dizendo o sr. Porto Alegre ter ouvido «que Francisco Manuel achára na Haya um exemplar da primeira edição, e não o original», e dizendo-se na carta — que o original fôra achado na livraria da duqueza B... (Paris) — sobresae outra muito notavel *incongruencia* — incongruencia, que talvez nos encaminhe para descobrir ainda o verdadeiro — *fio do trama* — (para me servir da locução adoptada pelo novissimo editor)... o fio do trama *urdido* na Haya e Paris contra o distincto poeta e patriota independente Filinto Elysio!...»

O conselheiro Castilho escreveu em 1866, duas extensas memorias para de-

fender Francisco Manuel, e queria até fazer persuadir que a letra da copia manuscripta vendida ao conselheiro Sergio Teixeira de Macedo não era letra de Filinto. Mas o conselheiro Sergio deixou que o conselheiro Castilho fizesse o exame directo na papelada do padre, e elle teve que escrever uma especie de additamento ás memorias anteriores, não para affirmar abertamente que estava convencido da falsificação, mas para deixar ver as suas duvidas a esse respeito, e affirmar (dando, como se diz vulgarmente, as mãos á palmatoria) que tinha ante si a letra de Filinto.

Posso apresentar aqui as palavras de Castilho:

«... agora leio de cadeira, quanto ao conhecimento da letra do nosso poeta; e, retirando as duvidas das minhas anteriores Memorias ... affirmo que essa confrontação entre o dito livro ms., e quaesquer dos outros papeis incontestavelmente de Filinto, feita por varios amigos e por mim, nos deu a absoluta certeza de que o livro todo é do punho do padre.

«Tambem observo que, apesar de se ter este conformado, na edição de Paris, com o uso commum, começando os versos por maiusculas, todos os seus escriptos... encetam os versos por minusculas, como tambem succede com o volume dos *Lusiadas*.

«Do exame de toda aquella papelada intima de Filinto, collijo que elle manuseava muito o francez, o italiano e o latim...»

O conselheiro Castilho, que era argumentador e sophista, como ainda não conheci outro, queria fazer prevalecer a sua defeza em beneficio de Filinto, dizendo que lhe parecia que elle não sabia hespanhol, e portanto apparecendo no manuscripto algumas notas n'esse idioma, não eram de certo d'elle. Porém, depois de ter escripto que elle *manuseava muito o francez, o italiano e o latim*, tal argumento pouco valor tem. Duas ou tres notas em castelhano, podia escrevel-as o Filinto sem a menor difficuldade, e sem recorrer a estranhos. Então, o talento e a erudição de Francisco Manuel não chegariam para isso?

Innocencio referiu-se a este incidente litterario, porém não entrou em promenores.

Rematarei este parenthesis com o seguinte:

De tudo o que extractei e do mais, que omitti, por brevidade, concluo, salvo melhor juizo:

Que a fraude. de que se trata, nada tem com o alto valor litterario das obras de Filinto, nem é deprimente do seu brilhante engenho;

Que na apreciação de um acto, é preciso avaliar todas as circumstancias em que elle foi praticado;

Que separando as obras litterarias, das acções do homem, que as produziu, vê-se, e é incontestavel, que n'umas existe muitissimo que elogiar, e n'outras muitissimo que censurar; e por conseguinte se dá grande desequilibrio entre as diversas qualidades e virtudes do mesmo individuo;

Que a denuncia, feita aliás com certa reserva com respeito á pessoa a quem era endereçada, pelo Morgado de Matteus, só podia vir á larga publicidade a que foi destinada, não por um sentimento vil, como quizeram fazer acreditar os que o censuraram, mas por uma expansão muito natural em quem se apaixonara na grande obra de Camões;

Os Lusiadas

ou

o Descobrimento da India Oriental
pelo Cabo da Boa Esperança.

Poema Epico

de Luiz de Camões

Canto 1.º

Estancia 1.ra

As armas, e os Barões assinalados,
que da Occidental praya Lusitana,
por mares nunca d'antes navegados
passárão inda além da Taprobana;
em perigos, e em guerras esforçados
mais do que promettia a força humana;
e entre gente remota edeficarão
novo Reino que [illegible] sublimarão:

mas enxérga-se (1) n'um, e n'outro bando
partido dessigual, e dessonante
dos onze contra os doze -- Quando a gente
começa a alvoroçar-se alegremente

est 62ª

Virando toda os rostos, onde vîa
a causa principal do rebolico (2) --
Eis entra um Cavalleiro, que trazia
armas, cavallo, ao béllico serviço
Ao Rei, às Damas fálla, e logo se ia (3)
para os Onze; que este éra o grão Magriço
Abraça aos Companheiros, como a amigos,
a quem não fálta nos guerreiros périgos

est 63ª

Como a Dama em Magriço vio aquelle,
Que vinha defender seu nome e fama,
Se alégra e véste alli do animal de Helle,
que a gente bruta mais que a virtude áma,
Já dão sinal. — O som da tuba impelle
os bellicosos animos que inflamma

(1) Por seguro tenho, que Camões não usaria agóra da palavra enxergar mas por mais seguro tenho que no seu tempo enxergar não era baixo ... que nunca sentio honore vocabulo ... O mesmo succederà a muitas que andão hoje no galarim; para contentar gostos enfastiados daria eu uma variante — mas avista-se n'um e n'outro bando &

(2) Nem tambem desta! —

(3) Um Grammatico de polpa quereria q. o Poeta dissesse = falla elle e vai: mas m.to há que se desavierão pela primeira vez a Grammatica e Poesia maiorm.te se lha apuntais o trambolho do Consoante. E que outra cousa são as figuras, senão piparotes, que a elegancia dà nas regras ordinarias.

pag. Com retrato gravado por Michord, sendo copiado e reduzido do de Gérard. Ao centro da pagina uma lyra, como vae representado em seguida:

Não tem introducção, nem aviso preliminar do editor. Transcreve a resumida vida de Camões, que vem em edições anteriores. Os argumentos, em prosa, estão reunidos (de pag. XI a XIV) antes do poema. No fim do tomo II (pag. 151 a 235) corre o indice dos nomes proprios de João Franco Barreto. No verso do ante-rosto lê-se a designação: «Na typographia de J. Smith.»

Esta edição poucas vezes apparece no mercado, e falta a muitos colleccionadores. Foi por esta rasão, que o auctor d'este *Dicc.*, no tomo V, pag. 263, n.º 56, declarou que não a vira nunca. Outro tanto succedeu ao sr. visconde de Juromenha.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Henrique Ulrich, João Antonio Marques e Brito Aranha; no Porto, os srs. dr. José Carlos Lopes e Antonio Moreira Cabral; na ilha de S. Miguel, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

No leilão de Gomes Monteiro subiu um exemplar a 2$000 réis.

*
* *

61. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição conforme à de 1572 publicada pelo autor. Rio de Janeiro. Vende-se em casa de P. C. Dalbin e C.ª 1821.* 18.º 2 tomos com 4 (innumeradas)-XIV-225 pag. e 4 (innumeradas)-235 pag. Com o retrato do poeta.

Esta edição não é reproduzida da anterior. É a mesma com as seguintes differenças: tiraram do verso do ante-rosto a designação da typographia, e rubricaram no rosto as linhas finaes, isto é, em vez de *Paris* e a indicação da casa de *Barrois*, pozeram *Rio de Janeiro* e a casa *de Dalbin*, que parece ter-se associado com o editor parisiense para esta simulada *nova edição*, fraude que não é rara no commercio da livraria. E mudaram a data *1820* para *1821*.

Para se verificar isto melhor, note-se que no fim do tomo I vem duas paginas do annuncio da livraria Dalbin, e entre as obras mencionadas está a nova edição dos *Lusiadas*, mas em ambas com a data de 1820. Na simulada edição de 1821 esqueceram-se, pois, de rubricar esse millesimo.

Esta variante da edição anterior, creio que por ser de maior tiragem, por se destinar ao Brazil, apparece mais vezes.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, os srs. Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, João Antonio Marques, João Henrique Ulrich; no Porto, o sr. dr. José Carlos Lopes; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

No catalogo da livraria Küll, de Berlim, foi cotada por 2$000 réis. No leilão de Minhava arremataram um exemplar por 6$100 réis; e no de Gomes Monteiro por 1$950 réis.

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 800 réis, e no de Gomes Monteiro, por 1$600 réis.

*
* *

62. *Os Lusiadas. Poema epico de Luis de Camões. Nova edição correcta, e dada á luz, conforme a de 1817,* etc. *Paris: J. P. Aillaud, quai Voltaire, nº 21. 1823.* 8.º peq. de 377 pag. e 1 de errata. — O rosto, gravado em cobre, tem no centro uma pequena vinheta allegorica, representando o naufragio do poeta salvando o poema immortal. É acompanhado do retrato de Camões, conforme o desenho reduzido de Gérard, copiado em anterior edição citada. Tanto n'esta gravura, como na do frontispicio, vê-se a assignatura do gravador W. T. Fry. A tiragem de ambas é em papel igual, e parece ter sido feita ao mesmo tempo.

Esta edição contém só o poema, sem os argumentos. A impressão, com typo *mignon,* é de notavel perfeição. Saiu dos prelos da typographia de Firmin Didot, como está designado no verso do ante-rosto.

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 800 réis, e no de Gomes Monteiro por 1$600 réis.

*
* *

63. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição mais correcta. Lisboa: na impressão regia. 1827. Com licença. Vende-se na Loja dos Pobres.* 8.º peq. de 397 pag. — Contém só o poema, sem argumentos. A impressão com typo chamado «breviario» (corpo 8 approximadamente), é pouco aprimorada e em papel ordinario. Apparecem ás vezes exemplares em papel melhor, mais claro e encorpado. A bibliotheca nacional de Lisboa, por exemplo, possue dois exemplares d'esta edição, sendo um vulgar e os dois da tiragem superior.

No leilão de Sousa Guimarães venderam um exemplar por 690 réis, no de Gomes Monteiro por 400 réis.

*
* *

64. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição conforme á de Paris, de 1817. Lisboa, na typographia Rollandiana, 1827. Com licença da mesa do desembargo do paço.* 8.º peq. de 397 pag. — Contém o poema com os argumentos, em prosa e verso. Da impressão, com typo igual á da anterior, póde-se dizer o mesmo que da anterior. Tambem teve tiragem em papel melhor, mas de certo muito limitada. A bibliotheca nacional apresenta na sua preciosa collecção dois exemplares, um melhor que o outro.

Esta edição, a primeira saida dos prélos da typographia Rollandiana, é a denominada «das escolas primarias». Tanto para esta, como para as que se seguiram de igual formato e com igual destino, serviu de norma a edição de Paris de 1823.

O seu preço primitivo, nos catalogos, foi de 240 réis encadernado ou 160 em brochura.

No leilão de Gomes Monteiro (Porto) foi vendido um exemplar por 240 réis. Em Lisboa estão vendendo os exemplares das edições antigas para as escolas, quando apparecem, porque são pouco vulgares, por 500 e 1$000 réis.

*
* *

65. *O Adamastor. Episodio extrahido do V. canto de Camões. Lisboa: 1835. Na imp. de J. N. Esteves, e Filho. Rua dos Capellistas n.º 31 C.* 8.º peq. de 17 pag.

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 420 réis.

*
* *

66. *A Ilha de Venus. Extrahido do nono canto de Camões. Lisboa: 1835. Na imp. de J. N. Esteves, e Filho. Rua dos Capellistas n.º 31 C.* 8.º peq. de 42 pag. e mais 2 innumeradas com o annuncio, ou lista dos livros á venda na loja do editor.

*
* *

67. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição correcta, e dada á luz, conforme á de 1817, in 4.º por Dom Joze Maria Sousa Botelho, etc. Paris, na livraria portugueza de J. P. Aillaud, Quai Voltaire nº 11.* MDCCCXXXVI. 8.º gr. de 8 (innumeradas)-CX-420 pag., com retrato do poeta. No verso do rosto a designação: *« Na typographia de Fermino Didot, impressor do instituto.»*

Nas bibliographias mais auctorisadas, ou apparece esta edição como mui *nitida e estimada*, ou como *copia fiel* da de 1819. Confrontando esta edição com a que descrevo agora, vejo que é mais que uma copia fiel, pois não passa de um arranjo do commercio de livraria, como outros que se têem feito com as obras de Camões, e de outros escriptores afamados. A edição é a mesma; é, no meu entender, o producto de um accordo entre a casa Didot, que possuia um grande saldo em ser, não facil de exhaurir-se da edição de 1819, e o livreiro Aillaud, que desejava lançar no mercado uma edição dos *Lusiadas* com apparencia de nova.

São novas as quatro primeiras paginas: duas do rosto e duas do *Aviso ao leitor.* No rosto da de 1819 pozeram a sigla do editor *F. D.*; no de 1836 vê-se, em vez d'essas iniciaes, uma lyra ornamentada. No alto da primeira pagina do *Aviso* tem a mais o sub-titulo: *que acompanhava a edição de 1819.*

Para provar, tambem, o aproveitamento da edição de 1819, bastará notar que os principaes erros typographicos estão em ambas. Por exemplo:

Na edição de 1819, canto VIII, est. 65, v. 6 (pag. 278):

Na geração de Adão, co'a falsidade;

Na edição de 1836 (idem):

Na geração de Adão, co'a falsidade;

Na edição de 1819, canto IX, est. 16, v. 8 (pag. 296):

Do mar incerto, temidos e ledos.

Na edição de 1836 (idem):

Do mar incerto, temidos e ledos.

Na edição de 1819, canto X, est. 13, v. 10 (pag. 327):

Qne verá tanto obrar tão pouca gente.

Na edição de 1836 (idem):

Qne verá tanto obrar tão pouca gente.

Agora as emendas:

No canto VIII:

Na geração de Adão co'a falsidade

No canto IX:

Do mar incerto, timidos e ledos.

No canto X é só o erro perfeitamente typographico: a letra u voltada no *qne* do começo do ultimo verso da estancia. E não é acreditavel que o compositor, n'uma reproducção, voltasse a mesma letra, e o novo revisor deixasse passar igual incorrecção.

Examinando o papel, não existe duvida de que saíu da mesma fabrica e na mesma epocha; e de que a tinta da impressão adquiriu por igual o mesmo tom amarellado, que approxima e caracterisa as duas edições, como uma unica. Ponha-se comtudo uma excepção: o papel em que imprimiram as quatro primeiras paginas não é igual; tem em letras de agua M D, que não encontrei em nenhuma outra folha de ambas as edições.

No fim do volume, pag. 420, está o aviso do Morgado de Matteus contra o mss. de Filinto Elysio. N'uma reproducção verdadeira da edição, dezesete annos

depois, haveria necessidade de reproduzir tal aviso? Bastava-me esta circumstancia para denunciar o arranjo dos dois editores para o seu commercio.

No leilão de Gomes Monteiro subiu um exemplar a 1$400 réis.

*
* *

68. *Obras completas de Luis de Camões, correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro* (José Victorino Barreto Feio e José Gomes Monteiro). *Hamburgo, na officina typographica de Langhoff. 1834.* 8.º gr. 3 tomos de XLII-2-396-1 pag., LXIX-2-420 pag., e 516 pag.

Cada tomo tem dois ante-rostos: No primeiro lê-se *Classicos portuguezes,* e no segundo *Camões.*

O tomo I comprehende: o prologo (pag. VII a XLII), no qual vem reproduzido o soneto de Tasso e a ode de Filinto Elysio a Camões; os *Lusiadas* (pag. 1 a 374); as notas ao poema (pag. 377 a 396); e a advertencia (1 pag. innumerada).

O tomo II comprehende: a prefação (pag. VIII a XXXI); a vida de Camões (pag. XXXII a LXIX); as Rimas (CC LXXXVI sonetos, XV eclogas, XVII canções e XII odes), de pag. 1 a 391; as notas, de pag. 395 a 408; e o index, de pag. 409 a 420.

O tomo III comprehende: as Rimas (segunda parte), de pag. 9 a 252 (redondilhas, IV sextinas, XII elegias, IV epistolas, e oitavas); as comedias *Elrei Seleuco,* os *Amphitriões,* e *Filodemo* (pag. 253 a 478); duas cartas (pag. 479 a 500); as notas (pag. 501 a 510); e o index (pag. 511 a 516).

No leilão de Gubian foi vendido um exemplar por 4$600 réis; no de Gomes Monteiro, por 4$300 réis; e no de Minhava, por 3$200 réis.

*
* *

69. *Lusiadas de Luis de Camoens: a que se ajuntam a vida do poeta, hum argumento historico dos Lusiadas, as estancias omittidas por Camoens, lições varias, e hum index ou diccionario dos nomes proprios usados no poema. Com 10 estampas, e o retrato do poeta. Lisboa, typographia de Eugenio Augusto, rua da Cruz de Pau, n.º 12. 1836. Vende-se na loja de Borel, Borel e C.ª aos Martyres n.º 14.* 8.º peq. 2 tomos com 4 in-XXXXiij-228 pag. e 290 pag.

Dá se a coincidencia de que ao tempo em que se lembravam de aproveitar em Paris o resto da edição de 1819, como acima notei, em Lisboa pensavam n'um similhante arranjo industrial. Esta edição é o aproveitamento da Lacerdina, impressa em 1805, com a differença do rosto, que foi mudado e alterado nos titulos; e em algumas das estampas, que foram tiradas de novo em papel menos encorpado, e com mais tinta. Quando menos, foi a impressão que me ficou ao confrontar dois exemplares da camoniana da bibliotheca nacional.

No leilão de Gomes Monteiro, foi arrematado um exemplar por 1$750 réis.

*
* *

70. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição conforme á de*

Paris, de 1817. Lisboa. MDCCCXXXVI. *Na typographia Rollandiana.* 16.º de 397 pag.

O typo empregado foi o corpo 8. Contém só o poema com os dois argumentos á frente de cada canto. Esta edição é a segunda da casa Rolland.

No leilão de Gomes Monteiro não passou um exemplar de 280 réis.

*
* *

71. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões, correcto e emendado pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro. Com estampas. Rio de Janeiro, Eduardo e Henrique Laemmert, mercadores de livros. 1841.* 8.º 2 tomos de XXXVI–219 pag. e 282 pag.

No rosto vê-se uma pequena lyra ornamentada, differente de outras empregadas nas edições camonianas. Tem ante-rosto com frente e verso: na frente lê-se: *Bibliotheca dos poetas classicos da lingua portugueza.* No verso: *Bibliotheca dos poetas classicos da lingua portugueza.* T. I. (ou T. II). L. (sigla do editor). *Rio de Janeiro, typographia de Laemmert, rua dos Ourives. 1841.*

As estampas são lithographadas, imitando gravura em cobre, coloridas e copiadas, para o formato do livro, das da edição grande do Morgado de Matteus. Porém o desenho, apesar dos ornatos do emmoldurado, que não vem n'aquella edição, é mui imperfeito e o colorido ainda peor que o desenho. A impressão da obra é, em geral, nitida.

No fim do prologo apparecem os nomes de Barreto Feio e Monteiro, que aliás se não vêem na edição de Hamburgo, de que esta se diz copia fiel; e está ante-posta a ode de Filinto ao soneto de Tasso.

Para esse fim, o editor fez uma pequena alteração. Na edição de Hamburgo, a pag. XXXV, lin. 6 a 8, lê-se: ... «limitaremos sómente a offerecer a nossos leitores o juizo dos dois mais principaes; e estes sejam, dos estranhos Torquato Tasso, dos naturaes, o mais insigne dos nossos poetas lyricos, o bom Filinto Elysio.» Na edição brazileira, a pag. XXXVIII, lin. 15 a 18, puzeram: «... limitaremos sómente a offerecer a nossos leitores o juizo dos dois mais principaes: e estes sejam, dos naturaes, o mais insigne dos nossos poetas lyricos, o bom Filinto Elysio; dos estranhos, Torquato Tasso.» Ora, tendo Feio e Monteiro dado, na edição que elles dirigiram, o primeiro logar a Tasso, pela importancia do poeta e por ser estrangeiro; não é muito cordato acreditar-se que elles depois assignassem o prologo, só para confirmar esta alteração, desprimorosa, quando nenhuma outra eu observo no seu trabalho preliminar. Isto prova, n'esta parte, a contrafeição.

O tomo I contém: o prologo (pag. V a XXXV); a advertencia (pag. XXXV e XXXVI); e os cinco primeiros cantos dos *Lusiadas* (pag. 3 e 202); e notas (pag. 205 a 210).

O tomo II contém: os cinco restantes cantos (pag. 7 a 197); e notas (pag 201 a 208) e diccionario de todos os nomes proprios de João Franco Barreto (pag. 211 a 282), que não vem no tomo I na obra dirigida por Feio e Monteiro.

Não é vulgar esta edição em Portugal. O exemplar existente na bibliotheca nacional é da impressão commum. Tenho, porém, visto exemplares em papel me-

lhor. Innocencio possuia um d'essa qualidade, que foi arrematado no leilão da sua bibliotheca por 4$500 réis.

O exemplar existente na bibliotheca nacional tem repetida a pag. 197 do tomo II.

Em Lisboa, possuem tambem exemplares os srs. Fernando Palha, João Antonio Marques, e Antonio Augusto de Carvalho Monteiro; no Porto, o sr. dr. José Carlos Lopes; e no Rio de Janeiro a bibliotheca nacional e o gabinete portuguez de leitura.

No leilão de Gomes Monteiro, foi vendido um exemplar por 2$750 réis.

*
* *

72. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição. Lisboa,* MDCCCXLII. *Na typographia Rollandiana.* 16.º de 397 pag.

Contém só o poema com os argumentos, como as edições anteriores da mesma casa. Typo igual. É a terceira dos impressores Rollands.

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 550 réis.

*
* *

73. *Os Lusiadas de Luiz de Camões. Nova edição feita debaixo das vistas da mais acurada critica em presença das edições primordiaes e das posthumas de maior credito e reputação: seguida de annotações criticas, historicas e mythologicas: Por Francisco Freire de Carvalho, Conego da Sé archiepiscopal metropolitana da provincia da Extremadura, etc. etc. Lisboa, na typographia Rollandiana. 1843.* 8.º de XXVI-1-367 pag. e mais 1 de erratas.

Contém: dedicatoria ao «*Muito illustre escriptor Mr. Ferdinand Denis, entre os sabios estrangeiros um dos mais distinctos cultores e apreciadores da litteratura portugueza,*» etc.; testemunhos de modernos escriptores estrangeiros a favor do poema *Os Lusiadas;* advertencia (pag. IX a XXVI); nota-bene (na pag. innumerada); o poema, sem argumentos (de pag. 1 a 292); annotações criticas, historicas e mythologicas (de pag. 293 a 357); e tabellas de variantes (de pag. 359 a 367).

No verso do rosto poz Freire de Carvalho a seguinte epigraphe, copiada de Filinto:

> Assim Camões, por ti enfurecido,
> Ao cume do Parnaso se avisinha;
> E os Delphicos loureiros,
> Quando elle sobe, curvam
> Ao novo Homero os orgulhosos topes,
> E arredam larga estrada ao Vate egregio.
>
> (FILINTO, *Ode ao Estro.*)

Na advertencia preliminar Freire de Carvalho poz esta observação:

«A presente edição dos Lusiadas, que, de todas quantas tem apparecido até hoje, será porventura a que reproduz o texto do poema o mais conforme á pureza primitiva, em que saíu da penna do seu immortal auctor, leva *Cento e oito* versos corrigidos mais ou menos essencialmente, comparada com as anteriores proximamente dadas á luz em Lisboa pela typographia Rollandiana em um volume de 16.º, as quaes são copias quasi fieis da do Morgado de Matteus, impressa em Paris no anno de 1817, e por consequencia da havida por primeira do anno de 1572. Das *cento e oito* correcções, que leva a presente edição, *cincoenta e tres* são lições com todo o escrupulo copiadas das duas edições, feitas em vida do poeta, ambas, conforme a opinião geral, do anno de 1572... a saber, *trinta e cinco* lições da contada por segunda, e por mais correcta, do que a primeira; e *dezoito* ditas, em que são conformes ambas estas edições.»

Note-se, e isto é essencial para os que tenham de fazer exame do texto do poema, que Freire de Carvalho fez o seu estudo minucioso, e escreveu a sua critica, aliás interessante, em longas e eruditas annotações, persuadido de que o poeta, apesar de viver ao tempo das chamadas duas primeiras edições, nem revira o original d'ellas, nem dirigira a respectiva impressão. É o que eu infiro das palavras com que terminou a sua advertencia (pag. xxv), e que extracto d'este modo:

«... que era muito provavel não fossem feitas sobre o autographo de Camões as duas primeiras edições dos Lusiadas; nem fosse elle quem dirigiu a sua impressão, e lhe reviu e corrigiu as provas; por ser constante o estado de desgostos e de miseria, em que vivia; e que era de igual probabilidade por identidade de razão, que Camões vendesse o seu manuscripto e o privilegio para a impressão do poema a algum especulador...»

Ácerca do trabalho de Freire de Carvalho encontra-se no *Dicc.*, tomo v, pag. 266, sob o n.º 68, a seguinte nota de Innocencio:

«Esta edição é recommendavel pelas correcções criticas propostas pelo editor; e mais ainda pelas eruditas annotações que elle ajuntou, em que se expõem e discutem alguns pontos ainda não tocados, ou que o foram menos destramente pelos editores precedentes.»

No leilão de Sousa Guimarães subiu um exemplar a 730 réis, e no de Gomes Monteiro, a 2$500 réis.

*
* *

74. *Obras completas de Luis de Camões, correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro. Paris, na officina typographica de Fain e Thunot, rua Racine, 28, junto ao Odéon. Lisboa. Acha-se tambem em Paris na livraria européa de Baudry, 3 quais Malaquias, près le pont des Arts. 1843.* 8.º 3 tomos. Com o retrato de Camões.

É a edição de Hamburgo, com a differença apenas da mudança do frontispicio e o acrescentamento do retrato, igual ao que anda nas edições de 1819 e 1836. Vê-se que foi resultado de um accordo com os editores de Hamburgo, para um saldo de papel em ser.

*
* *

75. *Os Lusiadas, poema epico de Luiz de Camões. Nova edição correcta. Pernambuco. Typ. de Santos & Companhia. 1843.* 16.° de 379 pag.

É pouco vulgar esta edição em Portugal. Entre os colleccionadores de Lisboa tem um exemplar o sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro e João Antonio Marques; e no Porto só a possuem os srs. dr. José Carlos Lopes e Antonio Moreira Cabral.

*
* *

76. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões, restituido á sua primitiva linguagem, auctorisada com exemplos extrahidos dos escriptores contemporaneos a Camões; augmentado com a vida d'este poeta, uma noticia ácerca de Vasco da Gama, & estancias e lições achadas por Manuel de Faria e Sousa, as variantes colhidas nas melhores edições, e muitas notas philologicas, historicas, geographicas e mythologicas; por José da Fonseca. Paris. Na livraria europea de Baudry, 3, Quai Malaquias, perto da ponte das Artes. Na livraria portugueza de J. P. Aillaud, 11, Quai Voltaire e em casa de Stassin e Xavier, 9, rue Du Coq. 1846.* 8.° gr. de XXXIV-585 pag. e mais 1 innumerada. Com o retrato do poeta á frente do rosto, e o busto do Vasco da Gama, no fim da noticia que lhe respeita (pag. XXXIV).

No rosto vêem-se ligadas as iniciaes do editor L. P. B. O retrato de Camões, desenho de Gérard e gravura em cobre de B. Roger, foi estampado com a mesma chapa que serviu para as edições de 1819 e 1836. O busto de Vasco da Gama mettido no texto, foi gravado em madeira por Geffroy, com desenho de Laisne e Hans. No verso do ante-rosto tem a designação: «Paris. Na typographia de Fain e Thunot, rua Racine, 28». Esta designação do impressor está repetida na ultima pagina innumerada do livro.

O volume contém: prologo (pag. V e VI); vida de Camões, que termina com os conhecidos sonetos de Tasso e Diogo Bernardes, e varias estrophes da ode de Filinto Elysio ao «Estro» (pag. VII a XXII); noticia de Vasco da Gama e da sua viagem á India, extrahida da chronica d'el-rei D. Manuel por Damião de Goes (pag. XXIII e XXIV); o poema (pag. 1 a 375); estancias despresadas e ommittidas per *(sic)* Camões (pag. 377 a 392); lições varias (pag. 393 a 399); differenças orthographicas (pag. 400 a 401); erros que se encontram nas duas edições de 1572 (pag. 402 e 403); comparação das duas edições (pag. 404 e 405); notas aos cantos (pag. 406 a 569); indice de algumas palavras que não estão ao alcance de todos (pag. 570 a 572); e diccionario de alguns nomes proprios (pag. 583 a 585). Na ultima pagina innumerada, o catalogo das obras que auctorisam a pronuncia de Camões, etc.

No prologo escreveu Fonseca:

«O principal motivo, que me decidiu a emprehender este trabalho, foi o querer eu offerecer, tanto aos meus conterraneos, como aos estrangeiros estudiosos e amantes de Camões, uma edição limpa de alguns erros, que afeiam as precedentes; ajudando-me, para isso, das notas e observações dos editores, que as preparavam, e da liçam dos classicos portuguezes coevos do nosso epico, em cu-

jas obras se acha estabelecida a verdadeira pronuncia do mesmo epico; pronuncia que tão viciada corre nas edições que de seu immortal poema saíram á luz...

«Puz particular desvelo em só me servir, para este trabalho, de edições publicadas por homens de notorio saber e autoridade, dando de mão ás que tiveram por alvo o interesse; visto que similhantes edições, sobre estarem erradissimas, não apresentam uma só lição digna de aproveitar-se...

«Quanto ás notas, escrevi sómente aquellas que julguei indispensaveis á intelligencia de alguns logares duvidosos ou difficeis. As pessoas, que desejarem explicação mais ampla, poderão recorrer ao index dos nomes proprios, que João Franco Barreto annexou aos *Lusiadas*, ou ao Diccionario da Fabula, composto em francez por Chompré, e traduzido em portuguez por Pedro José da Fonseca.»

D'esta edição de José da Fonseca apparecem exemplares em tudo iguaes, menos na capa, que tem a data de 1855, ao passo que no rosto não foi alterado o millesimo 1846.

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 1$250 réis, e no de Gomes Monteiro por 1$500 réis.

*
* *

77. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição. Lisboa, na typographia Rollandiana. 1846.* 16.º de 397 pag.

Contém só o poema com os dois argumentos, como as anteriores edições. Typo igual. É a quarta da casa Rolland.

*
* *

78. *Os Lusiadas de Luiz de Camões, nova edição segundo a do Morgado Matteus, com as notas e vida do autor pelo mesmo, corrigida segundo as edições de Hamburgo e de Lisboa, e enrequecida* (sic) *de novas notas e d'uma prefação, pelo dr. Caetano Lopes de Moura. Pariz, na officina typographica de Firmin Didot, impressor do Rei, e do Instituto; Rio de Janeiro, rua da Quitanda, 97. 1847.* 8.º de 4 innumeradas-II-415 pag. — No verso do ante-rosto tem a designação: «Paris, typographie de Firmin Didot Frères, rue Jacob, 56». A introducção e notas em corpo 10 e o texto em corpo 8.

Contém: prefação (pag. I e II); advertencia (pag. 1 a 29); vida de Camões pag. 31 a 82); o poema (pag. 83 a 363); notas (pag. 365 a 415).

Na prefação fez o dr. Lopes de Moura esta observação:

«A edição, que presentemente damos dos Lusiadas, do primeiro poema epico, que appareceu no orbe litterario impresso e escripto n'uma das linguas modernas da Europa meridional, e que, segundo o dito do celebre Montesquieu, correndo parelhas em sublimidade com os poemas de Homero, tem a magnificencia da Eneida de Virgilio, é a mais correcta de quantas hão até agora apparecido em França. O texto do poema acha-se restituido á sua primitiva pureza, expurgados e corrigidos os erros em que havia incorrido o Morgado Matteus...

«As notas pois, que ajuntamos, servirão unicamente de justificar as differentes correcções feitas no texto das precedentes edições do Morgado Matteus, o qual,

se fôra vivo em 1826, não teria occasião para queixar-se, como o fez no principio de sua *Advertencia*, de que nenhum editor houvesse mostrado a differença de lições que se observava nas duas edições originaes, caracterisando a *primeira e segunda*, e cedendo ás razões convincentes allegadas pelo erudito M. Mablin na carta á Academia das sciencias de Lisboa ácerca do texto dos Lusiadas, teria preferido o texto da edição reputada segunda ao da primeira...»

Ao ler os titulos do rosto, e a prefação, que não vae além de duas paginas, mas que é promettedora, julgar-se-ha que o dr. Lopes de Moura colligiu novos elementos para a historia de Camões e da sua monumental obra; no entretanto, vê-se que a advertencia, que segue á prefação, é a que o Morgado de Matteus poz á frente da edição de 1819; que a vida do poeta (de pag. 31 a 92), e as notas, que correm de pag. 365 a 406, são tambem do mesmo auctor; e que o dr. Lopes de Moura, em as notas de sua lavra, de pag. 407 a 415, apenas copiou, plagiou ou alterou e resumiu, com pallido reflexo, as avantajadas e eruditissimas notas de Freire de Carvalho.

Elle, porém, para se salvar um tanto da responsabilidade do plagiato, escreveu o seguinte na primeira nota ao canto I:

«Assim o observou já mui judiciosamente o eruditissimo sr. Francisco Freire de Carvalho, a quem tomamos emprestadas estas e outras notas, na optima edição que d'este eximio poeta publicou em Lisboa no anno de 1843.»

No fim das notas copiadas da edição de 1819 deixou tambem Moura que reproduzissem o N. B. ácerca do manuscripto de Filinto, que era desnecessario; e, apesar do cuidado que dizia ter na revisão, apparecem muitos erros em todo o livro, e no canto IX, est. 16, saiu:

Do mar incerto, temidos e ledos:

quando devia ser

...... timidos e ledos:

erro que se nota na edição de 1819.

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 630 réis, e no de Gomes Monteiro por 520 réis.

*
* *

79. *Os Lusiadas, Poema epico de Luiz de Camões. Nova edição correcta. Rio de Janeiro na livraria de Agostinho de Freitas Guimarães e C. Rua do Sabão n.° 26. 1849.* 16.° de 397 pag. — No verso do rosto e no pé da ultima pagina do livro tem a designação: «Typ. de A. de F. Guimarães e C. Rua do Sabão n.° 135».

Contém só o poema, com os dois argumentos, antes de cada canto. Composição typographica em corpo 8 ou 9.

Não é nada vulgar esta edição em Portugal, não obstante constar que o editor fez d'ella uma tiragem de 3:000 exemplares.

No leilão de Sousa Guimarães arremataram um exemplar por 720 réis, e no de Gomes Monteiro por 1$250 réis.

*
* *

80. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição. Lisboa, na typographia Rollandiana, 1850.* 16.º de 397 pag.

Contém só o poema com os dois argumentos, como as anteriores edições. Typo igual. É a quinta publicada pelos livreiros editores Rolland.

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 700 réis.

*
* *

81. *Obras de Luiz de Camões. Lisboa. Escriptorio da Bibliotheca Portugueza, rua Augusta n.º 110. 1852.* 18.º 3 tomos, de XXI-574 pag., 685 pag., e 453 pag.

No prologo lê-se (pag. IX):

«Tivemos á vista exemplares de muitas edições, pozemos porém particular desvelo em só nos servirmos das publicadas por homens de notorio saber e auctoridade. As idéas, e, quasi sempre, as proprias palavras dos sabios editores das edições de Hamburgo de 1834 — de Lisboa de 1843 — e de Paris de 1846 — foram as de que, com preferencia, nos servimos para enriquecer a presente edição.»

O tomo I contém: prologo (pag. VII a X); catalogo das edições dos Lusiadas, extrahido da Carta sobre a situação da ilha de Venus (pag. XI a XVI); catalogo das traducções dos Lusiadas, extrahido do poema *Camões* de Garrett (pag. XVII a XXI); o poema (pag. 1 a 374); estancias despresadas e ommittidas por Camões (pag. 375 a 399); lições varias (pag. 400 a 419); differenças orthographicas das duas edições de 1572 (pag. 420 a 422); erros das duas edições citadas (pag. 423 a 426); comparação das mesmas edições (pag. 427 a 432); notas ao poema (pag. 433 a 529); diccionario dos nomes proprios (pag. 530 a 574).

O tomo II contém: os sonetos, as eglogas, as redondilhas, e outras composições, pela ordem por que as collocaram os editores de Hamburgo, com as mesmas notas que escreveram Feio e Monteiro; isto é, as rimas que estes illustres annotadores pozeram na sua edição no tomo II e parte do tomo III (pag. 9 a 252), vem na edição da bibliotheca portugueza (1852) só no tomo II.

O tomo III contém: as tres comedias (pag. 5 a 227); as duas cartas (pag. 228 a 252); as obras attribuidas a Camões, etc. (pag. 253 a 377); a vida de Camões (pag. 379 a 441); notas (pag. 443 a 447); advertencia e index (pag. 449 a 453).

Comparando novamente a edição de Hamburgo com a de José da Fonseca, vi que os editores da «Bibliotheca Portugueza», servindo-se, como já mencionei, da ordem dos trabalhos de Feio e Monteiro para o tomo II, e para a vida do poeta no tomo III, copiaram Fonseca nas peças que vão no tomo I em seguida ao poema.

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 1$000 réis; e no de Gomes Monteiro por 1$300 réis.

*
* *

82. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição. Lisboa, na typographia Rollandiana. 1854.* 16.º de 397 pag.

Como as edições anteriores. É a sexta da casa Rolland.

*
* *

83. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Edição publicada por Domingos José Gomes Brandão. Rio de Janeiro. Em casa de D. J. G. Brandão. Rua da Quitanda, n.º 70; Brandão & Irmão, mesma rua, n.º 124. 1855.* 16.º de 397 pag.—No verso da folha de rosto, e no pé da ultima pagina, a indicação: «Typographia Brasiliense de M. G. Ribeiro. Rua do Sabão n.º 114.»

Contém só o poema com dois argumentos. Edição similhante ás da casa Rolland, de Lisboa. Parece que a tiragem foi de 2:000 exemplares destinados ás escolas primarias.

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 2$050 réis.

*
* *

84. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Edição publicada por Agra & Irmão. Rio de Janeiro. Vende-se em casa de Agra & Irmão. Rua do Ouvidor n.º 85. 1855.* 16.º de 397. — No verso da folha do rosto, e no pé da ultima pagina, a indicação: «Typographia Brasiliense de M. G. Ribeiro. Rua do Sabão n.º 114.»

Esta edição é o aproveitamento da anterior, publicada sob o nome da casa Brandão & Irmão, só com a differença do frontispicio.

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 2$050 réis.

*
* *

85. *Os Lusiadas, poema epico de Luiz de Camões. Nova edição feita debaixo das vistas da mais accurada critica em presença das duas edições primordiaes e das posteriores de maior credito e reputação: Seguida de annotações criticas, historicas e mythologicas. Com estampas Rio de Janeiro em casa dos editores Eduardo & Henrique Laemmert, Rua da Quitanda, 77. 1856.* 8.º 2 tomos de xv-234 pag. e 287 pag.

Tem os ante-rostos como os da edição de 1841, mencionada sob o n. 71. A indicação da imprensa no verso do ante rosto e no fim do livro, é: «Typographia de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B.» As estampas são das mesmas pedras lithographicas com pequenas variantes no colorido tosco.

A advertencia, menos o N. B., e as annotações criticas, são copiadas da edição de Freire de Carvalho. Omittiram porém as tabellas, que correm n'aquella de pag. 359 a 367; e puzeram a mais o diccionario dos nomes proprios de João Franco Barreto, com o que fecha o volume.

A esta edição sob o n.º 78 poz Innocencio no *Dicc.*, tomo v, pag. 266, a seguinte nota:

«... os mesmos editores fizeram no proprio anno de 1856 outra edição dos *Lusiadas* em 8.º pequeno, de 395 pag., com um retrato colorido. No frontispicio diz: *Nova edição para uso das escolas*, e prosegue como na outra, supra descripta com as palavras: *feita debaixo das vistas*, etc.: porém é notavel que, promettendo-se ahi annotações, estas não apparecem no livro, e só sim o texto simples, sem advertencia preliminar, e sem argumentos, etc.»

No catalogo da camoniana da bibliotheca nacional do Rio Janeiro, publicado nos *Annaes* da mesma bibliotheca, vol. II, fasc. n.º 1, pag. 70, o sr. dr. Saldanha da Gama, notando que houvera equivoco da parte dos srs. visconde de Juromenha e Innocencio da Silva, suppondo que os editores Laemmert publicaram no indicado anno outra edição em menor formato, acrescenta em resposta ao que acima copiei:

«Cremos que os dois distinctos escriptores se enganam. Os editores Laemmert publicaram, é certo, uma edição com este titulo in-8.º pequeno de 395 pag., mas muito mais tarde; ella é de 1868, e não de 1856, e não promette no titulo, como dizem aquelles escriptores, annotações que não apparecem...»

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 2$100 réis, e no de Gomes Monteiro por 2$000 réis.

*
* *

86. *Os Lusiadas, poema epico de Luiz de Camões. Nova edição. Lisboa, na typographia Rollandiana, 1857.* 16.º de 397 pag.

Como as anteriores. É a setima da livraria editora Rollandiana.

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 140 réis, e no de Gomes Monteiro por 320 réis.

*
* *

87. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Paris. Typ. de Vanduil, rue de Saint Honoré, n.º 1490. 1857.*

Como não tenho presente nenhum exemplar, reproduzirei a nota que por igual vem nas *Obras* pelo sr. visconde de Juromenha, tomo I, de pag. 481 a 482, e em Innocencio, *Dicc.*, tomo v, pag. 267, sob o n.º 80:

«É de formato inqualificavel, pois tem a altura do antigo *quarto portuguez*, e largura igual á do *oitavo* assim chamado: de modo que em cada pagina comprehende cinco estancias! Contém ao todo 252 pag. Esta edição traz os argumentos em prosa e verso no começo dos cantos, sem mais notas, advertencia, ou explicação alguma. É feita sem esmero typographico, e abunda em erros, como tive

occasião de observar em um exemplar que ... me enviou do Rio de Janeiro o sr. M. de Mello. — A indicação do logar da impressão e suppositicia, como para logo conhece qualquer mediocremente versado nas cousas da typographia. Consta que fôra impressa em Nictheroy, na typ. de Quirino & Irmão, por industria do editor Antonio José Ferreira da Silva, portuguez, então estabelecido no Rio de Janeiro com loja de livros, estampas e bijouterias.»

Segundo me informou o sr. Tito de Noronha, é effectivamente uma edição muito ordinaria, em mau papel e mal impressa.

No verso do rosto, lê-se: *A venda no Rio de Janeiro em casa de Antonio Ferreira da Silva, rua da Quitanda n.º 19.* No fim repete: *Typ. de Vanduil, rue Saint Honoré, n.º 490.* É edição mui incorreta, e até na ultima estancia do ultimo canto, primeiro verso:

ou trazendo que ...

em logar de

ou fazendo que ...

Tem um exemplar o sr. Antonio Moreira Cabral, do Porto, adquirido no espolio do fallecido Antonio Martins Leorne.

*
* *

88. *Os Lusiadas de Luis de Camões. Nova edição segundo a do Morgado Matteus com as notas e vida do autor pelo mesmo corrigida segundo as edições de Hamburgo e de Lisboa e enrequecida* (sic) *de novas notas e d'uma prefação pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. Pariz na officina typographica de Firmin Didot impressor do Instituto. Rio de Janeiro, rua da Quitanda, 97. 1859.* 8.º de 4 (innumeradas)-ii-415 pag.—No verso do ante-rosto vem a designação do impressor: «Typographie de H. Firmin Didot. Mesnil (Eure).»

Confrontando esta edição com a de 1847, mencionada acima sob o n.º 78, parece-me que é a mesma só com a differença do rosto. Em algumas folhas a côr do papel é mais clara, mas esta alteração dá-se muitas vezes até na mesma resma. Os typos e a espacejação são iguaes em ambas as edições, e os erros repetem-se nas mesmas linhas.

Por exemplo em ambas:

O titulo da prefação (pag. 1): PREFAÇAO.

Na mesma pag., lin. 16: forão

Na mesma pag., lin. 25: serviraõ

Na pag. ii, lin. 4: erudito. M.

Na pag. 14, lin. 26: lem

Na pag. 109, ultimo verso do canto i: tão (está ferido o til do *ã*)

Na pag. 110, primeiro verso do canto ii: Já (o accento agudo está ao lado do *a*, devendo estar superior á letra)

Na pag. 304, no ultimo verso da est. 16, lê-se *temidos*, em vez de *timidos*.

Nota o sr. dr. Saldanha da Gama, nos *Annaes* citados, que na edição de 1847 estão a pag. 31, lin. 30, e a pag. 32, lin. 11, as palavras: *ingratidõo* e *algums;* que na de 1859 foram emendadas para: *ingratidão* e *alguns*. D'ahi infere que, n'esta ultima edição, era possivel que, alem das paginas do ante-rosto e rosto, mandassem compor de novo uma ou outra folha. São, porém, de tão insignificante valor esses erros, que o que me parece provavel é que tivessem sido reparados no correr da impressão.

O sr. dr. José Carlos Lopes escreve-me que, da edição de Moura, possue um exemplar sem data no rosto, mas é evidentemente igual em tudo o mais á de 1847.

O exemplar existente na bibliotheca nacional de Lisboa foi offerecido em março de 1880 a este estabelecimento pelo hoje illustre terceiro conservador, e presentemente consul geral de Portugal em Zanzibar, sr. visconde de Castilho (Julio), e pertencêra a seu tio o conselheiro José Feliciano de Castilho. É unico e notavel. Está alterado e annotado, em todas as paginas, do proprio punho do erudito investigador e polemista. Reproduziu ahi as variantes e annotações feitas por Filinto no celebre manuscripto de que já tratei. Isto mesmo declara o offerente n'uma nota autographa.

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 560 réis, e no de Gomes Monteiro por 1$500 réis.

*
* *

89. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição. Lisboa, na typographia Rollandiana, 1860.* 16.º de 397 pag.

Contém só o poema com os dois argumentos, como nas anteriores edições. É a oitava da casa Rolland.

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 340 réis, e no de Gomes Monteiro por 200 réis.

*
* *

90. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição. Lisboa, typ. de L. C. da Cunha. Entulhos da Rua de S. Mamede, 5, 1860.* 16.º de 397 pag.

Edição feita conforme as dos livreiros editores Rolland, posto que com uma pequena differença no papel, que é um quasi nada maior. Parece-me que é a primeira do impressor Luiz Correia da Cunha.

No leilão de Gomes Monteiro o exemplar da sua collecção foi arrematado por 300 réis.

*
* *

91. *Os Lusiadas, poema epico de Luiz de Camões. Edição publicada por Domingos José Gomes Brandão. Rio de Janeiro, em casa de D. J. G. Brandão, rua da*

Quitanda, n.º 70; Brandão & Irmão, mesma rua, n.º 124. 1861. 16.º de 397 pag.— No verso da folha do rosto, e no fim da ultima pagina a indicação: «Rio de Janeiro, typographia de Quirino & Irmão, Rua da Assembléa, n.º 54».

Contém só o poema com dois argumentos. É a considerada segunda dos mesmos editores. A primeira é a que ficou mencionada sob o n.º 83.

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 610 réis, e no de Gomes Monteiro por 1$300 réis.

*
* *

92. *Selecta Camoniana ou excerptos dos Lusiadas com summarios e notas explicativas por Antonio José Viale, professor de litteratura grega e latina, no curso superior de letras, e socio effectivo da academia das sciencias. Lisboa, livraria de V. Bertrand & Filhos, aos Martyres, 73. 1863.* 12.º gr. de 8 innumeradas-314 pag. e mais 1 de erratas.

No verso do rosto lê-se a nota do editor: «Depositada na bibliotheca nacional de Lisboa para os effeitos da lei de 8 de julho de 1851». E a designação do impressor: «Typographia Universal. Rua dos Calafates (hoje, rua do Diario de Noticias), 110». No rosto, por cima da sigla do editor A. S., a seguinte epigraphe:

Selige de libris optima quaeque bonis.
L.

A sigla A. S. era a de que usava Albano Anthero da Silveira Pinto (hoje fallecido), que se entregava á publicação de livros para as escolas primarias, com o intuito de augmentar o trabalho na typographia Universal, e n'aquella epocha um dos proprietarios d'ella.

A impressão da *Selecta* é commum, em papel inferior, como em geral as edições feitas para as escolas, e por preço baixo. Custava 320 réis. No prologo declara o erudito auctor que compoz este livro: «Supprimindo os logares perigosos á infancia dos primeiros annos; fazendo preceder de um summario cada um dos excerptos, indicando n'elle o assumpto de que trata; acrescentando aos descriptos no fim do livro, breves notas, nas quaes dá resumida noticia dos personagens historicos ou mythologicos; elucidando nas mesmas notas os passos escabrosos, ou que encerram alguma difficuldade; alguns desprimores metricos e outros descuidos incorridos pelo poeta», etc.

No exemplar existente na bibliotheca nacional, em ampliação ao que se lê a pag. 311, lin. 27: «*Heroas.* Os commentadores de Camões confessam a sua ignorancia sobre os Heroas de que o poeta entende aqui de fallar» — puzeram á margem em manuscripto o seguinte:

«Camões quiz recordar o nome antigo de Sués, que era Heroépolis, isto é, a cidade dos Héroas. — 7 Novembro 79. J. C.»

O prologo occupa quatro paginas, incompletas; seguem-se os excerptos por cantos (pag. 1 a 272), e as notas (pag. 273 a 314).

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 220 réis, e no de Gomes Monteiro por 400 réis.

*
* *

93. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição. Lisboa, na typographia Rollandiana, 1863.* 16.° de 397 pag.

Exactamente como as anteriores. É a nona edição da casa Rolland.

*
* *

94. *Os Lusiadas, poema epico de Luiz de Camões. Lisboa, typ. de L. C. da Cunha, 1864.* 16.° de 397 pag.

Não vi esta edição. Vem, porém, citada no *Manual bibliographico*, de Ricardo Pinto de Mattos, do Porto; e nos catalogos das bibliothecas dos fallecidos Domingos José de Castro e do visconde de Macedo Pinto. O exemplar de Castro foi vendido por 420 réis.

*
* *

95. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição. Lisboa, na typographia Rollandiana, 1865.* 16.° de 397 pag.

Como as anteriores edições. É a decima dos livreiros editores Rolland.

*
* *

96. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição conforme á de 1817, in-4.°, de Dom José Maria de Sousa Botelho, Morgado de Matteus, correcta e dada á luz por Paulino de Sousa, bacharel em sciencias. Paris em casa de Vᵉ J. P. Aillaud, Guillard e C.ᵉ 47, rua Saint André-des-Arts, 47. 1865.* 12.° de 12-536 pag. Com retrato.

O frontispicio é impresso a preto e encarnado, e tem ao centro as armas de Portugal e do Brazil, ligadas e ornadas com palmas, rematadas com a sigla dos editores A. G. (Aillaud, Guillard). O retrato de Camões é gravado em cobre, em pequeno formato, podendo servir tanto para os livros em 8.° como em 16.°; o desenho é de Schneider e a gravura de Fournier, com a data de 1864. No começo de cada canto, alto da pagina, vê-se uma vinheta allegorica, aberta em madeira, sendo os desenhos das primeiras seis de L. Penet e as gravuras de Sargent; e os das quatro restantes, de Lix e Lehuger. O trabalho do retrato é fino, mas no das gravuras em madeira não se encontram primores. No fim do livro tem a indicação typographica: «Poissy. Typographia de A. Bouret».

Este livro contém: ao leitor portuguez (preambulo, em duas pag, innumeradas); prologo (5 pag. innumeradas); aviso da edição de 1818 (pag. 1 a 3); discurso preliminar apologetico e critico (pag. 4 a 27); breve analyse do poema de Camões (pag. 28 a 33); breve noticia da vida de Camões (pag. 34 a 41); o poema, com os dois argumentos (43 a 443); e o indice dos nomes proprios que se con-

têm nos *Lusiadas* por Franco Barreto, augmentados e corrigidos por Paulino de Sousa.

O discurso preliminar, a analyse do poema e a vida de Camões, são copiados da edição de Thomás de Aquino. No prologo, Sousa escreveu:

«O retrato com que vae ornada esta edição é talvez o unico que representa a verdadeira physionomia, e as nobres feições do poeta guerreiro; aquelle que se conhece geralmente foi delineado por Gérard, e quasi nada tem do typo portuguez: o que será facil verificar por uma simples comparação.

«Trabalhámos sem poupar-nos, e quanto julgámos preciso para que esta nossa edição se apresentasse limpa de erros, e sem as imperfeições que se notavam em muitas das que vieram á luz anteriormente.»

Apesar d'isso, noto que a pag. 341 deixou saír na est. 65 do canto VIII este verso:

Na geração de Adão, co'a falsidade;

quando devia ler-se, como já notei acima, a proposito da edição de 1819:

Na geração de Adão co'a falsidade

e na pag. 360, não corrigiu o ultimo verso da est. 16 do canto IX:

Do mar incerto, temidos e ledos

que devia corrigir:

Do mar incerto, timidos e ledos:

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 1$500 réis, e no de Gomes Monteiro por 1$000 réis.

*
* *

97. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição feita debaixo das vistas da mais acurada critica em presença das duas edições primordiaes e das posteriores de maior credito e reputação: Seguida de annotações criticas, historicas, e mythologicas. Com estampas. Rio de Janeiro em casa dos editores Eduardo & Henrique Laemmert. 77, rua da Quitanda, 77. 1866.* 8.º 2 tomos de XVI-234 pag. e 287 pag.

O retrato e as estampas são lithographadas e coloridas, differentes no desenho das que empregaram na edição de 1841, e posto que os traços sejam mais correctos, o colorido é por igual mau.

D'esta e de outras edições camonianas, feitas no Brazil, não são vulgares os exemplares em Portugal.

*
* *

98. *Os Lusiadas, poema epico de Luiz de Camões. Nova edição. Lisboa, typ. de F. X. de Sousa & Filho. 26, rua do Ferregial de Baixo, 26. 1867.* 16.º de 397 pag.

*
* *

99. *Os Lusiadas, poema epico de Luiz de Camões. Nova edição. Lisboa, typ. de L. C. da Cunha. 5, calçada do Conde de Penafiel, 5. 1868.* 16.º de 397 pag. —Tem mais a indicação: «Á venda na livraria de J. J. Bordallo. 24, rua Augusta, 26».

A proposito das edições feitas por este impressor (o já fallecido, Luiz Correia da Cunha, da Costa do Castello) e com a indicação do livreiro onde estavam á venda, convem lembrar uma circumstancia, que me foi rememorada por um antigo livreiro editor.

O Correia da Cunha costumava fazer as edições de 2:000 ou 4:000 exemplares, em papel muito ordinario e impressão mui tosca, por sua conta. Depois, ajustava a venda com os livreiros aos centos com grande abatimento, e fazia para cada um frontispicio especial, em que declarava o nome d'elles, como editores. D'este modo, era possivel apparecer no mesmo anno a mesma edição com dois ou tres nomes, o que significava que cada um d'elles ficára com sua parte. A edição tinha comtudo esta differença para o mercado, e é possivel que assim alguma figure em camonianas como de diversa procedencia; mas, confesso que tambem não posso averigual-o.

*
* *

100. *Os Lusiadas, poema epico de Luiz de Camões. Nova edição para uso das escolas feita debaixo das vistas da mais acurada critica em presença das duas edições primordiaes e das posteriores de maior credito e reputação. Rio de Janeiro. Em casa dos editores Eduardo & Henrique Laemmert. 68, rua do Ouvidor, 68. 1868.* 16.º pag. de 395 pag. Com o retrato do poeta colorido.

Este retrato é o mesmo que serviu para a edição de 1866 (n.º 97). O livrinho contém só o texto do poema, e era o destinado ás escolas, mencionado por equivoco, como já indiquei sob o n.º 85.

*
* *

101. *Obras de Luiz de Camões, precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida augmentados com algumas composições ineditas do poeta pelo visconde de Juromenha. Lisboa. Imprensa Nacional. 1860-1869.* 8.º gr. 6 tomos.

A edição é mui nitida, impressa com caracteres modernos e inteiramente novos, e honra o estabelecimento typographico d'onde saiu. Teve tiragem especial, em papel superior, para brindes.

O retrato foi desenhado e gravado em cobre por Sousa (Joaquim Pedro de Sousa, professor da antiga academia de bellas artes de Lisboa, hoje fallecido). É imitado do de Gérard, porém com traço mais franco. Foi estampado na officina, que então possuia a mesma academia, pelo habil estampador Silencio (Silencio Christão de Barros, tambem já fallecido).

Na dedicatoria á nação, o illustre editor poz estas formosas phrases:

«... separado inteiramente da vida publica, mas devorando-me ao mesmo tempo o desejo de me não tornar inteiramente um cidadão inutil e esteril na sociedade onde nasci, procurei como allivio, ou antes emprego muito agradavel, fazer a autopsia d'esse coração tão portuguez, que ahi exponho ao publico tão palpitante ainda de patriotismo. Possa sempre aquelle fogo sagrado do amor da patria que o abrasou em vida, inflammar os meus prezados conterraneos a acções tão nobres e generosas como aquellas das quaes elle foi tão elevado pregoeiro.»

O tomo I (impresso em 1860), de XXI-516 pag., com o retrato de Camões, contém: á nação portugueza (dedicatoria, pag. V e VI); advertencia preliminar (pag. VII a XXI); vida de Camões (pag. 1 a 175); elogios dedicados a Camões por alguns escriptores, em verso (pag. 176 a 208); traducções dos *Lusiadas* e outras obras de Camões. e relação dos auctores estrangeiros que escreveram sobre o poeta (pag. 209 a 302); escriptores portuguezes, que citaram ou escreveram ácerca de Camões, ou lhe dedicaram escriptos em prosa ou verso (pag. 303 a 415); nota dos artistas, que desenharam, gravaram ou pintaram retratos, ou quadros relativos a Camões (pag. 417 a 451); nota das medalhas gravadas e cunhadas em honra de Camões (pag. 453 a 455); nota dos projectos dos monumentos que deviam ser erigidos ao egregio poeta (pag. 457 a 464); relação das edições camonianas (pag. 445 a 484); e notas, em numero de 96, á biographia (pag. 485 a 516).

O tomo II (1861) de 2 innumeradas-XXIV-572 pag. e mais 1 de erratas, contém: advertencia preliminar (pag. V a XXIV); rimas (sonetos, CCCLII; canções, XXI; sextinas, V; odes, XIV; oitavas, IX), de pag. 1 a 362; notas ás rimas (pag. 363 a 565), e indice (pag. 567 a 572).

N'este tomo, entre o ante-rosto e o rosto, vem cinco especimens de manuscriptos, em duas paginas lithographadas, d'este modo: 1 *fac-simile* da assignatura de D. Catharina de Athaide; 2 mss. pertencentes ao editor; 3 mss. autographos de Manuel de Faria e Sousa; 4 mss. de L. Franco; 5 mss. Triumphos de Petrarca.

O tomo III (1861), de 520 pag., contém a continuação das rimas: eglogas, XVI (pag. 5 a 162), elegias, XXV (pag. 163 a 265); *Da creação e composição do homem,* que não é de Camões, tres cantos (pag. 267 a 324); notas explicativas, pertencentes aos tres cantos *Da creação do homem* (pag. 325 e 326); peças relativas aos indicados tres cantos (pag. 327 a 357); notas ás rimas (pag. 359 a 518); e indice (pag. 519 e 520).

O tomo IV (1863), de 492 pag., contém a continuação das rimas: redondilhas (pag. 5 a 191); as comedias *Elrei Seleuco* (pag. 195 a 258); *Os amphitriões* (pag. 259 a 325); e *Filodemo* (pag. 325 a 417); notas ás redondilhas (pag. 419 a 480); e notas ás comedias (pag. 480 a 488); e indice (pag. 489 a 492).

O tomo V (1864), de 451 pag., contém: Triumphos de Francisco Petrarca traducção: *Triumpho do Amor,* da *Castidade,* da *Morte,* e da *Fama,* e respectivo commentario (pag. 5 a 215); prosas, contendo sete cartas e a *Satyra do Torneio* (pag. 219 a 248); appendice primeiro, contendo: poesias referidas a Camões por alguns escriptores (pag. 249 a 309); documentos, que ampliam as informações biographicas, já dadas em outros incluidos no tomo I (pag. 311 a 319); nota de traducções dos *Lusiadas* e outras obras de Camões, e noticia de alguns auctores estrangeiros e portuguezes que escreveram sobre o poeta (pag. 321 a 348); nota dos artistas que executaram obras em honra do poeta (pag. 350 a 358); nota de medalhas em honra de Camões (pag. 359 a 361); projectos dos monumentos a Ca-

mões (pag. 364 a 387); noticia das edições das obras do poeta (para acrescentar ás que vem no tomo I) (pag. 389 a 411); indice chronologico das edições das rimas de Camões que demonstra como successivamente se foram acrescentando as collecções de poesias que se imprimiram posthumas (pag. 415 a 435); considerações ácerca da traducção dos *Triumphos de Petrarca* (pag. 437 a 451); e rectificações (pag. innumerada).

O sr. visconde explica os motivos que o levaram a dar este appendice, escrevendo o seguinte:

«Julgámos dever dar em additamento n'este appendice ás obras e noticias que já publicámos e dizem respeito a Camões e ao seu poema, algumas que esqueceram, e outras que vieram ao nosso conhecimento ou se publicaram de novo, depois que saiu á luz o primeiro volume d'esta edição até ao quinto, que agora sáe do prelo, bem como algumas addições aos artigos já publicados no citado volume...

«Fica pois guardado para o segundo appendice dar noticia das obras das quaes, alem das que agora se publicam, houver conhecimento ou saírem no intervallo que decorrer até o final complemento d'esta edição, para cujo fim se procede desde já a novas indagações fóra do reino, no que diz respeito a auctores estrangeiros.»

Tomo VI (1869), de XXXI–542 pag. e 1 innumerada de erratas, com o retrato de Vasco da Gama e outras estampas, contém: dedicatoria á memoria de Vasco da Gama e Camões (pag. VII e VIII innumeradas); prologo (pag. IX a XXIV); argumento do poema (pag. XXV a XXXI); os *Lusiadas* (pag. 1 a 395); estancias desprezadas e omittidas por Luiz de Camões na primeira impressão do seu poema conforme os dois mss. descobertos por Manuel de Faria e Sousa (pag. 397 a 419); lições varias (pag. 421 a 458); apothegmas (pag. 459 a 464); tabella das edições das obras de Camões, em numero de 97 (pag. 465 a 470); tabella das traducções (pag. 471 a 475); differenças orthographicas, confrontação feita entre as duas edições dos *Lusiadas* de 1572 (pag. 473 a 519); estancias extrahidas da *Ulissea* de Gabriel Pereira de Castro (pag. 521 a 527); notas (pag. 529 a 542); e erratas (pag. innumerada).

Este tomo, alem do retrato de Vasco da Gama, tambem gravado a cobre por Sousa, tem mais em lithographia: as naus que foram á India em 1497 (*fac-simile* de uma aguarella), estampa desdobravel, entre as pag. XXXI e a pag. 1, á frente do poema; os bustos de Vasco da Gama e Paulo da Gama, seu irmão, copias dos que existem no claustro de Belem, entre as pag. 130 e 131, em frente do começo do canto IV, e o de Nicolau Coelho e de Pedro Alvares Cabral, entre as pag. 342 e 343, em frente do começo do canto X; serie de *fac-similes* de assignaturas de reis e membros da familia real, desde el-rei D. Diniz até el-rei D. Sebastião, e cardeal D. Henrique; vice-reis e governadores da India, desde D. Francisco de Almeida até D. Luiz de Athayde; e homens notaveis da India, desde Antonio da Silveira até D. Alvaro de Castro, 18 estampas seguidas, em pagina, collocadas entre as pag. 528 e 529.

Os factos ignorados relativos a Camões, e os ineditos, introduzidos n'esta edição do sr. visconde de Juromenha, são:

No tomo I: factos principaes: a data do obito do poeta em 1580 (pag. 129), com documento incontestavel (pag. 172), e a sobrevivencia da mãe Anna de Sá, tambem provada com documento (pag. 172 e 173). Ineditos: a satyra de André Falcão de Rezende (pag. 194 a 205).

No tomo II: as odes XIII e XIV (pag. 289 a 293); e a oitava IX (pag. 343).

No tomo III: a egloga XVI (pag. 158) e as elegias XXV, XXVI, XXVII, XXVIII e XXIX (pag. 247 a 265).

No tomo V: as cartas VI e VII (pag. 239 a 244); e a elegia a Luiz de Camões sobre os amores da escrava (pag. 307).

Alem de outras, as peças mais duvidosas e contestaveis, que occupam mais de 300 paginas, e que podiam deixar de ser incluidas n'esta collecção, aliás digna de apreço por muitas circumstancias, são: a *Creação e composição do homem*, no tomo III, de pag. 267 a 357, com uma nota de pag. 516 a 518; e os *Triumphos de Petrarca*, traducção, no tomo V, de pag. 5 a 215, com umas observações criticas e transcripção, de pag. 462 a 467.

Em as notas do tomo III, vem de pag. 516 a 518 uma relativa á *Creação do homem*, em que o proprio sr. visconde confessa que esta composição não é de Camões. Ahi leio o seguinte:

«Este poema imprimiu-se pela primeira vez em nome de Camões, no anno de 1615... Não são de Camões estas oitavas, e não é preciso ser muito atilado para o conhecer... Hoje não só posso affirmar com plena certeza que não são de Camões, mas, graças ao ex.mo sr. Vicente Ferrer Netto Paiva... indicar afoutamente o verdadeiro auctor, que foi, sim, um amigo de Camões (porém não o poeta), isto é, André Falcão de Rezende, sobrinho do nosso archeologo André de Rezende. De um exemplar ainda não completo das obras d'este auctor, aliás interessantes a mais de um respeito, que na imprensa da universidade se imprime debaixo da inspecção de s. ex.a... e d'onde pude já extractar uma carta inedita dirigida ao seu amigo Camões, tirei não só as dedicatorias de André Falcão ao duque de Aveiro, que junto, mas os versos latinos do medico Pedro Gomes em elogio do auctor, a quem pela sua profissão devia extremamente agradar o poema, e o qual, na fórma usada d'estes encomios, não deixa de comparar o nosso André Falcão a Homero e Virgilio ...»

No fim do tomo V, pag. 442, escreveu o illustre editor esta nota relativamente á versão dos *Triumphos de Petrarca:*

«Estava já escripta esta nossa exposição, quando mostrámos as folhas *já impressas* da traducção desconhecida a pessoa que reputâmos de maxima competencia em assumptos de litteratura. As suas opiniões a este respeito são inteiramente oppostas ao nosso parecer, fundando-se nas muitas imperfeições que n'ella encontra. O nosso acatamento pela sua auctoridade, e não menos a nossa lealdade, reclamam que aqui deixemos consignada esta sua convicção, que apesar de tudo não abalou a nossa.

«Acrescentámos porém que, bem ou mal attribuida, o publico illustrado poderá ler pela primeira vez vertido em linguagem nacional o poema do vate italiano, sendo assim mesmo para lastimar que esta versão não se ache completa...»

No exemplar d'este tomo, da collecção da bibliotheca nacional de Lisboa, estão annotadas á margem as pag. 444 a 447, em que o sr. visconde poz um trecho do *Triumpho da Morte* com a versão em frente. A ultima d'essas notas é a seguinte (pag. 447):

«Em 70 versos, 25, pelo menos, errados. Quasi nunca exprimidos os bellos pensamentos do original. Apenas meia duzia de versos bons. E o traductor foi *athleta* a luctar contra outro athleta.»

Allusão ás phrases finaes do editor, que rematou o tomo d'este modo:

«Quem ao ler esta parte traduzida, comparando-a com o original, deixará de reconhecer que houve lucta de athleta contra athleta», etc.

Note-se mais que ao tomo I fez Innocencio no *Dicc.*, tomo v, de pag. 240 a 249, algumas observações e correcções, ao que o sr. visconde respondeu no tomo II, pag. XXIV, addicionando no fim do mesmo tomo, em pag. innumerada, uma tabella de erratas ao tomo I.

O sr. visconde de Juromenha, no prologo do tomo VI, prometteu dar mais um tomo, em que se occuparia do episodio de Ignez de Castro e dos homens mais notaveis, que floresceram nas epochas brilhantes a que se referem os *Lusiadas;* mas, por circumstancias que ignoro, não concluiu esse trabalho, o que é para sentir, porque de certo o nobre editor teria occasião de modificar algumas de suas opiniões, ampliando ou rectificando factos e documentos.

A sua morte, occorrida em maio do anno corrente, 1887, veiu, talvez, suspender de todo a desejada publicação final, se os seus herdeiros não podérem colligir os importantes apontamentos que o benemerito escriptor deixou ineditos.

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 9$500 réis, no de Innocencio por 9$360 réis e no de Pinto de Aguiar por 10$000 réis. Existem, porém, ainda exemplares á venda na imprensa nacional por 9$200 réis.

*
* *

102. *Os Lusiadas. Epopéa de Luiz de Camões. Edição popular, conforme a 2.ª de 1572, com um prospecto chronologico da vida do poeta, e um retrato. Porto. Imprensa Portugueza, rua do Almada, 161.* MDCCCLXIX. 16.º de XXIV-449 pag. Com retrato gravado por Molarinho.

Contém: advertencia do editor (pag. V a VII); Camões historico (ephemerides camonianas, pag. IX a XXIV); o poema, com dois argumentos (pag. 1 a 449), tendo no fim de cada canto as variantes, segundo Faria e Sousa.

O editor declara, na advertencia, que seguiu para esta reproducção dos *Lusiadas* a chamada segunda edição de 1572. Em alguns exemplares apparecem errados os titulos das pag. 49, 51, 53, 55, 57, 59, 61 e 63, que tem *Canto* I, em vez de *Canto* II.

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 400 réis.

*
* *

103. *Lusiadas. Epopea de Luiz de Camões. Edição popular, conforme a 2.ª de 1572, com um prospecto chronologico da vida do poeta, as variantes e estancias omittidas. Porto. Imprensa Portugueza, rua do Almada, 161.* MDCCCLXX. 16.º de XXIV-449 pag.

Não vi esta edição, mas parece-me que não deve fazer grande differença da anterior.

*
* *

104. *Os Lusiadas, poema epico de Luiz de Camões. Nova edição popular, conforme ás edições classicas de 1572, augmentada com a vida do poeta e com um glossário dos nomes proprios. Lisboa, typographia Sousa & Filho. 145, rua do Norte, 145. 1871.* 16.º de XXIII 395-LXVIII pag. Com retrato.

Contém: breve biographia de Camões; glossario dos nomes proprios; e o poema, com dois argumentos. É edição feita para as escolas, por conta da casa Rolland & Semiond, rua Nova dos Martyres, 3. Póde contar-se como a undecima dos editores Rolland, pois a casa era a mesma só com a mudança de firma.

Parece que, pela mesma epocha, se fez d'esta edição uma tiragem sem a indicação da firma dos editores, como acima.

*
* *

105. *Os Lusiadas. Poema epico de Luiz de Camões. Nova edição contendo: Breve noticia da vida do auctor, noticia ácerca de Vasco da Gama e da sua viagem á India e o Diccionario dos nomes proprios usados no mesmo poema. Porto, em casa de Cruz Coutinho, editor, rua dos Caldeireiros, 18 e 20. 1871.* 12.º de XXIV-360 pag.

No verso do frontispicio tem: «Typographia do Jornal do Porto. Rua Ferreira Borges, 31». A vida de Camões é do padre Thomás José de Aquino; e a noticia de Vasco da Gama é extrahida da chronica de el-rei D. Manuel, de Damião de Goes.

*
* *

106. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição conforme á de 1817, in-4.º de Dom José Maria de Sousa Botelho, Morgado de Matteus, correcta e dada á luz por Paulino de Sousa, bacharel em sciencias. Paris em casa da V.ª J. P. Aillaud, Guillard e C.ª 47, rua de Saint André-des-Arts, 47. 1873.* 12.º de 8 (innumeradas)-536 pag. Com retrato e vinhetas no começo dos cantos. O retrato é desenhado por F. Schneider e gravado por F. Fournier.

O frontispicio a duas cores. No verso da folha do ante-rosto, e no fecho do volume: «Paris. Imp. Simon Raçon e Comp. Rua de Erfourth, 1». Esta edição é a mesma de 1865, de casa Aillaud, com a differença do rosto e do «Aviso da edição de 1818», que foi supprimido; e das duas ultimas paginas, que reproduziram para pôr a designação do impressor.

Appareceu annunciado um exemplar por 1$800 réis na livraria de Kühl, de Berlim. No catalogo da casa Aillaud tem o preço de 7 francos e 50 centimos.

*
* *

107. *Os Lusiadas de Luis de Camões. Nova edição segundo a do visconde de Juromenha conforme á segunda publicada em vida do poeta; com as estancias despresadas e omittidas na primeira impressão do poema e com lições varias e notas. Leipzig. F. A. Brockhaus. 1873.* 8.º de xvi-266 pag.— Na ultima pagina tem : «Impresso por F. A. Brockhaus, Leipzig».

Contém : prologo do editor, em que declara que seguiu com o maior cuidado a edição do sr. visconde de Juromenha (pag. v a vii) ; indice (pag. viii a x); argumento do poema (pag. xi a xvi); os *Lusiadas* (pag. 1 a 204); estancias desprezadas e omittidas (pag. 205 a 221); lições varias (pag. 222 a 251); apothegmas (pag. 252 a 254); notas (pag. 255 a 266)

Edição vulgar, e não é apreciada por ser das mais erradas, que tem vindo do estrangeiro. É o tomo v da *Collecção de authores portuguezes*, de Brockhaus.

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 600 réis, no de Luiz Antonio Pinto de Aguiar (1883) por 1$200 réis, e no de Minhava por 320 ou 400 réis.

*
* *

108. *Obras completas de Luis de Camões. Edição critica com as mais notaveis variantes. Porto. Imprensa Portugueza, editora. 1873-1874.* 8.º peq.

Esta edição constitue os n.ºs 1 a 7 da *Bibliotheca da* «Actualidade», fundada pelo typographo editor Anselmo de Moraes. Comprehende tres tomos, divididos em sete partes, que o editor denominou volumes, d'este modo :

Tomo i *(Parnaso de Luiz de Camões):* Vol. 1.º *Sonetos,* de vii-220 pag. e 1 de indice.—Vol. 2.º *Canções, Sextinas* e *Odes,* de vii-190 pag. e 2 de indice. —Vol. 3.º *Elegias,* de viii-121 pag. —Vol. 4.º *Eglogas,* de 209 pag. e 1 de indice.

Tomo ii *(Cancioneiro de todas as redondilhas e autos):* Vol. 5.º *Redondilhas,* de vii-243 pag. e 1 de indice.—Vol. 6.º *Autos e cartas,* de 228 pag.

Tomo iii : Vol 7.º *Os Lusiadas,* de vii-445 pag. e 1 de indice.

O tomo i tem a data de 1873 ; e os tomos ii e iii a de 1874.

Cada tomo, como se viu, contém uma introducção, que encerra as rasões que o editor teve para preferir esta ou aquella lição, e formar a sua obra ; porém, não me parece que traga para a bibliographia camoniana alguma novidade apreciavel. No volume 2.º declara que a lição do texto camoniano deve ser a que adoptou o sr. visconde de Juromenha, combinando as edições de Faria e Sousa com as do padre Aquino e Barreto Feio. Com relação ao poema, no vol. 7.º, parece-lhe que *se torna obrigatorio o seguir sempre a edição de 1572 que se reputa segunda, na qual o poeta fez alguns retoques.*

Os volumes eram offerecidos aos assignantes da *Actualidade*, um por mez.

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 600 réis.

*
* *

109. *Os Lusiadas de Luiz de Camões. Unter vergleichung der besten texte, mit angabe der bedeutendsten varianten und einer kritischen einleitung herausgegeben von Dr. Carl Reinhardstoettner, privatdocenten der Romanischen sprachen und litteraturen an der K. Pol. Hochschule zu München. Strassburg. Karl J. Trübner. London. Trübner & Comp. 1874.* 8.º gr. de 4 innumerada-XLI-318 pag. e mais 1 de errata.— No verso da folha do rosto: Buchdruckerei von G. Otto in Darmstadt.

Contém: prologo *(vorwort)* do dr. Reinhardstoettner, com data de München, abril 1874 (2 pag. innumeradas); nota das mais notaveis edições citadas no livro (pag. I a XXXVIII); argumento em verso dos *Lusiadas* (de Franco Barreto), (pag. XXXIX a XLI); o poema, tendo no fim de cada pagina as variantes (pag. 3 a 297); e indice dos nomes proprios (pag. 299 a 318).

Esta edição é estimada, porém não rara. Não tenho visto senão exemplares em papel com largas margens, de inferior qualidade e impressão commum, a que não posso dar a qualificação de nitida por me parecer fraca e desigual, o que tira a belleza a qualquer trabalho typographico. Todavia, não a julgo má. Foi publicada em dois folhetos, tendo o primeiro a data de 1874 e o segundo a de 1875.

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 2$350 réis, e no de Pinto de Aguiar por 1$500 réis.

*
* *

110. *Os Lusiadas de Luis de Camões. Lisboa, Antonio Maria Pereira, editor. Typographia de J. C. de Sousa Neves, 1874.* 16.º

É a primeira edição que o editor Antonio Maria Pereira mandou imprimir de conta propria para uso das escolas.

*
* *

111. *Os Lusiadas, poema epico de Luiz de Camões. Nova edição popular, conforme á segunda de 1572, augmentada com a vida do poeta e com um glossario dos nomes proprios. Lisboa. Editores Rolland & Semiond. 3, rua Nova dos Martyres, 3. 1875.* 16.º de XIX-460 pag. com o retrato de Camões.— Tem a designação: «Imprensa de J. G. de Sousa Neves. Rua da Atalaya, 65».

É a duodecima da casa Rolland. Tem differença das anteriores. Foi revista pelo bem conceituado collecionador conselheiro Minhava (já fallecido).

*
* *

112. *Os Lusiadas de Luiz de Camões. Edição reproduzida da 2.ª de 1572, e*

revista por Theophilo Braga. Porto. Imprensa Portugueza, 1875. 12.º de VII-445 pag. e mais 1 de indice.

Edição especial, de que se tiraram apenas 16 exemplares, conforme a de 1874 da mesma casa, e aproveitado o mesmo texto, segundo a nota da pag. 19 do «Catalogo da exposição camoniana do centenario no palacio de crystal do Porto». A tiragem foi em papel de linho.

*
* *

113. *Os Lusiadas, poema epico de Luiz de Camões. Nova edição, cuidadosamente revista e conforme ás de 1572, precedida da biographia do poeta e seguida de um diccionario dos nomes proprios. Lisboa, livraria de Antonio Maria Pereira, editor. 50, rua Augusta, 52. 1875.* 16.º de XVIII-457 pag. Com o retrato do poeta, desenho de Almeida e gravura em madeira do professor João Pedroso. (Impressa na typographia de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 145.)

Contém: noticia biographica de Camões, a qual, posto não a assignasse, fo escripta por Innocencio Francisco da Silva (que dirigiu e reviu esta edição, sob data de 12 de abril de 1874 (pag. III a XVIII); o poema com os dois argumentos (pag. 1 a 395); e o diccionario abreviado de nomes proprios (pag. 397 a 457). Como edição para as escolas, é das melhores que conheço.

Encontro na biographia citada dois paragraphos, que devo transcrever para acrescentar as informações, que deixo aqui, com o parecer de um escriptor, cuja erudição todos respeitavam:

«Sobre a data do seu fallecimento vogou por muito tempo uma opinião erronea. Todos os biographos, copiando-se uns aos outros, e seguindo n'esta parte a inscripção sepulchral, lhe assignavam o anno de 1579. O erro acha-se porém desfeito; á vista do documento irrecusavel, e graças á investigação do sr. visconde de Juromenha, não mais é licito duvidar de que Camões falleceu a 10 de junho de 1580, isto é, precisamente quando Filippe II, para apossar-se de Portugal á viva força, fazia marchar para as fronteiras, sob as ordens do terrivel duque de Alba, um exercito de 80:000 homens!

«Quanto ao local da morte houve sempre n'esse ponto notavel discordancia...

«... n'este embate de encontrados pareceres não nos julgámos em nosso humilde entender habilitado para tomar por qualquer d'elles partido decisivo.

«O que não padece duvida é que, após o fallecimento, fôra o cadaver do poeta conduzido á egreja das religiosas de Santa Anna (que então servia de parochia) e ahi sepultado sem alguma distincção ou epitaphio. Assim permaneceu, até que passados annos (diz-se que no de 1595) D. Gonçalo Coutinho o fez trasladar para diverso jazigo, mandando cobrir este com uma campa (em cuja inscripção fôra posta a data de 1579)...

«Observando de passagem como já n'este tempo se havia perdido a memoria da verdadeira data do obito, cabe tambem notar que ao singelo epitaphio ... appareceram depois acrescentadas em diversas biographias do poeta as clausulas: *viveu pobre e miseravelmente e assim morreu* — que nunca existiram lavradas na pedra tumular, segundo a affirmação expressa e testemunhal do chronista da ordem seraphica Fr. Fernando da Soledade.»

*
* *

114. *Poesias lyricas selectas de Luiz de Camões. Publicadas pela V. de V. M.*

(viscondessa de Villa Maior). *Coimbra, imprensa da universidade, 1876.* 8.º peq. de 1 (innumerada)-XL-225 pag. e mais 2 de nota e de indice. A pagina de ante-rosto e a da nota e indice não têem numeração.

Contém: dedicatoria ao sr. visconde de Jerumenha (todas as vezes, que cita o sr. visconde, poz *Jerumenha,* em vez de *Juromenha)* (pag. III a V); epigraphe de E. Quinet e preambulo ao leitor, tendo no fim a assignatura por extenso da sr.ª viscondessa de Villa Maior e a data de Coimbra, 24 de julho de 1875 (pag. VII a XI); introducção (pag. XIII a XL); sonetos, escolhidos (pag. 1 a 31); canções, escolhidas (pag. 33 a 54); odes, escolhidas (pag. 55 a 75); elegias, escolhidas (pag. 77 a 122); eglogas, escolhidas (pag. 123 a 169); redondilhas, escolhidas (pag. 171 a 191); estancias, escolhidas (pag. 193 a 218); endeixas (pag. 219 a 223); o additamento, com dois sonetos (pag. 224 e 225); e indice. Cada peça poetica conserva a numeração da collecção d'onde foi copiada. A nobre editora desculpa-se de um ou outro desprimor na escolha, na seguinte nota final:

«Apesar de todo o cuidado que puzemos em mais apurar esta selecção, ainda assim foram impressas algumas poesias, que, tendo o seu merecimento relativo, não nos parecem comtudo das mais primorosas, e que teriamos eliminado, se tivessemos podido rever mais pausadamente esta publicação. Mas bem pouco seria o que teriamos a omittir.»

Na introducção dá a sr.ª viscondessa uma breve noticia de Camões, conforme os esclarecimentos colligidos e publicados pelo sr. visconde de Juromenha; e na dedicatoria a s. ex.ª escreve:

«Se ousámos escrever uma noticia, e fazer uma apreciação livre da vida e caracter de Luiz de Camões, esperâmos que a mais profunda admiração sirva de salvaguarda a tamanha ousadia, e nos resgate do atrevimento. Depois tentámos ainda mais: fizemos selecção do mais apurado das poesias lyricas do nosso immortal poeta, formando d'ellas um só volume, por julgar que assim ficam mais ao alcance de muitas intelligencias, que têem sem duvida a capacidade de as entender, mas não a paciencia necessaria para indagar, por entre milhares de versos, quaes os seduzem e lhes agradam mais.»

*
* *

115. *Os Lusiadas, poema epico de Luiz de Camões. Nova edição, cuidadosamente revista conforme ás de 1572, precedida da biographia do poeta e seguida de um diccionario dos nomes proprios. Lisboa, livraria de Antonio Maria Pereira, editor. 50, rua Augusta, 52. 1877.* 16.º de XVIII-457 pag. Com retrato.

É a terceira edição da antecedente, perfeitamente igual. Impressa na imprensa nacional.

Para não deixar de registar, pela ordem chronologica, as edições dos *Lusiadas* e outras composições do egregio poeta, até onde seja possivel durante a impressão do tomo XIV, incluo aqui na respectiva altura as que vieram á luz da publicidade no periodo do tricentenario (1880), e depois d'essa data. As demais publicações, feitas em virtude d'essa gloriosa commemoração e em homenagem a Camões, irão em logar distincto e apropriado, ou ainda n'este tomo ou no tomo subsequente. Para alli igualmente reservo quaesquer ampliações, ou rectificações, que tenha que fazer ao trabalho publicado, que por fórma alguma se me afigura que sairá perfeito e completo.

CAMOÉS
MDCCCLXXVIII

*
* *

116. *Os Lusiadas de Luiz de Camões. Edição consagrada ao terceiro centenario do poeta. Porto. Imprensa Portugueza*, MDCCCLXXX. 8.º gr. de LV-450 pag. e mais 1 de indice.

O rosto a duas cores, guarnecido, bem como todas as paginas, com filetes, tambem a duas cores, encarnado e verde. As letras capitaes do começo dos capitulos ou dos cantos, a encarnado. Caracteres empregados na introducção e biographia, corpo 6; e no poema, aldinos, imitantes aos do seculo XVI, comprados expressamente para esta edição. Impressão mui nitida em papel de linho italiano.

Esta edição é denominada dos typographos do Porto, e dedicada ao sr. conselheiro Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello pelo editor sr. João Eduardo Alves, typographo, e Manuel de Mattos Azevedo Leal, impressor, os quaes declaram na introducção terem recebido a mais efficaz coadjuvação do dono da imprensa Portugueza, o sr. Anselmo de Moraes.

Contém: introducção dos editores (pag. VII e VIII); biographia do poeta pelo sr. Theophilo Braga (pag. IX a LII); alvará de licença e censura da primeira edição dos *Lusiadas* (pag. LIII a LIV); poema, (pag. 1 a 395); estancias omittidas (pag. 397 a 415); estancias additadas (pag. 416 a 425); variantes (pag. 427 a 446); e indice (pag. innumerada).

A tiragem foi de duzentos e cincoenta exemplares, numerados todos, e com o nome do possuidor impresso.

*
* *

117. *Os Lusiadas. Poema epico em dez cantos por Luiz de Camões. Acompanhado da versão franceza do mesmo poema por Fernando de Azevedo. Precedido de um prologo por M. Pinheiro Chagas, socio effectivo da academia real das sciencias. Desenhos de Soares dos Reis. Gravuras de J. Pedroso. Lisboa. Imprensa Nacional. 1878*. Fol. de XXXVIII-337 pag. Com ante-rosto e dois rostos, sendo um gravado (composição de Soares dos Reis e gravura de João Pedroso); e mais dez estampas, uma á frente de cada canto.

Advirta-se, porém, que, sendo parte da edição (até a pag. 166) composta e impressa em Portugal (nos prélos da imprensa nacional), foi d'ahi em diante a imprimir a París, por conta do editor Duarte Joaquim dos Santos, na imprensa A. Lahure, 9, rue de Fleurus, e só veiu a apparecer dois annos depois da data do primeiro fasciculo, isto é, em 1880, por occasião das festas do tricentenario. Por essa rasão, as gravuras dos artistas portuguezes não passaram do canto V. A do canto VI pertence ao gravador hespanhol Pastor, e as dos cantos VII a X a artistas francezes. Na do canto VII está a sigla E. D.; e nas dos cantos VIII, IX e X, estão as assignaturas de Mas e E. Deschamps; e, em preito á verdade, direi que nem o desenho, nem a gravura, são de merito superior ao trabalho feito em o nosso paiz.

A edição foi dedicada a Sua Magestade El-Rei D. Luiz I. A dedicatoria é assignada por Duarte Joaquim dos Santos e Aristides Abranches; mas este segundo editor, que aliás teve a iniciativa n'esta empreza, não acompanhou o seu socio até o fim da publicação.

O prologo do sr. Pinheiro Chagas começa com estas formosas phrases em louvor de egregio poeta:

«Têem todos os povos o seu escriptor eminentemente nacional, que de todos os outros se distingue, porque mais intimas affinidades ligam o seu espirito ao espirito do seu paiz. Nenhum, porém, se consubstanciou tão completamente com a alma da patria como Camões. As suas duas glorias estão indissoluvelmente ligadas; no estrangeiro não as distinguem uma da outra.

«Victor Hugo, n'uma das suas mais esplendidas poesias, phantasia Parìs destruido, e o arco da Estrella sobrevivendo quasi só para attestar ao mundo a grandeza epica d'esse povo francez, que deu na Europa, em pleno seculo XIX, um passeio triumphal de dez annos. A visão do grande poeta realisa-se em Portugal; a sua gloria caiu em ruinas como Hugo suppõe que ha de cair no futuro a gloria da grande cidade; e o arco da Estrella, que sobrevive para attestar ao mundo o que fomos e o que valemos, é o poema de Camões.»

*
* *

118. *Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Edição publicada pelo dr. Abilio Cesar Borges, para uso das escolas brazileiras; na qual se não acham impressas todas as estancias que não devem ser lidas pelos meninos. Bruxellas, typographia e lithographia, rua Pacheco, 12. E. Guyot, 1879.* 8.° de XXV-334 pag.

Não vi ainda exemplares d'esta edição. Sei, porém, que em Portugal ha alguns. O sr. dr. José Carlos Lopes, do Porto, tem um na sua importante camoniana. No catalogo da exposição camoniana realisada pela bibliotheca nacional do Rio de Janeiro (1880), vem a seguinte nota: «*Edição mutilada*». O editor, por ser livro para as escolas primarias, cortou as passagens que se lhe afiguraram não convenientes á leitura infantil, imitando o sr. Viale na *Selecta camoniana* (citada acima n.° 92).

O prologo é datado de Parìs em 4 de setembro de 1879. Segundo me informa o sr. Tito de Noronha, as estancias omittidas são: canto II, 35, 36, 37 e 42; canto III, 102 (!); canto V, 52, 53, 54, 55, 56 e 57 (amores de Adamastor); canto VI, 21 e 22; canto VII, 40, 41 e 53; canto IX, 41, 65, e quatorze estancias do episodio da ilha de Venus, desde 71 a 84 inclusive; canto X, 41 e 122.

*
* *

119. *Luiz de Camões. Os Lusiadas. Edição consagrada a commemorar o terceiro centenario do poeta da nacionalidade portugueza pelo Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro. Revisão do texto do Poema e observações philologicas por Adolpho Coelho; prefacio critico, de Ramalho Ortigão; noticia historica do Gabinete Portuguez de Leitura, de Reinaldo Carlos Montóro. Anno* MDCCCLXXX. *Lisboa, na officina de Castro Irmão impressor. Rua da Cruz de Pau n.° 31, a Santa Catharina.* 8.° grande de XCIII-422 pag. e mais 4 innumeradas com a relação dos vogaes perpetuos do conselho deliberativo da directoria em 1880 e do conselho deliberativo em 1880 e 1881, do gabinete portuguez de leitura, e a das pessoas ás quaes foi concedido exemplar especial d'esta edição, com retrato do poeta gravado em madeira, segundo desenho de Columbano Bordallo Pinheiro, e vinhetas ornamentaes no começo e fim dos cantos, desenhos originaes de João Pedroso e Manuel de Macedo, e gravuras de Pedroso e Alberto. Entre as paginas XCIII

(fim das peças preliminares) e a pag. 1 (principio do poema) o *fac-simile* do rosto da primeira edição de 1572. O frontispicio a duas cores (preto e encarnado); bem como a encarnado as letras capitaes dos começos de cada parte em que se divide este livro.

Attendendo aos motivos altamente patrioticos e ás condições litterarias e typographicas que recommendam esta edição, pena foi que, na reproducção do rosto da primeira edição dos *Lusiadas*, não seguissem outro processo com o auxilio da photographia, porque a gravura em madeira, por mais esmerada que seja, não representará nunca a imagem perfeita e correcta de um frontispicio, ao passo que, com os modernos processos photo-lithographicos, o *fac-simile* saíria claro e fidelissimo.

A tiragem foi de 5:000 exemplares, sendo 60 em papel commum superior, 2 em pergaminho, 2 em papel do Japão, 2 em papel da China, 50 em papel Whatman.

Para esta edição fez a directoria do gabinete portuguez de leitura uma subscripção entre os seus membros e socios, na qual se apuraram 453 inscripções de 20$000 réis e 3:542 de 10$000 réis, na importancia total de 44:480$000 réis, moeda brazileira.

O trabalho typographico, encadernações, transporte, direitos e mais despezas ascendeu a 27:485$819 réis.

Com esta somma foram pagas todas as despezas e ainda houve saldo a favor. Tudo está bem explicado e documentado nos respectivos relatorios do gabinete.

A distribuição dos exemplares especiaes foi feita d'este modo:

Em pergaminho: para a bibliotheca nacional de Lisboa e para o gabinete portuguez de leitura;

Em papel do Japão: para Sua Magestade El-Rei D. Luiz I e para Sua Magestade o Imperador D. Pedro II.

Em papel da China: para a bibliotheca publica do Porto e para a bibliotheca nacional do Rio de Janeiro.

Em papel Whatman, para as seguintes pessoas e corporações: 1, Sua Magestade El-Rei D. Fernando; 2, academia real das sciencias de Lisboa; 3, bibliotheca da universidade de Coimbra; 4, instituto historico e geographico do Brazil; 5, visconde de Juromenha; 6, J. J. Aubertin; 7, Emile Littré; 8, José da Silva Mendes Leal; 9, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello; 10, José Duarte Ramalho Ortigão; 11, Adolpho Coelho; 12, o editor Antonio Maria Pereira (correspondente em Lisboa do gabinete portuguez); 13, Reinaldo Carlos Montóro; 14, Manuel de Mello; 15, Henrique Pereira Leite Basto; 16, Manuel Antonio Gonçalves Roque; 17, José Joaquim Ferreira Margarido; 18, Francisco Joaquim Bettencourt da Silva; 19, Karl von Reinhardstoettner; 20, Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo; 21, Eduardo Lemos; 22, José Joaquim Godinho; 23, Joaquim da Costa Ramalho Ortigão; 24, Joaquim José Cerqueira; 25, Albino de Freitas Castro; 26, Francisco Ferreira Vaz; 27, Alipio Thomaz da Silva Barbosa; 28, Antonio Felisberto de Barros Jordão; 29, Antonio Ferreira da Silva; 30, Antonio Francisco Monteiro Junior; 31, Antonio Joaquim de Carvalho Lima; 32, Antonio Joaquim Xavier de Faria; 33, Arthur Napoleão dos Santos; 34, Emilio

Paulo de Lima Barbosa; 35, Francisco José Fernandes; 36, Francisco de Sousa Barroso; 37, João Pereira da Silva Cunha; 38, João da Silva S. Miguel Junior; 39, José da Cunha Vasco; 40, José Ferreira Alegria; 41, José João Martins de Pinho; 42, José Joaquim Brandão dos Santos; 43, José Luiz Fernandes Villela; 44, Manuel Antonio da Costa Pereira; 45, Manuel Guilherme da Silveira; 46, Manuel José da Fonseca; 47, Manuel Pinheiro da Fonseca; 48, Manuel Pires Sampaio Guimarães; 49, Manuel Rodrigues de Oliveira Real; 50, Paulino José Brochado.

Foram distribuidos 200 exemplares a diversas camaras municipaes do Brazil e de Portugal, a homens de letras, a sociedades scientificas, litterarias, de beneficencia, á imprensa, etc.

Alem d'isso, a directoria offereceu 200 exemplares ao ministerio do imperio do Brazil e 200 exemplares ao ministerio do reino de Portugal, para serem distribuidos como premio especial aos alumnos que mais se distinguissem no anno lectivo de 1880 nos lyceus e escolas das duas nações; 100 exemplares (offerta do socio benemerito) para as bibliothecas, escolas, camaras municipaes e imprensa de Portugal e ilhas adjacentes, incumbindo-se obsequiosamente d'esta distribuição o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro; e 100 exemplares (offerta do director thesoureiro o sr. Alvim de Freitas Castro) para as escolas de vinte concelhos do norte de Portugal, tendo para este fim enviado 5 exemplares a cada uma das municipalidades de Braga, Barcellos, Guimarães, Valença, Vizeu, Bragança, Lamego, Guarda, Caminha, Chaves, Amarante, Fafe, Penafiel, Regua, Vizella, Villa Nova de Famalicão, Povoa de Varzim, Mirandella, Villa Real e Villa do Conde.

Da edição commum, o gabinete fez larga distribuição, como consta do *relatorio* da directoria, em 1880, publicado em 1881.

Quando apparece no mercado algum exemplar, os preços variam entre 1$500 e 3$000 réis.

*

* *

120. *Os Lusiadas por Luiz de Camões. Edição popular gratuita da empreza do «Diario de Noticias» Commemorando o tricentenario da morte do poeta, especialmente dedicada aos assignantes e leitores habituaes do mencionado «Diario». 30:000 exemplares. Reproducção critica sob a direcção de F. Adolpho Coelho, da segunda edição de 1572, feita durante a vida do poeta. 1880.* (No fim: *Typographia Universal de Thomás Quintino Antunes, impressor da Casa Real, rua dos Calafates, 110).* Fol. oblongo. 18 pag., sendo a ultima innumerada.

Fez-se uma tiragem especial para as escolas. No frontispicio tem a mais a seguinte linha:

«2.ª edição, 4:000 exemplares destinados ás bibliothecas, escolas, etc.»

A empreza remetteu esta segunda edição para o ministerio do reino, a fim de que pela respectiva repartição se fizesse a entrega ás escolas nacionaes.

Isto consta dos papeis da epocha e de um officio de agradecimento expedido pela direcção geral de instrucção publica á direcção do *Diario de Noticias*.

*
* *

Edição de Biel, do Porto

121. *Os Lusiadas de Luiz de Camões. Edição critica-commemorativa do terceiro centenario da morte do grande poeta. Publicada no Porto por Emilio Biel. Typographia de Gicsecke, & Devrient, estabelecimento graphico, Leipzig,* MDCCCLXXX. Fol. de 8 (innumeradas)-LVI-375-XXXIII-XCII pag. Com os retratos de Camões e do Imperador do Brazil, e estampas allegoricas.

A dedicatoria ao Imperador do Brazil é assim: *A Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, Imperador de Brazil, Homenagem do mais profundo respeito, offerece e dedica o editor Emilio Biel*».

Depois do retrato do Imperador (feito por uma photographia de Fillon), vem uma pagina com estas indicações:

Introducção, notas, tabellas de variantes e revisão do texto baseada na 2.ª edição de 1572, e na de 1834 (de Hamburgo), revista e retocada pelo ex.mo sr. José Gomes Monteiro, socio correspondente da academia real das sciencias e membro de varias academias estrangeiras.— Poemeto commemorativo Camões e os Lusiadas (estudo sobre a vida e obras do poeta) pelo ex.mo sr. José da Silva Mendes Leal, do conselho de Sua Magestade, par do reino, ministro e secretario d'estado honorario, socio da academia real das sciencias de Lisboa, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade Fidelissima em Paris, etc. etc.).

Seguem-se a lista dos artistas que com os seus trabalhos enriqueceram esta obra; o poema commemorativo *Visão!* (pag. III a XIV); e na pagina seguinte vem os titulos:

Os Lusiadas de Luiz de Camões, edição critica com um estudo sobre a vida e obras do poeta pelo ex.mo sr. José da Silva Mendes Leal... baseada sobre a 2.ª edição de 1572, emendada pela de 1834 (de Hamburgo), revista e retocada pelo ex.mo sr. José Gomes Monteiro... enriquecida com 12 gravuras originaes em aço, trabalho dos mais notaveis artistas da Europa, assumptos e desenhos approvados por Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando. Publicada por Emilio Biel, Porto.

Vem depois a introducção-prospecto (pag. XVII a XX), assignada pelo editor Biel; a introducção (pag. XXI a LXVI) assignada por José Gomes Monteiro; o poema com rostos chromo-typographicos innumerados, para cada canto (pag. 1 a 375); as notas justificativas (pag. I a XXIV); appendice á introducção e tabellas de variantes: tabella 1.ª, pag. XXV a XXX, assignada pelo sr. Tito de Noronha; tabella 2.ª, (pag. XXXI e XXXII); *Camões e os Lusiadas* (pag. I a XC), estudo datado de 1879-1880 e assignado por José da Silva Mendes Leal; e nota da distribuição dos exemplares especiaes (pag. XCI e XCII).

O texto do poema foi primeiramente impresso no Porto, typographia de A. J. da Silva Teixeira, revisto por Gomes Monteiro. Esta impressão preparatoria serviu de original para a composição na imprensa de Leipzig.

As estampas, excluindo o retrato de Sua Magestade o Imperador, no principio, são vinte e uma, onze reproduzidas das da edição do Morgado de Matteus e dez de composição nova, desenhadas e gravadas em Leipzig.

As gravuras reproduzidas (reducção pela photographia) são Camões na gruta de Macau, e as dos cantos I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX e X; e as novas são: a do rosto com o novo busto de Camões, e as dos cantos I, II, IV, V, VI, VII, VIII, IX e X.

Para se avaliar a reproducção photographica, que alias alterou, na minha opinião, a extraordinaria belleza de algumas das gravuras da edição monumental do morgado de Matteus, observarei que as estampas mandadas fazer por este têem 0m,195 de altura e 0m,158 de largura; e as da edição de Biel tem 0m,190 de altura e 0m,150 de largura. Foi esta differença bastante para diminuir, no contorno e no claro escuro, o tom e vigor das gravuras citadas, que os mestres e entendidos consideram como primores e modelos no genero.

Eis os artistas que trabalharam na edição de Biel, conforme os encontro citados na propria obra (pag. II): *os quadros a oleo*, que serviram de base ás gravuras em aço, foram executados por Begas, professor da escola artistica de Berlim; Liezen-Mayer, director da academia de bellas artes de Stuttgart; Kostka, pintor historico de Berlim; *as gravuras em aço*, pelos artistas Deininger, Goldberg, Krausse, Lindner, Martin, Nüsser, Pickel, Schultheiss, Wagenmann; *os desenhos* para as iniciaes e vinhetas finaes, por Ludwig Burger, membro da academia de bellas artes de Berlim, desenhados na madeira por Martin Laemmel e P. Grotjohann, e gravados por R. Brand'amour & C.ª e Kaeseberg & Oertel; *as photogravuras* por Emilio Biel & C.ª, do Porto; *as composições das paginas-titulos* (rostos dos cantos), chromo-typo por A. Gnauth, director da escola academica de Nürnberg, e a *composição e impressão* typographica sob a direcção de Giesecke & Devrient, instituto typographico de Leipzig. O *papel* para o texto foi fornecido por Bohnenberger & C.ª, de Pforzheim; e para as gravuras por B. Siegismund, de Leipzig.

Como fiz com a edição do morgado de Matteus, indicarei os versos que serviram para inspirar e guiar os artistas em suas composições:

No canto I:

Fugindo, a setta o mouro vai tirando
Sem força, de covarde e de apressado,
. . . .
Já a ilha e todo o mais desamparando,
A terra firme foge amedrontado.

Uns vão nas almadías carregadas;
Um corta o mar a nado diligente:
. . . .
D'esta arte o portuguez emfim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

Est. 91 e 92.

No canto II:

Co'o vulto alegre, o qual do ceu subido
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro.

Est. 42.

No canto IV:

Oh gloria de mandar! Oh vã cubiça
D'esta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!

Est. 95.

No canto V:

Emfim que n'esta incognita espessura
Deixamos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura,
Foram sempre comnosco aventureiros.

Est. 83.

No canto VI:

Que descuido foi este em que viveis?
Quem póde ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos, fracos e atrevidos?

Est. 28.

No canto VII:

Pelo que vê pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A seita epicurêa, experimente.

Est. 75.

No canto VIII:

Do Douro e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que alli quiz dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

Est. 3

No canto IX:

Já todo o bello côro se apparelha
Das Nereidas; e junto caminhava
Em choreias gentis, usança velha,
Para a ilha, a que Venus as guiava.

Est. 50.

No canto X:

Cantava a bella nympha, e co'os accentos
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual os instrumentos
Suaves vem a um tempo conformando:

Est. 6.

No estudo ácerca de *Camões e os Lusiadas* declara Mendes Leal (pag. I) que endo promettido Alexandre Herculano escrever um trabalho relativo ao egregio poeta, a morte, que roubou o grande historiador á patria e ás letras, não deixou que elle cumprisse a sua promessa, cujo desempenho devia de corresponder, sem duvida, á auctoridade e á fama do seu nome. N'estas circumstancias, Men-

des Leal foi convidado, e instado para substituir Alexandre Herculano, e nos primeiros trechos honra-lhe a memoria e transcreve de um artigo que elle escreveu para o *Repositorio litterario*, do Porto, em 1834-1835, uma formosissima passagem em louvor de Camões (pag. IV e V).

O estudo de Mendes Leal conclue assim:

«...Camões symbolisa... a patria, que, longe de o seguir na morte, de suas estrophes tirou força para saír do lethargo; e a imagem da patria persiste inalteravel no fundo dos corações, por mais que tentem sepultal-a desnaturados theorismos.

«Que o poeta glorioso levantasse nas mãos a lyra de Petrarcha ou puzesse nos labios a tuba de Homero e de Virgilio, que importa? O que n'elle perpetuamente nos enamora e nos enleva é que foi — é — ficará portuguez d'alma, portuguez de lei, portuguez em tudo, para tudo, e acima de tudo. Esse era o seu orgulho: será esse o nosso!»

Os exemplares especiaes numerados foram distribuidos conforme a seguinte nota, que acompanha a edição (pag. XCI e XCII, do fim):

Em pergaminho (12 exemplares): 1, Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II; 2. Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II; 3, Sua Magestade El-Rei o Senhor de D. Luiz I; 4. Fernando Pereira Palha, de Lisboa; 5, Camara Municipal de Lisboa: 6, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, de Lisboa; 7, Ernesto Chardron; 8. Livraria Ferin, de Lisboa; 9, Visconde da Silva Monteiro, do Porto; 10, Visconde da Ermida, do Porto; 11. Camara Municipal do Porto; 12, Emilio Biel.

Edição numerada (100 exemplares): 1, Gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro; 2, bibliotheca publica do Rio de Janeiro; 3, José da Silva Mendes Leal, de Lisboa; 4. D. Julia Gomes Monteiro, do Porto: 5. José Pereira da Cunha e Silva, do Porto; 6, Manuel José da Fonseca, do Rio de Janeiro; 7 Alberto da Cunha Leão, do Rio de Janeiro; 8, Pompeo da Cunha Leão, do Rio de Janeiro; 9, José Antonio de Azevedo e Castro, do Rio de Janeiro; 10, José Joaquim da Costa Ferreira, do Rio de Janeiro; 11, Francisco de Sampaio Coelho, do Rio de Janeiro; 12, barão de Tatuhy, de S. Paulo; 13. Abilio A. S. Marques, de S. Paulo; 14. Luiz A. A. de Carvalho Junior, do Rio de Janeiro; 15. João Baptista Ferreira de Azevedo, do Rio de Janeiro; 16, Leopoldo Americo Miguez, do Rio de Janeiro; 17. Miguel de Novaes, do Rio de Janeiro; 18, Arthur Napoleão dos Santos, do Rio do Janeiro; 19, Antonio Zeferino Candido, do Rio de Janeiro; 20, Antonio de Almeida Campos e Silva, do Porto: 21, Manuel Lopes Martins, do Porto; 22. Annibal Fernandes Thomaz, da Louzã; 23, Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, do Porto; 24, duque de Palmella, de Lisboa; 25, Adriano Dias, de Lisboa; 26, José Bento Pestana da Silva, do Porto; 27, Lopo Vaz de Sampaio e Mello, de Lisboa; 28, Fernando Pereira Palha, de Lisboa; 29. Magalhães & Moniz, do Porto; 30, visconde de Figueiredo, do Rio Janeiro; 31, Eduardo da Silva Machado, do Porto; 32, Eleuterio da Fonseca, do Porto; 33, João Cardoso Junior, do Porto; 34, José da Silva Santos, do Porto; 35, Gaspar Leite Ferreira Leão, do Porto; 36, Ernesto Chardron, do Porto; 37, Albino Pinto Leite, do Porto; 38, Antonio Ignacio de Faria, do Porto: 39, Arminio von Doellinger, do Porto; 40, José Antonio de Lemos, do Porto; 41, Ricardo de Freitas Ribeiro, das Taipas; 42, Manuel Augusto Ferreira de Almeida; 43, Manuel Malheiro; 44, D. Maria Margarida Felicidade Peixoto Guimarães e Silva, do Porto; 45, A. J. da Silva Junior; 46, José Navarro Pereira de Andrade, do Fundão; 47, camara municipal de Barcellos; 48, J. H. Andresen, do Porto; 49. dr. Joaquim José Ferreira, do Porto; 50, conde de Villa Real: 51, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, de Lisboa; 52,

José do Canto, da ilha de S. Miguel; 53, João Henrique Ulrich Junior, de Lisboa; 54. Antonio Moutinho de Sousa, do Porto; 55, Delphim Deodato Guedes (conde de Almedina), de Lisboa; 56, Luiz José Fernandes, de Lisboa; 57, Alberto de Campos Navarro, do Porto; 58, D. Elvira de Matos Ferreira Carmo, do Porto; 59, dr. Antonio Ribeiro Fernandes Forbes, do Porto; 60, José Teixeira da Silva Braga Junior, do Porto; 61, Manuel Pereira Fernandes Bravo, de Lisboa; 62, D. Maria Augusta Ferreira Pinto Basto Martins, do Porto; 63 e 64, Emilio Biel; 65, João da Silva Mello Guimarães, de Aveiro; 66, João Antonio Marques, de Lisboa; 67, João Felix Alves de Minhava, de Lisboa; 68, D. Edith Biel, do Porto; 69, visconde de Loureiro, de Vizeu; 70, José Felix da Costa, de Lisboa; 71, bibliotheca da escola polytechnica de Lisboa; 72, Bento Gomes de Macedo Braga, de Lisboa; 73, Antonio Joaquim Pinto Junior, de Lisboa; 74, bibliotheca nacional de Lisboa; 75, Eduardo de Lemos (hoje de seus herdeiros), do Rio de Janeiro; 76, Carlos Relvas, da Gollegã; 77, visconde da Praia, de Lisboa; 78, Frederico Biester, de Lisboa; 79, visconde de Moreira de Rey, de Fafe; 80, Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II; 81, Antonio José de Seixas, de Lisboa; 82, Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa (hoje de seus herdeiros), de Lisboa; 83, associação commercial de Lisboa; 84, Antonio Bernardo de Figueiredo, de Santarem; 85, Julio Firmino Judice Biker, de Lisboa; 86, dr. José Pereira da Costa Cardoso, do Porto; 87, dr. Luiz Jardim (conde de Valenças), de Lisboa; 88, Eduardo Ferreira Pinto Basto, de Lisboa; 89, José Joaquim Guimarães Pestana da Silva, do Porto; 90, visconde de Sistello, do Rio de Janeiro; 91, Bernardino de Avila e Sousa, do Rio de Janeiro; 92, Antonio Ferreira Butler, do Rio de Janeiro; 93, Manuel Moreira da Fonseca, do Rio de Janeiro; 94, José Mendes de Oliveira Castro, do Rio de Janeiro; 95, Antonio Gregorio Gomes Ferreira, do Rio de Janeiro; 96, Antonio Ferreira da Silva, do Rio de Janeiro; 97, Francisco Moreira da Fonseca, do Rio de Janeiro; 98, Pedro Gracie, do Rio de Janeiro; 99, Alberto Courrège, do Rio de Janeiro; 100, Albino de Oliveira Guimarães, do Rio de Janeiro.

O exemplar pertencente á bibliotheca de Sua Magestade El-Rei D. Fernando tem encadernação muito especial, feita de proposito e de grande custo. Ouvi que se fizeram só duas iguaes: uma para El-Rei D. Fernando, e outra para o Imperador do Brazil, sr. D. Pedro II, a quem a edição é dedicada.

Esta encadernação é em madeira (ebano e pau santo) com ornatos na propria madeira e em metal, formando mosaico, que emmoldura a pasta e a lombada. A parte superior tem um baixo relevo em que está representado o assassinio de Ignez de Castro. O quadro é rematado pelos escudos de Portugal e de Coburgo, encimados pela corôa real, e guardados pelos dragões bragantinos. Tem no fim a assignatura: *Bauer, Leipzig.*

No *Conimbricense* n.º 3:555, de 1881, vem uma extensa noticia relativa á edição de Biel.

*

* *

122. *Parnaso de Luiz de Camões. Edição das poesias lyricas consagrada á commemoração do centenario de Camões. Com uma introducção sobre a historia da recensão do texto lyrico por Theophilo Braga. Porto. Imprensa Internacional, Bomjardim, 489. 1880.* 8.º 3 tomos, de XXXIX-1 (innumerada)-191-1 (innumerada) pag., 6 (innumeradas)-175 pag., e 6 (innumeradas)-268-2 (innumeradas) pag.

O tomo I contém os sonetos;

O tomo II contém as canções, sextinas, odes e oitavas

O tomo III contém as elegias e eclogas.

Na ultima pagina do tomo II tem estas indicações: *Preço de cada volume 4$500 réis. Imp. Internacional de Ferreira de Brito & Monteiro, Bomjardim, 489.*

Fizeram-se duas tiragens: uma para bibliographos, de 45 exemplares, e outra para colleccionadores, de 25 exemplares, todos numerados. Tiveram a primeira os srs. duque de Palmella; conde de Ficalho; Anselmo Braamcamp; bibliotheca nacional de Lisboa; Rodrigo Velloso, de Barcellos; Annibal Fernandes Thomaz, da Louzã; João Antonio Marques, Fernando Palha, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, livreiro Augusto Ferin, de Lisboa; Antonio Ribeiro de Azevedo Basto, de Santa Marinha de Zezere; Antonio Pinto da Costa Carneiro, do Porto; livreiros Carvalho & C.ª successores da viuva Bertrand & C.ª, conselheiro Minhava, de Lisboa; Antonio de Magalhães Barros Araujo Queiroz, de Ponte do Lima; padre Manuel de Azevedo, de Villa Real; camara municipal de Barcellos; dr. José Carlos Lopes, do Porto; Luiz Cardoso Pereira; Joaquim dos Reis; bibliotheca da imprensa nacional de Lisboa; Paulo Plantier; Henrique Campeão dos Santos e Aloysio Guilherme de Amorim Pinheiro, de Villa Verde. Tiveram a segunda: o gabinete portuguez de leitura, do Rio de Janeiro; e os srs. Ferin, J. W. Medeiros (dois), M. J. Rodrigues, de Lisboa; Luiz Maria de Azevedo Alves, Antonio de Almeida Campos e Silva, do Porto; conselheiro Jorge Cesar de Figanière, Carvalho & C.ª, D. Maria Margarida Peixoto Guimarães e Silva, Eduardo Hofaker Moser, do Porto, Francisco José Claro da Fonseca, Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, do Rio de Janeiro; F. Ramos Paz, e o livreiro editor Antonio Maria Pereira, de Lisboa.

Os editores, alem d'isso, offereceram exemplares aos srs. dr. Theophilo Braga, Joaquim Pedro de Oliveira Martins, Francisco José Monteiro, Emygdio de Oliveira, Ildefonso Correia, Francisco Teixeira de Araujo e E. Chardron; á aula do Carmo, e aos fundadores da associação dos jornalistas, no Porto.

O tomo I é dedicado pelo editor Ferreira de Brito aos fundadores da associação dos jornalistas, do Porto; o tomo II ao sr. Joaquim Pedro de Oliveira Martins; e o tomo III ao pae do editor, o sr. Francisco José Monteiro.

*
* *

123. *Comedias de Luiz de Camões. Editor A. L. Leitão. Lisboa. Typographia Luso-hespanhola, 33, travessa do Cabral, 33.* (Sem data.) 8.º de 99 pag. — No ante-rosto lê-se: «*Edição popular para commemorar o tricentenario de Luiz de Camões, principe dos poetas peninsulares*». Na capa, que em geral é conservada para a encadernação, tem: «*Edição popular. Comedias de Luiz de Camões. I. El-rei Seleuco. II. Os amphitriões. III. Filodemo. Editor A. L. Leitão. 76, 2.º, rua Augusta, 76, 2.º Lisboa, 1880*».

*
* *

124. *Luiz de Camões. Sonetos. Edição especial do Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco para commemorar o terceiro centenario do grande epico em 10 de junho de 1880. Porto. Imprensa Portugueza*, MDCCCLXXX. 8.º gr. XLVIII-286 pag. Com uma estampa «Camões e o Jau», reproducção em phototypia de um

quadro do fallecido professor da academia de bellas artes de Lisboa, Francisco Augusto Metrass. (Este quadro existe na opulenta galeria do fallecido rei D. Fernando, no paço das Necessidades.) Todas as paginas guarnecidas com linhas. O rosto a duas cores. Impressão nitida.

A introducção é datada de Pernambuco, 14 de abril de 1880, e assignada: *A. de Sousa Pinto.*

Depois da pagina em branco destinada ás dedicatorias, pelo Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco, segue-se outra em que se declara:

«Tendo consultado previamente o sr. Camillo Castello Branco, a directoria do Gabinete Portuguez de Leitura resolveu seguir o parecer d'aquelle distincto litterato, optando para a edição dos sonetos de Camões pela edição de Hamburgo de B. Feio e G. Monteiro.»

*
* *

125. *Os Lusiadas. Poema epico de Luiz de Camões com um juizo critico por José Maria Latino Coelho. Edição commemorativa do terceiro centenario do poeta. Constando de cincoenta e dois exemplares numerados.* MDCCCLXXX. *David Corazzi, editor. Lisboa.* Fol. de XXV-401 pag. e mais 1 de erratas. Com o retrato do poeta, desenhado por Victor Bastos, e gravado em madeira por João Pedroso. As paginas guarnecidas com linhas encarnadas; o rosto a preto e encarnado; os titulos dos *Lusiadas*, em cada canto, e a numeração das estancias, tambem a encarnado. Nos começos dos cantos, gravuras e letras capitaes de ornamentação, especimens de estylo manuelino, inventadas e desenhadas pelo sr. João Dantas.

No juizo critico deixou o sr. Latino Coelho este opulentissimo trecho, com que remata a sua analyse:

«Tudo é grande e magestoso na epopea: a inspiração, o thema, os episodios, as descripções, os similes, a linguagem. A inspiração, a patria; — singular e precioso privilegio, de que entre os mais poemas epicos só nos deparam exemplo nobilissimo os *Lusiadas*. O thema, d'entre os feitos assombrosos da idade moderna, o mais ousado e o mais fecundo em proveitos de commum civilisação. Os episodios, tão patheticos e formosos como o de Ignez, ou tão heroicos e originaes como o do fero Adamastor. A poesia opulenta de matizes desde o austero e grave de epopea até o gentil e gracioso dos idyllios. As descripções, tiradas ao vivo do natural e verdadeiro e ao mesmo passo artisticamente idealisadas pelo estro do cantor. Os similes quasi sempre modelados pelas fórmas homericas, tão correctos e tão hauridos na propria natureza, que são de si pequenos quadros, que vem outros achar-se e dar relevo ao reconto e á descripção. A linguagem nova, polida, opulentada, como de quem fôra bebel-a em nascentes purissimas de Roma, e tão expressiva, tão accommodada, tão culta e copiosa, que ainda hoje, volvidos já tres seculos, é intelligivel e correcta. Como se o Camões, despindo uma certa incultura e barbarismo do fallar nativo no seu tempo, tivesse inventado novo idioma para que as futuras gerações o podessem entender sem commentario, nem interprete.

«A estas qualidades eminentes, que tornam os *Lusiadas* uma creação original e inimitavel, deveu a magnifica epopea o culto patriotico e litterario com que Portugal a tem sempre venerado, como se fôra o magico talisman da sua nacionalidade e a arca santa das suas glorias. D'ahi vem o apreço com que os estranhos a tem honrado, significando em versões innumeraveis em todas as linguagens europeas, que se os *Lusiadas* estão escriptos em versos portuguezes, o Gama como

o Colombo, como Watt, como Stephenson, pertence á historia commum da civilisação, e o Camões, como o Dante, Homero, Cervantes, ou Shakspeare á litteratura da humanidade.»

Segundo a nota do editor Corazzi, possuem exemplares d'esta edição os srs.:

1. José Maria Latino Coelho; 2, João Felix Alves Minhava; 3, João Carlos de Minhava Sousa de Menezes; 4, marquez das Minas; 5, academia real das bellas artes de Lisboa; 6, arcebispo de Evora; 7, Julio Cesar de Sousa Lima, do Porto; 8, João Baptista de Castro Junior, do Porto; 9, Eduardo Baptista de Castro Junior, do Porto; 9, Eduardo Baptista de Castro; 10, Antonio de Almeida Campos e Silva, do Porto; 11, José de Azevedo e Menezes, de Villa Nova de Famalicão; 12, José da Silva Bravo, do Porto; 13, Annibal Fernandes Thomaz, da Louzã; 14, Mariano Machado de Faria e Maia, de Ponta Delgada; 15, José do Canto, de Ponta Delgada; 16, Agostinho Machado de Faria e Maia, de Ponta Delgada; 17, Theotonio Flavio da Silveira, de Mafra; 18, José Antonio da Silva Junior do Porto; 19, visconde de Macedo Pinto, do Porto; 20, Feliciano da Silva Ferreira, do Porto; 21, Augusto dos Santos Cordeiro, de Serpa; 22, Joaquim Guimarães, de Caminha; 23, Antonio Ribeiro da Azevedo Bastos, de Mesão Frio; 24, Rodrigo Velloso, de Barcellos; 25, Lucas Fernandes das Neves, da Figueira da Foz; 26, duque de Palmella: 27, Luiz da Cunha Carvalho; 28, Carlos Pereira Lopes; 29, D. Perpetua Moreira Marques; 30, Rosendo Avelino Rodrigues; 31, Antonio de Lemos, do Porto; 32, Ramiro Nepomuceno de Seixas; 33, João Dantas; 34, José M. de Mello; 35, Guilherme Robin de Noronha Gorjão; 36, Ernesto Chardron, do Porto; 37, D. Maria Sancha de Jesus Barbosa; 38, Joaquim Xavier de Figueiredo e Mello de Oriel Pena, de Coimbra; 39, Antonio Petronilho Lamarão; 40, Francisco José de Sousa, da Covilhã; 41, Marcellino Alfredo Carneiro, de Mirandella: 42, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro; 43, José Antonio Rodrigues; 44, Antonio José Pereira Junior; 45, João Marques da Costa; 46, José Maria Alves da Cunha; 47, Francisco da Costa Guilherme Junior, das Caldas de Moledo; 48, Bernardo da Costa Godinho de Sampaio e Mello, de Nellas; 49, David Corazzi; 50, Vicente Izidoro Correia da Silva, 51 e 52 ás duas bibliothecas publicas de Lisboa e do Porto.

No leilão de Minhava foi arrematado o exemplar que lhe pertencêra (n.º 2) por 30$500 réis. Parece que era o segundo d'esta edição que apparecia á venda.

A respeito d'esta edição convem deixar aqui a seguinte nota, que me foi communicada por um dos cavalheiros interessados:

O sr. José de Mello empregado na casa do editor David Corazzi, e o sr. João Dantas, empregado na sociedade geral agricola e habilissimo desenhador, resolveram por 1877 associar-se para emprehenderem, como homenagem a Camões no seu tricentenario, que aliás não sabiam se viria ou não a commemorar-se com grande solemnidade, uma nova edição luxuosa dos *Lusiadas*.

Communicaram a sua idéa ao sr. David Corazzi, e pediram-lhe que honrasse a publicação com o seu nome editorial, porque elles correriam com a gerencia e as despezas da edição. O nome do editor era um penhor para os assignantes. Elle annuiu de boa vontade, e prestou igualmente o seu escriptorio para o trabalho, que, para o bom exito d'esse louvavel emprehendimento, ali quizessem realisar.

Então os dois associados dividiram entre si o trabalho. O sr. Mello incumbiu-se da composição e impressão do poema, compondo elle propriamente a

maior parte das paginas; e o sr. Dantas encarregou-se do desenho das vinhetas e letras ornamentaes para os cantos. O retrato do poeta, como disse, foi desenhado pelo sr. Victor Bastos, e o trabalho de todas as gravuras executado pelo sr. João Pedroso. A impressão correu por conta da typographia Corazzi & C.ª, sendo feita uma notavel reducção nos preços d'aquella casa.

Apesar d'estas excepcionaes condições de economia, as despezas da edição subiram a 1:300$000 réis.

Dos cincoenta e dois exemplares da tiragem, foram distribuidos por brinde oito: um á bibliotheca nacional de Lisboa, um á bibliotheca do Porto, um a Latino Coelho (auctor do prologo), um á typographia David Corazzi, um ao editor Corazzi, um a Ramiro Seixas, um a José de Mello, e um a João Dantas. A distribuição por assignaturas foi só de 44.

*
* *

126. *Poesias lyricas de Luiz de Camões. Edição brazileira commemorativa do terceiro centenario. 10 de junho de 1880. Rio de Janeiro, Lombaerts.* 8.º de 159 pag. (Sem designação de typographia.)

É publicação da «commissão brazileira» que dirigiu no Rio de Janeiro as festas do tricentenario. A bibliotheca nacional d'aquella cidade possue um exemplar em papel da China.

*
* *

127. *Lvsiadas de Luis de Camões. Canto Terceiro.*

O sr. Julio Cesar Cosmelli, distincto artista gravador e photographo, na imprensa nacional, reproduziu por occasião do tricentenario de Camões, pelo processo photo-lithographico, o episodio de D. Ignez de Castro, acompanhado do rosto e das licenças da primeira edição de 1572.

Esta edição commemorativa foi feita por ordem da administração da mesma imprensa.

*
* *

128. *Os Lusiadas de Luiz de Camões. Nova edição. Porto, em casa de A. R. da Cruz Coutinho, 1881.* 8.º de CXI-477 pag., com o retrato do poeta.—A introducção foi escripta pelo editor, e já a citei em outro logar d'este tomo.

*
* *

129. *Os Lusiadas. Edição da bibliotheca nacional, revista e prefaciada por Theophilo Braga. Lisboa, Pereira & Amorim, editores. 1881.* 16.º 2 tomos de 9-155 pag. e mais 2 innumeradas, e 4-140 pag., e mais 2 innumeradas. Com os retratos de Camões e Vasco da Gama.

*
* *

130. *Os Lusiadas de Luis de Camões. Coimbra. Imprensa Academica, 1881.* 16.°

Esta edição foi feita conforme a que publicára em 1880 a empreza do *Diario de Noticias*, e destinada a brinde pelos estudantes da universidade de Coimbra que tomaram a iniciativa nas festas da inauguração do monumento a Camões erigido n'aquella cidade em 1881.

*
* *

131. *Os Lusiadas. Edição revista e prefaciada por Theophilo Braga, etc. Lisboa, nova livraria internacional, 1882.* 16.° 2 tomos de xx-155 pag. e IV-140 pag. Com os retratos de Camões e Vasco da Gama.

É o aproveitamento da edição acima (n.° 130), quanto ao texto; mas a advertencia e os retratos são diversos.

*
* *

132. *Homenagem a Camões.* Grande edição manuscripta dos *Lusiadas* pelos contemporaneos illustres de Portugal e Brazil, dirigida pelo dr. Theophilo Braga, Santos Valente, Jayme Victor, Francisco de Almeida. Illustrada com o retrato do grande epico, vinhetas e desenhos á penna de artistas notaveis dos dois paizes e prefaciada por Manuel Pinheiro Chagas. *Lisboa. Typographia Minerva central, 14, largo do Pelourinho, 17.* 4.° maximo.

As paginas guarnecidas com filetes a tinta encarnada, tendo em baixo os nomes e as qualificações das pessoas de Portugal e do Brazil que por convite da empreza copiaram e assignaram as estancias do sublime poema. Esta impressão é typographica. Dentro de cada pagina as estancias, reproduzidas em *fac-simile* lithographico do autographo, e com a assignatura da pessoa que copiou.

Em via de publicação, mas interrompida ultimamente. Vi já até o fasciculo n.° 35.

*
* *

133. *Estancias e lições desprezadas e omittidas por Camões na primeira edição do seu poema. Extrahidas da edição dos Lusiadas, publicada em 1800 por Joaquim Ignacio de Freitas, na imprensa da universidade. Coimbra, na casa Minerva, 1882. 8.°*

Foi emprehendida esta edição pelo camonianista José Augusto Nazareth, mas ficou incompleta ao tempo do seu fallecimento em fevereiro de 1882. Tendo o sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro comprado os livros e papeis que pertenciam ao finado, mandou em seguida completar a impressão, cuja tiragem foi apenas de trinta exemplares para serem offerecidos ás pessoas, que o mencionado Nazareth indicára em uma lembrança de sua letra.—Veja o *Conimbricense* n.° 3:701, de 3 de fevereiro de 1883.

*
* *

134. *Os Lusiadas. Poema epico de Luiz de Camões. Nova edição, cuidadosamente revista e conforme ás de 1572, precedida de uma biographia do poeta, escripta pelo sr. Innocencio Francisco da Silva, seguida de um diccionario dos nomes proprios, historicos, geographicos e mythologicos, que se encontram no poema, adornada com o retrato de Camões, e com uma estampa do padrão levantado por Vasco da Gama em Melinde. Lisboa. Livraria de Antonio Maria Pereira, editor, 50 Rua Augusta, 52. 1882,* 16.º de XVIII–457 pag. Com o retrato de Camões no começo do livro e a gravura do padrão de Melinde na frente do principio do canto III.

Esta é a quarta edição do livreiro editor Antonio Maria Pereira, igual ás duas ultimas anteriores, só com a differença da gravurinha do padrão, e ter expresso no rosto e no prologo o nome de Innocencio.

*
* *

135. *Edição das escolas. Os Lusiadas de Luiz de Camões, com diccionario de todos os nomes proprios contidos na poema e uma critica litteraria por Paulino de Sousa. Paris. Guillard, Aillaud & Cª 47, Rue de Saint-André-des-Arts, 47. Á venda nas principaes livrarias de Portugal e da Brazil.* 12.º de 8 (innumeradas)–536 pag.—Não tem data. No fim a indicação. *Paris, typographia Pillet & Dumoulin, rua des Grands Augustins, 5.*

É preciso advertir que das oito paginas impressas devem-se descontar quatro, que entram para a numeração do discurso preliminar, que começa na pag. 5. Esta edição appareceu em 1883, mas é o aproveitamento da edição de 1873, da mesma casa editora, com a differença apenas de não ter as gravuras do começo de cada canto, que se vêem na mencionada edição. Por esta circumstancia suppomos que os editores em 1865 fizeram a tiragem com fôrmas stereotypadas.

*
* *

136. *Episodio de D. Ignez de Castro.*—Foi novamente reproduzido no folheto: *Historia de D. Ignez de Castro, contendo o episodio dos Lusiadas. Lisboa, typographia Minerva occidental, 132, rua dos Cardaes de Jesus, 142. 1885.* 8.º de 47–1 pag.

Saiu anonymo este folheto, mas sei que é do sr. Artiaga, antigo typographo e empregado no commercio.

O episodio corre de pag. 30 a 39.—Veja tambem as pag. 4, 17 e 18.

*
* *

137. *Os Lusiadas.*—Reproducção do poema, sem argumentos, na folha *A justiça portugueza,* do Porto; começou nos folhetins, compaginada para se poder cortar

e formar livro, em 1886, e é possivel que termine durante o anno de 1887 a publicação. Cada folhetim comprehende 6 paginas; mas sendo a tiragem de qualquer periodico, em geral, rapida e imperfeita, o livro formado com estes fragmentos não tem condições typographicas e de encadernação que o recommendem.

*
* *

138. *A primeira edição dos Lusiadas impressa em vida de Luiz de Camões (1572).*—É reproducção *fac-simile* photo-lithographico por Joaquim Euzebio dos Santos (lithographo na imprensa nacional) Lisboa, 1886. 4.º

O primeiro fasciculo d'esta reproducção appareceu em dezembro de 1886, cumprindo assim o editor o que promettêra no seu programma; e a edição deve ficar prompta no corrente anno de 1887. A tiragem foi regulada d'este modo: 314 exemplares em papel imitando o da edição de 1572; 10 em setim, 10 em pergaminho, 20 em papel Japão, 6 em madeira, 20 em papel Whatman, 10 em papel velino, 10 em papel de linho, e 6 em estanho. Estes ultimos, porém, são destinados a brindes ás pessoas que assignaram a collecção, ou um exemplar de cada qualidade, e terão as letras A, B, C, D, E, F.

O preço de cada exemplar commum, em publicação, é de 14$100 réis; o de primeira qualidade (setim e pergaminho), 94$000 réis; o de segunda (Japão e madeira), 47$000 réis; o de terceira (Whatman), 37$000 réis; o de quarta (velino), 28$200 réis; e de quinta (linho), 23$500 réis.

*
* *

139. *Episodio de D. Ignez de Castro, excerpto do terceiro canto dos Lusiadas de Luiz de Camões 1572. Anno 363 do nascimento de Luiz de Camões auctor dos Lusiadas. Lisboa,* 4.º de 8–10 pag.— No verso do rosto: «*Trabalho typographico nas officinas de Adolpho, Modesto & C.ª Photo-lithographico na imprensa nacional por J. E. dos Santos.*»

Esta edição é quasi similhante á que em 1880 mandou fazer a administração da imprensa nacional e que mencionei sob o n.º 127.

As primeiras oito paginas são em impressão typographica; as dez restantes photo-lithographicas, reproducção fidelissima da denominada segunda edição de 1572, cujo rosto com as licenças tambem é reproduzido pelo mesmo processo. No verso do ante-rosto declara-se que a tiragem constou de 363 exemplares assignados e numerados. Recebi o n.º 15 por mercê do editor, sr. Joaquim Eusebio dos Santos, o dedicado artista lithographico da imprensa nacional, que tomou sobre seus hombros o fazer completa uma reprodução *fac-simile* da indicada segunda edição de 1572, de que já fiz menção acima.

*
* *

140. *Luiz de Camões. Os Lusiadas, edição illustrada com vinte e cinco heliogravuras* hors texte, *desenhadas por Alfred Bramtot grand prix de Rome, segunda medalha da exposição de pintura de Paris de 1885 (salon annuel de 1885) e qua-*

renta quadros especiaes a cada canto por Paulin Bord. Impressão typographica, Motteroz; impressão heliographica Chardon & Sormani. Paris, Aillaud & C[ie] editores, 47, rue de Saint-André des Arts, 47-1888-1889. Fol. menor.

Estas indicações são extrahidas de um specimen, que os editores mandaram aos seus correspondentes em Lisboa, em abril do anno de 1887; por isso considero já esta nova edição em via de publicação.

A tiragem annunciada é de 550 exemplares, 25 em papel Japão numerados, e 500 em papel velino, 25 em papel de Hollanda numerados, sendo o preço dos primeiros £ 12, os dos segundos 8 e dos terceiros 4. Depois de completa esta edição, os preços serão, respectivamente a cada classe de tiragem, £ 16, 12 e 6.

A estampa, que acompanha o especimen, é impressa a tinta azul. As paginas são guarnecidas com gravuras allegoricas, de composição e desenho delicados, e nitidamente impressas em tinta roxo terra ou acastanhada.

Esta edição é dividida em dez fasciculos, correspondendo cada fasciculo a um canto do poema. A data de 1888-1889 posta no especimen parece indicar que os editores contam com a conclusão do volume dentro de dois annos.

* * *

141. *Os Lusiadas de Luiz de Camões. Nova edição. Lisboa.*

Na occasião de entrar no prélo esta folha, junho de 1887, vejo annunciada em alguns jornaes uma nova edição do immortal poema, feita com luxo, illustrada com desenhos originaes para cada estancia, mas para ser vendida por preço barato por conta do sr. conselheiro Mendonça Cortez, dono da antiga livraria Carvalho & C.ª, successores da viuva Bertrand & C.ª Parece que o poema terá uma revisão especial, e será acompanhado de notas e commentarios.

Versões latinas

142-1.ª *Lvsiadvm libri decem. Avthore Domino Fratre Thoma de Faria, Episcopo Targensi, Regioque consiliario, Ordinis Virginis Mariæ de Monte Carmeli, Doctore Theologo, Vlyssiponensi. Cum facultate Superiorum. Vlyssipone. Ex officina Gerardi de Vinea. Anno 1622.* 4.º de 8 innumeradas-179 folh. numeradas pela frente. No frontispicio, as armas do bispo, traductor.

As licenças são de 6, 11 e 14 de janeiro, 20 de agosto e 24 de setembro de 1622. A informação do jesuita D. Jorge Cabral reza assim:

«Vi esta historia do descobrimẽto da India em verso, não tem cousa que encontre nossa santa fé ou bons custumes; antes he poesia que pode ajudar aos humanistas, pelo que póde imprimirse.»

A traducção do poema vae de fl. 1 a 145 v.; e de fl. 146 até o fim correm

as notas. Tem errada a numeração seguinte: fl. 151 em vez de 142; 153 e 154, em vez de 144 e 145.

Nem o traductor, nem nas licenças, se menciona o nome de Camões. Quem ignorasse que os *Lusiadas* eram de Camões, por esta traducção julgal-os-ia escriptos por fr. Thomé de Faria, *Authore* se diz elle no rosto do livro.

Na traducção, ou na impressão, foram omittidas as ultimas doze estancias relativas á peroração a el-rei D. Sebastião.

O exemplar d'esta rara edição, que possue a bibliotheca nacional de Lisboa, era da collecção de Thomás Norton. Parece que antes pertencêra a José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello. Está mui aparado, posto que sem interessar essencialmente o texto. Na bibliotheca real da Ajuda tambem existe um exemplar.

Possuem exemplares: em Lisboa, a bibliotheca nacional, e o sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro; no Porto, a bibliotheca municipal e o sr. dr. José Carlos Lopes, conde de Samodães, e Tito de Noronha; em Ponta Delgada, o sr. José do Canto; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional (dois).

No leilão de Innocencio foi vendido um exemplar por 15$500 réis.

*
* *

143-2.ª *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt* (1745).

O padre Antonio dos Reis incluiu o trabalho do bispo de Targa, D. fr. Thomé de Faria n'esta collecção, tomo v, dando ahi tambem uma biographia d'esse sabio prelado, um catalogo das suas obras e a menção do que alguns auctores escreveram para elogiar esta versão.

*
* *

144-3.ª *Castro Lopes. Musa Latina. Amaryllidos Dircæi aliquot selecta lyrica in latinum sermonem translata ad usum scholarum brasiliensium accommodata. Editio correctissima mendisque purgatissima, notis opportune adhibitis. Potomopoli Ex typis Quirini & Fratris. Via Quitanda 27.* MDCCCLXVIII. 4.º pequeno de 4 (innumeradas)-IV-68 pag.

Este volume, devido ao trabalho do dr. Antonio de Castro Lopes, contém: dedicatoria em verso á memoria da esposa do traductor, D. Rita Barbara Pires Lopes; prologo; algumas noções sobre o verso latino e sua medição; *Amaryllidos Dircæi lyrica selecta;* e appendice, no qual, de pag. 59 a 61, incluiu a versão de *Ignez de Castro, episodio dos Lusiadas.*

O sr. visconde de Juromenha já tinha apresentado a amostra da versão do dr. Castro Lopes nas *Obras,* tomo v, de pag. 323 a 327.

*
* *

145-4.ª *O episodio de D. Inez de Castro. Excerpto do canto* III *dos Lusiadas. Paraphraseado em versos latinos por A. J. Viale. 1875. Lallemant Frères, Typ. Lisboa. Fornecedores da casa de Bragança. 6, rua do Thesouro Velho, 6. Lisboa.* 8.º de 13 pag. — Tem no rosto a seguinte epigraphe:

... *Vestigia semper adoro.*

*
* *

146-5.ª *Tres excerptos dos Lusiadas. Trasladados em versos latinos por Antonio José Viale. 1875. Lallemant Frères, typ. Lisboa. Fornecedores da casa de Bragança. 6, rua do Thesouro Velho, 6.* 8.º de XVI-19 pag. — Tem no rosto a seguinte epigraphe:

Eu não me queixarei que me reprenda
O sabio, o virtuoso, o amigo puro,
E, sendo mister mais, que a mais se estenda.

Diogo Bernardes, carta X.

*
* *

147-6.ª *Episodio do gigante Adamastor. Excerpto do canto* V *dos Lusiadas Trasladado em versos latinos por Antonio José Viale. 1876. Lallemant Frères. Typ. Lisboa. Fornecedores da casa de Bragança. 6, rua do Thesouro Velho, 6.* 8.º de 27 pag. e mais 2 innumeradas de notas e errata, alem de uma errata addicional em quarto de pagina. — Tem no rosto a seguinte epigraphe:

Permulcet mentes: idem terroribus implet.

As tres obras numeradas sob os n.ºs 4, 5 e 9, foram vendidas em um lote no leilão de Minhava por 1$650 réis para o sr. Ulrich Junior.

*
* *

148-7.ª *Imitação do Episodio do canto terceiro dos Lusiadas, immortal poema de Luiz de Camões, em versos latinos, por Francisco de Paula Santa Clara, professor da lingua latina, na cidade de Coimbra. Coimbra. Imprensa Litteraria, 1875.* 8.º grande de 64 pag.

*
* *

149-8.ª *Imitação das estancias 118 e 119 do Livro terceiro dos Lusiadas, immortal poema de Luiz de Camões, em versos latinos, por Francisco de Paula Santa Clara, professor da lingua latina. Coimbra. Imprensa Litteraria. 1876.* 4.º pequeno de 8 pag.

Foi depois reproduzido no *Instituto*, de Coimbra, vol. XXVI, 1879, pag. 328 a 334.

*

* *

150-9.ª *Alguns excerptos dos Lusiadas do grande Luiz de Camões, com uma traslação em versos latinos por Antonio José Viale, do conselho de Sua Magestade. Lisboa. Imprensa Nacional, 1878.* 8.º de 78 pag. — Cada excerpto tem na frente a respectiva traducção latina, e por isso segundo rosto: *Excerpta ex epico Poemate a Ludovico Camonio composito quod Lusiadæ inscribitur in Latinam linguam translata ab Antonio Josepho Viale Regis Fidelissimi a Consiliis. Olisipone, ex typographia Nationali 1878.*

Na advertencia ao leitor declara o sr. Viale:

«Publicam-se agora, reunidos em pequeno volume, cinco excerptos dos *Lusiadas*, trasladados para latim, que saíram successivamente nos annos de 1875 e 1876, impressos na typographia Lallemant. Na reimpressão d'estes nossos tentames litterarios, achando-se esgotada a sua primeira edição, teve-se principalmente em mira subministrar aos estrangeiros estudiosos um specimen da poesia do principe dos vates portuguezes, acompanhado de uma trasladação em versos latinos, tão fiel quanto foi possivel ao paraphrasta...»

A traslação recaíu sobre cincoenta e sete oitavas, d'este modo:

Poematis propositio (Ex Libro I), strophe 1, 2 e 3.

Invocatio (Ex Libro I), strophe 4 e 5.

Episodium Agnetis a Castro (Excerptum ex Libro III) strophes 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134 e 135.

Adamastor Gigas (Ex Libro V), strophes 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59 e 60.

Insulae Amorum descriptio (Ex Libro IX), strophes 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62 e 63.

No appendice (de pag. 67 a 75), em que o traductor dá conta das difficuldades que vencem os que se dedicam a estes trabalhos, nota: «O trasladador do episodio camoniano de D. Ignez de Castro não ousou chamar traducção áquella sua tentativa litteraria: aspirou apenas ao titulo de paraphrasta». E acrescenta: «Relevarão... algumas raras omissões, e tambem algumas breves addições que notarem na versão d'estes excerptos, conferida com o texto: omissões e addições tornadas necessarias por motivos que não escaparão á sua sagacidade. Versões litterarias só podem fazer-se em prosa...»

A capa d'este volume foi tirada a preto e encarnado. Noto esta circumstancia, para que as pessoas, que venham a adquirir algum exemplar em brochura, mandem conservar a capa na encadernação de amador.

*

* *

151-10.ª *A Lusiada de Luiz de Camões, traduzida em versos latinos por Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo, primeira edição, revista por Antonio José*

Viale, do conselho de Sua Magestade, publicada por Venancio Deslandes. Lisboa. Imprensa Nacional, 1880. 8.º grande de XVII-2 (innumeradas)-478 pag. e mais 1 de errata. Com o retrato do padre Macedo, traductor. — É dedicada a sua magestade el-rei o senhor D. Luiz I.

Contém: advertencia do editor (pag. VII); anteloquio do sr. Viale (pag. IX a XVII); octasticho latino, pelo mesmo (pag. innumerada); o poema (pag. 1 a 415); notulae (pag. 417 a 474); descripção da ilha dos Amores, segundo a copia fiel da versão do padre Macedo (pag. 475 a 478).

No anteloquio faz o sr. Viale as seguintes declarações:

«Nos cinco primeiros cantos limitámo-nos a emendar palavras e phrases (em grande numero) que nos pareceram menos proprias, ou menos claras, e a corrigir alguns erros de versificação, devidos talvez á impericia do copista, reservando para as notas latinas, que nos propozemos acrescentar ao texto da versão, o cuidado de indicar alguns dos seus lapsos, e outras vezes o de substituir versos inteiros do traductor por outros da nossa lavra que se nos figuraram menos imperfeitos. Nos cinco ultimos cantos fomos menos indulgentes e mais atrevidos. Fizemos muitas e muitas dezenas de estancias em substituição das do traductor, por assim o julgarmos absolutamente necessario... No canto IX a descripção da Ilha dos Amores, desde a estancia LIV até á estancia LXIII, é copiada dos nossos *Excerptos dos Lusiadas, traduzidos em versos latinos,* publicados em 1878...»

O octasticho latino, posto antes do poema, é o seguinte:

Lysiadum cecinit magni Camonius oris
    Vates (Quis nescit?) maxima facta virum,
Donavit Latio Macedus nobile carmen,
    Quo nullum Lusis gratius exstat opus.
Sed nimium properans quandoque est lapsus in illo,
    Quo studuit metam tangere, curriculo.
Non tamen est ausus mendosos edere versus:
    Emendaturum mors cita corripuit.

A. J. V.

O original que serviu para esta edição, é o que possuia o conselheiro Antonio Correia Caldeira.

*
* *

152-11.ª *O episodio de Ignez de Castro com a versão latina de fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, assombro encyclopedico e com um preambulo do professor Pereira Caldas. Porto, 1880. Typographia Universal.* 8.º

Teve tiragem especial de 50 exemplares.

*
* *

153-12.ª *A ilha dos Amores, elegantissimas estancias do canto* IX *dos Lusiadas, paraphraseadas em versos latinos por Francisco de Paula Santa Clara, etc. Evora, typographia Minerva, 1882.* 8.º de XII-46 pag. e mais 1 innumerada.

Esta publicação foi editorada pelo sr. Antonio Francisco Barata, de Evora, a quem se devem outros escriptos em honra de Camões que em seu logar terão menção especial.

*
* *

Versões hespanholas

154-1.ª *Los Lvsiadas de Lvys de Camões, Traduzidos en octaua rima Castellana por Benito Caldera, residente en Corte. Dirigidos al Illustriss. Señor Hernando de Vega de Fonseca, Presidente del consejo de la fazienda de Su M. y de la Santa y general Inquisicion. Con Privilegio. Impresso en Alcala de Henares por Iuã Gracian. Año de* M.D.LXXX. 8.º grande de 420 pag. innumeradas.— O rosto tem uma gravura tosca, representando um cavalleiro em acção de montar no seu corcel. A impressão é commum, em papel pouco encorpado e amarellado. Algumas pessoas têem supposto que essa gravurinha symbolisa uma passagem da vida de Camões, e o proprio sr. visconde de Juromenha conjectura-o no tomo I das *Obras,* citadas (pag. 223); mas não é assim, visto que apparece como ornamentação de obras anteriores á impressão da de Bento Caldeira.

A data da approvação é de 17 de março, e a do privilegio por dez annos de 26 do mesmo mez de 1580. Na primeira lê-se:

«He visto este libro intitulado los Lusiadas de Camoes, traduzidos en octaua rima Castellana por Benito Caldera y pareceme que la poesia dellos es alta y esta hecha a imitacion de la Eneida de Virgilio, y la traducion tan propria, polida, sonora, y numerosa, que corresponde en todo a la grandeza del subiecto. Por tanto el publicarse este susodicho libro puede ser de mucho prouecho a la republica, y di ningun inconueniẽte dar licencia para que se imprima.»

Este livro contém: approvação, privilegio real, dedicatoria do traductor a Vega de Fonseca, epistola aos leitores por Pero Laynez (5 pag.); seis sonetos em honra do traductor (6 pag.); e o poema.

No alvará de privilegio se puzeram estas palavras honrosas para o poeta: «... Vós (Benito Caldera) auiades traduzido de lingua Portugueza en Castellana en octaua rima un libro que avia compuesto Luys de Camoes, intitulado los Lusiadas, que tratava el descubrimiento y navegacion que los portuguezes avian hecho a la India Oriental, en la qual dicha traducion auiades tenido mucho trabajo, estudio y costas. Suplicandonos atento lo susodicho, y a que era el dicho liuro prouechoso para los professores de historia y navegacion...»

Bento Caldera pedira privilegio por vinte annos; mas só lhe foi concedido por dez. O alvará é datado de Guadalupe a 26 de março de 1580.

O poema é traduzido em verso, com argumentos em prosa, não tendo numeração as estancias. No fim: «*Lavs Deo. Alcala. En casa de Iuan Gracian, 1580*».

É n'esta traducção que apparece por primeira vez emendado o sexto verso da estancia XXI do canto IX

De la primera madre con el seno

emenda que foi depois introduzida em uma das edições portuguezas dos *Lusiadas*

de 1597, e em geral nas seguintes. Como se sabe, este verso, nas duas edições sob a data de 1572 e nas de 1584 e 1591, encontra-se escripto:

Da primeira co terreno seio

É edição bastante rara; e quando apparece em algum leilão, sobe muito de preço.

No leilão de Gubian foi vendido um exemplar por 9$500 réis; no de Innocencio outro para o fallecido Minhava por 21$580 réis; e no de Gomes Monteiro outro para o sr. conde de Villa Real por 50$000 réis.

*
* *

155-2.ª *La Lvsiada de el famoso poeta Luys de Camões. Tradvzida en verso castellano de Portugues, por el Maestro Luys Gomez de Tapia, vezino de Seuilla. Dirigida al illvstrissimo señor Ascanio Colona, Abbad de Sancta Sophia. Con priuilegio. En Salamanca, En casa de Ioan Perier Impressor de Libros. Año de* M.D.LXXX. 8.º pequeno de 16 (innumeradas)-307 folhas numeradas só pela frente. — A impressão é má e o papel de inferior qualidade. No verso da ultima folha: «*En Salamanca, En casa de Ioan Perier, Impressor de Libros, Año de Mil y quinientos y ochenta.*»

Contém: dedicatoria ao abbade Ascanio; prologo ao leitor de Mestre Francisco Sanchez; varias peças poeticas em louvor de Tapia; catalogo dos reis de Portugal até Filippe II (primeiro da dominação hespanhola, 1580); e o poema (traducção em verso, com argumentos em prosa, mais desenvolvidos que os de Caldera). As estancias tambem não têem numeração. No fim de cada canto, vem as correspondentes annotações.

A versão de Caldera começa (canto I, estancia I):

Las armas, los varones señalados
que dela Occidental y Lusitana
playa, por mares antes no sulcados
passaron mas alla Trapobana.

E acaba (canto X, estancia 156):

La mia ya estimada alegre musa,
prometo que enel mundo de vos cante,
de suerte que Alexandro en vos se vea,
sin que embidiado el gran Achiles sea.

A versão de Tapia começa (canto I, estancia I):

Las armas y Varones señalados
Que dela playa occidua Lusitana
Passarõ por caminos nunca vsados
El no surcado mar de Taprobana

No leilão Gomes Monteiro foi vendido um exemplar ao sr. conde de Villa Real por 27$500 réis.

*
* *

156-3.ª *Los Lvsiadas de Luys de Camoes. Traduzidos de portugues en Castellano por Henrique Garces. Dirigidos a Philippo Monarcha primero de las Españas y de las Indias. En Madrid. Impresso con licencia en casa de Guilermo Drouy impressor de libros. Año 1591.* 4.º grande de 4 innumeradas-185 folhas, e mais 2 de errata e a designação typographica: « *En Madrid. En casa de Guillermo Druy Impressor de libros. Año 1591* ». A versão é em oitava rimada.

A ultima folha tem o numero 851 em vez de 185.

É tão rara esta edição, como as duas anteriores. Falta á maior parte dos colleccionadores.

Possue um exemplar no Porto o sr. Antonio Moreira Cabral. O sr. Carrilho Videira, proprietario da livraria internacional, comprou em 1883 ao livreiro madrileno D. Antonio Rego o exemplar que elle possuia, e vendeu-o em seguida, por intermedio da livraria Ferin, ao sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, por 90$000 réis. É um bom exemplar e está bem conservado.

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido ao sr. conde de Villa Real um exemplar por 37$000 réis, e no de Vieira Pinto outro por 56$000 réis.

*
* *

157-4.ª *Poesias de Luis de Camoens.* (8.º 3 tomos de 383-1 pag., 285-1 pag., e 335 pag.) Os tomos I e II têem o rosto seguinte:

Los Lusiadas, poema epico de Luis de Camoens, que tradujo al castellano Don Lamberto Gil. Penitenciario en el real Oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte. Madrid, 1818, Imprenta de D. Miguel de Burgos.

O tomo III o seguinte:

Poesias varias, ó Rimas de Luis de Camoens, que tradujo al castellano Don Lamberto Gil, Penitenciario en el real Oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte. Madrid, 1818. Imprenta de D. Miguel de Burgos.

O tomo I contém: Prologo do traductor (pag. 5 a 14); vida de Camões (pag. 15 a 36); juizo critico dos *Lusiadas* (pag. 37 a 80); viagem de Vasco da Gama á India (pag. 81 a 104); o poema (traducção em verso, com argumento em prosa), cantos I a V (pag. 105 a 297); e notas d'estes cantos (pag. 299 a 383).

O tomo II contém: os cantos VI a X (pag. 5 a 189); e notas (pag. 191 a 285).

O tomo III contém: prologo do traductor (pag. 5 a 15); as rimas (pag. 17 a 324); notas (pag. 325 a 329); e indice (pag. 331 a 335).

Lamberto Gil, logo no começo do prologo, escreveu o seguinte:

«Entre los poemas epicos de los escritores modernos, Lusiadas de Luis de

Camoens fué el primiero que recibió el aplauso de todos los literatos. Apenas vió la luz pública, todas las naciones procuráran trasladarlo á sus respectivos idiomas...»

No leilão de Innocencio foi vendido um exemplar por 2$100 réis; no de Gomes Monteiro outro por 800 réis; e no de Minhava por 2$050 réis.

*
* *

158-5.ª *Episodio de Ignez de Castro, por D. Nicolás Diaz de Benjumea. Barcelona, 1866.* Fol. Com estampas gravadas em aço.

Veja o artigo *Portugal* no tomo II da obra: *Costumbres del universo ó descripcion y pintura de la fisionomia peculiar de las mas importantes naciones del globo, tales como son en su vida intima, carateres, ingenio, tipos populares, etc.*

De pag. 8 a 10, o auctor faz referencias a Camões. No fim d'esta ultima pagina para a seguinte, allude ao episodio de Ignez de Castro tirado dos *Lusiadas*, e traduz alguns versos.

*
* *

159-6.ª *Los Lusiadas, poema épico de Luis de Camóes, traducido en verso castellano por el Conde de Cheste, de la Real Academia Española, Madrid: 1872. Imprenta de D. Antonio Perez Dubrull, Jesus del Valle, núm. 15.* 8.º de 396 pag. e mais 5 innumeradas de indice e erratas. — A impressão é em papel commum, ordinario; e não se recommenda pelo primor typographico. A versão é em oitavas rimadas, tendo cada canto os argumentos em prosa, imitados dos da edição Lamberto Gil.

No leilão de Innocencio foi arrematado um exemplar por 1$370 réis.

*
* *

160-7.ª *Os Lusiadas (Los Portuguezes) Poema de Luis de Camoens traducido por Don Cárlos Soler y Arques, catedrático é individuo correspondiente de la Real Academia de la Historia. Edicion acompañada del legitimo texto portugues y de copiosas notas y noticias biograficas sobre el insigne poeta ibero. Badajoz. Establecimiento tipográfico de José Santamaria. Plazuela de la Soledad. 1873.* Fol. pequeno de 263-1 pag., tendo as do prologo numeração romana. Com o retrato de Camões, lithographado na officina de Pfeifter, em Madrid.

Contém: introducção (pag. III e IV); o poema, traduzido em prosa, tendo nas paginas á direita as estancias de Camões (pag. 6 a 239); notas dos cantos (pag. 241 a 258); apontamentos biographicos do poeta (pag. 259 a 262); variantes (pag. 262 e 263); e indice (pag. innumerada).

Na introducção, transcripta de um juizo critico de D. Francisco de P. Canalejas, em que este illustre professor confunde as glorias portuguezas cantadas pelo

egregio poeta com as glorias hespanholas, de que não se trata nos *Lusiadas*, lê-se :

«Es de todo punto impossible establecer un paralelo entre os poemas épicos que con orgullo guardan las literaturas modernas y el poema de Camoens... el poeta portugués comprendió cuál era el destino que cumplian nuestros pueblos, é iluminado con tan vasta concepcion escribió ese poema, orgullo no de un pueblo, no de una nacion, sino de una raza entera...

«... Luis de Camoens canta las armas y los varones que por mares nunca navegados extendieron la fé; canta los hechos nunca imaginados, que no cabian en el arte de las antiguas civilizaciones; canta una gloria que no soñaron los héroes de las leyendas mitologicas; canta una edad nueva. No lo ignorava el gran poeta :

«Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
«que outro valor mais alto se alevanta.

«... la literatura moderna sentia un poema en sus entrañas, y nació Camoens para cantarlo...»

*
* *

161-8.ª *Los Lusiadas de Luis de Camoens segun la última edicion correcta publicada por el Dr. Caetano Lopes de Moura. Traduccion de D. Manuel Aranda y Sanjuan. Barcelona. Empresa editorial La Ilustracion. Calle de Mendizábal, número 4. 1874.* 4.º de 4 (innumeradas)-296-LXI pag. e mais 1 da indicação das gravuras.—A impressão é cuidadosa e em bom papel. As gravuras, desenhadas e gravadas por Planas, Moracho e Gomez, são de composição nova e apropriadas aos trechos dos cantos, servindo comtudo de guia aos artistas as estampas da edição do Morgado de Matteus. A gravura da portada representa Camões salvando os *Lusiadas*. A ultima pagina do indice tem o numero 266 em vez de 296.

No verso do rosto vem a seguinte declaração: «*Es propriedad de los editores. Barcelona. Establecimiento tipográfico de Jaime Jepús Roviralta. Calle de Petritxol, número 10, bajos. 1874*».

Contém este livro: o poema, versão em prosa, com annotações no fim das paginas (pag. 1 a 291); e a biographia de Camões, traduzida de Ferdinand Denis (pag. I a LXI).

*
* *

162-9.ª *Estudio critico-analítico sobre las versiones españolas de Los Lusiadas por D. Nicolas de Goyri. (Canto primero). Lisboa. Typographia de J. H. Verde. 17, R. N. da Trindade, 19. 1880.* 4.º de VIII-106 pag. innumeradas.

Esta obra contém: introducção (pag. V a VIII); e o primeiro canto em confrontação o texto portuguez com as versões de Tapia, D. Lamberto Gil, Bento Caldera, Henrique Garcez e conde de Cheste, com annotações criticas do sr. Goyri no fim de cada pagina.

Na introducção, referindo-se á edição de D. Lamberto Gil, escreve: «No tradujo tan mal como los que le habian precedido, porque la obra de Faria y Sousa, que consultó, le ayudó á modificar la traduccion de Tapia de la cual copió versos enteros».

*
* *

163-10.ª *Seis estrophes do Episodio de Adamastor, extrahidos dos Lusiadas de Camões, com a versão hespanhola de D. Patricio de la Escosura, inedita ainda; antecedidas de um preambulo do Professor Bracarense Pereira Caldas. Braga. Typographia Lealdade. 1, rua de Jano, 1. 1881.* 8.º de 33 pag.

*
* *

Versões francezas

164-1.ª *La Lusiade du Camoens. Poeme heroique, sur la decouverte des Indes Orientales. Traduit du Portugais, Par M. Duperron de Castera. A Paris Chez Huart, ruë S. Jacques, à la Justice. David, quay des Augustins, à la Providence. Briasson, ruë S. Jacques, à la Science. Clousier, ruë S. Jacques, à l'Ecu de France.* MDCCXXXV. *Avec Approbation & Privilege du Roi.* 12.º 3 tomos de 4 (innumeradas)-LXIX-3 (innumeradas)-319 pag., 4 (innumeradas)-364 pag. e 4 (innumeradas)-334-1 (innumerada) pag. Com estampas. — O rosto é a duas côres, preto e encarnado. A traducção é em prosa, com annotações.

O tomo I comprehende a dedicatoria em verso ao principe de Conty, o prefacio, a vida do poeta, e os tres primeiros cantos. O tomo II o canto quarto até o setimo. O tomo III o canto oitavo até o decimo. Cada canto é acompanhado de uma estampa, e alem d'estas gravuras tem uma outra de frontispicio, assignada por Bonnart, desenhador, e J. B. Scotin, gravador.

A dedicatoria ao principe de Conty, começa:

Daignez souffrir, Seigneur,
que les Muses du Tage
Vous offrent par ma main leur
plus celebre Ouvrage;

No prefacio affirma o traductor Castera:

«Persuadé d'une maxime si juste & si noble, j'ai cru que je ferois un vrai présent à ma Patrie, en lui donnant dans notre langue la Lusiade du Camoëns, qui peut passer pour l'un des plus beaux Poëmes, qu'on ait jamais lûs depuis Homere & Virgile.

«Le sujet en est grand, & tel qu'il le faut pour l'Epopée; c'est la découverte des Indes par les Portugais. L'unité de la principale action & celle du Héros s'y trouvent observées parfaitement; on y voit une conduite ménagée avec art, une allegorie sublime, plusieurs épisodes bien amenés, des passions exprimées avec force & delicatesse, des peintures vives; enfin un style varié suivant l'exigence des matières; tantôt doux & simple, tantôt rapide & majestueux; toujours admirable, & jamais défiguré par ces jeux de mots, dont les fausses lueurs gâtent quelquefois les meilleurs écrits des Italiens & des Espagnols...»

Em alguns exemplares vê-se que a ultima pagina do tomo I tem o numero 31 em vez de 319.

Mais adiante censura a apreciação de Voltaire n'estas palavras (pag. xiij e xiv):

«M. de Voltaire dans son Essai sur le Poëme Epique a critiqué plusieurs endroits du Camoëns; j'ai taché de lui montrer dans mes Notes, que sa censure tomboit à faux; c'est une dispute litteraire, où je n'apporte ni partialité pour mon Auteur, ni fiel contre celui dont je combats les opinions: j'estime ses talens, je rends justice aux beautés de ses ouvrages, mais cependant il me permettra de lui dire, ce que disoit autrefois Aristote en pareille conjoncture: *Amicus Plato sed magis amica veritas.*»

Note-se que, com a mesma data, porém com indicação diversa do logar da impressão, é que vem registada esta edição de Castera no tomo v do *Dicc.* de Innocencio, sob o n.º 458-2, e na obra do sr. visconde de Juromenha. Supponho, comtudo, que, sendo no mais em tudo igual, a mudança do rosto seria conveniencia industrial, como já fica apontado em outras edições. No rosto d'esta contrafeição lê-se: «*Le Lusiade du Camoens... A Amsterdam, chez François l'Honoré* M.D.CC.XXXV.»

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 2$100 réis, e no de Pinto de Aguiar (1883) outro por 15$300 réis.

*
* *

165-2.ª *La Lusiade du Camoens, poeme heroique, Sur la Découverte des Indes Orientales. Traduit du Portugais, Par M. Duperron de Castera. A Paris, chez Briasson, Libraire, rue Saint-Jacques, à la Science.* M.DCC.LXVIII. *Avec Approbation & Privilege du Roi.* (No fim: De l'Imprimerie de Quillau. 1768.) 12.º 3 tomos de 4 (innumeradas)-LXIX-2 (innumeradas)-319 pag., 4 (innumeradas)-364 pag., e 4 (innumeradas)-334 pag.

É a segunda edição da anterior, com alguns dos erros emendados. Não tem o rosto a duas côres, nem as estampas.

Para accentuar os caracteristicos d'esta edição, que é effectivamente segunda, note-se mais que no verso da pag. lxix vem a approvação datada de 1 de março de 1764, na qual se lê: «J'ai lu par ordre de Monseigneur le Vice-chancelier, *La Lusiade du Camoëns, Poëme héroique.* Je crois qu'ont peut permettre d'en faire une nouvelle édition».

As pag. 457, 421, 422, 423 e 424 do tomo II devem emendar-se para 357, 361, 362, 363 e 364.

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 700 réis.

*
* *

166-3.ª *Essai d'imitation libre de l'Episode d'Ines de Castro, dans le poëme des Lusiadas de Camoens par Mlle M. M. La Haye.* M.DCC.LXXII. 8.º de 16 pag.— No rosto uma bella vinheta, gravada em cobre, apropriada ao assumpto do episodio, como se verá da fiel reproducção que dou em seguida. Figura-se-me representar o genio dos *Lusiadas* sobre o formoso quadro do amor de D. Ignez. As estrophes não têem numeração.

ESSAI
D'IMITATION LIBRE
DE
L'EPISODE
D'INES DE CASTRO,
DANS LE POËME DES
LUZIADAS DE CAMOENS,

PAR

M^{LLE} M. M.

LA HAYE,

M. DCC. LXXII.

Parece-me que, com a data de 1772, é a primeira vez que se faz menção d'este folheto, e por isso o considero ainda mais raro que o de 1773, que aliás tem sido julgado rarissimo, e poucos camonianistas o possuem. Encontrei o exemplar, de que me servi, entre os papeis impressos camonianos do benemerito visconde de Juromenha (hoje fallecido). Comprehende de pag. 3 a 10 a versão livre; e de pag. 11 a 16 o episodio em portuguez, com a declaração de que se junta « para que o recordem os que o tenham lido no proprio idioma ».

Começa:

O toi, que fais aimer, toi qui regis la terre,
Dieu cruel & charmant, qui plus que le Tonerre,
Fais redouter les traits, dont tu perces les coeurs,
Tu fis couler d'*Inès* & le sang & les pleurs;

Acaba:

Et ce lieu consacré par les malheurs d'*Inès*
Ce lieu que vit fraper tant d'amour, tant de charmes,
Des Nymphes, des Bergers attestant les regrèts,
Est encore appellé la Fontaine des larmes.

*
* *

167–4.ª *La Mort d'Ines de Castro; et Adamastor; morceaux tirés et traduits de La Lusiade de Camoens; pour servir d'Essai à une Traduction Française en vers et complette de ce fameux poëme portugais, ouvrage dédié, & présenté au Roi le VI de Juin* MDCCLXXII, *jour anniversaire de la naissance de Sa Majesté par Sulpice Gaubier de Barrault major de place de Lisbonne. A Lisbonne de l'Imprimerie Royale. Avec approvation.* 8.º de 32 pag.

No *Panorama Photographico de Portugal,* do meu erudito amigo, sr. bacharel Augusto Mendes Simões de Castro, volume III (Coimbra 1873), pag. 13, póde ver-se reproduzida a traducção do episodio de D. Ignez de Castro por Barrault.

Os exemplares não são vulgares, porém não de extrema raridade. Tenho visto muitos em mãos de diversos camonianistas. Possuo um que adquiri por 300 réis no leilão dos livros do fallecido conselheiro Nogueira.

No leilão de Innocencio foi vendido um exemplar por 1$100 réis.

*
* *

168–5.ª *Essai d'imitation libre de l'episode d'Ines de Castro, dans le Poëme des Lusiades de Camoens par Mlle M. M. A. la Haye, & le vend à Bruxelles, chez J. Vanden Berghen, Imprimeur-Libraire rue de la Magdelaine.* M,DCC.LXXIII. 8.º de 16 pag.— Tem no rosto uma pequena vinheta, symbolisando, ao que se me figura, o genio da poesia.

Deve ser de certo a *segunda edição,* feita pouco depois da antecedente.

Tambem é bastante raro este folheto. A divisão da parte franceza e da parte portugueza é igual. Examinando porém as duas edições notei: differenças no rosto, nas vinhetas (no desenho e na execução diversissimas, e a de 1772 maior

que a de 1773); na composição e nos caracteres typographicos; na revisão, que me parece mais cuidada a segunda que a primeira; e até na declaração posta no fim da versão, que n'uma está «para que o recordem os que o tenham lido», e na outra «que se junta para os que entendam o idioma».

Sou, portanto, levado a acreditar que a data de 1733, que vem no tomo i das *Obras*, pelo nobre visconde de Juromenha, pag. 255, á vista do exemplar da bibliotheca nacional, que tenho presente, e do exemplar que possuia Innocencio, está evidentemente errada: e por isso, subsiste a primeira observação posta no *Dicc.*, tomo v, pag. 269 e 270. A versão franceza mais antiga, conhecida, não é pois esta, mas a de Castera. A de Barrault tem de ficar agora registada entre uma e a outra.

No catalogo do sr. José do Canto, da ilha de S. Miguel, vejo a menção de um exemplar sob data de 1763, mas não posso saber se haveria equivoco do illustre collecionador.

*

* *

169-6.ª *La Lusiade de Louis Camoëns; Poëme heroïque, en dix chants, Nouvellement traduit du Portugais, Avec des Notes & la Vie de l'Auteur. Enrichi de Figures à chaque chant. A Paris, chez Nyon aîné, Libraire, rue Saint Iean de Beauvais.* M.DCC.LXXVI. 8.º 2 tomos de XXIX-2 (innumeradas)-320 pag. e 4 (innumeradas)-291-3 (innumeradas)-pag.—As estampas são gravadas em cobre, e na maior parte inspiradas das do Morgado de Matteus. Não trazem os nomes, nem os simples monogrammas dos artistas.

O tomo I contém: advertencia do livreiro; vida de Camões; os cantos I a V do poema, traduzido em prosa, com argumentos; e notas.

O tomo II contém: os cantos VI a X; notas e erratas.

Na advertencia lê-se:

«Cette nouvelle Traduction de Camoëns, dont on peut en général garantir la fidélité, est l'ouvrage d'un Ecrivain très-connu: elle a été faite sur une version littérale du texte Portugais; version composée, avec tout le soin & toute l'exactitude possible, par un homme très-versé dans la langue de Camoëns...»

Na approvação, datada de 3 de maio de 1776, declara o censor: «Cette Traduction m'a paru mériter à double titre l'empressement & les souffrages du Public, & par sa propre élégance & par la célébrité de l'original».

N'esta versão entraram d'Hermilly e La Harpe, mas só com o nome d'este illustre escriptor é que figurou depois nas subsequentes edições.

La Harpe não conhecia a lingua portugueza, por isso não estava no caso de ser interprete fiel da obra famosa de Camões. D'ahi nasceram os graves defeitos da sua translação e adulteração, que alguns criticos lhe estygmatisaram. Entre os portuguezes, o que veiu a acudir com mais vehemencia pelo nome do grande epico foi o academico Antonio de Araujo de Azevedo, que submetteu á apreciação da Academia Real das Sciencias uma memoria a este respeito que se encontra no tomo VII das *Memorias de litteratura portugueza* (1806), de pag. 6 a 16.

N'esta critica, que Araujo de Azevedo intitulou *Memoria em defeza de Ca-*

mões contra Monsieur de La Harpe, trata com aspereza, embora justamente, o traductor francez, comparando a sua versão com as versões mais apreciaveis que já tinham apparecido em castelhano, inglez e francez. Dirige-se a La Harpe d'este modo:

«Monsieur de La Harpe, que adquiriu uma grande reputação pelas suas obras em litteratura, teve o valor de confessar que, ignorando a lingua portugueza, compozera sobre uma versão interlinear, e litteral aquillo, a que elle quiz chamar traducção de Camões. Desejo que esta confissão lhe sirva de apologia no tribunal dos litteratos. Serei talvez severo em demazia, mas declaro, que me será sempre estranho que se emprehenda, que se publique e assigne a versão de um auctor, que se não entende, e que se ouse chamar a isto traducção.

«Porém, M. de La Harpe não se limita a traduzir; depois de annunciar, que a versão sobre que trabalha é escrupulosamente fiel, e que sómente quizera animal-a *com o fogo da poesia,* adverte, que ajuntará notas criticas á sua traducção, nas quaes com effeito se abalançou a fazer juizo sobre o original.

«Para traduzir e sentenciar um poeta é preciso entendel-o, e ninguem póde sentir por interprete. Se todos concordam em que as bellezas da poesia desapparecem, ou se enfraquecem com a traducção em prosa, como queria M. de La Harpe julgar Camões por uma traducção interlineal e provavelmente, apesar da sua asserção, tão pouco fiel, que lhe não foi possivel executar o seu louvavel projécto de a animar com o fogo de poesia, aliás Camões não deve ser reputado poeta.»

Em seguida, Araujo de Azevedo analysa as passagens que La Harpe não comprehendeu ou que adulterou, e termina a sua memoria:

«Deixo sem refutação muitas outras censuras de M. de La Harpe, porque basta, segundo me parece, o que tenho dito para provar a sua injustiça, a sua ligeireza, e a falta de conhecimentos do nosso poeta.

«Camões não foi isento de defeitos, assim como o não foram os outros poetas epicos; mas, se os limites desta memoria m'o permittissem, creio que poderia ainda provar contra M. de La Harpe, e contra outros criticos, o seu talento superior ...»

Em 1826 escrevia Ferdinand Denis, no seu mui interessante livro *Resumée de l'histoire litteraire du Portugal et du Brésil* (pag. 134 e 135):

«J'ignore si La Harpe avait jamais essayé de lire les poésies diverses de Camoens. On a la preuve qu'il était hors d'état de les comprendre, et le jugement rigoureux qu'il en a porté offre une preuve bien curieuse de la manière dont on savait apprécier alors la littérature étrangère. Je me trompe en qualifiant ce jugement de rigoureux; il est ridicule, et des écrivains d'un vrai mérite en ont déjà fait justice. D'ailleurs Camoens se venge lui-même quand on peut le lire...»

No leilão de Pinto de Aguiar foi vendido um exemplar por 1$550 réis

170-7.ª *La Lusiade de Camoëns. Traduction poétique, avec des notes historiques et critiques, nécessaires pour l'intelligence du poëme. Par Mr. de La Harpe. Londres.* M.DCC.LXXVI. 8.º de xvj-299 pag.—A impressão é ordinaria e em papel inferior. Não tem gravuras.

O rosto da edição de Paris tem uma lyra entre folhas de louro; e no da de

Londres vê-se um pequeno trophéu bellico. N'esta igualmente as cabeças das paginas da advertencia e do primeiro canto têem gravurinhas em madeira.

Pela confrontação das duas edições, que fiz na bibliotheca do sr. João Antonio Marques, formei a convicção de que eram diversas, e por fórma alguma como suppuz antes d'esse exame, fraude industrial. Os caracteres typographicos, a impressão e o papel são mui differentes. A advertencia na edição de Paris tem o titulo *Avertissement du libraire* e é em typo redondo; na de Londres tem apenas *Avertissement* e é em italico, bem como a noticia de Camões, que se segue de pag. III a XVj.

*
* *

171-8.ª *La Lusiade de Louis Camoëns; Poëme heroïque, en dix chants, nouvellement traduit du Portugais, Avec des Notes & la Vie de l'Auteur. A Paris, chez Nyon aîné, Libraire, rue Saint-Jean de Beauvais.* M.DCC.LXXVI. 8.º 2 tomos de 160 e 132 pag.

O sr. dr. José Carlos Lopes, que possue um exemplar d'esta terceira edição da traducção d'Hermilly et La Harpe, escreve-me, asseverando « que o frontispicio é igual á da primeira de París, com a simples omissão das palavras: *Enrichi de Figures à chaque chant,* por isso que esta edição não tem estampas. A vinheta do rosto é tambem um simples ornato de phantasia, sem significação alguma. O papel, a impressão e os caracteres são igualmente differentes ».

Não é facil encontrar reunidas as tres edições de 1776 na maior parte das collecções camonianas.

*
* *

172-9.ª *L'Isle enchantée, episode de La Lusiada, traduit du Camoens.* — V. de pag. 1 a 24 do tomo XXVIII das *Voyages imaginaires, songes, visions, et romans cabalistiques,* impresso em Amsterdam, 1788. 8.º

*
* *

173-10.ª *Episode de Inez de Castro.* Traducção em verso com o texto portuguez em frente. —Veja a pag. 91 do livro *Mélanges de poésie et de litterature, par Florian. Paris, chez Ant. Aug. Renouard,* 1812. 12.º

Em outra edição d'este livro (*De l'Imprimerie de Guilleminet, A Paris, etc. An.* IX, 12.º de 243 pag.), o episodio, com o texto portuguez em frente, occupa de pag. 160 a 173.

*
* *

174-11.ª *La Lusiade de Louis Camoens, poëme héroïque en dix chants, traduit du Portugais, avec des Notes et de la Vie de l'Auteur. Par J. F. de La Harpe, Paris, Laurent. Beaupré, Libraire, au Palais Royal, Galeries de bois, nº 218. 1813.* 12.º 2 tomos de 4 (innumeradas)-350 pag. e 4 (innumeradas)-294 pag.— Tem a indicação typographica: « *Imprimerie de D'Hautel, Rue de la Harpe, nº 80*».

*
* *

175-12.ª *La Lusiade de Louis Camoens, Poëme héroïque en dix chants, traduit du portugais, avec des notes et la vie de l'auteur, Par La Harpe, de l'Académie Française. A Paris, chez Verdière, libraire, Quai des Augustins, nº 25.* 1820. 8.º de 316 pag. Com o retrato do poeta. — No verso do ante-rosto: «*De l'imprimerie de Firmin Didot, père et fils, imprimeurs du Roi, de l'Institut et de la Marine, Rue Jacob, nº 24*».

Esta edição é a reproducção da de 1776, de que se trata acima, e que saiu sem o nome de La Harpe. Os typos e o papel são iguaes aos que o impressor Didot empregára na edição portugueza, segunda do Morgado de Matteus, em 1819. Está aproveitado n'ella tambem o retrato de Camões, desenho de Gérard e gravura de Roger.

*
* *

176-13.ª *Les Lusiades, ou les Portugais, Poëme de Camoens, en dix chants. Traduction nouvelle, avec des notes, par J. B^te J^h Millié. Paris, Firmin Didot, Père et Fils, Libraires, Rue Jacob, nº 24. De l'imprimerie de Firmin Didot.* MDCCCXXV. 8.º 2 tomos de 397 pag. e 1 de erratas, e 413 pag. É dedicada ao Morgado de Matteus.

O rosto é simples e tem, em typo miudo, corpo 6, a seguinte epigraphe:

> «La découverte de Mozambique, de Mélinde et de Calicut, a été chantée par le Camoens, dont le poëme fait sentir quelque chose des charmes de l'Odyssée, et de la magnificence de l'Eneide.» MONTESQUIEU.

O tomo I contém: a dedicatoria, o prefacio, a breve noticia de Camões, e os cantos I a VI, traduzidos em prosa, tendo cada canto as respectivas notas. Os argumentos, ou summarios, estão no fim do tomo.

O tomo II contém: os cantos VII a X, com as notas e summarios, os juizos criticos de diversos auctores ácerca do poema (pag. 235 a 298); e a historia de Luiz de Camões e das suas obras (pag. 299 a 409).

Essas apreciações são de Rapin (pag. 237 e 238), extrahidas das *Réflexions sur la poétique,* pag. 69, 121, 150 e 166; de Adrien Baillet (pag. 239 a 243), extrahido dos *Jugements des savants,* tomo IV; de Voltaire (pag. 244 a 252), extrahido do *Essai sur la Poésie épique;* de La Harpe (pag. 253 a 258), extrahido da *Noticia de Camões* e das notas dos cantos I, VIII e IX, da sua versão dos *Lusiadas,* e do *Cours de littérature;* de L'Abbé Delille (pag. 259), extrahido das notas ao canto IV da *Eneida;* de William Mickle (pag. 260), extrahido da *Dissertation on the Lusiad;* de Chateaubriand (pag. 261 e 262), extrahido do *Génie du christianisme;* de Madame de Stael (pag. 263 a 269), extrahido da *Biographie de Michaud;* de Lemercier (pag. 270 e 282), extrahido da *Introduction au Cours de littérature* e do *Cours de littérature;* de Gilibert de Merlhiac (pag. 283 a 294), extrahido do *Discours préliminaire de la traduction de l'Araucana;* de Parseval-Grandmaison (pag. 295 e 296), extrahido dos *Amours épiques,* estrophe do canto I e nota ao canto IV; e Montesquieu (pag. 297), extrahido do *Esprit des Lois,* livro XXI, capitulo 17 (reproducção da epigraphe, que fôra posta no frontispicio). Estes juizos criticos têem numerosas e interessantes notas do traductor.

Segue-se (de pag. 299 a 409) a *Notice sur Camoens et sur ses ouvrages, par D. José Maria de Sousa Botelho... Mise en français, pour la première fois, par le traducteur des Lusiades.*

A versão de Millié é estimada, e passa por ser das melhores que se fizeram no idioma francez. O traductor, por ter estado algum tempo em Lisboa, familiarisára-se com os bons livros portuguezes e com os escriptores mais bem conceituados do seu tempo; mas, não só pela dedicatoria, como por muitas passagens das notas, pela escolha dos trechos apontados, com que enriqueceu a sua traducção, Millié, ao que supponho, viveu na intimidade do Morgado de Matteus, e d'elle recebeu muitos elementos para aperfeiçoar o seu trabalho. A cada passo, pelo assim dizer, se nos deparam referencias honrosissimas para D. José Maria de Sousa. Na dedicatoria traz Millié estas phrases:

«... la magnifique édition dont vous avez enrichi la Bibliothéque des Rois & toutes les Sociétés savantes de l'Europe, est le plus beau monument que l'enthousiasme ait élévé au génie. Vous avez fait, à vous seul, pour le chantre de Gama, ce que Lord Somers, le docteur Attrebury & le savant Addisson firent autrefois pour l'Auteur du *Paradis Perdu.* Jouissez de la gloire de Camoens, Monsieur: elle est devenue la vôtre.»

No leilão de Pinto de Aguiar foi vendido um exemplar por 2$600 réis.

*
* *

177-14.ª *Poésies de Louis de Camoens, traduites du portugais en vers anglais, par Lord Strangford, ancien ambassadeur de S. M. B. à la cour de Lisbonne, à Constantinople, à Rio Janeiro; traduites de l'anglais au français par B. Basère, membre de plusieurs académies. Bruxelles, de l'imprimerie de Vandooren Frères, rue des Fabriques, N.º 3, n.º 1012.* M.DCCCXXVIII. 12.º de XLV-229 pag.— No frontispicio tem a seguinte epigraphe:

Accipies meros amores. CATULL.

*
* *

178-15.ª *Épisode d'Inez de Castro, traduit de la Lusiade de Camões. Chant* III, *oit. 118* (Por Florian).

Veja *Œuvres de Florian, de l'Académie Française. Nouvelle édition,* etc. 1838 8.º grande, tomo IV, de pag. 291 a 297. Começa a primeira estancia trasladada:

Vainqueur du Maure, au comble de la gloire
L'heureux Alphonse après tant de combats,

E acaba:

Et ce beau lieu que des myrtes couronnant,
S'appelle encore la Fontaine d'amour.

Os quatro primeiros versos da estancia 120:

Estavas linda Ignez, posta em socego,

Foram assim vertidos por Florian :

Le front paré des roses du bel âge,
Charmante Inez, dans une douce erreur
Tu jouyssais de ce calme trompeur,
Toujours, hélas! si voisin de ton ardeur.

N'uma nota final, o traductor pede desculpa da versão, posto a tentasse com escrupulosa fidelidade.

*
* *

179-16.ª *Lusiades de L. de Camoens, Traduction nouvelle, par MM. Ortaire Fournier et Desaules, revue, annotée et suivie de la traduction d'un choix des poësies diverses avec une notice biographique et critique sur Camoens, par Ferdinand Denis. Paris, librairie de Charles Gosselin, éditeur de la bibliothèque d'élite. 9, rue Saint-Germain-des-Prés,* MDCCCXLI. 8.º de 4 (innumeradas)-LXVII-375-1 pag. —No verso do ante rosto : *Imprimé par Béthune et Plon, à Paris.*

Esta edição comprehende : o aviso do editor (pag. I a III) ; artigo *Camões e os seus contemporaneos,* por Ferdinand Denis (pag. V a LXVII) ; o poema, traduzido em prosa, com argumentos tambem em prosa (pag. 1 a 250) ; poesias diversas (selecção de sonetos, canções, eglogas, etc., colligidas das *Rimas* do poeta e postas pelos traductores, segundo elles, por sua ordem chronologica, para se apreciar melhor a vida agitada do poeta (de pag. 253 a 335); noticia relativa a Vasco da Gama (pag. 337 a 340); notas aos *Lusiadas* e ás *Rimas* (pag. 341 a 375) ; e indice (pag. innumerada).

Um exemplar d'esta edição foi vendido no leilão de Innocencio por 4$100 réis; no de Gomes Monteiro não passou de 700 réis; e no de Pinto de Aguiar chegou a 900 réis.

*
* *

180-17.ª *Les Lusiades ou les Portugais, poëme en dix chants, par Camoens; traduction de J. B. J. Millié, revue, corrigée et annotée par M. Dubeux, de la bibliothèque royale. Précédées d'une Notice sur la vie et les ouvrages de Camoens, par M. Charles Magnin, membre de l'institut. Paris. Charpentier, librairie-éditeur, 29, rue du Seine. 1841.* 8.º pequeno de 4-LIX-363-1 pag.— O verso do ante-rosto, no fim de um catalogo das publicações do editor Charpentier, tem a indicação: *Paris. Typographie de Lacrampe et comp., rue Damiette, 2.*

Contém : a vida de Camões (pag. I a LIV), assignada « Charles Magnin » ; a lista dos principaes historiadores de Camoens (pag LV a LIX), assignada « Ch. M.» (Magnin) ; o poema, traduzido em prosa (pag. 1 a 363), com as notas no fim de cada canto.

Os titulos do rosto fazem suppor que Dubeux melhorou e ampliou a traducção de Millié ; mas, confrontando a edição de 1825 com esta de 1841, parece-me que a revisão na segunda, quando menos na maior parte do poema e das notas, não passou de technica ou typographica; a não ser que Dubeux auxiliasse Millié na primeira edição.

* *

181-18.ª *Les Lusiades, poëme de Camoens, traduit en vers par F. Ragon. A Paris, chez Ch. Gosselin, libraire, rue Saint Germain-des-Prés, 9. L. Hachette, libraire, rue Pierre-Sarrazin, 12. 1842.* 8.º de VIII-280 pag.— No verso do ante-rosto: *Avallon, imprimerie de Herlobig.*

Contém: advertencia (pag. V a VIII); o poema, traduzido em verso (pag. 1 a 252); e notas (pag. 253 a 280). Na advertencia refere o traductor que pensára em pôr a vida de Camões e de Vasco da Gama, porém que depois reconhecêra que taes biographias, em vista da importancia do poema, pouco interesse teriam para as pessoas cultas; e acrescenta com respeito á versão (pag. VII):

«J'ai donc traduit les *Lusiades* avec la même fidélité dont je m'étais déjà fait une loi dans mes traductions précédentes. Cependant, mon travail terminé, il m'a semblé que le poëme gagnerait au retranchement de certains passages évidemment défectueux que j'ai renvoyées dans les notes. J'espère que je n'en serait point blâmé. Je n'ai introduit dans le poëme aucun élément étranger; j'en ai seulement effacé quelques traits qui çà et là pouvaient nuire à son intérêt et diminuer l'effet de ses beautés...»

*
* *

182-19.ª *Traduction des Lusiades de Camoens, par M. M. Ch. Aubert. Paris, chez G. A. Dentu, imp. libraire, rue de Bussi, 17; et Palais-Royal, Galerie vitrée, 13. 1844.* 12.º de 6 (innumeradas)-XXIV-298 pag. e mais 4 de indice e erratas.

Contém: dedicatoria a Villemain e á escola normal; o prologo, dividido em tres partes (resumo da expedição de Gama, resumo da vida de Camões, e resumo dos successos da historia de Portugal referidos nos *Lusiadas*); o poema, traduzido em verso, com os argumentos em prosa; e as notas, na ultima das quaes o traductor agradece a Dubeux os seus conselhos, e ao visconde de Santarem o seu incitamento, tanto mais valioso quanto vinha de um erudito de alta posição social.

*
* *

183-20.ª *Les Lusiades ou les Portugais, poëme en dix chants, par Camoens; traduction de J. B. J. Millié, revue, corrigée et annotée par M. Dubeux, de la bibliothèque royale. Précédées d'une Notice sur la vie et les ouvrages de Camoens, par M. Charles Magnin, membre de l'institut. Paris. Charpentier, libraire-éditeur, 29, rue du Seine. 1844.* 8.º pequeno de 4-LIX-363-1 pag.—Tem a indicação: *Imprimerie de Beau, à Saint Germain, en Laye».*

O sr. dr. José Carlos Lopes, que possue esta edição e a de 1841, informa-me: «Embora a versão de Millié seja a mesma, as duas edições são realmente muito differentes».

*
* *

184-21.ª *Les Lusiades, poëme de Camoens, traduit en vers par F. Ragon.* Deu-

xième édition revue et corrigée. Paris. Chez L. Hachette, libraire, rue Pierre Sarrazin, 12. Garnier Fréres, libraires, au Palais national. Dauvin et Fontaine, libraires, Passage des Panoramas. 1850. 8.º grande de VIII–307 pag.— No ante-rosto e no fim do livro a seguinte indicação: « *Imprimerie de Rennuyer et C^e^, rue Lemercier, 24. Batignolles.*»

O formato é maior que o da anterior edição de Ragon, o papel melhor e a impressão mais cuidadosa, podendo considerar-se nitida. Na advertencia, mais desenvolvida, o traductor escreve (pag. VIII):

« A mon grand étonnement, celle (a traducção) que j'ai donnée du poëme des *Lusiades* arrive à une seconde édition que je publie *revue et corrigé,* selon la formule, et qui, je le sens, est loin encore, malgré cette revision consciencieuse, d'avoir reçu tous les amendements dont elle serait susceptible. La faute en est principalement à mon insuffisance, mais aussi quelque peu à l'indifférence de la critique...»

Um exemplar d'esta edição foi vendido no leilão de Innocencio por 640 réis, e no de Pinto de Aguiar por 2$200 réis.

*
* *

185–22.ª *Les Lusiades de Camões; traduction de M. Emile Albert. Paris, imprimerie et librairie générale de jurisprudence, Cosse et Marchal, imprimeurs-éditeurs, libraires de la cour de cassation, Place Dauphine, 27. 1859.* 12.º grande de 371 pag.— Tem no verso do ante-rosto: « *Paris. Imp. de Cosse et J. Dumaine, rue Christine, 2* ».

A versão é em oitavas rimadas, com os argumentos em prosa.

Foi vendido um exemplar no leilão de Gomes Monteiro por 1$100 réis.

*
* *

186–23.ª *Épisode d'Adamastor (Des Lusiades du Camões) par J. R. Jauffret.* — Saiu no *Parnaso Maranhense. Collecção de poesias. Á venda: na typographia Progresso, rua de Sant'Anna, 49. Preço 2$000 réis.* (Sem data. O prologo é datado de 1 de julho de 1861.) 8.º grande de 6 (innumeradas)–285 pag. e mais VI de indice e 1 de errata.

Esta versão occupa de pag. 148 a 154.

*
* *

187–24.ª *Les Lusiades ou les Portugais. Poeme en dix chants par Camoens: Traduction de J. B. Millié, revue, corrigée et annotée par M. Dubeux, de la bibliothèque impériale. Précédées d'une Notice sur la vie et les ouvrages de Camoens par M. Charles Magnin, membre de l'Institut. Paris, Charpentier, libraire-éditeur, Quai de l'École, 28. 1862.* 8.º de LX–367–1 pag.—No verso do ante-rosto: *Corbeil, typ. et stér. de Crété.*

Esta é a segunda edição com o nome de Dubeux e a terceira de Millié. A pag. LX do estudo preliminar não tem numeração.

*
* *

188-25.ª *Luiz de Camões. Episodios de Ignez de Castro e Adamastor, extrahidos dos cantos* III *e* V *dos Lusiadas com a traducção em versos francezes, por J. A. d'Escodeca de Boisse. Lisboa, imprensa nacional. 1865.* 4.º de 35 pag. innumeradas com o retrato de Camões, gravado pelo professor Joaquim Pedro de Sousa, imitação do de Gérard.

A impressão é nitida e luxuosa, com as paginas guarnecidas de vinhetas simples e graciosas. A capa a côres, com fundo rosa, a meia tinta. É mui apreciado este livrinho, não só pela traducção em verso, mas tambem pelo lado artistico, que honra a imprensa nacional, a cuja administração o sr. Escodeca de Boisse offereceu o autographo. O traductor era empregado superior da imprensa do governo em París (então imprensa imperial).

O texto portuguez, que acompanha esta versão, é extrahido da edição de Freire de Carvalho.

*
* *

189-26.ª *Camoens. Les Lusiadés ou les Portugais. Poëme en dix chants. Paris. Bureaux de la Publication 44, rue de la Babylone, 44. 1867.* 8.º de 192 pag. —Foi impressa em Abbeville: «*Imprimerie P. Briez*».

Pertence á collecção intitulada «*Bibliothèque du Foyer. Collection des meilleurs auteurs français et étrangers. Directeur G. Guenot*». Foi publicada sem o nome do traductor.

*
* *

190-27.ª *Camoens. Les Lusiades, ou les Portugais. Poëme en dix chants, deuxième édition. Paris. Bureau de la publication. 61, rue Lafayette, 61. 1869.* 8.º

Pertence, como a antecedente á collecção intitulada «Bibliothèque du foyer». Foi tambem publicada sem o nome do traductor.

O sr. dr. José Carlos Lopes, que possue exemplares das duas edições, escreve-me: «que esta *segunda edição* só differe da primeira em se dizer no frontispicio*: 61, rue Lafayette, 61;* e não *rue de Babylone*, etc.; e em se ler na ultima pagina: *Abbeville, Imprimerie Briez, C. Paillart et Retaux*».

No leilão de Pinto de Pinto de Aguiar foi vendido um exemplar por 3$100 réis.

*
* *

191-28.ª *Les Portugais. Poëme en dix chants par Camoens. Limoges, Marc Barbou & C.ᵉ, imprimeurs-libraires, rue Puy-Vieille-Monnaie.* Sem data. 12.º de

192 pag. Com uma gravura allusiva á visita de Vasco da Gama ao rei de Melinde.—No fim do volume: «*Limoges, Imp. Marc Barbou & C^e*».

Esta edição pertence á serie «*Bibliothèque morale et littéraire*» dos mesmos editores. A gravura tem a assignatura de Rousseru.

*
* *

192–29.ª *Les Lusiades ou les Portugais. Poëme en dix chants par Camoëns. Limoges, Barbou Frères, imprimeurs-libraires.* Sem data. 12.º de 192 pag. Com uma gravura.—No fim: «*Limoges. Imprimerie de Barbou-frères*».

Esta edição é como a anterior, mas não posso registar se saíu antes ou depois. Tem comtudo differenças: no titulo, na firma dos editores (que passou de Barbou Frères para Marc Barbou & C^e), nos dizeres da gravura, que só têem uma *Les Portugais*, e n'outra no alto: *Les Lusiades*, e em baixo *Venez vous reposer dans mes États.*

Em ambas, o frontispicio tem o escudo com a divisa e o monogramma dos editores. Não vem declarado o nome do traductor, mas é a versão de Millié, ao que me pareceu, pelo confronto de muitas estancias. Em taes circumstancias, estas devem ser a quarta e a quinta edições de Millié.

*
* *

193–30.ª *Les Lusiades de Camões. Traduction nouvelle annotée et accompagnée du texte portugais et précédée d'une esquisse biographique sur Camoens, par Ferdinand d'Azevedo. Paris. Librairie de V^e J. P. Aillaud, Guillard et comp. 47, rue Saint-André-des-Arts, 47. 1870.* 8.º grande de XVI–589 pag. e mais 2 de errata e indice.—No verso do ante-rosto: «*Paris, Imp. Simon Raçon et comp., rue d'Erfurth, 1*», indicação que é repetida no fim do volume.

Contém: prologo; resumo da vida de Camões; o poema traduzido em prosa com o original portuguez em frente; argumentos (pag. 1 a 575), e notas.

No anteloquio declara o traductor que, pondo de parte a versão de La Harpe por ser detestavel, nenhuma das outras traducções em francez lhe agradaram, exceptuando um tanto a de Fournier e Desaules, porque tem boas qualidades e segue o texto. Não lhe desagradou igualmente a versão de Millié, mas apesar do estylo correcto, julga-a em demasia paraphrastica. Por isso tentou reunir em uma traducção nova a maior simplicidade de estylo á maior fidelidade do original.

No leilão de Pinto de Aguiar foi vendido um exemplar por 1$800 réis.

*
* *

194–31.ª *Les Lusiades de Camões. Traduction en vers français de A. de Cool. Rio de Janeiro, typ. de G. Leuzinger & Filhos, rua do Ouvidor, 31. 1876. Tous*

droits réservés au Brésil, en France et à l'étranger. 8.º de xvi-308 pag. e mais 3 de indice e erratas.

É dedicada a D. Pedro II. imperador do Brazil, cujo mordomo mór, então barão de Nogueira da Gama, communicou ao traductor que sua magestade se dignára de acceitar a dedicatoria.

Contém: a carta acima indicada do mordomo mór, o prefacio, a vida de Camões, e o poema, trasladado em oitavas rimadas, com os argumentos em prosa.

No prefacio escreveu o sr. Cool: «Une traduction en vers, strophe par strophe, de Camões, en notre langue, n'a pas été faite, que je sache, et j'ai essayé de suppléer à cette lacune de notre litterature. Ai-je réussi à rendre les nombreux et incontestables beautés de *Lusiades?*... J'ai fait de mon mieux, et si on ne les retrouvait pas dans la traduction, ce serait assurément ma faute...»

Foi vendido um exemplar no leilão de Pinto de Aguiar por 1$800 réis.

*
* *

195-32.ª *Les Lusiades de Camoens. Traduction nouvelle, annotée et accompagnée du texte portugais et précédée d'une esquisse biographique sur Camoens, par Fernand d'Azevedo Seconde édition revue et corrigée. Paris. Librairie de Vº J. P. Aillaud, Guillard et Cº, 47, rue Saint-André-des-Arts, 47. 1877*. 8.º grande de xvi-589 pag. e mais 2 de erratas e indice.— No ante-rosto: «*Paris, Typographie Lahure (rue de Fleurus, 9)*».

Apesar da declaração de «segunda edição», pelo exame a que procedi, convenci-me de que era o aproveitamento da anterior, com o rosto e erratas novas, emendadas no verso da pag. 589. Nem se explica de outro modo o apparecer no começo do volume a indicação da typographia Lahure e no fim a de Simon Raçon et comp., que é o que se lê em ambas as partes da edição de 1870; e ainda mais reproduzirem-se algumas das erratas, que já figuravam antes.

*
* *

196-33.ª *Camoens et Les Lusiades. Étude biographique, historique et littéraire suivi du poëme annoté par Clovis Lamarre, docteur en lettres, administrateur de Sainte-Barbe. Paris. Librairie académique Didier et Cº, libraires éditeurs, 35, quai des Augustins, 35. 1878. Tous droits réservés*. 8.º grande de 4 (innumeradas)-vii-614 pag.— No verso do ante-rosto e no fim do volume: «*Paris. Impr. E. Caprimont et V. Renault, rue des Poitevins, 6*».

Contém: a introducção (pag. i a vii); Camões, estudo biographico e litterario (pag. 1 a 106); resumo da historia de Portugal até á morte de Camões, para a melhor comprehensão dos *Lusiadas* (pag. 107 a 303); o poema, traduzido em prosa, com annotações, que acompanham a versão ao fim das paginas (pag. 305 a 609).

Na primeira nota declara o sr. Clovis Lamarre, que «la traduction que nous offrons ici au lecteur est celle de J. B. Jh Millié, publiée en 1825 à la librairie

Didot. Nous nous sommes contenté d'y opérer, en divers endroits, quelques légères modifications. C'est, d'ailleurs, de toutes les traductions françaises, la plus complète et la plus fidèle ».

Esta edição vem a ser, pois, a sexta de Millié, salvo erro.

*
* *

197-34.ª *Sonnets choisis de Camoens. Traduits pour la première fois du Portugais en Français par Léonce Cazaubin. Paris, E. Plon et Cᵉ, imprimeurs-éditeurs. 10, rue Garancière, 1879. Tous droits réservés.* 4.º pequeno de 4-VIII-40-2 pag.

Tem no verso do ante-rosto uma declaração relativa ao deposito dos exemplares preceituado na lei para resalvar os direitos da edição. Na ultima pagina repete a designação da typographia. A impressão é nitida e em bom papel. No frontispicio, a duas côres, preto e encarnado, lê-se a epigraphe:

Vertere fas, aequare nefas.
D. MARTIM GONÇALVES DA CAMARA.

Comprehende: prefacio (pag. I a VII); e os sonetos (pag. 1 a 40), n.ºˢ I a X 4, com algumas notas. Ao ver este livrinho, acabado com tanto esmero e saido em 1879, forma-se para logo a convicção de que foi dado á luz com a idéa da commemoração do tricentenario do egregio poeta. O traductor, sr. Cazaubin, parece confirmal-o nas seguintes palavras do prefacio (pag. VII):

«La traduction d'un choix de ses sonnets, que nous offrons aujourd'hui au public, est un bien faible hommage à la mémoire du prince des poëtes portugais. Telle qu'elle est et si imparfaite qu'elle soit, nous osons réclamer bon accueil pour elle en faveur de la pensée qui l'a conseillée et dont voici le but: *attirer s'il peut, l'attention sur la partie que l'on considère à tort comme secondaire dans le bagage littéraire du grande épique, et rappeler que Camoens attend encore en France un biographe digne de lui et un traducteur de ses œuvres complètes...*»

*
* *

198-35.ª *Versão franceza dos Lusiadas de Camões pelo duque de Palmella, D. Pedro de Sousa Holstein, com o texto original. Antecedida de um preambulo do professor Pereira Caldas, do lyceu nacional de Braga, conterraneo Vimaranense. Porto, typographia central (Avelino Antonio Mendes Cerdeira), 313, rua do Bom-jardim, 317.* MDCCCLXXX. 4.º de 8 (innumeradas)-XXI-179 pag. e mais 1 de declaração typographica.— As pag. do ante-rosto, da dedicatoria, do rosto e do começo dos cantos, são a duas côres, preto e encarnado, meia tinta. Todas as paginas guarnecidas de linhas simples. A edição é nitida e em bom papel.

No ante-roste lê-se: «*Versão franceza dos Lusiadas de Camões pelo duque de Palmella com o texto original*». No verso tem: «*Publicação vimaranense em solemnisação litteraria do tricentenario de Luiz de Camões em 10 de junho de 1880*».

No verso do frontispicio tem a seguinte epigraphe :

« Das letras mais insignes gran thesouro
....
« Illustrando com honra os bagos d'ouro
....
....
« E gravado por uma e outra edade,
« No templo insigne da immortalidade!

MANUEL THOMAZ — *Phenix da Lusitania.*
Livro II, estancias 90 e 91.

Na pagina seguinte (innumerada) a dedicatoria : «*Á memoria veneranda de Luiz de Camões no seu tricentenario em 10 de junho de 1880. Guimarães*». No verso a epigraphe :

« Todos vêm a fazer preito, homenagem,
« De vos render eterna vassallagem.

MANUEL THOMAZ — *Phenix da Lusitania.*
Livro V, estancia 49.

Segue-se o preambulo do professor Pereira Caldas (pag. I a XXI) ; e os cantos I a III versão em verso, com o texto portuguez á direita (pag. 1 a 179). A declaração da ultima pagina (innumerada) é esta : « Composição typographica feita sob a direcção de J. A. da Gloria e Silva Vildemoinhos. Impressa por Antonio Coelho Ferreira. Junho de 1880».

A tiragem foi de 208 exemplares, numerados a tinta encarnada, e rubricados pelo dono da typographia, sr. Avelino Antonio Mendes Cerdeira. Houve, porém, uma tiragem especial em papel cartão. Existe um d'estes na bibliotheca particular de el-rei o senhor D. Luiz. O da bibliotheca nacional de Lisboa é da edição commum, e tem o n.º 207.

O duque de Palmella não chegou a concluir a sua versão, que aliás tem bellezas. Quando estava em principio d'ella offereceu alguns excerptos ao *Investigador portuguez*, publicado em Londres, e ahi saíram aos fasciculos nos annos de 1813 e 1814, sendo reproduzidos depois no *Instituto de Coimbra*, em 1856, 1857 e 1858. O sr. Pereira Caldas declara, porém, no preambulo citado (pag. V e VI), que n'essas publicações se lêem com menos primor n'uma ou n'outra parte, que na copia manuscripta que possue, e que deveu á valiosa intervenção do finado visconde de Almeida Garrett, com a indicação de conter correcções de Mad. de Stael, o que lhe dá, sem duvida, maior valor litterario.

Creio que não foi posto á venda nenhum exemplar. Por isso os que apparecem nos leilões ou no mercado da livraria têem cotação alta.

*
* *

199-36.ª *Episodio da ilha de Venus, extrahido dos Lusiadas de Camões com a versão franceza de Cournand ; e com um preambulo do professor Pereira Caldas, do lyceu de Braga. Braga, typographia Lealdade, rua de Jano, 1880.* 4.º de 23-2 pag. — A capa, o ante-rosto, verso d'este, rosto, a dedicatoria e a pagina de verso, e o verso da pagina 23 a duas côres.

A dedicatoria tem : « *Á memoria augusta de Luiz de Camões no tricentenario solemne de 10 de junho de 1880* ». A penultima pagina numerada : « *Acabou-se a impressão aos 31 de maio de 1880. Compositor e impressor, Manuel José Antunes de Carvalho* ». No verso do ante-rosto declara-se que esta publicação é da *sociedade democratica recreativa de Braga.*

Este episodio foi reproduzido do n.º XIII do *Jornal de bellas artes* ou *Mnemosine Lusitana* (1817), de pag. 202 a 205, mas sem o texto portuguez, que foi posto na reproducção, de que se trata, conforme vem declarado no prologo do sr. Pereira Caldas, que nota vir errado o nome do traductor, talvez por erro de copia, *Cournaud* em vez de *Cournand*, no trabalho do sr. visconde de Juromenha (*Obras*, citadas, tomo I), e transcripto inadvertidamente assim no *Dicc. bibliographico* de Innocencio e no *Manual bibliographico* de Matos.

*
* *

200-37.ª *Paraphrase da terceira estrophe de Camões. Em francez por A.*— Vem na *Publicação a favor da santa casa da misericordia da ilha de S. Thomé pela commissão administrativa d'este pio estabelecimento. Setembro de 1884.* (Folha avulsa, para ser vendida em beneficio dos pobres da ilha. (Collaboração de diversos.) 4.º maior de oito paginas a quatro columnas.

*
* *

201-38.ª *Les Lusiades de Louis de Camões. Edition commemorative du septième anniversaire du tricentenaire de Camões. Traduction en vers français par le dr. Henri de Courtois. Lisboa. Imprensa Nacional, 1887.* 8.º grande.— O rosto a duas côres, preto e encarnado ; o primeiro titulo e a letra capital do começo dos cantos tambem a encarnado. No alto da primeira pagina do canto vinheta ornamental com o busto do poeta entre duas figuras da Fama. Impressão mui nitida.

A traducção é em verso, com o original em frente. O primeiro fasciculo, contendo o prologo e o primeiro canto (79 pag.) foi publicado no dia 10 de junho do anno indicado. Os restantes ficavam em via de ultima revisão para a impressão, ao entrar esta folha do *Dicc.* no prélo.

Segundo declara o traductor no prologo, tres amigos o incitaram a dar á luz o seu trabalho, e foram os srs. dr. Francisco Ferraz de Macedo, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro e Francisco de Almeida. O primeiro, porém, responsabilisou-se para aplanar as difficuldades materiaes da publicação.

*
* *

Versões italianas

202-1.ª *Lvsiada Italiana di Carlo Antonio Paggi nobile genovese, Poema eroico del grande Lvigi de Camões Portoghese Prencipe de' Poeta delle Spagne, alla santita di Nostro Signore Papa Alessandro Settimo. Lisbona, con tutte le licenze.*

Per Henrico Valente de Olieira 1658. 12.º de 24 (innumeradas)-192 fl. numeradas pela frente.— A impressão é má e em papel ordinario.

As dedicatorias têem a data de 1 de abril de 1658, e as censuras e licenças as de 15. 16, 20, 26 e 29 de julho do mesmo anno. Na approvação do qualificador do santo officio, fr. Gabriel da Silva, louvou elle a traducção : «... entendo, que sobre exceder a quantas se hão escrito em varias linguas, será de grande credito da nação Portugueza, por dar a conhecer em Italia quão grande spirito produziu Portugal em Luis de Camoẽs».

A segunda approvação, ou censura, é do dr. Antonio Barbosa Bacellar, que se expressa d'este modo: «será conveniente, que se imprima não só para honra do traductor, & gloria do traduzido, senão tambem para credito de Portugal, & inueja da Italia; logrẽ pois as Academias daquelles Reynos, Principados, & Respublicas em o proprio idioma, o que por vezes terão admirado no nosso, no Latino, no Francès, & no Hespanhol; & seja o Poema de Luis de Camões tão geral, & commum em todas as linguas, como ha de ser vnico, & singular em todas as idades».

Na dedicatoria ao pontifice, Carlo Paggi escreveu: «... il è che nessun Poeta occidentale di tal lingua sorti poi la da Virgilio bramata felicità di cantare speditione più confucente alli secondi Argonauti, che la de Portoghese all'Oriẽte Luigi de Camoẽs Poeta Lusitano, e con l'applauso di tutte le nationi ...»

Na carta a Givstiniano, o traductor acrescenta: «Io presento all'Italia la famosa, & ammirabile Lusiada di Luigi de Camões... nell' assonto dignissima, e curiosa, facilissima nello stile, nella frase elegante, nelle allegorie profonda, nelle moralità soda, nell' eruditione esquisita, negl'affetti propria ... & in somma vna idea stessa di tutte le perfettione...»

Este volume contém: a dedicatoria ao papa, as licenças, outra dedicatoria ao monsenhor Giacomo Fransone; uma carta preambular a Georgio Givstiniano ácerca da traducção, da vida do poeta e do valor do seu poema (9 fl. ou 18 pag. innumeradas): varias poesias e prosas commemorativas e laudatorias, em homenagem a Paggi (7 fl. ou 13 pag.); e o poema com os argumentos, versão em versos rimados.

Não é vulgar esta edição. Um exemplar foi vendido no leilão de Innocencio por 3$070 réis, e no de Gomes Monteiro por 1$350.

*

* *

203-2.ª *Lvsiada Italiana di Carlo Antonio Paggi nobile Genovese Poema Heroico del grande Lvigi de Camões Portoghese Prencipe de Poete delle Spagne. Alla Santita di Nostro Signore Papa e Alessandro Settimo. Lisbona. Con tutte licenze. Seconda impressione emendata dagl' errori trascorsi nella prima. Por Henrico Valente de Olieira. 1659.* 12.º de 24 (innumeradas)-192 fl. numeradas pela frente.

As approvações, ou censuras, de fr. Gabriel da Silva e do dr. Antonio Barbosa Bacellar, tem as mesmas datas; porém, as novas licenças têem as de 22 de abril, 7 e 10 de maio de 1659. Estas licenças podiam ser tiradas, como succedeu com outras edições, para aproveitamento de folhas da tiragem anterior; mas, examinando as duas, vê-se que a composição da de 1659 tem caracteristicos evidentes que foi feita inteiramente de novo. Na ordem das peças preliminares, as

licenças rematam as folhas não numeradas antes do poema. E effectivamente, Paggi corrigiu e modificou algumas passagens.

Tambem não é vulgar. Existem de ambas exemplares na bibliotheca nacional.

Foi vendido um exemplar no leilão de Gomes Monteiro por 2$200 réis.

*
* *

204-3.ª *La Luziade o sia La scoperta delle Indie Orientali fatta da' Portoghesi di Luigi Camoens chiamato per la sua eccellenza il Virgilio di Portogallo Scritta da esso celebre autore nella sua lingua naturale in ottava rima, Ed ora nello stesso metro tradotta in italiano da N. N. Piemontese Insieme con un ristretto della vita del medesimo autore, e con gli argomenti al poema da Gian Francesco Barreto. Torino.* MDCCLXXII. *Presso li Fratelli Reycends Librai in principio di Contrada nuova.* 12.º de XXVI-2-304 pag. Com uma estampa, gravada por Vittorio Boasso, representando as naus de Vasco da Gama em demanda do Oriente.

A impressão é igual, em papel mais encorpado que a das anteriores, e figura no poema o typo *mignon.*

Contém: a dedicatoria ao marquez D. Salvatore Pez di Villamarina, o prologo do traductor ao leitor, um resumo da vida de Camões; as licenças, sendo uma datada de 15 de dezembro de 1770; e o poema traduzido em verso, com os argumentos de Franco Barreto. Na dedicatoria escreveu o traductor: «... Luigi Camoens poeta Portoghese, celebre non meno per la chiarezza de' suoi natali, che por l'eccellenza de' suoi componimenti fecondi più vaste, e sublimi idee compare ora in Italia vestito in altra foggia nella parte, che concerne la sua Lusiade: poema, che nel suo naturale idioma si è meritati gli applausi di tutte le academie dell' Europa...»

Apparecem alguns exemplares sem a estampa. Em outros, a gravura está na frente do começo do poema, depois das peças preliminares, em vez de estar antes do rosto. Na bibliotheca nacional de Lisboa existem dois exemplares, tendo a estampa collocação diversa da indicada.

No fim do volume tem esta declaração: «Il traduttore disapprova generalmente tutte le espressioni usare dall' autore troppo libere, si politiche, che morali; non ostante che senza offendere la fedeltà della traduzione egli abbia procurato di modificarle.» E o nome: «Per Carlo Giuseppe Ricca».

O piemontez N. N. traductor, não foi o Conde Laureani, como pretendia o padre Thomás José de Aquino; mas, segundo corre como averiguado, o advogado Miguel Antonio Gazzano, natural de Alba.

Um exemplar d'esta edição foi vendido no leilão de Innocencio por 1$770 réis, para o sr. Fernando Palha; no de Gomes Monteiro outro por 1$350 réis.

*
* *

205-4.ª *La Lusiade di Luigi Camoens. Poema eroico in dieci Canti Tradu-*

zione libra dal Portoghese con note e la Vita dell'Autore. Roma, dalle stampe e da spese di V. Poggiol, 1804-1805. 12.º 3 tomos de 167, 167 e 136 pag.

Correspondem estes tomos aos XIX, XX e XXI, de «Biblioteca piacevole», destinada á reproducção de obras poeticas. Em alguns exemplares, segundo me informam, apparece o retrato de Camões.

A traducção é em prosa. Nunca vi nenhum exemplar. É rara em Lisboa. O esclarecido rev. Peragallo, escriptor, artista e bibliophilo, me informou que tivera um, que passára para as mãos de Vaz de Abreu (hoje fallecido), e das d'este para a importante collecção do sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.

*
* *

206-5.ª *Lusiada di Camoens. Transportata in versi italiani Da Antonio Nervi. Genova, Stamperia della Marina e della Gazzetta. Anno 1814.* 8.º de 4 (innumeradas)-270 pag. e mais 1 de errata.

No breve prologo ao leitor, Nervi escreveu: «Io ti presento, amico Lettore, la celebre Lusiada di Camoens vestita all' italiana. Non è questa la prima Traduzione, ed altra m'ha preceduto di più d'un secolo, ma secondo gl' intelligenti, poco felice...»

A traducção do poema é em verso. Não tem notas.

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 7$200 réis, e no de Sousa Guimarães por 4$100 réis.

*
* *

207-6.ª *I Lusiadi di Luigi Camoens Traduzione di Antonio Nervi Edizione illustrata com note di D. B. si aggiungono le notize biografiche dell'autore, etc. Milano dalla Società tipog. dei classici Italian.* M.D.CCC.XXI. 8.º de XXXX-517 pag. e mais 2 de indice e errata. Com estampas.

*
* *

208-7.ª *I Lusiadi di Luigi Camoens Traduzione di Antonio Nervi Seconda edizione illustrata con note di D. B. si aggiungono le notize biografiche dell' autore varii cenni e giudizi intorno al poema e gli argomenti dei canti. Milano dalla Società tipog. dei classici Italiani* M.D.CCC.XXI 8.º peq. de XXXX-517 pag. e mais 2 de indice e errata. Com tres estampas, gravuras de Gallo Gallina, representando a primeira Camões sentado n'um rochedo, contemplando os *Lusiadas*, que segura no joelho com a mão esquerda, tendo na direita a penna; no primeiro plano á esquerda no solo, a espada, o elmo, e outras peças da armadura de cavalleiro.

Contém esta nova edição: advertencia do editor milanez, compendio da vida de Camões pela baroneza de Stael, additamento a este resumo por Villenave, artigo de Sismond de Sismondi ácerca dos *Lusiadas* e da nova edição do morgado de Matteus; o juizo critico de Andres ácerca do poema; o prefacio do traductor

(copiado da anterior edição); e os *Lusiadas,* antecedidos do assumpto historico do poema. A collocação das estampas é assim: o retrato de Camões antes do rosto, e as duas restantes á frente do canto I e do canto VII, representando a visita do rei de Melinde a Gama e o desembarque de Gama em Calecut.

O annotador D. B. foi David Bertoloti.

Na introducção, o editor milanez escreve: L'Iliade e l'Odissea di Omero, l'Eneide di Virgilio, l'Orlando Furioso dell' Ariosto, la Gerusalemme liberata del Tasso, i Lusiadi del Camoes, il Paradiso perduto del Milton, l'Enricheide del Voltaire, la Messiade del Klopstock, sono i poemi a cui la Musa dell' Epopeia ha, per universale assentimento, conceduta la trionfale corona...»

Não vi a anterior edição, por consequencia não pude fazer exame directo, como em muitas das que ficam mencionadas no tomo presente. Informei-me, porém, que entre as duas de Milão de 1821 existem differenças typographicas apreciaveis.

Um exemplar d'esta edição foi vendido no leilão de Innocencio por 1$770 réis, e no de Sousa Guimarães por 2$400 réis.

*
* *

209-8.ª *I Lusiadi del Camoens Recati in ottava rima da A. Briccolani. Parigi co' tipi di Firmin Didot via Giacobbe, nº 24. 1826.* 16.º de 4 innumeradas 377 pag. e mais 1 de errata.—A impressão é nitida em typo *mignon.*

Briccolani dedicou a sua versão á então princeza imperial do Brazil, D. Maria da Gloria (depois rainha D. Maria II). A carta dedicatoria é datada de París a 31 de maio de 1826. A versão é em verso, e não tem notas.

A bibliotheca nacional de Lisboa possue dois exemplares, um melhor que o outro.

Um exemplar d'esta edição foi vendido no leilão de Innocencio por 3$300 réis; e no de Pinto de Aguiar foram arrematados dois, um por 550 e outro por 900 réis.

*
* *

210-9.ª *I Lusiadi di Luigi Camoens. Traduzione di A. Nervi, Genovese con brevi note. Milano. Por Nicolo Battoni.* MDCCCXXVIII. 8.º 2 tomos de 145 pag. e 173-1 pag.

Pertence á «Biblioteca Universal di Letteratura antica e moderna, classe settima portoghese espagnola».

Sei que possue um exemplar d'esta edição, que não é vulgar em Portugal, o sr. Annibal Fernandes Thomaz, da Louzã, que o comprou em Lisboa na livraria Bertrand por 2$000 réis.

*
* *

211-10.ª *I Lusiadi de Luigi Camoens Traduzione di Antonio Nervi. Seconda edizione illustrata con note di D. B. Napoli, della Stamperia Francese. 1828.* 8.º de 351 pag. No rosto tem a seguinte epigraphe:

> Cosi di naviganti audace stuolo
> Che mova a ricercar estranio lido,
> E in mar dubbioso, e sotto ignoto polo.
> Provi l'onde fallaci él vento infido.
> ....
>
> TASSO — *Gerus.*, canto III.

As notas são de David Bertoloti. Esta edição vem ser a quinta da versão de Nervi. Como não tenho presente nenhum exemplar, não posso averiguar porque o editor napolitano a indicou como *segunda;* porém, inclino-me á opinião dos que julgam que sendo esta copiada da de 1821, de Milão, foi por inadvertencia typographica, ou do editor, reproduzida essa indicação.

*
* *

212-11.ª *I Lusiadi di Luigi Camoens. Traduzione di Antonio Nervi. Nuova edizione corretta ed accresciuta degli argomenti ad ogni canto. Genova. Tipografia de Agostinho Pendola.* M.DCCCXXX. 16.º 2 tomos de XX-282 pag. e mais 6 innumeradas de indice e licença; e 264 pag. e mais 6 innumeradas de indice, variantes posteriores á impressão, errata e licença.

*
* *

213-12.ª *I Lusiadi di Luigi Camoens. Traduzione di Antonio Nervi. Venezia. J. R. Pr. Stabilimento Naz. di G. Antonelli Ed.* M.DCCCXLVII. 4.º de 103 pag. a duas columnas numeradas (1 a 206), e mais 1 de indice.

As duas ultimas edições podem considerar-se, emquanto a mim, a sexta de Nervi.

*
* *

214-13.ª *I Lusiadi di Luigi Camoens. Traduzione di Antonio Nervi. Edizione illustrata con note di D. B. si aggiungono le notizie biografiche dell'Autore, varie cernni e giudizi intorno al Poema, e gli argomenti dei canti. Torino 1847 Stabilimento typ. Fontana. Con permissione.* 8.º pag. de XXIII-307 pag. e mais 5 innumeradas contendo o catalogo das obras classicas publicadas pelo mesmo typographo-editor. A impressão é commum, e a composição a corpo 7, apertada, isto é, sem paginas brancas nem claros excessivos. As proprias estancias não têem linhas em branco, e a respectiva numeração é marginal, para se aproveitar bem o espaço do papel.

N'este volume está reproduzida a edição de Milão, de 1821, com excepção

de duas peças preliminares, ou juizo critico de Andres e a prefação de Nervi, que o novo editor eliminou. Fica, portanto, bem certificada a existencia da edição de Torino, que para alguns bibliographos era duvidosa. Esta vem a ser a oitava edição de Nervi.

*
* *

215-14.ª *Album italo-portuguez por A. Galleano-Ravara. Lisboa. Imprensa Nacional 1853.* 8.º de XV-228 pag., e mais 4 de indice e errata.

É uma collecção de poesias vertidas de diversos auctores notaveis. De pag. 12 a 23 vem uma versão italiana do episodio de Ignez de Castro.

*
* *

216-15.ª *I Lusiadi.*—Galleano Ravara, que publicou em Lisboa o *Album italo-portuguez,* de que faço menção acima, começou a inserir em uma revista semanal *L'Iride italiana,* impressa no Rio de Janeiro em 1854-1855, uns trechos da sua versão do sublime poema.—Veja o *Dicc. bibliographico,* tomo V, pag. 273, n.º 8.

*
* *

217-16.ª *I Lusiadi Poema di Luigi di Camoens dalla Lingua Portoghese da Felice Bellotti Si premettoni le memorie della vita e degli scritti del traduttore, od in fine si aggiungono la vita di Luigi di Camoens, e la dechiarazione di alcuni passi dei Lusiadi di Gio. Antonio Maggi. Milano Presso Carlo Branca* MDCCCLXII. 8.º gr. de 11 (innumeradas)-XXXIX-471 pag. e 1 innumerada de errata. Com o retrato de Bellotti, desenhado em 1822 por G. Longhi e gravado em 1858 por C. Raimondi. No verso do ante-rosto «*Tipografia Bernardoni*».

Este volume contém: prologo de Maggi ao leitor; memoria relativa á vida e escriptos de Bellotti (pag. I a XXXIX); a versão do poema, por Bellotti (1 a 377; vida de Camões, notas, etc. (pag 378 a 470).

No leilão de Pinto de Aguiar foi vendido um exemplar por 6$500 réis.

*
* *

218-17.ª *I Lusiadi di Luigi Camoens. Colla vita dell'Autore. Traduzione con note di Adriano Bonaretti. Livorno coi tipi di P. Vannini e F. editori. Pia casa del Refugio. 1880.* 8.º de 327 pag.

Contém: prologo do traductor ao leitor; vida de Camões, reproduzida da do Morgado de Matheus; o poema, em verso; e breves notas no fim de cada canto.

*
* *

219-18.ª *I Lusiadi. Trad. de A. Nervi. Milano, Ed. Sonzogno, ed. 1882.* 8.º de 196 pag.

Comprehende esta versão os n.os 11 e 12 da *Biblioteca Universale.*

*
* *

220-19.ª *O soneto de Luiz de Camões* — Alma minha gentil — *traduzido em verso italiano por Prospero Peragallo. Lisboa, typographia Casa portugueza.* (Sem data.) 4.º de 4 pag. innumeradas.— A tiragem foi de 200 exemplares numerados.

*
* *

221-20.ª *Á memoria saudosa de Idalina Augusta Pereira Caldas endereça n'este dia o pae desolado, assimilando-as como suas, estas phrases affectuosas de Camões com a versão italiana inedita ao triste pae offerecida agora pelo conselheiro, Antonio José Viale. Braga, 1882.* Folha avulsa. Contém a versão do soneto

Alma minha gentil

*
* *

222-21.ª *Fiori d'Oltralpe. Saggio di traduzioni poetiche per l'autore dei Versi in solitudine. Messina, Tipografia via Rovere, nº 58. 1882.* 8.º de VIII-347 pag. e mais 4 innumeradas de indice e errata.— A pag. 317 lê-se a versão da estrophe CXXXIII do canto III dos *Lusiadas.*

*
* *

223-22.ª *Uma estrophe dos Lusiadas de Camões, dada a lume na Sicilia em Messina, em 1882, como especimen da versão portugueza: com anteloquio do professor decano do lyceu Bracarense Pereira Caldas. Braga, typographia de Bernardo A. de Sá Pereira. 7, rua do Forno, 7. 1884.* 8.º de 16 pag. e mais 4 innumeradas.— A tiragem d'este folheto foi de 60 exemplares, não postos á venda.

*
* *

224-23.ª *Versão italiana do soneto de Camões* — Em uma lapa toda tenebrosa — *por Giacomo Zanella: com duas linhas preambulares do professor bracarense Pereira Caldas, decano do lyceu. Braga. Typographia de Bernardo A. de Sá Pereira, 7, rua do Forno, 7. 1884.* 8.º de 8 pag. e mais 4 innumeradas.— A tiragem d'esta publicação foi de 45 exemplares, não postos á venda.

*
* *

225-24.ª *Luiz de Camões. Uma estrophe dos Lusiadas com a versão sicilia-*

na. Porto, typographia Elzeveriana. 1884. 4.º de 5 pag.— Edição especial numerada. Possuo os n.ºs 12 e 13. Este ultimo tem o frontispicio a vermelho.

*
* *

226-25.ª *Parallelli letterari. Studi de Giacomo Zanella. Verona Libreria H. F. Münster G. Goldschagg. Succ. 1885.* 8.º de 4 (innumeradas)-316 pag. e mais 1 de indice.— Foi impressa em Livorno, typographia e livraria Raffaelo Giusti. A pag. 43 e 44 vem a versão do soneto CCLIV de Camões, que começa:

Em uma lapa tenebrosa

*
* *

227-26.ª *Sonetos escolhidos de Luiz de Camões, traduzidos em sonetos italianos com variantes por Prospero Peragallo. Lisboa. Empreza editora de Francisco Arthur da Silva. 1885.* 4.º de 80 pag.— Foi impresso na typographia Elzeveriana. Teve tiragem de 170 exemplares numerados.

*
* *

228-27.ª *Il libro dell'amore. Poesie italiane raccolte e straniere raccolte e tradotte da Marco Antonio Canini. Venezia. Libreria Colombo Coen e Figlio. Giovanni Debon, successore. 1885.* 8.º de LII-715 pag.

A pag. 26 vem a traducção do soneto: «*Amor é um fogo que arde sem se ver*». A pag. 163 a do soneto: «*Ondados fios de ouro reluzente*». A pag. 265 e 366 a das voltas: «*Amor loco, amor loco*», e «*De dentro tengo mi mal*». A pag. 396 a do soneto: «*Aquelle mover d'olhos excellente*». E das voltas: «*Caterina é mais fermosa*».

*
* *

Versões inglezas

229-1.ª *The Lusiad, or, Portugals Historicall Poem: written In the Portingall Language by Lviz de Camoens; and Now newly put into English by Richard Fanshaw Esq.; London, Printed for Humphrey Moseley, at the Prince's Arms in St. Pauls church-yard,* M.DC.LV. Folio de 22 (innumeradas)-224 pag. Com o retrato de Camões (collocado antes do rosto), e o do infante D. Henrique e Vasco da Gama (collocados antes da traducção do poema), tendo esta ultima estampa a assignatura do artista T. Cross. O frontispicio tem esta epigraphe:

HORAT.
Dignum laude virum Musa vetat mori;
Carmen amat quisquis, Carmine digna facit.

O retrato de Camões, evidentemente ampliado do que se vê na edição de

Manuel de Faria e Sousa, e com o mesmo defeito, isto é, o olho esquerdo fechado, tem por baixo os seguintes versos:

> SPAINE *gaue me* noble *Birth:* Coimbra, *Arts*
> LISBON, *a* high-plac't loue, *and* Courtly *parts:*
> AFRICK, *a Refuge when the* Court *did frowne:*
> WARRE, *at an* Eye's *expence, a faire renowne.*
> TRAVAYLE, *experience, with noe* short *sight*
> *Of* India, *and the* World; *both which I write*
> INDIA *a* life, *wich I gaue* there for *Lost*
> *On* Mecons waues (*a wreck and Exile) tost*
> *To boot, this* POEM, *held up in* one hand
> *Whilst with the* other *I swam safe to land.*
> TASSO, *a* sonet; *and (what's greater yit)*
> *The honour to giue* Hints *to such a* witt
> PHILIP a Cordiall, *(the ill* Fortune *see!)*
> *To* cure *my Wants when those had new* kill'd *mee*
> *My Country (Nothing-yes) Immortal Prayse*
> *(so did I, Her) Beasts cannot browze on Bayes.*

Este volume contém: a epistola dedicatoria a lord Strafford, datada de 1 de maio de 1655; satira de *Petronii Arbitrii,* com a versão em frente; o soneto de Tasso a Camões, com a versão por baixo; e o poema, traduzido em oitavas rimadas.

Não é vulgar. Póde considerar-se mui raro o exemplar perfeito. Em alguns falta um ou outro dos tres retratos. Tambem apparecem exemplares sem estampas, o que é mais vulgar. Reproduzo em frente o retrato do infante D. Henrique.

No leilão de Gomes Monteiro foi arrematado um exemplar por 50$000 réis. Um ultimo exemplar vindo de Londres, com alguns defeitos, foi vendido em Lisboa para o sr. Marques por 27$000 réis.

*
* *

230–2.ª *Episodio do Adamastor, traduzido por W. J. Mickle.*— Na revista *Gentleman's Magazine,* de 1771.

Não vi nunca esta *Gazeta* de 1771; todavia, o livreiro Kühl, de Berlim, no seu catalogo camoniano publicado em 1884 menciona como a primeira amostra da versão de Mickle o seguinte folheto, a que attribue a data indicada, e marca o preço de 32 mark.

*
* *

231–3.ª *The first Book of the Lusiad, published as a specimen of a Translation of that celebrated epic poem. By W. J. Mickle, author of the concubine. Oxford, printed by Jackson.* (Sem data.) 8.º de 64 pag.

Em uma nota o livreiro Kühl acrescenta: « *Excessivement rare et inconnu.* Pag. 1 a 6. *Programme pour la publication de l'édition complète.* Pag. 7 a 19. *Advertissement: Notices sur la vie de Camoens et Résumé des Lusiades.* Pag. 21 a 63. *The Lusiad: Book* I ».

PRINCE HENRY
OF
PORTUGALL
HONI·SOIT·QVI·MAL·Y·PENSE
CEUTA

Foram essas, pois, as primeiras amostras da versão de Mickle, as quaes elle completou e deu ao prélo annos depois, como se verá em o numero seguinte.

*
* *

232-4.ª *The Lusiad; or, the discovery of India. An Epic Poem. Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoëns. By William Julius Mickle. Oxford, Printed by Jackson and Lister; And Sold by Cadell, in the Strand; Dilly in the Poultry; Bew, Pater-noster Row; Flexney, Holborn; Evans, near York, Buildings; Richardson and Urquhart, under the Royal-Exchange; and Goodsman, near Charing-Cross, London.* M,DCC,LXXVI. 4.º de 12 (innumeradas)-clxvii-484 pag.—No rosto lê-se a seguinte epigraphe:

> *Nec verbum verbo, curabis reddere, fidus*
> *Interpres.* HOR., *Art. poet.*

Esta contém: dedicatoria de Mickle ao duque de Buccleugh, lista dos assignantes; errata; introducção aos *Lusiadas* (pag. i a clviii).; dissertação ácerca dos poemas *Jerusalem,* do Tasso, e *Henriada,* de Voltaire (pag. clix a clxvii); e o poema, traduzido em verso, e annotado no fim de cada pagina (pag. 1 a 484). A introducção de Mickle começa:

«If a concatenation of events centered in one great action, events which gave birth to the present Commercial System of the World, if these be of the first importance in the civil history of mankind, the *Lusiad,* of all other poems, challenges the attention of the Philosopher, the Politician, and the Gentleman...»

O sr. visconde de Juromenha, no tomo I das *Obras,* pag. 273, citando uma carta de Quillinan ácerca do merecimento de Mickle, transcreve a seguinte apreciação:

«Mickle, escocez pelo nascimento, homem não falto de talento poetico, nos deu uma paraphrase infiel em vez de uma traducção, e tomou todas as vezes que lhe pareceu a mais lata e intoleravel liberdade para com o seu auctor. É obvio que era bem pouco conhecedor da lingua de Camões, auxiliando-se nos seus embaraços pelo constante recurso da traducção de Castera. Não poucas vezes se soccorreu tambem da traducção de Fanshaw, e igualmente em algumas occasiões, posto que com negligencia e ignorancia, dos commentarios de Faria e Sousa. O seu trabalho comtudo escripto em verso heroico é o unico até hoje recebido entre nós, como uma bella traducção dos *Lusiadas,* e mereceu o elogio dos escriptores que estavam no caso de fazerem um juizo mais exacto, como o meu sempre chorado amigo mr. Southey. Qualquer portuguez que não seja hospede da nossa lingua, e que comparar a traducção de Mickle com o original de Camões, verá logo á primeira vista o erro de se poder reputar Mickle como um bom traductor do nosso poeta nacional.»

No fim do canto IX traz uma dissertação ácerca da ficção da «Ilha de Venus». (Pag. 411 a 414.)

Foi vendido um exemplar no leilão de Sousa Guimarães por 1$400 réis, no leilão de Gomes Monteiro por 3$100 réis, e no de Pinto de Aguiar por 6$200 réis.

*
* *

233-5.ª *The Lusiad; or, the discovery of India. An Epic Poem. Translated from the Original Portughese of Luis de Camöens. By William Julius Mickle. The second edition. Oxford, Printed by Jackson and Lister; For J. Bew, Pater-noster-Row; T. Payne, News-Gate; J. Dodsley, Pall-Mall; J. Robson, New Bond-Street; J. Almon, Piccadilly; T, Cadell, Strand; W. Flexney, Holborn; and J. Sawell, Cornhill, London.* M.DCC.LXXIII. 4.º de 4 (innumeradas)-CCXXXVI-496 pag. Com uma estampa allegorica antes do rosto, executada por J. Mortimer; e um mappa desdobravel da derrota de Vasco da Gama (entre as pag. lxx e lxxi), gravado por J. Lodge.

Pela disposição das materias e augmento das paginas se verá que esta nova edição tem notaveis modificações.

O volume contém: introducção (pag. i a xxiii); da descoberta da India (pag. xxiv a lxviii); os portuguezes na Asia (lxix a clxxxvi); vida de Camões (pag. clxxxvii a cxcix); dissertação sobre os *Lusiadas* comparados com a *Henriada* e com outros poemas (pag. cc a ccxxix); appendice, com documentos relativos ao descobrimento da India e ás regalias de que gosavam os vice-reis n'aquelle estado (pag. ccxxx a ccxxxvi); e o poema (pag. 1 a 496). No fim do canto VII tem um extenso artigo ácerca da religião dos Brahmanes (de pag. 305 a 332), que não vem na anterior edição.

No fim do canto IX tem a dissertação ácerca da ficção da «Ilha de Venus». No titulo da pag. 425 tem *Book* X, em vez de *Book* IX.

Na bibliotheca nacional de Lisboa existem dois exemplares, um em melhor estado que o outro.

No leilão de Pinto de Aguiar vendeu-se um exemplar d'esta edição por 9$700 réis.

*
* *

834-6.ª *An essay on Epic poetry; in five epistles to the rev.ᵈ Mr. Mason. With notes. By William Hayley, Esq. London, Printed for J. Dodsley, 1782. 4.º* 4.º de 298 pag.

De pag. 274 a 277 contém a versão de alguns sonetos de Camões.

É obra hoje rara, que poucas vezes tenho visto.

Na camoniana de Minhava existia um bellissimo exemplar, em perfeito estado de conservação, que foi arrematado pelo sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro para a sua opulenta bibliotheca por 10$100 réis.

*
* *

235-7.ª *The Lusiad; or The Discovery of India, An epic poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoëns. By William Julius Mickle. The third*

edition. Dublin; printed by Graisberry and Campbell, for John Archer, N. 80, Dame-Street. MDCCXCI. 8.º 2 tomos de 10 (innumeradas)-cccxci-83 pag., e 4 innumeradas-507 pag. Com o retrato de Mickle (Engraved by J. Manuiro), from a Drawing by Mr. Humphry, antes do tomo I; e um mappa da derrota de Vasco da Gama (copiado do da edição anterior) em frente da pag. xxxvii, começo da historia do descobrimento da India, no mesmo tomo.— O frontispicio tem, como nas anteriores e posteriores edições, a epigraphe extrahida de Horacio.

A impressão é nitida e em bom papel. A numeração depois da pag. ccclxxxviii está ccclxvii, ccclxvii e cccvlxii, devendo ser ccclxxxix, ccclxxxx e cccxci.

N'esta edição está reproduzida a de 1778. No tomo I encerram-se os trechos preliminares, historicos e criticos, e os dois primeiros cantos; e no tomo II os restantes cantos.

*
* *

236-8.ª *The Lusiad: or, The Discovery of India. An epic poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoëns. By William Julius Mickle. In two volumes. The third edition. London; printed for T. Cadell Jun. and W. Davies, in the Strand. 1798,* 8.º 2 tomos de 4-cccli-146-1 pag. e 4-444 pag.

Esta edição, apesar da indicação de terceira de Mickle, deve (incluindo as duas primeiras amostras n.os 2 e 3) considerar-se a sexta das conhecidas do fim do seculo passado. Reproduz a anterior, sem o retrato. O mappa da viagem do Gama, que vem depois do rosto do tomo I, é reduzido do de 1791, por Neele e estampado pelos mesmos editores Cadell & Davies.

Foi vendido um exemplar no leilão de Pinto de Aguiar por 2$300 réis.

*
* *

237-9.ª *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings. Notes, &c. &c. By Lord Viscount Strangford. London: Printed for J. Carpenter. Old Bond Street 1803.* 8.º pequeno de 4 (innumeradas)-160 pag. Com o retrato do poeta, antes do rosto; e o brazão das armas de Denham Jephson, a quem é dedicado este volume.— A impressão é nitida e em bom papel. No fim do livro: «*Whittingham and Rowland, Printers, Goswell Street, London*». No rosto lê-se a seguinte epigraphe:

Accipies meros amores CATULL.

O poeta está representado em busto, coroado de louros, mas com os dois olhos abertos. No pé da gravura lê-se: «*Published May 26. 1803, by James Carpenter. Old Bond Street.*»

Este volume contém: notas sobre a vida e obras de Camões (pag. 1 a 33); e os poemas, canções, sonetos, etc. (pag. 35 a 115); e notas (pag. 117 a 160). De pag. 108 a 115 traz um trecho do canto VI dos *Lusiadas,* estancia XXXVIII a XLIII, com o texto portuguez á direita.

É a primeira edição de Strangford.

Foi vendido um exemplar no leilão de Gomes Monteiro por 650 réis.

*
* *

238-10.ª *The Lusiad; or The discovery of India: an epic poem. Translated from the Portuguese of Luis de Camoens. With an historical introduction and notes. By William Julius Mickle. A new edition. In three volumes. London: printed for Joseph Harding. 1807.* 12.º 3 tomos de 8-clxiii-94 pag., 4-226 pag. e 4-255 pag. Com o retrato de Camões, um mappa da viagem do Gama, gravuras allusivas ás passagens do poema, por W. Edwards, Anker-Smith, C. Warren e Harding, nos cantos III, IV, V, VIII, IX e X.— No fim do verso do ante-rosto de cada tomo e no fim do tomo III lê-se a indicação typographica: « *C. Whittingham, Printer, No. 103, Goswell street* ».

O retrato do poeta é em busto, tendo á direita a lyra e á esquerda o escudo e a espada; e no pedestal figura o poeta salvando os *Lusiadas*, tendo á direita *Born 1524* e á esquerda *Died 1579*.

Esta é a setima edição de Mickle.

*
* *

239-11.ª *The Lusiad; or The Discovery of India; an epic poem. Translated from the Portuguese of Luis de Camoens. With an historical introduction and notes, By William Julius Mickle. A new edition. In three volumes. London: printed for Lackington, Allen, and Co. Temple of the Muses, Finsbury-square. 1809.* 12.º maior. 3 tomos de 8 clxiii-94 pag., 4-226 pag., e 4-255 pag. Com estampas.

Parece que esta edição, que deverá ser a oitava, não passa do aproveitamento da tiragem da anterior com a folha do rosto mudada. No exemplar, que tenho á vista, da importante collecção da bibliotheca nacional de Lisboa, é certo que se me afigura tal ou qual differença na côr do papel dos frontispicios, e noto a falta dos ante-rostos; porém, examinando e comparando a tiragem das estampas, vejo que se fez para esta edição nova estampagem, com a indicação seguinte, no pé de cada gravura: « *London, Published by I. Harding March 1807* » e posta na cabeça a designação da collecção, como na do canto III: « *To face p. 62. Vol. 2.* » E isto não tem nenhuma das estampas da edição de 1807, sendo aliás a tiragem d'estas mais nitida. A das de 1809 é mais cansada.

*
* *

240-12.ª *The Lusiad; or the discovery of India: An Epic Poem, Translated from Camoens. By William Julius Mickle. London. Published by W. Suttaby; B. Crosby & C.º and Scatcherd & Letterman. Stationers Court. 1809. C. x R. Baldwin, Printers.* 16.º de XCVIII-277 pag. e mais 8 innumeradas com um catalogo de livros. Com duas estampas.— No rosto, que é gravado em cobre, vê-se uma estampa representando o sonho de D. Manuel, canto IV. A outra estampa representa Ignez de Castro com seus filhos, perante el-rei D. Affonso IV e os seus assassinos, canto III. Ambas as gravuras são do desenhador R. Westall e do gravador A. Raimbach. Tem a declaração: *London: Published by W. Suttaby. Sept.r 20th 1809.*

Esta edição foi impressa nitidamente com typo *mignon*. No fim do volume lê-se a indicação do impressor: *C. Whittingham, Printer, Goswell street, London.*»

No leilão de Sousa Guimarães foi vendido um exemplar por 1$250 réis.

*

* *

241-13.ª *The works of the English Poets, from Chancer to Cowper; including the series edited with prefaces, biographical and critical, by dr. Samuel Johnson: and the most approved translations. The additional lives by Alexander Chalmers, F. S. A. London. 1810.* 8.º grande. 21 tomos.

No ultimo tomo vem: de pag. 1 a 516 as versões do *Orlando Furioso* e da *Jerusalem libertada*; e de pag. 517 a 783 a dos *Lusiadas*, por Mickle, cujo nome apparecia pela decima vez em seguida ao de Camões.

O sr. dr. José Carlos Lopes possue um exemplar d'esta collecção, quasi desconhecida aqui, e da qual, segundo parece, se fez uma reimpressão em Philadelphia por 1822. A versão de Mickle deve ser considerada como a decima primeira

*

* *

242-14.ª *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings, Notes, &c., &c., By Lord Viscount Strangford. The second edition. London: Printed for J. Carpenter, etc. 1804.* 8.º pequeno de 4-160 pag.

Um exemplar d'esta edição foi vendido no leilão de Innocencio da Silva por 1$580 réis.

*

* *

243-15.ª *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings. Notes &c., &c. By lord Viscount Strangford. The third edition. London: Printed for J. Carpenter, etc. 1804.* 8.º pequeno de 4-160 pag. e 4 pag. innumeradas, com um catalogo de livros á venda na casa do editor.

*

* *

244-16.ª *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings. Notes, &c., &c. By Lord Viscount Strangford. The fourth edition. London: Printed for J. Carpenter, etc. 1805.* 8.º pequeno de 4-160 pag. e 4-innumeradas com um catalogo de livros.

*

* *

245-17.ª *Poems from the Portuguese of Luis de Camões; with remarks on his life and writings. Notes, etc., etc. By Lord Viscount Strangford. Boston. 1807.*

Não vi nunca esta edição. Vem mencionada no catalogo de Ticknor.

*
* *

246-18.ª *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings, notes, etc., etc. By Lord Viscount Strangford, Fifth edition. London: Printed for J. Carpenter, etc. 1808,* 8.º, pequeno de 158 pag. e mais 4 innumeradas com o catalogo.

O exemplar existente na bibliotheca da imprensa nacional de Lisboa tem o retrato de Camões, gravura em cobre, representando o poeta com os olhos abertos; e uma poesia autographa, assignada por Watter Paterson, e datada de Konigsberg a 30 de novembro de 1819.

*
* *

247-19.ª *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens; with remarks on his life and writings. Notes, etc. etc., By lord Viscount Strangford. Baltimore, 1808.*

Não vi esta edição. Vem mencionada no catalogo Ficknor.

*
* *

248-20.ª *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens; with remarks on his life and writings. Notes, etc., etc. By Lord Viscount Strangford. The sixth edition. London: Printed for J. Carpenter, etc. 1810.* 8.º pequeno de 4-160 pag.

*
* *

249-21.ª *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings. Notes, etc., etc. By Lord Viscount Strangford. Sixth edition. London. Printed for the booksellers. 1824.* 12.º de 91 pag.—No verso da pagina do rosto tem a seguinte indicação typographica: «*Sudbury, printer, 152. High Holborn*».

Esta edição repete a designação de sexta, quando é a nona, a contar pela ordem por que ficaram registadas. Segundo, porém, o parecer do sr. dr. Saldanha da Gama *(Annaes,* vol. II, fasc. 2.º, pag. 348), é necessario descontar a *terceira edição* (1804); por isso que só differe da anterior, datada do mesmo anno, na mudança do frontispicio. Não vi ainda nenhum exemplar.

Foi vendido um exemplar no leilão de Gomes Monteiro por 650 réis.

*
* *

250-22.ª *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings. Notes, etc., etc. A new edition, London: Printed for J. Car-*

penter, etc. 1824. 8.º pequeno de 157 pag. Com o retrato de Camões, gravura de John Bull.— Não tem dedicatoria.

*
* *

251-23.ª *Classical descriptions of love, from the most celebrated epic poets: Homer, Ariosto, Tasso, Milton, Virgil, and Camoens. By M. P. Grandmaison. Translated from the french. London: printed for J. Blacklock, Royal-Exchange, by J. Swan and Son, 70, Fleet Street. 1809.* 8.º de IV-2-224 pag. e 6 gravuras, sendo uma assignada por Allis e cinco por Williams.

De pag. 194 em diante comprehende-se o canto VI, que é dedicado a Camões.

*
* *

252-24.ª *Translations from Camoens, and other poets, with original poetry, by the author of «Moderne Grece» and the «Restoration of the works of art to Italy». Oxford printed by S. and J. Collingwood; for J. Murray, London; and J. Parker, Oxford. 1818.* 8.º de 95 pag.

Esta edição é de Felicia Hemans. Contém: de pag. 3 a 25, a versão de diversas poesias de Camões, sendo antecedida, como epigraphe, do primeiro verso em portuguez da poesia.

*
* *

253-25.ª *Memoirs of the life and writings of Luis de Camoens. By John Adamson, F. S. A. London, Edinburgh, and Newcastle upon Tyne. London, Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown.* MDCCCXX. 8.º 2 tomos de XIV-2-310 pag. e 2 innumeradas 392 pag. Com algumas gravurinhas no texto.— O rosto do tomo I tem reproduzido o verso da medalha de Dillon, que já citei e reproduzi, quando tratei da edição do padre Thomás José de Aquino, a pag. 96, do presente volume: «*Apollo portuguez honra de Espanha. Nasceu 1524 Morreu 1579 Optimo poetæ it Baro de Dillon dedicavit 1782*». No rosto do tomo II vê-se o reverso d'esta medalha commemorativa: o busto de Camões. No verso do rosto, e no fim de cada tomo lê-se a designação typographica: «*Newcastle: printed by Edw. Walker*».

As gravurinhas, alem das duas indicadas, são no tomo I: o brazão de armas de Thomas Davidson, a quem a obra é dedicada (pag. III innumerada); e outro busto de Camões, no começo e fim do prefacio (pag, V e XIV); no começo das *Memorias* (pag. I); a meio do volume «Gruta de Camões» (pag. 149). E no tomo II os bustos de D. Francisco de Almeida e D. Garcia de Noronha (pag. 318 e 319).

O tomo I contém: dedicatoria a Thomas Davidson, Esquire; prefacio (pag. V a XIV); memorias de Luiz de Camões (pag. 1 a 236); noticia ácerca das rimas de Camões (pag. 237 a 310).

O tomo II contém: ensaio sobre os *Lusiadas*, traduzido do estudo do morgado de Matteus, desde a pag. LXXV a CXIV da edição de 1817 (pag. 3 a 58); das traducções dos *Lusiadas* e noticias relativas aos traductores (pag. 59 a 252);

das diversas edições das obras de Camões (pag. 253 a 379); dos commentadores e apologistas de Camões (pag. 380 a 392).

D'esta edição fizeram-se duas tiragens: ambas em bom papel, mas uma com maiores margens que a outra. A especial é rara e a commum não é vulgar. D'esta existe na bibliotheca nacional de Lisboa um exemplar que pertencêra a Thomás Norton e que este enthusiasta das glorias de Camões annotou. As notas, comtudo, respeitam ao confronto que elle ia fazendo das edições, que já tinha na sua bibliotheca, com as que se lhe deparavam descriptas por Adamson, e as omissões e enganos em que este incorrêra.

A bibliotheca nacional possue tambem outro exemplar, ao qual pozeram á frente do rosto do tomo I um retrato de Camões, gravura de Will. Skelton, que figura na seguinte edição de Musgrave (1826). Em frente do rosto do tomo II o retrato de D. Ignez de Castro, tambem de Will. Skelton; entre as pag. 312 e 313 o retrato de Manuel de Faria e Sousa; entre a pag. 316 e 317 o retrato de Camões, ambos copiados de Faria e Sousa; e entre 350 e 351 outro retrato do poeta, copia do que acompanha a edição portugueza de 1721, e que eu reproduzi no logar competente. Estas ultimas gravuras têem no pé a seguinte indicação: «*Published June 1819, by Longman, Hurst, Rees. Orme & Co. London*».

*
* *

254–26.ª *The Lusiad, an epic poem, by Luis de Camoens. Translated from the Portugueze by Thomás Moore, Musgrave. London: John Murray, Albemarle street.* MDCCCXXVI. 8.º grande de XXI-2-585 pag. Com o retrato de Camões, gravura de Will. Skelton, igual ao que entrou na edição de Adamson, acima citada e copiado do de Gérard. — No verso do ante-rosto e da pag. 585 a indicação: «*London: printed by C. Roworth, Bell Yord, Temple Bar*». Impressão nitida em bom papel. No rosto a seguinte epigraphe:

Primum ego me illorum, dederim quibus esse poëtas,
Excerpam numero. Neque enim concludere versum
Dixeris esse satis; neque, si quis scribat, uti nos,
Sermoni propiora, putes hunc esse poëtam.
Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os
Magna sonaturum, des nominis hujus honorem.

HOR., *Sat.*, lib. I, 4.

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 3$000 réis, e no de Pinto de Aguiar outro por 2$100 réis.

*
* *

255–27.ª *The sceptic. A Tale of the Secret Tribunal. The siege of Valencia. And other Poems. By Felicia Hemans. William Blackwood & Sons, Edinburgh; and Thomas Cadell, London.* M.DCCC.XL. 8.º de 4 (innumeradas)-II-390 pag.

Contém de pag. 123 a 126: «*Appearance of the spirit of the Cape. to Vasco da Gama. (Translated from the fifth book of the Lusiad of Camoens.)*» Este livro não é vulgar em Portugal. Deve faltar na maior parte das collecções camonianas.

O sr. dr. José Carlos Lopes possue um exemplar na sua valiosissima bibliotheca.

Este volume contém: a dedicatoria ao conde de Chichester (pag. v e vi); o prefacio (pag. vii a xxi); erratas (pag. innumerada); o poema, traducção em verso (pag. 1 a 416); e notas (pag. 417 a 585).

* *

256-28.ª *Lusitania Illustrata: notices on the history, antiquities, litterature, etc. of Portugal. Litterary department. Part. I. Selection of Sonnets, with biographical sketches of the authors. By John Adamson. Newcastle upon Tyne, printed by T. and J. Hodgson, Unio Street.* MDCCCXLII. 8.º de XII–100 pag., com uma tira addicional de erratas. Com o sretratos de Camões e de Manuel de Faria e Sousa, iguaes aos que se vêem no tomo II das *Memoirs*.

Esta parte I é dedicada ao duque de Palmella, e contém poesias de varios auctores portuguezes, antigos e modernos, acompanhada de notas biographicas. N'ella vem (pag. 8 a 19) a traducção de alguns sonetos de Camões, que tinham já saido nas *Memoirs*. A parte I *(Ministrelsy)*, de v–54 pag. (que só appareceu em 1846), é dedicada ao visconde de Almeida Garrett.

Alguns exemplares, como um que eu vi na bibliotheca de el-rei D. Fernando, têem, alem dos dois retratos mencionados, mais outro de Camões, antes do rosto.

*
* *

257-29.ª *The Lusitanian. Porto, typographia da Revista, rua dos Ferradores, n.º 31, Porto (1844-1845).*— Foram publicadas n'esta revista as seguintes versões de Camões.

N.º 3 (de pag. 49 a 63): *Episode of Ignez de Castro. Lusiad.* Canto III, estancia 120 a 135, antecedido das *Preparatory remarks*, com a assignatura *A.*
N.º 4 (pag. 119): Versão do soneto: « *Suspiros inflammados que cantaes* »; e de pag. 120 a 125: *Lusiad.* Canto I, estancia 1 a 8.
N.º 5 (pag. 234): *A biographical sketch of Camões*, com a assignatura *Amelia.* Na pag. 241, a traducção do soneto: « *Alma minha gentil* ».
N.º 6 (pag. 38 e 39): Versão dos sonetos: « *Quem jaz no grão sepulchro que descreves...* » e « *Que me quereis perpetuas saudades?* »

Estes trechos foram reproduzidos este anno (1887), como menciono adiante, sob o titulo *Florilegio camoniano.*

O jornal *The Lusitanian* é mui raro. Em Lisboa tem um exemplar o sr. Carvalho Monteiro; e no Porto o sr. dr. José Carlos Lopes.

*
* *

258-30.ª *A translation of the Episode of Ignez de Castro From the Lusiad of Luis de Camões. With prefatory remarks. Porto. Typographia da Revista, rua dos Ferradores, n.º 31, 1844.* 8.º de 17 pag.

É bastante raro este folheto. A tiragem feita á parte, do trecho que saíra no jornal *The Lusitanian,* parece que foi mui limitada; e essa é a rasão de não o possuirem os mais primorosos camonianistas. Existe um exemplar na bibliotheca nacional de Lisboa. Pertencêra á collecção de Norton.

A traducção traz o original do episodio (canto III) em confronto. Tanto no fim do prologo, como no da versão, traz a sigla A. Esta traducção é, porém, de Mr. Harris, que então residia e commerciava na cidade do Porto.

*
* *

259-31.ª *Reply of Camoens. By J. Adamson, K. T. S., K C., etc. Newcastle upon Tyne: imprinted by M. A. Richardson.* MDCCCXLV. 8.º de 4 pag.—É impresso a duas côres, e tem no rosto uma vinheta.

N'este folheto, Adamson reproduz a supposta resposta que o poeta deu a Martim Gonçalves, quando lhe foi pedir que lhe traduzisse uns *psalmos.*

*
* *

260-32.ª *The Poetical works of Mrs Felicia Hemans: Complete. Philadelphia. Grigg & Elliot. No. 9. North Fourth Street, 1845.* 8.º grande de 559 pag. com gravuras.

As poesias traduzidas de Camões vão de pag. 253 a 257.

*
*

261-33.ª *Anonymous Poems. London; Richard Bentley. Publisher in Ordinary to Her Majesty. 1850.* 4.º de IV-60 pag.— No verso do rosto e no fim do folheto: «*London: printed by Schulze and Co., 13, Poland Street*».

O prefacio é firmado com as iniciaes *F. C.*

De pag. 18 a 26 contém uma traducção de varias estancias de Camões. V. o *Catalogo da camoniana da bibliotheca nacional do Rio de Janeiro,* no vol. III dos *Annaes,* pag. 50, n.º 241.

*
* *

262-34.ª *The Poetical works of M.rs Felicia Hemans: complete. Published by Grigg and Elliot; Philadelphia. 1851.* 8.º

De pag. 79 a 82 contém 16 sonetos e 4 outras poesias de Camões.

*
* *

263-35.ª *The Poetical works of Mrs Felicia Hemans: complete. London. John Dicks, Strand...* (Sem data.) 8.º de XII-340 pag.

A versão dos sonetos e das outras poesias corre de pag. 33 a 36.

*
* *

264-36.ª *Poems. By Edward Quillinan. With a Memoir by William Johnston. London; Edward Moscon, Dower Street. 1853.* 8.º de xlvi-268 pag.

Na pag. 60 a 62 vem a versão de dois sonetos de Camões.

*
* *

265-37.ª *The Lusiad of Luis de Camoens. Books* I, *to* V. *Translated by Edward Quillinan. With notes by John Adamson, K. T. S. and K. C. of Portugal; Corresp. Memb. Roy. Acad. of Sciences of Lisbon; F. L. S., F. R. G. S., &c., &c., &c. London: Edward Moxon, Dover Street. 1853.* 8.º de XII-207 pag. Com o retrato de Camões, gravado por Will. Skelton.— A impressão é nitida e em papel superior. O retrato é reproduzido do das antigas edições, posto que pareça aberto de novo, porque em baixo do brazão da familia Camões tem mais a data *1572*, que não se vê nos outros.

Contém este volume: carta de Adamson a José Gomes Monteiro, datada de Newcastle, 9 de março de 1853 (pag. v a viii), tabella das edições das obras de Camões (pag. ix a xii); soneto de Tasso traduzido por Mickle, encimado pelo busto de Camões, gravurinha que figurou nas *Memoirs* de Adamson: e os cantos dos *Lusiadas* traduzidos em verso (pag. 1 a 191); e notas (pag. 193 a 207). No verso da ultima pag. tem: «*London: Bradbury and Evans, printers. Whitefriars*».

Na carta a Gomes Monteiro explica Adamson os motivos d'esta edição e por que a annotou. Eis os trechos principaes:

«During the last years of the life of our mutual and lamented friend Mr. Quillinan, I was in communication with him, both personnally and by correspondence, with respect to the publication of his translation of part of the Lusiad of Camoëns; in which part are comprised the two finest passages in the poem —the story of the unfortunate Dona Iguez de Castro, and the vision at the Cape of Good Hope.

«This work he expressed his intention of dedicating jointly to you and to me. To you he considered himself greatly obliged by various explanations as to particular passages: to me, for the use of my almost unrivalled collection of editions, translations, and books, relating to our favorite author; and to both, as being the only two persons from whom he had sought for aid: and also from our appearing before the public in immediate connection with the poet; alluding to your having been the editor, along with the Senhor Barreto Feio, of the best, or at all events the best, or at all eventes the best punctuated, edition of the works of Camoëns; and to my being his biographer.

«The manuscript having been entrusted to me, I think I shall best fulfil the intention of the translator by placing your name at the commencement, and my own at the end of this brief notice...

«It was the intention of mr. Quillinan to have accompanied his translation with notes, which, from his known zeal, and the access he had had to the most ample stores of information, would doubtless have been a valuable appendage. In some measure to meet the loss occasioned by their absence, I have hostily prepared some annotations, which I hope may be found useful to the general reader; as explaining the modern names of the places mentioned, and some of the classical personages who appear in the poem.

« I know that I shall be carrying out part of Mr. Quillinan's plan by subjoining as accurate a list as I am able of the various editions of the works of Camoëns, and of the translation of them, nearly the whole of which are in my own collection. I do so more particulary, as it affords me the opportunity of expressing my readiness to allow of their inspection by any future authors, who may employ themselves in illustrating the works, or eulogizing the genius of the Portuguese bard.»

Esta carta é datada de Newcastle-upon-Tyne, a 9 de março de 1853.

Depois da tabella das edições das obras de Camões (pag. IX a XII), segue-se a pagina innumerada, onde Adamson reproduz a gravura da medalha camoniana, que empregára nas *Memoirs* (1820) e na *Bibliotheca lusitana* (1836), e o soneto de Tasso vertido por Mickle. Tambem reproduzo aqui a medalha e o soneto, alterando a data de 1579 para 1580.

SONNET, ADRESSED TO VASCO DA GAMA BY TASSO.
TRANSLATED BY WILLIAM JULIUS MICKLE.

Vasco, whose bold and happy bowsprit bore
  Against the rising morn: and homeward fraught,
  Whose sails came westward with the day, and brought
The wealth of India to thy native shore;
Ne'er did the Greek such length of seas explore,
  The Greek who sorrow to the Cyclops wrought;
  And he who, victor, with the harpies fought,
Never such pomp of naval honours wore.
Great as thou art, and peerless in renown,
  Yet thou to Camoens ow'st thy noblest fame;
    Farther than thou didst sail, his deathless song
  Shall bear the dazzling splendour of thy name;
And under many a sky thy actions crown,
  While time and fame together glide along.

No leilão de Gomes Monteiro foi vendido um exemplar por 1$600 réis, e no de Pinto de Aguiar por 3$000 réis

*
* *

266-38.ª *The Lusiad of Luis de Camoens, closely translated. With a portrait of the Poet, a compendium of his life, an Index to the principal passages of his poem, a view of the « Fountain of Tears », and marginal and annexed notes, original and select. By Lt colt sir T. Livingston Mitchell, Kt D. C. L... London. T & W. Boone, New Bond Street. 1854.* 8.º de XXIX-310 pag.

*
* *

267-39.ª *The Poets and Poetry of Europe, with introductions and biographical notices. By Henry Wadsworth Longfellow, etc. Philadelphia: Porter, and Coates, 822 Chestnut Street. 1871.* 8.º gr.

*
* *

268-40.ª *The Lusiad; or, The discovery of India. An epic Poem. Translated from the Portuguese of Luis de Camoëns. With a life of the Poet. By William Julius Mickle. Fifth edition revised, by Richmond Hodges, M. C. P., hon. librarian to the society of Biblical Archaelogy, Editor of « Cory's Ancient Fragments », « The Principia Hebraica », etc., etc. London: George Bell and Sons, York Street, Covent Garden. 1877.* 8.º de xcii-358 pag. No fim: *« London: printed by William Clowes and Sons, Stramford street and Charing Cross »*. Antes e depois, em papel amarello, um catalogo dos livros á venda em casa do editor George Bell and Sons.

Este volume contém: a dedicatoria feita em 1776 por Mickle ao duque de Buccleugh (pag. v); o prefacio, em que os editores dão as rasões por que preferiram reproduzir a anterior edição, revendo-a e annotando-a (pag. VII a XIV); a vida de Camões (pag. xv a xxix); dissertação sobre os *Lusiadas*, etc. (pag. xxv a xxxiii); introducção aos *Lusiadas* (pag. xxxiv a li); do descobrimento da India (pag. lii a lxxxv); o indice (pag. lxxxvii a xcii); e o poema (pag. 1 a 358), com as notas acompanhando as respectivas passagens. Entre estas lêem-se muitas com a assignatura *Ed.*, que são novas n'esta edição. Os trechos preliminares, ou são transcriptos ou extractados de Mickle.

No leilão de Pinto de Aguiar foi vendido um exemplar por 3$200 réis.

*
* *

269-41.ª *Poems of places. Edited by Henry W. Longfellow. P. F. Spain. T. II. Spain, Portugal, Belgium, Holland. Boston. James R. Osgord and Company... 1877.* 8.º 2 tomos de IX-256 pag. e VIII-274 pag.

No tomo II de pag. 57 a 60, 89 a 101, 103 e 104, 109, 111, 114 a 120, encontram-se poesias de Camões vertidas por Mickle, Lord Strangford, William Herbert, Cockle e Felicia Hemans; e duas poesias do sublime poeta intituladas: *Camoens* e *The last song of Camoens*, por William Lisle Bowles.

*
* *

270-42.ª *Os Lusiadas de Luiz de Camões. In two volumes. London C. Kegan Paul & Co., 1 Paternoster Square, 1878.*—Segundo rosto: *The Lusiads of Camoens Translated into English verse by J. J. Aubertin Knight officer of the imperial Brasilian order of the Rose In two volumes. London C. Kegan Paul & Co., 1, Paternoster square, 1878.* 8.º grande. 2 tomos de xxxv-298 pag. e 6 innumeradas 283 pag. Com o retrato de Camões e uma carta chromo-lithographica da viagem de Gama á India (no tomo I) e o retrato de Vasco da Gama (no tomo II). — A impressão é nitida e luxuosa, em papel em cordão. No fim de cada tomo tem a seguinte indicação typographica: « *London: printed by Spottiswoode and Co., New Street square and Parlament street* ». Ambos os rostos têem no centro as armas reaes portuguezas.

Os retratos são assignados pelo gravador G. Cook. O de Camões é copia fidelissima do de Gérard, e á primeira vista parece a mesma chapa com assignatura diversa; porque a imitação é mui perfeita e illude. Este retrato tem por baixo, alem da indicação do editor, estes versos:

« On him, for whom his loved harmonious lyre
Shall more of fame than happiness acquire »

Canto x, st. cxxviii.

O de Vasco da Gama tem os seguintes:

« I own the Law of Him, Whose high command
Visible and invisible are beneath.» Canto I, st. LXV.

No verso do ante-rosto dos dois tomos lê-se a seguinte epigraphe, em francez:

« La découverte de Mozambique, de Mélinde et de Calecut a été chanté par le Camoens, dont le poème fait sentir quelque chose des charmes de l'Odyssée et de la magnificence de l'Enéide.» MONTESQUIEU.

O tomo I contém: dedicatoria a sua magestade el-rei D. Luiz I (pag. VII innumerada); prefacio (pag. IX innumerada); introducção (pag. XI a XXXV); o poema, traduzido em verso, com o original portuguez á direita, em paginas de confronto os cantos I a V (pag. 1 a 291); e notas (pag. 293 a 298).

O tomo II contém: os cantos VI a X (pag. 3 a 273); e notas aos cantos VII a X (pag. 275 a 283). O canto VI não tem notas.

No começo da introducção escreveu Aubertin:

« The grand Portuguese Epic Poem of Luis de Camoens — Os *Lusiadas*, or the *Lusiad's* — which Hallam describes as 'the first successful attempt in modern Europe to construct an epic poem on the ancient model' — has for its hero (as may be more or less know) the celebrated Portuguese navigator, Vasco da Gama; and for its leading subject, the famous voyage, accomplished by that great man, which, by general consent, is ranked as having been by far the most important in its consequences, of the three great voyages of the world.»

No leilão de Pinto de Aguiar foi vendido um exemplar por 6$600 réis.

*
* *

271-41.ª *Episode of Dona Ignez de Castro. (The Lusiades of Camoens.) Canto* III. *Stanzas 118-135. By Richard F. Burton. Printed for private circulation. London. Harrisson and sons, S^t Martin's Lane, printers in Ordinary to Her Majesty. 1879.* 8.º de 7 pag.

*
* *

272-42.ª *The Lusiad of Camoens Translated into English Spenserian verse by Robert Ffrench Duff Knight Commander of the Portuguese Royal Order of Christ. Lisbon Mess. Chatto & Windus, London, Mess. J. B. Lippincott & Co., Philadelphia, Mr. Matthew Lewtas, Lisbon. 1880.* 8.º grande de XLVIII-2-506 pag, e mais 3 de indice e erratas. Com o retrato de Camões que acompanha a edição do *Episodio* publicado pela imprensa nacional); e outras estampas gravadas em cobre e em madeira.— No verso do ante-rosto « *National Printing Office* ». Tem dedicatoria a el-rei D. Fernando II de Portugal.

Este volume contém: o prefacio, datado de Lisboa, novembro de 1879 (pag. VII a X), tendo á frente o retrato do infante D. Henrique; noticia biographica de Camões (pag. XI a XXX); a elegia III, de que appareceu um fragmento nos *Poemas* publicados por lord Strangford (pag. XXXI a XXXVII); introducção (pag. XXXIX a XLVIII); o poema, traduzido em verso (pag. 3 a 413), tendo no canto I o retrato de Vasco da Gama; no III, os retratos de D. Pedro I, o de D. Ignez de Castro no começo do episodio e o tumulo de D. Ignez de Castro no fim; no IV, os retratos de el-rei D. João I e o de D. Nuno Alvares Pereira; no V, o retrato de el-rei D. Manuel; no VI, o retrato de el-rei D. João II; no VII, o retrato de D. Francisco de Almeida; no VIII, o retrato de Affonso de Albuquerque; no IX, o retrato de D. João de Castro; e no X, o retrato de el-rei D. Sebastião. Seguem-se ao poema: appendices A a G (pag. 415 a 506), em que se comprehendem varias notas biographicas das passagens que figuram no poema, notas ao poema, etc., tendo na frente da pag. 449 uma gravura em madeira do claustro do mosteiro de Belem.

O retrato de Camões, gravado por Joaquim Pedro de Sousa, é imitado do de Gérard; o do infante D Henrique serviu nas *Decadas,* de Barros; os dos reis de Portugal nos *Dialogos,* de Pedro de Mariz; o de D. João de Castro na *Vida* do viso-rei, por J. Freire de Andrade; o de Affonso de Albuquerque, nos *Commentarios;* mas a tiragem para esta edição foi lithographica, por decalque das respectivas chapas. A impressão é boa, como deve suppor-se; mas a diversidade das estampas e do genero da gravura dá a este livro um aspecto artistico desharmonioso que não me agrada. Tambem nos trabalhos typographicos são indispensaveis a graça e a unidade artisticas.

Na ultima pagina da nota biographica, o traductor menciona a erecção da estatua de Camões, cuja inauguração se realisára em 1867; e termina com uma commemoração do tricentenario:

« It is intended to celebrate a solemn national festival in honour of the illustrious bard on the tenth July (sic) 1880, the third centenary anniversary of his death; but his real commemoration and highest honour exist in the universal love and admiration of his countrymen.»

Quando appareceu esta edição, o periodico que então saiu em Lisboa *Finan-*

cial and Mercantile Gazette, de janeiro de 1879, publicou um artigo de elogio transcrevendo algumas estancias da versão do sr. Duff, cantos I e III *(Episodio de D. Ignez de Castro).* D'esse artigo fez-se tiragem em separado, como prospecto da obra, sob o titulo *Specimens of a new translation of the Lusiad by Robert Ffrench Duff.*— 2 pag. de folio pequeno.

No leilão de Pinto de Aguiar foi vendido um exemplar por 6$000 réis.

*
* *

273-45.ª *Os Lusiadas (The Lusiads): Englished by Richard Francis Burton: (Edited by his wife, Isabel Burton). In two volumes. London: Bernard Quaritch, 15 Piccadilly, W. 1880. All rights reserved.* 8.º 2 tomos de XIX-2-250 pag. e 2-251 a 471 pag.— No verso dos rostos e no fim: «*Wyman and Sons, printers, Great Queen Street, Lincoln's-inn-fields, London, W. C.*» —A numeração é seguida do tomo I para o II. A impressão é cuidadosa e em bom papel.

O tomo I contém: a dedicatoria do traductor a sua magestade o imperador do Brazil; uma poesia do traductor a Camões; prefacio assignado pela editora Isabel Burton, e datado de Trieste, 19 de julho de 1880 (pag. VII a X); prefacio, assignado pelo traductor e datado do Cairo, 1 de maio de 1880 (pag. XI a XVI); nota ácerca dos commentarios (pag. XVII a XIX); errata (1 pag. innumerada); e os cantos I a VI do poema, traduzido em verso, com os argumentos em prosa e verso, sendo um em portuguez com a traducção em seguida (pag. 3 a 250).

O tomo II contém: os cantos VII a X (pag. 251 a 415); e as estancias desprezadas (pag. 417 a 471).

Depois da dedicatoria, poz Burton as seguintes epigraphes:

Il far un libro è meno che niente,
Se il libro fatto non rifà la gente. GIUSTI.

Place, riches, favour,
Prizes of accident as oft as merit. SHAKSPEARE.

Ora toma a espada, agora a penna
(Now with the sword hilt, then with pen in hand.)
CAM., *Sonn.* 192.

Bramo assai, — poco spero, — nulla chiedo. TASSO.

«Tout cela prouve enfin que l'ouvrage est plein de grandes beautés, puisque depuis deux cents ans il fait les délices d'une nation spirituelle qui doit en connoitre les fautes.»
VOLTAIRE, *Essai*, etc.

*
* *

274-46.ª *Camoens: his life and his Lusiads. A commentary by Richard F. Burton (Translator of the Lusiads). In two volumes. London: Bernard Quaritch, 15 Piccadilly, W. 1881. All rights reserved,* 8.º 2 tomos de VII-738-6 pag. A numeração é seguida de um tomo para o outro, mas com rostos diversos. No verso do frontespicio do tomo I tem: «*2 vols., Fcap. 8vo. The Lusiads. Englished By Richard F. Burton. London: Bernard Quaritch, 15, Piccadilly, W.*»

No verso do frontispicio do tomo II e no fim de cada tomo esta indicação: *Wyman and Sons, Printers, Great Queen Street, London.*»

Esta obra é dividida em cinco extensos trechos ou capitulos, d'este modo: no tomo I, versos encomiasticos de Gerald Massey a Burton; prefacio datado de Trieste, dezembro de 1880 (pag. V a VII); capitulos I a III: biographia, bibliographia, historia e chronologia (pag. 1 a 366).

No tomo II, capitulos IV e V: geographia, viagem do Gama, campanhas de Camões, etc.; notas explicativas e philologicas aos *Lusiadas* (pag. 369 a 678); appendice (edições das obras de Camões, traducção e indice dos *Lusiadas* (pag. 679 a 708); *The reviewer reviewed: a postscript. By Isabel Burton* (pag. 709 a 727); glossario (pag. 729 a 738); e opiniões da imprensa ácerca dos *Lusiadas* traduzidos pelo capitão Burton (pag. 1 a 6).

Estes dois tomos vem a formar o terceiro e o quarto dos estudos de Burton ácerca dos *Lusiadas*.

*

* *

275-47.ª *Seventy Sonnets of Camoens. Portuguese texte and translation. With original Poems. By J. J. Aubertin, commendador of the noble portuguese order of S. Tiago; Knigth officer of the imperial Brazilian order of the Rose; corresponding member of the Royal Academy of Sciences in Lisbon. London: C. Kegan Paul & Co.. I Paternoster Square. 1881.* 8.º de xxiii-253-2 pag.— No fim: «*Printed by Ballantyne, Hanson and Co. London and Edinburgh*». No verso do ante-rosto êem-se as seguintes epigraphes:

Scorn not the sonnet;...
....
With it Camoëns soothed an exile's gries. WORDSWORTH.

Poetas por poetas sejam lidos;
Sejam só por poetas explicadas
Suas obras divinas. MANUEL CORREIA.

Let Poets be by Poets read;
By Poets be interpreted
Their works divine.

«Est quadam prodire tenus, si non datur ultra.» HOR., *Epist.* I, lib. I.

Este volume contém: carta dedicatoria de Aubertin a Burton (pag. XV a XVI); indice (pag. XVII a XXIII); stanzas, figurando o espirito de Camões descendo aos portuguezes por occasião do seu tricentenario (pag. 1 e 2); sonetos de Camões, com o original em frente (pag. 3 a 143); sonetos originaes (pag. 145 a 168); poemas, from Rome (pag. 169 a 183); e miscellanea poetica, original e traducção (pag. 185 a 253); juizo da imprensa ácerca da publicação dos *Lusiadas* (pag. 1 e 2).

*

* *

276-48.ª *The Poets and Poetry of Europe, with introduction and biographical notices. By Henry Wadsworth Longfellow, etc. A new edition, revised and en-*

larged. Boston. Houghton, Mifflin and Company. The Riverside preas, Cambridge 1882. 8.º gr. de XXI–921 pag.

*
* *

277–49.ª *Recordação do tricentenario de Camões. Primeiro (O) canto dos Lusiadas em inglez por James Edwin Hewitt. Lisboa, Imprensa nacional, 1881.* 8 (innumeradas)–40 pag.

Edição mui nitida, com paginas guarnecidas de filetes a vermelho; com capa de phantasia simples e elegante. Tem dedicatoria do editor ao benemerito e erudito portuguez sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães. Foi editor o enthusiasta camonianista, sr. José do Canto, que mandou fazer tiragem limitada só para brindes.

*
* *

278–50.ª *Lusiad (The) The first canto. Translated into english verse by James Hewitt, etc. Rio de Janeiro, 1883,* 8.º de 77 pag. com retrato.

*
* *

279–51.ª *Lusiad (The) The second canto. Translated into english verse by James Hewitt, etc. 1883.* 8.º de 79 pag.

*
* *

280–52.ª *The Lusiad of Camoens. Translated into english verse by J. J. Aubertin. Second edition. In two vol. London, Kegan Paul, Trench & Co., 1 Paternoster Square. 1884.* 8.º 2 tomos de XLVIII–298 pag. e 288 pag.

*
* *

281–53.ª *Camoens. The Lyricks. Part.* I. *(Sonnets, canzons, odes and sextines.) Englished by Richard F. Burton, and imprinted for the Translator at London in October, 1884. London. Bernard Quaritch, 15 Piccadilly. Wimans and sons, Printers. 1884.* 8.º de 2 tomos de 8 (innumeradas)–265 pag. e 266–540 pag.

A parte I comprehende sómente os sonetos. A parte II, com rosto e indicações typographicas e editoraes iguaes, e numeração seguida, contém as canções, odes e sextinas.

*
* *

282–54.ª *John Adamson. Seis sonetos camonianos. Reimpressão precedida de uma noticia e retrato do auctor. Em Lisboa. Anno de* MDCCCLXXXVI. 8.º de 29 folhas innumeradas.— Tiragem 20 exemplares numerados, alem de 2 em papel do

Japão. Um d'estes foi offerecido ao sr. visconde de Juromenha, a quem esta reproducção é dedicada pelo editor, sr. Manuel Gomes, gerente da livraria Ferin. É o n.º 3 das brochuras camonianas do mesmo editor.

Contém: uma noticia de Adamson com o retrato e *fac-simile* d'este; e os *sonetos* que o benemerito camonianista inglez publicou em 1845.

*
* *

283-55.ª *Fragmentos dos Lusiadas e sonetos vertidos em inglez. Porto, livraria Camões, de Fernandes Possas, 47, travessa de Cedofeita, 47. 1887.* 4.º de de x-9-51-(innumeradas)-IV pag.— Ante-rosto, rosto e pag. da dedicatoria a duas côres, vermelho e preto; e letras iniciaes do começo do prologo e dos trechos de phantasia, tambem a encarnado. Capa de phantasia a oiro, vermelho e verde, com uma folha estampada do natural em phototypia. A impressão é em caracteres gothico-elzevirianos. No rosto foi reproduzida, ampliada, a portada do frontispicio da primeira edição dos *Lusiadas,* tendo na base as datas 1580-1880.

O ante-rosto tem o titulo *Florilegio Camoniano I.* A dedicatoria é ao distincto amador e colleccionador camonianista sr. dr. José Carlos Lopes. A introducção não é assignada, mas é devida ao sr. Tito de Noronha, auctor de escriptos relativos ás edições de Camões.

A tiragem foi de 85 exemplares numerados e divididos em cinco classes d'este modo: 5 em papel pergaminho, 5 em cartão Whatman, 5 em cartolina allemã, 30 em cartão marfim de diversas côres, 35 em papel almasso nacional do Prado, e 5 em papel seda amarello. Por benevolencia do sr. dr. Lopes possuo o n.º 26 da penultima tiragem.

N'este fasciculo, o primeiro da collecção enviado pelo editor portuense Possas, foram reproduzidas as traducções que tinham apparecido em 1844-1845 no *Lusitanian,* revista publicada no Porto, de que já fiz menção acima sob o n.º 257-29.ª, e que é bastante rara.

Em o n.º 10, primeiro anno, do periodico *O Camões,* publicado no Porto, o sr. Tito de Noronha inseriu um artigo de *Annotações ao prologo e nota final do n.º 1 do Florilegio camoniano,* em que o auctor protesta contra o que se escrevêra em a nota e que contradiz o prologo ácerca da traducção do *Episodio de Ignez de Castro, aproveitado do Lusitanian,* com rosto especial. D'este artigo prometteu-se fazer tiragem em separado de 50 exemplares numerados.

*
* *

Versões allemãs

284-1.ª *Episodios de Ignez de Castro* e do *Adamastor.* Traducção em verso, que saiu, segundo consta, no periodico *Gelehrte Beitrage zu den braunschweiger Anzeigen* (supplemento litterario-scientifico ás «Noticias de Brunswick») em 1782. Deve ser esta, pois, a primeira versão de um trecho dos *Lusiadas* publicada na Allemanha.

*
* *

285-2.ª *O primeiro canto dos Lusiadas, versão publicada por Kuar & Winckler. Leipzig, 1802.* 8.º—Não vi nunca este fragmento. Se não falha, porém, a nota que tenho d'elle, vem a ser a segunda manifestação camoniana na Allemanha.

*
* *

286-3.ª *Blumensträusse italienischer, spanischer und portugiesischer.* (Ramos de flores italianas, hespanholas e portuguezas.) *Poesie von August Wilhelm Schlegel. Berlin, In der Realschulbuchhandlung. 1804.* 24.º de 2-238 pag. Com gravuras.—A impressão é boa, em papel claro e acartonado.

Contém este livro os seguintes trechos vertidos de Camões: episodio dos «Doze pares» (pag. 201 a 218); dois sonetos (pag. 219 e 220); tres eclogas (pag. 221 a 225); e notas (no fim).

*
* *

287-4.ª *Magazin der Spanischen und Portugiesischen Litteratur; herausgegeben von F. I. Bertuch. Zweiter Band, mit Camoens Portrait und einer Charte.* (Archivo de litteratura hespanhola e portugueza, editorado por F. J. Bertuch. Segundo volume com o retrato de Camões e um mappa.) *Preis 1 thlr. Weimar, 1780. In der Hoffmannischen Buchhandlung.* 8.º de 4 innumeradas-4 12 pag. Com o retrato de Camões (cego do olho esquerdo), antes do rosto; e um mappa da viagem da India depois da pag. 256.

Este volume é dividido em duas partes, ou trechos, de numeração seguida: a primeira contém: *Leben des Gran Zacaño, von Quevedo* (vida do Grão Zacaño de Quevedo), de pag. 1 a 246; a segunda de pag. 247 até pag. 412. *Erster Gesang der Lusiade* (primeiro canto) *von Camoens*, ou *Die Lusiade aus dem Portugiesischen des Luis de Camoens. Von Siegm. Freyhern von Seckendorff* (Segismundo barão de Seckendorff).

O retrato de Camões tem em baixo: *Nach Severino de Faria von Geysern gestochen* (gravura de Geysern, segundo Severim de Faria).

Com se vê é o primeiro canto do poema com as notas criticas correspondentes.

Não sei porque apparece em algumas bibliographias a data de 1782. Se não houve segunda edição, que não conheço, de certo é engano typographico.

*
* *

288-5.ª *Die Lusiade Heldengedicht von Camoens, aus dem Portugiesischen übersetzt von Dr. C. C. Heise. Halb Römer, stammt er dennoch von Germanen* (Os *Lusiadas*, poema heroico de Camões, traduzido do portuguez pelo dr. C. C. Heise; quasi latino, porém de origem germanica). *Erste Abtheilung. Hamburg und Altona, bei Gottfried Vollmer.* 8.º 4 tomos de 8 (innumeradas)-119 pag., 2-188 pag.

160 pag. e 161-302 pag. e mais 6 innumeradas de notas. A impressão é ordinaria em papel de duas côres azulado e amarellado. Cada tomo tem rosto especial. A numeração do terceiro para o quarto é seguida. A traducção é em verso. Não tem data; porém, segundo a informação registada pelo sr. visconde de Juromenha, devia ter apparecido entre 1806 e 1807, na epocha em que tambem era impressa a seguinte edição, publicada por Kuhn e Winckler.

O tomo I contém: dedicatoria a Camões, em verso, e os cantos I e II; o tomo II os cantos III a V; o tomo III os cantos VI a VIII; e o tomo IV o canto IX e X.

O exemplar da bibliotheca nacional de Lisboa tem os quatro tomos encadernados em um volume.

*
* *

289-6.ª *Die Lusiade des Camoens. Aus dem Portugiesischen in deutsche Octavverse übersetzt. Leipzig, in der Weidmannischen Buchhandlung. 1807.* 8.º de XXXII 398 pag. e mais 1 de errata. O rosto tem as armas reaes portuguezas. A impressão é nitida. O papel amarellado, mas encorpado, como o que geralmente usam nas edições allemãs.

Este volume contém: a dedicatoria ao conde Carl Bose pelos traductores Frederico Carlos Kuhn e Carlos Theodoro Winkler; introducção (pag. V a XVI); breve noticia da vida e obras de Camões (pag XVII a XXXII); o poema, traducção em verso (pag. 1 a 376); e notas (pag. 377 a 398).

*
* *

290-7.ª *Primeiro canto dos Lusiadas.* Com uma versão allemã de R. *Hamburgo. Na livraria de Frederico Perthes.* 16.º de 2-73-1 pag. Tem outro frontispicio em allemão: *Probe einer neuen Ueberzetzung der Lusiade des Camões* (Amostra de uma traducção nova dos *Lusiadas* de Camões). *Hamburg bei Friederich Perthes.* No verso do rosto em portuguez: *Impresso por F. H. Nestter.*

A traducção é em verso. Tem de um lado o texto portuguez e de outro a traducção allemã. Creio que não veiu por muito tempo a saber-se quem era o traductor, mas suppõe-se que foi Reinhold, e que appareceu por 1808.

*
* *

291-8.ª *Die Lusiade des Camoens. Aus dem Portugiesischen in deutsche Octavverse übersetzt. Wien, bei Anton Pickler, 1816.* 8.º de XXVIII-299 pag. Com o retrato do poeta.— Saiu sem o nome do traductor.

*
* *

292-9.ª *Die Lusiade des Luis de Camoens, von J. J. C. Donner. Zweiter Gesang* (canto II). *V. 18 e 32. Stuttgart und Tübingen. 1827.* 4.º

Saiu no periodico *Morgenblatt für gebildete Stände. Einundzwanzigster Jahrgang. 1827.* Veja o n.º 165 (pag. 657 e 658); n.º 166 (pag. 663); n.º 172 (pag. 685 e 686); e n.º 175 (pag. 699.) É o primeiro ensaio da traducção dos *Lusiadas* por Donner.

*
* *

293-10.ª *Die Lusiade des Camoens. Aus dem Portugiesischen in Deutsche Octavverse übersetzt. Wien, 1828, Gedruckt und verlegt bei Ed. Fr. Schade.* 16.º 2 tomos. de XXII-171 pag. e 158 pag.

Contando como primeira a edição do fragmento em 1802, deve ser esta a terceira da versão de Kuhn e Winckler, sem a dedicatoria ao conde Bose, nem a errata. Reproduz a edição de 1807, com as correcções aos erros typographicos que n'aquella foram notados.

O tomo I comprehende: introducção assignada pelos traductores; a noticia da vida e obras de Camões; e os cantos I a V do poema e notas. O tomo II comprehende os cantos VI a X, e notas.

*
* *

294-11.ª *Die Lusiade des Luis de Camoens. Zweiter und dritter Gesang, von Dr. J. J. C. Donner, Professor. Einladung zu den Öffentlichen Herbst-prüfungen am Königlichen Gymnasium zu Ellwangen. Ellwangen, Druck und Verlag der Joh. Evang. Schonbrod'schen Buchhandlung. 1830.* 4.º de 40 pag. a duas columnas numeradas de 1 a 80.

*
* *

295-12.ª *Die Lusiaden des Luis de Camoëns. Verdeutscht* (Os *Lusiadas* de Camões, germanisados por ...) *von J. J. C. Donner. Stuttgart, bei Christian Wilhelm Löflund. 1833.* 8.º de XVI-2-416 pag. O rosto é simples. A impressão nitida e em caracteres romanos. No verso do rosto: «*Druck von W. Hasper in Carlsruhe*».

Este volume contém: dedicatoria ao rei Guilherme de Wurtemberg; introducção, assignada pelo professor Donner e datada de Ellwangen em agosto 1833 (pag. V a XVI); erratas (2 pag. innumeradas); o poema, traduzido em verso (pag. 1 a 376); e notas (pag. 377 a 416).

*
* *

296-13.ª *Sonette von Luis Camoens. Aus dem Portugiesischen von Louis von Arentsschildt. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1852.* 8.º XX-288 pag. Tem no fim: «*Druck von F. A. Brockhaus Leipzig*».

Contém: indice, vida de Camões, a traducção de 284 sonetos; e notas.

*
* *

297-14.ª *Die Lusiaden. Epische Dichtung von Luiz de Camões. Nach José da Fonseca's portugiesischer Ausgabe im Versmasse des Originals übertragen von F. Booch-A'rkossi. Mit den Biographen und Portraits von Camões und Vasco da Gama. Leipzig, Arnoldische Buchhandlung 1854.* 8.º peq. ou 16.º de 4-LXXXVIII-532 pag. Com o retrato de Camões gravado em cobre por M. Lammel, de Leipzig, e o de Vasco da Gama, gravado em madeira (antes de pag. LXX e LXXI).

Este volume contém: dedicatoria ao rei da Saxonia Frederico Augusto; introducção datada de Leipzig em fevereiro de 1854, assignada pelo traductor (pag. IX a XVIII); critica dos *Lusiadas* por Barreto Feio e Gomes Monteiro (pag XIV a XLV); vida de Camões, que termina com as notas do Tasso e Diogo Bernardes, e a ode de Filinto (pag. XLVI a LXX); Vasco da Gama no descobrimento da India (pag. LXXI a LXXXVIII); o poema traduzido em verso (pag. 1 a 395); e notas e indice de nomes proprios (pag. 397 a 532).

*
* *

298-15.ª *Die Lusiaden des Luis de Camoëns. Verdeutscht von J. J. C. Donner. Zweite Ausgabe. Stuttgart & Sigmaringen. Verlag von H. W. Beck. 1854.* 8.º de XVI-416 pag. e mais 2 com erratas.

Apesar de estar declarada «segunda edição», parece que esta é a mesma edição de 1833, só com a mudança do frontispicio. Em um dos exemplares que examinei na indicada edição não vi as duas paginas das erratas, que andam com a de 1854; mas isso deve considerar-se como falta.

No catalogo da exposição camoniana do centenario (no palacio de crystal do Porto, em 1880) vem uma nota a respeito de Donner (pag. 36), que é conveniente deixar aqui:

«Quando o auctor saíu com versão completa em 1833 já havia dado á luz os seguintes estudos preparatorios para ella:

«1.º Fragmentos publicados no *Morgenblatt de Tübingen* (acima indicado).

«2.º *Die Lusiade ... Erster Gesang* (canto I). Stuttgart, 1827. Franck. Em 8.º de 56 pag.

«3.º Idem. Canto II, fragmentos, no jornal supracitado.

«4.º Idem. Canto III. *Einleitung* (introducção), etc. *Programm* de Gymnasio. 1829. Schönbrod. Em 4.º de 79 pag.

«A traducção de Donner ainda hoje não tem rival na lingua allemã, contra tudo o que se disse no *Panorama*».

*
* *

299-16.ª *Camoëns' Die Lusiaden. Heroisch-episches Gedicht. Aus dem Portugiesischen von Karl Eitner. Leipzig. Verlag des Bibliographischen Instituts.* Sem data. 8.º de 261-1 pag. e mais 8 innumeradas e um catalogo de livros, em papel amarello. No fim: «*Druck von bibliographischen Institut in Leipzig.*

Contém: prologo (pag. 5 a 12); o poema, traduzido em verso (pag. 13 a 261). Não tem argumentos, nem notas.

*
* *

300-17.ª *Die Lusiaden. Epische Dichtung von Luiz de Camões. Nach José da Fonseca's portugiesischer Ausgabe im Versmasse des Originals übertragen von F. Booch-Arkossi. Mit den Biographen und Portraits von Camões und Vasco da Gama. Zweite Auflage. Leipzig, Arnoldische Buchhandlung 1857.* 8.º pequeno de 4-LXXXVIII-532 pag. Com os retratos de Camões e de Vasco da Gama.

É edição em tudo igual á de 1854 com a só differença das palavras *Zweite Auflage* no rosto, o que me faz acreditar que seja a mesma, com a mudança de frontispicio.

*
* *

301-18.ª *Episodio de Ignez de Castro, traducção de J. Mansfeld.*—Veja de pag. 233 a 238 no periodico *Archiv für das Studium der neueen Sprachen und Litteraturen. Herausgegeben von Ludwig Herrig.* Volume XXXVI. *Braunschweig; Druck und Verlag von George Westermann. 1864.* 8.º grande.

*
* *

302-19.ª *Sechs Sonette des Camoens. Traducção de J. Mansfeld.*—Veja de pag. 970 a 972 no periodico *Internationale Revue Monatschrift für das gesammt geistige Leben und Streben der Indodeutschen Culturwelt. Nº 6. Dezember 1866. Wien. Arnold Hiberg's Verlag.*

*
* *

303-20.ª *Die Lusiaden. Heroisch-episches Gedicht von Luis de Camoens. Aus dem Portugiesischen in Jamben übersetzt von Karl Eitner. Hildburghausen. Verlag des bibliographischen Instituts.* 1869. 8.º de 261 pag. e mais 1 de indice.

Parece que é uma edição feita para as escolas. Não vi ainda nenhum exemplar.

Possuem-a no Porto o sr. Joaquim de Vasconcellos, e na ilha de S. Miguel o sr. José do Canto.

*
* *

304-21.ª *Sämmtliche Idyllen des Luis de Camoens. Zum ersten Male deutsch von C. Schlüter und W. Storck. Münster. Adolph Russel's Verlag. 1869. 16.º* de XXIII-253 pag. e mais 1 de indice.

Contém, segundo o catalogo da exposição camoniana do palacio de crystal do Porto, citado (pag. 38), XV eglogas e duas elegias, com a vida do poeta, no-

tas e indice onomastico. Na parte critica estão incluidos muitos sonetos e outras poesias de Camões em traducção allemã, assignados W. Storck. Na folha portuense *Actualidade*, de 20 e 21 de outubro de 1876, appareceu um artigo a respeito d'esta e da seguinte edição.

*
* *

305-22.ª *Die Lusiaden des Luis de Camoens. Deutsch inder Versart der portugiesischen Urschrift von J. J. C. Donner. Dritte vielfach verbesserte Auflage.* (Os Lusiadas de Luis de Camões. Traduzidos do original portuguez em verso allemão por ... Terceira edição muito melhorada.) *Leipzig. Fues' Verlag (R. Reisland). 1869.* 8.º de XVI-2-410 pag. e mais 1 de errata.

O prologo tem a data de Ellwangen, agosto 1833, a que se segue o *Nachschrift (postscriptum)* datado de Stuttgart, março 1869.

Edição nitida e em bom papel. Esta é, contando com os fragmentos citados, a sexta da versão do professor Donner.

*
* *

306-23.ª *Beiträge zur Textkritik der Lusiadas des Camões. Habilitationsschrift von Dr. Carl von Reinhardstoettner. München. Akademische Buchdruckerei von F. Stramb, 1872.* (Supplementos á critica do texto dos *Lusiadas* de Camões. Memoria de habilitação do dr. Carlos de Reinhardstoettner. Munich, Imprensa academica de F. Stramb. 8.º grande de 46 pag.

*
* *

307-24.ª *Sämmtliche Canzonen des Luis de Camoens. Zum ersten Male deutsch von Wilhelm Storck. Paderborn. Druck und Verlag von Ferdinand Schöningh. 1874.* 16.º de XXIII-156 pag.

Contém: prologo, XVIII canções e notas. Como se declara no rosto, esta foi a primeira versão das canções que appareceu em idioma germanico.

*
* *

308-25.ª *Wilhelm Storck. Glosas und voltas des Luis de Camoens. (Sonder-Abdruck aus den Brassai-Meltzl'schen: « Osszehasonlito Irodalomtörténelmi Lapok. » (Zeitschrift für vergleichende Litteratur.) Band. Nr.* XX. *1877. Klausenburg. Zeitschrift für vergleichende Litteratur. Universitäts buchdruckerei Johann Stein. 1877.* 8.º de 14 pag.

Como se vê tinha saído antes na revista: *Osszehasonlito Irodalomtörténelmi Lapok*, vol. II, n.º XX, de 1877. Segundo o catalogo da exposição do palacio de crystal do Porto, citado (pag. 38), o sr. Joaquim de Vasconcellos julga que é estudo interessante sobre estas fórmas poeticas, de que apresentou varios specimens vertidos em allemão. Foi publicado na *Actualidade*, do Porto, de 2 de abril de 1879, um artigo a este respeito.

*
* *

309-26.ª *Luis de Camoens Sonette. I-XXVII. Probe einer Verdeutschung von Wilhelm Storck, Münster E. C. Brunn's Verlag. 1877.* 8.º de 32 pag. innumeradas.

*
* *

310-27.ª *Luiz Camoens Portugals gröster Dichter gest. 1579. Eine Festschrift zur Gedächnikfeier der 300sten Wiederkehr seines Todesjahres. Von Dr. Robert Avé-Lallemant, Leipzig. Verlag von Hermann Soltz. 1879.* 8.º gr. de 55 pag.

É um estudo relativo a Camões e ás suas obras, e especialmente ao immortal poema. O capitulo III intitula-se os *Lusiadas* (pag. 24 a 55).

*
* *

311-28.ª *Die Lusiaden. Epos in zehn gesängen von Luis de Camões. Aus dem Portugiesischen, mit kritischen, historischen, geographischen und mythologischen Noten von Dr. A. E. Wollheim da Fonseca. (Os Lusiadas.* Epopeia em dez cantos, de Luiz de Camões. Vertido do portuguez com annotações criticas, historicas, geographicas e mythologicas, por ...) *Leipzig, Druck und Verlag von Philipp Reclam jun.* 8.º peq. de 300 pag.

Não tem data. No fim do prologo, que é um resumo da vida de Camões, com a assignatura de W. de F., lê-se a data de Berlim, outubro 1879. A traducção é em verso, sem argumentos, e acompanhada de notas.

*
* *

312-29.ª *Luis de Camoens. Sämmtliche Gedichte. Zum ersten Male deutsch von Wilhelm Storck. (Obras completas de Luiz de Camões pela primeira vez publicadas em allemão por...)*

Este é o titulo geral que acompanha em rosto distincto cada um dos cinco tomos em que se divide a collecção do sr. Guilherme Storck, um dos maiores enthusiastas das glorias do egregio poeta. A publicação, em que o laborioso traductor colligiu retocados alguns dos seus anteriores trabalhos, fez-se pela ordem que vae mencionada, sendo a impressão nitida e em bom papel:

Tomo I:

Luis' de Camoens. Buch der Lieder und Briefe zum ersten Male deutsch von Wilhelm Storck. Paderborn. Druck und Verlag von Ferdinand Schönnigh. 1880. 8.º de XXIX 408 pag. Tem dedicatoria ao sr. Joaquim de Vasconcellos e á sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Contém: introducção com a data de Münster, 9 outubro. 1874 (pag. VII a XI); indice (pag. XII a XVII); relação dos livros consultados (pag. XVIII a XXIII); varias cartas (pag. 1 a 342); notas (pag. 343 a 408).

No prologo d'este primeiro tomo, o sr. Storck expõe o plano e n'elle escreve o seguinte (pag. vi):

«Aus den Lusiaden gewinnen wir von Camoens kein allseitiges Bild; lernen dort vorzugsweise den patriotischen Sänger. Kennen und bewundern; den Menschen Camoens, wie er leibte und lebte, in Lust und Liebe oder in Gram und Groll; das Kind seiner Zeit in Glauben und Wissen, in Wähnen und Wollen, den gewandten Cavalier in den Abendgesellschaften bei Hofe; den verwegenen Haudegen im Kreise der Altersgenossen; den tapferen Krieger zu Land und See; den unerschrokenen Abenteurer, in dessen Leben Europa, Africa und Asien sich theilen; den feinfühligen Beobachter der Natur und des Lebens; den selbstbewussten und berühmten, aber dürftigen und unglücklichen Jüngling und Mann; Kurz den ganzen Menschen, wie Schicksal und Verschuldung sein Gemüth bewegen und erregen den wir in seinen Gedichten...»

A tradução liberrima do bello trecho, que transcrevi acima, é esta:

«Nos *Lusiadas* não está o quadro completo de Camões. N'esse poema aprendemos a conhecer e a admirar de preferencia o cantor patriotico; porém Camões como homem com as suas alegrias e com os seus affectos ou paixões, com as suas tristezas e com os seus odios, o filho da sua epocha, na crença e no saber, no pensamento e na vontade, o mais delicado cortezão nas reuniões da côrte, a espada temeraria entre os seus companheiros, o guerreiro valoroso em terra e no mar, o aventureiro audaz, cuja vida se dividiu pela Europa, pela Africa e pela Asia; o observador perspicaz da natureza e da vida; o galã e homem conhecedor do que valia e da sua celebridade, mas ambicioso e infeliz; emfim, o homem na pujança da virilidade, cujos erros e faltas commoviam e excitavam o seu animo, — tal como era, só e unicamente o podemos ver nas suas rimas.»

Tomo II:

Luis' de Camoens Buch der Sonette. Deutsch von Wilhelm Storck. Paderborn. Druck und Verlag von Ferdinand Schöningh. 1880. 8.º de xxxi-439 pag. É dedicado a Nicolau Delius.

Contém: prologo (pag. vii a ix); indice (pag. viii a xxvi); sonetos (pag. 1 a 358); e notas (pag. 359 a 439)

Tomo III:

Luis' de Camoens Buch der Elegien, Sestinen, Oden und Octaven. Zum ersten Male deutsch von Wilhelm Storck. Nebst einer Beilage: Camoens in Deutschland. Paderborn. Druck und Verlag von Ferdinand Schöningh. 1881. 8.º de xvi-436 pag. É dedicado aos srs. Theophilo Braga e Francisco Adolpho Coelho.

Contém: prologo (pag. vii a ix); indice (pag. xi a xvi); livro das elegias (pag. 1 a 147); livro das sextinas (149 a 162); livro das odes (pag. 163 a 209); das oitavas (pag. 211 a 256); notas (pag 257 a 434). N'este tomo vem reproduzido com modificação o folheto commemorativo publicado em 1879.

Tomo IV.

Luis' de Camoens. Buch der Canzonen und Idyllen. Deutsch von Wilhelm Storck. Zweite Vermehrte Auflage. Paderborn. Druck und Verlag von Ferdinand Schöningh. 1882. 8.º de xiii-442 pag. É dedicado ao sr. visconde de Juromenha.

Contém: prologo (pag. VII a IX); indices (pag. X a XIII); livro das canções (pag. 1 a 103); livro dos idyllios (pag. 105 a 305); notas (pag. 307 a 442).

Tomo V:

Luis de Camoens. Die Lusiaden. Deutsch von Wilhelm Storck. Druck und Verlag von Ferdinand Schöningh. 1883. 8.° de VIII-526 pag. e mais 2 innumeradas do catalogo dos livros do editor. É dedicado pelo sr. Storck a seus fallecidos paes, Frunz Storck e Maria Catharina geb. Höynck, como testemunho de profundo amor.

Contém: prologo, datado de Münster, a 5 de julho 1883 (pag. 1 a 376); e notas (pag. 377 a 526).

No prologo do tomo V dá o sr. Storck a seguinte explicação (pag. VII):

«Manches Buch will eine empfindliche Lücke ausfüllen oder einem dringenden Bedürfnisse abhelfen. Mit so verlockenden Redensarten kann ich der deutschen Lesewelt meine Arbeit nicht vorlegen. Von einer Lücke wird der Nichtkenner der Lusiaden wahrscheinlich nichts verspürt haben, und dem Bedürfnisse kam bisher ein halbes Dutzend Verdeutschungen entgegen. Mein Bestreben war einzig daranfgerichtet, als Übersetzer den Kennern der Camoens' schen Muse zu genügen und ihre Liebhaber zu befriedigen.»

Traduzirei, tambem com liberdade, este periodo do modo seguinte:

«Muitos livros vem preencher uma lacuna sensivel ou satisfazer uma necessidade imperiosa. Com phrases insinuantes não posso submetter o meu trabalho ao commum dos leitores allemães. As pessoas, que não conhecem os *Lusiadas*, não têem certamente reconhecido tal lacuna; e, pelo que respeita á necessidade imperiosa, ou urgente, muito menos, pois que existem meia duzia de versões allemãs. Os meus esforços, pois, como traductor foram dirigidos sob o ponto de vista de satisfazer os conhecedores da musa de Camões e contentar os que a amam.»

O tomo III tem um supplemento. N'elle declara o sr. Storck que este trabalho o colleccionou no discorrer de muitos annos e primitivamente destinado ás annotações da elegia VIII de Camões; que as compozera em primeiro logar para serem utilisadas nas *Obras de Camões*, cuja edição estava a cargo do sr. visconde de Juromenha; que depois, sendo alteradas e augmentadas, resolvêra publical-as como homenagem á memoria do egregio poeta no seu tricentenario, na «Litteratura comparativa» de Brassai e Melizl.

No *Annuario da sociedade nacional camoniana* (1881), de pag. 221 a 305, publicou o sr. conde de Samodães um extenso e notavel estudo critico ácerca da versão do sr. professor Storck, especialmente referida ao primeiro tomo. Ahi se lê:

«A maior novidade que nos trouxe o trabalho do sr. Storck foi uma traducção completa em allemão de todas as obras conhecidas de Luiz de Camões ... Não havia compilação d'esta natureza em lingua alguma estrangeira á nossa. Coube ao sr. Storck a honra de ter emprehendido, levado a cabo e publicado trabalho de tão grande tomo, altamente difficil e conscienciosamente desempenhado. Para se conseguir este quasi temerario intento, mister foi que o emprehendedor conhecesse completamente os espantosos recursos da lingua da versão, aquella d'onde se fez o traslado, e tivesse á mão uma collecção valiosa de commentadores para auxilial-o.

«Ainda isto não bastava; podia o traductor manejar magistralmente a lingua materna, conhecer perfeitamente a estrangeira, que lhe era original, dominar superiormente todos os commentadores, e não poder todavia desempenhar-se convenientemente do seu proposito.

«Para interpretar um poeta dos quilates de Camões, e trasladar para uma lingua tão dissimilhante do original, como é a allemã, tantas e tão variadas producções poeticas, como as d'elle, não em prosa corrente, dando apenas idéa do pensamento, mas sim em verso correcto com a mesma metrificação e rima, sem addições nem reducções, é indispensavel ser um poeta, quasi igual ao interpretado...

«... Se as obras d'este nosso glorioso compatriota nos excitam o mais profundo sentimento de admiração pelo genio, ficando inebriados pela magnificencia das descripções, pela elevação dos conceitos e pela seductora cadencia e harmonia da linguagem; a traducção do sr. Storck nos guinda ao respeito pelo talento, ao espanto pela erudição, á veneração pela probidade litteraria e á admiração pela sua paciencia e firmeza de vontade...

«... O Camões portuguez é aqui a personificação nacional; o Camões allemão, o sr. Storck camonisado é uma producção litteraria da mais alta importancia. Aqui, em Portugal, a arte esvae-se ante a patria; acolá, na Allemanha, a arte impera absoluta sem que o coração venha desculpar as imperfeições...

«... O sr. Storck fez passar o nosso Camões por uma prova real.

«Foram necessarios tres seculos passados sobre o tumulo do poeta, para que essa prova decisiva se verificasse. E onde foi elle sujeitar-se a exame tão serio? Foi precisamente no paiz, que mais apto era para presidir-lhe, aquelle que pelo temperamento de seus habitadores menos se impressiona, que julga por si, sem lhe importar com juizos alheios, e nunca julga sem exame previo, consciencioso e rigorosamente fundamentado...»

*

* *

313-30.ª *Collection Spemann. Die Lusiaden von Luis de Camoens. Uebersetzt von J. J. C. Donner. Mit einer Einleitung von Otto von Leixner. Stuttgart. Verlag von P. Spemann.* 8.º de 252 pag. No ante-rosto lê-se: *Deutsche Hand und Hausbibliothek*». No verso do frontispicio tem: «*Alle Recht vorbehalten*». *Druck der Hoffmann'shen Buchdruckerei in Stuttgart*».

Esta edição não tem data; na vinheta, que foi posta no rosto, está a de 1873; mas informam-me que saiu por 1883.

Vem a ser, salvo erro, a 7.ª edição da traducção de Donner, com um prefacio de Otto de Leixner.

*

* *

Versões hollandezas

314-1.ª *De Lusiade van Louis Camoëns; Heldendicht in* x *zangen. Naer het fransch door Lambartus Stoppendaal Pieterszoon. Te Middelburg. Willem Abrahams. En te Amsterdam, G. Warnars. 1777.* 8.º grande de 4 (innumeradas)-xxiv-405 pag. e 1 innumerada de erratas. Com dez estampas abertas em cobre. O rosto tem igualmente uma gravura ornamental, de allegoria á fama e ao genio, aberta em cobre, desenho de C. Kayser e gravura de L. Brasser.

Deve ter ante-rosto com o titulo: «*De Lusiade van Louis Camoëns; Heldendicht in* x *zangen; bevattende de ontdekking der Indien door de Portugeezen. Met aenteekeningen en het leven des dichters.*»

Este volume contém: dedicatoria em verso a Johan Adriaan van de Perre; prologo (pag. IV a VII); vida de Camões (pag. VIII a XVII); idéa dos Lusiadas (pag. XVIII a XXIV); o poema traduzido em prosa, com os argumentos, e notas de cada canto.

O exemplar existente na bibliotheca da imprensa nacional, que póde dizer-se que possue opulenta camoniana, não tem estampas. O do sr. dr. José Carlos Lopes, do Porto, tambem não as tem.

*

* *

315-2.ª *Mengelingen, door M.r Willem Bilderdijk. Te Amsterdam, By Johannes Allart.* MDCCCIV-MDCCCVIII. 8.º gr. 4 tomos. *Eerst deel*, de 2 (innumeradas)-XVI-158 pag. e 2 de indice; *Tweede deel*, de 4 (innumeradas)-174 pag. e 2 de indice; *Derde deel*, de 4 (innumeradas)-174 pag. e 2 de indice; e *Vierde deel*, de 6 (innumeradas)-167 pag.

No tomo IV *(Vierde deel)* vem de pag. 39 a 48 o episodio de Ignez de Castro *(Ines de Castro. Verhaal.)*, traduzido em oitavas rimadas, tendo no fim a data 1808, que corresponde ao anno em que foi impresso o ultimo tomo d'esta collecção.

Ha um exemplar na bibliotheca da imprensa nacional de Lisboa.

*

* *

Versões polacas

316-1.ª *Luzyada Kamoensa czyli odkrycie Indyy Wschodnich. Poema w Piésniach Dziesieciu Przekladania. w Krakovie 1790. w Drukarni Antoniego Grebla.* 8.º de 8 (innumeradas)-351 pag. A impressão é ordinaria, com caracteres romanos, corpo 7 redondo, e em papel de inferior qualidade, amarellado. O rosto é simples e tem no centro uma vinheta allegorica.

Este volume contém: dedicatoria, em verso, de Jacok de Przybylsko a Adama Stanislawa Noruszewicza Biskupa Luckiego (4 pag. innumeradas); o poema, traduzido em verso, com os argumentos em prosa (pag. 1 a 328); e notas historicas (pag. 329 a 351). No verso, innumerado, d'esta ultima tem erratas.

Possuem exemplares, a bibliotheca nacional, a bibliotheca da imprensa nacional, e o sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, de Lisboa; e o sr. José de Canto, na ilha de S. Miguel.

*

* *

317-2.ª *Lusiady albo Portugal czycy. Epopea L. Camoënsa. Tlenvaczenie Wierszem Dyonizego Piotrowskiego. Autog. H. Delahodde, Boulogne s/mer.* 4.º 2 to-

mos de 209 pag. e 2-147 2 pag. Nas primeiras 29 pag. do tomo I encontra-se um resumo da vida de Camões e analyse de suas obras. Sem data (mas é de 1880).

O exemplar, existente na bibliotheca nacional de Lisboa, é fac-simile do autographo por meio da lithographia. Tem um retrato do traductor, em photographia; um retrato de Camões, desenhado á penna, com esta indicação: «*Copie du portrait de Camões du Britisch Museum à London. Traits sévères, la barbe blonde couleur du safran*». Ora este desenho é uma imitação incorrecta do de Gérard.

O traductor justificou o seu brinde á bibliotheca lisbonense com a seguinte carta, que se vê addicionada ao exemplar:

«Le 2 Janvier 1880.

«St Paul's road (N. W.). Cumden-town London.

«Monsieur le Directeur de la Bibliotèque nationale de Lisbonne.

«Depuis longuetemps j'ai désiré d'envoyer à la Bibliotèque de Lisbonne les Luzyades de Camoens en vers Polonais de ma traduction, mais je n'osais pas n'ayant personne de connaissance ou d'introduction — aujourd'hui j'ai lu dans le *Globe* (journal anglais) qu'on propose de célébrer le centenaire de la mort de Camoëns, le grand Poète portugais, auteur d'immortelles Luzyades par une grande fête nationale — alors l'occasion se présente d'offrir à la Bibliotèque de Lisbonne un exemplaire autographié pour augmenter la gloire de Camoens —

«Je ne peux pas me contenir de joie en lisant cette nouvelle, car je ne suis pas seulement le traducteur, mais je suis son admirateur le plus exalté —

«Veuillez donc monsieur le Directeur accepter de bon cœur l'exemplaire cijoint dans la langue d'un pays le plus éloigné de Lisbonne, hélas éffacé de la Carte Géographique, mais toujours espérant dans sa nationalité et sa litterature —

«Agréez, Monsieur le Directeur, l'assurance de mes sentiments les plus empressés — *Dionisi Piotrowski.*»

(Accusez la récéption s-v-p)

No verso do rosto do tomo I tem:

«Offert à la bibliotèque nationale de Lisbonne par traducteur en Polonais Dionisi Piotrowski, le 2 Janvier 1880 —
«*Labor labori laborem addit.*»

No rosto do tomo II leio por baixo do nome do traductor o seguinte: «*Syna Onafrego.*»

A respeito d'esta versão veja-se o *Bulletin de l'association littéraire*, de setembro de 1880.

No exemplar existente na bibliotheca da imprensa nacional de Lisboa não foram collocadas as estampas, que se vêem na acima indicada. Tem na folha guarda a seguinte dedicatoria: «*A la bibliothèque de l'imprimerie nationale de Lisbonne. En souvenir de l'hospitalité portugaise. Ladislas Mickiewiewich. Paris, 29 Janvier 1881.*»

No catalogo manuscripto da camoniana da mesma imprensa, leio a seguinte nota: «Consta que da edição d'este livro se tiraram só 30 ou 40 exemplares.

O nosso exemplar tem o offerecimento autographo, assignado pelo traductor, ao cavalheiro que o dedicou á imprensa nacional.»

*
* *

Versões suecas

318-1.ª *Lusiaderne. Hjeltedikt af Luis de Camoëns. Öfversaettning frän Originalet pa dess versslag af Carl Julius Lēnstroem. Föersta Sångén.* 8.º gr. de 2 innumeradas-22 pag. Tem no fim: «*Upsala, Leffler Sebell, 1838*».

É a traducção em verso do primeiro canto dos *Lusiadas*.

Existe um exemplar, incompleto, na bibliotheca nacional de Lisboa.

*
* *

319-2.ª *Lusiaderne Hjeltedikt af Luis de Camoëns. öfversatt frän Portugisiskan, I originalets versform af Nils Lovén. Stockolm, tryckt hos L. J. Hjerta 1839.* 12.º de 6 innumeradas-224-XVI pag.

O poema, traduzido em verso, corre de pag. 1 a 224. As outras 16 pag. (I a XVI) contêem as notas.

*
* *

320-3.ª *Lusiaderne. Hjeltedikt af Luis de Camoëns. Öfversatt från Portugiskan, I Originalets versform, af Nils Lovén. Andra omarbetade och med de fyra sista sångerna tillökta upplagan.— Lund, tryckt på C. W. K. Gleerups Förlag, uti Berlingska Boktryckeriet. 1852.* 12.º de 2-IV-406 pag.

Esta é a segunda edição da versão de Nils Lovén. Impressão nitida e em bom papel.

O poema vae até pag. 374. De pag. 375 até o fim correm as notas.

El-Rei D. Fernando possuia, na sua bibliotheca, um exemplar ricamente encadernado em velludo, com dourados.

Na bibliotheca da imprensa nacional de Lisboa existem dois exemplares.

*
* *

Versão dinamarqueza

321. *Luis de Camoens's Lusiade, oversat af det Portugisiske ved H. V. Lundbye, forhenværende Consulatsecretair og Chargé d'Affaires i Tunis. Kjöbenhaven*

Trykt hos N. G. F. Christensens Enke. 1828-1830. 8.º 2 tomos de xx-212 pag. e 2-214 pag. A impressão é má, e em papel amarellado de inferior qualidade. No rosto do tomo I está a data de 1828, e no do tomo II a de 1830.

O tomo I contém: o prologo (pag. III a VI); a biographia de Camões (pag. VII a XX); e os cantos I a V do poema, traduzidos em verso, sendo cada canto acompanhado de notas. O tomo II comprehende os cantos VI a X, com as notas.

Possuem exemplares, em Lisboa, os srs. Fernando Palha e Antonio Augusto de Carvalho Monteiro; e na ilha de S. Miguel o sr. José do Canto.

*
* *

322-2.ª *Episodio de Ignez de Castro por Guldberg.*— A respeito d'esta versão veja-se Juromenha, tomo I, pag. 299; e Innocencio, tomo V, pag. 276.

*
* *

Versões hungaras

323-1.ª *A Luziáda Camoenstöl. Forditotta Greguss Gyula Kiadta a Kisfaladytársaság. Pest. Nyomatott Emich Gusztav magy, Akad Nyomdasznál.* MDCCCLXV. 8.º de XXXI-449 pag. e no verso da ultimo as notas.

Contém: a introducção e breve noticia do poeta e dos *Lusiadas* (pag. III a XXXI); o poema, traduzido em verso (pag. 1 a 376); e notas (pag. 377 a 449).

O exemplar existente na bibliotheca nacional de Lisboa foi offerecido em 1872 pelo sr. Auguste Greguss, irmão do traductor, a Francisco Adolpho de Varnhagen (depois visconde de Porto Seguro, já fallecido), então ministro plenipotenciario do Brazil na Austria-Hungria; e por elle offerecido á mesma bibliotheca, juntando-lhe uma prova da segunda edição, que se estava imprimindo, e que em seguida menciono. O traductor tinha morrido em 1869.

A bibliotheca da imprensa nacional tem um exemplar offerecido pelo sr. conselheiro Firmo Augusto Pereira Marécos, que foi administrador geral da mesma imprensa, que o recebêra em brinde do sr. Gerschey.

*
* *

324-2.ª *Camoens Lusiádája. Fordittota S berezetéssel és jegyzetekkel fölvilágositotta Greguss Giula. Másodikt kiadás, Budapest. Az Athenaeum Tulajdona. 1874.* 8.º pequeno de 4 (innumeradas)-378 pag. e mais 1 de errata. Impressão nitida e em papel claro e assetinado. No verso do rosto: «*Budapesth, 1874, Nyomatott az Athenaeum nyomdájában.*»

É a segunda edição da antecedente (n.º 322-1.ª). Contém: introducção e noticia de Camões e dos *Lusiadas* (pag. 1 a 36); o poema, traduzido em verso (pag. 37 a 319); e notas (pag. 321 a 378).

*
* *

Versões russas

325-1.ª Da primeira versão no idioma moscovita, dou em seguida a amostra do rosto:

ЛУЗІЯДА,

ИРОИЧЕСКАЯ

ПОЭМА

ЛУДОВИКА КАМОЕНСА.

Часть I

Переведена съ Французскаго де ла-Гарпова переводу

Александромъ Дмитрїевъымъ.

МОСКВА,

Въ Типографіи Компаніи Типографической съ Указнаго Дозволенія.

1788

A versão d'este rosto é: *Lusiada, poema heroico de Luiz de Camões, traduzida da versão franceza de La Harpe por Alexandre Dmitrief. Tomo* I. *Moscova, imprensa da sociedade typographica, Com a licença legal. 1788.*

É extraordinariamente rara esta edição, suppõe-se que por ter sido incendiado o deposito em que existiam os exemplares em Moscova. A administração da imprensa nacional de Lisboa, quando fez a sua segunda edição polyglotta em 1873, serviu-se de um exemplar que o ministerio dos negocios estrangeiros mandou pedir emprestado á bibliotheca imperial de S. Peterburgo.

O sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, ao cabo de constantes diligencias, alcançou um, e d'este, por benevolencia do possuidor, me servi para a imitação do rosto, que dou acima.

*
* *

326-2.ª *Episodio de D. Ignez de Castro. Moscova. 1833.*— É a versão de Merzliakoff, que, segundo é notorio, tinha preparado uma traducção completa dos *Lusiadas*, da qual todavia não deu á luz senão alguns fragmentos.

*
* *

327-3.ª *Episodios da partida de Vasco da Gama e de D. Ignez de Castro*. Foram publicados na *Crestomatia* de Filonof, de S. Petersburgo, em 1864.

*
* *

Versão bohemia

328. *Episodio de Ignez de Castro*, traduzido do canto III dos *Lusiadas*. Vem esta versão no livro *Časopis Českého Museum. Desáty' Ročnjk. Swazék prwnj. W Praze. Nàkladem Českèho Museum 1836*. 8.º de 114 pag.

Contém este volume dez peças ou capitulos de diversos assumptos, alem do additamento de numeração separada. A segunda peça é o episodio sob o titulo: *Ignacia de Castro. Episoda z Camoensowy Lusiady. Od Bog. Pichla, Zpēw III w. 118-136.*» Vae de pag. 6 a 12.

A bibliotheca da imprensa nacional possue um exemplar.

*
* *

Versão arabe

329. *Algumas estrophes dos Lusiadas. Por J. Pereira Leite Netto.*

Vem esta versão no *Annuario da sociedade nacional camoniana*, do Porto, de pag. 25 a 39. Comprehende duas oitavas do canto I, uma do canto II, uma do canto III, uma do canto IV, uma do canto V, duas do canto VI, duas do canto VII, uma do canto VIII, duas do canto IX, e uma do canto X, tendo de um lado o texto original e do outro a traducção com os caracteres proprios.

A composição d'este trecho (4 folhas em 4.º), foi feita na imprensa nacional pelo typographo José Antonio Dias Coelho, habilitado desde muitos annos para esta especialidade de trabalhos em linguas orientaes.

O original d'esta versão de Leite Netto, já fallecido, pertence hoje ao sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.

*
* *

Edições polyglottas

330-1.ª *Ignez de Castro. Episodio extrahido do canto terceiro do poema epico Os Lusiadas de Luiz de Camões. Edição em portuguez, hespanhol, italiano, francez, inglez e allemão. Lisboa, Imprensa nacional. 1862.* Folio pequeno de 36 pag. innumeradas. Com o retrato de Camões (imitado do de Gérard), gravura em cobre de Joaquim Pedro de Sousa; e o retrato de Ignez de Castro (em madeira), desenho de Fonseca e gravura de Coelho Junior; e uma vista da quinta das Lagrimas e Fonte dos Amores, em Coimbra (tambem em madeira), desenho de Nogueira da Silva, gravura de João Pedrozo.

A edição é mui nitida, luxuosa e em papel superior. Todas as paginas guarnecidas com filetes a duas côres, azul e oiro; e as capas com fundo de phantasia typographica e guarnição de vinhetas de combinação impressas a quatro côres. Este livrinho está exhausto desde muito, difficilmente se encontra no mercado, e quando apparece em algum leilão tem numerosas apreciações por preço alto.

A versão hespanhola é de D. Lamberto Gil; a italiana, de A. Bricolani; a franceza, de Florian; a ingleza, de Ed. Quillinan, e a allemã de Donner.

No leilão de Minhava um exemplar foi vendido por 7$100 réis para o sr. José do Canto.

*
* *

331-2.ª *Ignez de Castro, episodio extrahido do canto terceiro do poema epico Os Lusiadas de Luiz de Camões. Edição em quatorze linguas. Lisboa, Imprensa nacional. 1873.* Fol. peq. de 88 pag. innumeradas com o retrato de Camões, gravado por Joaquim Pedro de Sousa, conforme serviu na edição de 1862.

Edição mui nitida em papel superior. Todas as paginas guarnecidas com filetes simples; e a capa, com fundo de phantasia typographica, a duas côres. Fez-se com tal primor, para ser apresentado, com outros especimens da imprensa nacional de Lisboa, na exposição universal de Vienna de Austria, em 1873, e lá mereceu a attenção e o elogio dos entendidos.

Em alguns exemplares, que foram offerecidos no mesmo anno e no seguinte pela administração superior de tão importante estabelecimento typographico, foi mandado imprimir, em folha separada e a tinta azul, o nome da pessoa ou do estabelecimento de instrucção, ou industrial, a que eram destinados, com a correspondente data.

As versões aproveitadas foram: latina, de D. fr. Thomé de Faria; hespanhola, de D. Lamberto Gil; italiana, de Felice Belloti; franceza, do duque de Palmella; ingleza, de Ed. Quillinan; allemã, de Donner; hollandeza, de W. Bilderdjik; sueca, de Nils Lovén; dinamarqueza, de W. V. Lundbye; hungara, de Greguss Gyula; bohemia, incompleta, de Bog. Pichla; polaca, de J. Przybylski; e russa, de Alexandre Dmitrief.

*
* *

332-3.ª *Ignez de Castro. Episodio extrahido do canto terceiro do poema epico Os Lusiadas de Luiz de Camões. Edição em quinze linguas. Lisboa. Imprensa nacional 1880.* Fol. peq. de 92 pag. innumeradas.

Edição tão nitida e luxuosa, como as anteriores. As paginas guarnecidas com filetes simples, a encarnado. As capas, com fundo de phantasia, e guarnição de filetes dupla, a tres cores. N'esse fundo, simulando letras de agua, lê-se «*Tricentenario de Camões 10 junho 1880.*»

As versões aproveitadas para esta nova edição foram: a latina, de fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo; a hespanhola, do conde de Cheste; a italiana, de Felice Belloti; a franceza do duque de Palmella; a ingleza, de Ed. Quillinan; a allemã de Donner; a hollandeza, de W. Bilderdjik, a sueca, de Nils Lovén; a dinamarqueza, de W. V. Lundbye; a hungara, de Greguss Gyula; a bohemia, de B. Pichla; a polaca, de J. Przybylski; a russa, de Alex. Dmitrief; e a romaica, de Jon Dánu.

No fim da tabella que indica as traducções, lê-se a seguinte nota:

«Não consta que exista em algum outro idioma traducção, manuscripta ou impressa, d'este famoso episodio do immortal poema do cantor do Gama.»

*
* *

333-4.ª *Ignez de Castro. Episodio, extrahido do canto terceiro da poema epico Os Lusiadas de Luiz de Camões. Edição em sete linguas. Lisboa, Imprensa nacional. 1880.* 51 pag.

O formato é, no papel de 71 millimetros de altura por 54 de largura; e na composição figurada de 48 millimetros de altura por 30 de largura. O rosto é a côres, preto e encarnado. Todas as paginas guarnecidas com filetes simples, impressos a encarnado. Nas duas ultimas paginas vêem-se duas graciosas reproducções do frontispicio e da licença da primeira edição dos *Lusiadas*, 1572.

É, portanto, uma fiel e interessante reproducção, microscopica, feita pelos processos photo-lithographicos na mesma imprensa pelo habil gravador e photographo, sr. Cosmelli; e da qual se tiraram poucos exemplares, inutilisando-se em seguida as chapas. Alguns d'esses exemplares foram offerecidos a Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Luiz, e a Sua Magestade a Rainha, Senhora D. Maria Pia, que os deu de sua mão a diversas pessoas da côrte.

As versões, que figuram n'este livrinho, são: a latina de fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo; a hespanhola, de D. Lamberto Gil; a italiana, de Felice Belloti; a franceza, do duque de Palmella; a ingleza, de Ed. Quillinan; e a allemã, de Donner.

*
* *

334-5.ª *The Financial and Mercantile Gazette. Lisbon 1880.*

Em o numero d'este periodico, que saiu em 1 de junho, encontra-se o *Episodio de Ignez de Castro,* em portuguez, hespanhol, italiano, francez, inglez e latim.

*
* *

335—6.ª *Florilegio de bibliophilos. Alma minha gentil. Lisboa, typographia Elzeveriana. Anno* CIↃ.IↃCCCLXXXVI. 4.º de 50 pag. e mais 1 innumerada com a declaração do impressor.

A edição foi apenas de 200 exemplares numerados e rubricados pelo editor sr. Alfredo de Carvalho (typographo), e pelo auctor da carta preambular o sr. Xavier da Cunha (medico, escriptor, e ao presente conservador na bibliotheca nacional de Lisboa). A tiragem é nitida e luxuosa, sendo as paginas guarnecidas de vinhetas de phantasia, impressas a duas côres, azul e bistre.

Esta publicação, mui interessante pela idéa e pela execução, contém trinta e nove vezes o soneto completo

Alma minha gentil, que te partiste

e tres vezes (pag. 25, 26 e 27) as variantes dos tercetos das versões italianas do reverendo Prospero Peragallo.

Abre o livro com uma carta do sr. Xavier da Cunha ao editor (pag. 5 a 7), com a letra capital a vermelho; segue-se o soneto de Camões e o mesmo soneto segundo a copia do manuscripto de Luiz Franco; e depois as versões pela seguinte ordem: em mirandez, castelhano (duas), gallego (duas), italiano (nove, alem de tres variantes dos tercetos); reggitano, siciliano, bolonhez, veneziano, milanez, genovez, catalão, francez (tres), inglez (cinco), allemães (cinco), vasconço e gheez. Na ultima pagina innumerada vem a declaração do impressor e editor, de que esta edição entrára no prélo no dia 8 de junho de 1886 em commemoração da entrada, seis antes antes, dos ossos do egregio poeta no mosteiro de Belem.

Cheguei a uma das partes igualmente difficeis de se vencerem na bibliographia camoniana: é a que trata das obras referentes a Camões. Existem obras, como as essencialmente biographicas e criticas, que hão de entrar sem contestação n'estas monographias: existem outras, porém, a respeito das quaes se levantam duvidas, que muitas pessoas illustradas e eruditas julgam bem fundadas.

Formei esta parte não me encostando inteiramente á opinião dos que as limitam, restringindo-as em demasia; nem afastando-me systematicamente dos que encontram nas mais simples e insignificantes referencias manifestações camonianas apreciaveis.

A bibliographia feita para uso particular de qualquer, póde obedecer a esses caprichos e phantasias. Não haverá n'isso que estranhar. Mas a que se destina ao uso dos estudiosos, tem outras normas e responsabilidades.

Conservei-me por isso aqui em meio termo. Nem fui avaro nem prodigo. Colligi dezenas de obras que se me representam umas indispensaveis, outras insubstituiveis, e outras necessarias, para o apparato de que deve cercar-se a *obra monumental de Camões*, em harmonia com a sua importancia e com a sua sublimidade. Será tambem mais um testemunho, aos olhos dos estranhos, do valor e da fama do egregio poeta. Creei uma especie de barreira, e n'ella me parece que devo ficar. Corrijam-me os que julgarem que ainda assim me excedi. Façam os acrescentamentos que entenderem convenientes, os que supponham que não alcancei os seus ideaes. Como todas as obras dos homens têem defeitos, satisfazer-me-ha que apraza á critica julgar que este é o menor.

Dividi esta parte em seis secções:

I. Obras relativas a Camões, biographicas, criticas e de simples analyses e referencias;

II. Theatro, manifestações dramaticas em que haja figurado o poeta, ou em cuja contextura seja evidente a influencia dos *Lusiadas*, ou dos seus mais divulgados episodios;

III. Parodias, impressas;

IV. Musica;

V. Manuscriptos;

VI. Bibliographia (indicação de fontes para o estudo das edições, e que me serviram de guia).

I

Obras relativas a Camões

Biographicas, criticas e de simples analyses e referencias

De auotores portuguezes

336-1.ª *Historia da provincia Sãcta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil feita por Pero de Magalhães de Gandauo, dirigida ao muito Ills.ᵉ sñr. Dom Leonis. P.ª governador que foi de Malaca & das mais partes do sul na India.* 4.º de 48 folhas numeradas só pela frente, com uma estampa separada, e uma gravurinha no texto á cabeça do capitulo XII, verso da folha 37.—Tem no fim: «*Impresso em Lisboa, na officina de Antonio Gonsaluez. Anno de 1576*».

Contém de folhas 2 a 4 verso: *Tercetos de Luiz de Camões* e um *Soneto* do mesmo auctor.

Os tercetos começam:

Depois que Magalhaẽs teue tecida
A breve historia sua que illustrasse,
A terra Sancta Cruz pouco sabida.

E acabam:

Porque so de nam ser fauorecido
Um claro espirito, fica baixo & escuro,
E seja elle com vosco defendido,
Como o foy de Malaca o fraco muro.

O soneto começa:

Vos Nimphas da Gangetica espessura,
Cantay suavemente em voz sonora.

E acaba:

Pois ó Nimphas cantay que claramente
Mais do que fez Leonidas em Grecia
O nobre Leonis fez em Malaca.

Na bibliotheca do Escurial existe uma copia manuscripta d'esta *Descripção.*

A bibliotheca nacional possue um exemplar bem conservado.

*
* *

337-2.ª *Lusitania transformada composta por Fernão Alvares do Oriente dirigida ao illustrissimo e mui excellente senhor D. Miguel de Menezes, marquez de Villa Real, conde de Alcoutim e de Valença, senhor de Almeida, capitão e governador de Ceuta. Com licença do supremo conselho da Santa Inquisição e do ordinario. Impressa em Lisboa por Luiz Estupinam. Anno 1607.*

Tem referencias a Camões, especialmente na prosa x do livro I.

*
* *

338-3.ª *Discursos varios politicos por Manuel Severim de Faria. Em Evora, Impressos por Manuel de Carvalho, Impressor da Vniversidade. 1624.* 8.º de 12 innumeradas-185 folhas com o retrato de Camões.

Contém a vida de Camões, de folhas 87 a 137. É a mais antiga, e a mais desenvolvida, depois da de Pedro de Mariz. Do retrato, o primeiro que se conhece, é o que mandei reproduzir, e vae em frente.

*
* *

339-4.ª *Varias antigvidades de Portvgal. Avtor Gaspar Estaço. Com licença da S. Inquisição, Ordinario, & Paço. Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck Impressor del Rey. Anno Dñi.* M.DC.XXV. 4.º de 12 (innumeradas)-332 pag. e mais 24 innumeradas de indice.

No capitulo XXIII, n.º 7, refere-se a Camões, louvando o seu poema n'estas palavras:

« A façanha de dom Egas Moniz feita nam com a lança, mas com a prudencia, gouernadora das mais virtudes, n'este seu eclypse fora sentida, e desejada dos curiosos, senam fora o poeta Luis de Camoẽs, que com seu bõ juizo, e curiosa eleiçam recolheo de nossas historias as pedras preciosas de mais estima pera cõ ellas honrar a obra dos seus Lusiadas ... »

*
* *

340-5.ª *Gigantomachia de Manvel de Gallegos a don Antonio de Menezes en Lisboa por Pedro Crasbeeck. an. 1626.* 4.º

No fim do preludio (folha 9 verso) escreve o auctor:

« Yo reparto el exercito de los gigantes en tres esquadrones, vno, que con-

quista el cielo, otro el mar, otro el infierno, y la razon es porque sigo a Luis de Camoês, el qual, quando habla Damastor, dize :

Chameyme Damastor, & fui na guerra
Contra o que vibra os rayos de Vulcano :
Naõ pusesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano
Fuy Capitão do mar adonde andaua
A armada de Neptuno que eu buscaua.

*
* *

341-6.ª *Os Campos Elysios de Ioam Nvnes Freire. Offerecidos ao senhor Luis Correa, Abbade da Igreja & Mosteiro de Lordello, Doutor em os sagrados Canones, & Mestre em Artes pela Vniversidade de Coimbra. Com todas as licenças necessarias. Impressos no Porto. Por Ioaõ Rodriguez. Anno 1626.* 8.º grande de 12 (innumeradas)-324 pag.

No *Iardim terceiro*, de pag. 82 a 85 vem glosadas de duas fórmas o primeiro quarteto do soneto de Camões :

Lembranças saudosas se cuydais

A que se segue (de pag. 85 para 86) um elogio ao egregio poeta :

«... & começou Floricio a queixarse do tempo dizẽdo, quanto mal fas a muitos a velocidade dos annos, que tirou do mundo hum engenho tam sublime, padecẽdo todos agora a falta que a todos chega, chora esta perda o Tejo, o Ganges se ajunta com elle no sentimento da perda vniversal que a todos alcança, pois tambem honrrou suas ribeiras com sua musica, & a naçam Portugueza com o famoso stylo dos seus Lusiadas, a que ficou atras Homero nos Illiados, & Odissea, & Virgilio na obra heroica dos seus Æneidos.»

No *Iardim octavo*, pag. 217, compara Petrarcha a Camões, e nota que ambos erraram em suppor que o grande carthaginez Annibal tivesse amores no jardim de Cupido, quando parece que fôra elle sempre homem mui morigerado e muito occupado nas cousas da guerra.

*
* *

342-7.ª *Pancarpia, prosas historicas e titulares, e versos differentes de varões collocados e illustres da Ordem da Santissima Trindade e Redempção de captivos, com algumas excellencias d'ella antes. Lisboa, por Pedro Craesbeck. 1628.* 8.º

Na pag. 122 traz uma oitava imitativa da primeira dos *Lusiadas*.

*
* *

343-8.ª *Flores de España excellencias de Portvgal. En que breuemente se trata lo mejor de sus historias, y de todas las del mundo desde su principio hasta*

nuestros tiempos, y se descubren muchas cosas nueuas de provecho y curiosidad, etc. Por Antonio de Sousa de Macedo, etc. En Lisboa. Con todas las licencias necessarias. Impressas por Iorge Rodriguez. Año 1631. 4.º de 16 (innumeradas)-252 pag. numeradas só pela frente.

O auctor, como se sabe, na dedicatoria ao «Reyno de Portvgal» desculpa-se de ter escripto esta obra em castelhano d'este modo:

«... perdonad si dexada la excelente lengua Portuguesa escriuo en la Castelhana, porque como my intento es pregonaros por el mundo todo, he vsado desta por mas vniuersal, y porque tambien los Portugueses saben estas excelencias, y assi para ellos no es menester escriuirlas.»

Trata de Camões em duas partes do capitulo VIII, *Del Ingenio*, onde na *Excelencia* VIII, folhas 64 verso, se lê:

«... el famoso poeta Luis de Camoēs fue siempre en su vida muy estimado de todos los caualleros, y ahora lo es tanto su fama, que vnos le cantan con epigramas, otros escriuen su vida, algunos le leuantan estatuas, y todos le reuerencian, y si mientras viuio no fue tan honrado por los Reyes como merecia y murio pobre, esso no deue imputarse al Reyno, sino a la desgracia del merecer en letras, mayormente en poesia, con quien siempre se mostra la fortuna rigurosa, y auarienta... de modo que es tan ordinario ser los poetas, y mas hombres de letras pobres, y poco estimados, que lo que no es esto, se tiene por marauilla. Y assi tanto mayor alabança merece Portugal en hazer vna pequeña estimacion de Camoēs en su vida, quanto menos le cabia a el, segun la costumbre, y mala fortuna del arte ser estimado...»

Na folha 65, tratando da sepultura do poeta:

... si no supieramos de la sepultura de Camoēs, todo el mũdo fuera su sepultura (pues en qualquiera parte del pensavamos que podia estar) y esta era la sepultura, que le conuenia, porque no se puede dezir, que cosa tan grande queba en vn lugar, a lomenos si no su cuerpo, todo el mundo inche su fama.»

Na *Excelencia* XI do mesmo capitulo, folha 68 verso, louva de novo Camões e cita muitos auctores que o engrandeceram:

... el Principe de los poetas Luis de Camoēs, en cuyo respeto podemos mejor llamar a Homero, y Virgilio primeros Camoēs, que a Camoēs segundo Homero, o Virgilio; porque en la imitacion de vna sola accion, en la honestidad della, en la vtilidad de su lectura, en la recreacion, acompañada de erudicion, y proporcion (que son las partes essenciales del poema heroico,) que *guardó* en sus Lusiadas venció señaladamente a Lucano, Silio Italico, Ouidio, Ariosto, Stacio, y Claudiano, y quando mucho se le ygualaron Homero entre los Griegos, Virgilio, entre los Latinos, y Torcato Tasso entre los Italianos... y si en el poema heroico se mostró tan estremado, no lo fue menos en las otras suertes de verso, por lo qual Maris le llama *verdadero poeta*, Lope de Vega, buen testigo en esta materia le dá el primer logar, y en outra parte le llama, *Rarissimo*, y otra vez *Excelente:* Hernando de Herrera, que algunos llamaron diuino, a el solo concedia ventaja: y el excelente Torcato Tasso confessaua, que a el solo temia, y se admitó de ver sus Lusiadas, en cuya alabança hizo un elegante Soneto: el Maestro Francisco Sanches Brocense alaba su subtil ingenio, doctrina entera, cognicion de lenguas, y delicada vena: el Padre Cristoual del Rio le pone entre los mejores del mundo: y lo mismo haze Don Fernan daluia de Castroen la dedicatoria de

sus elegantes Aphorismos: y Christoual Soares de Figueroa le yguala con Homero: y Homero Lusitano le llama Fray Seraphin de Freitas ...»

Alem d'estas honrosissimas apreciações, por toda a obra se me deparam trechos ou referencias aos *Lusiadas*, taes como nas folhas 5 verso, 27 verso, 119 verso, 143 verso, 144, 157, 161 verso. 162, 165 verso, 172, 172 verso, 175 verso, 208, 210 verso, 218, 224 verso, 232, 232 verso, 239, 244 verso, 249, 249 verso e 251 verso. Na folha 125 verso cita as *Rimas* a proposito da ave Camão; e na folha 237 cita Benito Caldera pelo que disse na introducção á sua versão dos *Lusiadas*.

O exemplar das *Flores de España*, que examinei, é o que pertence á bibliotheca nacional de Lisboa. Era de D. José de Barbosa que declara no rosto por letra sua, que as cotas marginaes á mão são autographas do proprio auctor D. Antonio de Sousa de Macedo, o que lhe dá maior valor. Foi por isso que, no trecho acima, sublinhei o vocabulo *guardó*, que na folha impressa está «quando vencio». Esta emenda foi feita pelo auctor.

*
* *

344-9.ª *Elogio de Poetas Lusitanos a Lope da Vega. Por Jacinto Cordeiro. Lisboa, 1631.* 4.º

Tem referencias a Camões.

* *

345-10.ª *Discurso apologetico sobre a visão do Indo e Ganges que o grande Luiz de Camões representou em o canto* IV *dos Lusiadas a El-Rei D. Manuel por João Franco Barreto. (Inedito.)*

É resposta á censura do licenciado Manuel Pires de Almeida, que aggredira Camões, chamando-lhe falso na exposição e plagiario de Virgilio no logar citado.

Este manuscripto, attribuido a Franco Barreto, e datado de Coimbra em 1639, foi pela primeira vez impresso no *Annuario da sociedade nacional camoniana* (1881), de pag. 176 a 213; a que os redactores acrescentaram uma nota, de pag. 216 a 220.

Parece que este discurso deu o exemplo contra o licenciado, pois a elle se seguiu, ainda mais energica, a *Apologia*, de que se trata abaixo. João Franco Barreto tambem se referiu a este ponto na sua *Orthographia*, pag. 208 e 209.

A obra de Manuel Pires de Almeida, a que respondeu, eram os *Commentarios ás Lusiadas*, de cuja existencia em manuscripto apenas se sabe pela menção dos bibliographos, porém que se julgam inteiramente perdidos.

Na bibliotheca da academia real das sciencias existe uma copia manuscripta d'este discurso, como adiante menciono.

*
* *

346-11.ª *Apologia em qve defende Ioam Soares de Brito a Poesia do Principe dos Poetas d'Hespanha Lvis de Camoens. No canto 4. da est. 67 à 75. & Cant. 2. est. 21. & responde às Censuras d'hum critico d'estes tempos. A Ioam Rodrigues de Sà de Meneses Cavalleyro da ordem de Santiago, Camareyro mór d'elRey D. Ioam IV. N. S. Filho primogenito do Conde de Penaguião, & herdeyro de sua Casa &c. Em Lisboa. Na officina de Lourenço de Anveres. No anno de 1641. o I. da Restauração de Portugal.* 4.º de 16 (innumeradas)-61 folhas numeradas só pela frente e mais 3 innumeradas com uma advertencia ao leitor e versos em louvor de Camões e do seu apologista. Com o retrato de Camões e uma estampa gravada em cobre, representando o brasão de armas dos Penaguiões.— No rosto vê-se uma vinheta igualmente gravada em cobre, allegoria do naufragio de uma embarcação portugueza, naturalmente allusão ao sinistro em que, segundo a tradição, ia sendo victima o poeta com os seus primeiros cantos dos *Lusiadas*. Esta gravura tem o nome do artista Florian.

O retrato, que é aliás bem gravado para a epocha, não tem nome do gravador. Está mettido n'um oval com allegorias e a legenda « *Comites mansura per œvum fatorum* ». Figura o poeta com um livro na mão esquerda e uma penna na direita.

Este volume comprehende: as licenças, a breve carta dedicatoria a João Rodrigues de Sá de Menezes (3 folhas innumeradas); o panegyrico ao mesmo Sá, em latim (attribuido ao jesuita Lourenço de Aguilar (10 folhas innumeradas); uma advertencia e outras peças preliminares (2 folhas innumeradas); a apologia (folhas 1 a 61); uma advertencia ao leitor e varias peças em verso, de louvor ao apologista, entre os quaes um soneto de D. Seraphina de Castelbranco.

As licenças têem as datas de 21 de setembro, 18, 19, 26 e 27 de outubro de 1640; 11, 13 e 17 de setembro de 1641. As primeiras licenças são anteriores á restauração de Portugal; e as ultimas são posteriores uns nove mezes a tão faustoso acontecimento. Os censores, no entretanto, são levados, por amor á verdade, a louvar e engrandecer esta critica de Soares de Brito.

O auctor, como se vê, não se demorou muito com a sua critica após o trabalho de Franco Barreto.

Na primeira censura, de ordem do Santo Officio, datada de 21 de setembro, e assignada pelo dr. frei Adrião Pedro, declara este:

« não achey cousa algũa repugnãte a nossa santa fè ou bons costumes, antes livra o nosso insigne Poeta das calumnias que lhe punhaõ, com bastante erudição.»

Na segunda censura, datada de 18 de outubro e assignada pelo dominicano, fr. Fernando de Menezes, lê-se:

« não tendo cousa algũa contra nossa santa fè ou bons costumes, mostra muyta erudição em liurar de calumnias a este grãde Poeta Portugues.»

Na terceira, datada de 26 de outubro e assignada por Diogo de Paiva de Andrada, lê-se:

«não achey cousa por onde se lhe possa negar a licença que pede, senão muytas porque se lhe deve conceder, poys a tenção foy acudir pello credito do nosso insigne poeta *Luis de Camoẽs*, obedecendo a quem com zêlo tão generoso lhe pedio que o defendesse. A obra he feyta com tanta erudicção, eloquencia, & doutrina que ficou o mesmo Poeta em grande obrigaçaõ a esta calumnia por lhe fazer alcançar a honra de tão excellente defensão.»

Na primeira advertencia, Soares de Brito dá estas explicações:

«Hvm *critico* d'estes tẽpos, cujo nome, por seu credito, calo neste Discurso, movido de spirito de contradição, ou do pẽsamẽnto dos que querem parecer mays entendidos na confiança de censurar homẽs insignes,

—seu maior adegit Erymis,
Ire diem contrà

se resolveo a impugnar o grãde LVIS DE CAMOENS, que foy o seu *ultimus ærumnæ cumulus*. Para este fim escreveo hũ discurso, q̃ chama *Iuiso critico*, & logo outro com titulo de *Replica apologetica* cõ q̃ occupou muytas folhas de papel. Responderão varios variamente. Entre tão bõs ingenhos procuro eu neste breve discurso respõder tambem a *criticante* ...»

Na segunda advertencia, Soares de Brito acrescenta a seguinte interessante declaração:

«Sempre me pareceo que naõ podia acharse força igual à da luz, & fermosura da verdade; & hoje me confirma mays neste pensamento o ter ouvido, que o *Critico* persuadido de todo ponto, está jâ d'outro parecer, & de censor de CAMOENS, mudado em defensor de sua poesia. Desta taõ notavel mudança só me toca o gosto de ver êm parte logrado o intento d'esta Apologia. Isto me pareceo advertir porque naõ perca o *Critico* por culpa de meu Silencio os parabẽs que está merecendo acção de tanta efficacia que naõ sô o obriga a desdizerse do que disse, mas (passando muyto adiante) a persuadirse que o naõ disse ...»

Pena é, que os documentos com que podia instruir-se este processo litterario, não chegassem incolumes até nós, e não se saiba a respeito d'estes, como de outros papeis camonianos, como hão de procurar-se.

Advirta-se que em muitos exemplares da *Apologia*, obra presentemente considerada rara, falta o retrato de Camões, ou porque não o tiveram, ou porque lh'o cortaram; e que no rosto, sendo aliás a mesma edição, ha em alguns exemplares a differença, de que a gravurinha do naufragio foi estampada, não na frente, mas no verso do frontispicio, tendo esta a mais uma simples vinheta e a seguinte linha em italico: «*Com todas as licenças necessarias*». As linhas de todos os títulos estão mais espacejadas. Nos exemplares, assim dispostos, a dedicatoria a João Rodrigues de Sá está impressa na segunda folha innumerada, em vez de se ver na quarta. Existem outros exemplares, como o que examinei, na opulenta bibliotheca do sr. João Antonio Marques, e como sei que possue outro, na sua não menos rica, o sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, que tem a gravurinha no verso do rosto, mas falta-lhe no frontispicio a declaração das licenças, em italico. D'ahi infiro, que se fizeram modificações typographicas durante a impressão da *Apologia*, porém não nova edição.

O soneto de D. Seraphina de Castelbranco é interessante e masculo:

Disserão-me Senhor que hum maldizente.
(Livrenos Deos de lingoas atrevidas)
As obras de CAMOENS traz perseguidas
Com mordeduras d'invejoso dente;

E que vos apologico eloquente,
Tão erudito as tendes defendidas
Que donde a inveja quiz abrir feridas
Tirastes vos a luz resplandecente.

Sò louvo nesta acção vosso bom gosto,
Porque nem vi do critico medonho,
Nem de vossa defensa a qualidade.

Tenho a CAMOENS por sol: isto supposto,
Digo que sua offensa he sombra, & sonho
E a vossa defensão luz, & verdade.

Possuem exemplares, em Lisboa; a bibliotheca nacional (tres, e todos sem a retrato do poeta, sendo um em mau estado), e os srs. Fernando Palha, João Antonio Marques, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro; no Porto: a bibliotheca publica municipal (dois, sendo um differente do outro, e em mau estado), e os srs. conde de Samodães e dr. José Carlos Lopes; na ilha de S. Miguel o sr. José do Canto; no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

*
* *

347-12.ª *Informacion en favor de Manvel de Faria i Sovsa, caballero de la orden de Christo, i de la casa real sobre la acvsacion que se hizo en el tribvnal del santo oficio de Lisboa, a los comentarios qve docta, i jvdiciosa, i catolicamente escrivio a los Lvsiadas del doctissimo, i profvndissimo i solidissimo poeta christiano Lvis de Camoens vnico ornamiento de la academia española en este genero de letras: ofrecida, etc. Madrid, 1641.* 4.º de 12 innumeradas-70 pag. a duas columnas numeradas (de 1 a 140).

Anda junta aos exemplares dos *Lusiadas* commentados por Manuel de Faria e Sousa, edição mencionada sob o n.º 31, de pag. 67 a 70.

Alguns colleccionadores têem esta *Informacion* em separado, como existe na collecção da bibliotheca nacional, mas falta em muitos.

Veja na secção dos manuscriptos a menção do que possue o sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.

*
* *

348-13.ª *Silva a ElRei nosso Senhor Dom Ioam Qvarto Que Deus guarde felicissimos Annos. Por seu menor vassallo o alferez Iacinto Cordeiro. Com todas as licenças necessarias em Lisboa. Na officina de Lourenço de Anueres. Anno de 1641. A custa de Lourenço de Queirós liureiro da Casa de Bragança.* 8.º de 16 pag. innumeradas.

Contém a dedicatoria a el-rei (2 pag.); a Silva (10 pag.), e o mote (2 pag.) sob o titulo «*Mote do principe dos poetas Lvis de Camoens trocado pelo Alferez Iacinto Cordeiro na felice entrada do Reino de Portugal DOM IOAM IV.*» É este:

Campos bem auenturados
Não tornareis a ser tristes,
Que os dias, em que vos vistes
Tão tristes já saõ passados.

Segue a glosa em que o alferes Cordeiro se alegra com o triumpho alcançado pelas armas portuguezas e a acclamação de D. João IV.

É mui raro este folheto. Possuem exemplares em Lisboa, a bibliotheca nacional, em perfeito estado, e o sr. Fernando Palha.

O mesmo auctor, alferes Cordeiro, publicou depois, tambem em 1641, um *Trivmpho frances,* em verso, onde a cada passo se encontra a imitação de Camões. Logo no começo se me deparam estes versos:

Ia que do fero jugo Castelhano,
A que entregue nos teue hũ cego engano,
Despois daquela perda dilatada,
Taõ sentido de todos, taõ chorada,
....

*
*   *

349–14.ª *Panegyrico em a coroação de Sua Magestade o Serenissimo Señor Don Ioam IV. Rey de Portvgal e dos Algarves, &c. A sua Excellencia, o señor Tristam de Mendonça Furtado, Embaxador aos muy Altos y Poderosos Estados Generaes dos Provincias Unidas. Composto por Francisco Gomez Barbosa. En Amsterdam, Em casa de Nicolaus de Ravestin, a 22 de Abril. An. 1641.* 4.º de 15 pag.

Este folheto foi reimpresso depois em Lisboa, na officina de Lourenço de Anvers, á custa do livreiro Lourenço de Queiroz, sendo as datas de 16, 22 e 24 de julho, e 13 de agosto de 1641, com a seguinte declaração no rosto: «*Foi impressa em Amsterdam, & agora de nouo nesta cidade de Lisboa*». 8.º de 19 pag.— A edição de Lisboa tem a mais uma dedicatoria a Antonio de Sousa de Tavares, secretario da embaixada de Hollanda.

A dedicatoria e o panegyrico são em verso rimado, em que o auctor paraphraseou Camões. Eis as amostras.

Na dedicatoria:

As Occidentais prayas conquistando
Irão vossas armadas:
E nas terras, aonde nasce o dia
Eterno dilatando a Monarchia
....
Minha Musa que sua Gloria adora
....
De suas flores, vos ofreço o fruto,
Que suposto que são rusticas flores
São do vergel da patria, e meus amores.

No fim do panegyrico:

> ... pedem
> As subtis penas, dos Cisnes Lusitanos
> Cantando vossos feitos soberanos,
> Que a espada milhor corta, se se estima
> E a pena se avantaja, em verso ou Rhĩma.

Estas amostras servem para demonstrar, mais uma vez, que a idéa de Camões, copiando-o, imitando-o, paraphraseando-o, andou sempre ligada á idéa da patria e da sua resurreição.

São tambem mui raras as duas edições d'este folheto. Vi ambas na bibliotheca nacional, n'uma collecção preciosissima de papeis da restauração.

*
* *

350-15.ª *Memoria da disposição das armas castelhanas, que injustamente invadirão o Reino de Portugal no anno de 1580. Despertador do valor portuguez, etc. Auctor o padre frei Mannel Homem. Lisboa, 1655.— Segunda edição. Lisboa, na officina de Miguel Manescal da Costa. Anno de* M.DCC.LXIII. 4.º de 35 (innumeradas)-305 pag.

A primeira edição é bastante rara. A segunda publicada sem essa indicação, posto que foram n'ella reproduzidas as licenças de 1665, é mais vulgar. Contém numerosas referencias camonianas. O auctor, a cada passo, corrobora o seu discurso patriotico com citações dos *Lusiadas*. Vejam-se, entre outras, as pag. 18 e 24 innumeradas, e as pag. 7, 25, 28, 29. 31. 43. 45. 46, 63, 79, 131, 230 e 231.

*
* *

351-16.ª *Oitava de Luis de Camoens, glozada pello dovtor Antonio Barboza Bacellar, a gloriosa victoria do Canal. Em 8 de Junho de 1663; sendo Governanor das Armas da Provincia do Alemtejo, Dom Sancho Manoel, Conde de Villa-Flor. Lisboa, na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor de S. Magestade. Anno de 1663.* 4.º de 7 pag. innumeradas.

A oitava começa:

> Deu sinal a Trombeta Castelhana

A glosa, em oito oitavas, começa (oitava I):

> Promptos estavão todos escutando,
> O que o grande D. Sancho mandaria:

E acaba (final da oitava VIII):

> As Mãys que tanto dano experimentàraõ,
> Aos peytos os filhinhos apertàraõ.

Possuem exemplares, em Lisboa: a bibliotheca nacional e o sr. Fernando Palha; e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

*
* *

352-17.ª *Triunfo das armas portuguezas, deduzido de varios versos do insigne poeta Lvis de Camoens Glosados, & reduzidos ao intento por Andre Rodrigues de Mattos, dedicado ao Excellentissimo Senhor D. Lvis de Sovsa e Vasconcellos, Conde de Castel-Melhor, escrivão da puridade del-Rey Nosso Senhor, &. Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Na officina de Antonio Craesbeeck de Mello. Anno 1663.* 4.º de 16 pag. innumeradas.

Depois das licenças vem a glosa com os versos dos *Lusiadas,* tendo ao lado as indicações dos logares do poema d'onde foram aproveitados.

*Possuem exemplares em Lisboa: a bibliotheca nacional e o sr. Fernando Palha, e no Rio de Janeiro, a bibliotheca nacional.

*
* *

353-18.ª *Virginidos. Poema por Manuel Mendes de Barbuda. Lisboa, 1667.*

No fim do poema vem um extenso juizo poetico escripto pelo padre fr. André de Christo, e n'elle é frequentes vezes citada a auctoridade de Camões com a maxima consideração.

*
* *

354-19.ª *Eva e Ave ou Maria Triumphante. Theatro da erudição & philosophia christã, em que se representaõ os dous estados do mundo cahido em Eva, e levantado em Ave, etc. Escrevia Antonio de Sousa de Macedo. Primeira e segunda parte. Lisboa, por Antonio Craesbeck de Mello. 1676.* Fol.

Nos capitulos XXV e XXVI trata do *Principio, progresso & dignidade da Poesia, etc.* Ahi louva Camões nas seguintes palavras:

«... sobre todos (os poetas portuguezes) Luis de Camoens, insigne em todas suas obras, particularmente nos *Lusiadas,* em que na imitação de huma só acção, na honestidade della, na utilidade de sua leytura, na recreação acompanhada de erudicção & proporção, (partes essenciaes do Poema heroico) venceu sinaladamente antigos, & modernos: só lhe são comparaveis Homero, Virgilio, & Tasso, excedidos ainda em algumas cousas; tam louvavel no que disse, como em não dizer mais, até nos peccados veniaes contentou.»

Refere-se nas ultimas phrases ao conceito de Manuel Severim de Faria.

*
* *

355-20.ª *Idéas da saudade, imagens do sentimento formadas na lamentavel morte da Senhora D. Maria Sofia Isabel N. Senhora, Rainha de Portugal, por Manoel Pacheco de Valladares, bacharel pela Universidade de Coimbra, em os sagrados Canones. Lisboa. Na officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Ma-*

gestade. Com todas as licenças necessarias. Anno de 1699. 8.º grande de 16 pag.

É dividido em duas partes: glosa (pag. 4 a 11); canção (pag. 12 a 14); e redondilhas (pag. 14 a 16). A glosa é ao soneto XXX do *profundissimo poeta Luiz de Camões*, conforme anda na terceira centuria das *Rimas*, illustradas pelo seu commentador Manuel de Faria e Sousa.

Este soneto começa:

Debaixo d'esta pedra sepultada
Iaz do Mundo a mais nobre Fermosura,

*
* *

356-21.ª *Ecco saudoso que no coraçam do mayor monarcha justamente sentido responde ao rigor com que a parca a impulsos da tyrania o destruhio da posse do seu mayor bem na morte da augustissima Serenissima Senhora D. Maria Sofia Isabel Rainha de Portugal. Por Domingos Lopes Coelho. 1699.*

É uma glosa ao soneto XIX da primeira parte das *Rimas* de Camões.

*
* *

357-22.ª *Sentimento lamentavel que a dôr mais sentida em lagrimas tributa na intempestiva morte da Serenissima Raynha de Portugal Nossa Senhora D. Maria Sofia Isabel de Neoburg. Glosa ao vigesimo secundo soneto da terceira Parte das Rimas do Apolo Portuguez o Grande Luis de Camoens Choray ninfas os fados poderosos, &c. Offerecida á Excellentissima Senhora D. Marianna Teresa de Hanhelohe Biscondessa de Villa Nova da Cerveyra. Por Bernardino Botelho de Oliveira. Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Na officina de Bernardo da Costa. Anno 1699.* 4.º de 16 pag.—Tem no rosto o brazão da casa dos Coveiros.

O soneto citado no rosto começa, com effeito:

Chorai Ninfas os fados poderosos,
Daquella soberana fermosura,

*
* *

358-23.ª *Idéa do principe dos poetas Luis de Camoens applicada ao monarcha dos Lusitanos El-Rei D. João V Nosso Senhor, por Miguel da Cunha de Mendonça. Lisboa, na officina de Valentim da Costa Deslandes, impressor de Sua Magestade. Anno de 1707.*

É uma glosa ao soneto XXI das *Rimas* de Camões.

*
* *

359-24.ª *Historia serafica chronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal, etc. Lisboa.* 4.º

Veja-se no tomo IV (1709), que pertence a fr. Fernando da Soledade, a parte intitulada: *Origem, fundação e notabilidades do Real Mosteyro de Santa Anna de Lisboa,* comprehendendo os capitulos XIX a XXVII, de pag. 519 a 562, §§ 918 a 984. O capitulo XX denomina-se: *Constitue-se a casa da Real Padroeyra desta, referem-se algũs beneficios, que lhe dispensou, & se faz memoria do grande Luiz de Camões, aqui sepultado;* e vae de pag. 525 a 528, §§ 929 a 933.

Fr. Fernando da Soledade dá n'este capitulo uma noticia biographica de Camões, servindo-se do prologo de Pedro de Maris posto na edição dos *Commentarios aos Lusiadas* do licenciado Manuel Correia. Registando, porém, a morte do egregio poeta e o local da sua sepultura, na igreja do convento de Sant'Anna, nem uma palavra dedicou á sua estada no hospital. Pelo contrario, o chronista assevera que as palavras: *Viveu pobre, & miseravel, & assim morreu,* não estavam na pedra sepulchral mandada collocar em a nova sepultura de Camões, ao lado da qual Miguel Leitão de Andrada mandou pôr um azulejo, em que se recordavam as glorias do poeta com a espada e com a penna.

O chronista escreve que Luiz de Camões foi «raro exemplar das adversidades da fortuna. Mas se esta o atropellou na vida, a fama o sublimou de tal maneira na morte, que depois de levantar seu engenho á esphera de unico, illustrou seu nome com o resplendor de Principe».

*
* *

360-25.ª *Antidoto da lingoa portugueza offerecido ao muito alto e muito poderoso Rey Dom Joaõ o Quinto Nosso Senhor, por Antonio de Mello da Fonceca. Amsterdam. Em casa de Miguel Diaz. Impressor, y mercador de libros.* 4.º de 12 (innumeradas)-416 pag.— Não tem data. A dedicatoria ao rei é datada de 1 de janeiro de 1710.

Encerra muitas referencias a Camões; porém, a ultima parte, capitulo ultimo, que vae de pag. 273 a 415, e se intitula: «*Avisos sobre a emenda acima inculcada dos versos de Camões e sobre* o *grande engano d'aquelles, nos quaes* o *Tasso parece melhor Poeta*», comprehende uma larga apologia do sublime cantor dos *Lusiadas.* Para se avaliar o juizo critico do auctor baste-nos esta amostra:

«E para desde logo dar claro indicio da opinião, que tenho n'esta materia, digo, que toda aquella grande doçura, que tão justamente admiramos nos suavissimos versos de Ovidio, não iguala a que logramos nas Rimas incomparaveis do nosso altissimo Poeta; e que na fabrica admiravel do seu famoso Poema Heroico o não excede, nem algumas vezes iguala toda a grande elegancia e magestade e toda a valentia estupenda do mesmo Virgilio; e que em toda a Poesia Italiana tão celebre no mundo não vemos harmonia regularmente tão natural, nem tão poetica (posto que em muitos Lugares do Tasso a vejamos tão elegante e tão altiloqua) como a vemos nas obras todas do nosso Apollo Portuguez, que em todos os estilos excede notoriamente com magisterio singular os mesmos mestres d'elles. Cousa nunca atheagora vista em outro talento.»

Esta obra não tem nada de vulgar, e falta a muitos camonianistas. De seu auctor, José de Macedo, que escreveu com o pseudonymo de *Antonio de Mello da Fonseca,* encontro a seguinte nota manuscripta, letra da epocha, no exemplar existente na bibliotheca nacional: «Antonio de Mello da Fonseca em cujo nome sahio este livro, sendo o seu verdadeiro nome José de Macedo, Irmão do P.e Geronimo de Castilho, e filho de Antonio de Macedo, e de D. Violante de Castilho, falleceo em 1717 jaz no Carmo de Lx.ª»

*
* *

361-26.ª *Anno historico, Diario portuguez, noticia abreviada de pessoas grandes e cousas notaveis de Portugal pelo padre Francisco de Santa Maria, Lisboa, por José Lopes Ferreira. 1771.* 3 tomos.

Traz uma biographia de Luiz de Camões.

*
* *

362-27.ª *Exposiçoens de varias obras de Luis de Camoens, recitadas na academia dos anonymos por Manuel Pacheco de Sampaio, socio da dita academia. 17...*

*
* *

363-28.ª *Nova arte de conceitos que com o titulo de liçoens academicas na publica academia de anonymos de Lisboa ditava, e explicara o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, academico anonymo e generoso da Academia Portugueza. Lisboa Occidental, na officina de Antonio Pedroso Galram. Anno 1718-1721.* 8.º

Tem numerosas referencias ás obras de Camões. Não menos de setenta logares vem apontados e exemplificados nas duas partes d'este livro. Na parte II, lição 13.ª que trata do argumento engenhoso, ensino que, quando se trate de Camões, não se dirá só como simples dialectico que pela Lusiada lhe era devido o «Louro da Epopeia»; porém deve dizer-se como rhetorico: «que Luiz de Camões, pelo seu Poema com que competio & excedeo aos Epicos mais illustres, & abalisados, são devidas tantas linguas, & acclamações da fama, pela circumferencia universal do mundo, quantas são as folhas, com que no Louro lhe tece, & dedica immortal capella o commum applauso. Que aquella grande obra da Lusiada sahio do seu engenho, como a armada Minerva do cerebro de Jupiter, a contender com a Illiada, & Eneida, sobre o sagrado immortal Louro, devido premio á Epica elevação, &c.»

*
* *

364-29.ª *Accentos saudosos das musas portuguezas. Parte* I. *Lisboa, 1736.*

Vem n'esta obra uma glosa ao soneto

Alma minha gentil, que te partiste

a respeito da morte da infanta D. Francisca.

*
* *

365-30.ª *Henriqueida. Poema heroico com advertencia preliminar das regras da Poesia epica, Argumentos e notas composto pelo ... conde da Ericeira, D. Fran-*

cisco Xavier de Menezes. Lisboa Occidental. Na officina de Antonio Izidoro da Fonseca, 1741. 4.º de 104 (innumeradas)-164 pag.

Tem referencias camonianas na censura do ordinario, na advertencia preliminar e em as notas (pag. 1, 2, 7, 12, 39, 61, 71, 110, 126 e 127).

*

* *

366-31.ª *Verdadeiro methodo de estudar, ser util á Republica e á Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidades de Portugal. Exposto em Rimas certas, escriptas por R. P. ***, etc.)* (Luiz Antonio Verney) *Valensa ... 1746-1748.* 4.º 3 tomos.

Tem referencias a Camões. Veja-se principalmente o que, no tomo I, corre de pag. 214 a 218. Escreve dos *Lusiadas*, tão desagradavelmente e tão injustamente, que parece até uma aberração da parte de Verney, homem de tão variada e solida instrucção para o seu tempo. Na carta VII, em que discorreu sobre a poesia com sobeja erudição, pretende provar que «os portuguezes não conheceram as leis do poema epico», e referindo-se á composição dos *Lusiadas* escreve (pag. 20):

«... o *Camões*, entre muito boas qualidades, tem muitos defeitos, nacidos de dois pontos: o primeiro, falta de erudisam: o segundo, de juizo, e dicernimento ...»

A controversia, que resultou do *Verdadeiro methodo de estudar*, é em demasia conhecida e já ficou mencionada no *Dicc.*, tomo V, pag. 222 a 225, de n.ºs 348 a 352. D'essa grande collecção de folhetos tome-se o *Retrato de Mortecór*, que de certo foi um dos que mais acremente censuraram Verney, e leia-se a pag. 57 como ahi se defende a memoria de Camões:

«Não posso entender, com que consciencia diz, que o bom, que traz o *Camões* fôra tirado dos Poetas Italianos ... a Italia não tinha Poetas, de quem *Camões* pudesse aprender; porque não he verosimil, que tivesse visto a *Liberata* do grande *Tasso;* e o *Ariosto* fallando sem paixão he de espirito muy inferior; e tirados estes dois não havia obra epica, de que o Portuguez se dignasse usurpar coiza algũa de importancia para a sua Lusiada ...»

Na resposta que Verney deu ao auctor do *Retrato de Mortecór*, n'um papel intitulado *Parecer do doutor Apolonio Philomuso Lisboense*, lê-se de pag. 66 para 67:

«... O Camoens ... tinha lido os Italianos: o que se confirma com algumas palavras Italianizadas que se acham no seu poema. E como antes de Camoens avia poetas Italianos, o Boccacio, o Dante, o Petrarca, o Ariosto, e outros; podia mui bem o Camoens aproveitar-se d'esta leitura para algumas coizas ...»

O auctor das *Reflexões apologeticas* (que parece ter sido o padre José de Araujo, jesuita, e não o padre frei Arsenio da Piedade, capuchinho), responde apenas n'esse ponto a Verney com a seguinte phrase:

«Não se canse, que não ha de tirar a Camoens a estimação, que merece de Principe dos Poetas Portuguezes.»

É extensa e boa a defensa de Camões na *Conversação familiar e exame critico*, etc., de pag. 248 a 256. Ahi se lê (pag. 253 para 254):

« O que ... excede toda a comparaçaõ, e faz unico a *Camoens* entre todos os Poetas, he aquella imagem de Adamastôr, representado no Cabo da Boa Esperança, atemorizando os Argonautas Portuguezes para o não passarem ... »

E citando a oitava 56 do canto v dos *Lusiadas*, acrescenta:

« ... lêa, se não para consolação, ao menos para desengano seu, o que d'esta portentosa imagem diz Monsieur *Voltaire* no seu tratado: *Essai sur la Poesie epique. Je suis persuadé que cette figure passera pour belle, et sublime dans tous les siécles, et chez toutes les nations...* »

*
* *

367–32.ª *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem por Jeronymo Soares Barbosa, Lisboa*, etc.

Existem diversas edições d'esta *Grammatica*. Tenho na minha collecção camoniana a setima, impressa na typographia da academia real das sciencias em 1881. 8.º grande de xvi–320 pag. Comprehende varias referencias a Camões, porém a mais notavel é a que se contém no capitulo vi, com que o auctor rematou a obra, intitulando-o: *Applicação dos principios d'esta grammatica ás duas primeiras estancias do canto* i *dos* « Lusiadas » *de Camões*, de pag. 303 a 315.

*
* *

368–33.ª *Arte poetica ou regras da verdadeira poesia em geral, e de todas as suas especies principaes, etc. Por Francisco José Freire, Ulysseponense. Lisboa, na officina de Francisco Luiz Ameno*, MDCCXLVIII. 4.º de 50 (innumeradas)-431 pag.

Tem citações camonianas a pag. 43, 44, 56, 63, 80, 94, 95, 115, 116, 117, 119, 131, 161, 166, 167, 216, 307, 319, 320, 325, e 350 a 356.

O livro iii, capitulo xii, que vae de pag. 350 a 356, comprehende o *Juizo sobre a* Lusiada *do grande Luis de Camoens*, e n'elle escreveu: que sobre todas as epopéas, de que é abundante a lingua portugueza, tem superior logar os *Lusiadas*, acrescentando: « Muitas são as virtudes poeticas, que n'elle se descobrem, e pretender negallas, he commetter hum absurdo. Foy Camoens admiravel na evidencia das suas pinturas ... » E segue, indicando bellezas e defeitos do grande poema.

D'esta *Arte poetica* existem varias edições.

*
* *

369–34.ª *Triumpho da Religião. Poema Epico Polemico, etc. por Francisco de Pina de Mello, etc. Coimbra, 1756*. 4.º

É muito notavel a menção que o auctor, no seu *Prolegomeno* (pag. I a LV) faz de Camões e dos seus *Lusiadas*, comparando este poema com os mais afamados. Descrevendo as virtudes do heroe, para darem força e suavidade a este genero de composições, escreve (pag. XIII):

«Nem Homero, nem Virgilio me parece que figurarão os seus *Heroes*, por este modo. Achilles na Iliada, he bastantemente feróz, injusto, desarrezoado, e cruel: Ulysses na Odyssea, muito astuto, e intencionado: Eneas na Eneida, muito ingrato, iniquo, e vingativo: O nosso Camoens tratou melhor o caracter de Vasco da Gama: elle o fez magnanimo no arrojo de aceitar a empreza do descobrimento da India; terrivel nas traiçoens de Moçambique; afavel nos agazalhos de Melinde; acautellado nos perigos de Calicut; religioso nos actos da tempestade e impavido nas ameaças do gigante; erudito na descripção da Europa; modesto nas delicias da Ilha.»

Encontram-se tambem referencias a Camões em as notas ao poema, como nas pag. 80 e 128.

Francisco de Pina e de Mello entrou tambem na famosa controversia sobre o *Verdadeiro methodo de estudar*, e no seu livro *Balança intellectual* (Lisboa, 1725, 4.º), defende Camões contra a ousadia de Verney.

Veja-se ahi de pag. 106 a 111. Um periodo d'esta breve, mas levantada, apologia, é que depois reproduziu no poema *Triumpho.*

*
* *

370-35.ª *Gazeta litteraria. Porto. 1761.* Tomo I. N.º 9.

Contém uma apreciação da edição dos *Lusiadas*, por Gendron, em Paris, 1759. Já citei um trecho no logar competente d'este tomo, pag. 93.

*
* *

371-36.ª *Almanach das Musas, offerecido ao Genio portuguez. Lisboa 1793-1794.* 8.º pequeno. 4 partes ou tomos.

Na parte I, a pag. 7 vem um soneto, no qual o primeiro e o ultimo verso são tirados dos *Lusiadas*, e refere-se ao episodio de D. Ignez de Castro, assim como o soneto de pag. 5. As pag. 54 e 55 têem referencias a Camões e o verso

As armas e os varões assignalados

Na parte II, de pag. XLVII a LXXXVII vem duas *cartas de Lereno a Arminda, em que se dão as necessarias regras dos versos de arte menor, ensinando a conhecer, o que sejão consoantes, e toantes; e o que são palavras agudas, graves, e exdruxulas, &c;* e ahi seu auctor Domingos Caldas Barbosa *(Lereno)* amiuda os exemplos tirados das obras de Camões.

Veja-se a pag. LXXVI:

Ouve a Camões a Epica trombeta;
Vereis que a rima ornou Musa discreta
E que sabia, e gentil não desfigura
De Adamastor a horrida figura.

A pag. LXXVII:

Com estes versos de maior medida
A heroica Musa ao canto nos convida,
Heroica assim se chama...
....
Com elle aos Lusos deu eterna fama
O immortal Cantor do illustre Gama.

E transcreve, para melhor exemplificar, os proprios quartetos, sextilhas e estancias de Camões (pag. LVII, LIX, LX, LXI, LXXIX, LXXXI a LXXXV).

Na parte III, a pag. 25, lêem-se os dois seguintes versos;

Que já Camões, o Poeta,
Foi feliz depois de morto.

*
* *

372-37.ª *Carta de hum amigo a outro, na qual se forma juizo da Edição novissima da Lusiada do grande Luiz de Camões,* etc.— Pertence a uma serie de folhetos de controversia a proposito da edição de Thomás de Aquino.

Veja-se a menção e o extracto, que fiz d'estes documentos, no logar que me pareceu mais apropriado no tomo presente, de pag. 99 a 107.

*
* *

373-38.ª *Gama, Poema narrativo, auctor José Agostinho de Macedo. Lisboa, na impressão regia. 1811. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço. Vende-se na loja de Desiderio Marques Leão, no largo do Calhariz, n.º 12,* 8.º de XV-1-266 pag.

A acção d'este poema é o descobrimento da India. Na introducção declara o auctor, citando Racine, denominar os *Lusiadas* uma relação de viagem; e citando a sua opinião accrescenta que esse poema «podia ser reduzido á quarta parte, que o estylo é glacial e prosaico» (discurso preliminar, pag. XI, XIII e XIV). Depois do discurso traz uma *Ode pindarica* a Luiz de Camões (pag. 1 a 7). Conclue assim:

A' quem do vôo ousado,
Ó Cysne altisonante,
No espaço dilatado
Eu não posso ficar, eu corro óvante;
A divinal Poesia
Inda a mais altos Ceos meus passos guia.

Segue o poema em dez cantos (pag. 9 a 266).

*
* *

374-39.ª *Reflexões criticas sobre o episodio de Adamastor nos Lusiadas, canto* v, *oitava 39. Em fórma de carta. Auctor José Agostinho de Macedo. Lisboa, na impressão regia. Anno de* MDCCCXI, *Com licença.* 8.º de 34 pag.

Este folheto é em fórma de *Carta a Atico,* e logo no começo tem o seguinte juizo:

«... Em o longo poema dos Lusiadas quasi tudo é mera prosa, com esta differença, que se faz tanto mais intoleravel, quanto mais poesia se esperava. Qualquer dos nossos escriptores das nossas cousas da India é para mim muito mais agradavel.»

Continúa:

«... só vos farei algumas reflexões sobre o que me dizeis do estilo frigido e prosaico dos Lusiadas.»

D'ahi em diante pretende provar que, em parte, Camões poz em rima a prosa de Barros, nas suas *Decadas;* e de Castanheda, na sua *Historia;* e, segundo o seu modo de ver, em vez de Vasco da Gama, devia ter posto a Bartholomeu Dias em frente do Gigante, porque fôra elle quem primeiro dobrára o cabo Tormentoso.

*
* *

375-40.ª *O Investigador portuguez em Inglaterra, ou jornal litterario, politico, &c. Londres, H. Boyer, impressor, Bridge-street, Blackfriars,* 8.º grande.

No vol. II, n.º VIII (fevereiro de 1812), de pag. 509 a 572, vem um artigo anonymo intitulado: «*Gama, poema narrativo, composto por José Agostinho de Macedo, impresso em 1811*». O auctor, começando por declarar que os *Lusiadas* de Camões é o poema que tem a primazia entre os nacionaes, entra em analyse da producção do padre Macedo, e julga, em resumo, que se fosse intençãosua d'elle corrigir ou evitar no Gama os defeitos que nota em Camões, andaria melhor se, imitando as bellezas dos *Lusiadas,* tratasse de assumpto differente com que acrescentasse alguma cousa á gloria nacional.

No vol. III, n.º XII (junho de 1812), de pag. 34 a 39 (que deve ser de pag. 592 a 599) vem outro artigo, tambem anonymo, sob o titulo: « *O gigante Adamastor vingado, ou o Gama convertido em Gamelada.*» Ahi vão amostras d'este escripto.

No começo:

«No xorrilho dos disparates, com que n'estes ultimos tempos se tem vilipendiado a Litteratura Portugueza, appareceu mais um que ao nosso modo de

ver, posto que digno do maior desprezo, deve ser mencionado, para cautela do publico, em razão da pestilencia que desenvolve ...»

Continúa:

«José Agostinho de Macedo, auctor de um poema *nugatorio* que elle intitula Gama, ou poema narrativo, e um critico judicioso com mais propriedade chama *versalhada* ou *Gamelada*, saiu ultimamente a campo com os seus bracinhos de pygmeu para deitar por terra o formidavel gigante Adamastor...»

E conclue:

«O gigante Adamastor de Camões, tendo por base a immortalidade, vingará os insultos dos pygmeus que pretendem abalal-o; e firme rochedo entre as ruinas dos seculos, erguerá sua fronte magestosa e sublime, em quanto esses atomos que para o eclypsar o rodeiam, serão sumidos pela noite dos tempos, sem deixar vestigio algum da sua existencia.»

*
* *

376-41.ª *Exame critico do novo poema épico, intitulado o Gama, que ás cinzas e manes de Luiz de Camões, principe dos poetas, dedicam, como em desaggravo, os antigos redactores do Correio da Peninsula, João Bernardo da Rocha e Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. Lisboa, 1812. Na officina de Joaquim Rodrigues de Andrade. Rua dos Sapateiros n.º 11. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.* 8.º de 84 pag.

*
* *

377-42.ª *O exame examinado, ou resposta aos senhores bachareis João Bernardo da Rocha, e Nuno Pato Moniz. Por José Agostinho de Macedo. Lisboa: na impressão regia. Anno 1812. Com licença.* 8.º de 106 pag.—Tem no rosto esta epigraphe:

Nós te pagamos, ai! com que abundança!

Bacharel, JOÃO BERNARDO, *Soneto aos annos*, etc.

José Agostinho dedica este folheto a Rocha e a Pato, porque á propria sombra d'elles é que os deseja criticar. Na advertencia escreve que deixa de lado as injurias e os ultrages, porque vae examinar a obra e deixa a pessoa, ao contrario do que fizeram os seus adversarios.

*
* *

378-43.ª *Resposta aos dois do Investigador Portuguez em Londres, que no caderninho* VIII, *a paginas 510 attacam, segundo o costume, o poema Gama. Por José Agostinho de Macedo. Lisboa: na impressão regia. Anno 1812. Com licença.* 8.º de 64 pag.

Começa o prologo:

«É sina minha ser atacado por campeões aos pares!... Apparece o poema *Gama* —Valha-me Deus! Lá surdem outros dois redactores, não peninsulares, mas insulares, que attacam o poema *Gama*. O ceo haja piedade de mim... Ahi

vae um sôcco, se eu o pudesse dar nas margens do Tamisa, como o dou nas do Tejo, outro gallo me cantára! ....»

Segue a resposta (pag. 6 a 64), que termina com uma indicação de palavras, que o padre José Agostinho declara que não entende, e a que chama o diccionario exotico dos redactores do *Investigador*.

*
* *

379-44.ª *O doutor Halliday em Lisboa impugnado até á evidencia. Carta do professor regio Antonio Maria do Couto a hum seu amigo. Lisboa, na officina de Joaquim Rodrigues de Andrade. Rua dos Sapateiros, n.º 11. 1812. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço*, 8.º de 30 pag.

N'este folheto, Couto responde ás *Reflexões criticas* do padre José Agostinho de Macedo.

*
* *

380-45.ª *Carta de Manuel Mendes Fogaça, em resposta á que lhe dirigiu Antonio Maria do Couto, intitulado « O doutor Halliday em Lisboa, impugnado até á evidencia ». Lisboa: na Impressão Regia. 1812. Com licença.* 8.º de 56 pag.

Tem duas partes este folheto: A primeira é de José Agostinho, e a segunda, com outro titulo, do seu amigo e strenuo defensor Joaquim José Pedro Lopes, do que se faz menção em seguida.

Teve duas edições. Veja-se o que vem no *Dicc.*, tomo V (additamentos), pag. 460.

*
* *

381-46.ª *Poesias de Elpino Duriense. Lisboa, Imprensa Regia, 1812-1816.* 8.º 3 tomos.

No tomo I, pag. 136 a 141, e de pag. 280 a 284, nas poesias *A Fileno sobre os Epicos Portuguezes*, e *A Fileno que pedia conselho sobre quaes Poetas devia ler*, Elpino Duriense (Antonio Ribeiro dos Santos) refere-se a Camões. Na segunda é bem significativo este louvor (pag. 281):

A Epica tuba altiva resoando
Esse teu peito inflamma, eis te apresenta
O immortal Camões a seu divino
Poema, honra das Tagides formosas,
Honra de Lysia, resplendor das Musas.

No tomo II, pag. 43, traz uma poesia *Á memoria do grande Luiz de Camões.* Começa:

O sublime Cantor que sobre as azas
Do sagrado Poema leva aos astros
O Gama illustre, e a Lusitana empresa
Dos Gangeticos mares

No tomo III vem, de pag. 136 para 137, o seguinte epigramma:

Vós perguntaes as razões
Porque tenho noite e dia
Sobre a mesa em companhia
As Pandectas e o Camões:

E, se vós a não sabeis,
Que a leitura de Poeta
E' correctivo e dieta
Depois de ter lido as Leis.

*
* *

382-47.ª *Appendice em que se transcrevem e apontam algumas passagens de auctores celebres, que tiveram o arrojo de censurar os Lusiadas de Camões.* (Por Joaquim José Pedro Lopes.)

Vem na *Carta de Manuel Mendes Fogaça,* acima notada, de pag. 39 a 56.

383-48.ª *O Oriente, poema de José Agostinho de Macedo. Lisboa, na impressão regia. Anno 1814. Com licença.* 8.º 2 tomos de 247 e 238 pag. e mais 1 de erratas. Com o retrato do auctor, em cobre, desenhado por H. J. da Silva e gravado por D. J. da Silva, á frente do tomo I; e o de Vasco da Gama, gravado por José Joaquim Marques, á frente do canto I do poema, entre as pag. 100 e 101.

O tomo I contém: *Á nação portugueza, dedicatoria* (pag. 3 a 35); *discurso preliminar* (pag. 37 a 100); e os cantos I a V do poema (pag. 101 a 245). O tomo II comprehende os cantos VI a XII (pag. 3 a 237). No discurso poz o auctor a seguinte epigraphe:

Tu nihil in magno doctus reprehendis Homero? HOR.

Este poema é o do *Gama*, refundido e muito ampliado, porque em vez de dez tem doze cantos.

Tanto a dedicatoria, como o discurso preliminar, foram supprimidos, para se fazer depois edição em separado d'estes trechos; mas o auctor não os reproduziu na seguinte edição. Na dedicatoria escreveu o padre José Agostinho:

«Não imagines que eu intente profanar ou inquietar as cinzas, e menos offuscar a gloria de Luiz de Camões, nem arrancar-lhe das mãos aquella Palma que o merito, e os seculos nella tem firmado ...»

No discurso, como se quizesse adiantar-se ao atrevimento de Verney, poz Macedo o seguinte (pag. 56 para 57):

«... eu desculpo todos os defeitos que a nimiamente escrupulosa arte argúe nos Poetas. O que n'ella é indispensavel, e sem o qual não são Poetas, é a originalidade na invenção; eis-aqui o que se não encontra em Camões; o que eu

não attribuo á esterilidade da sua alma, mas ás circumstancias da sua vida, e ao não apurado gosto do seu seculo, em que se não conhecia o grande principio de que o melhor sempre é possivel. Por algumas grandes bellezas das obras de Camões, conheço que elle tinha o talento de inventar, mas não o poz em acção nos *Lusiadas*, onde não só a totalidade da Fabula é estranha e servilmente imitada, mas até os mais particulares accidentes são alheios; de maneira que não ha uma só descripção, e o que é mais ainda, uma só comparação entre tantas, que seja sua, e não tomada dos Poetas Latinos e Italianos, que o precederam. Conheço que estas tão geraes asserções são de espantar os animos dos que julgam e decidem sem exame . . . »

Na pag. seguinte (58) acrescenta:

« . . . a passagem da Historia para o fabuloso edificio da Poesia é a pedra de toque do genio inventor, e creador do Poeta; este faltou em Camões; porque se não existisse a *Eneida*, não existiriam os *Lusiadas* . . . »

Depois compara a *Eneida* com passagens dos *Lusiadas*; repisa a asserção da falta de originalidade de Camões; exalta a sua erudição, que denomina prodigiosa; chama-lhe ignorante dos segredos da arte, copista, etc.; e termina que

« . . . conhecendo por larga experiencia, que a Poesia do estylo é quem forma o merito, e affiança a immortalidade a um Poema, buscou (elle, o padre José Agostinho), quanto em si coube, apanhar, e sustentar por todo o longo fio da presente Epopéa *(O Oriente)* um estylo verdadeiramente poetico, que se annuncia por imagens, e figuras novas, sempre levantadas, e sempre formosas . . . »

Isto é, Macedo assegurava que *O Oriente* era o primeiro dos poemas epicos saídos do engenho portuguez. Elle ampliou muito esta critica no seu livro *Censura dos Lusiadas*, que menciono adiante.

*
* *

384-49.ª *O Oriente Poema epico de José Agostinho de Macedo. Lisboa: na impressão regia. 1827. Com licença.* 8.º gr. de 8 innumeradas-380 pag. e mais 2 de erratas. Com o retrato do auctor, desenhado por José Coelho e gravado em cobre por J. V. Priaz.

Esta segunda edição é impressa em bom papel e nitidamente. No fim sob a indicação de « sabbado 17 do mez de junho de 1826 » declara Macedo que « depois de nove annos de assidua applicação, e estudo no aperfeiçoamento, e correcção d'este Poema, para sua segunda publicação, ficou concluido com a ultima lima », mandando o autographo para a bibliotheca do mosteiro de Alcobaça.

Na breve advertencia dos editores, com que principia o livro, e é sem duvida da redacção do auctor, citam-se alguns dos grandes poemas, de Homero, Virgilio, Tasso e Milton, mas não se encontra uma simples referencia aos *Lusiadas*.

Do poema *O Oriente*, appareceu muitos annos depois terceira edição, impressa no Porto, reproduzindo a segunda. Não é vulgar em Lisboa. Nunca vi nenhum exemplar.

*
* *

385-50.ª *Manifesto critico, analytico, e apologetico; em que se defende o insigne vate Luiz de Camões, da mordacidade do discurso preliminar, que precede ao poema Oriente; e se demonstram os infinitos erros do mesmo poema. Lisboa, na Impressão de J. F. M. de Campos, 1815. Com licença da mesa do desembargo do Paço.* 8.º de 104 pag. e mais 2 innumeradas de declaração e erratas. No frontispicio tem esta epigraphe:

Uno actu multos offendis. PLUT.

E no verso do rosto a seguinte:

Fecundus non est qui multa, at qui
bene dicit:
Et nec fecundus qui male malegignit ager. WEM.

O auctor d'este *manifesto*, o professor Antonio Maria do Couto, declara que não entraria em similhante defensa, «se o discurso que precede o poema *Oriente* não atacasse insultando a gloria da patria na pessoa de LUIZ DE CAMÕES, um dos seus mais illustres filhos».

*
* *

386-51.ª *Breve analyse do novo poema, que se intitula Oriente: Por um amigo do publico. Producção* XXXV. *Lisboa* M.DCCC.XV. *Na nova impressão da Viuva Neves e Filhos. Com licença da mesa do desembargo do paço.* 8.º de 28 pag.

Este folheto é tambem do professor Antonio Maria do Couto, que declara, na advertencia, que o escreveu tres dias depois do apparecimento do *Oriente.* E na dedicatoria preliminar a Camões, acrescenta que:

«Sendo indubitavel, que todos quantos pretenderem seguir vossas pisadas (as do egregio poeta) para derrubar-vos do erguido solio da sapiencia em que vos sentais, por vós mesmo construido, darão maior realce ao vosso genio, e saber, porque o vosso nome tanto mais se exalta, quanto mais pessimos systemas e rasões futeis o pretenderem offuscar e deprimir.»

No rosto lê-se a seguinte epigraphe:

Quod fuit in pretio, fit nullo denique honore.
LUCRET, lib. 4.

*
* *

387-52.ª *Regras da Oratoria da cadeira, applicadas a huma oração de José Agostinho, recitada em S. Julião a 22 de junho 1814 por Antonio Maria do Couto. Producção* XXXVI. *Lisboa: Anno 1815. Na nova impressão da viuva Neves e Filhos. Com licença do desembargo do Paço.* 8.º de 109 pag.

No frontispicio tem uma epigraphe em latim, e no verso d'esta a seguinte:

«Soffrer calado as injurias com razão se julgaria cobardia, e ignorancia, e nunca probidade, ou modestia.— *Luciano.*»

Tem dedicatoria á memoria do professor de rhetorica Francisco de Salles.

Este livro é muito interessante, e das mais virulentas diatribes, que saíram da penna de Couto contra o padre José Agostinho, para se desaggravar dos seus graves insultos anteriores. Deparam-se-me no principio do manifesto, que antecede a analyse, com pés e cabeça (de pag. 23 em diante) esta citação:

«Pois emquanto houver Lusiadas lêem-se Gamas?...»

E termina o livro com o seguinte epigramma:

Se mordeste, e atassalhaste
Da Grecia o Divo Cantor,
Se a Camões tratou de resto
O teu genio insultador;

Ó Macedo eu te agradeço
De tratar-me com rigor,
Teu louvor é vituperio,
Tua satyra é louvor.

*
* *

388-53.ª *Carta ao sr. Antonio Maria do Couto, na qual se dá breve, seria e terminante resposta ao manifesto, em que pretende mostrar os erros do Poema Oriente, e defender os Lusiadas. Por Joaquim José Pedro Lopes. Lisboa: na Impressão Regia. Anno 1815. Com licença.* 8.º de 31 pag.

*
* *

389-54.ª *O Couto. Por José Agostinho de Macedo. Lisboa: na Impressão Regia. Anno 1816. Com licença.* 8.º de 151 pag. — No frontispicio tem a seguinte epigraphe:

Mais lhe valia não ter nascido!!!

N'esta obra o padre José Agostinho responde ao livro *Regras da Oratoria da cadeira, applicadas a uma oração*, etc., citado acima; e no fim vem uma carta de Lopes.

*
* *

390-55.ª *Carta ao sr. Antonio Maria do Couto, professor que ensina grego aos seus discipulos.* (Por Joaquim José Pedro Lopes.)

Anda junto ao livro *O Couto*, do padre José Agostinho de Macedo, de pag. 111 a 151.

*
* *

391-56.ª *Noticia. Lisboa, na impressão regia, 1815.* Tem as iniciaes de J. J. P. L.

*
* *

392-57.ª *A analyse analysada. Resposta a Couto, por José Agostinho de Macedo. Lisboa, na impressão regia. Anno 1815. Com licença.* 8.º de 54 pag.

Tem no verso do rosto a epigraphe:

Manha do açougue.

O escripto de Macedo vae até pag. 39, que remata com estas palavras: «Escrevam, e esperem mais: Quem não quer ser lobo, não lhe vista a pelle.»

De pag. 41 a 54 comprehende-se uma carta de *Joaquim José Pedro Lopes, redactor da Gazeta de Lisboa, ao sr. Antonio Maria do Couto, S. D.*» É assignada com as inicaes: J. J. P. L.»

N'este folheto dá José Agostinho conta do seu trabalho nos dois poemas *Gama* e *Oriente,* em ampliação do outro. Assim (pag. 3 e 4):

«... O *Gama* ... não me agradou, e intentei refundil-o, dilatal-o, engrandecel-o, emfim, enroupal-o mais, porque a sua materia, que era o descobrimento da India pelo Oceano, merecia isso; metti mãos á obra, levou-me tempo, e aproveitando do *Gama* o que me pareceu melhor, acrescentando ás 700 oitavas (que pela maior parte melhorei), do mesmo *Gama,* mais 395, dei á luz em 1815 o poema intitulado *O Oriente.* É isto algum delicto? Um homem faz umas casas, parece-lhe pequenas, e de poucas accommodações, sem deitar os dois primeiros andares abaixo, accrescenta-lhes outros dois, e mais umas aguas furtadas; fez este homem algum delicto? Cada um não se póde servir do que é seu para o que quizer?...»

*
* *

393-58.ª *Exame analytico e parallelo do poema Oriente do rev. José Agostinho de Macedo com a Lusiada de Camões. Por Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. Lisboa, na typographia Lacerdina. Anno* M.DCCC.XV. *Com licença da mesa do desembargo do paço.* 8.º de VII-355 pag. Tem no rosto a seguinte epigraphe:

Descriptas servare vices, operum que colores
Cur ego, si nequeo, ignoro que, Poeta salutor?
HORAT. *Epist., ad Pis.*

No prologo escreve Pato Moniz, que se viu obrigado por amor á patria de entrar n'esta controversia, visto como o rev. epico, apesar da sua propria fraqueza e corrido da terrivel justiça que o publico fez ao seu Gama, não reprimiu os impetos de seu desmandado orgulho e tentou de novo derribar «a fama de Camões, tão justamente estabelecida e sustentada ha quasi tres seculos em todo o mundo litterario...»

*
* *

394-59.ª *Historia e memorias da academia real das sciencias de Lisboa.* 4.º

No tomo v (1817), parte II, de pag. XC a XCIX, o *Relatorio da commissão para dar conta da nova edição dos Lusiadas impressa em Paris em 1817.* (Já citado e em parte transcripto n'este tomo, de pag. 120 a 123.

No tomo VI (1819), parte I, a Carta do Morgado de Matteus em resposta ao relatorio da commissão. (Já citada e em parte transcripta n'este tomo, de pag. 123 a 127.)

No tomo VII (1821) de pag. 158 a 279, a *Memoria... por Francisco Alexandre Lobo* (bispo de Vizeu). (Já citada n'outro logar. Veja tambem nas *Obras* do bispo de Vizeu.)

No tomo VIII, parte I (1823), de pag. 167 a 212, o *Exame critico das primeiras cinco edições dos Lusiadas. Por Sebastião Francisco de Mendo Trigoso.*

*
* *

395-60.ª *Relatorio da commissão nomeada para examinar a nova edição dos Lusiadas, impressa em Paris em 1817, etc.*

Esta é a edição em separado das *Memorias*, mencionadas acima.

*
* *

396-61.ª *Annaes das sciencias, das artes e das letras. Paris 1818-1819.* 8.º grande.

Veja o que mencionei e deixei extractado, no tomo presente, a pag. 129 e seguintes.

*
* *

397-62.ª *Breve resposta á critica da nova edição dos Lusiadas, etc. Por Bento Luiz Vianna. Paris, 1819.* 8.º de 56 pag.

Veja o que extractei d'este folheto, no tomo presente, a pag. 133 e seguintes.

*
* *

398-63.ª *O espectador portuguez, Jornal de critica, e de litteratura. Lisboa. Na Impressão de Alcobia. 1816-1818.* 4.º (4 semestres, tendo cada um 26 numeros.)

No artigo *Critica*, que vem em quasi todos os numeros, José Agostinho de Macedo, que foi o fundador e redactor principal, e acaso unico d'esta folha,

defende-se das aggressões de Pato Moniz e de Couto, a proposito do *Oriente*, do *Parallelo critico* e das numerosas publicações que se fizeram contra os seus devaneios e vaidades.

*
* *

399-64.ª *Apologia de Camões contra as reflexões criticas do Padre José Agostinho de Macedo sobre o episodio de Adamastor no canto* V *dos Lusiadas. Santiago. Na officina typographica de D. Juan Moldes. Anno de 1819. Com as licenças necessarias.* 4.º de 8-64 pag.

É de fr. Francisco de S. Luiz, depois cardeal Saraiva, em resposta ao folheto *Reflexões criticas*, do padre José Agostinho, publicado em 1811.

Segundo um interessante artigo do sr. Martins de Carvalho, no *Conimbricense* n.º 4027, de 27 de março de 1886, acompanhado de uma carta, que em tempo fr. Francisco de S. Luiz escrevêra ao secretario da universidade, Vasconcellos e Silva, a *Apologia* foi escripta em Ponte de Lima, entregue a um amigo Antonio Fernando, que a mandou imprimir anonyma em S. Tiago de Compostella, com um prologo, que não é de fr. Francisco.

Na carta citada leio o seguinte: «Nunca disse a ninguem que era cousa minha, senão na Batalha, quando soube com plena certeza que fr. José Leonardo se gabava de ser sua. Então mostrei a uma pessoa o rascunho, que ainda conservava, para prova da minha verdade».

*
* *

400-65.ª *Censura dos Lusiadas. Por José Agostinho de Macedo. Lisboa na impressão regia. Anno 1820. Com licença.* 8.º 2 tomos de 295 pag. e 271 pag.— Os rostos têem a seguinte epigraphe:

... Tolluntur in altum,
Ut lapsu graviore ruant. CLAUD.

José Agostinho começa a introducção, referindo-se aos que o atacaram pela composição do poema *Oriente*, em que elle ousadamente pretendeu subir e exceder a altura de Camões, e pretende para logo defender-se da nova ousadia da *Censura*, escrevendo (pag. 4 a 5):

«Nunca foi a minha intenção emendar Camões, fique isto para o traductor inglez Mickle, que nos deo as Lusiadas invertidas ou vestidas, como elle diz, á moda ingleza; n'esta traducção, não só estão alterados os factos historicos, e os episodios do poema, mas a mesma marcha e ordem que no original lhe dá Luiz de Camões; e não se emenda senão aquillo que se julga defeituoso e imperfeito. A acção dos Lusiadas, que é tanto de Luiz de Camões, como é de outro qualquer que se julgue provido de cabedal bastante para a tratar, póde ser tratada por muitos poetas, sem que uns se dêem por injuriados pelos outros, e sem que se possa affirmar, que o poema que agora apparece vem emendar o que o precedeu ...»

A introducção finda assim (pag. 11 e 12):

«Tudo o que é opposto á rasão, e á natureza, é contrario tambem ás primi-

tivas, innatas, e invariaveis leis do bom, e do bello ideal; e tudo o que não é isto, é monstruoso, e imperfeito; tudo o que não é verosimil é absurdo; e o verosimil em poesia deve ser tal, que em certas relações tenha, não só a tintura, mas a essencia da verdade. Eu reduzo toda a arte da poesia a estes unicos, e invariaveis principios de Horacio:

Meum qui pectus inaniter angit,
Irritat, mulcet, falsis terroribus implet.

«Se o poeta consegue isto por meios dignos da rasão e da natureza, tem conseguido tudo; mas se o poeta a cada passo tropeça e cáe, falta a esta suprema lei; nem é bom poeta, nem o que produz é perfeito e irreprehensivel. A tudo isto se falta em as Lusiadas; logo as Lusiadas são imperfeitos...»

Segue a *Censura* por cantos. O tomo I comprehende a analyse dos cantos I a V. O tomo II a dos cantos VI a X; e na ultima pagina (271) sáe-se o padre José Agostinho com este pregão de duelista:

«Eu devo levantar a mão da tábua com este cartel de desafio, que a minha honra deve fazer aos meus implacaveis inimigos: Com solidas rasões *ninguem me responderá.*»

O italico é de Macedo. No verso d'esta pagina declara elle que não poz a dissertação promettida no tomo I, pag. 31, para não avolumar este; mas dal-a-ha impressa separadamente em occasião opportuna. Julgo que não appareceu nunca. O que se lê na mencionada pag. 31 é o seguinte:

«Na oitava 20.ª começa o decantado, porém absurdo machinismo das Lusiadas; cousa perfeitamente monstruosa; alem das nossas reflexões particulares pelo longo decurso d'esta censura, daremos no fim uma erudita, e philosophica Dissertação que sobre este objecto nos foi communicada; ella acabará de lançar por terra este fantasma da opinião....»

Estas amostras revelam o animo com que o padre José Agostinho veiu á imprensa com a sua ampla *Censura.*

Refere o sr. visconde de Juromenha (*Obras,* tomo I, pag. 369), que viu uma carta autographa do padre José Agostinho ao morgado de Matteus, D. José Maria de Sousa «em que parece que modificava as suas opiniões, incitando o dito morgado para que publicasse a traducção latina dos *Lusiadas* do padre Francisco de Santo Agostinho de Macedo, e offerecendo-se para a rever».

Possuo e tenho á vista, outra carta autographa de José Agostinho, endereçada ao vigario geral arcebispo de Lacedemonia, e datada de Pedrouços em 15 de junho de 1829, na qual se elle queixa de não lhe terem dado entrada na academia das sciencias de Lisboa, affirmando comtudo a sua boa vontade para o auctor dos *Lusiadas,* pois acrescenta:

«Não me quizeram lá, porque diziam que eu ía para lá dizer mal de todos, talvez se não enganassem, porque todos o mereciam, porém o que elles não quizeram fazer, fizeram agora os Romanos, mandando-me um diploma de socio da Academia Tiberina em que entram só os primeiros litteratos de Italia, e eu que nunca me esqueço dos portuguezes, no meu agradecimento lhe pedi quizessem examinar nos ms. da Vaticana os ms. de André Baião, successor de Marco Antonio Mureto na cadeira de eloquencia, e *fazerem uma copia da traducção latina das LUSIADAS,* mais exactas e muito melhores versos, que os da paraphrase, e

não traducção de Fr. Thomé de Faria, e que viesse isto pela legação, que eu cá pagaria o frete, e a quem elles aqui quizessem, o trabalho da copia, porque fazer gastar um tostão a um italiano, é tirar-lhe um olho da cara, ou ambos os olhos. Se assim o fizerem, SERÁ MAIS UM TROFEO LEVANTADO Á GLORIA DO POETA, e que valha mais alguma cousa, que a edição rica do Morgado de Matteus. Não se enfade V. Ex.ª se um moribundo em lugar de uma carta missiva, faz um testamento. Se o meu fraco é fazer conhecer ao mundo a litteratura portugueza, este fraco é tão forte, que a tudo me obriga ...»

No trecho, que transcrevi, o sublinhado é meu, para que fique bem patente a intenção intima confidencial do padre José Agostinho em favor do sublime cantor dos *Lusiadas!*

*
* *

401-66.ª *Carta escripta ao senhor Redactor da «Gazeta Universal», pelo veterano fóra de serviço, ex-redactor do «Jornal encyclopedico de Lisboa», etc.* 4.º de 7 pag.— No fim: *Lisboa, na officina de Antonio Rodrigues Galhardo, impressor do conselho de guerra, 1821.*

Não tem rosto. Quando menos, não o vi no exemplar que examinei. Tem a data de «Lisboa, Forno do Tijolo, n.º 45, 2.º andar, 5 de novembro de 1821», e a assignatura de «José Agostinho de Macedo» É um elogio ao redactor da *Gazeta Universal* e nova aggressão a Pato Moniz, de quem escreve estas phrases, na sua costumada linguagem (pag. 5):

«Este Pato é um individuo anomalo na especie humana. Foi dois annos a fio tosado, sacodido, depennado no *Espectador*, pois nem ainda os dois grossos volumes da *Censura dos Lusiadas* lhe fizeram cair da cara um bocadinho de estanho, ainda é a mesma, ainda é da dureza e côr de arame de candeeiro ...»

*
* *

402-67.ª *Reflexões sobre a marinha ou discurso demonstrativo do esboço da organisação e regimen da repartição naval portugueza, por Justicola. Lisboa, na imprensa nacional, anno de 1821.* 4.º

Contém numerosas referencias a Camões, para affirmar, com os versos do insigne poeta, as suas considerações ácerca da situação da marinha portugueza. *Justicola* é o pseudonymo de José Maria Dantas Pereira.

*
* *

403-68.ª *A Primavera, por Antonio Feliciano de Castilho, Coimbra, 1822.* 8.º

Veja n'esta collecção de poemetos, o que respeita ao episodio de Ignez de Castro.

*
* *

404-69.ª *A morte de D. Ignez de Castro, Cantata, por Manuel Maria Bar-*

bosa du Bocage, a que se ajunta o episodio, ao mesmo assumpto, do immortal Luiz de Camões. Lisboa, na typographia Rollandiana, 1824. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço. 12.º de 24 pag.—No verso do rosto tem esta epigraphe:

As filhas do Mondego a Morte escura
Longo lempo, chorando, memoraram.

CAMÕES, *Lusiad.*, canto III.

Este folheto comprehende um soneto (pag. 3); a cantata (pag. 4 a 10); e o episodio do canto III dos *Lusiadas* (pag. 11 a 20). De pag. 21 a 24 corre um catalogo de livros do editor Rolland.

O soneto dedicado a Ulina, começa:

Da miseranda Ignez o caso triste
Nos tristes sons que a magoa desafina
Envia o terno Elmano á terna Ulina,
Em cujos olhos seu prazer consiste.

E termina:

Tu és copia de Ignez, encanto amado,
Tu tens seu coração, tu tens seu rosto...
Ah! Defendam-te os Ceos de ter seu Fado.

A cantata principia assim:

Longe do caro Esposo Ignez formosa
Na margem do Mondego,
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto.
Os melindrosos, candidos penhores
Do thalamo furtivo,
Os filhinhos gentis, imagem d'ella,
No regaço da Mãe serenos gosam
O somno da Innocencia.

E conclue:

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores:
Morrei, Amores
Que Ignez morreo.

*
* *

405-70.ª *Camões, ode do cavalheiro Raynouard, etc. Traduzida em verso portuguez por Francisco Manuel* (Filinto Elisio), *Vicente Pedro Nolasco e F. L. e Verdier, correcta e annotada, dedicada a Sua Magestade Elrei o Senhor D. João VI, Nosso Senhor pelo seu humilde e fiel vassallo Heleodoro Jacinto de Araujo Carneiro. Lisboa: na Impressão Regia. 1825. Com licença de Sua Magestade.* 4.º menor de 4-52 pag.—No verso do rosto, esta epigraphe extrahida de Horacio:

... Vos exemplaria Graeca
Nocturna versate manu versate diurna.

que Filinto Elisio traduziu assim

Os exemplares puros com nocturna
Diurna mão por vós sejam versados.

As versões com as respectivas notas estão pela seguinte ordem: primeira, a de Filinto (pag. 1 a 22); segunda, a de Nolasco (pag. 23 a 38); terceira, a de Verdier (pag. 39 a 52).

Os primeiros versos da traducção de Francisco Manuel são estes.

Vós, que as praias trilhais do Tejo aurifero
Regei meu passo incerto,
No tributar meu pio rendimento
Ao Luso feliz Vate.

Os ultimos são:

Na luta nobre: —Vivos,
Se perseguidos sois: na Era vindoura,
Mortos, vos erguem aras.

A versão de Nolasco principia:

Filhos do Tejo guiai
Meus vagos passos aonde
O vosso Vate se esconde,
Seu sepulchro me amostrai.

E acaba:

Sustentai a nobre lida;
Tormentos vos dão na vida,
Mas aras depois da morte.

Segue a traducção de Verdier, de que dou a amostra na secção dos auctores francezes.

Este folheto não é raro. Existe ainda á venda no deposito de livros da imprensa nacional, e por preço minimo.

*
* *

406-71.ª *Bellezas de Coimbra por Antonio Moniz Barreto Côrte Real. Parte primeira* (e unica). *Coimbra. Na real imprensa da universidade. 1831.* 12.º de 203 pag.

Veja nas pag. 28 a 38, 41, 44 a 46, 71, 73, 160 e 170, *Episodio de Ignez de Castro* e outros excerptos dos *Lusiadas* e das *Eclogas*; referencias a Camões e a Ignez de Castro, e á *Castro* de Antonio Ferreira; e excerptos da *Nova Castro.*

*
* *

407-72.ª *Sonetos publicados na Chronica constitucional do Porto por occasião da morte do ill.mo sr. José Joaquim Pacheco, commendador nas tres ordens de S. Bento de Aviz, de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e da Torre e Espada de valor, lealdade e merito; condecorado com a cruz de ouro das campanhas peninsulares; com medalha de commando em Albuera, e em Victoria; e com distinctivo da expedição a Montevideu; coronel commandante do regimento de infanteria n.º 10, e chefe do estado maior do exercito libertador do Norte de Portugal, etc. Porto. Imprensa de Gandra & Filhos, 1833.*— Folha avulso.

É uma publicação da maior raridade, em separado da que se fizera primeiramente na *Chronica constitucional* em homenagem ao bravo coronel Pacheco, que os portuenses honraram sempre, e cujas cinzas, como preciosa reliquia, conservam em sumptuoso mausoleo no cemiterio da Lapa.

Contém 12 sonetos, uns anonymos, e outros firmados com iniciaes, que não se sabe a quaes pessoas se referem. O soneto, porém, que em seguida transcrevo, por causa da sigla G., parece que teve por auctor o conhecido patriota João Nogueira Gandra, citado no *Dicc. bibliographico*, tomos III e X. Transcreverei este soneto:

Precursora do fado inexoravel
Que ao moderno Pacheco estanca a vida,
Em triste som a Fama enternecida
No Elysio espalha a nova deploravel.

Lusos Manes, em turba respeitavel,
Correm á recepção justa, devida;
Camões a apostrophá-lo se convida,
Junto ao velho Pacheco veneravel.

Nas praias do Cocyto o Heróe assoma,
Da *India* o *defensor* a mão lhe estende,
E em seus braços carinhoso o tóma,

Na lyra o *Vate* novos sons desprende,
«Pede á Grecia, outra vez, perdão e a Roma»
Se a gloria aos seus varões este suspende.

CAMÕES, canto X, estancia 19. G.

Existe um exemplar na bibliotheca do sr. Pedro Augusto Dias, distincto professor de medicina e bibliophilo, no Porto.

*
* *

408-73.ª *Narração succinta do modo por que a companhia dos actores portuguezes do Real theatro do Porto solemnisou o anniversario natalicio de S. M. I. o Senhor Duque de Bragança na noite do jubiloso dia 12 de outubro de 1833, e na do seguinte. Porto. Na imprensa de Gandra & Filhos.* Folha avulso.

O sr. Pedro Augusto Dias possue um exemplar d'esta *Narração*, hoje muito rara. Entre as producções poeticas que n'ella vem como recitadas no theatro, está uma glosa em oito sonetos á oitava 1.ª do canto I dos *Lusiadas:*

As armas e os barões assignalados

409-74.ª *Alectorea* (Poema sobre as gallinhas), por *José Baptista de Miranda Lima.* Macau. 1838.

No canto I, estancias 60 a 64, exalta Camões, e diz que em Macau, onde o poema *Alectorea* foi escripto, encontrou Camões o seu Parnaso, e o estro que o

elevou tão alto. Em a nota 17 ao mesmo canto, refere-se á estada de Camões em Macau e á celebre gruta nas vizinhanças da aldeia de Patane.

*
* *

410-75.ª *Ode a Camões feita em francez pelo sr. Raynouard e posta em portuguez.*

É a versão do dr. Antonio José de Lima Leitão junta ao livro *A estante do Córo, poema heroi-comico, composto por Boileau Despréaux, etc.*, e traduzido pelo mesmo, Lisboa, 1834.

*
* *

411-76.ª *Confrontação minuciosa dos dois poemas Lusiadas e Oriente, ou defensa imparcial do grande Luiz de Camões contra as invectivas, e embustes do discurso preliminar do Oriente composto pelo padre José Agostinho de Macedo, em que se prova as suas falsas originalidades: Obra escripta em vida d'este reverendo auctor, e até agora não impressa. Seu auctor Raymundo Manuel da Silva Estrada. Lisboa, na imprensa neresiana. 1834. Com licença.* 4.º de 56 pag.—No verso do rosto a seguinte epigraphe:

> Veja o Tejo uma vez, qual o Tamisa,
> Cysne que espaços não trilhados piza.
>
> ORIENTE, canto I, oitava X.

Este opusculo, que não é hoje vulgar, começa (pag. 3):

«Todo o portuguez tem direito a defender o grande Luiz de Camões de ultrages não merecidos. Não acho proprio, nem acertado, que um auctor, para se engrandecer a si, ataque outro auctor, e pretenda despojal-o da gloria, que lhe estabeleceu a opinião geral de todos os homens, e de todas as nações ...»

E acaba (pag. 53 a 54):

«... não deve o padre Macedo, para exaltar o seu Oriente, pôr a assar o Camões e a sua obra; pois, se alguma d'ellas merece superioridade, é sem duvida a das Lusiadas, e a prova é clara: As Lusiadas são lidas por todos, sempre com o mesmo gosto, com o mesmo interesse, depois de quasi tres seculos da sua primeira publicação; e o Oriente, sem exceptuar até os seus mesmos partidistas, todos gostam, é verdade, de o ter nas suas gavetas, ou nas suas livrarias, porém muitos, e muitos (isto é um facto) sem o terem lido ainda, ou contentando-se apenas de ler alguns cantos, ou oitavas d'elle ...»

Alem dos livros e folhetos, que ficam registados, a respeito de tão instructiva polemica litteraria, notarei que nas *Obras* do padre Francisco Roque de Carvalho Moreira se encontra um soneto de censura ao padre José Agostinho pela sua publicação do *Oriente*.

*
* *

412-77.ª *A voz da gratidão e o ecco da verdade. Versos centonicos extrahidos*

das obras de Luiz de Camões etc. O. D. C. Um subdito leal e amante da Carta. Lisboa, na imprensa Nevesiana, 1834. 8.º de 20 pag.

*
* *

413-78.ª *Repositorio litterario da sociedade das sciencias medicas e da litteratura do Porto. Porto, 1834-1835.* 4.º de 190 pag. — Impresso na typographia de Alvares Ribeiro, aos Lavadouros.

Nas pag. 5, 56, 64, 70, 71, 86 e 87, encontram-se notaveis referencias a Camões e á sua monumental obra, e ao *Camões* de Garrett, em artigos com a assignatura *A. H.* (Alexandre Herculano).

*
* *

414-79.ª *Poesias de Henrique Ernesto de Almeida Coutinho. Porto, imprensa de Alvares Ribeiro, aos Lavadouros n.º 16, 1836.* 8.º de 105 pag. e mais 2 de indice.

Veja de pag. 21 a 24 a *Ode a Luiz de Camões, naufragando na costa de Camboja junto á foz do rio Mecom.*

*
* *

415-80.ª *O Recreio, jornal das familias. Lisboa. Na imprensa nacional, 1836-1842.* 4.ª 8 tomos.

No tomo IV, a pag. 74 e 75, excerpto dos *Lusiadas*; a pag. 78, Camões citado entre os auctores mortos de fama; e a pag. 142 excerpto dos *Lusiadas*.

No tomo VI de pag. 78 a 82, biographia de Camões; de pag. 101 a 105, biographia de Ignez de Castro; a pag. 188 excerpto dos *Lusiadas*; e a pag. 243, Camões citado entre os homens distinctos, mal recompensados em Portugal.

*
* *

416-81.ª *Bibliotheca erudita, obra de lição e recreio... publicada por seu auctor J. J. V.* (Joaquim José do Valle). *Porto, typographia de M. J. A. Franco. 1837.* 8.º 2 tomos.

Veja no tomo II, pag. 64 e 65 a biographia de Camões.

*
* *

417-82.ª *D. Ignez de Castro. Novella pela condeça de Genlis, traduzida do francez pelo dr. Caetano Lopes de Moura, natural da Bahia, etc. Ornada com estampas. Paris, na livraria portugueza de J. P. Aillaud, 11, quai Voltaire. 1837.*

12.º de 4-243 pag. Com vinhetas e uma estampa antes do rosto, representando a coroação de D. Ignez de Castro com a epigraphe extrahida dos versos de Camões:

O caso triste e digno de memoria
Que do sepulchro os homens desenterra
Aconteceu da misera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha.

Tem antes do rosto a seguinte indicação dos impressores: *Paris: impresso por Bourgogne e Martinet, rua Jacob, 30.*

* *

418-83.ª O *Mosaico. Jornal de instrucção e recreio, cujo lucro é applicado a favor das casas de asylo da infancia desvalida. Lisboa, na imprensa nacional.* 4.º

No volume I de 1839, n.º 13, pag. 100 e 101, traz uma resumida biographia de Camões, mencionando a edição das obras do poeta feita em Hamburgo por diligencia de Barreto Feio e Gomes Monteiro; e a primeira edição do *Camões*, de Almeida Garrett. Contém outras referencias a Camões, especialmente nas poesias de Martins Bastos, que tirava quasi sempre para as suas epigraphes, ou composições, versos dos *Lusiadas*.

O volume II contém igualmente muitas referencias a Camões, excerptos dos *Lusiadas*, e *Historia de Ignez de Castro*, com estampas.

*
* *

419-84.ª *Descripção geral de Lisboa em 1839, ou ensaio historico de tudo quanto esta capital contém de mais notavel, e sua historia politica e litteraria etc. Por P. P. da Camara. Lisboa, 1839.* 8.º de IV-190 pag.

Veja de pag. 149 a 151, *Versos feitos por el-rei D. Pedro o cruel, morto em 1367, sobre a tragica morte de sua esposa D. Ignez de Castro*; de pag. 160 a 163, *Biographia de Camões*; e a pag. 169, *Biographia de Antonio Ferreira*, e referencia á tragedia *Ignez de Castro*.

*
* *

420-85.ª *Cosmorama litterario. Jornal da sociedade Escholastico-Philomatica. Lisboa. 1840.* 4.º

Em os n.ºs 29 (pag. 226 a 228), 30 (pag. 234 e 235), 31 (pag. 242 e 243) e 32 (pag. 250), vem um artigo biographico de Camões sem assignatura, mas é de Luiz Augusto Rebello da Silva. Louva o poeta pelo seu amor á patria e pelo seu immortal poema; e romantisa as afflicções, amarguras e desgostos, que passou na India e em Macau.

*
* *

421-86.ª *Biographia de personagens illustres de Portugal, escripta por Da-*

maso Joaquim Luiz de Sousa Monteiro. Ornada de retratos lithographados e de vinhetas allusivas a alguma passagem notavel da vida de cada uma. Lisboa. Na imprensa nacional. 1840-1841. Folio.

Contém biographias e retratos de Camões, Ignez de Castro e Vasco da Gama, com extensos e numerosos excerptos dos *Lusiadas* e entre elles o *Episodio de Ignez de Castro.*

Parte d'estas biographias entrou depois, se não me engano, na *Collecção de retratos e biographias,* citada no *Dicc.,* tomo II, pag. 90, sob o n.º 358.

*
* *

422-87.ª *Portugal. Recordações do anno de 1842 pelo principe Lichnowsky. Traduzida do allemão. Segunda edição. Lisboa. Na imprensa nacional. 1845.* 8.º de 6 (innumeradas)-220 pag. e mais 2 de indice e errata.

Referencias e citações camonianas a pag. 1, 33, 93, 100, 102, 129, 132, 144, 145, 151, 152, 165, 187, 189, 190, 215, 218 e 220, comprehende excerptos dos *Lusiadas,* menção da edição do morgado de Matteus, das notas do sr. Ferdinand Denis á versão de Fournier, e ao episodio de D. Ignez de Castro; e a traducção de uma estrophe dos *Lusiadas* em francez pelo duque de Palmella.

*
* *

423-88.ª *Cartas escriptas da India e da China nos annos de 1815 a 1835 por José Ignacio de Andrade a sua mulher D. Maria Gertrudes de Andrade. Lisboa, na imprensa nacional, 1843.* 8.º grande, 2 tomos de 16 (innumeradas)-245 pag. e mais 3 de indice; e de 8 (innumeradas)-235 pag. e mais 8 com uma epistola em verso e indice. Com estampas e retratos.

Veja no tomo I, pag. 9 e 10 (innumeradas), 3, 11, 12, 19, 25, 29, 35, 45, 47, 51, 55, 57, 77, 79, 89, 93, 105, 109, 111 e 161, referencias a Camões e ao seu poema; a Vasco da Gama, e á gruta de Macau, e excerptos dos *Lusiadas.* No tomo II, pag. 3 (innumerada), 31, 33, 47, 71, 85, 101, 177, 178, 205, 231 e 233, referencias a Camões, excerptos dos *Lusiadas* e de *Camões* de Garrett; menção e apreciação do quadro *Camões* de Sequeira, e descripção da gruta de Macau.

*
* *

424-89.ª *Jardim portuense. Porto, 1843.*— Em o n.º 3, terceiro artigo, reproduz *O vergel do amor,* elegia de Camões.

*
* *

425-90.ª *Poetica para uso das escolas por Bernardino Joaquim da Silva Carneiro, etc. Coimbra, na imprensa da universidade, 1843,* 8.º de 2-108 pag.

Tem citações de Camões de pag. 45 a 48, 86 e 87.

*
* *

426-91.ª *Historia da franc-maçonaria, etc. pelo auctor da « Bibliotheca maçonica ». Lisboa, 1843.* 8.º

Contém citações e trechos dos *Lusiadas* a pag. 185 e 186, 191 a 196, 248 a 257.

*
* *

427-92.ª *Excavações poeticas por Antonio Feliciano de Castilho, etc, Lisboa, typographia Lusitana, 1844.* 8.º grande de 294 pag.

Contém o *Sacrificio de Camões,* poemeto, de pag. 80 a 89.

*
* *

428-93.ª *Os amores de Camões e de Catharina d'Athaide; por madame Gautier. Traduzidos do francez por D. Maria Emilia de Macedo. Lisboa: typ. de L. C. da Cunha, Costa do Castello N.º 15. 1844.* 8.º 2 tomos, de XVI-202 pag. e 215 pag.—O tomo I tem uma estampa allegorica lithographada, desenho de Pereira, representando o tumulo do poeta, junto do qual choram a *Patria,* a *Poesia* e o *Amor.*

Nas pag. VIII e IX da introducção, vem o conhecido soneto de Tasso a Camões, com a imitação de Millie. traduzida por Mendes Leal:

Essas velas, ousado navegante,
Nas aguas orientaes já branquejaram;
As enramadas pôpas já brilharam
Ao sol do leito a erguer-se deslumbrante.

Ulysses infeliz vagando errante,
Jason e os que primeiro o mar sulcaram,
Nem tão audaz espirito mostraram,
Nem honra mereceram tão prestante.

Mas teu feito mortal, ó Gama, fôra,
Se immortal alta musa o não tornára,
Mais veloz do que a nau triumphadôra.

Deu-te *Engenho* com *Arte* a gloria rara
Que o mundo encheu desd'onde nasce a aurora
Té onde busca Phebo a lympha clara!

*
* *

429-94.ª *Apologia de Camões contra as reflexões criticas do padre José Ago-*

tinho de Macedo sobre o episodio de Adamastor no canto v *dos Lusiadas. Lisboa. Na typographia do largo do Contador Mór, n.º 1. 1844.* 8.º de 87 pag.

É a segunda edição d'este opusculo de fr. Francisco de S. Luiz, cardeal Saraiva. A primeira já ficou indicada atrás sob o n.º 399-64.ª

*
* *

430-95.ª *O passeio. Poema de José Maria da Costa e Silva. Segunda edição correcta e consideravelmente augmentada pelo auctor. Lisboa, 1844.* 2 tomos.

No tomo I, canto III, cita o sublime poeta (pag. 116);

> No canto de Camões viverão todos,
> Elle falla, e se escuta em toda a lingua,

Na pag. 117

> Ah! do excelso Cantor aplaca os Manes,
> Ergue uma estatua, um cenothaphyo ao menos
> Seja á sua memoria consagrado!...

No tomo II, pag. 65 e 66, vem uma extensa nota a este proposito, referindo os esforços que se tinham feito em 1818 para erigir um monumento a Camões, e o que passára com o padre José Agostinho de Macedo sobre a verdadeira sepultura de Camões:

*
* *

431-96.ª *Epitome da vida de Luiz de Camões. Typographia de D. Y. L. Sousa Monteiro, rua da Palmeira, n.º 36 (Lisboa). 1844.*

*
* *

432-97.ª *Primeiro ensaio sobre a historia litteraria de Portugal, etc. Por Francisco Freire de Carvalho, Lisboa, typographia Rollandiana, 1845.* 8.º de 445 pag.

Tem referencias camonianas a pag. 104, 114, 139, 340 a 342.

*
* *

433-98.ª *Ao illustrissimo senhor José Ignacio de Andrade, etc. Lisboa, 1845.* Folio pequeno. 4 pag.

É uma poesia que Francisco Antonio Martins Bastos compoz em louvor do auctor das *Cartas da India e China*, e em que se encontram estes versos:

> Talvez do Gama um dia o grande nome,
> Dos homens na memoria se perdesse,
> Se de Camões a Musa sublimada
> Do olvido o não remisse, e os grandes feitos.

*
* *

434-99.ª *Revista universal lisbonense, Lisboa.* 4.º

No volume v (1845), pag. 66, vem o capitulo vi das *Viagens na minha terra*, que Almeida Garrett dedicou a Camões, e se refere ás pretensões do padre José Agostinho querer supplantar a obra dos *Lusiadas*.

Veja tambem o que se lê n'este periodico a respeito da poesia *Camões* do sr. Palmeirim.

*
* *

435 100.ª *Obras de D. Francisco Alexandre Lobo, bispo de Vizeu. Impressas á custa do seminario da sua diocese. Lisboa, 1848.* 8.º 3 tomos.

O tomo i, de pag. 21 a 156, contém a *Memoria historica e critica ácerca de Luiz de Camões e das suas obras*; e de pag. 157 a 163, as *Breves reflexões sobre a vida de Luiz de Camões escripta por mr. Charles Magnin, membro do instituto, no principio da sua traducção dos Lusiadas.*

A primeira memoria saíra antes no tomo vii, parte i das *Memorias da academia real das sciencias de Lisboa* (pag. 158 a 279). N'ella o douto prelado viziense trata da vida do egregio poeta, e de todas as suas composições com erudição e critica; e provando que não esta de accordo com os panegyristas de Camões, alguns dos quaes julga em extremo exagerados, synthethisa o seu conceito relativo aos *Lusiadas* n'estas palavras (pag. 278):

«... Fôra desastre perderem-se as suas Rimas; mas se perdidos os Lusiadas se conservassem as Rimas, o nosso credito litterario não teria com ellas muito accrescentamento. Nos Lusiadas o nosso Poeta acertou na escolha da acção, e tem eminencia no estilo; mas peccou na conformação das partes, na impropriedade ou ociosidade de alguns Episodios e mais ainda na qualidade e emprego do maravilhoso. Mostra este Poema uma ousadia que pretende arremedar a de Homero; mas na riqueza inexhaurivel fica muito distante da Illiada: tem n'alguns casos, repito, mais originalidade que a Eneida; mas em nenhum a sua igualdade e perfeição: excede o Poema do Tasso no puro gosto do estilo; mas é d'elle excedido na regularidade do todo, e na copia das ficções: não tem tamanhas extravagancias são como as de Milton; mas tambem não tem tamanha sublimidade. E se quizermos olhar para a *Henriade* de Voltaire, como merecedora de se nomear com as Epopéas antecedentes (ao que farei alguma, posto que não muito porliada, repugnancia), direi que o Poema Francez tem menos imperfeições do que os Lusiadas; mas que não é para se comparar com elles no ar magestoso e venerando, nos traços de formosura antiga, no cunho classico, em que elles até excedem a mesma *Gerusaleme*.»

O sabio bispo de Vizeu não perdoava a Camões, que, sendo elle auctor christão, para ser lido por christãos, se valesse para o seu poema do maravilhoso absurdo dos deuses gentilicos.

Nas *Breves reflexões*, responde ás accusações de Magnin, que notou a parcialidade e o espirito de malquerença com que o bispo escrevêra a sua *Memoria*; e declarou que escreveu esta como entendia, bem ou mal, e que persistia na mesma opinativa, affirmando-a d'este modo (pag. 161):

«Misturou sombras e vivissimas luzes... Chamou a Camões principe dos Poetas seus contemporaneos, e ainda hoje de toda a Hespanha; notando sempre, que não ha principe em tudo perfeito. Comparou-o com todos os grandes Epicos, e a todos o aventajou por alguns lados; advertindo sempre, que a todos, por outros lados, foi inferior...»

*
* *

436–101.ª *Eccos da lyra teutonica ou traducção de algumas poesias dos poetas mais populares da Allemanha por José Gomes Monteiro. Porto: na typographia de S. J. Pereira. Praça de Santa Thereza n.º 28, 1848.* 8.º grande de 237-1 pag.— O rosto tem uma lyra.

N'este livro, de pag. 103 a 130, poz Gomes Monteiro a sua versão do poema dinamarquez *Camões*, de Staffeldt, com a epigraphe:

Que segredo tam alto e tam profundo,
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o mundo tem p'ra ella!

CAM. CANÇ. X.

De pag. 229 a 237 vem a nota, que corresponde ao poema, em que o traductor declara que a sua versão foi feita por intermedio de uma traducção litteral ingleza, que em 1832 fizera em Hamburgo para elle o seu amigo dr. Runkel, litterato allemão e admirador de Camões.

Dá tambem uma relação das edições das obras do egregio poeta e de algumas composições de imaginação, dedicadas a Camões ou em que elle figura. É porém limitada esta lista comparada com os ultimos trabalhos bibliographicos, e limitadissima em vista do que eu pude agora apurar, e que ainda supponho incompleto.

Veja adiante a menção do original dinamarquez.

*
* *

437–102.ª *O trovador. Collecção de poesias contemporaneas redigida por uma sociedade de academicos. Coimbra, 1848.* 8.º *Segunda edição, Leiria, typographia Leiriense, 1853.* 8.º de 7 (innumeradas)-412 pag.

A primeira edição é rara. A segunda tambem não é vulgar. Vem n'esta, a pag. 332 a poèsia do sr. L. A. Palmeirim, *Luiz de Camões*, que o auctor reproduziu no seu volume *Poesias*.

*
* *

438–103.ª *A Epoca. Jornal de industria, sciencias, litteratura e bellas artes. Lisboa, na typographia da Revista universal lisbonense, rua dos Fanqueiros, n.º 82, 1848-1849.* 4.º 2 tomos.

No tomo II, de pag. 181 a 183, vem o artigo de L. A. Rebello da Silva ácerca

da *Carta sobre a situação da ilha dos Amores pelo sr. José Gomes Monteiro*, da qual escreve:

«... o sr. Monteiro firma a sua opinião, de que o auctor dos *Lusiadas* collocou a ilha de Venus debaixo dos climas dos tropicos, no oceano indico: para chegar a este resultado lucta com exito com a sciencia um pouco prevenida do illustre Humboldt, e com as variantes de differentes commentadores...»

«... a Carta... a despeito do assumpto ser grave, e a discussão d'elle erudita e extensa, tem amenidade e belleza litteraria para prender a attenção e interessar o leitor.»

Referindo-se especialmente aos *Lusiadas*, põe Rebello da Silva a seguinte opulenta observação:

«... entre as nossas glorias brilha como uma das maiores a famosa epopeia dos *Lusiadas*; e a raiva da inveja, e a ignara critica debalde tentaram empanar-lhe o lustre. O poema e a monarchia são indissoluveis; a nacionalidade do povo não os póde, nem sabe separar. Fallai-lhe dos trophéus antigos, recordai-lhe a saudade de melhores tempos, e vereis como elle associa o nome de Camões aos nomes e aos feitos que o poeta celebrou. A historia, vestindo as risonhas ficções do ideal, fez-se amiga do pobre e do abastado, consolou os pezares do sabio, e animou as esperanças do plebeu. Todos ali acham uma pagina escripta para si. O amor que empallidece de desejos, o coração que sorri ao perigo, e a alma que anceia de ambição e de esperança inspiram-se nos *Lusiadas*, e fazem d'elles o seu Evangelho.»

*
* *

439-104.ª *Carta ao ill.mo sr. Thomaz Norton, sobre a situação da Ilha de Venus, e em defeza de Camões contra uma arguição, que na sua obra intitulada Cosmos, lhe faz o sr. Alexandre de Humboldt. Por José Gomes Monteiro. Porto na typographia de S. J. Pereira, Praça de Santa Thereza n.º 28. 1849.* 8.º de 84 pag. No rosto a seguinte epigraphe:

Vous retrouvez partout une âme
aussi profonde que l'Océan.

EDGARD QUINET, sur le *Camoens*.

Esta *Carta*, que já não apparece senão raramente no mercado de Lisboa e falta n'algumas collecções, é muito apreciada. Gomes Monteiro dá a rasão d'ella a Norton nas seguintes linhas do começo:

«A leitura que juntos fizemos das bellas paginas do *Cosmos*, onde o illustre Humboldt veiu, como admirador de Camões, associar seu grande nome ao de Tasso, de Montesquieu e de Chateaubriand, me convidou a ler, não sei se pela centesima vez, o brilhante episodio da *Ilha dos Amores*. N'esta leitura levava eu especialmente em vista avaliar o reparo feito ali pelo sabio allemão, de que o grande poeta, tão admiravel quando descreve os phenomenos do Oceano, se não mostrára igualmente sensivel ao espectaculo da natureza terrestre. O auctor do *Cosmos*, não partilhando a singular opinião de Sismondi, segundo o qual as viagens de Camões pouco ou nada teriam enriquecido a sua poesia, adopta comtudo a censura d'esta critica na parte que se refere á ausencia da vegetação tropical nas descripções dos Lusiadas...

«A apreciação d'esta censura trouxe-me naturalmente á velha questão — se com effeito Camões tivera em vista n'aquella ficção designar algumas das ilhas do

Oceano indico; ou mesmo do Atlantico, e qual ella fosse. Esta questão e o reparo do illustre auctor do *Cosmos* são, até certo ponto, materias correlativas. Por isso me propuz investigal-a e dar-lhe, se fosse possivel, uma cabal solução...»

D'ahi por diante, Gomes Monteiro entra n'uma serie de apreciações e raciocinios, citando e replicando aos commentadores de Camões; e demonstrando que Humboldt se enganou na sua censura, affirma que o egregio poeta n'esta, como em outras passagens do seu immortal poema, não podia ser mais verdadeiro, nem mais fiel, pois a Ilha dos Amores, não é outra senão a formosa ilha de Zanzibar, o que se vê confirmado nas relações dos mais conspicuos viajantes.

De pag 77 a 81 vem um *Appendix*; e no fim d'elle (pag. 82 a 74) uma nota de variantes nas edições dos *Lusiadas*, assignada por Thomás Norton.

No exemplar, que foi do uso de Thomás Norton, estão juntas varias notas e emendas autographas, que lhe occorreram na leitura; e a copia de um trecho de uma carta de Rodrigo da Fonseca Magalhães, o qual, em data de 5 de março de 1849, escrevia ao seu amigo:

«Li a carta do sr. Monteiro, que me pareceu excellente e delicadamente escripta. E posto que ha já tempos cessem de interessar-me estudos da natureza dos que são objecto d'ella, o antigo amor ás litteraturas ainda revive de quando em quando n'este coração peccador. Muito e muito bem, muito engenho e muita critica.»

*
* *

440-105.ª *Cale, ou a fundação da cidade da Porto. Poema de João Peixoto de Miranda. Porto, typographia de D. Antonio Moldes. 1850.* 8.º de 432 pag. e mais 3 de erratas.

Nas pag. v a vii, 428 a 430 e 432, encontram-se referencias a Camões e excerpto dos *Lusiadas*.

*
* *

441-106.ª *A semana. Jornal litterario. Volume* i. *Janeiro, 1851. Num.* 2. Folio pequeno.

Veja-se ahi, na secção de litteratura, o artigo *Camões e Garrett*, assignado por Silva Tullio, que vae de pag. 17 a 20. É acompanhado da bella versão que Almeida Garrett fizera da elegia que o poeta italiano Paggi compozera para o final da sua traducção dos *Lusiadas*.

A elegia começa:

Cotal cantava il lusitano cigno
Molcendo con sue voce anco le fere,
Non che l'amato patrio Tago e'l migno,
E le del canto suo Tagide altere:

A que corresponde a seguinte versão de Garrett:

Co'a doce voz o cysne lusitano
Assim ás proprias feras abrandava;
Mas nem o Tejo, de seu canto ufano,
Nem as ingratas Tagides tocava.

E termina:

Vanne, e qual gia Prometheu anima infuse
Con le luci non sue, tu vita attendi:
Spechio del altriu bello, emulo industre
E d'eterno splendor riflesso illustre.

A que corresponde a versão:

Vae, viverás: tambem com luz furtada
Deu vida Prometheu. Se mais não fores
Serás reflexo de belleza e lustre,
E de eterno esplendor emulo illustre.

*
* *

442-107.ª *Poesias por Luiz Augusto Palmeirim. Lisboa.*—Tem quatro edições este livro, a primeira em 1851, a segunda em 1853, a terceira em 1859, e a quarta em 1864. Sirvo-me da ultima. 8.º de XIV-303 pag. e 3 (innumeradas) de indice.

Vem n'ella correcta a poesia *Luiz de Camões* (pag. 112 a 114), que encontrâmos na collecção do *Trovador*, acima mencionada; e outra intitulada *Ignez de Castro* (pag. 17 a 26), referente ao canto III dos *Lusiadas* e em que são aproveitados alguns dos versos do formosissimo episodio. Eis um exemplo:

«Estavas linda Ignez posta em socego»
Só curando de amor. Pelo teu Pedro,
Pelos filhos gentis, tu só vivias.

Em as notas (pag. 292 a 295), reproduz o artigo da *Revista universal lisbonense* a proposito do actor Rosa quando recitou a poesia *Camões* no theatro de D. Maria II.

Esta poesia foi posta em musica pelo maestro Angelo Frondoni, como se nota adeante.

*
* *

443-108.ª *Elogio de alguns portuguezes celebres por suas virtudes e talentos, e pequenos discursos sobre varios pontos philosophicos, litterarios e oratorios, recitados por alguns dos alumnos do fallecido professor o padre Jeronymo Emiliano de Andrade, etc. Angra do Heroismo. 1852.* 8.º de 4 (innumeradas)-179 pag. e mais 3 de indice e erratas.

Veja de pag. 26 a 33, Elogio de Vasco da Gama, descobridor da viagem das Indias; de pag. 61 a 68, Elogio do insigne Luiz de Camões, principe dos poetas

portuguezes; e de pag. 167 a 171, Elogio da geographia formado de varias descripções e versos extrahidos da *Lusiada* de Camões. Alem d'esses capitulos, na maior parte dos elogios e discursos se nos deparam referencias a Camões e citações de versos dos *Lusiadas*.

*
* *

444-109.ª *Os Lusiadas e o Cosmos ou Camões considerado por Humboldt como admiravel pintor da natureza. Por José Silvestre Ribeiro. Lisboa, Imprensa Nacional. 1853.* 8.º pequeno de IX-98 pag.

Este livro é dedicado a Sua Magestade a Imperatriz viuva, do Brazil, e comprehende: a introducção (pag. VII a IX); o texto, segundo Humboldt (pag. 1 a 60); e notas (pag. 51 a 98).

*
* *

445-110.ª *Estudo moral e politico sobre os Lusiadas por José Silvestre Ribeiro. Lisboa, Imprensa Nacional. 1853.* 8.º grande e XI-236-1-1 pag. É dedicado á ex.ma sr. D. Anna Perestrello da Camara Bettencourt, madeirense illustre. No rosto e no verso d'este, tem epigraphes extrahidas de Marmontel, Horacio, Francisco Dias Gomes e Millié.

*
* *

446-111.ª *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China e da China a Lisboa, por Carlos José Caldeira. Lisboa, na typographia de G. M. Martins, 1852-1853.* 8.º grande. 2 tomos de 423 e 335 pag. e mais 16 innumeradas de mappas, indice e erratas.

Veja no tomo I, de pag. 401 a 418, o capitulo LV, intitulado *A gruta de Camões e despedida de Macau.*

*
* *

447-112.ª *Apontamentos biographicos sobre o nosso insigne poeta Luiz de Camões. Offerecido ao Instituto de Coimbra por Miguel Ribeiro de Vasconcellos, Conego na cathedral de Coimbra, doutor na faculdade de Canones, socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa. Coimbra, Imprensa da Universidade. 1854.* 4.º de 11 pag.

Esta biographia saíra antes no *Instituto* de Coimbra.

*
* *

448-113.ª *Camões para rir.*— Sob esta denominação saíram no *Jornal para rir*, n.º 18, 19 e 21, de 11 e 18 de setembro, e 2 de outubro de 1856, tres artigos de critica mordaz simílhante á de José Agostinho de Macedo, em que são analysados com chiste e ironia alguns versos, que o auctor julga prosaicos e detestaveis do canto IX dos *Lusiadas*.

Sairam anonymos estes artigos, e no primeiro d'elles se declarou que tinham sido encontrados mss. no espolio de um frade; porém, no vulgo correu que eram da lavra do illustre poeta Antonio Feliciano de Castilho, então collaborador assiduo d'essa folha.

*
* *

449-114.ª *Preludios poeticos. Por José Ramos Coelho. Lisboa, typ. do Progresso 1857.* 8.º de 303 pag.

Contém: *Camões e a patria.*

O sr. Ramos Coelho compoz mais, em honra e louvor do egregio poeta: *A Camões e á inauguração do monumento* (no *Diario de noticias,* de Lisboa; e depois no volume de *Homenagens*); e traduziu a pedido do nobre visconde de Juromenha, o soneto de *Tasso a Camões,* que appareceu primeiramente no tomo I das *Obras* citadas e reproduziu no volume *Novas poesias.*

*
* *

450-115.ª *A Grinalda, cantos da juventude por João Joaquim de Almeida Braga. Com uma carta prefacio por Torres e Almeida. Braga, typographia Lusitana, rua Nova, n.º 38. 1857.* 8.º grande de 144 pag.

Vejam-se as seguintes poesias: de pag. 40 a 42, *Portugal;* de pag. 61 a 64, *Ignez;* de pag. 75 a 78, *Camões;* pag. 79, ao *violinista F. Sá de Noronha;* pag. 80, *Ao mesmo;* de pag. 84 a 90, *Camões e Garrett;* de pag. 129 a 132, *O escravo de Camões;* de pag. 133 a 135, *O poeta;* e de pag. 136 a 142, *A minha patria.*

*
* *

451-116.ª *Arte de aprender a ler a letra manuscripta para uso das escolas em 10 licções progressivas de mais facil ao mais difficil por Duarte Ventura. Paris em casa de J. P. Aillaud Quai Voltaire, 11,* de 8.º (lithographado) de 108 pag.

De pag. 6 a 33 vão transcriptas varias estancias dos *Lusiadas,* incluindo os *episodios de Adamastor e D. Ignez de Castro,* sendo cada um dos trechos acompanhado de uma gravurasinha allusiva ao assumpto. Alem d'isso, traz outras estancias a pag. 43 e 51.

Este livrinho de Ventura tem tido muitas edições.

*
* *

452-117.ª *Os Lusiadas e o Cosmos ou Camões considerado por Humboldt como admiravel pintor da natureza. Por José Silvestre Ribeiro. Segunda edição, correcta e augmentada. Lisboa. Imprensa Nacional. 1858.* 8.º de IX-123 pag.

N'esta edição, ha uma pequena differença de ampliação no texto, e mais duas notas.

*
* *

453-118.ª *Canticos por José da Silva Mendes Leal Junior. Lisboa, typographia do Panorama. 1858.* 8.º grande de 8 (innumeradas)-404 pag. e mais 4 de erratas e indice.

Veja de pag. 261 a 265, a poesia *Vasco da Gama;* de pag. 343 a 347, a poesia *Gloria e saudade, ao eminente poeta visconde de Almeida Garrett;* e de pag. 349 a 355, a poesia *Garrett e Camões no anniversario da morte do visconde de Almeida Garrett.*

A respeito d'este livro e de outros factos camonianos, em que figura Mendes Leal, veja tambem o *Brinde do Diario de noticias,* dedicado em 1826 á memoria de tão distincto poeta, dramaturgo e prosador.

*
* *

454-119.ª *Poesias por Antonio Augusto Soares de Passos. Segunda edição correcta e augmentada. Porto. Typographia de Sebastião José Pereira, 1858.* 12.º de 252 pag.

Veja de pag. 1 a 8 a poesia *A Camões,* tão celebrada e reproduzida em dezenas de publicações litterarias de Portugal e Brazil.

*
* *

455-120.ª *Collecção de opusculos reimpressos relativos á historia das navegações, viagens e conquistas dos portuguezes, pela academia real das sciencias. Tomo* I. *N.º* III. *Historia da provincia de Santa Cruz, feita por Magalhães de Gandavo. Lisboa. Na typographia da academia real das sciencias. 1858.* 4.º

Veja o que escrevi no tomo presente, pag. 269, sob o n.º 336-1.ª

*
* *

456-121.ª *Bosquejo metrico dos acontecimentos mais importantes da historia de Portugal, etc. Por Antonio José Viale. Lisboa, Imprensa nacional. 1858.* 8.º

Referencias camonianas a pag. 36 e 41.

*
* *

457-122.ª *Analyse dos Lusiadas de Luiz de Camões dividida por seus cantos com observações criticas sobre cada um d'elles, obra posthuma de Jeronymo Soares Barbosa, deputado que foi da junta da directoria geral dos estudos e escolas do reino na universidade de Coimbra, socio da academia real das sciencias de Lisboa, etc.*

Proprietario e editor Olympio Nicolau Ruy Fernandes. Coimbra, imprensa da universidade 1859. 8.º pequeno de 114-24 pag.

As ultimas paginas, 1 a 24, comprehendem um *Appenso á analyse*, que falta em alguns exemplares, porque foi impresso depois de terem sido expostos á venda os primeiros.

*
* *

458-123.ª *O Improviso semanal de recreio, noticias e annuncios. Não contendo politica de qualidade alguma. Fundado e publicado por uma sociedade. (Setubal). 1859.* Folio pequeno.

Em n.os 4 e 5, de 17 e 31 de julho, appareceu um artigo em folhetim intitulado : *A morte de Camões.* Traz ainda errada a data do obito em 1579. É um trecho de biographia, copiado de outras, que não adianta cousa alguma ao já conhecido.

*
* *

459-124.ª *Melodias, cantos da adolescencia, por João Joaquim de Almeida Cruga. Braga, na typographia Lusitana, 1859.* 8.º de 128 pag.

Veja de pag. 39 a 42 a poesia *Luiz de Camões* : e de pag. 122 a 126 a poesia *Glorias portuguezas.*

*
* *

460-125.ª *O Camões. Revista hebdomadaria. Lisboa* (1860). 4.º (Redactores R. J. Ferreira de Assis e J. C. Garcia de Lima.)

Parece que saíram apenas os n.os 1 a 5. Contém : biographia de *Luiz de Camões*, de pag 1 a 3 ; *Gruta de Camões em Macau*, pag. 9 e 10 ; *Elegia a Camões*, por Antonio Xavier de Barros Côrte Real, pag. 25.

*
* *

461-126.ª *Revelações da minha vida, e memorias de alguns factos, e homens meus contemporaneos por Simão José da Luz Soriano, etc. Lisboa, typographia Universal, 1860.* 8.º grande de 779 pag. e mais 3 de indice e erratas. Com o retrato do auctor, gravado por Sousa.

Está desde muitos annos exhausta esta obra. Eu não a possuo. Examinei o exemplar da bibliotheca nacional, incompleto.

Tem citações dos *Lusiadas* a pag. 84, 85, 96, 128, 134 e 197. Na pag. 467

em nota, declara que a sua ultima producção poetica em 1860 foi um soneto em honra de Camões, e transcreve-o. É o seguinte:

Camões, sublime vate, a eterna fama
Cobre o teu nome, escuda a tua lyra
N'essa grande epopéa, que te inspira
O audaz arrojo do famoso Gama.

Do grande feito, que o coração te inflamma,
Prodigios contas, que o mundo admira,
Saber e estro tudo em ti conspira
P'ra gloria, que em teu nome derrama.

Votado a patria, e d'ella fugitivo
Fortuna buscas onde nasce a aurora,
A heroica tuba embocando altivo,

Á patria voltas em desastrada hora,
Não encontrando n'ella lenitivo
Á miseria fatal que te devora.

*
* *

462-127.ª *Recreações poeticas por Francisco de Castro Freire. Editor Olympio Nicolau Ruy Fernandes. 1861. Coimbra. Imprensa da Universidade.* 8.º de 8 innumeradas-176 pag.

Traz um soneto a Luiz de Camões, pag. 1.

*
* *

463-128.ª *Jornal do Porto. Porto, 1861.* Fol.

Veja os n.os 178, 184 e 185, citado no tomo presente, a pag. 143.

Ibidem 1862. Veja-se tambem os numeros indicados na controversia a proposito do poema *D. Jayme*, do sr. Thomás Ribeiro (ao presente, conselheiro e ministro de estado honorario).

*
* *

464-129.ª *D. Jayme ou a dominação de Castella. Poema por Thomaz Ribeiro. Com uma conversação preambular pelo senhor A. F. de Castilho. Lisboa, etc. 1862.* 8.º pequeno de LX-285-XI pag.

Na conversação preambular de Castilho encontram-se algumas referencias a Camões; mas a parte mais notavel é a que vae de pag. XLIV a LV, em que entra na comparação dos *Lusiadas*, como livro para a escola primaria, com o poema do sr. Thomás Ribeiro, demonstrando, segundo o seu modo de ver, que existe grandissima differença entre um e outro, porque o auctor dos *Lusiadas* é de mil qui-

nhentos e setenta e tantos e o do *D. Jayme* é de 1862 (pag. XLIX); e porque (pag. XLVII):

«As noticias historicas, estrangeiras e nacionaes, antigas e modernas, fabulosas, sagradas e profanas,, accumuladas nos *Lusiadas*, são as mais das vezes tocadas ou alludidas de modo tal que só um erudito, e a poder de estudos e commentarios, é que as deslinda. Para uma creança apenas analphabeta, são portanto perdidas de todo em todo...»

A este respeito veja-se a controversia mencionada no tomo IX do *Diccionario*, sob o n.º 102, pag. 326 e 327.

O poema *D. Jayme* tem tido diversas edições.

*
* *

465-130.ª *Á memoria de Camões. Offerecido a sua magestade el-rei o sr. D. Fernando.* (Na typographia de Santos, rua da Vinha, Lisboa.) — Folha avulso, sem nome do auctor. No fim a data de 28 de junho de 1862.

Contém tres poesias, duas anonymas, e uma assignada *C. V. de L.*, transcripta da *Federação*. Vi um exemplar d'esta folha, impressa em papel azul com letras douradas, na bibliotheca de el-rei D. Fernando. Era acompanhada de uma carta autographa, assignada por Vicente Alberto dos Santos, que escreveu a sua magestade que aquelle brinde «commemorava o dia e o heroe a quem a nação pagava um justo tributo».

*
* *

466-131.ª *Confirmação da censura feita á inscripção latina, introduzida no alicerce do monumento a Camões e refutação de todas as objecções... Por Antonio Caetano Pereira. Lisboa, typographia de José Baptista Morando, 1863.* 8.º de 70 pag.

*
* *

467-132.ª *Luiz de Camões. Semanario instructivo com estampas lithographadas (proprietarios L. Vasconcellos e J. Carvalhosa). Porto, 1863 e 1864.* 4.º 2 volumes.

O volume I contém: em o n.º 9 *Luiz de Camões*, biographia extrahida da edição dos *Lusiadas* feita em 1859 em Paris, por Lopes de Moura (pag. 65 e 66), com o retrato do poeta; e em n.ºs 16, pag. 111; 21, pag. 212; e 41, pag. 326, poesias *a Camões*, por J. Cardoso Junior, A. C., e José de Matos Carvalho. Tem ainda outras referencias camonianas, como por exemplo, a pag. 108, no artigo, *Historia dos Bispos de Portugal*, etc., paragrapho *Coimbra*.

*
* *

468-133.ª *A virtude premiada, drama por João da Nobrega Soares. Funchal, 1863.*

Não vi ainda este livro; porém, tenho nota de que junto a elle andam: *A Camões, prologo (?) recitado no theatro Esperança da Madeira,* por José Antonio Monteiro Teixeira; e uma poesia do mesmo Nobrega Soares, tambem recitada n'aquelle theatro; e de que estas publicações saíram anonymas.

*
* *

469-134.ª *Almanach familiar para Portugal e Brasil. Primeiro anno. Publicado por Gualdino Valladares e Augusto Valladares. Braga. Typographia de Antonio Bernardino da Silva, 1868.* 8.º grande com o retrato de Camões.

Veja de pag. 8 a 10 a poesia *Os Lusiadas,* de A. Pereira da Cunha; de pag. 11 a 13 o artigo *Monumento a Camões,* de A. A. da Fonseca Pinto; e a pag. 102 a poesia *A Camões,* de D. Antonia Pusich.

*
* *

470-135.ª *Poesias de Antonio Pinheiro Caldas. Segunda edição. Porto, 1864.*

De pag. 122 a 125 vem uma poesia *A Camões!*

*
* *

471-136.ª *Esboços de apreciações litterarias por Camillo Castello Branco. Porto, viuva Moré, editora, 1865.* 8.º de 292 pag. e mais 1 de indice. (Typographia commercial, rua do Bellomonte, n.º 19.)

Veja as pag. 60, 64, 70, 74, 216, 217, 231 e 274, que encerram referencias a Camões e á *Carta sobre a situação da ilha de Venus* por José Gomes Monteiro.

*
* *

472-137.ª *Esboço critico do Bosquejo historico da litteratura classica grega, latina e portugueza, do padre A. Cardoso Borges de Figueiredo, por Alvaro Rodrigues de Azevedo. Funchal, typographia de M. M. S. Carregal, 1865.* 8.º de 248 pag.

Veja de pag. 83 a 88, 102 a 104, 134 a 136, 212, 213, 233, 235 a 237, nos quaes se comprehendem excerptos dos *Lusiadas,* referencias a Camões, á *Castro* de Ferreira; e excerptos das *Trovas* de Garcia de Rezende á morte de D. Ignez de Castro.

*
* *

473-138.ª *Alvoradas. Por Alexandre da Conceição. Porto, typographia de Francisco Gomes da Fonseca, 1866.* 8.º de 142 pag. e 1 de errata.

Contém uma poesia a Camões, pag. 82 e 83.

*
* *

474-139.ª *Ensaios criticos por Manuel Pinheiro Chagas. Porto. Em casa da viuva Moré, Editora. 1866.* 8.º de 360 pag. e mais 2 de indice e erratas.

Encerra referencias a Camões e á sua obra, ao drama *Camões* de Castilho, e á poesia *Camões* de Soares de Passos.

*
* *

475-140.ª *Novos ensaios criticos, por Manuel Pinheiro Chagas. Porto, typographia commercial, 1867.* 8.º de 275 pag. e mais 1 de indice.

Veja as referencias camonianas a pag. 97, 128, 176, 177, 184, 199 e 223.

*
* *

476-141.ª *A estatua de Camões. Poesia á inauguração do monumento ao grande poeta, por A. da Silva Carvalho. Lisboa, typographia da viuva Pires Marinho, 1867.* 4.º pequeno de 7 pag.

*
* *

477-142.ª *Breve resumo da vida de Luiz de Camões, extrahida de diversos auctores, noticia do monumento, etc., por J. C. Mackonelt. Lisboa, typographia de Coelho & Irmão. 1867.* 8.º de 12 pag. Com o retrato do poeta, gravura em madeira, desprimorosa.

*
* *

478-143.ª *Biographia de Luiz de Camões, principe dos poetas portuguezes. Lisboa, typographia da rua do Paço do Bemformoso, 153, 1867.* 8.º de 9 pag. — Custava 20 réis.

*
* *

479-144.ª *Breve resenha da vida do immortal poeta epico e Apollo portuguez Luiz de Camões. Typographia, rua Nova do Carmo, 43.*— Uma pagina de 4.º sem data, mas publicada por occasião da festa da inauguração do monumento a Camões, em Lisboa, 1867. Tem a assignatura *J. T.*

*
* *

480-145.ª *O monumento a Camões e o caso espantoso succedido na noite de 20 de outubro. (Opusculo em verso satyrico com um prefacio a serio.) Lisboa, typographia de L. C. da Cunha 1867.* 8.º de 16 pag. innumeradas. Tem a assignatura de Costa Goodolphim.

*
* *

481-146.ª *Panorama. Jornal litterario e instructivo da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis., etc. Lisboa.* 4.º—Veja no *Dicc.*, tomo VI, pag. 335.

No tomo V (1841), a pag. 168, artigo *Testemunho a favor de Camões*, em que são citados Say, o abbade Andrès, M.me de Stael e Chateaubriand, nos seus louvores ao egregio poeta.

No tomo II, serie 2.ª (1843), *Epitome da vida de Luiz de Camões*, pag. 5 e 6 (com retrato); 16, 31 e 32, 55 e 56, 85 e 86, e traz as iniciaes do auctor P. M. (Paulo Midosi).

No tomo X, 2.º da serie 3.ª (1853), *Eduardo Quillinan e a sua traducção ingleza dos Lusiadas de Camões* (biographia do traductor e apreciação do seu trabalho na versão dos cinco cantos publicados por Adamson), por J. H. da Cunha Rivara, de pag. 177 a 179; *Os Lusiadas e o Cosmos* (artigo noticioso ácerca da apparição do livro do sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro), pag. 368.

No tomo XVII, 2.º da serie 5.ª (1867), o n.º 44, de pag. 347 a 354, é inteiramente dedicado a Camões, com retrato, e contém: *Camões*, por A. Osorio de Vasconcellos; *Camões, solução de uma divida nacional*, etc., por José Silvestre Ribeiro; *A Camões*, poesia de Soares de Passos; *O genio poetico de Camões revelado nas producções estranhas aos Lusiadas*, por José Silvestre Ribeiro; *Os Lusiadas, resumo substancial das suas bellezas e defeitos, aos olhos de graves criticos nacionaes*, por José Silvestre Ribeiro. A pag. 412 a continuação do artigo *O genio poetico de Camões*, etc.

No tomo XVIII, 3.º da serie 5.ª (1868), pag. 30 e 31, e pag. 158 e 159, a continuação do artigo *O genio poetico de Camões*, etc. — O auctor entregou depois completo este trabalho ao editor do livro *Album de homenagens*, publicado em 1870, como adiante menciono.

Veja tambem os periodicos litterarios seguintes:

A Illustração. Jornal universal. Lisboa. Fol. 2 tomos. — No tomo I, pag 48, 66, 136, 159, 166, 167, 170, 174, 177, 186, 190, 191, 194 e 209; e no tomo II pag. 30, 40, 46, 48, 51, 52, 56, 72, 76 e 78.

O Jardim litterario. Semanario de instrucção e recreio. Lisboa, 1854.—Veja pag 16, 33, 49, 326 e 327.

O Movimento. Periodico semanal. Lisboa, 1835-1836. —Veja pag. 1, excerpto dos *Lusiadas;* de pag. 172 a 175, *Camões e Walter Scott;* e pag. 185, excerpto dos *Lusiadas* e referencias a Camões.

Universo pittoresco. Jornal de instrucção e recreio. Lisboa, 1839-1844. 4.º 3 tomos.—No tomo I, a pag. 111, 115 e 233, tem referencias a Camões, á gruta de Macau e ao *Camões* de Garrett; e no tomo II, de pag. 49 a 51, 137 a 140, referencias aos tumulos de D. Pedro e D. Ignez de Castro, em Alcobaça, e biographia de Camões.

O Pantheon. Revista de sciencias e letras. Redactores José Leite de Vasconcellos e Mont'Alverne de Sequeira. Porto, 1880-1881. 8.º gr. de 6 innumeradas-313

pag. — Alem das referencias a pag. 75, 76, 101, 170, 215 e 216, 217 a 219, 222, 228, 238 e 239 e 253, veja a pag. 41 o artigo do sr. Tito de Noronha ácerca de *Camões e as Rimas de 1607*; a pag. 210, a *Estatua de Camões*, poesia do sr. Leite de Vasconcellos: a pag. 262, bibliographia camoniana; e a pag. 286, a poesia do sr. Maximiniano Lemos.

*
* *

482-147.ª *O Diario de noticias. Proprietarios, Thomás Quintino Antunes (hoje visconde de S. Marçal), & Eduardo Coelho, redactor principal. Lisboa.* Folio.

Durante o anno de 1867 (3.º da publicação), em que occorreu a conclusão e a inauguração do monumento erigido em Lisboa ao egregio poeta Luiz de Camões, saíram n'esta popular folha numerosos artigos e noticias a este respeito. Notarei, como principaes, os seguintes:

a) *A Camões. Poesia por José Ramos Coelho.* N.º 672, de 6 de abril.

b) *Os ossos de Camões. Carta do sr. Tavares de Macedo* (conselheiro José Tavares de Macedo, auctor do relatorio ácerca da pesquiza para o descobrimento dos ossos de Camões.) N.º 814, de 28 de setembro.

c) *Os ossos de Vasco da Gama.* Copia do officio do sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, quando governador civil de Beja, em 1845, informando o governo das diligencias que fizera para a decente trasladação dos ossos do grande argonauta. N.º 816, de 1 de outubro.

d) *Programma para a inauguração do monumento a Camões* (fixada para o dia 9). N.º 819, de 4 de outubro.

e) *Lapida a collocar na casa onde falleceu Camões. Voltas de Camões, etc.* N.º 820, de 5 de outubro.

d) *Homenagem poetica a Luiz de Camões.* N.º 823, de 9 de outubro.

Esta homenagem comprehende a primeira e a segunda paginas da folha e metade da terceira. Depois do titulo commemorativo, vem aos lados de uma lyra, as seguintes declarações:

«Bizarramente coadjuvados pelos illustres poetas que n'este dia tão esplendidamente glorioso para Portugal, abrilhantam as columnas do *Diario de noticias* com suas composições poeticas expressamente elaboradas para este fim, dedicâmos o presente numero á MEMORIA DO CANTOR DAS GRANDEZAS NACIONAES.

«E aqui deixâmos publico testemunho da nossa gratidão aos nobres talentos que nos deram a subida honra de adherir ao convite que lhes endereçáramos, produzindo canticos tão manifestamente inspirados pela preciosidade do assumpto. Deve de ser grata ao publico a reapparição de alguns d'esses maiores poetas seus predilectos n'este solemnissimo dia.»

A collaboração era dos seguintes escriptores: Em verso, dos srs. A. Pereira da Cunha *(Os Lusiadas)*; Mendes Leal *(Ecce!)*; João de Lemos, F. Gomes de Amorim, Eduardo Coelho, Ernesto Marécos, Roque Barcia, J. da C. Cascaes *(Fiat lux!)*; Luis Breton y Vedra, J. C. Latino de Faria, Oliveira Vaz *(Espinhos entre as galas)*; Adriano Coelho *(Preito a Camões)*; Francisco Anon *(A Camões)*;

João de Lacerda; E. A. Vidal (*A Luiz de Camões*, copia da poesia que foi recitada no theatro de D. Maria II); e José Maria Braz Martins. Em prosa, começando na segunda pagina e passando para a terceira, artigo ácerca da vida de Camões, por F. A. Coelho.

D'estes artigos se fez, depois, um volume em separado, que menciono adiante.

e) *Inauguração solemne do monumento a Luiz de Camões, principe dos poetas portuguezes, em 9 de outubro de 1867.* Artigo de E. A. Vidal e documentos. Folhetim, poesia *A Inauguração*, por José Ramos Coelho. N.º 826, de 10 de outubro.

f) *O principe dos poetas portuguezes e uma velhinha muito de meu peito.* Folhetim por José Silvestre Ribeiro. N.º 827, de 13 de outubro.

g) *Ainda Victor Bastos e o monumento a Camões*, folhetim por P. Midosi. N.º 833, de 20 de outubro.

h) *Referencias camonianas.* N.º 821, 822 e 830, de 6, 8 e 17 de outubro.

*
* *

483-148.ª *Palmas e martyrios, poesias posthumas de J. C. Latino de Faria. Lisboa, 1868.* 8.º

Vem a pag. 80 a poesia *Á inauguração do monumento de Camões*, que fôra publicada antes no *Diario de noticias* e depois no *Livro de homenagens*.

*
* *

484-149.ª *Cantos do estio, por E. A. Vidal. Lisboa. Typographia Lisbonense, largo de S. Roque, 7. 1868.* 8.º gr. de 4 (innumeradas)-IV-249 pag. e mais 2 de indice.

Veja de pag. 55 a 57 a poesia *A Luiz de Camões* (na inauguração da sua estatua, publicada antes no *Diario de noticias*, como acima registei), e de pag. 58 a 62, a poesia *Idyllio de um rei* (D. Pedro e Ignez de Castro), com dois versos de Camões, por epigraphe.

*
* *

485-150.ª *Distracções metricas do visconde de Azevedo, por elle dedicado ao seu particular amigo o sr. José Gomes Monteiro. Porto. Typographia particular do visconde de Azevedo, 1868.* 4.º de VII-276 pag.

Este livro, como outras publicações que mandou fazer o illustre bibliophilo visconde de Azevedo, na sua typographia, não foi posto á venda. Veja nas pag. 191 e 193 as referencias a Camões; e na pag. 228 o *Soneto á memoria do grande Luiz de Camões*.

*
* *

486-151.ª *Floresta de varios romances por Theophilo Braga. Porto. Typographia da livraria nacional. Rua do Laranjal, 2 a 22. 1868.* 8.º de LIII-218 pag.

Vejam-se as pag. XI, XII, XXIX, XXXI, XXXIV, XXXV, XXXVI, 3 a 8, 54, 55, 174, 175, 177, 178 a 185 e 211. Comprehende referencias e excerptos das comedias *Philodemo e Elrei Seleuco;* trovas á morte de Ignez de Castro por Garcia de Rezende; endechas a Barbara escrava e mote com sua volta «Descalça vae para a fonte», por Camões; romances de D. Pedro I e D. Ignez, por Gabriel Lopo Laso de la Vega; dois romances anonymos, e referencias aos romances populares feitos á morte de Ignez de Castro cantados pelo povo em Coimbra.

*
* *

487-152.ª *Archivo pittoresco. Semanario illustrado. Lisboa, 1858-1868.* 4.º 11 vol. com gravuras de diversos artistas. Collaboração tambem de diversos escriptores.—Veja no *Diccionario,* tomo I, pag. 302, e tomo VIII, pag. 326.

Tem os seguintes estudos e referencias a Camões.

No volume I (1858), de pag. 17 a 19: Artigo ácerca da gruta de Camões em Macau, pelo sr. Carlos José Caldeira, com gravura da gruta.

No volume IV (1861), de pag. 169 a 172: artigo relativo aos preliminares para a historia do monumento que devia erigir-se em Lisboa á memoria de Camões, com uma gravura do projecto do monumento approvado pela commissão.

No mesmo vol., de pag. 173 a 176, 183 e 184, 191 e 192, artigo ácerca das primeiras edições dos *Lusiadas,* com o fac-simile da primeira edição existente na bibliotheca nacional de Lisboa; de pag. 175 a 176, artigo relativo á casa onde se julga que morreu e falleceu o insigne poeta, na calçada de Sant'Anna, em Lisboa, proximo do convento de Sant'Anna, onde deviam estar depositadas suas cinzas, com uma gravura, reproduzindo a mesma casa; e de pag. 189 a 190, artigo ácerca do busto de Camões para a gruta de Macau, com gravura.

No volume X (1867), de pag. 219 e 220, o auto da inauguração do monumento a Camões; e a pag. 220 e seguintes o estudo do sr. Eduardo Augusto Vidal, de que já fiz menção no começo do tomo presente, de pag. 7 a 14, quando me referi á naturalidade do egregio poeta.

*
* *

488-153.ª *O Universo illustrado. Lisboa, 1868.* Fol.

Em o n.º 6, de 20 de fevereiro, anno I, vem uma biographia de Camões, e uma poesia intitulada *Luiz de Camões,* por Diocleciano David Cesar Pinto.

*
* *

489-154.ª *Luiz de Camões. Esboço biographico, por Leite Bastos.* 8.º

Pertence a uma serie resumida de estudos biographicos dos *homens illustres*, de Portugal, que o auctor emprehendeu e não concluiu, creio que por falta de assignaturas ou de editor. A biographia de Camões é o n.º 1 da serie.

*
* *

490-155.ª *Poesias e prosas ineditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita. Com uma prefacção e notas de Camillo Castello Branco. Porto, typographia Lusitana, 1868.* 8.º de xxxviii-185 pag.

Tem referencias a Camões no prologo e pelo corpo da obra.

*
* *

491-156.ª *Vida de Luiz de Camões, extrahida da* Bibliotheca portugueza. *Lisboa, typographia franco-portugueza.* (sem data). 8.º de 15 pag. Com o retrato do poeta na capa, que serve de rosto. Custava 20 réis.

*
* *

492-157.ª *Livro de critica. Arte e litteratura portugueza d'hoje. 1868-1869. Por Luciano Cordeiro. Porto, typographia Lusitana, 1869.* 8.º de 319 pag.

Veja as pag. 142, 144, 146, 148, 155, 185 e 190, as referencias a Camões e aos *Lusiadas*, e á *Castro* de Antonio Ferreira.

*
* *

493-158.ª *Cantos populares do archipelago açoriano. Publicados e annotados por Theophilo Braga. Porto. Typographia da livraria nacional, rua do Laranjal, 2 a 22. 1869.* 8.º de xvi-478 pag.

Veja de pag. 345 a 347 o *Romance de D. Ignez de Castro;* a pag. 453, *Canção de Camões* «Irene quiero, madre, etc.» ; de pag. 456 e 457, referencias ao episodio de Ignez de Castro, citando Camões, Ferreira e Garcia de Rezende.

*
* *

494-159.ª *Album de homenagens a Luiz de Camões. Nova edição das principaes escriptos em verso e prosa publicados pela imprensa periodica por occasião de se erigir o monumento que á memoria do egregio poeta consagrou a patria reconhecida. Lisboa, Lallemant frères, typ. 6, Rua do Thesouro Velho, 6. 1870.* 8.º de 6-xv-332 pag. e mais 2 innumeradas de listas de poetas e prosadores, que

collaboraram n'este livro. Com o retrato de Camões, gravura em madeira de Pedroso. No rosto a epigraphe:

«... Um monumento mais duravel
«Do que as molles do Egypto, erguer-lhe deves...»
GARRETT — *Camões*, canto III, est. XXI.

No ante-rosto, que tem os titulos: *Á memoria de Luiz de Camões. Homenagem de varios escriptores»* foi posta a epigraphe:

Sans doute à tes accents tressaille et se ranime,
Consolé, radieux,
Le barde méconnue, d'un siècle ingrat victime,
Le grand homme vengé par tes chants glorieux.
M.elle P. DE FLAUGERGUES.

Este livro comprehende: dedicatoria a José Cardoso Vieira de Castro, deputado ás côrtes (1 pag. innumerada); proemio aos leitores, assignado pelo editor Antonio Maria de Almeida Netto, que dá a rasão por que colligiu as publicações e escriptos contidos n'este livro (pag. I a XV); introducção que contém alguns documentos relativos ao monumento a Camões (pag. 1 a 19); e as homenagens, divididas em duas partes, a primeira dos poetas, e a segunda dos prosadores (pag. 21 a 86, e 87 a 332), tendo entre uma e outra, em estampa lithographada, o monumento erigido á memoria do insigne poeta na antiga praça do Loreto (hoje praça de Luiz de Camões).

Nos collaboradores figuram, na primeira parte: D. Marianna Angelica de Andrade, Adriano Coelho, A. Pereira da Cunha, B. Limpo, E. A. Vidal, E. C. (Eduardo Coelho), Ernesto Marécos, F. Gomes de Amorim, Francisco Anon, J. C. Latino de Faria, J. da C. Cascaes, João de Lacerda, João de Lemos, José Maria Braz Martins, Lobato Pires, Luiz Breton y Vedra, Manuel Gomes de Carvalho Sousa, Mendes Leal, M. L., Oliveira Vaz, Ramos Coelho, Soares de Passos e Roque Bárcia; e na segunda parte, A. da Silva Tullio, A. Ennes, A. Osorio de Vasconcellos, correspondente do *Jornal do Porto*, E. A. Vidal, F. A. Coelho, Joaquim F. S. Firmo, José Maria Latino Coelho, José Silvestre Ribeiro, M. Pinheiro Chagas, P. Midosi, visconde de Juromenha, e os artigos principaes que os periodicos *Diario popular*, *Jornal do commercio*, *Nação* e *Tribuno popular*, consagraram á festa nacional da inauguração do monumento e em louvor do cantor dos *Lusiadas*.

Por esta indicação, vê-se que o editor reuniu, em tão notavel homenagem, os artigos que o *Diario de noticias* dera no dia da inauguração, como acima indiquei.

De pag. 210 a 263 vem o artigo completo, que o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro começára a publicar no *Panorama*, sob o titulo *Genio poetico de Camões revelado nas producções estranhas aos Lusiadas*, e que ali deixára interrompido por ter cessado a publicação d'aquelle semanario.

*
* *

495-160.ª *O Conimbricense. Coimbra.* (Redactor e proprietario, Joaquim Martins de Carvalho.)

N'esta importantissima folha, repositorio de documentos de primeira ordem

para o estudo da historia contemporanea, e indispensavel na bibliotheca do estudioso, encontram-se numerosos artigos referentes a Camões e ás suas obras. De alguns dos mais principaes, especialmente dedicados ao tricentenario do poeta, farei menção no tomo seguinte.

*
* *

496-161.ª *Fructos verdes. Contos, descripções e poesias de Francisco Xavier da Silva. Lisboa. Typographia Portugueza, travessa da Queimada, 35. 1870.* 8.º de 157 pag. e mais 2 de indice, nota e advertencia.

Veja de pag. 129 a 137: biographia de Camões e uma poesia do auctor em homenagem ao epico.

*
* *

497-162.ª *Advertencias curiosas sobre a lingua portugueza, por Antonio Francisco Barata. Coimbra, imprensa-litteraria, 1870.* 8.º de 52 pag.

Veja a pag. 18, 23, 36, 39 e 49, com referencias a Camões e versos dos *Lusiadas.*

*
* *

498-163.ª *Segundo livro de critica. Arte e litteratura portugueza d'hoje. (Livros, quadros e palcos.) Por Luciano Cordeiro. Porto. Typographia Lusitana, 84. Rua das Flores. 1871.* 8.º de XIII-342 pag. e mais 1 de errata.

Veja as pag. 5, 103 e 104, 176, 206 a 208, referencias aos *Lusiadas*, á *Castro* de Ferreira, e ao quadro de Francisco José Rezende, *Camões salvando os Lusiadas.*

*
* *

499-164.ª *Nota contendo a averiguação da data, em que chegou ao porto de Lisboa o capitão mór Vasco da Gama, no regresso da sua primeira viagem á India, apresentada á academia real das sciencias de Lisboa, pelo socio effectivo José da Silva Mendes Leal nas sessões de 15 de junho e 13 de julho de 1871. Lisboa, typographia da academia. 1871.* 4.º de 23 pag.

Este trabalho deu origem a controversia na imprensa.

*
* *

500-165.ª *Historia dos quinhentistas, por Theophilo Braga. Porto, 1871.* 8.º

O capitulo VI é dedicado a Camões, e vae de pag. 322 a 328.

*
* *

501-166.ª *J. P. de Oliveira Martins. Os Lusiadas. Ensaio sobre Camões e a sua obra, em relação á sociedade portugueza e ao movimento da Renascença. Porto. Imprensa portugueza, editora, Bomjardim, 181. 1872.* 8.° de 210 pag. e mais 1 de errata.

Este livro é dividido em cinco grandes capitulos, sob os titulos: I, Da arte (pag. 9 a 38); II, Luiz de Camões (pag. 39 a 63); III, A epocha das conquistas (pag. 65 a 104); IV, A renascença (pag. 105 a 162); V, A nação portugueza (pag. 163 a 219).

No capitulo que especialmente se dedica á analyse de Camões e das suas obras, o sr. Oliveira Martins escreve do sublime poeta:

«... epico e lyrico, tem a força dos heroes alliada á paixão dos trovadores; é digno, é grave, é forte, é ao mesmo tempo sensivel, triste, apaixonado. Assim como o seu heroismo é ideal, o seu lyrismo é constitucional. É forte em virtude de uma crença, é sensivel em virtude da sua illuminação; a força provém-lhe da rasão, o amor da intuição naturalista. N'este caracter reproduz o do povo onde nasceu, como na sua vida, nas suas desgraças repetiu a vida, as desgraças portuguezas; na sua apotheose, na sua gloria se confunde com a apotheose e com a gloria do seu paiz, que resume em si, personalisando-o.»

*
* *

502-167.ª *Camões e os Lusiadas. Ensaio historico critico-litterario por Francisco Evaristo Leoni, commendador da ordem militar de S. Bento de Aviz, general de brigada reformado, etc. Lisboa, livraria de A. M. Pereira, editor, 50, rua Augusta, 52. 1872.* 8.° grande de 315 pag. e mais 2 de indice e erratas.—No verso do rosto: «*Imprensa Sousa Neves, rua da Atalaia, 65*».

Este livro contém: introducção (pag. 5 a 77); e dois extensos capitulos ou partes, a primeira com o titulo *Camões* (pag. 80 a 171); e a segunda com o titulo *Os Lusiadas* (pag. 173 a 315). A primeira parte, que é, como se infere da designação, a biographia do poeta, mas povoada de observações criticas mui cordatas e de grande enthusiasmo pelas cousas patrias, conclue assim:

«Este homem (Camões) ... legou ... á sua patria não só riquissima herança de gloria, mas inda um tão patriotico enthusiasmo, que, fazendo-nos palpitar os corações, nos infunde n'elles os heroicos brios que serão em todo o tempo a garantia fiel da nossa independencia nacional. O conquistador que pretender subjugar a nossa querida patria, ha de primeiro rasgar, até a ultima pagina, o poema immortal dos *Lusiadas*.»

A segunda parte conclue d'este modo:

«Os *Lusiadas* estão marcados com um inimitavel cunho de grandeza e sublimidade. Contém formosas descripções, imagens e pensamentos elevados, similes frisantes, episodios terriveis, grandiosos e patheticos. Se houvermos de comparar Camões a Homero e a Virgilio, diremos que excede o primeiro tanto no pathetico, como na belleza das comparações de que o vate Meonio fez um emprego assás frequente. É inferior ao segundo na doçura e harmonia do metro; mas

igualá-o na sensibilidade profunda, e leva-lhe a palma na similhança e propriedade com que pinta os caracteres e na descripção das batalhas. Juntamente a Virgilio e Homero excede Camões nos aphorismos, nas sentenças moraes, e nas maximas philosophicas, politicas e militares.»

*
* *

503-168.ª *Viagem dos imperadores do Brazil em Portugal por J. A. Côrte Real, M. A. da Silva Rocha e A. M. Simões de Castro. Coimbra, 1872.* 8.º

Veja a pag. 193 as referencias á quinta das Lagrimas e aos episodios dos tragicos amores de D. Ignez de Castro.

*
* *

504-169.ª *Os criticos da historia da litteratura portugueza. Exame das affirmações dos srs. Oliveira Martins, Anthero do Quental e Pinheiro Chagas, por Theophilo Braga. Porto. Imprensa portugueza, editora. 1872.* 8.º gr. de VI-48 pag.

Veja a pag. 12 e seguintes o primeiro paragrapho: «O sr. Oliveira Martins e a critica dos Mosarabes no seu livro *Ensaio sobre Camões e a sua obra*».

*
* *

505-170.ª *Desenvolvimento da litteratura portugueza. These para o concurso da terceira cadeira do curso superior de letras por M. Pinheiro Chagas. Lisboa. Imprensa de J. G. de Sousa Neves. Rua da Atalaia, 1872.* 8.º gr. de 47 pag.

Veja referencias a Camões e apreciação dos *Lusiadas*, a pag. 20, 37, 43 a 47.

*
* *

506-171.ª *Os novos criticos de Camões por Theophilo Braga. (Extrahido da Bibliographia critica, tomo I, pag. 65 a 84.) Porto. Imprensa portugueza, editora. 1873.* 8.º gr. de 22 pag.

* *

507-172.ª *Panorama photographico de Portugal. Por Augusto Mendes Simões de Castro. Coimbra.*

Veja o vol. III, n.º 2 (1873), de pag. 13 a 16, *La mort d'Ines de Castro*, traducção por Sulpice Gaubier de Barrault (Lisbonne, 1772), com uma nota do erudito director e editor da publicação.

*
* *

508-173.ª *Portuguezes illustres por M. Pinheiro Chagas. Segunda edição, re-*

vista, correcta e augmentada, etc. Lisboa, livraria de A. Ferin, rua Nova do Almada, 70-74. 1873. 8.º de 6 (innumeradas)-179 pag. e mais 2 de indice.

Vem de pag. 36 a 38 a biographia de D. Vasco da Gama; e de pag. 68 a 70 a de Camões.

*
* *

509-174.ª *Seculo XVI. Historia de Camões por Theophilo Braga. Porto, imprensa portugueza, editora, 1873.* 8.º 3 tomos, em duas partes de VIII-441 pag. e 1 de indice, e 592 pag.— A numeração da parte II é seguida de um para o outro tomo.

A parte primeira comprehende: *Vida de Luiz de Camões*, e a segunda: *A escola de Camões.*

A impressão d'esta obra, começada em 1873, só veiu a concluir-se em 1875, conforme a indicação do impressor editor no fim do tomo III.

*
* *

510-175.ª *Cantos matutinos por Francisco Gomes de Amorim. Terceira edição. Porto, typographia de Bartholomeu H. de Moraes. 50. Rua da Picaria, 1874.* 8.º de 430 pag.

Veja na pag. 164 e seguintes a poesia *O Jau.*

*
* *

511-176.ª *Bibliotheca de algibeira. Noites de insomnia offerecidas a quem não póde dormir, por Camillo Castello Branco. Publicação mensal. Porto, 1874.* 8.º pequeno.

Em o n.º 3 de março, de pag. 14 a 26, vem um artigo intitulado: « *Em que veias gira o sangue de Camões?* » em que o auctor nota algumas contradicções e equivocos da *Historia de Camões* pelo sr. Theophilo Braga.

*
* *

512-177.ª *Manual da historia da litteratura portugueza, etc. Por Theophilo Braga. Porto. 1875.* 8.º — Referencias camonianas a pag. 70, 203, 215, 245 e 287 a 307.

*
* *

513-178.ª *Antonio Ferreira Poeta quinhentista. Estudos biographicos litterarios por Julio de Castilho. Rio de Janeiro, livraria de B. L. Garnier, editor; Pa-*

ris, E. Belhate. 1875. 8.º grande. 3 tomos de 267 pag., 293 pag. e 224 pag. e mais 1 de indice. — Pertence á collecção *Livraria classica, excerptos dos principaes auctores de boa nota,* etc., e ahi comprehende os tomos XI, XII e XIII.

Alem de outras referencias camonianas, é interessante e conveniente ler-se no tomo I o capitulo XX intitulado: « *Rixas litterarias, Ferreira e Camões. Camões e os contemporaneos* », de pag. 113 a 123.

Depois de ter no capitulo antecedente, *Os amigos de Ferreira,* de pag. 86 a 113, demonstrado a roda em que vivêra Ferreira e com quem convivêra mais intimamente, quiz provar que não andavam bem avisados, como parecia a alguns biographos, os que viam no auctor dos *Poemas lusitanos* um dos maiores inimigos, invejosos e detractores de Camões; cita o nobre visconde de Juromenha nas apreciações que faz a este respeito, e affirma, no seu entender, a injustiça de tal critica. O sr. Castilho (hoje o segundo visconde de Castilho), fecha o capitulo com estas palavras:

«... estabeleçâmos como ponto incontroverso (e é o essencial), que se o nosso Ferreira ouviu fallar, por acaso, de Camões, muito longe será isso; e que do grande Camões dos *Lusiadas* não poderia elle ter noticia, pois tinha fallecido antes de publicado o livro, e antes mesmo da chegada do poeta.»

*
* *

514-179.ª *A censura dos livros em Portugal, polemica litteraria, pelo professor Pereira Caldas, Braga, 1875.* (Veja no *Dicc.,* tomo XIII, pag. 44, n.º 9312.)

*
* *

515-180.ª *Curso de litteratura portugueza por José Maria de Andrade Ferreira. Lisboa. Livraria editora de Mattos Moreira & C.ª Praça de D. Pedro, 1876.* 8.º Tomo I de 4 (innumeradas)-380 pag. — Continuação e complemento do *Curso,* ou tomo II, por Camillo Castello Branco. Ibi, na mesma livraria. 1876. 8.º de 354 pag. e mais 11 de indice e erratas.

Veja no tomo I as pag. 183, 213, 242, 243, 254, 349, 352, 355 a 358, 370 a 376; no tomo II as pag. 8, 21, 25 a 27, 29 a 34, 37, 40 a 42, 55, 72, 216, 219, 248, 260, 269 a 271, 273, 279, 280, 302 a 305. Contém referencias a Camões e a Ignez de Castro, e ás tragedias de Ferreira, J. B. Gomes e Quita; ao *Camões* de Garrett, e excerptos das obras de Camões.

*
* *

516-181.ª *Antologia portugueza, etc. Por Theophilo Braga. Porto, 1876.* 8.º

Tem referencias camonianas nas pag. 199, 208 a 212; e de pag. 220 a 223 reproduz o *Episodio de Ignez de Castro.*

*
* *

517-182.ª *Miscellanea historico-biographica, extrahida de uma infinidade de obras antigas e modernas, etc. Pelo professor e agrimensor Theodoro José da Silva. Lisboa, imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1877.* 8.º de XVI-346 pag.

Veja a pag. 79, 121 e 182, as biographias de Camões, Ignez de Castro e Vasco da Gama.

*
* *

518-183.ª *Folhas sem flores. Novas poesias por Ernesto Marécos. Lisboa. Livraria de Augusto Ernesto Barata, 192. Rua de S. Paulo. 194. 1878.* 8.º grande de 320 pag.

Veja-se nas paginas 153 e 154 a poesia *Na inauguração da estatua erigida a Luiz de Camões.*

*
* *

519-184.ª *Duas lendas patrias: a apparição de Ourique e as côrtes de Lamego, por Pereira Caldas. Braga, typographia Lusitana, 1878.* 8.º de 13 pag.

Na pag. 8 vem uma estrophe dos *Lusiadas.*

*
* *

520-185.ª *Os brazões portuguezes (jornal heraldico) por A. M. Seabra de Albuquerque. Coimbra, na imprensa da universidade. 1879.*

Veja o n.º 3, de pag. 19 a 30, que contém o *Brazão do appellido de Camões,* encimado pela data do tricentenario.

*
* *

521-186.ª *Cancioneiro alegre de poetas portuguezes e brazileiros. Commentado por Camillo Castello Branco. Porto, typographia de A. J. da Silva Teixeira. 1879.* 8.º de XIX-550 pag.—No mesmo volume: *Os criticos do Cancioneiro alegre por C. Castello Branco.* Ibi, na mesma typographia, 1879. 8.º de IX-51 pag. e mais 4 innumeradas.

Veja no *Cancioneiro,* de pag. 219 a 225, o capitulo que se refere aos amores de Camões, e no qual o auctor pretende demonstrar que o poeta amou muito.

*
* *

522-187.ª *Noções elementares de poetica, etc., por Arsenio Augusto Torres de Mascarenhas. Lisboa, livraria Rodrigues, 1879.* 8.º grande de 144 pag.

Referencias a Camões a pag. 40, 43, 129, 140, 141 e outras. De pag. 113 a 117 reproduz o *Episodio de Ignez de Castro.*

*
* *

523-188.ª *G. de la Landelle. A velhice de Camões. Traducção de J. L. Rodrigues Trigueiros. Segunda edição. Lisboa, Francisco Arthur da Silva, editor, rua dos Douradores, 72. 1880.* 8.º 2 tomos de 181 pag. e 1 de indice, e 184 pag. e 1 de indice.

Pertence á collecção de romances que o sr. Trigueiros traduziu para a sua *Bibliotheca romantica.*

*
* *

524-189.ª *Cancioneiro portuguez. Collecção de poesias ineditas dos principaes poetas portuguezes. Publicado por Joaquim José Leite de Vasconcellos e Ernesto Pires. Primeiro anno* (e unico). *Porto, typographia Occidental, 1880.* 8.º grande de 158 pag. e mais 1 de errata.

Veja a pag. 4, *Estancias a uma joven de Byron, acompanhando as Rimas de Camões, traducção de Theophilo Braga;* a pag. 129, *Acrostico de Caterina, inedito, de Luiz de Camões;* a pag. 140, *Camões, soneto de Eduardo da Costa Macedo;* a pag. 145, *O pranto de Camões por Ernesto Pires;* a pag. 154 e 155, nota ao acrostico de pag. 129; a pag. 155, traducção em catalão da poesia de Ernesto Pires publicada a pag. 145.

*
* *

525-190.ª *Ensaio de estudos praticos de litteratura, por José Silvestre Ribeiro. Lisboa. Imprensa de J. G. de Sousa Neves. 1880.* 8.º de VII-292 pag. e mais 1 de errata.

Referencias a Camões nas pag. 104, 110, 111, 123 a 127, 216 a 219, 242 252, 257, 258, 259, 260, 262, 270 a 272 e 276.

*
* *

526-191.ª *Annuario da sociedade nacional camoniana. Primeiro anno. 1881. Porto, sociedade nacional camoniana, editora. 1881.* 8.º grande de 317 pag. e mais 2 de indice e aviso da direcção da sociedade.

No verso do rosto a indicação: «*Porto, typographia occidental, rua da Fabrica, 66*». E a declaração, conforme o artigo 4.º dos estatutos da sociedade: «*Os volumes exhaustos do Annuario não serão reimpressos*».

A impressão é nitida, com caracteres elzeverianos, e em papel de linho.

O volume contém: noticia preliminar da fundação da sociedade nacional camoniana, resumo da sua inauguração de accordo com a camara municipal do

Porto, discurso do presidente da sociedade, menção de outros discursos e da festa commemorativa do bi-centenario de Calderon (pag. 5 a 19); poesia *Preito a Camões*, pelo sr. Antonio Moreira Cabral (pag. 20 e 21); *Camões*, rimas de 1607, pelo sr. Tito de Noronha (pag. 22 a 24): traducção em arabe de algumas estrophes dos *Lusiadas*, pelo sr. J. Pereira Leite Netto (pag. 25 a 39); menção de um raro folheto camoniano, paraphrase do psalmo CXXXVI, feito por Camões e impresso na Allemanha (pag. 40); sessão solemne para commemorar o bi-centenario de Calderon, discursos do sr. D. Eduardo Blanco y Cruz; poesia do sr. José Pereira Leite Netto; poesia do sr. Alvaro de Paiva de Faria Leite Brandão; discurso do sr. conde de Samodães (pag. 41 a 108); a marinha portugueza na era das conquistas, pelo sr. Oliveira Martins (pag. 109 a 127); poesia a Camões pelo sr. Ernesto A. A. Vianna (pag. 128 a 132); a primeira producção poetica de Camões que foi impressa, pelo sr. Tito de Noronha, com *fac-simile* da ode que acompanha o livro *Coloquios* de Garcia da Orta (pag. 133 a 142); bibliographia camoniana, catalogo da camoniana pertencente ao sr. Fernando Palha (pag. 143 a 175); discurso apologetico sobre a visão do Indo e Ganges, por João Franco Barreto, inedita (pag. 176 a 220); William Storck, apreciação critica de suas obras pelo sr. conde de Samodães (pag. 221 a 305); *Surrexit*, poesia pelo sr. Thomás Ribeiro (pag. 306 a 312); lista dos socios da sociedade nacional camoniana (pag. 313 a 317); indice e aviso (2 pag. innumeradas).

*
* *

527-192.ª *Glosa da estrophe «Estavas linda Ignez posta em socego» de Camões por Antonio da Fonseca e Amaral. Evora, typographia Minerva de A. F. Barata. 1881.* 8.º de 14 pag. innumeradas.

É dedicado pelo editor A. F. Barata ao sr. José do Canto, da ilha de S. Miguel, como distinctissimo colleccionador de edições de Camões. Na advertencia preliminar se declara que esta glosa é copia de um codice, até então inedito, existente na biliotheca de Evora, e supposto escripta no seculo XVII.

*
* *

528-193.ª *Glosa de Bernardo Vieira Ravasco, irmão mais novo do padre Antonio Vieira, ao soneto de Camões* — «Horas breves de meu contentamento». *Com anteloquio do professor decano do lyceu bracarense Pereira Caldas. Braga. Typographia de Gouveia. 1881.* 8.º grande de 14 pag.—Tiragem de 30 exemplares não postos á venda.

Este folheto teve segunda edição. Ibi, na mesma typographia. 1884. 8.º grande de 14 pag.—Tiragem igual.

*
* *

529-194.ª *Historia da litteratura, etc. Por Delfim Maria de Oliveira Maia. Porto, typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1884.* 8.º de 369 pag. e mais 1 de erratas.

Veja as pag. 168, 257, 260, 261, 265, 269, 315, 341, 342 e 344, referencias a Camões e ao seu poema, e ás tragedias de Gomes, Ferreira, Quita, etc.

*
* *

530-195.ª *Grutas e cavernas por Adolpho Badin. Versão de João de Oliveira Ramos. Porto. Magalhães & Moniz, editores. Imprensa Commercial, rua dos Lavadouros, 16.* Sem data. 8.º de 367 pag.

Veja as pag. 158 e 159, que contém o artigo «*A gruta de Camões em Macau*», com um desenho da gruta.

*
* *

531-196.ª *Novo almanach de lembranças para 1882. Trigesimo segundo anno da collecção. Por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Lisboa, 1881.* 16.º

Contém uma secção camoniana, de pag. 270 a 287.

*
* *

532-197.ª *Novo almanach de lembranças para 1883. Trigesimo terceiro anno da collecção, etc. Lisboa, 1882.* 16.º

A pag. 159 vem um soneto a Camões.

*
* *

533-198.ª *Novo almanach de lembranças para 1887. Trigesimo setimo anno da collecção,* etc. *Lisboa. Livraria de Antonio Maria Pereira. 1886.* 16.º

A pag. 459 traz um artigo a respeito da gruta de Camões em Macau, acompanhado de uma gravura.

*
* *

534-199.ª *Novo almanach de lembranças para 1888. Trigesimo oitavo anno da collecção,* etc. *Lisboa. Livraria de Antonio Maria Pereira, 1887.* 16.º

A pag. 145 vem uma poesia do sr. Candido de Figueiredo, copiada do seu livro *Nictaginias,* com um retrato de Camões.

Outros almanachs d'esta interessante collecção têem referencias ou citações camonianas, como no *Supplemento do Almanach em 1887,* pag. 164, mas omittimol-as para não alongar mais esta secção.

*
* *

535-200.ª *Bosquejo historico de litteratura classica, grega, latina e portugueza,*

etc. Por A. Cardoso Borges de Figueiredo. 6.ª edição. Lisboa, livraria Ferreira, 1882. 8.º de XIV-1-217 pag.

Trata de Camões a pag. 176 e 177.

*
* *

536-201.ª *Camoniana. Luiz de Camões em Evora no anno de 1576 com algumas annotações por A. F. Barata. Evora, typographia Minerva, 1882.* 4.º menor de 7 pag.

N'este folheto publica o indefesso investigador o sr. Barata, a quem devo muitas informações para esta obra, um documento interessante e inteiramente desconhecido e inedito á epocha da publicação. É a certidão de um casamento celebrado em Evora a 6 de maio de 1576, no qual figura entre os padrinhos um *luis de Camões*.

Não obstante as eruditas considerações de que o sr. Barata acompanha esta noticia, tenho duvida em acreditar a presença do egregio poeta n'aquella cidade. Attendendo a que era, n'essa epocha, mui numerosa a familia dos Camões, de Evora, de que ainda existem representantes, conjecturo, emquanto não appareçam provas incontestaveis em contrario, que a testemunha que figurou na ceremonia do consorcio de Pero Gomes era qualquer vergontea de Vaz de Camões. Esta confusão de nomes não deu já origem a que os mais atilados biographos não suppozessem e affirmassem que o fidalgo Simão Vaz de Camões, almotacé em Coimbra, e ahi um estroina de primeira linha, era o pae do poeta?

*
* *

537-202.ª *Annuario para o estudo das tradições populares portuguezas, dirigido por J. Leite de Vasconcellos. 1.º anno. 1883. Porto. Livraria portuense de Clavel & C.ª Editores, 119, rua do Almada, 123. 1882.* 8.º grande de 96 pag.

De pag. 56 a 60 vem: *Os Lusiadas de Camões e as tradições populares portuguezas.*

*
* *

538-203.ª *Concordantur præcipua loca inter Virgilium et Camonium. Evora. Typographia Minerva. 1882.* 8.º de 8 innumeradas-47 pag.

É obra de um erudito do seculo XVI encontrada na bibliotheca de Evora, e publicada por A. F. Barata, com uma carta e prefacio pelo editor.

*
* *

539-204.ª *Narcoticos por Camillo Castello Branco. Porto. Imprensa Internacional. 1882.* 8.º 2 tomos de 299 pag. e 1 de indice, e 355 pag. e 2 de indice.

No tomo I, de pag. 295 a 299, vem o artigo *Camões e os sapateiros.*

*
* *

540-205.ª *Novos horisontes. Por Christovão Ayres.* (1875-1880). *Lisboa, Livraria editora de Henrique Zeferino, 1882.* 8.° de 199 pag.

Contém uma poesia consagrada a Camões, sob o titulo *Vozes do poeta,* e dedicada ao sr. Theophilo Braga, a pag. 145 e 146.

*
* *

541-206.ª *Camões, Portugal e Brazil. Conferencia de Jayme Victor no Rio de Janeiro em 1883.*

Veja o folhetim do *Diario de Noticias,* de Lisboa, n.° 6:502 de 2 de março de 1884; e algumas folhas do Rio de Janeiro, publicadas depois de realisada a conferencia.

*
* *

542-207.ª *Reflexos. Poesia e prosa varia.* (Original e traduzido.) *Por Luiz da Costa. Lisboa, typographia universal, 1883.* 8.° de XVIII-148 pag. e 2 de indice.

Contém um artigo intitulado *O Oriente e Camões,* de pag. 71 a 80.

*
* *

543-208.ª *Soneto de Frei Thomás Aranha com versos de Camões feito na acclamação de D. João IV, publicado por Antonio Francisco Barata. Evora, typographia Minerva, 1883.* 4.° pequeno de 8 pag.

Contém uma breve noticia biographica de fr. Thomás Aranha (pag. 3 a 5): e depois o soneto, copiado de um rarissimo opusculo, de que são conhecidos muito poucos exemplares.

*
* *

544-209.ª *Nictaginias. Por Candido de Figueiredo. Lisboa, livraria Ferreira, 1883.* 8.° de 144 pag. e 1 de indice.

Traz uma poesia *Visão,* dedicada a Camões, de pag. 15 a 16.

*
* *

545-210.ª *A lyra de Camões por Ariosto Machado. Barcellos. Typographia do Tirocinio. 1883.* 8.° de 8 pag.—*Ibidem. Porto. Imprensa Portugueza, 1883.* 8.° de 8 pag.

*
* *

546-211.ª *Revérberos do Poente por D. M. Angelica de Andrade. Publicação posthuma, prefaciada por Francisco Gomes de Amorim. Porto. Editor, Joaquim Antunes Leitão. 1883.* 8.º de XVI-124 pag. e mais 2 de indice.

Veja a pag. XII, 70 e 82, referencias a Camões; e nas pag. 99 e 100 a poesia *A Camões.*

*
* *

547-212.ª *A nobre desaffronta da honra e dignidade da nação portugueza perante o torpe insulto de um deputado do parlamento britannico. Lisboa. Imprensa Nacional. 1883.* 8.º peq. de 16 pag.

Este folheto foi mandado imprimir pela associação typographica lisbonense, para poder ser feita uma reducção heliographica que coubesse no cofresinho do annel de oiro, que a mesma associação offereceu então ao sr. Quillinan. A tiragem foi muito limitada. Tem referencias a Camões.

*
* *

548-213.ª *Auroras da instrucção pela iniciativa particular, por D. Antonio da Costa. Lisboa, imprensa nacional. 1884.* 8.º de 446 pag.

Contém um capitulo em homenagem a Camões, de pag. 368 a 376.

*
* *

549-214.ª *Resumo historico ácerca da antiga India portugueza. Acompanhado de algumas reflexões concernentes ao que ainda possuimos na Asia, Oceania, China e Africa, com um appendice, por Sebastião José Pedroso. Lisboa, typographia de Castro Irmão, 1884.* 8.º grande de 482 pag. e 1 de errata.

Contém numerosas referencias a Camões, citando trechos dos *Lusiadas.*

O auctor d'esta obra publicára em 1880, pela imprensa da academia real das sciencias de Lisboa, a primeira edição sob o titulo *India portugueza,* do qual foram distribuidos muito poucos exemplares, mandando em seguida inutilisar os restantes. Tornou-se por isso rara.

*
* *

550-215.ª *Poesias selectas, para leitura, recitação e analyse dos poetas portuguezas ... Por Henrique Midosi, etc. Lisboa, imprensa nacional, 1884.* 8.º de 320 pag.

Este livro está já na *decima quarta edição.* Transcreve alguns trechos dos

Lusiadas: cantos III, IV, V, VI e X de pag. 29 a 49, 66 a 78, de 130 a 133; e de outras composições, elegias, de pag. 147 a 149; sonetos, de pag. 160 e 161; piscatoria, de pag. 244 a 246.

*
* *

551-216.ª *Miragens seculares por Theophilo Braga. Lisboa, 1884.* 8.º

Contém uma poesia. *O poema de Camões*, de pag. 137 a 142.

*
* *

552-217.ª *A patria. A Luiz Quillinan. Porto. Typographia Occidental, 1884.* 8.º grande de XVIII-2-(innumeradas)-508 pag. Com o retrato de Quillinan.

Veja nas pag. XI, XIV e XV, 26, 59, 77, 89, 93, 122, 123, 127, 148, 169, 180, 201, 211, 213, 226, 238, 250, 251, 254, 255, 260, 262, 291, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 326, 334, 339, 379, 395, 400, 403, 418, 475, 491, 495, 497 e 500, referencias a Camões e aos *Lusiadas*, excerptos d'este poema, e o artigo *Centão camoniano dos Lusiadas* pelo sr. Pereira Caldas.

*
* *

553-218.ª *Imitação do soneto de Camões* «Sete annos de pastor Jacob servia» *com os mesmos consoantes: por João Cardoso da Costa*, etc. *na Musa pueril em 1736. Braga. Typographia de Bernardo A. de Sá Pereira. 1884.* 4.º de 4 pag.

Teve esta publicação tiragem limitada em cartão de quatro côres, e em papel de dezeseis côres, sendo em cada especie numerados e timbrados todos os exemplares.

*
* *

554-219.ª *Revista africana. Publicação mensal. Director, J. F. da Silva Campos Oliveira. Moçambique. Primeiro anno, n.º 2 (1 de novembro de 1885).* 4.º de 8 pag.

O artigo principal é dedicado a Camões, com o retrato do poeta, gravura em madeira.

*
* *

555-220.ª *Gazeta da relação* (Açores). *Anno de 1885.* Folio.

Em o n.º 2:752, de 5 de novembro, começou o sr. bacharel José Affonso Botelho de Andrade a publicação de um interessantissimo estudo, sob o titulo *Aparas camonianas*. Tem continuação em numeros subsequentes. Ficará de certo interrompido este trabalho, porque o auctor, de grande perseverança no estudo e enthusiasta camonianista, não o tinha ainda completo quando falleceu este anno (1887).

*
* *

556-221.ª *Camoniana. Por Joaquim de Lemos. Porto, imprensa moderna. 1885.* 8.º de 16 pag. e 1 de indice.

D'este folheto apenas se fez tiragem de 32 exemplares. Possuo o n.º 6, por benevolencia do auctor e lembrança do sr. Joaquim de Araujo.

*
* *

557-222.ª *Curso da historia da litteratura portugueza adequada ás aulas de instrucção secundaria, por Theophilo Braga. Lisboa, em a nova livraria internacional, editora; typographia de A. J. da Silva Teixeira. Porto, 1885.* 8.º grande de 411 pag.

Refere-se a Camões, ou trata mais extensamente do egregio poeta, a pag. 39, 41, 42, 59, 127, 225, 264 a 270, 274 a 277, 286 e 295.

*
* *

558-223.ª *Projecto do tumulo de Camões, pelo professor da escola de bellas artes de Lisboa, Alberto Nunes.*

Veja a controversia a este respeito no *Commercio de Portugal* e nas *Novidades*, em agosto de 1885.

*
* *

559-224.ª *Académie Mont-Réal de Toulouse. 9e concours.*

Veja o programma d'esta academia, em que se estabelece, entre as outras theses historicas e litterarias, o *Elogio de Luiz de Camões*, escripto até duzentas linhas; e o boletim, ou acta, correspondente a esse concurso.

*
* *

560-225.ª *Compendio de poetica portugueza por José Simões Dias, etc. Vizeu, Livraria Academica (editora), de José Maria de Almeida. 1885.* 8.º de 136 pag. e mais 4 de indice.

Tem este livrinho duas edições. Na segunda que menciono, é citado Camões a pag. 23, 24, 25, 28, 31, 33, 34 e outras. Copía um trecho dos *Lusiadas*, canto I, de pag. 53 a 61.

*
* *

561-226.ª *Curso elementar de litteratura portugueza por José Simões Dias, etc. Coimbra, imprensa litteraria, 1885.* 8.º de VIII-232 pag.

Este livro está na *quinta edição*. É a que tenho presente. Trata de Camões e das suas obras a pag. 39 e de pag. 167 a 171.

*
* *

562-227.ª *Balladas do Occidente, por José Leite de Vasconcellos. Porto. Typographia de A. J. da Silva Teixeira. 1885.* 8.º de VIII-342 pag. e mais 1 de errata.

Veja a pag. 210, *No Rio Me-Kong;* pag. 211 e 212, *A morte de Nathercia;* de pag. 234 a 237, *A estatua de Camões;* de pag. 238 a 240, *Á Galliza;* e a pag. 331 e 334, referencias a estas poesias e a Camões.

*
* *

563-228.ª *Portugal na epocha de D. João V, por Manuel Bernardes Branco. Lisboa. Livraria de Antonio Maria Pereira, editor, rua Augusta, 50-52. 1885.* 8.º de VIII-279 pag.

Tem referencia á pobreza de Camões na pag. 124; e de pag. 207 a 221 indicação e extracto de obras, nas quaes o egregio poeta foi citado, imitado ou paraphraseado.

D'esta obra existem duas edições, pelo mesmo editor, impressa uma com pouca differença da outra.

*
* *

564-229.ª *Poesias de Francisco de Sá de Miranda. Edição feita sobre cinco manuscriptos ineditos e todas as edições impressas: acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossario e um retrato por Carolina Michaelis de Vasconcellos. Halle. Max Niemeyer. 1885.* 8.º grande de 16-CXXXVI-949 pag. Com um mappa genealogico do poeta.— Foi impresso na typographia de Ehrhardt Karras.

Tem referencias a Camões a pag. III, XIV, XXXI, XXXIII a XXXVI, LVI a LVIII, LXI, LXII, LXVI, LXXVIII, LXXXVII, XCVII a XCIX, CVIII, CXV, CXVI, CXVIII, CXXV, CXXVIII, CXXIX, 739, 740, 746, 748, 752 a 754, 756 a 759, 763, 770, 776, 792, 801, 803, 818, 823, 826, 827, 832, 834, 843, 854, 856, 857, 859, 862, 864,867 a 870, 872, 873, 881 e 884.

*
* *

565-230.ª *O povo açoriano. Ponta Delgada. Primeiro anno.* Folio.

Em o n.º 11 de 10 de junho de 1886, terceira pagina, traz um artigo *Dois heroes*, do sr. Caetano de Andrade e Albuquerque, commemorativo de Camões Vasco da Gama.

*
* *

566-231.ª *Selecta nacional. Curso pratico de litteratura portugueza por F. Julio Caldas Aulete, etc. Terceira parte. Poesia. Lisboa, livraria de Antonio Maria Pereira, editor, 1886.* 8.º de 416-VIII pag.

Tem duas edições. Cita Camões a pag. 92, 93, 101, 107, 111, 121, 128, 133, 152, 159, 161, 167, 169, 216, 317 e 366. Nove d'estes trechos são extrahidos dos *Lusiadas*, e os restantes das diversas composições do sublime poeta.

*
* *

567-232.ª *Almanach do Diario de noticias para 1886. Primeiro anno. Lisboa, typographia universal.* 8.º

Contém uma secção especialmente camoniana.

*
* *

568-233.ª *Bohemia do espirito por Camillo Castello Branco. Porto, livraria Civilisação, 4, rua de Santo Ildefonso, 6. 1886.* 8.º grande de 454 pag. e 1 de declaração. Com o retrato do auctor em phototypia.

É dividido este livro em cinco partes distinctas, a que o afamado e erudito auctor deu os titulos: *Impressionismo, Esboços de perfis litterarios, Sebenta, Bollas e bullas, Kermesses e centenarios*, e *Modelo de polemica portugueza.* Na primeira parte vem o capitulo: *Luiz de Camões* (de pag. 169 a 202), em que o sr. Camillo Castello Branco discorre ácerca dos amores do egregio poeta com uma D. Catharina de Athaide e de outros pontos obscuros da sua biographia, aclarando alguns, ao que se me afigurou, com elevado criterio; e destruindo affirmações que, no seu entender, são insustentaveis á luz da mais serena e desapaixonada critica. Este capitulo é, com pequenas variantes, o trecho, já citado, que figurou sob a denominação de *Estudo sobre Camões, notas biographicas*, na setima edição do poema *Camões, de Garrett*, feita no Porto em 1880.

Referindo-se á familia de Camões existente em Coimbra, e ao equivoco de paternidade, em que incorreram alguns biographos, aliás de aturada e louvavel investigação, escreve o seguinte (pag. 180):

«...é necessario expungir da biographia de Luiz de Camões um *Simão Vaz*, residente em Coimbra, primo do poeta, que o sr. visconde de Juromenha, por um mero equivoco de homonymia reputou pae de Luiz, descurando as inducções da chronologia e todas as provas moraes que impugnam similhante parentesco.

«Das poesias de Camões nada se deprehende quanto aos seus progenitores. Em toda a obra poetica e variadissima do grande cantor não transluz frouxo sentimento filial, nem um verso referente ao pae. Em todos os seus poemas, escriptos na Africa e Asia, na juventude e na velhice, não ha uma nota maviosa de saudade da mãe...»

Este paragrapho combinado com os documentos, que deixei no tomo pre-

sente (de pag. 18 a 21), dá-lhes, emquanto a mim, maior importancia e affirma a necessidade de nova e mais pausada averiguação sobre a vida do poeta.

Na pag. 184 o sr. Camillo Castello Branco (visconde de Correia Botelho) acrescenta: «Façanhas de Camões não sei decifral-as nos seus poemas: elles — os poemas — só por si sobejam na sua tristeza como acções gloriosissimas».

Referindo-se á tença (pag. 194 e 195): «A tença dos 15$000 réis, o apregoado escandalo da sovinaria dos ministros, não era, n'aquelle tempo, a miseria que se nos cá figura ... Diogo Botelho, tão celebrado em Africa e Asia, recebia 12$000 réis de tença. Luiz de Camões não se julgaria desdourado com os 15$000 réis, nem essas hypotheses de fomes, frios e mendicidades que se encarecem deve acceital-as a critica desligada de velhos preconceitos. Eu creio tanto na mendicidade de Homero como nos peditorios nocturnos de esmola de Antonio de Java, para sustentar Camões». A pag. 202, no termo do artigo: «... nenhum homem como elle (Camões) póde redimir-se de suas fragilidades, divinisando os erros da imprudencia, fazendo-se amar nos extravios, e immortalisando-se no livro que, ao fechar de tres seculos, alvoroça uma nação».

*
* *

569-234.ª *Coimbra antiga e moderna por A. C. Borges de Figueiredo, etc. Lisboa, livraria Ferreira, 132, rua Aurea. 1886.* 8.º grande de 387 pag. com 3 estampas.

Tem varias referencias a Camões, e especialmente de pag. 102 a 106 (em que trata da fonte das Lagrimas e de D. Ignez de Castro), 216 e 217 (em que dá uma nota biographica do poeta, e em que menciona os factos da vida escandalosa de Simão Vaz de Camões, que não era o pae de Luiz de Camões). Os documentos relativos a Simão Vaz já os deixei transcriptos no logar competente, ao começar o tomo XIV d'este *Dicc.* de 1885 para 1886. Registo esta data para que se saiba que eu desde muito possuia esses papeis.

*
* *

570-335.ª *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal. Por José Silvestre Ribeiro. Lisboa, 1871-1887.* 8.º grande.

Tem diversas referencias a Camões. A mais notavel é aquella em que o auctor, no tomo II, transcreve as cartas da viuva do morgado de Matteus ácerca da sua edição monumental dos *Lusiadas*. Estes documentos ficam transcriptos no tomo presente, de pag. 135 a 136

*
* *

571-236.ª *Selecta portugueza, compilada, annotada e com referencias numerosas á* «Grammatica portugueza do sr. A. Epiphanio da Silva Dias» *por Luiz Filippe Leite e Bernardo Valentim Moreira de Sá,* etc. *Segunda edição, refundida e augmentada. Lisboa. A. Ferreira Machado & C.ª Editores. 1886.* 8.º de x-489 pag.

Veja as pag. x, 159, 216 a 218, 283 e 284, 325 e 326, 341, 345 a 347, 370

a 372, 425 a 427, 429 a 432, 438 a 439, 441 a 445. 449 a 451, 456 a 458, 462 a 468, 472 a 476, 480 a 482, que contém excerptos dos *Lusiadas*, duas canções, um soneto e uma elegia de Camões, um soneto de Bocage a Camões, excerpto do *Camões* de Garrett, e referencias a Camões.

*

* *

572-237.ª *Alma minha gentil... Sonetos camonianos por Alfredo Campos. Com uma carta prefacio do ... visconde de Correia Botelho* (Camillo Castello Branco). *Edição do auctor. 1886. Porto, imprensa Moderna.* 8.º de 46.pag. e mais 2 de indice.

*

* *

573-238.ª *Camões, poema. Paris, na livraria nacional estrangeira, rua Mignon, n,º 2, faubourg Saint Germain. 1825.* 12.º de VII-2-216 pag. e mais 1 de errata.— No verso do ante rosto: *Imprimerie de J. Mac-Carthy, rue des Petites-Ecuries, n.º 47.*

É a primeira edição anonyma do afamado poema de Almeida Garrett. Tem dedicatoria *Ao seu amigo M.* As notas vão de pag. 195 a 216.

*

* *

574-239.ª *Camões por J. B. de Almeida Garrett. Segunda edição. Lisboa, typographia de José Baptista Morando, 1839.* 8.º de XI-307 pag.

*

* *

575-240.ª *Camões, poema dedicado á ill.ᵐᵃ sr.ª D. Ignacia Maria de Carvalho Lima. Bahia, reimpresso na typographia de M. A. da S. Serva, 1839.* 8.º

Tem uma dedicatoria em verso e outra em prosa, por M. A. da S. Serva. Diante d'este registo, julgar-se-ha que na Bahia, por uma singularissima coincidencia, foi impresso outro poema igual ao que apparecêra anonymo em París annos antes, e no mesmo anno 1839 em Lisboa já com o nome do illustre restaurador do theatro portuguez. Engano. A reimpressão na Bahia não passou tambem de uma singularissima contrafeição! É mui rara em Portugal.

*

* *

576-241.ª *Camões por J. B. de Almeida Garrett. Terceira edição. Lisboa, imprensa nacional, 1844.* 8.º de XVII-291 pag.

*

* *

577-242.ª *Camões pelo visconde de Almeida Garrett. Quarta edição. Lisboa em*

casa da viuva Bertrand e Filhos, 1854. 8.º de XIX–291 pag. e 1 de indice.—No verso do ante-rosto : *Na imprensa Nacional.*

*
* *

578–243.ª *Camões pelo visconde de Almeida Garrett. Quinta edição. Lisboa na casa da viuva Bertrand e Filhos. 1858.* 8.º de XIX–291 pag. e 1 de indice.—No verso do ante-rosto : *Na imprensa nacional.*

*
* *

579–244.ª *Camões pelo visconde de Almeida Garrett. Sexta edição. Lisboa, em casa da viuva Bertrand e Filhos. 1863.* 8.º pequeno de XXI–271 pag. e 1 de indice.

Esta edição contém a advertencia preambular nas edições : primeira de 1825, segunda de 1839, terceira de 1844, e quarta de 1854 (pag. V a XVI) ; a poesia de mademoiselle de Flaugergues, em louvor do auctor do poema *Camões,* traduzido por José Maria do Amaral, em 1842 (pag. XVII a XXI) ; o poema (pag. 1 a 186) ; e as notas (pag. 187 a 271). São interessantes estas notas. A nota D, do canto VII, comprehende uma breve resenha das traducções das obras de Camões.

*
* *

580–245.ª *J. B. de Almeida Garrett. Camoens. Poëme traduit du portugais avec une introduction et des notes par Henri Faure docteur ès lettres, membre de l'Institut de Coimbre. Ouvrage orné du portrait de Garrett. Paris. A. Quantin, imprimeur-éditeur, 7, rue Saint Benoit. 1880.* 8.º de XLV–221 pag. e mais 1 de indice. Com o retrato de Garrett a agua forte por Boulard fils.— Tem dedicatoria a Sua Magestade a rainha senhora D. Maria Pia.

D'esta versão fez-se tiragem numerada de 550 exemplares, sendo dos numeros 1 a 50 em papel da China, e dos n.ºs 51 a 550 em papel de Hollanda. O exemplar existente na bibliotheca nacional de Lisboa tem o n.º 99.

*
* *

581–246.ª *Camões pelo visconde de Almeida Garrett prefaciado por Camillo Castello Branco. Setima edição. (E. C.) Livraria de Ernesto Chardron, editor. Porto e Braga.* 8.º pequeno de LXXXIV–273 pag. e 1 de indice. Com o retrato de Garrett a agua forte (o mesmo que serviu para a edição anterior, em Paris.)— O rosto a duas côres, e as vinhetas e letras iniciaes dos primeiros capitulos tudo a encarnado desvanecido. A capa a preto, encarnado, azul e oiro. No verso do rosto : *Porto, typographia de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62.*

Contém as advertencias das quatro primeiras edições (pag. V a XVIII) ; ode de mademoiselle de Flaugergues a Garrett, traduzida por Amaral (pag. XIX a XXIII) ; L'appel à la postérité, hommage à Camões à occasion du centenaire de 1880, poesia de H. Faure (pag. XXV a XXXII) ; estudo sobre Camões, notas biographicas, por Camillo Castello Branco, datado de S. Miguel de Seide, maio de 1880 (pag. XXXIII a LXXXIV) ; o poema (pag. 1 a 188) ; e notas (pag. 189 e 273).

Parece que o editor tinha a idéa de fazer nova edição de todas as obras de Garrett, por isso que no ante-rosto d'esta reproducção poz: *Obras do visconde de Almeida Garrett. I Camões.*

*
* *

582–247.ª *Camões pelo visconde de Almeida Garrett. Oitava edição. Lisboa, imprensa nacional. 1886.* 8.º de XXIII–271 pag.

Esta edição é em tudo similhante á penultima (sexta) de 1863, e portanto ás anteriores; não tem por isso o estudo do sr. Camillo Castello Branco (visconde de Correia Botelho), nem a poesia do sr. Faure, postos pelo editor para tornar a setima edição commemorativa do tri-centenario.

*
* *

583–248.ª *Cascaes. Poesias. Imprensa nacional, 1886.* Tomo I. 8.º de 2–377 pag. e 1 de errata.

De pag. 81 a 84 — *Fiat lux!* poesia a Camões no dia da inauguração da sua estatua a 9 de outubro de 1867. Dedicada a seu filho mais novo.

Começa:

Não vês, meu filho? É Camões,
Em estatua. — O genio seu,
Que só Deus dá, e lhe deu,
Esse vive nas acções
Que cada um de si deixa,
Quando o tumulo se fecha.

E acaba:

Luz da justiça por fim!
Que embora rompa, só tarde,
Por mais intensa, bem arde.
Nem ha outra luz assim!
Passa uma noite, vem dia,
É um sol, que o allumia:

Noites de sec'los volvêra;
E tantos dias são idos,
D'innum'ros soes escondidos,
Mal que o dia amanhecêra,
Junta, em cheio, em turbilhões,
Se expande a luz de Camões.

Esta poesia é a que fôra publicada no *Diario de noticias*, de 1867, atrás mencionado.

*
* *

584–249.ª *Luiz de Camões. Poemeto de Joaquim de Araujo com uma carta de Eça de Queiroz. Porto, imprensa portugueza,* MDCCCLXXXVII. 8.º pequeno de XI–68 pag.— O rosto a duas côres.

Tiragem especial de 10 exemplares em papel do Japão e 18 em papel da China, numerados de 1 a 28. Possuo exemplares de ambas.

*
* *

585-250.ª *Anthologia poetica. Logares escolhidos das differentes epocas da litteratura portugueza*, etc. *Por Candido de Figueiredo, professor de litteratura. Lisboa, livraria Ferreira, rua Aurea, 134. 1887.* 8.º de 198 pag.

Contém: um trecho do canto v do poema *Camões*, de Garrett, de pag. 84 a 76; o episodio do Adamastor, do canto v dos *Lusiadas*, de pag. 165 a 172; e o acto IV da comedia *Filodemo*, de Camões, de pag. 179 a 183.

Este livro appareceu por fins de setembro do anno corrente 1887.

*
* *

586-251.ª *A primeira poesia impressa de Luiz de Camões no livro do doctor Garcia d'Orta intitulado* «Coloquios dos simples e drogas» *com um estudo pelo dr. Theophilo Braga. Anno 363 do nascimento de Luiz de Camões Auctor dos Lusiadas. Lisboa.* 4.º de 10 (numeradas)-12-(innumeradas) pag.

No verso do ante-rosto a declaração da tiragem; no verso do rosto a seguinte indicação: «Trabalho typographico nas officinas de Adolpho, Modesto & C.ª; photolithographia na imprensa nacional por J. E. dos Santos.» As capas, o ante-rosto, o rosto, e o começo do estudo, a duas côres.

A tiragem foi de 363 exemplares, sendo 333 em papel de linho, 2 em setim, 2 em estanho, 6 em papel Japão, 6 em Whatman e 6 em Hollanda, sendo os preços respectivamente a cada classe de 10$000, 5$000, 3$000 e 500 réis. O editor, sr. Joaquim Eusebio dos Santos, é o que emprehendeu a reproducção da primeira edição dos *Lusiadas* pelo mesmo processo photo-lithographico, e de que fiz menção sob o n.º 138.

Possuo d'esta nova edição da *Ode* o n.º 4, em papel de linho. O sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro possue uma collecção.

*
* *

587-252.ª *Poesias por João Dantas de Sousa. Rio de Janeiro, typographia de F. A. de Almeida.* 8.º de VII-214 pag. Contém: *Camões e o Jau*, a pag. 231.

*
* *

588-253.ª *Portugal artistico. Lisboa.* Folio.—Biographia de Camões acompanhada de retrato lithographado.

O artigo biographico, de apologia, é do sr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel, tendo em frente a versão franceza pelo sr. Ortaire Fournier.

*
* *

589-254.ª *Annotações ao prologo e nota final do n.º 1 do Florilegio camoniano por Tito de Noronha. Edição do semanario* «O Camões». *Porto, typographia Alliança, rua da Cedofeita, 22. 1887.* 8.º de 15 pag.

Teve tiragem especial de 50 exemplares em papel de linho. O sr. Tito de Noronha offereceu-me o n.º 4.

*
* *

De auctores brazileiros

590-1.ª *Discurso pronunciado na academia real das sciencias de Lisboa a 24 de junho de 1818, por José Bonifacio de Andrada e Silva.* (Elogio da edição grande do morgado de Matteus.) Saiu na *Historia e memorias da academia*, vol. VI, parte I, pag. I a XXV.

*
* *

591-2.ª *Diccionario de algibeira, philosophico, politico, moral, que dá de certas palavras a sua noção verdadeira, etc. Rio de Janeiro, typographia de Gueffier & C.ª, rua da Quitanda, 1832.* 18.º de 117 pag.

Veja a referencia a Ignez de Castro e excerpto dos *Lusiadas*, a pag. 17, 18 e 67.

*
* *

592-3.ª *Resumo da vida do excelso e desditoso Luiz de Camões. Nova edição, necessariamente corrigida. Rio de Janeiro. Na typographia de Torres. Rua do Cano, n.º 94. Anno de 1845.* 8.º de 12 pag.

*
* *

593-4.ª *Iris, periodico da religião, bellas artes, sciencias, lettras, historia, poesia, etc. Collaborado por muitos homens de lettras e redigido por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Rio de Janeiro, 1848-1849.* 4.º 3 vol.

Alem de outras referencias, veja-se no vol. II a epistola a *Camões*, por Burgain, pag. 243 a 274. No vol. III o artigo *Camões*, a proposito do drama de Castilho (Antonio), pag. 145 a 154.

Segundo uma nota que acompanha a epistola indicada, foi composta e endereçada ao cunhado do auctor e destinada a apparecer á frente do drama *Camões*, já representado com diverso titulo em diversos theatros do Brazil, e depois refundido e ampliado a cinco actos, como se imprimiu.

*
* *

594-5.ª *Luiz de Camões levantando o seu monumento, ou a historia de Portugal justificada pelos Lusiadas. Pelo dr. Alexandre José de Mello Moraes. Rio de Janeiro publicado e á venda em casa de Eduardo & Henrique Laemmert. Rua da Quitanda,* 77. (Sem data.) 16.º de 93 pag. com 1 estampa.

*
* *

595-6.ª *Os portuguezes perante o mundo, apresentados pelo dr. Mello de Moraes (A. J. de)* (natural da cidade das Alagoas). *Auctor de muitas obras litterarias e scientificas, etc. Volume primeiro. Rio de Janeiro, empreza typographica (em liquidação) Dois de Dezembro. 1856.* 8.º grande de VII-1-205 pag. e mais 2 de indice.

Contém numerosos excerptos dos *Lusiadas;* de pag. 195 a 201, um artigo intitulado *Morte de D. Ignez de Castro;* e de pag. 201 a 205, a *Cantata* de Bocage ácerca do mesmo assumpto.

*
* *

596-7.ª *Allegoria composta por José de Moraes Silva, natural da côrte do imperio do Brazil. Rio de Janeiro. Typographia de F. A. de Almeida. 1856.* 8.º de 20 pag. e mais 1 de notas.

Na pag. 3 lê-se: *Allegoria: Camões, Maria II e D. Pedro V,* com dedicatoria a Antonio Feliciano de Castilho. Esta composição é, na maxima parte, consagrada a Camões.

*
* *

597-8.ª *Parnaso juvenil ou poesias moraes, etc. Quinta edição. Rio de Janeiro, typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve & C.ª, 1860.* 8.º de 311 pag.

Referencias a pag. 166.

*
* *

598-9.ª *Revista Popular. Rio de Janeiro, B. L. Garnier* (editor), *1861.* 4.º

No tomo XII, anno 3.º (outubro a dezembro), vem uma biographia de Camões, pelo conego J. C. Fernandes Pinheiro (auctor do *Curso de litteratura portugueza),* adiante citado.

*
* *

599-10.ª *O Futuro. Periodico litterario. 1.º anno. 13 de setembro de 1862.* Rio de Janeiro, typographia de Brito & Braga, travessa do Ouvidor n.º 17, 4.º

O n.º 1, de 40 pag. contém um artigo: *O maior amigo de Luiz de Camões, por Camillo Castello Branco,* de pag. 13 e 24. É datado de Lisboa a 8 de julho de 1862.

*
* *

600-11.ª *Obras poeticas de M. J. da Silva Alvarenga. Rio de Janeiro, 1864.* 8.º 2 tomos.

No tomo I, pag. 222, refere-se a *Camões.*

*
* *

601-12.ª *Obras completas do doutor Antonio Ferreira. Quarta edição annotada e precedida de um estudo sobre a vida e obras do poeta pelo Conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro, etc. Rio de Janeiro, 1865.* 8.º 2 tomos.

Pertence á serie dos *classicos portuguezes.* No tomo I tem referencias camonianas, a pag. 20: «que os sonetos de Ferreira muito longe estão de emparelhar com os do cantor dos *Lusiadas*»; e a pag. 33: «que o dr. Antonio Ferreira foi um dos maiores engenhos nascidos na terra de Portugal, um dos luminares do seu seculo, o homem que, depois de Camões, maiores serviços prestou á lingua e litteratura patria».

*
* *

602-13.ª *Chrestomathia classica da lingua portugueza. Epitome dos principaes generos do discurso prosaico. Colligida e coordenada pelo dr. Antonio Maria Chaves e Mello. Para uso especial das classes de grammatica, etc. Rio de Janeiro. Typographia de Candido Augusto de Mello, 160. Rua do Sabão. 1868.* 8.º 2 tomos de XXII-216 e 288 pag.

Veja no tomo I a pag. 23, 27, 67 e 84, referencias a Camões e aos *Lusiadas,* e á apreciação do poema por Voltaire e á *pessima* versão de Fanshaw; excerpto do *Hospital das letras* de D. Francisco Manuel de Mello.

*
* *

603-14.ª *Curso de litteratura portugueza e brasileira, professado por Francisco Sotero dos Reis no instituto de Humanidades da provincia do Maranhão, dedicado pelo auctor ao director do mesmo instituto o dr. Pedro Nunes Leal. Maranhão (S. Luiz). Impressa por B. de Mattos. 1866-1873.* 8.º grande. 5 tomos.

Veja no tomo II, secção II: «Luiz de Camões; sua biographia, dividida em tres differentes epochas da sua vida; seus *Lusiadas;* apreciação das melhores passagens d'este poema», comprehendendo oito lições (XX a XXVIII), de pag. 53 a 243, secção III: «Luiz de Camões; suas poesias lyricas, romanticas e classicas; suas poesias pastoris; suas poesias didacticas; suas redondilhas; seus dramas», comprehendendo quatro lições (XXIX a XXXII), de pag. 245 a 310.

No tomo II veja tambem o livro VIII, parte II, secção I.

*
* *

604-15.ª *Luiz de Camões, por M. J. Gonçalves Junior.*—Trabalho escripto expressamente para a inauguração do retrato de Camões nas salas do *Retiro*, em 13 de maio de 1865. É em prosa, e occupa as pag. 94 a 107 do *Archivo do Retiro litterario portuguez. Rio de Janeiro, typographia de Pinheiro & C.ª, 1870.* 8.º grande.

*
* *

605-16.ª *Resumo da historia litteraria pelo conego dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, etc. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, livreiro editor do instituto historico, etc. 1872.* 8.º grande, 2 tomos de 497-VI pag. e 476 pag.

No tomo II, de pag. 53 a 70, 82 a 84, escreve desenvolvidamente ácerca de Camões e das suas obras, com louvor, citando a miude os estudos dos srs. visconde de Juromenha, Theophilo Braga, e A. Vidal *no Archivo pittoresco;* e de Garrett, no *Parnaso lusitano*, de quem copia o trecho com que finalisa a parte dedicada ao poeta a pag. 70. Na pagina anterior, o dr. Fernandes Pinheiro, escriptor que soube honrar as letras portuguezas, nota o seguinte:

«Com rasão admira a critica a força imaginativa com que descreveu os grandes phenomenos da natureza, parecendo aprazer-se principalmente na pintura do Oceano, o que fez com que Chateaubriand denominasse os *Lusiadas* de primeiro poema maritimo. Com que arte, com que mestria, traça elle o imponente quadro de uma tempestade em alto mar quando todos os elementos se desencadeiam contra a audacia humana! Homero e Virgilio invejariam ao cantor do Gama a solemne magestade da sua descripção.»

*
* *

606-17.ª *Camões e os Lusiadas por Joaquim Nabuco. Rio de Janeiro, typographia do imperial instituto artistico, 21, 1872.* 8.º de 286-V pag. e 1 de indice.

Comprehende: Dedicatoria á mãe do auctor; introducção, datada de 10 de abril de 1872; Livro I, *Camões antes dos Lusiadas*; Livro II, *Os Lusiadas*; Livro III, *Velhice e morte de Camões;* Notas.

Na introducção declara o auctor que escreveu este livro: «Como tributo de uma admiração sempre crescente a *Luiz de Camões no terceiro centenario do seu poema*».

Sublinho as ultimas palavras da citação acima, porque talvez tenha de referir-me a ellas no tomo seguinte, em que desejo mencionar os factos litterarios camonianos que antecederam e seguiram o tricentenario.

*
* *

607-18.ª *Malditas por Verediano Carvalho. Rio de Janeiro. Typographia Perseverança, 1873.* Com a photographia do auctor.

De pag. 147 a 160 vem a *Vida de Camões*, scena dramatica, em verso, representada no theatro Lyrico Fluminense em 31 de outubro de 1868; e nas pag. 119 e 120 a poesia *Camões, glosa*, em sextilhas, de uma quadra de Moniz Barreto.

*
* *

608-19.ª *Murmurios. Lyra dos vinte annos. Poesias do dr. A. F. Aleixo dos Santos. I. Rio de Janeiro, typographia Franco Americana, 1874.* 8.º de 164 pag.

Veja de pag. 147 a 157 o poemeto *A Portugal. Camões.*

*
* *

609-20.ª *Pequena noticia sobre os homens e as cousas mais notaveis da historia, etc. Rio de Janeiro, publicada por Eduardo & Henrique Laemmert, 1876.* 8.º de VII-175 pag.

Referencias a Camões a pag. VI, 4, 42, 52, 53, 130 e 174.

*
* *

610-21.ª *Resurreição pelo dr. Castro Lopes. Rio de Janeiro. Typographia Perseverança, rua do Hospicio, n.º 85. 1879.* 8.º grande de XVI-177 pag. e mais 1 de errata.

Veja na pag. VIII, IX, XIV XVI, 2, 3 e 174, referencias ou versos de Camões; de pag. 47 a 49, glosa em oitavas dos dois quartetos do soneto « Alma minha gentil »; de pag. 77 a 78, glosa a uma quadra, em decimas, respectiva ao episodio de Ignez de Castro; e pag. 91, referencia a Camões, glosando uma quadra.

*
* *

611-22.ª *A escola. Selecta dos auctores classicos, Camões, Vieira, Bernardes, Garrett, Herculano, Lisboa, Rebello da Silva. Adoptados pelo novo programma da inspectoria geral da instrucção publica para os exames de preparatorios, etc. Por Felix Ferreira. Rio de Janeiro, Serafim José Alves, editor.* 8.º de XII-308 pag.

Veja a pag. XII, indice dos trechos dos *Lusiadas*, que vem adiante de pag. 275 a 304; a pag. 273 e 274, biographia de Camões; de pag. 305 a 308, vocabulario de alguns nomes, menos usuaes, historicos, geographicos e mythologicos, que se encontram n'esses trechos de Camões; e a pag. 162, referencia a *Camões* de Garrett.

*
* *

612-23.ª *Novo methodo de analyse pela theoria das ellipses e dos pleonasmos, applicado á analyse das construcções mais difficultosas nos Lusiadas, e nos melhores auctores classicos. Por Emilio Allain. Rio de Janeiro. Na livraria de J. G. de Azevedo, editor. 1881.* 8.º de 151 pag. e mais 3 de indice, errata e lista dos auctores dos quaes são tirados os exemplos d'este compendio.

Encerra numerosos excerptos dos *Lusiadas* e das Lyricas.

*
* *

613-24.ª *Pombal. Poemeto em 4 cantos por Adelina Amelia Lopes Vieira. Rio de Janeiro. Typographia e lithographia de Molarinho & Mont'Alverne, largo da Carioca, 3. 1882.* 8.º de 31 pag.

Na pag. 7 tem referencias a Camões e a Vasco da Gama.

*
* *

614-25.ª *Centenario do marquez de Pombal. Discurso pronunciado a 8 de maio de 1882, por parte do club de regatas Guanabarense, no imperial theatro Pedro II por Ruy Barbosa. Primeira edição. Rio de Janeiro. Typographia de G. Leuzinger & Filhos. Rua do Ouvidor, 31. 1882.* 8.º de 84 pag.

Veja a pag. 5, 33, 61, 72, 73, 82 e 83 excerptos dos *Lusiadas* e referencias a Camões e a Vasco da Gama.

*
* *

615-26.ª *Nacionalidade, lingua e litteratura de Portugal e Brazil. Por João Manuel Pereira da Silva. Paris. Guillard, Aillaud & C.ie 1884.* 8.º de 6 (innumeradas)-410 pag.

Veja as referencias a Camões e ás suas obras nas pag. 127, 133, 134, 144 a 154, 211, 212 e 214.

*
* *

616-27.ª *Camões no leito da morte.* (Quadro de Ferreira Monteiro.) *Apreciações da imprensa.* Extractos da *Gazeta de noticias, Jornal do commercio, Folha nova* e *Catalogo da exposição do quadro, etc. Rio de Janeiro, 1884.*—Folha avulso. Veja os periodicos citados, em artigos ou folhetins.

*
* *

617-28.ª *Diario de noticias, do Rio de Janeiro (Anno II). 1886.*

Em o n.º 520 de 10 de novembro vem um soneto de José Bonifacio, de S. Paulo, sob o titulo *Luiz de Camões.*

*
* *

618-29.ª *Selecção litteraria de alguns dos principaes escriptores da lingua portugueza do seculo XVI ao XIX, por Fausto Barreto e Vicente de Sousa, professores do imperial collegio de Pedro II. Precedida de uma introducção grammatical e de outra sobre versificação portugueza pelos mesmos professores. Rio de Janeiro. Na livraria de J. G. de Azevedo, editor. 33, rua da Uruguayana. 1887.* 8.º de 242 pag. e mais 3 de indice e errata.

Veja a pag. 4, 5, 126, 137 e 139, referencias e versos de Camões; e de pag. 153 a 208, trechos das *Rimas,* e o canto X dos *Lusiadas.*

*
* *

De auctores hespanhoes

619-1.ª *Rimas de Lope de Vega Carpio. A Don Fernando Coutinho. Con licencia de la Inquisicion. En Lisboa, impreso por P. Crasbeeck, año 1605. A custa de Domingos Fernandez. Vende-se na sua casa e na capella del Rey.*

Contém trechos dos *Lusiadas* e das *Rimas* de Camões.

Possuia um exemplar d'esta rara edição o livreiro editor sr. Carrilho Videira, da livraria internacional, que o annunciou por 90$000 réis. O livreiro de Londres, Queritz, annunciou em tempo outro por 115$000 réis.

*
* *

620-2.ª *La Nvmantina de el Licen.do Don Francisco Mosquera de Barmueno,* etc. *Impresso em Sevilla, en la Imprenta de Luys Estupiñan, en este año de* M.DC.XII. 4.º de 11 (innumeradas)-185 folhas numeradas pela frente e mais 29 innumeradas.

Contém diversas referencias a Camões e a Vasco da Gama, e excerptos dos *Lusiadas.*

*
* *

621-3.ª *Aphorismos y exemplos sacados de la primeira decada de Barros, por D. Fernando Alvia e Castro, Lisboa, 1621.* 4.º

Refere-se a pag. 15 a Camões com levantado elogio.

*
* *

622-4.ª *Lavrel de Apolo, con otras Rimas,* etc. *Por Lope Felix de Vega Carpio. En Madrid por Juan Gonçalez. Año 1630.* 4.º de 8 (innumeradas)-125 folhas numeradas pela frente. Com o retrato do auctor.

Traz a pag. 25 e 26 um elogio a Camões.

*
* *

623-5.ª *Las obras en verso de Don Francisco de Borja, Principe de Esquilache,* etc. *Por Diego Diaz de la Carrera. Año de 1648.* 4.º de 12 (innumeradas)-684 pag. e mais 23 de indice.

Referencias a Camões a pag. 218.

*
* *

624-6.ª *Armas e trivnfos. Hechos heroicos de los hijos de Galicia. Elogios de sv nobleza, i de la maior de España, i Europa. Resvmen de los servicios qve este Reino à echo à la Magestad del Rei Felipe IV. nuestro señor. Con quatro indices de las materias que aqui se tratan. Escribelos El Padre Maestro Frai Felipe de la Gandara. En Madrid. Por Pablo de Val. Año de* M.DC.LXII. 4.º de 24 (innumeradas)-681 pag. e mais 61 innumeradas de indices.

Nas pag. 297, 307 e 584, encontram-se referencias a Camões e á sua genealogia.

*
* *

625-7.ª *Obras de Lorenzo Gracian. En Madrid. Por Antonio Gonçalez de Reyes. Año de 1720.* 4.º 2 tomos.

Veja no tomo II as pag. 3, 15, 25 e 26, 35, 36, 121, 128, 135, 207, 217, 218 e 219, referencias em louvor de Camões, e transcripções de sonetos e fragmentos de canções.

*
* *

626-8.ª *Rimas de Fernando Herrera. Madrid, 1786.* (Edição de D. Ramon Fernandes).

No tomo II, pag. 110, vem uma imitação do soneto XX:

«Alma minha gentil...

*
* *

627-9.ª *Resumen historico de la literatura española. Segunda parte del Manual de Literatura por D. A. Gil de Zárate. Cuarta edicion, corregida y aumentada. Madrid. Imprenta e libreria de Gaspar y Roig. 1851.* 8.º de VII-640 pag. e mais 4 de indice.

Veja de pag. 244 a 248, referencia ás tragedias de Geronimo Bermudez, *Nise lastimosa* e *Nise laureada,* e excerptos de ambas; e referencia á *Castro* de Ferreira.

*
* *

628-10.ª *Catálogo de la exposicion nacional de bellas artes, aprobado por S. M. en 2 de abril de 1871. Edicion oficial. Madrid. Imprenta del Colegio nacional de sordo-mudos y de ciegos. 1871.* 8.º de 138 pag.

Veja a pag. 35, 135 e 136, nas quaes é transcripta a estrophe CXXXV do canto III dos *Lusiadas.*

*
* *

629-11.ª *Portugal contemporaneo. De Madrid á Oporto pasando por Lisboa. (Diario de un caminante.) Por Modesto Fernandez y Gonzalez. Madrid. Imprenta y fundicion de Manuel Tello. 1874.* 8.º de 526 pag.

Veja as pag. 166, 210 a 212, 261, 267, 391 e 444, referencias a Camões e um excerpto dos *Lusiadas.*

*
* *

630-12.ª *Cartas sobre Portugal por Gustavo A. Baz, precedidas de* «Dos palabras» *por Hector F. Varela. Madrid. Imprenta de Moreno y Rojas. 1885.* 8.º de XII-99 pag.

Veja referencias a Camões e aos *Lusiadas* a pag. VIII, 45, 46, 91 e 92.

*
* *

De auctores francezes

631-1.ª *Jugements des Savans sur les principaux ouvrages des auteurs par Adrien Baillet. 1685-1689.* 9 tomos. — Segunda edição: *Jugements des savans sur les principaux ouvrages des aucteurs par Adrien Baillet, corrigés et augmentés par M. de la Monnoye, de l'Academie Française. Paris. 1732.* 8 tomos.

No tomo IV, pag. 440, encontra-se uma noticia de Camões e das suas obras, principalmente do celebre poema *Lusiadas.*

*
* *

632-2.ª *Mémoires pour servir à l'histoire des hommes illustres par le R. P. Niceron. Paris, 1737.* 8.º

Contém uma biographia de Camões, que parece ter sido traduzida de apontamentos enviados ao auctor pelo conde da Ericeira.

*
* *

633-3.ª *Essai sur la poésie épique, par Mr. F. Arouet de Voltaire. Paris, 1743.*

Faz a analyse dos *Lusiadas*, deprimindo em geral o poema; porém exalta Camões pelos seus encantadores episodios.

*
* *

634-4.ª *Nouvelle bibliothèque d'un homme de gout ou tableau de la littérature ancienne et moderne, étrangère et nationale, etc. Paris, 1787.* 8.º 4 tomos.

Contém um artigo relativo a Camões e dedicado á apreciação da traducção dos *Lusiadas* por Duperron de Castera.

*
* *

635-5.ª *Voyage du ci-devant duc de Chatelet en Portugal, etc. Revu, corrigé sur le manuscrit, et augmenté de notes sur la situation actuelle de ce royaume et de ses colonies, par J. Fr. Bourgoing, etc. Paris, 1796.* 8.º

No tomo II, a pag. 71, 72, 74, 119 e 120, refere-se a Camões, dando um resumo da sua vida com panegyrico.

Veja-se o tomo I das *Obras*, publicadas pelo sr. visconde de Juromenha, pag. 249 e 250.

*
* *

636-6.ª *Les Amours Épiques, poëme en six chants, contenant la traduction des épisodes sur l'amour, composés par les meilleurs poètes épiques; par Parseval Grandmaison. A Paris, de l'imprimerie de P. Didot l'ainé.* An. XII-MDCCCIV.

Esta obra tem segundo rosto, com data diversa: «*Les amours épiques, Poëme Héroïque en six chants; par Parseval Grandmaison. A Paris, chez Dentu, Impri.r Libraire, Quai des Augustins, nº 22; Et Palais du Tribunal Galeries de Bois, nº 240. An.* XIII-*1805.* 12.º de 4 (innumeradas)-XII-245 pag.

*
* *

637–7.ª *Nouveau dictionnaire historique ou Histoire abrégée de tous les hommes qui se sont fait un nom par des talents, des vertus, des forfaits, des erreurs, etc., depuis le commencement du monde jusqu'à nos jours*, etc. *Par L. M. Chaudon et F. A. Delandine. 8 eme édition*, etc. *Lyon, chez Bruyset Ainé Cie 1804.* 8.º 13 tomos.

Veja no tomo III, de pag. 52 a 54, a biographia de Camões e analyse dos *Lusiadas.*

*
* *

638–8.ª *Les Amours Épiques, poëme en six chants, contenant la traduction des épisodes sur l'amour, composées par les meilleurs poètes épiques; par F. A. Parseval de Grandmaison. Seconde édition revue et corrigée, augmentée de deux mille vers, précédés d'un discours préliminaire; suivis de plusieurs morceaux traduits d'Homère, de Milton et de l'Arioste. Paris. De l'Imprimerie de Dentu.* M.DCCCVI. 8.º de XXVIII–344 pag.

Tem esta obra a seguinte versão:

Classical descriptions of love, from the most celebrated epic poets: etc. By M. P. Grandmaison. Translated from the French. London. 1809. 8.º de XV–224. pag.

*
* *

639–9.ª *La navigation. Par J. Esménard. Paris, 1805.* 8.º grande 2 tomos.

No tomo I, canto IV (de pag. 167 a 171), imita, na viagem de Colombo, o episodio do Adamastor; e no tomo II, notas do canto V (de pag. 41 a 44), insere uma resumida noticia de Camões e do seu immortal poema.

*
* *

640–10.ª *Poésie lyrique portugaise ou choix des odes de Francisco Manuel, traduites en français avec le texte en regard. Par A. M. Sané. Paris, 1808.* 8.º de XCI–344 pag.

Tem referencias e citações camonianas, pag. V, XV, XXIX, XLIII, XLIV, LXXV, LXXXV, LXXXVI, 1 a 32, 150 a 157, 290 e seguintes (em as notas).

Esta obra é perfeitamente camoniana, não só pelas referencias indicadas, que por si bastavam para ter essa classificação; mas tambem pela ode I *Ao estro,* em que Filinto, exaltando o egregio poeta, dirige-lhe por exemplo a seguinte (estrophe 10):

...Camões...
Ao cume do Parnaso se avisinha;
E os Delphins loureiros,
Quando elle sóbe, curvam,
Ao novo Homero, os orgulhosos topes,
E arredam larga estrada ao vate egregio.

A versão de Sané de todos os versos de Filinto é em prosa. A obra é dedicada ao conde Regnault de S. Jean d'Angely, a quem escreve que «desejando tornar conhecida em França a bella lingua de Camões, traduziu as odes de um dos primeiros poetas lyricos de Portugal».

*
* *

641-11.ª *Dictionnaire universel historique, critique et bibliographique. Nouvelle édition, etc. Paris, 1810.* Com estampas.

Contém uma resumida biographia de Camões. Menciona apenas as traducções de La Harpe e de Castera. Entre as gravuras traz o retrato de Camões.

*
* *

642-12.ª *Mercure de fevereiro de 1815.* — Vem n'esta revista uma imitação do episodio dos *Lusiadas* «Os doze de Inglaterra», por Badour Lormian, que Ragon transcreveu nas notas da sua versão do sublime poema. Comprehende 172 versos.

*
* *

643-13.ª *Les tableaux de M. le comte de Forbin, ou la mort de Pline l'ancien, et Inés de Castro, nouvelles historiques. Par madame La Comtesse de Genlis. Paris, chez Maradun, Libraire, rua Guénégand, n.º 9. De l'imprimerie de P. Didot, l'ainé.* MDCCCXVII. 8.º de VIII–265 pag. com uma estampa gravada em cobre, representando a morte do Plinio. — A ultima pagina tem o n.º 179 em vez de 265.

Creio que este livro não tem nada de vulgar em Portugal. Vi um exemplar na bibliotheca nacional de Lisboa, indicado pelo sr. Gabriel Pereira, em commissão n'este estabelecimento.

Contém: advertencia (pag. VII e VIII); primeiro quadro *La mort de Pline le naturaliste* (pag. 1 a 28); e segundo quadro *Inés de Castro* (pag. 29 a 265). Na advertencia declara a auctora que, enthusiasmada pelo esplendor dos quadros do conde de Forbin, se lembrára de ampliar e completar, nos amores de D. Pedro com a desgraçada Ignez, o que Luiz de Camões, no poema dos *Lusiadas*, apenas esboçára, sem dar ao perfil do rei o perfeito relevo do seu caracter impetuoso e da sua paixão sem limites. O quadro do conde *(Exhumação e coroação de Ignez de Castro)*, estivera exposto no salão de pintura em París, em 1812 ou 1813.

*
* *

644-14.ª *Traduction de l'Araucane avec notes, et précédée d'une dissertation sur Camoens, Tasso, Arioste, considérés comme poétes, par Merlhiac. Paris, 1821.*

*
* *

645-15.ª *Invention poëtique, poème par Millevoye.*— N'este poema dedica uns versos a Camões.

Imitou igualmente o primeiro canto dos *Lusiadas*, de que Ragon apresenta um fragmento na segunda edição da monumental obra de Camões.

*
* *

646-16.ª *Journal des Savans. Juillet 1818. A Paris, de l' Imprimerie Royale. 1818.* 4.º

De pag. 387 a 398 contém um artigo de Raynouard (o auctor da ode a Camões), em que elogia a nova edição do morgado de Matteus, não só pela belleza das gravuras e da impressão, mas tambem pelo conjuncto das apreciações criticas de que acompanhou tão monumental edição.

Idem. Septembre 1826. De pag 528 a 532 outro artigo de Raynouard ácerca da memoria de Mablin, publicada sob o titulo: *Lettre à l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne, etc.*» citada adiante (n.º 654-24.ª).

*
* *

647-17.ª *Essai statistique sur le royaume de Portugal, etc. Par Adrien Balbi. Paris, 1822.* 8.º 2 tomos.

Veja-se no tomo II, pag. 25 e clvij (appendice), as referencias a Camões. N'esta ultima parte compara o poema *Oriente* do padre José Agostinho com os *Lusiadas*.

*
* *

648-18.ª *Resumé de l'Histoire de Portugal depuis les premiers temps de la monarchie jusqu'en 1823 par Alphonse Rabbe. Avec une introduction par R. T. Chatelain. A Paris. Chez Lecointe et Durey, 1824.* 12.º de XXVIII-440 pag.

Tem referencias a Camões, a quem denomina «*Homero de Vasco da Gama*».

*
* *

649-19.ª *Mélanges. Os Lusiadas, poema, etc. Les Lusiades poëme épique de Louis de Camoens, nouvelle édition, corrigée et publiée par D. José Maria de Sousa Botelho.* 8.º de 10 pag. No fim a assignatura: *S. S. L.*

É o fragmento, segundo creio, de uma publicação litteraria. Vide o extracto que deixei n'este tomo, a pag. 127 e 128.

*
* *

650-20.ª *Camoens et José Indio.* (Sem data.) 8.º grande de 93 pag.— No fim: «*Paris, Imprimerie de Marchand du Breuil, rue de la Harpe, nº 80.*»

O auctor, sr. Ferdinand Denis, declara na advertencia preliminar que:

«..le récit qu'on va lire n'est pas entièrement un roman, la plupart des évènements qui sont rappelés ont eu lieu, et la fin n'est que trop véritable. José Indio lui-même n'est point un personnage imaginaire; il est certain qu'il a assisté Camoens dans les derniers instans de sa vie.»

Este folheto, de que existe um exemplar encadernado separadamente na bibliotheca nacional de Lisboa, e assim fôra offerecido pelo illustre auctor a um amigo (cujo nome não menciono, porque foi rasgado no alto da pagina), foi depois por seu auctor encorporado na obra, *Scenes de la nature sur les Tropiques, et de leur influence sur la poésie, etc.* Paris, 1824. 8.º

*
* *

651-21.ª *Les fastes universelles, etc. Bruxelles, 1824.* 8.º grande, 17 tomos.

No tomo VI, a pag. 372, refere-se a Camões.

*
* *

652-22.ª *Version portugaise de l'ode à Camoens de M. Raynouard, membre de l'Institut Royal de France, etc. Avec des notes, etc., du traducteur. A Paris, de l'imprimerie de H. Fournier, rue de Cléry, n.º 9.* MDCCCXXV. 8.º de 59 pag.— No verso do ante-rosto lê-se: «Se trouve à Paris chez Lheureux, libraire, Quai des Augustins, nº 37».

Este folheto, que se póde considerar raro, contém: Carta a Raynouard, dedicando-lhe a versão da ode (pag. 5 a 9); a ode em francez com a versão portugueza em frente (pag. 12 a 25); versão portugueza interlinhada da latina, seguida da traslação litteral dos versos portuguezes em prosa franceza e acompanhada de notas (pag. 28 a 59).

Na dedicatoria de Verdier a Raynouard, datada de Paris, 1 de dezembro de 1818, lê-se:

«J'ai placé, monsieur, ma version en regard de votre ode; puis, je la répète en l'interlignant de latin, peu élégant il est vrai, souvent incorrect, mais assez intelligible pour que nos littérateurs puissent se rendre compte de l'analogie qui existe entre ces deux langues: j'ai de plus donné en prose française une traduction littérale de mes vers; j'ai accompagné tout ce travail de quelques notes. Par ces moyens il sera facile d'apprécier une langue à laquelle vous avez donné, monsieur, quelque valeur en France, en louant si dignement son plus grand poète. et le premier en date des épiques modernes.»

Em as notas, o traductor Verdier levanta a fama de Camões, elogia a obra monumental do Morgado de Matteus, e a traducção de Millié; e acrescenta que estes e outros litteratos se encarregaram de vingar Camões das inepcias de Duperron de Castera, das apreciações erradas de Voltaire e de La Harpe, e da malevolencia de outros seus compatricios.

A ode começa:

Francez:	Portuguez:
Habitans des rives du Tage, Dirigez mes pas incertains: J'apporte mon pieux hommage Au chantre heureux des Lusitains;	Do Tejo en a plaga incolas, Guiai meo passo incerto: Sagrada offrenda levo, reverente, Dos Lusitanos ao cantor ditoso;

E termina:

Soutenez cette noble lutte: Si, vivans, on vous persécute, Morts, on vous dresse des autels.	Ultrajados sustei tam nobre luta Vivos, vexados sois? Mortos sobre aras, Culto haveis sumptuoso.

Versão portugueza e latina, interlinhada:

Do Tejo en a plaga incolas!
Tagi in plaga incolae?
Guiai meo passo incerto:
Ducite meum passum incertum:
Sagrada offrenda levo, reverente,
Sacratum oblationem fero, reverens,
Dos lusitanos ao cantor ditoso.
Lusitanorum Cantori felici.

A ode de Raynouard fôra publicada em Paris, pela primeira vez, no tomo v dos *Annaes das sciencias, das artes e das lettras*. Tem sido traduzida por diversos e reproduzida muitas vezes.

Vide *Portugal e os estrangeiros*, por M. Bernardes Branco. Lisboa, editor A. M. Pereira. No tomo II, pag. 129 a 134, vem a ode de Raynouard com a versão de Filinto.

*
* *

653-23.ª *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil; par Ferdinand Denis. Paris, Lecointe et Durey, libraires, quai des Augustins, nº 49. 1826.* 18.º de xxv-625 pag.

É mui interessante e apreciada esta obra. De pag. 66 a 149 trata especialmente de Camões e das suas obras. Na opinião auctorisada do sr. Ferdinand Denis «le Camoens s'élève au milieu des autres poètes du Portugal et de l'Espagne, comme Homère domine sur les auteurs de l'antiquité.»

*
* *

654-24.ª *Lettre à l'Academie Royale des Sciences de Lisbonne, sur le texte des Luziades. Paris, etc. 1826.* 8.º de 77 pag.

É a carta de Mablin, já citada. Veja-se no tomo presente, a pag. 134 e 135.

*
* *

655-25.ª *Les Amours de Camoens et de Catherine d'Ataide: par Madame Gautier, auteur du poème «De la Tombe royale», et de diverses autres poesies. A Paris, chez Trouvé, libraire, rue Notre Dame des Victoires, nº 16. Ponthieu et C.ie libraires, Palais-Royal, galerie de bois, nº 252 et 253. 1827.* 12.º 2 tomos de 268 e 272 pag. Com uma estampa lithographada, representando o tumulo de Camões.

Na introducção, em que se esboça a vida de Camões, vem o soneto de Tasso com a imitação de Millié. Este romance foi o que a sr.ª D. Maria Emilia de Macedo traduziu em 1844, e que já mencionei entre os auctores portuguezes.

*
* *

656-26.ª *Poésies nouvelles par Alfred de Guyon. Paris, 1828.* 8.º de 74 pag.

De pag. 63 a 67 vem a poesia « *Camoens s'exilant à Goa*».

*
* *

657-27.ª *Le Naufrage de Camoens. Ode couronnée par l'Academie des Jeux floraux, dans sa séance publique et solennelle du 3 mai 1828; par Adolphe Puibusque. Paris. Delaforest, libraire, place de la Bourse, rue des Filles St. Thomas, n.º 7. 1828.* 8.º de 7 pag.— No verso da capa, que é conservada pelos camonianistas, lê-se: «*Imprimerie Anthelme Boucher, rue des Bons-Enfans, nº 34.*»

O illustre bibliophilo, sr. José do Canto, mandou em 1885 reimprimir este rarissimo folheto, no Porto, como se verá em seguida.

*
* *

658-28.ª *Le naufrage de Camoens. Ode couronnée par l'Academie des Jeux floraux dans sa séance publique et solennelle du 3 mai 1828 par Adolphe Puibusque. Reimpressa conforme a edição original de Paris, de 1828. Porto, typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1885.* 4.º de 13 pag. e mais 1 innumerada com a designação da typographia.

A impressão é de luxo, a cores, em papel superior, com as paginas guarnecidas com filetes. Feita, em tiragem limitada para brindes, á custa do illustre camonianista sr. José do Canto, da ilha de S. Miguel, e dedicada ao sr. dr. José Carlos Lopes, tambem notavel camonianista, residente no Porto.

*
* *

659-29.ª *Musée des familles. Année 1833-1834. Paris.* 4.º—Veja de pag. 368

a 371 o artigo *Les deux couronnes d'épines, par S. Henry Berthoud,* com uma gravura *Camoens mourant.*

*
* *

660-30.ª *Études épiques et dramatiques, ou nouvelle traduction en vers des chants les plus célèbres des poëmes d' Homère, de Virgile, du Camoens et du Tasse, avec le texte en regard et des notes. Par Victor de Perrodil. B. Cormon et Blanc, libraires, à Paris, rue Mazarine, 70. A Lyon, rue Roger, 1. 1835.* 8.º grande de VIII-407 pag.— No verso do ante-rosto: «*Paris. Imprimerie de Casimir, rue de la Vieille Monnaie, 12, entre la rue des Lombards et la place Châtelet*».

De pag. 141 a 211 contém, sob o titulo *Découverte du cap de Bonne Espérance,* a versão do canto V dos *Lusiadas,* com o texto em frente; e de pag. 212 a 224 uma extensa nota, em que Perrodil declara que deu com preferencia publicidade á traducção do canto V, por se lhe figurar o mais formoso e notavel do poema, não só por encerrar o episodio do gigante Adamastor, tão elogiado por todos os criticos e com inteira justiça; mas porque, em assumpto novo e original, o poeta mostrou numerosas bellezas, não tendo para isso nenhum modelo. Segue-se um elogio a Camões, e ao idioma portuguez: censura a Voltaire pelo que escreveu no seu *Essai sur la poèsie épique;* um novo trecho da versão que fizera do canto I dos *Lusiadas,* e por fim a transcripção de uma ode que durante a sua permanencia em Lisboa, compozera em honra a Camões.

Começa esta poesia:

Debout sur les rives du Tage
Un soir que l'océan caressait son rivage
D'un flot harmonieux, calme, tranquille et pur,
Le Camoens, sous un beau ciel d'azur,
Parlait un sublime langage.

E acaba:

Honneur à ce divin génie,
Qui mourut en chantant son ingrate patrie!
Qui la servit par sa valeur,
Qui l'illustra par sa parole,
Et qui brille à nos yeux de la double auréole
Et de la gloire et du malheur!

*
* *

661-31.ª *Études épiques et dramatiques, ou nouvelle traduction en vers des chants les plus célèbres des poèmes d'Homere, de Virgile, du Camoens et du Tasse, avec le texte en regord et des notes, suivies de quelques essais de poésie, et ornée de quatre portroits; par Victor de Perrodil. B. Cormon et Blanc, libraires. A Paris, rue Mazarine, 70. A Lyon, rue Roger, 1. 1836.* 8.º

*
* *

662-32.ª *De la littérature du Midi de l'Europe, por J. C. L. Simonde de Sismondi. Bruxelles, 1837.* 8.º grande, 2 tomos.

No tomo II, tem um capitulo dedicado a *Louis de Camoëns* e aos *Lusiades*, de pag 533 a 563. É bom trabalho, muitas vezes citado pelos biographos e criticos do egregio poeta, depois da epocha citada.

Na edição de París *(a terceira, revista, 1829)*, 4 tomos, veja no tomo IV os capitulos XXXVII, XXXVIII e XXXIX, *Camões* e os *Lusiadas*, de pag. 323 a 449. O episodio de Ignez de Castro vem de pag. 362 a 369. A opinião de Simonde de Sismondi expressa, com simplicidade, no começo do seu desenvolvido e importante trabalho a respeito de Camões, é:

«...un homme qui fait à lui seul la gloire presque entière de la nation portugaise; c'est le seul des poètes de cette langue qui soit connu hors de son pays, et dont la réputation soit européenne. Telle est l'étrange puissance du génie dans un homme, qu'il fonde, la renommée de tout un peuple, et qu'il parait seul aux yeux de la postérité, devant qui des millions d'individus disparaissent.»

*
* *

663-33.ª *Le Magasin pittoresque. Édition belge. Bruxelles.* 4.º

No tomo V, do anno 1837, vem um estudo ácerca de Camões, em os n.º 37 e 38, de pag. 294 a 296; e de pag. 298 a 299, com uma gravura da gruta de Macau. —Veja tambem a edição de Paris, do mesmo anno, de que a de Bruxellas é contrafeição.

*
* *

664-34.ª *Souvenirs d'une ambassade et d'une séjour en Espagne et en Portugal de 1808 à 1811. Bruxelles 1838.* 8.º tomo I de 289 pag. *Leipzig.* Tomo II de 326 pag.

No tomo II, de pag. 113 em diante, a auctora Laure Perneon, duqueza de Abrantes (mulher do general Junot), trata de Portugal. A pag. 165 refere-se a Camões e ao episodio de D. Ignez de Castro, contando que o conde Artaize, ajudante do marquez de Alorna, fizera com muita felicidade e fidelidade a versão d'esse episodio dos *Lusiadas*, de certo para desoffuscar as letras francezas da traducção mutilada de La Harpe.

*
* *

665-35.ª *Dictionnaire biographique universel, historique*, etc., *par une société de professeurs et de gens de lettres, orné de portraits gravés avec soin. Paris. 1840.*

Veja no tomo VII, de pag. 184 a 188 a biographia de Camões; no tomo XIV, de pag. 201 a 204, a de Vasco da Gama; no tomo XVII, pag. 9 e 10, a de Ignez de Castro; e no tomo XXII, pag. 226 e 227, a de Pedro I e referencias a Ignez de Castro.

*
* *

666-36.ª *Un million de faits, etc. 3.ª édition, Paris 1842.* 8.º grande a duas columnas.

Nas columnas 1:112 e 1:188 tem referencias camonianas.

*
* *

667-37.ª *Camoens et ses contemporanis.* 8.º de LXVII pag.—Tem no fim a assignatura de *Ferdinand Denis.*

É o capitulo preliminar da traducção dos *Lusiadas* por Ortaire Fournier e Desaules, publicada em 1841. Vi o exemplar offerecido pelo illustre bibliophilo e critico, sr. Ferdinand Denis, a Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento, o qual o offereceu em 1849 a Thomas Norton. Passou depois com as suas miscellaneas camonianas para a bibliotheca nacional de Lisboa. Este fragmento faz parte, como indiquei, da edição de Fournier e Desaules, mas alguns camonianistas, como Norton, conservam-no tambem em separado, por ter sido impresso muito depois da versão e ser assim offerecido pela sr. Ferdinand Denis.

*
* *

668-38.ª *Causeries et méditations historiques et littéraires, par M. Charles Magnin. Paris. Benjamin Duprat, libraire. 1843.* 8.º gr. 2 tomos de XII-506 pag. e 538 pag.

No tomo II, de pag. 271 a 371, vem no capitulo XXXII a *Vie de Luiz de Camoens,* a qual é, com algumas variantes, a que fôra publicada na *Revue des Deux Mondes* de 15 de abril de 1832, e junta em seguida, com muitos acrescentamentos, á versão dos *Lusiadas* da «Collection Charpentier» em 1841.

*
* *

669-39.ª *Portugal. Par M. Ferdinand Denis. Paris, 1846.* 8.º grande de 439 pag.

Tem numerosas referencias a Camões. A biographia do poeta vae de pag. 277 a 293. Tem os retratos de Camões e de Vasco da Gama.

*
* *

670-40.ª *D. Ignez de Castro. Roman par Mme le Comtesse de Genlis. Paris.* 8.º Com uma estampa.

*
* *

671-41.ª *Dictionnaire des dates, etc., par M. A. L. d'Harmonville. Paris, 1848.* 4.º 2 tomos.

No tomo I, pag. 733, vem uma breve biographia de Luiz de Camões.

*
* *

672-42.ª *Découvertes et conquêtes du Portugal dans les deux-mondes, par le Baron Edouard de Septenville. Paris. E. Dentu, editeur,* 8.º de XI-181 pag. e mais 1 de indice.

Na pag. 68 tem um excerpto dos *Lusiadas.*

*
* *

673-43.ª *Bibliothèque universelle de Genève. Juillet 1853. Rome* XXIII *de la quatrième série, nº 91. Genève Joel Cherbuliez, libraire, rue de la Cité. Paris, Joel Cherbuliez; Allemagne J. Kessmann.* 8.º grande.

Contém: *Catherine d'Atayde,* por A. de C. de pag. 333 a 361. É uma narrativa historico-romantica dos celebrados e phantasiados amores de Camões com D. Catharina de Atayde.

*
* *

674-44.ª *Nouvelle biographie universelle depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours, etc. Publié par M.M. Firmin Didot frères sous la direction de Mr. le dr. Holfer. Paris, 1854.*

No tomo VIII vem uma biographia de Camões, escripta pelo sr. Ferdinand Denis, por vezes citado.

*
* *

675-45.ª *Dictionnaire d'histoire, de biographie, et de geographie, etc. Par Gh. Dézobry et Th. Bachelet. Paris. 1857.* 4.º 2 tomos.

No tomo I, pag. 438, vem uma resumida biographia de Camões.

Esta obra tem tido varias edições.

*
* *

676-46.ª *Épisodes de l'histoire du Portugal. Par A. Guibout. Rouen. Mégard et Cie imprim. libraires. 1858.* 8.º de 208 pag.

Veja de pag. 30 a 33, 82 a 92, 137 a 147, a historia de Ignez de Castro, expedição de Vasco da Gama e biographia de Camões.

*
* *

677-47.ª *La viellesse du poète, par G. de La Landelle.*—Este romance cujo

protogonista é Camões, appareceu pela primeira vez no *Journal pour tous* em 1859, ornado de gravuras.

Foi traduzido em portuguez. Veja-se o n.º 523-188.ª

*
* *

678-48.ª *Bulletin de la Société de Géographie de Paris.*— Em o numero de março de 1861 vem o artigo: *Don Luis de Camoëns, ou le poète voyageur, par Jules Paulet.*

*
* *

679-49.ª *Cours de littérature française par M. Villemain. Tableau de la littérature au moyen âge en France, en Italie, en Espagne et en Angleterre. Nouvelle édition revue et corrigée. Paris, 1864.* 8.º grande, 2 tomos de 4 (innumeradas)-IV-362 pag. e 4 (innumeradas)-346 pag.

No tomo II a lição XXIII é dedicada a Portugal (pag. 291 a 315). Ahi se refere a Camões (pag. 302, 303, 311 e 313); e narra o episodio tragico de Ignez de Castro, de pag. 303 a 309. Por exemplo, na pag. 302 para 303 lê-se: «C'est au XVI siècle que l'on retrouve un Camoens, si poétique par sa vie, son caractère, ses ouvrages». E na pag. 311: «Il me vient en ce moment à la pensée cette expression du Camoens dans un de ses sonnets: Camoens dont la lyre sonore sera plus célèbre qu'elle ne doit être heureuse...«Ce charme de tristesse ne peut se definir...»

*
* *

680-50.ª *Les vagabonds. Par Mario Proth. Paris, Michel Levy Frères, 1865.* 8.º

Tem referencias a Camões de pag. 45 a 56.

*
* *

681-51.ª *L'Illustration, journal universelle.* (20^{me} an., vol. XL, n.º 1 a 16).

Contém uma gravura do monumento a Camões, da collocação de cuja primeira pedra insere uma breve noticia, de pag. 71 para 72.

*
* *

682-52.ª *L'agonie de Luiz de Camoens, par Amédée Tissot. Paris. Dentu, éditeur. Libraire de la Société des Gens de lettres. Palais Royal, 17 et 19, Galerie d'Orleans. 1867.* 8.º grande de 6 (innumeradas)-XVIII-144 pag. e mais 2 (innumeradas) de indice. No verso do ante-rosto: «*Lisseux. Typographie Lajoye-Tissot*».

Esta obra, alem do prologo e epilogo, comprehende onze capitulos, que se intitulam: I. Le Santa Fè; II, Lisbonne; III, Le couvent de Santo Domingo; IV, Les Lusiades; V, La Maison de la rue Santa Anna; VI. Antonio et Barbara; VII, Le Braseiro; VIII, Les Psaumes de la Pénitence; IX, La séparation; X, Le secret de Barbara; XI, La mort du Poéte.

*
* *

683-53.ª *École de littérature, tirée de nos meilleurs Ecrivains, par M. l'abbé de La Porte. Paris.* 12.º 2 tomos.

Veja as pag. 349, 353, 372 a 378, a apreciação da obra do poeta e diversas referencias.

*
* *

684-54.ª *Le livre d'or des peuples. Plutarque universel. Année 1867,* etc. *Paris.* 4.º grande.

Veja de pag. 73 a 88, *Camoens, 1524-1579, par Alphonse Izard* (com o retrato de Camões e mais sete gravuras).

*
* *

685-55.ª *Biographie du Camoens telle qu'elle figurera dans les colonnes du Grand Dictionnaire par Pierre Larousse. Paris. Librairie de Vᵉ J. P. Aillaud, Guillard & Cⁱᵉ 1867.* 8.º de 13 pag.— No verso do rosto e na ultima pagina: «*Paris. Imp. Simon Raçon et Comp., rue d'Erfurth, 1.*»

Este folheto não é vulgar.

Veja tambem no *Grand Dictionnaire* a reproducção d'este folheto com as ampliações que lhe fez o auctor na parte relativa á apreciação dos *Lusiadas*, poema que Larousse julga da maior importancia e encerrar grande numero de bellezas.

*
* *

686-56.ª *Journal des Débats de 18 de março de 1870.*— Publica um artigo relativo a Camões e ao seu poema, a proposito de uma edição publicada pela casa Aillaud. É assignado por Jules Janin, que declara não conhecer o auctor.

*
* *

687-57.ª *Histoire de Portugal et de la Maison de Bragance par Léonce Chauvain, de Cette. Chez l'auteur, à Cette. 1871.* 8.º de 232 pag.—Tem dedicatoria a S. M. El-Rei D. Luiz de Portugal.

Trata de Camões e dos *Lusiadas*, fazendo-lhes um alto elogio. Parece-lhe que a França, a Allemanha e a Inglaterra não tem poeta que possa comparar-

se-lhe. Na opinião do sr. Chauvain: «Camões foi o historiador epico da sua nação como o immortal Virgilio, e os *Lusiadas* é um poema nacional como a *Eneida*».

*
* *

688-58.ª *Histoire des littératures étrangères par Alfred Bougeault. Paris, 1876.*

No tomo III, de pag. 447 a 518 occupa-se da litteratura portugueza. Escreve de Camões e da sua obra munumental de pag. 464 a 475.

*
* *

689-59.ª *Les chefs-d'oeuvre épiques de tous les peuples. Notices et analyses par A. Chassang et F. L. Marcou. Paris, Furne, Jouvet et Cie éditeurs. 1879.* 8.º de 339 pag.

De pag. 263 a 277 encontra-se a «*Epopée Portugaise. Camoëns* (XVI siècle). *Notice*».

*
* *

690-60.ª *Le Portugal, ses origines, son histoire, ses productions, le traité de Methuen et l'union ibérique: Par Charles Rockland Pépper. Paris, E. Dentu. 1879.* 8.º grande de XIV-327 pag.

Trata de Camões de pag. 103 a 114, e na sua apreciação, a proposito dos *Lusiadas*, repete a phrase: «*Il est le premier poéme épique moderne*».

*
* *

691-61.ª *Le Portugal. Par Léonce de Ronffeyroux. Paris, E. Dentu, 1880.* 8.º grande de 2 (innumeradas)-III-295 pag., e mais 6 (innumeradas) de relação de obras consultadas, e indice.

De pag. 125 a 160 tem ampla referencia a Camões, e copia parte da sua biographia escripta pelo morgado de Matteus e traduzida por Millié.

*
* *

692-62.ª *Le Portugal. Histoire, géographie, commerce, agriculture. Le Brésil. Par Alfred Boinette. Bar-le-Duc. Contant Laguerre, éditeur. 1882.* 8.º de VIII-395 pag.

Veja de pag. 41 a 45 a noticia do episodio de Ignez de Castro; a pag. 77 e 104, referencia a Camões; e de pag. 125 a 130, biographia de Camões e apreciação dos *Lusiadas*.

*
* *

693-63.ª *Histoire des météores et des grands phénomènes de la nature par J. Rainbosson, etc. Ouvrage illustré de 90 gravures par Dargent et de 2 planches chromo-lithographiques. 3ème édition revue et augmentée. Paris. Librairie de Firmin Didot et Cie 1883.* 8.°

Veja a pag. 7, 8, 11, 230, 231, 243 a 246, versão, em prosa, de alguns fragmentos dos *Lusiadas*, e louvores ao poeta.

*
* *

694-64.ª *Histoire de la littérature moderne. La Réforme, de Luther à Shakespeare. Par Marc-Mormier. Paris. Librairie Firmin Didot et Cie 1885.* 8.° de IV-495 pag.

Veja a pag. III, 308, 309, 313 a 341, e 344, referencias a Camões, e estudo especial ácerca da sua mocidade, dos *Lusiadas*, das desgraças e da fama do sublime poeta.

*
* *

695-65.ª *Histoire de la littérature Portugaise depuis ses origines jusqu'à nos jours. Par A. Loiseau. Paris. Ernest Thorin, éditeur. 1886*, 8.° de VIII-404 pag. e mais 1 de erratas.

Comprehende a vida de Camões; um estudo ácerca de Portugal na epocha do egregio poeta; apreciação dos *Lusiadas* e das lyricas; e numerosas referencias ao poeta, ás tragedias de Ignez de Castro de Ferreira, Quita e outros. Veja a pag. I, III, VI, 38, 39, 59, 60, 61, 119, 134, 146, 147 a 153, 160, 161, 162, 171, 172, 174, 176, 179, 181 a 234, 236, 238, 240 a 242, 245, 255, 256, 258, 335, 336, 344, 356 e 357.

*
* *

De auctores italianos

696-1.ª *Il Conciliatore. Foglio scientifico-letterario. Milano, 1818. Dalla Tipografia dell'editore Vicenzo Ferrario, contrada de S. Vittore e 40 martiri, n.° 880.* Folio de 4 pag. — Impresso em papel azulado, com a epigraphe: «... *Rerum concordia discors*».

O primeiro artigo é dedicado a uma analyse da edição do Morgado de Matteus, como indiquei no tomo presente, a pag. 128.

*
* *

697-2.ª *Le classiche estampe dal doctore Giulio Ferrario.* — Existe um exemplar d'esta obra na bibliotheca da real academia das bellas artes de Lisboa.

Veja a nota que d'ella fiz no tomo presente, pag. 113.

*
* *

698–3.ª *Luigi Camoens. Da Emilio Boschetti, Vicentino. Rovigo. I. R. Privil. Premiate Stabilimento di A. Minelli. 1852.* 8.º grande de 60 pag.

O exemplar d'este folheto, que vi na bibliotheca de El-Rei D. Fernando, tinha a capa lithographada a oiro, prata, encarnado e azul, com desenho de phantasia.

*
* *

De auctores inglezes

699–1.ª *An essay on epic poetry; in fine epistles to the Rev.*ᵈ *M. Mason. With notes. By William Hayley, esq. London. Printed for J. Dodsley, in Pall-Mall. 1782.* 4.º de 298 pag.

Veja as pag. 57, 58, 273 a 277, elogio a Camões e a versão dos sonetos — «Em quanto quiz fortuna que tivesse» e «Alma minha gentil», etc.

*
* *

700–2.ª *W. Lisle Bowles's Poems. London, 1809.*— N'este livro está a poesia *Last song of Camoens*, a pag. 81.

*
* *

701–3.ª *The Quarterly Review. April, 1822.*

Contém (de pag. 1 a 39): *Art. I. 1. Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens. By John Adamson, F. S. A. London, Edimburg, and Newcastle-upon-Tyne.* 2 volumes. *Crowns* 8vo. *1820.*— 2. *O Oriente. Poema de José Agostinho de Macedo. Lisboa,* 2 volumes.

Este artigo é uma resumida apreciação das obras indicadas, sendo seu auctor Robert Southey, escriptor que se occupou muito de assumptos portuguezes.

*
* *

702–4.ª *O Fluminense, a poem, suggested by scenes in the Brazils. By a utilitarian. London: printed for Ow and Smith, Paternoster Row and Robert Robinson, Manchester.* M.DCCCXXXIV. 8.º de 6–85 pag.— No verso da folha do rosto e no fim do livro: *Robert Robinson, Printer, 7, St. Ann's Place, Manchester.*

Este livrinho, que só conheço pelas indicações que me dá o estudo do sr. Saldanha da Gama, contém: I. *Prefacio,* II. *O Fluminense,* poemeto em tres cantos em oitava rima, com referencias a Camões. III. De pag. 69 a 75 a poesia: *Camoens in the hospital.* IV. *Notas ao poemeto.*

*
* *

703-5.ª *The tourist in Portugal. By W. H. Harrison*, etc. *Illustrated from paintings by James Holland. London, Robert Jennings. New York. D. Appleton.* MDCCCXXXIX. 8.º de XI-290 pag. com 17 gravuras em aço, representando vistas de Cintra e monumentos de Portugal.

De pag. 127 a 130 contém uma biographia de Camões, comprehendida no capitulo «Curiosities of Portughse Literature», que vae de pag. 121 a 144. Vi um exemplar na bibliotheca de El-Rei D. Fernando.

*
* *

704-6.ª *Indian Hours, or Passion and Poetry of the Tropics. The R. N. Dumtar. London. 1839.* 8.º — A pag. 150 contém um soneto de Camões.

*
* *

705-7.ª *The Chinese repository.* Vol. VIII. *March, 1840. Nº 11. Canton, China. Printed for the proprietors.*

O primeiro artigo d'este fasciculo tem o titulo: Art. I. *Cave of Camoens, in Macao: notices of his life and works, especially of his Lusiad. Communicated for the Repository, by H. S.,* de pag. 553 a 560.

*
* *

706-8.ª *Lusitania Illustrata: notices on the history, antiquities, litterature, &c. of Portugal. Library department. Part I. Selection of sonnets, with biographical sketches of the authors, by John Adamson, M. R. S. L., F. S. A., F. L. S., corresp. memb. Roy. Acad. of Sciences of Lisbon, &c., &c., &c. Newcastle upon Castle: printed by T. and J. Hodgson, Union street.* M.D.CCC.XLII. 8.º de X-100 pag. Com os retratos de Camões e de Manuel de Faria e Sousa.— No rosto, a duas cores, uma gravurinha. Os titulos de todos os artiguinhos, ou partes, tambem a encarnado. Tem dedicatoria ao duque de Palmella.

Adamson fez, n'este livro, escolha dos mais afamados poetas portuguezes e dá de cada um (em numero de vinte e cinco) a amostra poetica, acompanhada de breve noticia biographica e da versão. De Camões copía nove sonetos (pag. 8 a 17).

Lusitania illustrata, etc. Part. II. Minstrelsy. Ibidem, M.D.CCCLVI. 8.º de XVIII-54 pag.— Tem dedicatoria a Garrett.

Este livro, alem da dedicatoria (pag. III a V), contém um prologo (pag. VII a XVIII); e a parte poetica «Bernal-francez», «Noite de S. João», «Rosalinda» e «O chapim de El-Rei», com a versão (pag. 1 a 54).

No fim de cada parte vem uma tira com as erratas.

*
* *

707-9.ª *The Ocean flower; A Poem. Preceded by an historical and descriptive account of the Island of Madeira, a summary of the discoveries and chivalrous history of Portugal and a essay on Portughese literature. By T. M. Hughes. London, 1845.* 8.º de IV-309 pag.

Esta poema é em dez cantos. O oitavo é dedicado a Ignez de Castro e n'elle parodia Camões. Tem referencias camonianas a pag. 17, 22, 30, 31, 35, 43, 75 e 236.

*
* *

708-10.ª *Nation. Dublin, 1848.*— N'este periodico publicou lady Wilda com o pseudonymo de «Speranza» *Ignez de Castro from the Portuguese The comparison from the Portuguese Catarina from the Portuguese of Camões.*

Um mover d'olhos brando e piedoso

*
* *

709-11.ª *Memoir of David Scott. Containing his journal in Italy, notes on art and other papers : with seven illustrations. By William B. Scott. Adam & Charles Black, Edinburgh.* MDCCCL. 8.º grande com estampas.

De pag. 262 a 266 refere-se ao *Episodio do gigante Adamastor,* segundo os *Lusiadas* de Camões, que cita; acompanhando a narrativa de uma gravura aberta em cobre (do formato de duas paginas), copia de um quadro que representa Vasco da Gama dentro da nau, com que tenta proseguir a derrota para a India, cercado dos seus tripulantes, apavorados ante a figura do Gigante. É um bello quadro, mas foi, sem duvida, inspirado da opulenta gravura da edição do morgado de Matteus.

*
* *

710-12.ª *Poems by Elisabeth Burnet Browing. Champonan & Hall. London 1850.* 2 tomos.

Comprehende-se n'esta obra um trecho intitulado: *Catarina from the Portuguese of Camões*».

*
* *

711-13.ª *Anonimous poems. Imitations from Camoens, by F. C. London, 1850.*

Nunca vi este livro. Encontrei a menção d'elle na obra *Portugal e os estrangeiros,* tomo I, pag. 339, n.º 417.

*
* *

712-14.ª *Obituary notice or the late John Adamson, Esq., E. C. and K. T. S. of Portugal, F. L. S., F. R. G. S. Reprinted from the Gentleman's Magazine for Dec. 1855. Newcastle-upon-Tyne: Printed by Thomas and James Pigg, Clayton street. 1856.* 8.º de 13 pag.

Como se vê, reproduz o artigo do *Gentleman's Magazine.* Contém referencias camonianas na menção dos serviços que Adamson prestou ás letras portuguezas e á obra de Camões.

*
* *

713-15.ª *Encyclopedia britannica. Winth edition. Edited by Thomas Spencer Baynes,* etc. *Edinburgh. Vol.* IV (1876).

Veja de pag. 745 a 750 a biographia de Camões, assignada por F. W. Co.

*
* *

714-16.ª *Notes on Portugal. By E. A. G. Phil.ª: Phil.ª Catholic Publishing Company, 1876.* 8.º grande de 159 pag. e mais 2 de indice e errata.

Tem referencias camonianas a pag. 25 e 56.

*
* *

715-17.ª *Essays on Rhetoric, abridged chiefly from Dr. Blair's Lectures on that science, comprehending definitions and criticism, etc. The sixth edition. London.* 8.º de VIII-376 pag.

Veja de pag. 323 a 325 o capitulo *The Lusiad of Camoens.*

*
* *

716-18.ª *Portugal, old and new. By Oswald Crawfurd. London, 1880.* 8.º grande. Com gravuras no texto e estampas, e uma carta de Portugal.

Tem um capitulo intitulado: *Os poetas portuguezes na renascença.* Cita Ferreira, Sá de Miranda e Camões, de pag. 72 a 106. A menção de Antonio Ferreira é mais ampla, por causa da sua *Castro* e do episodio, que serviu para inspirar o celebre dramaturgo.

*
* *

De auctores allemães

717-1.ª *Paraphrase do salmo super flumina Babylonia de Luiz de Camoens Backeburg* CIↃIↃCCLXX. 8.º de 16 pag.

É folheto muito raro. Dei-lhe este logar por ser um dos primeiros testemunhos de admiração e consideração na Allemanha para com o sublime poeta. Tem um exemplar o sr. José do Canto, da ilha de S. Miguel. Segundo uma nota do sr. Tito de Noronha no *Annuario da sociedade nacional camoniana*, pag. 40, este folheto «é em 8.º de 16 pag., comprehendendo o rosto, verso (em branco), e 13 pag. numeradas, sendo em branco tambem a ultima. A paginação segue de 1 a 15, havendo um salto na numeração de 1 a 4, isto é, o verso da pag. 1 está numerado 4». Falta á maior parte dos camonianistas.

*
* *

718-2.ª *Fragmentos dos Lusiadas e trinta odes do padre Francisco Manuel* (Filinto Elysio), *em allemão por Elisabeth Kulavan.*

Não conheço esta obra, nem sei se teve publicação em separado. A traductora era conhecida pelo cognome de «Estrella brilhante do norte», e finou-se na Russia em 1825 com dezenove annos de idade e educação esmeradissima, principalmente em linguas estrangeiras, entrando a portugueza. Copio esta nota de apontamentos do benemerito visconde de Juromenha.

*
* *

719-3.ª *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und verzuglich Portugal. Von D. Heinrich Friedrich Link. Kiel,* etc. *1801-1804.* 8.º 3 tomos de XII-285 pag. e 2 de errata; IV-265 pag. e 2 de errata e um mappa; e XVI-316 pag.

Em todos os tomos ha numerosas referencias a Camões. Veja o que indico em os numeros seguintes, na versão franceza d'esta notavel obra do celebre Link, que tem um extenso artigo, com retrato, no *Portugal e os estrangeiros* do sr. M. Bernardes Branco, tomo I, pag. 445 a 453.

a) *Travels in Portugal,* etc. *By John Hinckley. London, 1801.* 8.º de 504 pag.— É a versão da obra de Link, acima mencionada.

b) *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799. Par M. Link. Suivi d'un Essai sur le commerce du Portugal. Traduit de l'Allemand. A Paris, chez Levrault, Schoell et Cie libraires. An* XII, *1803.* 8.º 2 tomos de XVI-431 pag. e mais 1 de errata, e 395 pag. e mais IV de indice.

Veja no tomo I as pag. 320, 321, 362, 366, 396 a 401, excerptos dos *Lusiadas* traduzidos em prosa, alguns com o original em frente; referencias a Camões e ao seu poema; e á fonte das Lagrimas; historia de D. Ignez de Castro; referen-

cia a uma versão ingleza dos *Lusiadas* com que lady Bute brindára a bibliotheca do convento de Alcobaça, e que Link declara que viu. No tomo II, a pag. 119, 177, 178, 183, 189, 192 e 195, referencias a Camões e aos *Lusiadas*, e versão de uma oitava do poema com o original em frente.

c) *Voyage en Portugal par M. le Comte de Hoffmansegg, rédigé par M. Link, et faisant suite à son Voyage dans le même pays. A Paris, chez Levrault, Schoell et C^ie^ libraires. Anno* XIII, *1805.* 8.º de VIII–337 pag.

Veja as pag. 12, 13, 67, 76, 90 e 133.

*
* *

720–4.ª *Novellenkranz. Ein Almanach auf das Jahr 1834 von L. Tieck. Dritter Jahrgang. Mit sieben Kupfern.* (Coróa de novellas. Almanach do anno 1834 de L. Tieck. Terceiro anno. Com sete gravuras em cobre.) *Berlim, G. Reimer* (1834). 8.º

Contém um romance relativo a Camões.

*
* *

721–5.ª *Beitraege zur Textkritik der Lusiadas des Camões. Habilitationsschrift von dr. Carl von Reinhardstoettner. Munchen. 1872.* 8.º

*
* *

722–6.ª *History of Spanish and Portuguese Litterature by Frederich Bouterwek. In two volumes. Translated from the Original German by Thomasina Ross. London. Boosey and Sons, Broad Street 1823.* 4.º 2 tomos de 609 e 405 pag.

No tomo II Bouterwek faz uma extensa analyse dos *Lusiadas*, que o sr. Bernardes Branco traduz no tomo II do seu livro *Portugal e os estrangeiros*, de pag. 166 a 175.

*
* *

723–7.ª *Histoire de la litterature ancienne et moderne par F. Schlegel. Traduit de l'allemand. Paris, 1829.* 2 tomos.

Contém uma lisonjeira apreciação de Camões e da sua obra. Cito aqui a versão porque não conheço a obra original.

*
* *

724–8.ª *Historisches Taschenbuch. Herausgegen von Friedrich von Raumer. Dritte Folge. Zweiter Jahrgang.* (Livro de algibeira historico. Editado por Frederico de Raumer. 3.ª secção. 2.º anno.) *Leipzig: F. A. Brockhaus. 1850.* 8.º de 6–714 pag.

De pag. 1 a 58 contém: *Drei portugiesinnen Ines, Marie und Leonore. Von Friederich von Raumer.* (Tres portuguezas: Ignez, Maria e Leonor. De Frederico de Raumer.) É uma narrativa do reinado de D. Pedro I, e do episodio de seus amores com D. Ignez de Castro. Traz numerosas citações de livros historicos portuguezes, e refere-se tambem a Camões.

*
* *

725-9.ª *Tod des Dichters. Von Ludwig Tieck.* (A morte do poeta, por Luiz Tieck.) *Berlim.* 12.°

Entrou na collecção intitulada: *Novellenkranz.*

*
* *

726-10.ª *Cosmos von Alexander Humboldt.*

No tomo II refere-se a Camões, e analysa o seu poema; e posto lhe faça alguns reparos, emquanto ás descripções, considera-o como obra de primeira ordem, porque foi elle dos primeiros que abriu caminho a uma poesia nova.

Veja a este respeito a *Carta sobre a ilha de Venus,* de Gomes Monteiro.

* *

727-11.ª *Nyz Digte. (Por Schack Staffeldt) Kiel, 1808,* 8.° De pag. 175 a 199 contém uma poesia a Camões, a qual o dr. Runkel verteu em inglez e Gomes Monteiro incluiu, traduzida no idioma patrio, nos *Eccos da lyra teutonica* (1848).

*
* *

728-12.ª *Lieder aus der Fremde. Herausgegeben von Hermann Harrys. Hannover. Carl Kümpler. 1857.* 8.° de x-356 pag.

Vem a pag. 73 um *Soneto de Camões* traduzido por Karl Gödeke.

*
* *

729-13.ª *Blumen aus der Fremde. Poesien von Gongora, Manrique, Camoëns, Milton, Giusti, Leopardi, Longfellow, Th. Moore, Wordsworth, Burns, Lamartine u. A. Hebertragen von Paul Heyse, Karl Krafft, Eduard Mörike, Friedrich Notter, Ludwig Seeger. Erstmals erschienen 1862. Stuttgart. London: Aug Siegle.* 12.° de VIII-221 pag.

Correm de pag. 181 a 183 tres sonetos de Camões traduzidos por Friedrich Notter.

*
* *

730–14.ª *Blüthen Portugiesischer Poesie. Metrisch uebertragen von Friedrich Wilhelm Hoffmann. Zweite unveränderte Auflage. Magdeburg. 1880. Verlag von Emil Baensch, Koniglicher Hof 26. Verlagsbuchhändler.* 8.º de VIII–224 pag.

De pag. 61 a 79 contém *Noticia sobre a vida de Camões;* e de pag. 80 a 100 a versão de tres *poesias* do sublime poeta, sonetos, odes, etc.

*
* *

731-15.ª *Camoens in Deutschland Bibliographische Beiträge zur Gedächtnisfeier des Lusiadensängers.* (*Camões na Allemanha.* Supplemento bibliographico para a festa em memoria do poeta.) *Von Wilhelm Storck. Holozsvär, 1879.* 8.º de 45 pag.

Foram uns subsidios intencionalmente publicados, pelo sr. Storck, para a festa commemorativa do tricentenario do poeta.

Existe um exemplar na bibliotheca particular de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I. Possue outro exemplar o sr. dr. José Carlos Lopes, que me assevera que esta edição, por ter saído com erros graves, foi mandada supprimir pelo illustre auctor, e substituida pela seguinte. Tornou-se por isso mui rara.

*
* *

732–16.ª *Wilhelm Storck. Camoens in Deutschland Bibliographische Beiträge. Zweite verbesserte auflage. Kolozsvar. Acta comparationis Litterarum Universarum. Universitätsbuchdruckerel I. Stein. 1880.* 8.º de 45 pag.

*
* *

De auctor hollandez

733 *Camoëns en zijn Heldendicht:* «Die Lusiade.» *Rede van A. Beelvo, bij de Opening van de Algemeene Vergadering der Hollandsche Maatschappij van Traaije Kunsten en Wetenschappen, gehouden te Amsterdam, 20 september 1872. Snelpers. Drukkerij van Bonga en Comp. Amsterdam.* 8.º grande de 22 pag.

Esta obra não foi posta á venda.

*
* *

De auctor hungaro

734 *Szellemi Omnibus Kéjutazásra az élet utain. Aszalay József. Pesten, 1855.* 8.º grande. 3 tomos.

No tomo II, de pag. 191 a 197, traz um capitulo *A India*, e n'elle cita Camões entre os portuguezes que illustraram a Asia portugueza.

*
* *

De auctor dinamarquez

735 *Schack Staffelds Samsede Digte. Kjøbenhavn. Forlagt of Samfundet til den danske Litteraturs Fremme Trykt hos J. P. Qvist, Vog-og Nodetrykker.* 8.° 2 tomos de XVI-636 pag., e X-636 pag. e mais 1 de indice. — Tem no rosto a seguinte epigraphe:

... Still govern thou my song,
Urania, and fit audience find, though few.
Milton. Book VIII.

No tomo II, de pag. 269 a 287 vem o poemeto intitulado «*Camões*».

Em 1808, segundo li nas *Obras* do sr. visconde de Juromenha, tomo I, pag. 299, Staffeldts tinha já publicado em uma pequena collecção de poesias este poemeto, que depois appareceu traduzido em portuguez no livro *Eccos da lyra teutonica* de Gomes Monteiro. Veja no tomo presente a pag. 309, o n.° 436-101.ª

*
* *

De auctores russos

736-1.ª *Camões. Poema dramatico de Halm, traduzido do allemão em russo por Jukovsky, em 1839.*

Vem no tomo V das *Obras* d'esse illustre escriptor moscovita.

*
* *

737-2.ª *Filho da patria (Syn Otétchestva)*, revista litteraria. — Veja-se o n.° 10 de 1840.

Encontra-se ahi a versão completa do importante capitulo de Sismonde de Sismondi ácerca de *Camões e os Lusiadas*.

*
* *

738-3.ª *Catharina de Ataide, amante de Camões.*—Vem na revista *Memorial nacional (Otétchestvennya Zapiski)*, n.° 1 de 1854.

*
* *

739-4.ª O sr. Platão de Vakcel, que fez notaveis estudos ácerca da litteratura portugueza, escrevendo ao sr. visconde de Juromenha ácerca das versões russas, annunciava-lhe:

«N'um lindo soneto de Puskin inserto nas suas *Obras* (edição de 1855), no tomo II, pag. 531, este nosso maior poeta enumera os auctores que fizeram os melhores sonetos: Dante, Petrarca, Shakspeare, Camões, Wordsworth, Mickiewiez e Delvig. «Camões, diz elle, revestia com o soneto o pensamento pezaroso. *(Im skózbnu mysl Camóés oblekál.)*»

*
* *

740-5.ª *A vida de Camões a proposito do poema de Jukovsky.*

Encontra-se na *Revista infantil (Jurnáll dla Detéy),* n.º 8 de 1857.

*
* *

741-6.ª *Jornal Molvá.*—Veja o n.º 9 de 1857.

Contém um artigo do professor Sélm, que trata de varios poetas celebres, incluindo Luiz de Camões.

*
* *

742-7.ª *Historia da litteratura da antiguidade e dos tempos modernos. S. Petersburgo, 1862.*

Os tomos II e III são dedicados á litteratura da raça latina, e n'um trecho refere-se a Camões e á sua obra monumental.

*
* *

De auctor chinez

743 *A inscripção* em lingua chineza por Gai-Tang feita em 1840 para a gruta de Macau.

Veja o tomo I das *Obras* pelo visconde de Juromenha, pag. 302. Ahi vem outra versão chineza, feita para a mesma gruta, pelo missionario francez reveendo Lamiot, segundo a indicação do viajante Luiz Rienzi.

*
* *

II

Theatro

Manifestações dramaticas em que haja figurado o poeta ou em cuja contextura seja evidente a influencia dos «Lusiadas» ou dos seus mais divulgados episodios

744-1.ª *Bell's edition. Elvira. A tragedy. As written by mr. Mallet: Distinguishing also the variations of the theatre, as performed at the Theatre Royal in Drury-Lane, Regulated from the Prompt-Book, by Permission of the Managers, by Mr. Hopkins, Prompter. London: printed for John Bell, New Exeter-Exchange, in the Strand.* MDCCLXXVIII. 12.º de 50-4 pag. e 2 gravuras.

*
* *

745-2.ª *Castro. Tragedia. Por Domingos dos Reis Quita. (Lisboa, 1781, edição Rollandiana.)*

Veja o tomo II das *Obras* de Quita, de pag. 295 a 347; e a pag. 367 um elogio a Camões. No tomo I, a pag. 12, 20 e 34, tambem tem referencias a Camões.

*
* *

746-3.ª *La desgraciada hermosura, ó Doña Ines de Castro, tragedia en cinco actos: Sacada de su mas veridico suceso. P. D. A. R. Y. En Madrid: en la oficina de Ramon Ruiz, año de 1792.* 4.º de 34 pag.

*
* *

747-4.ª *Ines de Castro. Treuzspel door Mr Rhijnvis Feith, de Amsterdam, bij Johannes Allart* MDCCLXXXXIII. 8.º de VI-103 pag. Com uma gravura allusiva ao assumpto da tragedia.

*
* *

748-5.ª *Ines de Castro. Dramma per musica da rappresentarsi nel regio teatro di Via della Pergola l'autuno del* MDCCXCIII. *Sotto la protez. dell' A. R. di Ferdinando III. Arciduca d'Austria Principe Reale d'Ungheria e di Boemia. Gran-Duca di Toscana, &c. In Firenze.* MDCCXCIII. *Nella Stamperia Albizziniana da S. M. in Campo per Pietro Fantosini. Con Approvazione.* 8.º de 46 pag.

Tem referencia a Camões. Na pag. 4 vem a seguinte declaração: *La poesia*

è del Sig. Cosimo Gietti Fiorentino. La musica è del celebre Sig. Maestro Gaetano Andreozzi.

*
* *

749-6.ª *Inez, a tragedy... London, printed for R. Edwards, Bond Street... 1796.* 8.º de VI-124 pag.

*
* *

750-7.ª *Ines de Castro, opera, musica de Paesiello.*— Foi representada em Lisboa em 1799.

*
* *

751-8.ª *Ignez de Castro; a portuguese tragedy: in three actes. Written by Don Domingo Quita. Translated by Benjamim Thompson, Esq.* etc. *London, 1800.* 8.º de 6 innumeradas-30 pag. com uma gravura.

*
* *

752-9.ª *Dona Ignez de Castro, a tragedy from the portuguese of Nicola Luiz, with remarks on the history of that infortunate Lady, by John Adamson. Newcastle: printed and sold by D. Akenhead and Sons... 1808.* 8.º de 124 pag. Tem dedicatoria a lord Strangford e as seguintes epigraphes:

Contra hũa Dama, o peitos carniceiros,
Ferozes vos mostrais, e cavalleiros? CAMÕES.

O foul disgrace, to knight hood lasting stain
By men at arms an helpless Lady slain. MICKLE.

*
* *

753-10.ª *Inès de Castro, tragédie, por Lamotte-Houdart représentée pour la première fois, le 6 avril 1723. Paris, impr. de A. Belin. 1813.* 12.º — Pertence á collecção *Réportoire du théatre français*, tomo XXX, pag. 1 a 62.

*
* *

754-11.ª *O nome. Elogio dramatico que depois da batalha dos Arapiles, vindo a Lisboa o seu vencedor Lord Marquez de Wellington, e Torres Vedras*, etc. etc., *em obsequio e applauso de tão fausta vinda se representou no real theatro nacional de S. Carlos, por N. A. P. P. M.* (Nuno Alvares Pereira Pato Moniz). *Lisboa, 1813. Na officina de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões.* 8.º de 35 pag.

O *Elogio*, no qual Camões é um dos interlocutores, occupa de pag. 5 a 18; e

nas restantes vem os *Versos*, que pelo mesmo plausivel motivo, junto com o drama, se distribuiram no dito theatro.

*
* *

755-12.ª *Nova Castro, tragedia. Por João Baptista Gomes. Quarta edição, correcta e augmentada. Lisboa, na imprensa regia, 1817.* 8.º de 116 pag.

*
* *

756-13.ª *La reine de Portugal, tragédie en cinq actes, par M. Firmin Didot, représentée pour la première fois, sur le second théatre français, le 20 octobre 1823, Paris. De la typographie de l'auteur, rue Jacob, nº 24. 1824.* 8.º de VI-88 pag. e mais 1 innumerada com annotações.

Esta tragedia, segundo declara o auctor no prologo, foi inspirada pelo episodio de Ignez de Castro, no canto III dos *Lusiadas*.

*
* *

757-14.ª *Pierre de Portugal, tragédie en cinq actes, par M. Lucien Arnault,* etc. *A Bruxelles, chez J. B. Dupon, imprimeur-libraire. 1827.* 8.º pequeno de 76 pag.

Não é vulgar esta peça, da qual existe uma versão ou imitação na Allemanha. O sr. dr. José Carlos Lopes possue um exemplar na sua opulentissima collecção camoniana

*
* *

758-15.ª *Camoëns, drame historique, en cinq actes, par Martin Deslandes. A Paris. Chez Barba, libraire, 1829.* 8.º de 6 (innumeradas)-135 pag.

Tambem é pouco vulgar este drama. Possuem-no, em Lisboa o sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, e no Porto o sr. dr. José Carlos Lopes.

*
* *

759-16.ª *Nova Castro, tragedia de João Baptista Gomes Junior. Quinta edição, correcta de muitos erros, e augmentada com a brilhante scena da coroação. Lisboa, na impressão regia. 1830.* 8.º de 83 pag.

*
* *

760-17.ª *The tragedies of Harold, and Camoens. By H. St G. Tucker, Esq. London: Parbury, Allens & Co., Leadenhall street. 1835.* 8.º grande de VIII-198-1

pag.— Tem no verso do rosto, e no fim : *London : Printed by J. L. Cox and Sons, 75, Great Queen street, Lincoln's-Inn Fields.*

Comprehende : introducção (pag. v a viii) ; dedicatoria ao duque de Wellington (pag. 3 innumeradas); tragedia *Harold* (pag. 5 a 82) ; e tragedia *Camões* (pag. 85 a 198).

A ultima composição dramatica tem cinco actos, e, alem da comparsaria, quinze personagens, das quaes são principaes : *D. Antonio da Gama*, vice-rei da India ; *Ignacio Lopes*, inquisidor em Goa; a mulher do vice-rei e *Camões*. No quarto acto, Camões entra nas prisões da inquisição em Goa e ahi figura na scena quinta.

*
* *

761-18.ª *Camoens, a tragedy*. 8.º grande de 95 pag.— Parece que se fez uma nova edição d'esta peça de Tucker, que publicára a primeira em 1835, como ficou indicado acima, mas ignoro a data.

*
* *

762-19.ª *Théatre européen. Nouvelle collection des chefs d'œuvre des théatres allemand, anglais, espagnol, danois, français, hollandais, italien, polonais, russe, suédois, &c. Avec notices et des notes historiques, biographiques et critiques, par MM. ... Théatre portugais. Paris. Ed. Guerin et Cie, éditeurs, rue de Dragon 30. 1835*. Folio de 4 (innumeradas)-82 pag.— No verso do ante-rosto : *Imprimerie de E. Duverger, 4, rue de Verneuil.*

Este livro contém : A tragedia *Ignez de Castro* e a comedia *O Cioso*, de Antonio Ferreira, com uma introducção por Ferdinand Denis, que cita lisonjeiramente Camões.

*
* *

763-20.ª *Nova Castro, tragedia de João Baptista Gomes Junior. Nova edição ... augmentada com a brilhante scena da coroação. Seguida do episodio de Camões sobre a morte de D. Ignez de Castro e da cantata de Bocage sobre o mesmo assumpto. Paris, na livraria Portugueza de J. P. Aillaud. 1838*. 12.º de 4 (innumeradas)-114 pag. Com uma gravura.

*
* *

764-21.ª *Camoens. Dramatisches Gedicht in einem Aufzuge von Friedrich Halm. Wien, Gedruckt und in Verlage bey Carl Gerold. 1838*. (Camões. Poema dramatico em um acto, de Frederico Halm. Vienna, etc.). 8.º de 44 pag.— Tem a seguinte epigraphe :

> El bronce muere y se deshace el marmol,
> Mas el canto divino
> No se rinde al imperio del destino.
>
> Do Alb. Lista.

*
* *

765–22.ª *Ines de Castro. Opera em tres actos, letra de Salvador Cammarano musica de Persiani.*— Foi representado em Napoles em 1835, em Genova ou Milão em 1837, em Lisboa em 1838, e em Paris em 1839.

*
* *

766–23.ª *Ines de Castro. Tragedia lyrica, A serious opera. In three acts. The music by sig. G. Persiani. The poetry by sig. Cammarano. As represented at Her Majesty's Theatre, Haymarket. London : printed for H N. Millar, Norris street; for Her Majesty's Theatre.* (Sem data.) 12.º de 48 pag.— No verso da ultima pagina: *Printed by R. Macdonald, 30 Great Sulton street, Clerkenwell.*

*
* *

767–24.ª *Ines di Castro, opera, musica de Manuel Innocencio dos Santos, representada no theatro de S. Carlos, de Lisboa, em 8 de julho de 1839.*

*
* *

768–25.ª *Ines de Castro. A lyric tragedy, in three actes. Poetry by signor Salvador Cammarano. The music by signor Persiani. As represented at Her Majesty's Theatre Haymarket. 1840. London; printed by W. Clowes and Sons, 14, Charing Cross . . . 1840.* 12.º de 81–2 pag.

*
* *

769–26.ª *Ines de Castro, opera em tres actos, musica de Pedro Antonio Coppola, representada no theatro de S. Carlos de Lisboa, em 23 de dezembro de 1841.*

*
* *

770–27.ª *Ignez de Castro. Trauerspiel in fünf Aufzügen von João Baptista Gomes. Nach der Siebenten Auflage der portugiesischen Urschrift übersetzt von dr. Alexander Wittich, etc. Leipzig : F. A. Brockhaus, 1841.* 12.º de VIII-160 pag.— Tem dedicatoria ao dr. Scheidler.

*
* *

771–28.ª *Iñez di Castro : an historical drama. By Jonathan A. Skelton, of Trinity Hall, Cambridge. London. 1841.* 8.º grande de XI-5 (innumeradas)-79 pag.

*
* *

772-29.ª *Don Sebastien roi de Portugal, opéra en cinq actes, paroles de M. Scribe; musique de Donizetti. Paris, 1843.*

Um dos personagens d'esta opera é o poeta e soldado Luiz de Camões.

* *

773-30.ª *Camoëns. Trauerspiel in fünf Akten. Von dr. Herman. Th. Schmid. Als manuscript gedruckt. Munichen. 1843.* (Camões. Tragedia em cinco actos, de Hermano Th. Schmid. Impresso conforme o original. Munich.) 8.º de 4-155 pag.

Tem dezeseis personagens. Os principaes são: el-rei D. Sebastião, D. Aleixo de Menezes, D. Luiz da Camara, Luiz de Camões, D. Francisco de Sá e D. Catharina de Athaide.

Segundo a declaração expressa n'este livro, a primeira representação foi em 30 de março de 1843 no theatro nacional de Munich.

*
* *

774-31.ª *Camoens, Dramatisches Gedicht in einem Aufzuge von Friedrich Halm. Zweite Auflage, etc. Wien, 1843.* 8.º de 44 pag.

É a primeira edição do drama de Halm apenas com o frontispicio mudado.

*
* *

775-32.ª *Camões. Tragedia por Joseph Eloi* (barão de Munch Bellingausen).

Não tenho outras indicações. Extrahi esta nota do interessante livro *Portugal e os estrangeiros,* do sr. M. Bernardes Branco.

*
* *

776-33.ª *Théatre de l'opéra-comique. L'esclave du Camoens. Opéra-comique en un acte. Paroles de M. de Saint-Georges, musique de M. Flotow. Représenté pour la première fois, à Paris, sur le Théatre de l'Opéra-comique, le 1er décembre 1843. Prix: 60 centimes. Paris. Deck, éditeur, rue Saint-André-des-Arts, 21 Tresse, successeur de J. N. Barda, Palais-Royal. 1843.* 8.º de 2 (innumeradas)-12 pag.— No fim tem a indicação typographica: *Imprimerie de A. Henry, rue de Git-le-Cœur, 8.*

A acção d'esta opera é nos arredores de Lisboa, 1571. Entram quatro personagens, que são: Camões, rei D. Sebastião, uma escrava preta e um dono de estalagem.

A respeito d'esta opera comica appareceu um artigo critico do sr. José Freire de Serpa na *Revista academica,* jornal litterario e scientifico de Coimbra, n.º 6, de 1 de junho de 1845, de pag. 92 a 95. Ahi se lê:

«Esta peça, formosa em sua contextura e fabula, que ha um anno tantos applausos tem merecido, n'um dos primeiros theatros de Paris, revela todavia a maior ignorancia na pessoa do A. ...

«... um quadro de falsidades improvisadas, coberto com o enganador epitheto de historico, embora como este, sublime de poesia e originalidade.

«Peza-nos que no meio das mais bellas peripecias, resumidas em tão pequeno quadro, como ramalhete de flores; ao lado de tão interessante, arrebatador e mimoso enredo; e mesmo a par do caracter nobre, orgulhoso, apaixonado e bello do poeta, abstrahindo da idéa de Camões; peza-nos ver adulterada a nossa historia, confundindo a Hespanha com Portugal, desconhecido o caracter principal de D. Sebastião, e baralhados assim acontecimentos tão recentes e tão sabidos ...»

Depois, o auctor do artigo, elogiando o engenho de Saint-Georges, conta por miudo o enredo da opera.

*
* *

777–34.ª *Don Sebastiano Rè di Portogallo. Dramma-lirico in cinque atti (1578). Eseguito nella restaurata sala dell' assemblea filarmonica. La musica è del maestro cavalier Gaetano Donizetti. Le parole di M. Scribe, membro dell' accademia franceza transportate in italiano da Cesare Perini da Lucca. Lisbona, typ. de Antonio Giuseppe da Rocha, ai Martiri, nº 13. 1844.* 8.º de XI–63 pag.

Os personagens são doze, sendo os principaes: el-rei D. Sebastião; D. Antonio, tio de el-rei; João da Silva, primeiro inquisidor; Camões, etc.

*
* *

778–35.ª *Théatre de l'Odéon. Camoëns, drame en cinq actes et en prose, par MM. Victor Perrot et Armand Du Mesnil. Représenté pour la première fois à Paris sur le théatre royal de l'Odéon (second théatre-Français) le 29 Avril 1845. Prix: 60 centimes. Paris. Deck, éditeur, rue Git-le-Cœur, 12. Tresse, successeur de J. N. Barda, Palais-Royal. 1845.* 8.º de 2-(innumeradas)–34 pag.— No fim tem esta indicação: *Imprimerie hydraulique de Giroux et Vialat, à Saint-Denis-du-Port, près Lagny.*

A acção d'este drama é em Lisboa, 1578. Entram, alem da comparsaria, quatorze personagens, sendo os principaes: rei D. Sebastião, Antonio, escravo, Camões e D. Catharina de Athaide.

*
* *

779–36.ª *D. Sebastião, rei de Portugal. Drama lyrico em 5 actos para se representar no R. T. de S. Carlos. Lisboa. Na typographia de P. A. Borges. 1845.* 8.º peq. de 119 pag.

*
* *

780-37.ª *Camoens, drame en un acte et en vers. Imité de l'allemand par le prince Elim Mestscherski.*— Entrou em um volume de versos do mesmo auctor, publicado em París em 1845 sob o titulo *Les roses noirs*, e ahi vae de pag. 119 a 159. Na opinião de um distincto bibliophilo, é obra de pouco valor e sufficientemente falta de bom senso.

*
* *

781-38.ª *Camões. Opera da Musone.*— Foi cantada em Napoles em 1873 e em Parma em 1874. O sr. Bernardes Branco assevera, no seu *Portugal e os estrangeiros*, tomo II, pag. 404, que tambem foi cantada em Padua.

*
* *

782-39.ª *Camoens. Traubrspiel in füng acten. Von Wilhelm von Chézr. Bayrenth.* 8.º de 172 pag.

*
* *

783-40.ª *Obras poeticas e dramaticas por Alexandre Monteiro. Porto: typographia da Revista, rua de Santa Thereza, n.º 3. 1848.* 8.º de 8-191 pag.—É dedicado á irmã do auctor, a sr.ª baroneza da Junqueira.

Contém: *Camões, drama em quatro actos*, de pag. 1 a 83.

*
* *

784-41.ª *Camões. Drama de Eugenio de Monglave* (Rio de Janeiro).

Ácerca d'esta composição nada mais sei alem do que o conselheiro José Feliciano de Castilho poz no seu *Iris*, vol. II (1849), pag. 145.

*
* *

785-42.ª *Leitura academica do Camões, drama original de Raposo de Almeida. Rio de Janeiro, 1847.* 4.º de 17 pag.

No jornel *Iris*, citado, pag. 145, lê-se:

«O sr. . . . compoz um drama, sob o mesmo titulo, e cujo ultimo acto é, em grande parte, calcado sobre passos de *Camões*, ou circumstancias que nos foram legadas pelo seu amigo, por aquelle a quem o proprio poeta commettêra o honroso encargo de o commentar.»

*
* *

786-43.ª *Nova Castro. Tragedia de João Baptista Gomes Junior. Nova edição,* etc. (Com a scena da coroação, o episodio de Ignez de Castro e a cantata de Bocage.) *Ornada com estampas. Paris, na livraria Portugueza de J. P. Aillaud. 1848.* 8.º de 4 (innumeradas)-114 pag.

*
* *

787-44.ª *A Ilha dos Amores: episodio do canto* IX *dos Lusiadas de Camões. Bailete mimico em dois quadros, posto em scena pelo sr. Violté, para se representar no real theatro de S. Carlos. Lisboa, typographia de Borges. 1849.* 8.º de 8 pag.

*
* *

788-45.ª *Camões. Estudo historico-poetico; liberrimamente fundado sobre um drama francez dos srs. Victor Perrot, e Armand Du Mesnil, por Antonio Feliciano de Castilho. Ponta Delgada, typographia da rua das Artes, 68. 1849.* 8.º de 300 pag. Com o retrato de Camões no principio do livro e uma gravura da gruta de Camões em Macau, em frente da pag. 296, com uma breve descripção por Frederico Leão Cabreira.—Nas pag. 207 e 291 declara o traductor que as gravuras são devidas ao buril de D. Maria Leonor da Camara Sampaio, a quem elogia pelo seu merito.

Figuram n'esta peça vinte e cinco personagens, não contando com os que não fallam. Os principaes são: Camões, el-rei D. Sebastião, Martim Gonçalves da Camara, D. Affonso de Noronha, Jau, e D. Catharina de Athaide. Na scena setima do acto quinto, Camões recita a D. Catharina alguns versos, e esta o episodio de D. Ignez de Castro.

Ha notaveis differenças entra esta peça e a franceza. As notas de Castilho são mui interessantes. O drama francez foi já citado acima.

Castilho antes de publicar esta obra, mandou uma copia a seu irmão José Feliciano para que elle supplicasse do imperador sr. D. Pedro II a licença para a dedicatoria. Infere-se isto de um artigo do *Iris*, acompanhado de uns trechos do drama e de uma carta, em que o traductor ou imitador de Perrot e de Du Mesnil escreve:

« Se V. ahi encontrar esta peça, e a confrontar com a minha, reconhecerá o porque eu não designei a minha por traduzida, nem mesmo por imitada. É um estudo todo novo, que eu fiz, de costumes patrios n'aquella idade, com o maior escrupulo, e que tratei de reproduzir com fidelidade daguerreotypica, isto é, com tanta fidelidade quanto havia sido o desleixo, e a desprezadora falta de conhecimentos especiaes dos dois francezes. As minhas personagens historicas são tão reaes e verdadeiras quanto as d'elles eram falsas e absurdas: a minha Lisboa é tão reconhecidamente a Lisboa quinhentista, quanto a d'elles está longe da Lisboa d'esses ou de quaesquer outros tempos. O que só é d'elles, na minha obra, é o enredo; cabendo ainda aqui advertir, que o melhor do segundo acto e do quinto nem sequer germen tem no escripto francez; e o mesmo se póde dizer de um grande numero de effeitos em todos os outros actos ... »

*
* *

789-46.ª *Luiz de Camões. Drama em cinco actos por L. A. Burgain, etc. Rio de Janeiro, em casa de Ed. e Henr. Laemmert, 1849.* 8.º de VII-117 pag.

Esta peça, que o auctor apresentou ao theatro brazileiro com outro titulo, foi representada muitas vezes nos theatros do Brazil, e não me lembra se em algum de Portugal, quando vivia o seu auctor; e tem tido diversas edições. As ultimas que conheço são a *quarta,* que saíu em 1862, e a *quinta. Ibidem.* 8.º de XIII-125 pag. e mais 1 innumerada com um *soneto a Camões.*

*
* *

790-47.ª *Le ultime ori di Camoens allo ospidale di Lisbona, da Leone Fortis.*— É uma scena dramatica em verso.

Foi traduzida por Mendes Leal conforme o seguinte numero.

*
* *

791-48.ª *Os ultimos momentos de Camoens, scena dramatica originalmente composta em italiano por Leone Fortis, vertida em portuguez e offerecida á primeira e insigne tragica moderna Adelaide Ristori por José da Silva Mendes Leal Junior. Lisboa, typographia Lisbonense de Aguiar Vianna, 1859.* 4.º de 21 pag. — Traz a versão portugueza em frente do original.

Existe outra edição. *Ibi, typographia Universal, 1860.* 8.º de 38 pag.

*
* *

792-49.ª *Camoens, o un Poeta ed un Ministro. Dramma in cinque atti e epilogo. Representato la prima volta in Torino nel teatro Carignano. Torino* (sem data). 4.º de 30 pag. Com uma gravura representando o sublime poeta escrevendo os seus *Lusiadas* na gruta de Macau.

N'uma declaração prévia o editor affirma que, apesar de muitas pessoas supporem que este drama é plagiato do de Perrot e de Du Mesnil, o auctor considera-o inteiramente original.

Foi representado este drama em Milão, com applausos, sob o titulo de *Poeta e Rè,* segundo leio nas *Obras,* citadas, tomo I, pag. 269.

*
* *

793-50.ª *Astréa. Elogio dramatico por José Romano. Lisboa, 1855.* 8.º

Foi representado no antigo theatro da Rua dos Condes por occasião da festa da acclamação de El-Rei D. Pedro V. Um dos personagens é Camões.

*
* *

794-51.ª *D. Sebastião, rei de Portugal. Drama lyrico em 5 actos para se representar no R. T. de S. João. Porto, typographia de A. da S. Santos. 1855.* 8.º de 64 pag.

*
* *

795-52.ª *Camões e o Jau. Scena dramatica original por Casimiro de Abreu. Lisboa, typographia do Panorama. 1856.* 8.º de 23 pag.

*
* *

796-53.ª *D. Sebastião, rei de Portugal. Drama serio d'Eugenio Scribe, traduzido em italiano por G. Ruffini e em portuguez por Henrique Velloso de Oliveira. Musica de Donizetti. Rio de Janeiro. Emp. Typ. Dois de dezembro de P. Brito. 1856.* 8.º de 8 (innumeradas)-85 pag.—Traz o italiano em frente da versão portugueza.

*
* *

797-54.ª *Elvira : a tragedy. Acted at the Theatre Royal in Drury-Lane. London : printed for A. Millar, in the Strand.* 8.º de 8-69-2 pag.

O auctor d'esta tragedia, David Mallet, declarou que deu a *Ignez de Castro* o nome de *Elvira,* e refere-se com louvor a Camões. Parece ter-se inspirado no episodio dos *Lusiadas*. A obra é dedicada ao conde de Bute.

*
* *

798-55.ª *Nova Castro, tragedia de João Baptista Gomes Junior. Nova edição ... acrescentada com a brilhante scena da coroação. Porto, na typographia da Revista, 1857.* 8.º de 83 pag.—Esta edição foi feita por conta de um Calder, que não sei se era então livreiro no Porto.

*
* *

799-56.ª *Camões. Estudo historico poetico liberrimamente fundado sobre um drama francez dos srs. Victor Perrot e Armand Du Mesnil por Antonio Feliciano de Castilho. Segunda edição copiosamente acrescentada nas notas. Lisboa, typographia Franco-portugueza, rua do Thesouro Velho, 6. 1863.* 8.º 3 tomos de XIV-259 pag., 248 pag. e 226 pag.

O tomo I contém: dedicatoria ao imperador D. Pedro II, com as datas da

ilha de S. Miguel 4 de agosto de 1849, e de Lisboa 30 de abril de 1862 (pag. v a VII); advertencia da primeira edição (pag. IX a XII); advertencia d'esta edição (pag. XIII a XIV); drama (pag. 1 a 225); e noticia complementar, em que se declara que este drama, acabado de imprimir na primeira edição aos 22 de fevereiro de 1850, foi pela primeira vez representado no Rio de Janeiro em 30 de novembro de 1855, seguindo-se uns documentos relativos á mesma representação (pag. 227 a 259).

Os tomos II e III contêem as *notas para se lerem*, entre as quaes figuram, no ultimo tomo, uma noticia mais desenvolvida da familia Castilho, a proposito do que diz el-rei D. Sebastião na scena XVIII do acto I, pelo sr. Julio de Castilho, segundo visconde de Castilho (pag. 7 a 140); e uma *nota nova* ácerca da composição de Fortis, traduzida por Mendes Leal: *Os ultimos momentos de Camões* (pag. 159 a 193).

Na segunda advertencia escreveu A. F. de Castilho:

«... não julguei dever alterar no drama cousa alguma, comquanto lhe reconheça, e agora com mais viveza do que então, defeitos e maculas de mais de um genero. Não é contumacia nem incorrigibilidade; é só porque essas que seriam e são maculas e defeitos para o theatro, mudam logo de nome e de natureza se a obra se avalia como estudo e livro; e isso unicamente é que eu pretendi que fosse.

«As notas que intitulei *para se lerem*, têem, se me não engano, algum valor mais que o texto; não pela execução litteraria, mas sim por offerecerem á consideração muitas propostas de cousas boas, todas exequiveis, e quasi todas muito faceis...

«Fiz pois ás notas o que não fizera ao drama; reestudei-as; ampliei-as com mão larga; entresachei-lhes novas. O total cresceu a ponto que o volume da primeira edição houve agora de se dividir em tres.»

*
* *

800–57.ª *Ines de Portugal, opera em 4 actos, libretto de M. Duchêne, musica de M. Gérolt, representada em Nancy em fevereiro de 1864.*

*
* *

801–58.ª *Jau, o escravo de Camões. Poesia dramatica original por Faustino Xavier de Novaes. Recitada no theatro Angrense, pelo actor Mario Soares, na noite de 9 de março de 1865. Angra do Heroismo, typographia do Governo civil. 1865.* 4.º de 6 pag.

*
* *

802–59.ª *Doña Inés de Castro. Drama en tres actos, en verso, original de Don Francisco Luis de Retes. Estrenado en el teatro de Jovellanos el 17 de setiembre de 1868. Madrid Imprenta de José Rodriguez. 1868.* 8.º de 90 pag. e mais 1 de censura.

*
* *

803-60.ª *Inez; or the Bride of Portugal, by Ross Neil. London. 1871.* 8.º de 8 innumeradas-291 pag.

A tragedia começa a pag. 139; de pag. 1 a 138 comprehende-se outra tragedia intitulada: *Lady Jane Grey.*

*
* *

804-61.ª *Camoens. Cuadro dramático, original en un acto y en verso de los señores Don Manuel Ossorio y Bernard y Don Lucio Viñas y Deza. Representado por primera vez con extraordinario aplauso en el teatro Salon Eslava, el dia 4 de noviembre de 1871. Madrid. Imprenta de S. Landáburn. 1871.* 8.º de 24 pag.

*
* *

805-62.ª *Le Camoens Drame historique en un acte et en vers par Victor Perdoux. Paris, Hachette et C^ie 1872.* 18.º de 36 pag.

*
* *

806-63.ª *Camoens im Exil. Dramatisches Gedicht in einem Act. Von Uffo Horn Wien.* 8.º de XIV-40 pag.

*
* *

807-64.ª *Camoens. Drame en un acte et en vers, par Elvin Mestscherski.* (Sem logar, nem data.)

É o fragmento de um volume que possue o sr. Fernando Palha.

*
* *

808-65.ª *Inez de Castro, mélodrame en trois actes avec deux intermedes, par Victor Hugo.*

Vem na obra *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie,* tomo I. Veja a descripção que fiz d'este melodrama, uma das primeiras manifestações do talento dramatico do grande poeta da França, no tomo VII do *Archivo pittoresco.*

Esta obra foi trasladada em inglez: *Victor Hugo. A life related by one who has witnessed it, including a drama in three acts intitled Inez de Castro. London. 1863.*

*
* *

809-66.ª *D. Inez de Castro. Drama em cinco actos e em verso por Julio de Castilho. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, etc. 1875.* 8.º de XXIII-356 pag. e mais 3 innumeradas de nota, errata e indice. Com uma gravura da estatua tumular de D. Ignez em Alcobaça.

Tem antes da dedicatoria esta epigraphe:

> As filhas do Mondego a morte escura:
> longo tempo chorando memoraram. CAMÕES.

Tem outras referencias camonianas, como as epigraphes que antecedem os actos: a pag. 330, nota LX; e de pag. 341 a 356, nota final LXXXI, *D. Ignez de Castro, como assumpto.* Ahi são apontadas numerosas obras em que o episodio tragico, passado á composição romantica ou dramatica, foi inspirado pelo immortal poema dos *Lusiadas.*

O drama do sr. Julio de Castilho (segundo visconde de Castilho) acompanha em muitas passagens a tragedia *Castro,* de Antonio Ferreira, como o proprio auctor declara em algumas notas, e nomeadamente a pag. 317, 325 e 336.

*
* *

810-67.ª *Quelques essais en langue française par Joaquim José Teixeira. Bruxelles, imp. & lith. E. Guyot. 1877.* 8.º de 135 pag.

Nas pag. 59 a 68 contém: *Camoens, fragment dramatique.*

*
* *

811-68.ª *Alma l'enchanteresse: opéra en quatre actes de M. de Saint-Georges, adapté à la scène italienne par A. de Lauzières. Musique de F. de Flotow. Représenté pour la première fois sur le théatre des Italiens, le 9 avril 1878. Paris. 1878.* 8.º de 87 pag. com a traducção italiana em verso em frente do original.

*
* *

812-69.ª *Camoens. Drama storico in quattro atti in versi di Domenico Bolognesi. Napoli. 1873.* 8.º de 47 pag.— Representada em Napoles em 1872.

*
* *

813-70.ª *Camoëns. Drama lirico en un acto original y en verso de Marcos Zapata, musica del maestro Marqués. Representada en el teatro de Jovellanos á be-*

neficio del distinguido artista D. Rosendo Dalmau, el 24 de febrero de 1879. Madrid. Establecimiento typográfico de E. Cuesta, 1879. 8.° de 39 pag.

*
* *

814 71.ª *Camões em Africa. Scena dramatica em verso. Lisboa, imprensa nacional, 1880.* 8.°

*
* *

815–72.ª *Camões. Drama historico em cinco actos. Por Cypriano Jardim. Representado pela primeira vez nas festas do tricentenario no theatro de D. Maria II. Porto, 1880.* 8.°

*
* *

III

Parodias

816–1.ª *Parodia ao primeiro canto dos Lusiadas de Camões. Porto: typographia da rua Formosa n.° 243. 1845.* 8.° de XIII–37 pag. — Tem, depois da explicação preambular, segundo rosto d'este modo:

«*Festas bacchanaes: Conversão do primeiro canto dos Lusiadas do grande Luiz de Camões vertidos de humano em o de-vinho por uns caprichosos. Auctores: S. O dr. Manuel do Valle, Bartholomeu Varella, Luis Mendes de Vasconcellos, O Licenciado Manuel Luiz. No anno de 1589.*»

Contém: advertencia preliminar (pag. V a VIII); noticia ácérca d'esta parodia, assignada por Francisco Soares Toscano (pag. XI a XIII); soneto ao auctor d'esta obra (pag. 1 innumerada); a parodia com argumento (pag. 2 a 37).

O soneto ao auctor começa:

Pelo que Baccho vio em vosso canto
Entendo que lhe sois affeiçoado.

E acaba:

Coróão-vos de louro e pano verde
Porque sejais no mundo conhecido
Per um bebado bom e bom poeta.

Na advertencia se refere, segundo Faria e Sousa, que o canto II da parodia fôra depois continuado por Antonio de Magalhães e Menezes, senhor da Ponte da Barca, que indo a Madrid em 1645 lêra algumas estancias ao mesmo Faria.

Esta parodia saíra antes na folha litteraria *Miscellanea historica e litteraria*, publicada no Porto no anno 1845.

Antes de apparecer á luz este folheto, corriam de mão em mão dos amadores copias manuscriptas, e entre ellas sei da que existiu na bibliotheca de Gomes

Monteiro, o qual em 1843 a emprestou a Norton para que a copiasse. Esta copia está na bibliotheca nacional de Lisboa, encadernada juntamente com o folheto impresso.

Entre os livros camonianos do benemerito visconde de Juromenha encontrei uma copia. O sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro possue outra. Norton possuia tambem duas copias, letra do seculo XVII, que menciono adiante.

O sr. Theophilo Braga copiou na sua *Historia de Camões*, parte II (vol. III) de pag. 480 a 496, a noticia em que Soares Toscano descreveu a composição da parodia e os seus auctores.

*
* *

817-2.ª *Os Lusiadas do seculo* XIX. *Poema heroi-comico (Parodia) por F. A. d'Almeida. Lisboa. Typographia da sociedade typographica Franco-portugueza, rua do Thesouro Velho n.º 6. 1865.* 8.º de 206 pag.

Este volume comprehendeu apenas a parodia aos primeiros cincos cantos dos *Lusiadas* com dois argumentos, um em prosa e outro em verso. Devia seguir-se pouco depois o segundo tomo, porém só veiu a apparecer passados dezenove annos, em 1884, e por outro editor.

Os Lusiadas do seculo XIX. *Poema heroi-comico. (Parodia) Volume* II. *Lisboa. Livraria editora de Tavares Cardoso & Irmão, 5, Largo do Camões, 6 1884.* 8.º de 197 pag. e mais 2 innumeradas de cavaco e advertencia finaes.—No alto do rosto tem o nome do auctor *Francisco de Almeida;* e no fim do livro a indicação: *Typ. Elzeveriana R. Oriental do Passeio, 8 a 20. Lisboa.*

A impressão d'este volume faz muita differença do antecedente, na qualidade do papel e dos caracteres typographicos empregados. O auctor promette, n'uma advertencia final, dar ainda outro volume com annotações relativas ás pessoas e cousas que cita na parodia; mas não appareceu ainda á luz este trabalho, em que trataria de *pôr as carapuças nas respectivas cabeças.*

*
* *

818-3.ª *A visão do heroe da ilha das Gallinhas. Parodia do episodio do Adamastor.*

Saíu na *Gazeta do povo* n.º 899 de 1 de novembro de 1872 É em dezenove oitavas.

*
* *

819-4.ª *Dinheiro!* (Parodia ao canto I dos *Lusiadas* por Faustino Xavier de Novaes.)

Veja de pag. 14 a 49 do volume *Poesias posthumas* publicado no Porto em 1877 pelo sr. Antonio de Sousa.

*
* *

820-5.ª *Parodia ao primeiro canto dos Lusiadas de Camões por quatro estudantes de Evora em 1589. Lisboa, 1880.* 8.º

Foi editor d'esta reproducção um bibliomano, que exercêra em tempo no Brazil a profissão de livreiro, de appellido Fernandes e de alcunha *O vinagrão,* já fallecido. Legou alguns milhares de volumes, e entre elles muitas obras não vulgares e raras, e uma rasoavel camoniana, com muitos duplicados, ao asylo das cegas de Lisboa. A sua mania nos ultimos annos era comprar por todo o preço, e guardar, ora na sua casa, ora na casa dos conhecidos e amigos, e ás vezes deixar em deposito aos proprios livreiros que lh'os vendiam, exemplares repetidos das obras mais estimadas e menos vulgares. A data de escrever estas linhas (30 de abril de 1887), não me consta que esteja ainda liquidado esse legado, creio que por incidentes judiciaes.

*
* *

821-6.ª *Les Lusiades travesties. Parodie en vers burlesques, grotesques et sérieux. Voyage maritime et pédestre du grand portugais Vasco de Gama por J. R. M. Scarron* II. *Tous droits de l'auteur reservés. Porto, J. R. Mesnier, éditeur. Rue Cima de Villa, 129. 1883.* 8.º de 256 pag. Com duas estampas lithographicas allegoricas, imitando gravura. No verso do ante-rosto: «*Porto: 1883. Typ. de A. J. da Silva Teixeira. 62, Cancella Velha, 62*».

O poema vae de pag. 15 a 231, e tem ahi: *Fin de la première partie.*» De pag. 233 a 256 correm uns trechos poeticos sob o titulo *Essais divers.* Não appareceu a segunda parte.

*
* *

822-7.ª *A bolha. (Resposta á Niveleida, ao espectaculo e ao Nivel Academico, tres semsaborias distinctas e nenhuma de geito.) Por* ... 4.º peq. de 8 pag. (Sem logar, nem data, mas foi impresso em Coimbra em 1886.)

É parodia ao canto I dos *Lusiadas.* Tem por epigraphe:

Assim o querem assim o têem.

Começa:

Os grandes paspalhões assignalados,

E acaba:

Soberbo estouro que salvaste a patria!

*
* *

IV

Musica

823-1.ª *Messe de Requiem á quatre voix, chœurs, et grande orchestre, avec acompagnement de piano á defaut d'orchestre. Ouvrage consacré á la mémoire de Camões, par J. D. Bomtempo. Paris* (sem data). Folio de 205 folhas.

Não é vulgar. Creio que falta á maior parte dos colleccionadores. Possuia um exemplar o fallecido Joaquim José Marques. Foi vendido, no leilão de seus livros, por 10$300 réis. O sr. dr. José Carlos Lopes tem esta *Missa* na sua collecção.

O sr. Joaquim de Vasconcellos, do Porto, mandou photographar o rosto d'este livro para um *Album* de photographias commemorativo das festas do tricentenario de Camões realisadas n'aquella cidade em 1880. D'elle farei menção em logar opportuno.

*
* *

824-2.ª *Ignez de Castro.* Opera de Weber. Berlim.

O sr. Joaquim de Vasconcellos, do Porto, tambem mandou reproduzir o rosto de um trecho d'esta opera para o *Album* de photographias que publicou por occasião das festas do tricentenario n'aquella cidade.

* *

825-3.ª *O genio de Camões.*—Primeira composição do sr. João Pedro Augusto Rio de Carvalho em janeiro de 1856, quando discipulo do real conservatorio de Lisboa, offerecida a sua magestade El-Rei D. Fernando em homenagem ao seu talento artistico.

Vi o autographo com a dedicatoria do auctor na bibliotheca de El-Rei D. Fernando.

*
* *

826-4.ª *Le Camoens. Scène et Air pour voix de baryton. Lisbonne. Paroles de Mr. ... Musique de J. Concone.*

Tem dedicatoria a Mr. Jules Lefort. A lettra é em francez e allemão. Vê-se na folha do rosto uma lithographia allusiva ao poeta e seu escravo. Existia um exemplar na bibliotheca de El-Rei D. Fernando.

*
* *

827-5.ª *Homenagem a Camões.* Marcha por Guilherme Cossoul, executada na inauguração da estatua do grande épico. Lisboa, em casa de A. Neuparth.

Por occasião das festas do tricentenario, esta marcha appareceu publicada para banda militar por C. A. Campos, em o n.º 3 do periodico de musica *Marcial.*

*
* *

828-6.ª *O genio de Camões. Romança. Poesia de José Romano. Musica de F. A. N Santos Pinto. Lisboa,* etc.—É o n.º 6 do anno I de *Os doze mezes do anno,* jornal para canto com a poesia em portuguez e acompanhamento de piano.

*
* *

829-7.ª *Luiz de Camões. Poesia de L. A. Palmeirim. Musica de A. M. Frondoni. Sassetti & C.ª*—É o n.º 2 da collecção de *Romances em portuguez*, com acompanhamento de piano. A poesia é a que anda no volume, já citado a pag. 312, sob o n.º 442-107.ª

*
* *

830-8.ª *L'esclave du Camoëns. Opéra comique en un acte. Paroles de mr. de St. Georges. Musique de F. de Flotow. Paris.*—N.º 5 d'esta opera, comprehendendo o *duettino* cantado por M.elle Darcier e Mr. Mocher, para piano e canto.

*
* *

831-9.ª *Camoëns. Drama lirico en un acto. Letre de D. Marcos Zapata. Musica del maestro Miguel Marqués. Reduccion para canto y piano por M. Nieto. Madrid.*—Comprehende: N.º 1, Escena de tenor cómico y coro; n.º 2, Romanza de baritono; n.º 3, Cancion de tiple; n.º 4, Final.

*
* *

832-10.ª *Souvenir de Camões. Suite de valses pour le piano par M. Marti. Dédiées à la digne commission du monument par les éditeurs Lence & V.ª Canongia. Lisbonne.*—Tem no rosto a gravura do monumento erigido a Camões em 1867.

*
* *

833-11.ª *Homenagem a Camões. Marcha triumphal para piano, por Jacopo Carli. Dedicada ao ill.mo sr. Francisco Velloso da Cruz. Porto, lithographia da viuva Neves, Filhos & C.ª* Folio de 5 pag. Com o retrato de Camões.

*
* *

834-12.ª *Anthologia musical, de Angelo Frondoni. Lisboa.* Em casa de Sassetti & C.ª Folio.

A pag. 27 vem o trecho intitulado *Luiz de Camões*, com a poesia de L. A. Palmeirim, que tinha saído antes em separado.

*
* *

835-13.ª *Hymno a Camões, composto por Augusto Cesar Pereira das Neves.* A letra é a primeira e terceira estancias dos *Lusiadas*.

Foi executado por primeira vez pelos alumnos da Escola Moderna na sessão solemne commemorativa da Sociedade Nacional Camoniana, do Porto, no dia 10 de junho de 1887. Creio que ainda não está impresso.

*
* *

836-14.ª *Armas e lettras. Fantasia composta para piano (aos doze annos de idade). Offerecida á ex.ma commissão da imprensa portugueza para os festejos do tricentenario de Camões, por José Vianna da Motta.* Lithographia Matta & C.ª Registada 600 réis. Lisboa, 1880. (Op. 31). Folio pequeno 2 (innumeradas)-13 pag.—Tem frontispicio de phantasia com o busto de Camões.

*
* *

837-15.ª *A Luiz de Camões. Cantata. Letra de F. Bernardo Braga Junior. Musica de Miguel Angelo. Porto, imprensa commercial, 1880.* 4.º pequeno de 8 pag.—Nunca foi impressa.

De outras composições, em numero superior a trinta, principalmente para as festas do tricentenario, darei conta no tomo seguinte.

V

Manuscriptos

838-1.ª *Discurso apologetico a favor do insigne poeta Camões contra o licenciado Manuel Pires de Almeida.*—Manuscripto existente na bibliotheca da academia real das sciencias de Lisboa. Letra do fim do seculo XVIII. 4.º de 24 fl. numeradas pela frente.

Tem no rosto esta declaração: «O auctor d'este discurso é João Franco Barreto, como se vê da sua mesma traducção da *Eneida*, que elle cita a pag. 11 v. e pag. 14.»

No começo tem o titulo seguinte: *Discurso apologetico sobre a visão do Indo e Ganges que o grande Luiz de Camões representou em o canto quarto dos* «Lusiadas» *a ElRei Dom Manuel.*

No fim lê-se: «*Faciebat Conimbricae. Anno 1639.*»

E mais abaixo:

«Este manuscripto foi copiado do original que descobriu na cidade de Evora o secretario do Santo Officio José Lopes de Mira que mo confiou, este anno de 1801, cuja copia eu conferi e achei exacta, não devendo fazer duvida as faltas (que se podem supprir) por se achar o dito manuscripto falto e com muitas letras sumidas da humidade e do tempo. Acabei e fiz esta copia na quinta da Memoria

em Odivellas aos 2 de outubro de 1801. *Frei Vicente Salgado*, ex-geral e chronista da congregação da Terceira Ordem, etc., etc.»

Foi reproduzido no *Annuario da sociedade camoniana*, a pag. 176 e seguintes, como já fiz menção no tomo presente.

*
* *

839-2.ª *Commentario aos Lusiadas de Luiz de Camões, por Diogo do Couto*.— Manuscripto do seculo XVI.

Existia na bibliotheca dos duques de Lafões.

*
* *

840-3.ª *Oitava de Camões:* «Estavas, linda Ignez, posta em socego» *glosada em oitavas por Antonio da Fonseca e Amaral*.—Manuscripto.

Existe na bibliotheca publica de Evora. D'este codice se serviu o sr. Antonio Francisco Barata para uma de suas publicações camonianas, já indicadas no logar competente.

*
* *

841-4.ª *Poesias de Luiz de Camões*. — Manuscriptos da letra dos seculos XV e XVII.

Existem em seis codices diversos da bibliotheca publica de Evora. Veja o *Catalogo* de Rivara, tomo II, pag. 91 e 92.

*
* *

842-5.ª *Canto primeiro da vida do Principe dos Poetas o grande Luiz de Camões*.—Manuscripto em 4.º de 46 pag. Letra do principio do seculo XVII. Não tem nome, que só foi posto no segundo codice, em seguida mencionado.

Comprehende noventa oitavas, cujo argumento é:

«Espoemsse amateria: fallasse com o Heroe q̃ se celebra Emplasasse Caliope; mostrasse Camoens vatissimado fasse consilio no Pindo, p.ª sahir a Lus: deserevesse a determinação, &c.»

A primeira oitava é assim:

Quem com Lira subtil echo suave
as numerosas tagides implora
quer só de vm grande Heróe altivo e grave
as acçoens selebrar com vós canora
com epico furor, metrica chave
pretende o pletro meu mostrar agora
q̃ a impulços de hum divo enthusiasmo
foy nas armas terror, nas letras pasmo.

*
* *

843-6.ª *Canto 2.º Da vida do Principe dos Poetas o grande Luis de Camoens. por Manoel Lopes Franco.* — Manuscripto em 4.º de 50 pag. Letra inteiramente igual á do anterior codice.

Comprehende 102 oitavas, cujo argumento é:

«Sáe o Camoens a Lus; celebrasse o seu nascim.to, procura a vniversidad.e de Coimbra, iluminado das Ciencias sahe p.a Lisboa; repetemse os amores q teve com hũa Dama do Paço, ponderasse a força de Amor origem toda do seu desterro.»

A supposta entrada do poeta na universidade é descripta na oitava 14, d'este modo:

Do selebre Mondego a vista cara
já de Vlissea profugo procura
para lograr a lús nos fins tão clara
quanto nos seus principios toda escura
por ambição das Letras se separa
do Patrio domisilio absença dura
que quem asim não fás, quem senão cança
de douto as proeminencias nunca alcança.

Copiei esta estrophe, preferindo-a a qualquer outra do canto II, por ver que ella accentua Lisboa como patria do poeta.

Ambos os codices existem na bibliotheca da academia real das sciencias, em bom estado. Ultimamente, foram mandados encadernar para sua melhor conservação.

*
* *

844-7.ª *Os Lusiadas de Luis de Camões princepe dos poetas heroicos comentados por o P. D. Marcos de S. Lc.º Conego Regular da Congregação de Sancta Crus de Coimbra.*—Folio de 353 fl. numeradas só pela frente.

Manuscripto. Letra do seculo XVII. O rosto é em letra meio gothica floreada e redonda.

O volume existente na bibliotheca da Ajuda, que parece autographo, contém apenas os commentarios aos tres primeiros cantos, tendo cada um no fim a data em que o auctor o concluiu: I, a 3 de abril de 1631; II, em 4 de fevereiro de 1632, na torre de Paderne, onze horas da noite; III, em 10 de março de 1633, ás dez da noite na torre de Paderne.

Barbosa, na *Bibliotheca Lusitana,* declara que D. Marcos de S. Lourenço tinha cinco cantos completos, e que vivêra sempre no convento de Landim. A primeira parte não póde averiguar-se, visto como não se encontram senão os tres primeiros cantos; emquanto á segunda, o proprio commentador se encarregou de demonstrar que vivendo tres ou quatro, ou muitos annos em S. Salvador de Paderne, não podia ter vivido *sempre* em Landim.

Veja o que escreveu a respeito d'este trabalho do P. D. Marcos o sr. visconde de Juromenha nas *Obras*, tomo I, de pag. 323 a 328.

*
* *

845-8.ª *Lusiadas de Luis de Camões contrafeitas á velhaquesca, festas Bacchanaes. Canto Primeiro.*—Manuscripto. Letra do seculo XVII.

Pertenceu a Thomás Norton, e encontra-se agora com as suas miscellaneas na bibliotheca nacional. Não vae alem da estancia 47 do canto I; lendo, porém, de novo a noticia preliminar escripta por Francisco Soares Toscano, e impressa no folheto portuense *Festas bacchanaes*, «de que existiam muitas copias d'esta parodia, e de diversa leitura», dei-me ao trabalho de confrontar as estancias que tinha presentes com as correspondentes do folheto, já descripto a pag. 396, verso a verso, e convenci-me: primeiro de que a copia manuscripta, de que se trata, devia ter pertencido a algum dos collaboradores d'esta composição; segundo, de que tinha maior valor do que a que servíra para a impressão do folheto portuense; e terceiro, de que a copia de que se serviram na reproducção do mesmo folheto, e antes na *Miscellanea litteraria*, do Porto, foi, na minha opinião, das mais desgraciosas e evidentemente das mais incorrectas, como se prova. Julgo que Norton não chegaria a fazer este exame, pois não deixaria de o mencionar no seu livro de annotações camonianas.

Na pag. XII da noticia de Soares Toscano, datada de 1619, lê-se:

... como se divulgou, cada um a quiz emendar, como entendia, donde vem andarem hoje as copias com tanta diversidade de leituras. Porém eu, esta que aqui vae, a trasladei do proprio original e letra de Bartholomeu Varella...»

Para que possam ver-se as notaveis differenças, ou variantes, que se me depararam na minuciosa confrontação, a que procedi, copio em seguida os versos do manuscripto, em frente dos do impresso:

Impresso	Manuscripto
1	1
Borrachos, borrachões assignalados onde pipas e quartos despejaram:	As armas, e Borrachões assinalados, onde quartos e pipas despejarão
3	3
As grandes bebedices que fizerão;	as grandes aventuras q. fiserão
4	4
Para beber á perda co'esta gente,	com que louve o beber da minha gente
5	5
Dae-me uma vasilha mui cheirosa O peito esforça, a côr ao gesto muda; Que se espalhe, e se cante no universo,	Daime hũa vasilha muy fermosa q̃ o peito esforça, a cor e gesto muda: q̃ se espalhe este canto no universo
6	6
Podeis atravessar com confiança Pois Baccho a nós vos deo por cousa grande,	q atravessáes podeis com confiança pois Baccho a vós nos deu por cousa gr.de
7	7
Ou pelo rio abaixo até Almada. Vede-o nas toalhas, que presente Nas quaes vivas lembranças vos deixou O que de vinho mais se carregou.	nem pelo rio abayxo athe almada senão vedeo nas toalhas, que presente das quaes vivas lembranças nos deixou, o q̃ de vinhos mais se carregou.

8
E nem por isso sente vituperio

9
Offertar-vos a Baccho no seu templo:
Ponde no borrachão, vereis exemplo
Por bebados louvados espantosos.

10
No estio, primavera, outono, inverno:

11
Bebedices dos vossos são tamanhas
Que excedem ao primeiro vinhateiro

12
Que fez a Peramanca tal serviço,

13
E se a troco de Nun'alvres e Barbança
Vêde primeiro a Pedro, cuja lança
Aquelle Diogo, invicto cavalleiro,
Que no quarto não he quarto, mas primeiro.

14
De Lyeo a bandeira vencedora:
Um Daniel fortissimo e os temidos
Da Chamusca e Louredo o vinho forte,
E outros a quem Thetis causa a morte.

15
Essa mão alargue ao vinho vosso
Os que em vê-la somente tem espanto,
Que em pagodes, merendas e jantares
Empinar querem só de Baccho os mares.

16
Frio que usar de vós lhe não é dado;
Que pois em dar seus bens sois brando e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

18
Mas emquanto com novo não me alento,
Ide largando delle, com intento
Que seus poucos reales vossos sejão.
Assi recolhereis a nosso argento,

19
As formosas borrachas apertando
Outras d'outro licor melhor tomando.
De branca escuma os copos se mostravão
Cubertos ao beber não lhe assoprando;.
Dellas vistas não forão nem provadas.

20
Que em copo, frasco, taça é eminente,
De dar favor a toda aquella gente
Pisando esse caminho tão famoso
Por um já n'outro tempo bom tocante,

8
e nem por isso sentem vituperio

9
ofreceruos a Bacho no seu templo:
ponde no borrachão, vereis o exemplo
e bebados louvados espantosos.

10
no estio, primavera e no inverno:

11
as verdad^{ras} vossas são tamanhas

(Outra variante no mesmo manuscripto)

bebedices dos vossos ahi tamanhas
e athe ao primeiro vinhateiro.

12
q a peramanca fez hũ gram seruiço

13
E se a troco de Nuno alueres barbança
vede o primeiro pedro, cuja lança
e aquelle Diogo invicto caualeiro
q em quarto não he quarto, mas prim.^{ro}

14
e do lirio a bandeira vencedora:
hum Daniel fortissimo, e os timidos
a Lajem o Louredo vinho forte,
e os outros, a quem Thetis causa morte.

15
Largaivos essa mão ao vinho vosso,
os q̃ somente em vella tem espanto,
em pagodes, merendas, e jantares
nem querem navegar do Oriente os mares.

16
frio q̃ usar de vós nunca lhe he dado,
porq̃ pois em seus bens sois brando, e tenro,
desejo de comprarvos p.^{a} genro.

18
Mas emq.^{to} com o novo não me alento
idelhe guardando delle com intento
q̃ os meus poucos reales vossos sejão:
aqui recolhereis o uosso argento,

19
as fermosas borrachas despejando
e das de outra licor milhor tomando:
da branca escuma os copos se mostravão
cubertos e ao beber lhe não soprando
delles não forão vistas nem prouadas.

20
q̃ em taça, e frasco asás he eminente
de dar fauor a toda a nossa gente:
pisando esse caminho gracioso
por hũ já noutro tempo bom cantante.

21

Que para beber nelles lhe foi dado,
No bairro de Reimonde celebrado,
Os da Porta de Avis, e outros onde

22

'Stava Francisco alli sublime e dino
Que em vinho convertera um tigre hircano;
Dos ramos tinha c'roa rutilante

23

Sem ordem nem rasão se assentavão.

24

Flamengos, Allemães, Italianos.

25

Sogigar Caparica e ter bebido
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Povos se lhe mostrou brando e sereno;
Para que é mais cansar? Cousa é notoria
D'Ourém e Figueiró levárao gloria.

26

Deixo bebados toda a fama antiga
Que lá dentro em Lisboa uns alcançarão,
No nosso officio tanto se afanarão.
C'um soldado Hollandez, c'um Biscainho,
Quando a carga do frasco era vinho.

27

Onde o copo cumprido tem por breve,
Inclinão seu proposito e porfia

28

Os Rhim, ou de Alcacbe tem em nada.
Mostrada Peramanca que deseja.

29

E porque, como ouvistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Que sejam determino agasalhados
Entre as quintas aqui de seus amigos,
E enchendo cada qual a sua bota
Comecem a seguir sua derrota.

30

Se cá viesse beber aquella gente

31

A bebados ouvira que viria
Pela charneca, a qual esgotaria

32

Vê que de Evora teve sogigado
Os bebados e o vinho, e nunca caso
D'agoa do esquecimento, se lhe chegão

33

Por quantas bebedices vira nella
Jantando em Alcochete uma semana.
Que por brazões os copos tem ufana

21

q̃ beber sempre nelles lhes foy dado
do bairro de Raymundo celebrado,
os da p.^{te} de Aviz, e os outros donde,

22

Esta Franc.^{o} alli, sublime e digno
q̃ convertera em vinho hum tigre Hyrcano,
de ramos tem o louro rutilante

23

Sem rezão, e sem ordem se sentavão.

24

flamengos, allemães o italianos.

25

Subjugar Caparica e ter bebido
toda a agoa q̃ lega o Tejo ameno:
q̃ lá beberás mais vinho, q̃ feno
p^{a} q̃ he mais rexas, cousa é notoria
d'ourem, de figueiró leuarem gloria.

26

Deixo (ó bebados) já a fama antiga
q̃ la dentro em Lisboa alcançaraõ,
do nosso off.^{o} tanto se afamarão:
Com hũ soldado frances, hũ Biscainho,
q.^{do} a carga dos frascos era vinho.

27

onde o copo comprido tem por breve,
inclinaõ seu propozito á porfia

28

os de Rino, os de Liois não tem em nada:
mostrada Peramanca, q̃ o deseja.

29

E porq̃ como vistes tem passados
nesta viagem os asperos perigos
bem he q̃ sejaõ agora agazalhados
participando delles como amigos
enchendo cada qual asi, o a Bota
começaraõ a seguir sua longa rota.

30

Se cá viesse beber toda esta gente.

31

A bebados tinha ouvido q̃ viria
pella charneca, q̃ sugeitaria

32

Vê q̃ de euora teve subjugado
os bebados e o vinho, e num acaso
de agoa do esquecim.^{to} se ca chegão

33

por q.^{tas} bebedices via nella
gastando em Alcorhete hũa semana:
E por brazoes o copo tem, e a lana.

34
Estas cousas se movem em uma cea
Assi que um pela infamia que recea,
E outro pelo gasto que pretende,
Porfião, arrebessão, permanecem,

35
Qual o fervente mosto em talha escura,
Quando a tinta lhe lanção esprimida.
Com impeto e braveza desmedida;
A adega brame toda co'a fervura,
Tal andava o tumulto levantado

36
Mas um que a esta gente sustentava,
E d'entre todos elles mais bebia,
Ou porque o amor do vinho o obrigava;
Ou porque o seu beber o merecia,
Tremelicando alli se levantava,
Um borrachão famoso pendurado
Trasia ao tiracolo ao esquerdo lado.

37
Por dar lhe de beber a poz diante,
C'o grande borrachão no solo duro,
Uma gran vez tomou sobre um bocado.

38
Os vinhos obedecem que encerraste,
Se aquelles que em ti buscão refrigerio,
Cujo beber soberbo tanto amaste,
Não queres que padeção vituperio
Pois que esta adega hoje lhe mostraste,
Não ouças mais, pois bebado és direito,

39
Bem fôra que aqui Bacho o sustentasse,

40
E tu pois que padre és da borracheza
Não consintas que bebam por canada;
E porque mostres mais tua grandeza,
Tragão-lhe alguns leitões lá da deveza
De conserva azeitona e retalhada,
Que a sêde se repare e se reforme.

41
O grão Francisco ledo consentio
E uma taça de vinho mui cheiroso
Da rua das adegas se partio
Providos de beber seus instrumentos

42
Em quanto este conselho na famosa
Adega se passou, aquella gente
Pisando a charneca sequiosa
Beber deseja d'Evnra a agua ardente.
E chegando à Amieira lamarosa
Sem gota lhe ficar alli o bebeo.

43
No Thomé dos Pegões que era amigo
Onde os abraça o seu compadre antigo;
E em signal que da vinda se alegrava;

34
Estas cousas se movem nesta ceya.
Assi hum pella infamia q̃ recea
e outro pello gosto q̃ pretende
porlião areuesão e permanecem

35
Qual do fervente mosto em talha escura
quando a tinta lhe lanção q̃ exprimida,
Com furor, e braueza desmedida:
A adega toda brame com a feruura,
tal anda este tumulto levantado

36
Porem hum, q̃ esta gente sustentava
(e q̃ entre todos estes mais bebia)
ou porq̃ o amor do outro o obrigaua
ou porq̃ seu beber lho merecia:
tremeleando assi se levantava
hum borrachão fermoso pendurado
trazia em tiracolo ao esquerdo lado.

37
por darlhe de beber se pôs diante
Com o gr.de Borrachão no solio puro,
huma grande voz tomou sobre bũ bocado

38
os vinhos obedecem q̃ mostraste
se destes q̃ em ti buscão refrigerio
o soberbo beber tanto estimaste:
não queiras q̃ padeção vituperio,
pois dentro nesta adega hoje entraste
nem ouças mais, pois bebado és direito

39
bem fora que aqui Bacho sustentasse

40
E pois em beber mostra tal destreza
não consentais q̃ bebão por canada,
mas p.a q̃ mais mostres tua grandeza
tres gallinhas, e leitões lá da defeza
de conserva azeitona bem talhada,
com q̃ a sede repare e a reforme.

41
a qm Francisco ledo consentio
o nectar de hum bom vinho muy cheiroso
das alegres adegas se partio
porvidos de beber seis instrumentos

42
Emqto este concelho na fermosa
adega se passou, a outra gente
a charneca coitando sequiosa
deseja, beber de Euora a aguardente:
chegando á moreira, e a merosa
sem gota lhe ficar alli bebeo.

43
no Fontes dos pegões, porq̃ era amigo:
onde os abraça seu compadre antigo
em sinal, q̃ com a vinda se alegraua

44	44
Que a terra não dá vinho ao quo parece Mas impedio-lh'o o vinho que chegava.	q̃ a terra não dá vinho (ao q̃ parece) mas empedio o vinho q̃ chegaua.
45	45
Uma recova d'asnos de Castella, De que lugares estes o trarião?	hũa chusma d'asnos de Castella de q̃ lugares estes o trazião
46	46
Senta-se á mesa logo em continente,	Sentamse'ás mezas logo em continente
47	47
Outros de uns peixinhos bem salgados. E os que de manjares vem despidos, E sobre isto uns aos outros vão brindando,	e outros de huns pexinhos estremados: e os q̃ d'outros manjares vem prouidos e sobre isto huns e outros vão briudando,

*
* *

846-9.ª *Primeiro canto dos Lusiadas do insigne poeta Luïs de Camões, traduzido a bebedice.* — Manuscripto. Letra do seculo XVII.

Pertenceu á collecção de Norton, e acha-se encorporado na bibliotheca nacional. Esta copia, quasi similhante á que serviu na reproducção do folheto portuense *Festas bacchanaes,* está completa e em bom estado. Tem igualmente algumas variantes, porém sendo de menor valor affirmam-me ainda assim no que escrevi acima. Vejamos, por exemplo, as estancias

Impresso	Manuscripto
50	50
De Castella os marranos lhe tornavão Disse um d'elles: De junto Benavente	De Castella os borrachos lhe tornauão disse hum delles de iunto a Benavente
106	106
Aqui já vem tomar livre d'engano A quem deixou por vinho o seu terreno.	Aqui ia sem temor liure de enganos a quem por uinho deixoa o seu terreno

*
* *

847-10.ª *Imitação ou arremedo do primeiro canto da Lusiada de luis de Camões feito á borrachesca: vão as outavas originarias e as imitações para que se vejam melhor a energia da composição.* — Manuscripto.

Codice existente na bibliotheca publica de Evora. Veja o respectivo catalogo tomo II. Comprehende apenas 64 estancias.

Começa:

Borrachas *(sic)*
As armas e borrachões assignalados

E acaba:

Buscam Peramanca amada vossa.

*
* *

848-11.ª *Primeiro canto de Luiz de Camões contrafeito em bebedice.* — Manuscripto.

Codice existente na bibliotheca publica de Evora. Veja o respectivo catalogo, tomo II. É completa esta parodia.

Começa:

As armas borrachões assignalados

Acaba:

A quem deixou por vinho o Tejo ameno.

Segundo me informa o sr. Antonio Francisco Barata, nem um nem outro codice tem expresso o nome do auctor. O nome de Manuel Luiz Freire, que se lê no catalogo mencionado, não passa de mera conjectura do auctor.

*
* *

849-12.ª *Canto Pr.º de Luis de Camões tradosido ao de vinho.* — Manuscripto de letra do começo do seculo XVII.

É uma copia que o sr. Gabriel Pereira me trouxe de Evora para eu ver e confrontar com outras que já tinha examinado. Está encadernada em pergaminho e comprehende, alem da parodia completa do primeiro canto, uma serie de romances ou canções da epocha, e de varios poetas, uns originaes, outros traduzidos ou imitados.

Na primeira folha tem, de letra igual á da copia, o seguinte: «*A Dom Francisco de Portugal: feyto na Era de 1601 Annos. Coimbra*». E de letra moderna: «*Canto 1.º de Luis de Camões vertido por um estudante d'Evora, outros dizem que pelo D.or Manuel do Valle, Depu.do do S.to Officio*».

N'esta copia encontrei tambem muitas variantes, comparando-a com a parodia impressa e com outros manuscriptos. Por exemplo:

Estancia 24, terceiro verso:

Se do grande beber da nossa gente

Estancia 26, terceiro verso:

quando com mil tudescos n'uma briga

Estancia 32, primeiro e segundo versos:

Ve q. de Euora tinha subjugado
os bebados e vinho e n'um acaso

Estancia 33, primeiro verso:

Sustentava contra elle o Cotigella.

Estancia 86, primeiro, quarto e quinto versos:

> O Marques que em o vêr logo desmaia
> partesana, estoque e d'alabarda
> E em lhe dando recado logo saia

Estancia 106, ultimo verso:

> A quem por vº deixou o Tejo ameno

Este codice tem na ultima folha: «*Finis Coimbra*».

*
* *

850-13.ª *Parodia ao primeiro canto dos Lusiadas, etc.*

O sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro possue uma copia na sua opulenta collecção camoniana, letra do seculo XVII. Tem variantes.

*
* *

851-14.ª *Parodia, etc.*— O illustre visconde de Juromenha possuia tambem, encadernada com outros manuscriptos, uma copia, letra do seculo XVII.

*
* *

852-15.ª *Lvsiadas de Lvis de Camões. Com notas de Manoel de Faria & Sousa. Cavaleiro da Ordem de Nosso Señor Iesu Christo & Cavaleiro da Casa Real, &t. Segundo borrador. Anno 1621.* Fol.

O rosto é mettido n'uma tarja de phantasia desenhada á penna, trabalho em que Faria e Sousa desejava apresentar o seu conhecimento nas artes graphicas. Tem dedicatoria a Filippe IV com data de 5 dezembro de 1622.

Na folha do rosto vê-se um côrte para tirar qualquer nome ou indicação, substituido por um pedaço de papel almasso igual áquelle em que foi desenhado o rosto.

Parece que este manuscripto pertencêra á bibliotheca do antigo convento da Graça, de Lisboa; e, pela extincção das ordens religiosas, passaria a mãos de novo possuidor e d'este para as do benemerito visconde de Juromenha, pois se sabe que elle o possuia desde muitos annos, embora não o declarasse no tomo I das *Obras*, pag. 331, quando se refere a elle; e sabe-se tambem que recommendára á familia que por fórma alguma desejava que lhe extraviassem tão precioso autographo. Conservava-o fechado n'uma das gavetas de um contador antigo, e poucas pessoas o viram.

É o primeiro commentario aos *Lusiadas*, ao que póde conjecturar-se, da propria letra do commentador Faria e Sousa, que elle fez em portuguez, e que muitos annos depois alterou e ampliou, traduzindo-o para a lingua castelhana.

Este retrato de Luis de Camoẽs es hecho de mano de Manuel de Faria.

A confrontação d'este precioso autographo com os commentarios impressos deve ser trabalho mui interessante. Não o faria agora, porque isso demandaria muita paciencia e grande dispendio de tempo, e porque para o fazer era necessario colligir as variadas copias em que parecia distrahir-se o celebre commentador. Algumas d'essas copias é quasi impossivel saber-se se existem ainda occultas em algum archivo publico ou particular, em Portugal ou em Hespanha, ou se se perderam de todo.

Este manuscripto appareceu para o leilão depois da morte do possuidor; e foi arrematado pelo sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro por 812$250 réis.

*
* *

853-16.ª *Advertencias a alguns erros de Luiz de Camões em os Lusiadas. Por D. Francisco Rolim de Moura.*— Manuscripto. Letra do seculo XVII.

Pertencêra á bibliotheca dos duques de Loulé, mas extraviou-se, segundo a nota do visconde de Juromenha nas *Obras,* tomo I, pag. 317.

*
* *

854-17.ª *Commentarios de F. e Sousa aos Lusiadas. Lusiada tomo* I.—*Es mi original que se imprimio en Madrid i el 2.º i el 3.º i el 4.º Año 1638.*—Tem rosto de phantasia feito á penna pelo auctor dos commentarios, e o retrato de Camões com a declaração, tambem autographa, conforme a reproducção que dou em frente. Para o rosto, por ter manchas do tempo e não estar já com as linhas bem claras, não me foi possivel empregar o mesmo processo, e por isso deixei de o reproduzir.

Este original, como se vê, é o que serviu para a impressão. Estava depositado na bibliotheca dos congregados de S. Filippe Nery, no antigo convento das Necessidades, e d'ahi passou com os outros livros d'aquelle convento, extincto, para a real bibliotheca da Ajuda, onde o examinei.

Veja a este respeito e do retrato o artigo, que o sr. Rodrigo V. de Almeida, zeloso official da mesma bibliotheca, escreveu para o supplemento ao n.º 59 da revista illustrada *Occidente,* 3.º anno.

*
* *

855-18.ª *Illyadas ou apotheosis a Luiz de Camões. Por Antonio José Neves Garcia. Rio de Janeiro.*—Manuscripto em poder do auctor.

Veja o *Catalogo* da exposição camoniana realisada no Rio de Janeiro em 1880, pag. 71.

*
* *

856-19.ª *Censuras do commento de Manuel de Faria e Sousa Os Lusiadas de Camões.*

É a collecção dos documentos originaes que serviram para este processo; acompanhada da propria informação autographa, ou allegação, que Manuel de

Faria e Sousa escreveu em sua defensa, sob a data de Madrid a 20 de julho de 1640 e a assignatura do auctor.

É inteiramente da letra de Manuel de Faria, mas copia com os primores calligraphicos de que elle parecia usar com certa vaidade, para se ver que sabia desenhar e escrever com correcção de traços, assim como sabia redigir com espantosa facilidade, e que para esses lavores tinha vagar e paciencia. As proprias assignaturas, ora as fazia com simplicidade, a correr, com letra intelligivel; ora com as letras capitaes ornamentadas.

Confrontando esta «informação» com a que foi impressa, e anda appensa a muitos exemplares dos «Commentarios», notam-se algumas variantes nas «luzes» ou capitulos em que ella se divide; e que no fim não tem a data posta no autographo. Advirta-se, porém, que, como Manuel de Faria e Sousa se comprazia em tirar, do seu punho, copias dos trabalhos que ia completando, tambem não deixava passar lauda manuscripta, ou folha impressa, em que não pozesse emendas, entrelinhas ou additamentos, em tiras de papel. Acredito por isso que não será facil encontrar redacção perfeitamente igual nos papeis, autographos ou impressos, do notabilissimo commentador de Camões.

Esta collecção pertence ao illustre camonianista sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro. Tanto estes documentos, como o seguinte, haviam pertencido a um individuo de appellido Serra, sobrinho de João Baptista Correia Leitão, licenciado e familiar do santo officio.

*
* *

857-20.ª *Carta censura ácerca das Rimas, commentadas por Manuel de Faria e Sousa. Terceira parte.* — Folio de tres laudas. Autographo, e sem titulo. Tem a data de 19 de julho de 1678, e a assignatura por abreviaturas de fr. Manuel de Santo Athanasio.

Verificou-se que as correcções e alterações, no sentido religioso e moral, indicadas n'este precioso documento, inedito até hoje, foram feitas no correr da impressão das *Rimas*.

Pertence ao sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro. Relativamente á compra d'elle veja-se a nota acima.

*
* *

858-21.ª *Varias rimas de Lvis de Camões. Comentadas por Manuel de Faria e Sousa. Cavall.ro de la Orden de Christo, i de la Casa R.l Segundo borrador. Madrid,* M.DC.XLIIII. Fol.

Tem collada no rosto uma esphera armillar, cortada de alguma obra impressa. Tambem pertenceu á bibliotheca do extincto convento da Graça de Lisboa.

Este manuscripto, igualmente autographo, não foi o que serviu para a impressão, não obstante, por sua disposição igual á do manuscripto existente na real bibliotheca da Ajuda (entrelinhas, chamadas e tiras de papel colladas com emendas), se nos represente que devia ter esse destino. Veja-se o que a este respeito disse o nobre visconde de Juromenha no tomo I, pag. 335.

Foi apresentado, como o anterior manuscripto, para o leilão dos livros do mesmo visconde annunciado em novembro e realisado em dezembro d'este anno 1887. Foi arrematado por 225$000 reis pelo sr. Bernardino Ribeiro.

*
* *

859-22.ª *Despachos* para a censura da quinta parte das *Rimas* de Manuel de Faria e Sousa, datados de Lisboa a 28 de maio de 1677, 13 de maio de 1678 e 3 de março de 1679, assignados por Manuel de Magalhães de Menezes, Manuel de Moura Manuel, Frei Valerio de S. Raimundo, Manuel Pimentel de Sousa, e endereçados aos qualificadores do santo officio, doutor frei Jorge de Carvalho, padre mestre frei Agostinho de Santo Thomás, e padre mestre frei Duarte da Conceição. — *Censuras* dos qualificadores em virtude dos despachos, ou ordens, acima notados.

A primeira censura de frei Jorge de Carvalho, benedictino, é datada de 25 de julho de 1677; a segunda, de frei Agostinho de Santo Thomás, dominicano, é datada de 14 de julho de 1678; e a terceira, de frei Duarte da Conceição, franciscano de Xabregas, é datada de 24 de abril de 1679.

Nada mais simples que o parecer do doutor frei Jorge de Carvalho, e por ser breve transcrevo-o em seguida:

«Li estas rimas varias, de Mel de faria e Sousa, q̃ saõ mto excelentes, principalmente pa o tempo em q̃ as compos, usando com todo o primor, a arte da poesia, e em todo o Liuro, não ha cousa contra a fee, ou bons custumes, e se lhe pode dar a licença q̃ pede; S. Bto 25 de Julho 677.—*O D.or fr. Jorge de Caruaiho.*»

O padre mestre frei Agostinho de Santo Thomás não se contentou com uma censura breve, laconica e de applauso, como o seu collega qualificador frei Jorge de Carvalho. Não só se estendeu por muitas folhas de papel, mas não poupou a Faria e Sousa nenhum dos logares dos commentarios que se lhe representaram offensivos da religião e da moral. É interessantissimo este documento.

Com esta censura obrigou o impressor a alterar e adulterar passagens, a que porventura o commentador teria amor por julgar que não destoariam da idéa do poeta e dariam relevo ao seu pensamento.

Assim, logo no principio da censura ácerca da egloga I. estancia 39, declara que é seu parecer que se devem riscar no original de Faria e Sousa tres folhas, para que nem a este, nem ao poeta, se attribua que elles podiam vaticinar, o que não lhes era permittido segundo a lei canonica e os melhores auctores theologos, que cita; depois manda alterar na egloga II a estancia 35, e riscar mais nove linhas; na egloga III a estancia 18; na egloga V as estancias 37 e 38; e na egloga VII as estancias 1, 23, 38, 39, 40, 50 e 51.

Para se avaliar a linguagem d'este censor, veja-se o trecho seguinte, textualmente copiado:

«Na egloga segunda, estancia 35. q̃ começa por este terceto: Ia mais pude com o fado ter cautela — Nem ouue em mi contentamento — que não fosse trocado em dura estrella.» Refere o comentador q̃ este terceto estaua em a impressão 1.ª deste modo: Não se pode com o fado ter cautela — nem pode auer nenhum contentamento — q̃ não seja trocado em dura estrella. e sobre isto acrescenta q̃ na mesma primeira impressão se condemnou, ou emendou este segundo modo de dizer em o prim.º e assim deuia ser porq̃ em as impressões q̃ agora ha, esta o terceto com o prim.º modo de dizer; porem a uolta disto empenhase o comenta-

dor. q̃ o mesmo era hum dizer q̃ outro. ou sendo a proposição uniuersal, ou particular. em nome do poeta, com as circunstancias de falar sem siso. e como desesperado; ao modo de falar em uniuersal por modo de sentença: e bastaua conhecer o comentador, q̃ esta emenda ou mudança era iulgada, e mandada executar pello S.^to^ off.° nas impressões q̃ ha, p.^a^ não ter q̃ arguir. e impugnar, antes obedecer, e acomodar-se m.^te^ com ella: e assim sou de parecer q̃ fique este terceto pello prim.° modo referido, q̃ fala em particular, pois assim anda commum.^te^ nas impressões; e q̃ se risque a narratiua do comentador, e o querer arguir esta mudança, e emenda, e equiparar q̃ o mesmo era falar em uniuersal, q̃ em particular. e deue riscarse das palauras q̃ começão: este terceto. até as q̃ acabão: «ueyasse lo q̃ dixe allà. Mas.»

O padre mestre frei Duarte da Conceição, na sua censura, tambem não é pobre de argumentos. Posto que menos extenso, nos pontos essenciaes, segundo o seu modo de ver, parece que se combinou com frei Agostinho, e lhe seguiu o rumo. A sua censura, pois, recáe na egloga I, estancias 38 e 39; egloga II, estancia 38; egloga III, estancia 18; egloga V, estancia 37; egloga VII, estancias 1, 23, 37, 38, 39, 50 e 51.

Para se ver a harmonia dos dois censores, na aspera censura a Faria e Sousa, leia-se o que elles escreveram a proposito da egloga VII, estancia 50. Poz frei Agostinho no seu parecer o seguinte:

«Em esta mesma egloga 7.ª, estancia 50, sobre o uerso quinto: o *caso de Acteon* sou de parecer q̃ se risquem as palauras do comentador, da q̃ começa: estauase Diana desnuda, até: y estos comem de sus galgas: assim porq̃ nestas palauras descreue a Diana com desenfado, lauandose, e discomposta, como se deixa uêr. o q̃ he Contra bonos mores: como tambem porq̃ referindo q̃ Diana conuerteo a Acteon em Veado, pella uer descomposta, dis assi: y ella con um asperges, de q̃ fueron hyssopos sus manos. le conuertio en uenado... Ultimamente porq̃ no fim deste comento dis palauras iniuriosas contra molheres... He falar este, de m.^ta^ liberdade e em materia graue, e escandalosa, com palauras indefinidas, q̃ equivalem a uniuersaes...»

Agora as palavras de frei Duarte da Conceição:

«Em a estancia 50, da mesma egloga 7, tras o Comentador a fabula de Diana, com Acteon: coisa pouco honesta... Sou de parecer se lhe tire a fabula, e o q̃ sobre ela diz, q̃ consta de pouco mais de 12 regras principião: *Estauase Diana desnuda:* e acabão *estos comem de sus galgas.* Em esta mesma estancia, ou seo comento, dis o comentador, q̃ entre esta estancia, e a q̃ se segue, lhe forão tiradas duas estancias, e ello mesmo mostra conhecer a causa. q̃ era por se descreuerem alguãs discomposições q̃ Acteon uio em Diana; e se queixa disso, e dos impertinentes escrupulos. como dando cargos contra os qualificadores, q̃ lhe não deixão passar coisas tão deshonestas, e contra bonos mores.»

Possuo desde annos uma copia conferida d'estes interessantes documentos, extrahida do manuscripto, que existira em um dos antigos conventos de Lisboa.

*
* *

860-23.ª *Versos de varios poetas portuguezes, principalmente rimas de Luiz de Camões, e alguns de Bernardes, Sá de Miranda e outros.*—Manuscripto do seculo XVII.

Existia na bibliotheca do nobre visconde de Juromenha, e d'elle se serviu a sr.ª D. Carolina Michaellis de Vasconcellos para a sua edição critica de Sá de Miranda.

*
* *

861-24.ª *Carta que escreveu o Juiz de Fora de Alcobaça a F. assistente na villa de Alcobaça.* — Manuscripto datado de 1 de outubro de 1754.

N'esta carta, o auctor analysa a critica de certo frade a algumas poesias de um poeta portuense, e especialmente um soneto de José de Oliveira Trovão e Sousa (citado no *Diccionario bibliographico)*, feito por occasião da morte da rainha D. Marianna de Austria. Justifica estas poesias com as auctoridades de Virgilio e Horacio. e entre os portuguezes, Camões, a quem chama *o maior dos poetas portuguezes,* transcrevendo sonetos e oitavas.

Esta nota foi-me obsequiosamente communicada pelo erudito lente da escola medico-cirurgica do Porto, e bibliophilo, o sr. Pedro Augusto Dias, que possue o manuscripto.

*
* *

862-25.ª *Memoria sobre a origem das academias, e ácerca de um commentario das poesias de Camões, por Joaquim José da Costa e Sá.* — Manuscripto. 1781.

Foi lida esta memoria na academia das sciencias de Lisboa, mas depois extraviou-se o original.

*
* *

863-26.ª *Memorias do grande Luiz de Camões.*—Estão comprehendidas n'um volume manuscripto do começo do seculo XVIII, existente na bibliotheca nacional de Lisboa, encadernado sob o titulo de *Historia de Lisboa* e com o numero de ordem A-4-11.

Contém interessantes noticias ácerca de igrejas e conventos da capital. e no livro IV, que se intitula *Noticias dos mosteiros das religiosas da cidade de Lisboa,* o § III (fl. 413 a 417) é dedicado ao egregio poeta, porém nada adianta. É uma biographia copiada de outras impressas e conhecidas.

*
* *

864-27.ª *Pomerzuugen zu der Lusiade des Camoes.*—Manuscripto enviado ao fallecido visconde de Juromenha. Continha apenas algumas notas aos *Lusiadas.* Não o vi nunca.

*
* *

865-28.ª *Resposta á obra do sr. Latino Coelho* «Camões», *no tomo* I *da* «Galeria dos varões illustres» *do editor David Corazzi.* — Manuscripto.

Inedito do visconde de Juromenha. Ficou incompleto. Examinei-o entre os papeis particulares do benemerito camonianista. Não só não encontrei o final d'esta *Resposta*, mas na parte copiada a limpo pelo auctor havia a falta de um ou dois capitulos. O plano da refutação era seguir capitulo por capitulo a obra do sr. Latino Coelho.

*
* *

866-29.ª *O leão e o burro. Resposta á obra* «Camões e os Lusiadas» *do sr. Evaristo Leoni.* — Manuscripto.

Inedito do nobre visconde de Juromenha. Tanto a respeito d'este manuscripto, como do antecedente, veja-se igualmente o que referi no *Diccionario,* tomo x, pag. 157, n.os 5414 e 5416.

*
* *

867-30.ª *Glosa da estrophe* «Estavas, linda Ignez, posta em socego» *por Antonio da Fonseca e Amaral.* — Codice existente na bibliotheca de Evora. Letra do seculo XVIII.

Está reproduzido n'um folheto do sr. A. F. Barata. Veja no tomo presente a pag. 334, n.º 527-192.ª, e na pag. 336, n.º 538-203.ª, a menção de outro codice da mesma bibliotheca mandado imprimir pelo sr. Barata.

*
* *

868-31.ª *Agnetis a Castro Episodium ex Lusiada Camonis Translatum. Gigantis Adamastoris Episodium ex Camonis Lusiade translatum.* — Manuscripto assignado pelo traductor dr. Luiz Vicente de Simoni, e datado de 1880.

Pertence ao auctor da versão, no Rio de Janeiro.

*
* *

869-32.ª *Notas* relativas ás edições das obras de Camões. — Manuscripto encontrado na collecção camoniana de Thomás Norton, e da sua letra.

N'este livro ia o collecionador lançando varias lembranças ácerca das obras que examinava ou adquiria para a sua bibliotheca, notando alguns preços, differenças nas edições mais apreciaveis, segundo o seu modo de ver, e outras especies bibliographicas, que todavia por sua deficiencia não puderam servir ao meu intento.

Existe na bibliotheca nacional de Lisboa.

*
* *

870-33.ª *Éloge de Camoens dédié á Sa Magesté Dom Luiz 1er Roi de Portugal*

par M. l'abbé Patrice Chauvierre, missionaire apostolique. Paris, le 3 Décembre 1880. — Folio de 27 folhas escriptas só pela frente.

Existe na bibliotheca particular de sua magestade El-Rei D. Luiz I.

*
* *

871-34.ª *Os Lusiadas de Luiz de Camões, transcriptos por mil e um admiradores do Poeta.* — Manuscripto (1880).

Contém: o retrato do poeta desenhado á penna pelo sr. Henrique Pousão; prefacio escripto expressamente para esta edição pelo sr. visconde de Juromenha; ante-rosto, rosto, rubricas dos cantos e emblema final, desenhados á penna pelo calligrapho Manuel Nunes Godinho.

Cada estancia foi copiada e assignada por uma pessoa convidada para esse fim, começando por sua magestade El-Rei D. Luiz, e os demais membros da familia real portugueza, e seguindo, indistinctamente, os ministros d'estado então effectivos, os ministros d'estado honorarios, os membros dos dois corpos legislativos, e os homens mais salientemente collocados (sem distincção de partidos) na politica, na sciencia, nas letras, no commercio e na industria.

A commissão incumbida d'este trabalho era composta dos srs. J. B. Gomes Machado Falcão, Arthur Nunes Pinto, Adolpho Barroso Pereira Salazar, Feliciano Ferreira, José P. da Silva Mengo, Henrique Pousão e Alfredo Portella Moreira, os quaes se desempenharam do encargo de um modo superior a todo o elogio.

Era destinado este preciosissimo livro á bibliotheca publica do Porto, que o possue luxuosamente encadernado, com a condição, segundo leio no catalogo da exposição camoniana do palacio de crystal, «de nunca mais saír da bibliotheca, sob nenhum pretexto».

D'este exemplar, ao que julgo, nasceu a idéa da edição lithographica, já mencionada e cuja publicação está desde muito interrompida.

*
* *

872-35.ª *A estancia CXL do canto X dos Lusiadas traduzida para lingua brasilica pelo dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira. 1880.* — Manuscripto.

Esta versão conservava-se inedita na mão do traductor, segundo a nota que se me depara no catalogo da exposição camoniana realisada pela bibliotheca nacional do Rio de Janeiro em 10 de junho de 1880.

*
* *

873-36.ª *Index dos Lusiadas de Camões.* Vol. 3.º e 4.º — Manuscripto.

Pertencem ao sr. José do Canto, da ilha de S. Miguel, o qual no seu interessante, e já citado catalogo da camoniana, poz a seguinte nota:

«Todas as palavras, que entram na composição dos Lusiadas foram dispostas em ordem alphabetica, e em seguida de cada uma se transcreveram todos os versos, em que a palavra entra, com referencia ao canto, estancia e verso. A parte incompleta d'este trabalho comprehende desde o pronome —*isto*— até a ultima palavra —*yar*. Talvez seja parte do trabalho attribuido a Joaquim Ignacio de Freitas, com o titulo de *Concordancia de todos os vocabulos dos Lusiadas de Luiz de Camões*. Ms. ... Os 2 volumes, que possuo, pertenceram ao sr. Marreca.»

*
* *

874-37.ª *Concordancia de todos os vocabulos dos Lusiadas de Luiz de Camões, por Joaquim Ign.º de Freitas.*—Manuscripto do seculo XIX. Devia servir para uma nova edição do poema.

Existe na bibliotheca da universidade de Coimbra.

*
* *

875-38.ª *Os Lusiadas. Edição expurgada de erros que nunca foram corrigidos até hoje, etc. Por Francisco Gomes de Amorim* (1887).

Á data de escrever esta nota, o illustre auctor conservava inedito o original, já preparado todavia para a impressão.

O sr. Gomes de Amorim não tinha dado titulo definitivo ao seu trabalho, que resolvêra dividir em quatro partes: I, introducção, em que apresenta varios estudos e analyses; II, o poema, commentado estancia a estancia, pela maneira de Manuel de Faria e Sousa, exceptuando só d'este processo as estancias que não lhe offereceram duvida alguma; III, sob o titulo *Novissima verba* refere-se aos ossos de Camões e á sua trasladação para o templo dos Jeronymos, em Belem, lastimando que se fizesse tal trasladação, que no seu entender foi vergonhosa por muitas rasões, o que se propõe demonstrar com documentos; e IV, appendice, em que ampliará o que tiver escripto e impresso, dando á publicidade observações e factos não conhecidos.

Esta indicação fidedigna faz-me suppor que a nova obra do sr. Gomes de Amorim trará elementos inapreciaveis para o estudo de Camões, das suas obras e da sua epocha.

*
* *

876-39.ª *Catalogo da camoniana da bibliotheca da imprensa nacional de Lisboa.*—Manuscripto.

Contém 171 numeros incluindo já muitas publicações do tricentenario.

*
* *

877-40.ª *Catalogo da camoniana de Carlos Cyrillo da Silva Vieira, director*

da imprensa da academia real das sciencias de Lisboa.— Alem da parte impressa, que comprehende 409 numeros do tricentenario e 52 antes, tem mais 755 numeros do tricentenario e 185 antes, ou 1:402 numeros.

*
* *

878-41.ª *Catalogo da camoniana de João Antonio Marques.* — Manuscripto (Lisboa).

Comprehende mais de 600 numeros, incluindo publicações do tricentenario.

*
* *

879-42.ª *Catalogo da camoniana de Brito Aranha.* — Manuscripto (Lisboa).

Comprehende mais de 1:400 numeros, mas pela maxima parte relativos ás publicações do tricentenario, de que se dará conta no tomo seguinte d'este *Diccionario.*

VI

Bibliographia

Indicação de outras fontes para o estudo das edições, e que me serviram de guia

880-1.ª *Bibliotheca Lusitana, etc. Por Diogo Barbosa Machado.* Lisboa 1731-1759. Folio 4 tomos.

Alem de outras referencias, no tomo III, de pag. 70 a 76, corre um amplo artigo ácerca de Luiz de Camões e das suas obras, e das diversas traducções de que teve noticia, ou conhecimento proprio, o illustre abbade de Sever.

*
* *

881-2.ª *Exame critico das primeiras cinco edições dos Lusiadas. Por Sebastião Francisco de Mendo Trigoso.* 4.º de 45 pag.— Tem no fim: «*Impresso no tomo* VIII, *Parte* I *das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*». 1823.

*
* *

882-3.ª *Bibliotheca Lusitana; or Catalogue of books and tracts, relating to the History, Literature, and Poetry, of Portugal: forming part of the library, etc. By John Adamson. Newcastle on Tyne, Printed by T. and J. Hodgson, Union*

Street. MDCCCXXXVI. 8.º de IV-115 pag. Com gravuras no texto. Entre ellas, os bustos de Camões a pag. 47 e 67, e os medalhões a pag. 53 e 72.

N'este catalogo vem a menção da importante camoniana que formára o afamado e benemerito Adamson, então uma das mais notaveis existentes na Europa.

*
* *

883-4.ª *Relatorio ácerca da bibliotheca nacional de Lisboa, e mais estabelecimentos annexos, etc., por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, etc. Lisboa, typographia Lusitana, 1844-1846.* 8.º 4 tomos.

No tomo IV, pag. 11, o bibliothecario mór indica as edições mais raras dos *Lusiadas,* ou *Rimas* de Camões que então possuia a bibliotheca, em numero de 10.

Presentemente a camoniana d'este estabelecimento, pelo que respeita ás edições anteriores ao centenario, depois da compra dos livros de Norton, é mui notavel pelo grande numero de exemplares para confrontação e estudo.

*
* *

884-5.ª *Manuel du libraire et de l'amateur de libres, etc. etc. Par Brunet Paris, 1860-1878.* 8.º grande.

Veja-se no tomo I as columnas 1515 a 1518; e no *Supplemento,* tomo I. a columna 200, onde vem uma relação das edições das obras de Camões.

*
* *

885-6.ª *Manual bibliographico portuguez de livros raros, classicos e curiosos, coordenado por Ricardo Pinto de Mattos. Porto, 1878.* 8.º grande de XII-582 pag. e mais 1 com correcções.

A bibliographia camoniana vae de pag. 88 a 121.

*
* *

886-7.ª *Obras de Luiz de Camões, precedidas de um ensaio biographico, etc. Pelo visconde de Juromenha. Lisboa, imprensa nacional, 1860-1869.* 8.º grande. 6 vol.

No tomo I, de pag. 209 a 484; e no tomo VI, de pag. 467 a 475, noticia das obras de Camões, das diversas traducções e estudos relativos ao poeta.

*
* *

887-8.ª *A collecção camoniana da bibliotheca nacional (do Rio de Janeiro)*

pelo sr. dr. João de Saldanha da Gama.—Nos annaes da mesma bibliotheca, vol. I, II e III (1876-1877).

Comprehende 251 numeros. Este trabalho muito minucioso, e povoado de excellentes criticas, é dos mais completos que tenho visto relativamente á bibliographia camoniana, tão difficil de fazer-se, e impossivel de dar-se por completa e perfeita.

*
* *

888-9.ª *A catalogue of choice, rare, valuable books, in all languoges, on sale by Trübner & C. 57 & 59 Ludgate Hill. London.* 8.º de 48 pag.

De pag. 1 a 15 comprehende a menção de uma collecção camoniana, antecedida de uma noticia bibliographica.

*
* *

889-10.ª *Catalogo da livraria do fallecido cavalheiro Thomaz Norton, etc. Porto, 1860. Typographia de Sebastião José Pereira.* 8.º de 72 pag.

O leilão d'esta livraria effectuou-se em julho do anno indicado. A camoniana do notavel bibliophilo ahi comprehende 89 numeros, de pag. 69 a 72, e foi pela maior parte comprada para a bibliotheca nacional de Lisboa, onde ficou desde então encorporada.

Este catalogo não se encontra facilmente. Falta a muitos camonianistas.

*
* *

890-11.ª *Catalogo dos livros que foram do fallecido sr. José Gomes Monteiro, etc. Porto, 1880.* 8.º

Tem de pag. 281 a 299 menção da camoniana, que possuia Gomes Monteiro, com 154 numeros.

*
* *

891-12.ª *Catalogo da copiosa bibliotheca do fallecido Innocencio Francisco da Silva, illustre e erudito auctor do diccionario bibliogrophico portuguez. Lisboa, typogrophia universal de Thomás Quintino Antunes, etc. 1877.* 8.º grande de 115-22-23 pag.

Este catalogo é dividido em tres partes, e teve uma tiragem especial, mui limitada, em papel superior. Possuo um d'estes exemplares. Na parte I ficou a relação da camoniana de Innocencio, pag. 16 e 17, contendo 43 numeros.

*
* *

892-13.ª *Portugal e os estrangeiros por M. Bernardes Branco, Lisboa, editor Antonio Maria Pereira.* 8.º grande. 2 tomos. Com retratos.

N'esta obra encontram-se numerosas citações camonianas e a menção de obras que se referem ao egregio poeta e aos *Lusiadas*. É indispensavel para a bibliographia camoniana.

*
* *

893-14.ª *Catalogue of the Spanish Library and of the portuguese books bequeathed by George Tiknor to the Boston Public Library,* etc. *By James Lyman Whitney. Boston. 1879.* 4.º de XVI-476 pag.

Veja nas pag. 55, 56, 428 e 429, bibliographia camoniana.

*
* *

894-15.ª *Bibliographia camoniana por Theophilo Braga. Lisboa. Imprensa de Christovão A. Rodrigues, 145 rua do Norte, 1.º* MDCCCLXXX, 8.º grande de 253 pag. e mais 1 de indice. A capa, o rosto e o começo dos capitulos a duas cores. Impressão mui nitida e luxuosa.

Esta edição constou de 325 exemplares assignados e numerados : n.ºs 1 a 25 em papel de linho Whatman, 26 a 325 em papel velino branco Montgolfier. Assignam os srs. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro (editor) e Theophilo Braga (redactor do catalogo). Possuo, por mercê do sr. Carvalho Monteiro, o n.º 280.

Nenhum exemplar foi posto á venda. Quando apparece algum, tem preço elevado. No leilão dos livros do fallecido Minhava foi arrematado um, em papel de linho, por 12$200 réis, pelo proprio editor o sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.

*
* *

895-16.ª *Centenario de Camões. Catalogo resumido de uma collecção camoniana exposta na bibliotheca publica de Ponta Delgada, por occasião d'esta solemnidade nacional. 10 de junho de 1880. Typographia do Archivo dos Açores, S. Miguel.* 8.º de 2-69 pag. e mais 1 innumerada de indice synoptico.

É o da camoniana do sr. José do Canto, que o dedicou á memoria de Camões.

*
* *

896-17.ª *Catalogo da camoniana da bibliotheca publica municipal do Porto, coordenado por um dos officiaes guarda-salas da mesma bibliotheca. Porto, typographia de Manuel José Ferreira. Rua de Santa Thereza, 26 e 26-B. 1880.* 4.º de 69 pag.

Foi redigido pelo laborioso empregado da mesma bibliotheca, Ricardo Pinto de Mattos, já fallecido. Contém indicações curiosas.

*
* *

897-18.ª MDLXXX-MDLCCCXXX. *Bibliographia camoniana servindo de catalogo official da exposição camoniana do centenario, coordenada pela commissão litteraria das festas. Porto, palacio de crystal, editor. Typographia occidental.* 8.º grande de XXVI-2-168 pag. e mais 1 de rectificação.

A impressão é nitida, em papel de linho. Trabalharam principalmente n'este catalogo os srs. Tito de Noronha e Joaquim de Vasconcellos.

*
* *

898-19.ª *Catalogo da camoniana pertencente ao sr. Fernando Pereira Palha* (Lisboa)

Foi publicado no *Annuario da Sociedade Nacional Camoniana* (1.º anno, 1881), de pag. 143 a 175. Contém 284 numeros, dos quaes 219 antes e 65 depois do tricentenario de Camões.

*
* *

899-20.ª *Bibliographia camoniana. Resenha chronologica das edições das obras de Luiz de Camões e das suas traducções impressas, tanto umas como outras, em separado, por Alfredo do Valle Cabral. Rio de Janeiro, typographia da «Gazeta de Noticias», 1880.* 16.º de 53 pag.

Saiu á luz no dia do tricentenario de Camões. Foi depois reproduzida no Porto, como se verá em o numero seguinte.

*
* *

900-21.ª *Bibliographia Camoniana. Resenha chronologica das edições das obras de Luiz de Camões e das suas traducções impressas, tanto umas como outras em separado, por Alfredo do Valle Cabral. Edição revista por Joaquim de Araujo. Porto, typographia occidental, 56, rua da Fabrica 66,* MDCCCLXXXIV. 8.º grande de VII-35-pag.

No *post-scriptum*, assignado pelo sr. Joaquim de Araujo, declara este esclarecido cavalheiro, poeta e camonianista, que a sua revisão, por circumstancias dolorosas, não pôde passar da primeira folha.

A tiragem d'este opusculo foi apenas de 12 exemplares, incluindo 2 em papel da China para os srs. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro e Joaquim de Araujo. Possuo o n.º 11.

*
* *

901-22.ª *Catalogo da exposição camoniana realisada pela bibliotheca nacional*

do Rio de Janeiro a 10 de junho de 1880, etc. Rio de Janeiro, typographia nacional, 1880. 8.º de 71 pag.— Comprehende 486 numeros, incluindo alguns do tricentenario.

*
* *

902–23.ª *Catalogo da bibliotheca da sociedade Nova Euterpe. Porto, typographia de Arthur José de Sousa & Irmão. 1882.* 8.º grande de 224 pag.

A secção camoniana vae de pag. 195 a 221.

*
* *

903–24.ª *Luiz de Camões, ses œuvres et sa littérature. Catalogue d'une nouvelle collection, etc. Chez W. H. Rühl, lib. Berlim, 1884.* 8.º de 19 pag. (Supp. A).

*
* *

904–25.ª *Catalogo da nova livraria internacional de Lisboa. Obras camonianas, etc. É o fasciculo n.º 2 de fevereiro de 1885.*

*
* *

905–26.ª *Catalogo do repositorio camoniano de Carlos Cyrillo da Silva Vieira. Lisboa, na imprensa da academia real das sciencias, 1882.* 8.º de VIII–56 pag.

Contém 409 numeros do tricentenario, e 52 antes d'essa epocha.

*
* *

906–27.ª *Catalogo dos livros que se revenderão em leilão no Porto no dia 15 de dezembro de 1884. Porto, typographia de Fraga Lamar, 1884.* 8.º de 69 pag.

A menção das obras camonianas vem de pag. 11 a 16 com 80 numeros.

*
* *

907–28.ª *Catalogo dos livros que se revenderão em leilão no Porto no dia 15 de janeiro de 1886, etc. Porto, typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1884.* 8.º de 72 pag.

A secção camoniana corre de pag. 5 a 11.

*
* *

908-29.ª *Catalogo das livrarias do illustre academico Antonio da Silva Tullio e do distincto advogado Augusto Maria de Quintella Emauz, etc. Lisboa, typographia da viuva Sousa Neves, 1884.* 8.º de 101 pag.

Tem uma parte camoniana, que vae de pag. 19 a 22.

*
* *

909-30.ª *Catalogo da bibliotheca do fallecido conselheiro João Felix Alves de Minhava, etc. Lisboa, typographia Universal, 1885,* 8.º de 16 pag.

Este catalogo foi dividido em dois fasciculos, ou partes, n.º 1 e n.º 2. O n.º 1 comprehende a camoniana com 132 numeros e mais 17 duplicados, ao todo 149. Fez-se uma tiragem de 310 exemplares, dos quaes 10 em papel de varias cores.

*
* *

910-31.ª *Catalogue d'une collection camoniane dont la vente aura lieu à Lisbonne le 3 mai 1886 et jours suivants. Lisbonne, A. Ferin, libraire, 1886.* 8.º de x-38 pag.

No prologo tem uma noticia de Camões, pelo sr. Antonio de Serpa. É o artigo escripto para o *Portugal Artistico* e traduzido por Fournier.

*
* *

911-32.ª *Catalogo dos livros que pertenceram ao fallecido visconde de Juromenha. Lisboa, typographia Universal, 1887.* 8.º

A secção camoniana comprehende 167 numeros. Este catalogo tem alguns erros. Em geral, estas publicações não sáem correctas pela rapidez com que são impressas. A tiragem foi de 300 exemplares em papel vulgar, e mais 26 em papel superior, e 6 em papel Whatman.

FIM DO TOMO XIV, E 7.º DO SUPPLEMENTO

NOTA FINAL

Auxiliaram-me na revisão litteraria e bibliographica d'este tomo, os srs:

Augusto Mendes Simões de Castro (bacharel), bibliothecario da bibliotheca da universidade de Coimbra;

Francisco Angelo de Almeida Pereira e Sousa, contador da imprensa nacional de Lisboa e escriptor;

Joaquim da Silva Mello Guimarães, proprietario e escriptor, do Rio de Janeiro;

Jorge Cesar de Figanière (conselheiro), director geral aposentado do ministerio dos negocios estrangeiros e escriptor;

José Augusto da Silva, chefe da revisão da imprensa nacional de Lisboa e escriptor;

José Carlos Lopes (dr.), medico, lente da escola medico-cirurgica do Porto e escriptor;

Tito de Noronha, engenheiro civil e escriptor, do Porto.

Na revisão technica da imprensa nacional de Lisboa, os srs:
Pedro Augusto da Fonseca Freitas;
Francisco de Paula da Annunciação Barreto.

Trabalharam, na mesma imprensa, na parte artistica, os srs.:
Julio Cosmelli, gravador e photographo;
Filippe Fernandes, gravador.

Na impressão das estampas:
Paulo Antonio Cesar.

Na composição typographica, os srs.:
Augusto Cesar Pereira da Cunha, director da officina typographica;

Alfredo dos Santos Tavares, encarregado da composição typographica d'este volume, tendo sob a sua direcção os typographos, srs.:
Antonio José Domingues;
Arthur Cesar de Araujo Pereira;
João Luiz Venancio Serrão;
Pedro Martins Gomes.

Na impressão typographica, os srs.:
João Francisco Saraiva, mestre da escola de impressão;
David Cazimiro Pereira da Rocha e Vasconcellos;
Francisco Clemente Borges Soares;
José Vicente de Sousa;
Manuel Antonio da Silva;
Thomás David Gomes.

Examinei as edições camonianas das bibliothecas nacionaes de Lisboa e Evora, da academia real das sciencias e da imprensa nacional de Lisboa; e das bibliothecas particulares de Sua Magestade El-Rei D. Fernando, e de Sua Magestade El-Rei D. Luiz I.

Emprestaram-me livros ou forneceram-me apontamentos, os srs.:
Antonio Augusto de Carvalho Monteiro (bacharel), proprietario, advogado e bibliophilo;
Antonio Francisco Barata, escriptor, de Evora;
Antonio Maria Pereira, editor;
Gabriel Pereira, escriptor e paleographo em commissão na bibliotheca nacional de Lisboa;
Henrique Zepherino de Albuquerque, editor;
João Antonio Marques, proprietario e bibliophilo;
José Carlos Lopes (dr.), do Porto;
Luiz Carlos Rebello Trindade, conservador da bibliotheca nacional de Lisboa;
Manuel José Ferreira, editor.
Martinho da França Pereira Coutinho (bacharel), de Portalegre, testamenteiro do fallecido benemerito visconde de Juromenha;
Miguel Custodio Borja (capitão tenente da armada), representante dos herdeiros do fallecido conselheiro Minhava.

Ás pessoas mencionadas acima agradeço a leal e valiosa coadjuvação, que me prestaram no decurso de dois annos que consumi na redacção e impressão d'este livro; e tambem acrescento o meu tes-

temunho de gratidão sincerissima aos demais chefes e empregados da bibliotheca nacional e da imprensa nacional de Lisboa, que por qualquer fórma me ajudaram em tão arduo, longo e espinhoso trabalho.

No tomo seguinte continúo o enorme inventario camoniano, principiando pelo registo dos documentos essenciaes para a historia do tricentenario de Camões, com que julgo dever acompanhar o das obras que lhe foram destinadas.

No final de todas as secções darei uma nota das erratas mais importantes, que não seja facil ao leitor corrigir.

Quadro comparativo das mais importantes catalogações camonianas, impressas, com o trabalho do tomo presente

Catalogações	Portuguezas	Latinas	Hespanholas	Francezas	Italianas	Inglezas	Allemãs	Hollandezas	Polacas	Bohemias	Dinamarquezas	Suecas	Russas	Hungaras	Arabes	Polyglotas	Hebraicas	Total	Obras de referencia			Total geral
																			Portuguezas	Estrangeiras	Varia	
Do tomo v do *Diccionario* . .	82	2	5	16	8	10	9	2	1	1	2	2	2	–	–	–	1	143	–	–	–	143
Do catalogo do sr. *Fernando Palha*	107	3	3	10	5	6	5	–	–	–	1	–	–	–	–	1	–	141	30	21	27	219
Do catalogo do sr. *José do Canto*	88	8	6	21	6	17	11	2	1	–	1	2	–	–	–	2	–	165	–	–	53	218
Do catalogo da *Exposição do Porto*[1]	117	13	12	32	12	15	33	2	1	1	2	2	1	1	–	2	1	247	143	191	114	695
Da bibliographia do sr. *Theophilo Braga*[2]	119	8	12	27	10	15	19	1	2	1	2	2	2	1	–	2	1	224	199	184	115	722
Do tomo presente[3]	141	12	10	38	27	55	30	2	2	1	2	3	3	2	1	6	–	335	254	154	168	911

[1] A differença que se dá entre os algarismos das secções *latina* e *allemã*, comparados com os do presente volume, provém de que os auctores do catalogo incluiram ahi edições ou fragmentos, ou duvidosos, ou inteiramente perdidos, que eu não mencionei por desnecessario n'essas secções, ou, quando averiguados, passei para outras secções do meu livro.

[2] A respeito d'esta bibliographia veja-se o que fica em a nota anterior. A comparação com este livro é difficil por causa das divisões adoptadas pelo auctor e por não ter numerado as obras descriptas, como é de uso.

[3] Nos algarismos que representam o meu trabalho é mister observar, para qualquer comparação ou critica, que tenho ahi o *theatro camoniano* com 72 numeros; os *manuscriptos* com 42; as *parodias* com 7; a *musica* com 15; e a *bibliographia* com 32.

INDICE DAS MATERIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

INDICE DAS ESTAMPAS E GRAVURAS

O original do tomo presente começou a colligir-se para a impressão
em janeiro de MDCCCLXXXVI

A impressão terminou em dezembro de MDCCCLXXXVII